3 1761 06860789 4

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/osmysteriosdaegr02taxi

FIM DO DIREITO DIVINO

LÉO TAXIL E KARL MILO

OS MYSTERIOS DA EGREJA

VERSÃO

DE

GOMES LEAL

OBRA ILLUSTRADA COM MUITAS GRAVURAS MAGNIFICAS, E ILLUSTRAÇÕES INTERCALLADAS NO TEXTO

Ide, philosophos! ensinae, illustrae, illuminae; pensae alto, fallae alto, correi alegres para o vivo sol, fraternisae na praça publica, annunciae a boa nova, prodigalisae os alphabetos, proclamae os direitos, cantae a Marselheza, semeae o enthusiasmo, arrancae verdes ramos de carvalho! Fazei da Idéa um furacão.

V. HUGO.

TOMO II

1889
EMPREZA LUZO-BRAZILEIRA
EDITORA

SEP
9
1985

brief
PQD
0064289
v.2

TERCEIRA PARTE

A caça aos judeus

CAPITULO XXV

Aventuras de viagem

ANNIBAL e Spavento, para irem á Allemanha, haviam ao principio seguido o caminho mais direito.

Em todos os locaes onde paravam, informava-se o irmão de Flóra de se por ali havia transitado Tetzel, do qual dava todos os signaes.

E pelas informações que colhia, podia deduzir-se que o frade havia tomado o mesmo caminho que elles.

Durante algum tempo poderam os dous aventureiros seguir com facilidade o seu rasto; mas bem depressa lhe perderam a pista e a jornada dos dous amigos converteu-se n'uma serie de intrincados rodeios e viravoltas. Não havia duvida de que o organisador da venda das indulgencias, descontando os beneficios que esperava obter, fazia frequentes excursões e paragens consagradas ao prazer, malbaratando em mysteriosos e reconditos logares o dinheiro que lhe fôra adeantado para gastos de jornada.

—Assim como assim,—cogitava de certo o frade—o dinheiro que ia receber, com certeza, não poderia ter emprego mais recommendavel. E era de facto esta idêa que lh'esponjava os escrupulos.

Depois de o rebuscarem esterilmente n'um sem numero de tabernas, locandas, bordeis, bodegas, baiúcas, os dous aventureiros perderam completamente a pista de Tetzel, na Suissa, nas cercanias d'um convento de freiras.

Este contratempo pozéra Annibal com um mau humor de seiscentos diabos, e durante todo o dia não abriu bocca. Mal via ou lobrigava ao longe um frade, que em continente se dirigia a elle, para o reconhecer e o submetter a um interrogatorio, cujo mau resultado não fazia senão augmentar o seu furor.

Accrescente-se a isto, para comprehender o *enguiço* que perseguia os dous collegas, que os seus alforges começavam a emmagrecer, e que um bodegueiro desapiedado os deixára passar a noute ao relento, expostos a um nordeste que lufava dos Alpes, e que lhes gelava as orelhas, as mãos e o nariz... e aos rocinantes as pernas. A noute foi borrascosa; e Annibal, que não podia pregar olho, gritava a cada segundo a Spavento:

—Alerta! que lá vem um!

Mas as mais das vezes succedia que o alarma não tinha fundamento algum.

N'uma occasião, todavia, havia de ser talvez meia hora antes de raiar a alva, o irmão de Flóra estremeceu. A distancia cuidára enxergar sobre a ponte da ribeira um vulto que se lhe figurou um frade dominicano, e que cavalgava um animalejo, que parecia ser uma mula menos má.

Não teve necessidade de acordar então Spavento, que por seu lado examinava tambem attentamente um grupo de individuos, que desembocando d'um bosque, situado á esquerda, entravam na chapada, e que segundo todas as probabilidades deviam ser mercadores ricaços.

—Vem ajudar-me a estripar aquelle homem—disse Annibal, apontando para o que trotava na ponte.

—Ajuda-me a alliviar da bagagem aquelles mercadores!—replicou Spavento, designando os que acabavam de saír do bosque.

—Aquelle homem é um safardana!

—Sim, mas aquelles teem muito milho!...

Pela primeira vez, depois do seu original encontro e sociedade, iam os dous amigos engalfinhar-se n'uma disputa.

Spavento deteve Annibal, dizendo-lhe acidamente:

—Tu tens espada, e eu não. Fica-te pois mal provocar-me!... Tens, pelo contrario, dever de me escutar...

E ajuntou em seguida:

—Joguemos ás palhas, e que decida o acaso!...

Annibal tentou insistir ainda.

—Não percamos tempo—disse—a vingança carece de ser satisfeita sem demoras. É uma comida que se deve comer quente.

—Não é essa a opinião do sabio. Mas em todo o caso a minha é que, fria ou quente, é preciso comer alguma cousa de mais substancia do que temos manducado estes dias. Hontem á noute ceei mal, e tenho a certeza de comer hoje melhor o que nos hão-de offerecer aquelles veneraveis mercadores.

—Vae tu então e trata de os piratear... Eu cá vou-me ao frade...

—Isso não é leal.

Annibal curvou a cabeça.

—Alem d'isso—continuou Spavento—preciso que me ajudes a piratear, como tu dizes, esses viajantes...

Dizendo isto, apanhou duas hervas seccas, e disse:

—Se saír a mais larga, ganho eu a partida, e devemos ir cumprimentar aquelles mercadores.

Annibal, sem se oppôr mais, puxou por uma das palhas, tirando a maior.

Os mercadores, moços e velhos, tremiam todos como varas verdes.
Os dous aventureiros depressa os espatifaram.

Cap. XXV.

—Fizeste trapaça!—exclamou elle.

—Não insultes um cavalheiro!—replicou gravemente Spavento.

—Devéras?—disse sonsamente o irmão de Flóra.

—Silencio, rapaz!—disse com imperio Spavento.

Os mercadores abeiravam-se já. Spavento fez signal ao collega para

que se espojasse no chão, e Annibal passou pelo desgosto, obedecendo todavia a Spavento, de convencer-se que Tetzel, pois era elle com effeito, os lobrigára de longe, e mettera a mula a toda a brida, para evitar algum mau encontro.

—Havel-o seguido tanto tempo para isto!...—grunhiu gemedoramente o irmão da amante do Papa.

—Encontral-o-hemos em breve, não te afflijas!—retorquiu Spavento. Se levarmos as algibeiras abarrotadas d'ouro, não será isso que não nos deixe correr!...

Os mercadores que vinham da Saxonia em direcção á feira de Beaucaire, distavam já poucos passos dos meliantes. O rico fato que trajavam parecia dar razão ao alvitre de Spavento.

Os dous aventureiros deixaram passar sem fazer gesto algum a metade do rancho, e depois assaltaram-os bruscamente, gritando:

—Mata!... Mata!...

Os mercadores, tanto moços como amos, pozeram-se a tremer, como canniços verdes.

Os rapinantes deram conta d'elles em breve. Annibal, servindo-se apenas da espada, como ameaça, reduziu-os á obediencia, emquanto Spavento manietava os amos, deixando generosamente dar ás de villa de Diogo a creadagem.

Fazendo tudo isto, com mil salamaleks e contumelias, e ameaçando-os com a espada do seu amigo, intimou-os a que se alliviassem das bellas maquias que levavam, mais das mercadorias, a que os miseros não resistiram por muito tempo, despejando nas mãos dos melcatrefes as suas escarcellas e saquiteis.

Entrementes, Annibal não perdia um segundo, e rebuscava as mulas que conduziam as bagagens, onde encontrou gibões de muito preço, porque os mercadores dedicavam-se a esta especialidade de commercio.

Enfarpelou-se cada um dos bargantes com o gibão que mais lhe apeteceu, alem de varias capas e de varios calções a que tambem chamaram seus, e vestiram-se muito lampeiramente mesmo nas barbas dos pobres negociantes, assarapantados, e sem dar pio.

Depois, atirando-lhes, com magestade, aos pés, os seus farrapos, Annibal disse:

—Aqui lhes deixamos as nossas farpellas!...

E Spavento teve o arrojo de accrescentar, com ar fidalgo:

—Somos em tudo cavalheiros!... Fizemos uma trocasinha apenas!...

E picaram d'esporas as cavalgaduras em direcção á ponte onde desapparecêra o frade, cumprimentando com toda a cerimonia as suas victimas e deixando-os no meio da estrada amarrados, como uma enfiada de chouriços. Tetzel, suspeitando que era perseguido, picava a mula, para ella apressar a andadura, e Annibal, quasi a alcançal-o já, excitava tambem o cavallo, gritando:

—Mata!... Mata!...

Mas ao virar o cotovello d'um caminho, lançou um grito de colera.

Um novo convento se aprumava sombrio deante d'elle, e pela portada acabava de se escapulir de novo Tetzel.

— Pois bem! — exclamou Annibal, que era cabeçudo. Esperarei!

Será uma parvoeira! — objectou Spavento, que era de são conselho porque s'esgueirará por algum caminho subterraneo.

Hei-de impedil-o d'isso, ainda que tenha de arrombar as portas, e deital-as abaixo...

— Livra-te d'isso, desgraçado!... Não faltes ao respeito á religião!

E affastou-o d'ali, narrando-lhe mil e uma historias, qual d'ellas mais pavorosa e terrifica, que elle dizia terem occorrido a varios indiscretos, que se haviam introduzido nos claustros santos.

Traziam agora as algibeiras abarrotadas de dinheirama em ouro, e o retintim melodioso das moedas distrahia-os agradavelmente. Quanto a pueris receios da policia não sentiam nenhuns os dous cavalheiros d'estrada, pois ella estava muito mal organisada n'aquella época, e os ataques d'aquelle genero eram mais do que frequentes.

Assim pois proseguiram o seu caminho, pernoitando ou fazendo demoradas estações nas melhores estalagens, alcançando sempre para os cavallos, que eram de boa raça, as melhores rações na estrebaria, e para si os melhores quartos e pousadas, a que as suas novas vestes ricas pareciam dar-lhes todo o direito.

Como se fizessem uma viagem de recreio informavam-se de quaes eram os sitios mais pittorescos: admiravam os lagos de ondas crystallinas: os originaes occasos do sol que reflectiam seus alaranjados raios nos picos alpestres e nevados: contemplavam os valles semeados d'esbarrondadeiros gigantescos, e as cristas das montanhas coroadas d'abétos.

Era evidente, comtudo, que nem o poetico da natureza, nem a regalada vida que levavam lhes enchiam completamente as almas sentimentaes.

Sentiam uma falta, um vazio. Annibal continuava preza da melancholia que o seu collega attribuia a não ter satisfeito as suas ganas de vingança em Tetzel: e o proprio Spavento estava silencioso e meditabundo, o que Annibal deitava á conta da viuvez da sua espada perdida.

Mas um dia os seus pezares acidularam-se ainda mais, ao verem desfilar um regimento de soldados suissos, que se iam assoldadar ao novo rei de França. Era gente lusida, bem apessoada, grandes matulões louros, levando cada um ao hombro uma catana magnifica do tamanho d'um homem, e com a qual se podia degollar limpamente uma cabeça, d'uma espadeirada só.

O brilho d'aquellas afiadas catanas, o resplendor d'aquelles aços, deslumbraram Spavento.

Mas, de noute, viram desfilar um batalhão de frades dominicanos, com seus capuzes caidos na cara. E então Annibal philosophou dolorosamente:

— Pensar eu que o meu bigorrilhas está talvez no meio d'estes fradalhões!...

E assim como Spavento, ao ver passar o regimento de lausquenetes, Annibal suspirou ao vêr o batalhão de frades, maldizendo a sua triste impotencia. Afundados nas suas cogitações, continuaram caminhando, quando os cavallos estacaram de golpe, inclinando para a terra as cabeças.

É que no meio da estrada jazia uma mulher chorando com duas creanças ao collo.

—Tomae tento!—gritou Annibal.

—Quereis que vos esmaguem!—ajuntou Spavento.

Ouvindo estes brados a mulher levantou-se.

Era moça ainda, e apresentava no rosto os mais perfeitos traços do typo judaico. Os seus olhos avermelhados de chorar fixaram-se turvamente nos dous aventureiros, e com voz rouca e gesto desmanchado, disse:

—O que me quereis?...

Em primeiro logar, que vos affasteis do caminho—disse Spavento.

—Em segundo - continuou Annibal—que me digaes aonde é que vão esses frades?

—Que tenho eu com esses frades?—interrompeu a judia com um accento feroz. - Os frades são assassinos e incendiarios que queimam as creanças e chacinam os velhos. Os frades são uns malditos, cujo bafo só, faz seccar o leite dos seios das mães!...

Dizendo isto, estorcia os seus braços magros e delgados, e sacudia a tunica andrajosa.

—É alguma feiticeira judia—murmurou Spavento.

Annibal esporeou o cavallo. A mulher segurou-o pela rédea, e gemeu com voz lastimosa:

—Senhor! meu bom Senhor! uma esmola, que morro de fome, e se me não daes uma esmola, seccar-se-me-ha o leite, e estes dous meninos morrerão de fome tambem...

A mulher estava lavada em pranto, e a voz tremia-lhe, anniquilada. Porém Annibal tinha coração secco e não era homem que facilmente se deixasse amollecer pela piedade.

—Vamos, deixae-me...—disse, esquivando-se.

—Quem é o thesoureiro sou eu—interrompeu Spavento.

E com um ademan de principe viajando incognito, arremessou um ducado á triste judia.

—Ah! como sois bom!—exclamou a mulher, n'um transporte de sincero reconhecimento.—Não vos esquecerei nunca, e oxalá que algum dia vos pague o beneficio que me fizestes!... Vós—continuou ella—salvastes trez entes, praza ao céo que algum dia vos possa ser util!... Ide em paz, e que tenhaes boa viagem!... Vós sois bons, mas os frades!...

A pobre rapariga hebraica, fallando assim, affastou-se para um lado, para que os cavallos podessem passar. Mas, continuando o curso dos seus pensamentos e das palavras que deixára suspensas, exclamou em voz sinistra e com turva expressão:

—Os frades são uns malvados... Odeio-os a todos... Excepto um!—emendou—Esse amo-o...

—Esta mulher está douda!—disse Annibal.

Talvez que fosse o amor que lhe tivesse transtornado o juizo—disse Spavento.

A judia olhava-os a ambos com olhos vagos e dilatados.

—Seja como for, ainda nos não disse—observou o mano de Flóra—quem eram aquelles frades, nem para onde iam.

Dispunham-se a continuar o seu caminho os aventureiros, quando Annibal observou e fez observar ao camarada que a judia estremecia con-

vulsivamente, e que emquanto com um braço cingia estreitamente as creanças ao peito, com o outro indicava alguma cousa, ou alguem, que devia estar por traz dos cavalleiros.

Era um homem, cuja voz d'um timbre singularmente claro e sympathico, lhes respondia á pergunta que haviam formulado.

— Esses frades vão — disse elle — á capella de S. Miguel, que dista d'aqui duas legoas aproximadamente, adorar a espada do Archanjo, e ouvir um sermão de Tetzel...

— Sois vós, meu bemfeitor! — exclamou a judia soluçando, e rojando-se aos pés do recem-chegado, turbada d'emoção.

Este homem, que trajava o habito dos frades agostinhos, era Martinho Luthéro.

— Obrigado! — respondeu Annibal — esporeando o cavallo.

E os dous amigos e collegas, animados de fagueira e subita esperança, entreolharam-se expressivamente.

— Tetzel! — murmurava o mano da encantadora Flóra.

— A espada do Archanjo! — resmoneava entre dentes Spavento.

E ambos os cavalheiros d'aventuras equivocas entreviam o ideal dos seus desejos: um, o seu mais figadal inimigo prestes a ser catrafilado por elle; o outro, uma boa espada, e que espada! — a espada, nem mais nem menos, do Archanjo!

E, afundados nas suas cogitações e esperanças, cavalgaram até á capella de S. Miguel.

No caminho encontraram um peregrino, e eis aqui a respeito da extranha lenda da espada do Archanjo o que o caminheiro lhes narrou:

— O sanctuario que enxergaes d'aqui, construido junto da propria montanha, modesto na apparencia, tem a inapreciavel felicidade de possuir a verdadeira espada com que o Archanjo S. Miguel derrubou o outro archanjo das trevas, o Diabo, quando elle e mais os anjos fulminados se rebellaram. A espada, aquella mesma de que se armou, por ordem do Padre Eterno, para fazer sentinella á porta do Paraizo, no dia em que Adão e Eva foram expulsos por terem comido as maçãs do dono d'essa quintarola.

— Mas como veio, de tão longe, parar aqui essa espada? — perguntou Spavento, vivamente intrigado por esta narrativa.

— Segundo parece — contou o peregrino — a cousa aconteceu da seguinte fórma:

No momento em que o Creador disse a nossos primeiros paes que se pozessem no olho da rua, e que elles deram a conhecer ao Todo Poderoso que tinham ido ás maçãs, não só pela sua atrapalhação ingenua, como por terem a idéa de porem as folhas de parras em partes onde o Creador nunca se lembrára de as collocar nos seus filhos, a pandilha da serpente, auctora de todo o mal, do alto da macieira onde se enroscára, e d'onde estava á cóca, desceu a cabeça chata até ao ouvido da nossa mãe commum, Eva, e ciciou-lhe em segredo, um segundo e perfido conselho.

Eva acceitou, sorrindo, a lição, deu o braço ao seu recente marido, e transpôz com elle a porta da quinta sagrada, o Paraiso, sem apparentar sequer ter lobrigado o Archanjo, que acabava de ser posto de guarda ao portão, com a catana flammejante em punho.

Então, com um pretexto qualquer que se ignora, ella disse ao bonacheirão do marido, que fosse indo adeante um bocado a caminho da terra: e quando o viu a distancia regular, voltou-se para fusilar um d'esses olhares femininos que matam, ao tal Archanjo da espada.

É forçoso suppôr que fosse muito significativo e muito cheio de fogo o dito olhar, ou que então o Anjo da Guarda nunca tivesse visto uma mulher com a *toilette* ligeira e moderna das folhas de parra, porque o que é certo é que tambem, sob um pretexto que se ignora, o Anjo deixou d'estar de sentinella ao Paraiso, e arrimou a espada a um canto qualquer do abysmo que conduzia á terra. Quando voltou porém á busca d'ella, a catana havia desapparecido.

O Archanjo contou a Deus que atirára com ella de longe aos dous culpados, que se voltavam para traz, de vez em quando, a fazer-lhe caretas: mas isto não está provado, nem tambem que Deus tivesse tomado ao pé da letra a fabula do Anjo.»

—O que é positivamente certo—concluiu o peregrino—é que a espada rollou pelo esbarrondadeiro abaixo, e só parou no local em que hoje está construida esta capella, onde o cura do paiz a encontrou enterrada, ha cerca de sessenta annos.

—Nada mais?—perguntou Annibal.

—Talvez a espada estivesse ali ha muitos seculos, porém até então ninguem reparára em tal—retorquiu o peregrino.

—Tambem póde ser que ainda lá não tivesse chegado!—observou o mano da peccadora Flóra—É tão distante o céo!...

—Póde ser!—exclamou o peregrino, com entono de convicção.—Ainda não pensára n'isso! Parece-me que haveis dado com a explicação mais cabal! Hei-de consultar um theologo!...

Annibal fez-lhe uma mesura, toda cerimoniosa.

E de que feitio é essa espada?—perguntou Spavento, segurando pelo braço o peregrino, que se dispunha a retirar-se, talvez para ir consultar o theologo.

—Ora!... como todas as espadas!

Então o que é que prova que ella seja do Archanjo S. Miguel?...

—Duvidaes acaso da identidade da espada?...

—De fórma alguma.

Não me importaria que duvidasses. Até gostaria, para ter a satisfação de vencer com uma unica palavra a vossa incredulidade.

—Pois bem, supponhamos que duvido.

—Com que então não acreditaes que a espada seja do Archanjo?...

—De certo que não.

—Fundando-vos no pretexto de que se pareça com todas as outras?...

Exactamente.

E se eu vos disser que a espada despede chammas?... perguntou o peregrino com ar triumphal.

A espada despede chammas?... perguntaram ao mesmo tempo Annibal com ar sardonico, Spavento com certa inquietação.

—Nunca a haveis visto?

—Nunca.

Será possivel?... É verdade que a espada não despede chammas senão de noute.

—Mas creio que isso não impedirá que a vejamos...

—Desculpae: mas á noute fecham-se cuidadosamente as portas e as janellas da egreja...

—Para que?

—Para que os curiosos não possam vel-a.

Ah! começo a comprehender—disse Spavento alliviado já da inquietação que o assaltára.

—De certo—concluiu o beato peregrino—sem essa precaução, toda a gente do paiz estaria deslumbrada a estas horas, e assombrada como da luz do raio.

—O que dizeis?...

—Digo-vos a verdade pura. O brilho das chammas é tal que cegaria de chofre os curiosos.

—Diabo! Não será isso uma burla?...

—Não faltava mais nada.—Não vêdes que se trata, nem mais nem menos, do que da espada d'um Archanjo?

—Obrigado. Fizeste bem em lembrar-nos.

—Não ha de que.

Quando o bom do peregrino se foi embora, e se distanceou um bom bocado, os dous aventureiros deram uma franca casquinada de riso como ha muito não tinham casquinado.

Depois de terem rido á farta, Spavento disse a Annibal tendo-se certificado de que ninguem os ouvia:

—Queres que te ajude a matar Tetzel?

—Quero.

—Pois então ajuda-me a conquistar a espada do Archanjo.

Foi então que as casquinadas de riso rebentaram em toda a liberdade e frescata.

—Porém—disse Annibal—não te assusta o sacrilegio?... Não sabes que se não pode galhofar com a religião?

—Vae passear, e deixa-me e mais a tua religião!—replicou Spavento, rindo nas bochechas de Annibal.—Vem commigo examinar a praça que havemos de tomar de assalto.

Deram um passeio em roda da capella, tendo primeiro trepado á montanha a que ella estava encostada, e penetraram finalmente na egreja.

As paredes estavam litteralmente cobertas de *ex votos*, que attestavam eloquentemente as curas obtidas, graças á catana celestial: mas Spavento tinha olhos unicamente para a espada.

—Maravilhosa!—murmurava contemplando-a com olhar de entendido. —Maravilhosa!—repetia ainda mais uma vez, abeirando-se para a vêr melhor.

Era, com effeito, uma arma magnifica, uma espada de combate terrivel e fiel: o tom azulado do aço revelava ter sido fabricada em Damasco ou Alepo, em cujos locaes os cinzeladores costumavam temperar as espadas ao ar, entregando-as ainda em fogo a um cavalleiro que partia a galope n'um cavallo, brandindo a lamina candente ao ar livre.

As guardas da espada eram largas, o punho um pouco encurvado, para que melhor se ajustasse ao manejo: a lamina tinha um comprimento regular, nem longa de mais, nem curta, e tal como n'uma palavra a cubiçava e idealisava o aventureiro para a bainha, que lhe pendia vasia e melancholica á cinta.

—Cuidado!—cochichou-lhe ao ouvido Annibal.

A advertencia não era effectivamente descabida, porque o seu amigo estava de tal modo absorto na contemplação da arma desejada, que essa contemplação poderia facilmente denuncial-o.

Spavento fez um gesto de impaciencia.

—E como a abafaremos nós?—perguntou Annibal.

—Deitar-lhe-hemos a mão, sem mais ceremonia—respondeu Spavento.

—Nas bochechas dos frades? Atrever-te-hias a tal? Queres que nos queimem vivos, como se fossemos uns impios?...

Esta idêa só de ser tisnado vivo punha um tremor nos nervos do irmão extremoso de Flóra, que se deu pressa em travar do braço do collega, e em desvial-o d'ali.

—Todavia, temos de decidir alguma cousa—sustentava o aventureiro, resistindo.

—Na taverna estaremos mais á vontade.

—É certo—respondeu Spavento que, rectificando um proverbio, ajuntou:

—*A verdade sae melhor de dentro de um tonel do que de um poço.*

Tinha, de facto, razão: e as circunstancias incumbiram-se de o demonstrar.

Apprehensivo Spavento, ainda mesmo depois de já esvasiada a segunda botelha, rompeu o silencio ao esgotar o primeiro copo da terceira.

—Já atinei com o meio de rapinarmos a catana do Archanjo—exclamou.

E acercou-se do ouvido do collega de trabalhos e fadigas, e expôz-lhe em voz sumida uma idêa que devia ser engenhosa, a avaliar pelo relampago de gaudio que fusilou nos olhinhos de Annibal, e pelo sorriso que lhe contrahiu os labios.

—Bravo, mestre!—exclamou Annibal—apertando-lhe a mão com enthusiasmo.

Spavento aproveitou aquelle incidente para mandar vir uma quarta garrafa.

Entranhava-se já nas profundidades da sexta, quando Annibal o deteve bruscamente.

—O que é?—disse o espadachim em eminente risco de se engasgar.

—Ora o que é!—disse elle gaguejando—É que é noute já!

E apontava o azul do céo, que se entrevia atravez da janella aberta, e que rapidamente ia escurecendo.

—Estás sonhando, rapaz!... Noute! quando vejo tudo tão claro, como se a taverna estivesse alumiada por trinta e seis vellas!...

—Não importa. É preciso girar!—replicou Annibal com essa insistencia contumaz dos borrachos.

Porque a Annibal não se lhe varria da memoria a vingança projectada,

e o vinho que bebêra não fazia mais do que duplicar a firmeza da sua resolução.

—Para que? - perguntou Spavento sem se levantar da meza.

—Então, a espada?—murmurou Annibal.

—Ah! é verdade! Tinha já esquecido essa espada angelica.

E o espadachim pôz-se em pé, em attitude theatral. Chamou o creado batendo com o copo na meza, pagou a conta, mettendo na mão do creado uma rica moeda d'ouro, pôz o seu chapeirão sobre os olhos, tossiu, e saíu atraz d'Annibal, sem cambalear. O fresco relento da noute dissipou nos dous aventureiros o fumo da borracheira. Segurando-se um ao outro, chegaram emfim ao sanctuario que as sombras da noute começavam a invadir e os fieis a evacuar.

Á porta, um padre dizia para um sacristão:

—Hão-de chegar amanhã de madrugada. Faze badalar todos os sinos, antes do romper d'alva, logo que elles aqui venham cantar matinas, e, ás dez, bimbalharás de novo todos os badalos para annunciares o sermão de Tetzel.

O sacristão inclinou-se em signal d'assentimento.

Atravez dos fumos da embriaguez, comprehenderam os dous amigos que o padre se referia aos frades de S. Domingos que haviam topado no caminho.

—Quando elles chegarem—murmurou Spavento haverá já muito que cantaremos matinas a algumas legoas d'aqui.

Depois d'isto, sumiram-se por detraz dos pilares que sustentavam a escada do pulpito.

Ao pé d'elles, dous mendigos psalmodiavam de guela aberta intermináveis ladainhas.

Os devotos prolongaram as suas orações até ás primeiras horas da noute, em que o sacristão os fez saír, para fechar a porta do templo.

—Se não me engano—magicava o sacristão - vi entrar dous fieis que não me pareceram estar muito firmes nas pernas. Ter-se-hão ido embora?

E na duvida o sacristão deu ainda outra vez volta á nave da egreja, sem encontrar viva alma.

—Foram-se já!—disse elle, tranquillisando-se.

E saíu, fechando as portas, como já fizera ás janellas, para impedir que algum curioso cegasse com o resplendor das chammas da espada, pois de noute é que a catana celestial, diziam, coriscava.

Era este o momento propicio que esperavam os dous cumplices para descer do pulpito, a cadeira do Espirito Santo, em que se haviam encafuado cautelosamente.

A sua má sorte quiz porém que se vissem obrigados a encolher-se e a acocorarem-se no pulpito, e como n'aquella incommoda posição começaram a sentir calor, e o calor chamasse o somno, pozeram-se a dormir o somno dos justos, o somno da borracheira, n'uma palavra. Tudo fazia presagiar que os dous aventureiros não acordariam senão quando Tetzel subisse ao pulpito a prégar o seu sermão.

Annibal odiava profundamente o frade, mas em honra da verdade devemos confessar que não lhe agradaria nada encontrar-se com elle,

d'aquella fórma. Diz o rifão que ha uma providencia para os borrachos. E de facto, é raro que Bacho se esqueça de amparar os seus devotos, e de lhes estender por baixo o seu manto protector. N'esta madrugada o deus dos borrachões havia-se encarnado no corpo de um sineiro, que tambem tinha rasoavelmente o seu grão na aza. E o caso é que badalando a matinas fez acordar sobresaltados os dous cavalheiros de estrada.

—O sino!...—exclamaram ambos acordando de repente.

Depois de se haverem certificado de que estavam sósinhos no sanctuario, desceram do pulpito, e dirigiram-se em linha recta ao altar, apesar das trévas que ainda reinavam no templo.

Pôr-se um ás cavalleiras no outro, e surripiarem a catana, foi tudo obra d'um segundo. Faltava sómente esgueirarem-se a salvo da egreja, o que não era das cousas mais faceis.

—Não pensemos em escapulir-nos pelo campanario, porque o sacristão está a estas horas na sacristia!—disse Annibal.

Quando ia a accusar o seu amigo de o haver mettido n'uma arriosca perigosa, Spavento fel-o callar, dizendo-lhe:

—Caluda, rapaz! Repara, antes de accusares os mais velhos!...

E com um ademan triumphal apontava para uma portasinha proxima da entrada.

Era a porta do campanario, que tinha chave na fechadura.

Annibal curvou a cabeça ante um argumento tão convincente, deu volta á chave, e começou a subir a escada, silenciosamente. Spavento seguiu-o como protegendo a retirada. Era já tempo. N'aquelle momento o sacristão abria a porta da entrada aos frades que se acercavam da egreja. O sineiro continuava badalando cada vez mais desesperadamente.

Aturdidos pela bimbalhada dos sinos que os favorecia, como os haviam favorecido as ladainhas dos dous mendigos, os aventureiros continuaram subindo atabalhoadamente.

—Os frades!—disse Annibal que os lobrigára por uma janella.

—Despachemos-nos!—ajuntou Spavento, dando-se pressa.

E estugaram ambos o passo. Chegados acima deram com o telhado da egreja, que era no que confiava o espadachim. Spavento, segurando na mão a espada preciosa, saltou para o telhado e de gatas deu uma volta á roda da balaustrada, chegando d'esta fórma á parte trazeira do campanario, seguido do seu amigo, que o imitava sem dizer palavra.

De repente Annibal soltou uma exclamação que não poude reprimir:

—Tetzel!...

De facto, na rua, em baixo, no ultimo da fila dos frades, distinguiu elle o assassino de sua irmã, cuja figura destacava no fundo já mais alvadio do céo.

Instinctivamente deitou mão á espada, disposto a arremetter, mesmo d'aquellas alturas, contra o safardana.

Spavento nem sequer fêz gesto de o segurar. Pronunciou sómente estas palavras, melancholicamente:

—Adeos, Annibal!

Disse-lhe isto, com um accento tão funebre, que Annibal estremeceu, como se um calafrio lhe tivesse corrido a espinha.

Luctar n'aquellas circunstancias altas seria loucura: loucura egualmente mostrar-se. De facto, na egreja elevava-se um murmurio de indignação, á medida que iam entrando os frades de S. Domingos.

Havia-se descoberto o sacrilegio.

—Despachemos-nos! Despachemos-nos!—repetia Spavento.

Protegido pela sombra do campanario, começou a engatinhar a toda a pressa pelo telhado. Annibal, convencido sem duvida que seria insania arremetter contra o seu inimigo em taes conjuncturas, deu-se tambem tanta pressa que chegou ao mesmo tempo que elle.

A egreja, como dissemos já, estava encostada á montanha. O que restava fazer era mera brincadeira de creanças para os dous espadachins. Com facilidade escalaram a ladeira do monte, e não tiveram mais do que deixar-se escorregar para chegar á estalagem, em cujo pateo os cavallos piafavam. Sellal-os, montal-os, atirar um ducado á serva atarantada, foi tudo obra de um segundo.

Os dous cavalleiros galopavam pela estrada de Saxonia, quando o sacristão que encontrára a porta do campanario aberta subiu á torre com mais alguns frades. A aurora tingia com seus reflexos purpureos o azul purissimo do céo, illuminando nitidamente todos os accidentes da paisagem. Felizmente, para os dous amigos, o caminho formava um cotovello, e a montanha impedia que fossem lobrigados.

Tetzel estava furioso. Havia preparado um discurso estupendo sobre o peccado de Adão e Eva, reservando-se o direito, na sua peroração, de fazer luzir a esperança de um resgate possivel á humanidade,—mesmo de crimes como aquelle das maçãs da aurora dos tempos,—mettendo habilmente na sua predica o commercio das indulgencias, quando viu o seu bello sermão gorado.

Fundamente contristado, para poder apagar de chofre da idêa a penosa impressão do sacrilegio, imaginou explicar a seu modo aquelle desapparecimento com um pittoresco improviso.

Segundo elle disse no seu novo sermão, aquelle desapparecimento subito representava um milagre não menos maravilhoso que a presença da espada do Archanjo. Referiu que aquelle successo extraordinario concordava com um sonho que tivéra na noute passada, durante o qual vira S. Miguel, devorado de remorsos tardios da mentira que havia pregado ao Padre Eterno, pôz-se a caminho, para readquirir a sua espada. O Archanjo, no sonho, pediu-a a Tetzel, que caridosamente lhe indicára o sanctuario da capella onde ella estava.

—Depois d'isto—dizia elle—acordei da minha visão.

Por fim, terminou, affirmando que o Archanjo tomára o caminho que elle lhe indicára, que tomára o caminho da capella, e que levára a espada, saindo pelo campanario, conforme o costume dos espiritos celestes que usam sempre escapulir-se pelos sitios mais altos.

Tetzel chegou mesmo a propôr que se celebrasse com uma festa de estrondo o desapparecimento d'aquella catana miraculosa.

Não será preciso dizer que o alvitre foi approvado por unanimidade. Por ultimo, concluiu, dizendo que além d'isso S. Miguel obrára asisadamente emprehendendo aquella viagem, movido por taes escrupulos de consciencia:

mas que, de certo, procederia com mais proveito para a sua alma, se tivesse comprado as indulgencias.

Sem querer dilatar mais as explicações, desceu do pulpito, deixando, como prégador habil, suspensa a attenção do auditorio, e reservando-se para explicar o systema, no dia em que a curiosidade dos fieis lhe parecesse mais vivamente esporeada.

A creada da estalagem que acabavam de deixar Spavento e Annibal não ganhava n'aquelle dia para surprezas.

No instante psychologico em que os dous cavalleiros viravam a esquina, chegava um outro viajante pela porta opposta, e entrava tão profundamente absorto que por pouco não deita ao chão a creada com o encontrão que lhe deu.

—Parece que você não tem olhos!—gritou o cavalleiro.

—Isto é demais!—gritou, por seu turno, a creada.

O cavalleiro era um homem alto e delgado, de longo e afilado nariz, olhos pardos, de fusilar sinistro.

—Dize-me disse elle, apertando com força o braço á creada dize-me, e toma sentido em me dizeres a verdade a respeito do que te vou perguntar: entre os hospedes que cá entraram não está uma mulher chamada Noemi Pandolfini?

—Chegou hontem á noute balbuciou a pobre rapariga—uma certa mulher, de quem não sei o nome, e que não falla allemão.

—Que signaes tem?

—É muito morena, olhos magnificos, pallida, e vestida de luto.

—Está bem. Chegou só ou acompanhada?

—Veio acompanhada d'um velho, que parece ser o seu escudeiro, se não é o pae d'ella.

—Muito bem. Chego a tempo.

Deixou o braço da creada, e metteu-lhe na mão um florim.

—Estou hoje com sorte! pensou a rapariga, recebendo aquella nova propina.

—Toma cuidado—observou-lhe o cavalleiro dou-te este dinheiro com a condição de que não has de dizer a ninguem as perguntas que te fiz.

—Nada direi. Fique o senhor descançado.

—Muito bem.

E, dizendo isto, o cavalleiro dispôz-se a entrar na estalagem.

O patrão d'ella recebeu-o á porta.

—Suba lá acima—disse-lhe o cavalleiro, e accorde a senhora italiana que chegou hontem.

—Não sei de quem fallaes!—murmurou o hospedeiro.

—Faça o que lhe digo interrompeu o outro em tom que não admittia replica.

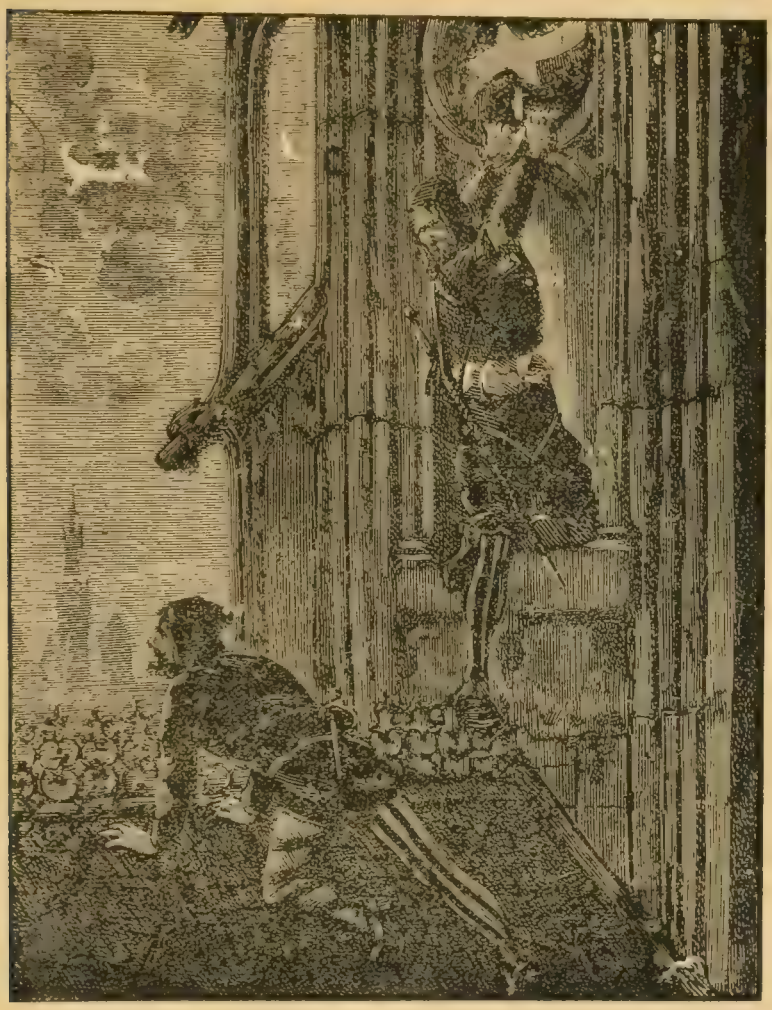
—Farei o que me mandaes; mas não vos prometto que ella desça.

Dize-lhe que quem a espera, chegou do convento de Ninpkchen, e affianço-te que descerá bem depressa.

—Assim farei—respondeu o locandeiro.

E subiu a escada, dizendo de si para si:

—Não me agrada esta firma! É de certo portador de novas más.



Amparados pela sombra do campanario, agarrando-se com pés e mãos, treparam pelo telhado.

CAP. XXV.

—Que sorte!—murmurava o homem da capa verde, percorrendo com largas pernadas a casa onde o introduziram. Que sorte, em me ter lembrado d'esta estalagem! Se me descuido, em quanto ella marchava para Grimma, estaria eu em Roma!... E que gaudio não teriam os outros! Em casos como estes, dever-se-hia mandar sempre dous emissarios, em vez d'um só.

N'este instante, sentiu passos na alcova do andar superior.

Provavelmente levanta-se, e accorda o escudeiro... De certo que não tarda aqui... Despachemos-nos! Eu quizéra antes que ella viesse sósinha, porque os velhos são excessivamente curiosos.

O hospedeiro appareceu de novo na soleira da porta, e disse em tom desabrido:

—A senhora vem já!

—Muito bem. Traze-me um copo.

—Immediatamente—respondeu o estalajadeiro, illuminando-se-lhe o rosto.

O cavalleiro continuou:

—E traze tambem uma garrafa.

—De cerveja?—perguntou o estalajadeiro, fazendo uma reverencia.

—Não. De agua fresca.

Está bem—retorquiu o patrão em cujos labios pairou um sorriso de despeito.

E saíu, voltando d'ali a pouco.

—Aqui está a garrafa d'agua—disse.—E ao vosso cavallo é preciso dar-lhe de beber tambem?

—Não é preciso. O cavallo está cansado, e a agua far-lhe-ia mal. Demais, vamos pôr-nos já a caminho.

Que lhe faça bom proveito!—grunhiu o estalajadeiro, voltando ao pateo.

O cavalleiro da capa verde pôz o copo n'uma das mesas mais proximas e estava rebuscando nas algibeiras, quando Francesca, que se vestira a toda a pressa, entrou onde estava o que a procurára.

Atraz d'ella entrou Abrahão. O cavalleiro desconhecido, ao vêl-o, não poude reprimir um gesto de despeito.

A mulher estava mais pallida do que de costume. Profundamente commovida dirigiu-se para o homem cuja phisionomia não podia distinguir na escuridade do compartimento.

—Vindes de Ninpkchen?...—perguntou-lhe.

O homem respondeu-lhe, com entono melancholico:

—Sim, senhora.

Estas palavras pareceram varejar a alma de Francesca.

—Morreu, acaso, minha mãe?—perguntou.

O cavalleiro então não replicou. Limitou-se a abaixar a cabeça, abrindo os braços, e tirando com este movimento as mãos dos bolsos.

Francesca avançára um passo, premindo o peito com as mãos.

—Morta!...—murmurou, soluçando.

E no mesmo instante, cambaleou, e teria caido de costas, desmaiada, se Abrahão não a tivesse sustido nos braços.

O cavalleiro fitou-a com attenção. Virou costas para a janella, approximou a dextra do copo, e enchendo-o d'agua, apresentou-o a Abrahão, dizendo-lhe.

Dae-lhe uma gôta d'agua, que logo volta a si!...

O escudeiro balbuciou quaesquer agradecimentos.

Agora, disse o homem da capa verde—permitti que me retire, porque a minha viagem soffreu algum atraso, para vos trazer esta nova.

Abrahão não respondeu, e o homem desceu ao pateo, pedindo o cavallo, mas não sem deitar para traz um olhar receoso.

Vendo que o escudeiro dava de beber á italiana, murmurou:

—A cousa vae bem!

E dirigiu-se para o pateo, queixando-se de que lhe não tivessem trazido ainda o seu cavallo.

Mas soltou uma praga terrivel, ao vêr que o estalajadeiro lhe havia pregado a peça, de desselal-o.

—Camello! tres vezes indecente! —vociferou, esbravejando, em quanto o tornava á pressa a sellar de novo.

N'este instante, violentos gritos na sala que elle acabára de deixar, estalaram e explosiram.

—Assassino! Assassino!...

—Mau! Mau!—exclamou o cavalleiro—Safemos-nos!...

E tomando no braço os arreios, saltando sobre o cavallo em pello, agarrando-se-lhe ás crinas, enterrou-lhe as esporas nos ilhaes.

—Soccorro!...—gritava Abrahão, de guela aberta, assomando-se á janella da hospedaria.

N'este momento o estalajadeiro e os bichos da cosinha acorreram a toda a pressa.

O cavallo, porém, pinchou, sem dar um passo, porque estava preso com uma corda.

—Maldição!—regougou o cavalleiro—e desembainhando o punhal, cortou o cabresto.

O cavallo partiu então á desfilada.

—Agarra! Agarra!—gritava o escudeiro.

Mas todo este alvoroço e grita eram baldados, porque o cavalleiro estava já a uma distancia muito regular.

—Que terá feito esse miseravel?...—perguntava a si mesmo o estalajadeiro.

Mas elle e a creada recuaram, assarapolhados, quando viram a italiana estirada no soalho, inerte, rigida, livida, e, ao seu lado, o velho, presa da angustia mais entranhada, apontando-lhes para o copo vasio.

—Ai! o biltre!—exclamou o estalajadeiro—envenenou-a!

E toda a gente da casa, aturdida, corria d'um lado para o outro, vociferando:

—Alerta!... Sús ao patife!...

E rebuscavam minuciosamente todos os cantos e arredores. Mas ninguem soube dar novas, nem dizer por onde se havia esgueirado o homem da capa verde.

CAPITULO XXVI

Sacrificada

—Outro copito do Rheno!—gritava Tetzel com voz de trovão.

—Traze Johannisberg ao senhor Tetzel!

As abobadas d'uma elegante e larga sala gothica do convento de Ninpkchen repetiam os echos d'estas aprasiveis palavras. O novo inquisidor chegára n'aquella manhã, e todo o mosteiro fôra vasculhado e revolvido para o receberem condignamente.

Todos os fogões estavam accesos n'uma braza viva; a mesa para o banquete fôra posta e servida sumptuosamente.

Mas, emquanto se tiravam das adegas as garrafas empoeiradas e cheias de annos vetustos e de exquisitos vinhos; em quanto, para o obsequiarem, se fazia saír dos guardalouças os copos de transparente e finissimo crystal, o pomposo e dourado serviço de porcelana, com as armas da communidade, o frade manifestára desejos de passar revista ás freiras e noviças, acompanhando este seu pedido com um sorriso e um olhar de refinado frascario e garanhão.

Foi isto que o perdeu.

A abbadessa, a quem os seus requestos mais se dirigiam, era uma guapa dona, talvez um tanto durazia, porém ainda muito rasoavelmente conservada, graças aos cuidados e desvelos que lhe mereciam seu rosto e seu corpo, ainda muito appetitosos. Como mulher experiente e habil, bastou-lhe um olhar apenas para apreciar todas as boas qualidades que confluiam no seu hospede, e decidiu não desencorajar o frade. Por isso livrou-se bem de lhe mostrar as freiras mais bonitas, faceiras e novas. Limitou-se habilmente a reunir só aquellas a quem o regimen do claustro

havia desbotado, emmagrecido, ou dado uma gordura pouco agradavel e cubiçosa. Por isso, depois de passada a revista, Tetzel não poude deixar de exclamar:

—Não são lá muito bonitas as vossas pombinhas, querida irmã!...

É verdade disse a abbadessa. Tenho algumas bem formosas, mas agora quasi todas estão doentes com bexigas!...

—Sinto bastante!...

Alem d'isso, sendo o convento propriedade do Papa, os nossos estatutos mandam-nos prestar mais attenção ao dote das religiosas, do que á sua bellesa.

—Os estatutos teem rasão—disse Tetzel, concordando.

E, depois d'isto, a abbadessa e o frade assentaram-se á mesa. A abbadessa ficou sentada *cis à vis* d'elle. Quiz servil-o: mas elle não permittiu, o que a abbadessa tomou por signal de bom agouro. Infelizmente para ella, o dominicano era um comedor de solidos principios, e um bebedor consciencioso.

Entrava nos seus preceitos e habitos não fazer nunca duas cousas ao mesmo tempo, convencido sobretudo, como estava, de que o cuidado do seu ventre era por si só cousa assás importante, para que a não complicasse nunca com outro trabalho somenos, fosse de que genero fosse.

Depois da sopa, serviu-se grande quantidade de carpas do Rheno, duas azas de pavão, e varias travessas de um exquisito e solido pastel de carne.

Porém, durante aquella refeição tão sensata, interrompida frequentes vezes por insondaveis copos de vinho branco do Rheno, ou regada por copiosas libações do puro tinto, o frade pouco fallou, e prestou escassa attenção aos meneios e requebros tentadores da bella abbadessa, ainda perfeita mulheraça e de boas carnes.

A excellente dona desfazia-se em languidos sorrisos, e provocadores olhares: mas tudo baldado...

—Não lhe achaes graça?—abalançou-se ella a perguntar-lhe, depois de haver terminado uma picaresca e divertida historia, cujo effeito hilariante e gracioso era, na sua opinião, seguro.

—Agora só cômo—replicou o frade.

—Isso vejo eu.

—Só rio á sobremeza.

—Ah!...

Como já tive a honra de vos declarar, só depois de terminada a comida é que eu... comprehendeis?...

Fallando d'esta sorte, o frade piscou os olhos, frascariamente.

Devéras? exclamou a abbadessa, que, querendo dar-se por entendida, córou ligeiramente.

Bastante consolada pela perspectiva esperançosa que lhe apresentavam as ultimas palavras do frade, deu-se pressa em precipitar o fim do banquete: mas comprehendeu de certo que não era aquella tactica conveniente, e que só lograria indispor contra si o hospede, e por isso resignou-se a esperar, não interrompendo, comtudo, o fio das suas facetas e divertidas historias.

A hora da sobremeza chegou, por fim, e com ella a prova de que Tetzel

não mentira. O bom do frade sorria, com mostras de bom humor, e dando folga á lingua pôz-se a destiar, apimentando-as cada vez mais, aventuras de conventos e abbadias, respigadas aqui e ali, e em algumas das quaes elle representára muitas vezes o papel de protogonista.

Na realidade, o frade referia-as com seu sal e pimenta, e acompanhava essas narrativas com expressivos gestos, sublinhando, se assim se póde dizer, as palavras e as phrases, com grande variedade de entonações e suspiros caracteristicos, interrompendo-as, a cada passo, para casquinar a bandeiras despregadas.

A abbadessa que ria tambem, com toda a satisfação, levantara-se para offerecer ao inquisidor um certo *Kirsh* da Floresta-Negra, que elle deveria achar saborosissimo, e não tendo encontrado assento ao lado do frade, dirigiu-se a occupar o logar primitivo, quando Tetzel lhe puxou pelo habito.

A freira não fugiu por causa tão pequena e natural. Limitou-se apenas a deixar escapar um gritinho de surpreza, que mais attractivo lhe deu.

—Ai!...—disse ella.

O frade psalmodeou, então com musica de antiphona, um certo latinorio, que podia traduzir-se em vulgar, d'este feitio:

Se quizeres escutar meus sãos conselhos,
vem sentar-te, abbadessa, em meus joelhos.

Resistiu um poucochinho a abbadessa, porém no fim, não sabemos bem como, achou-se sentada nas pernas macissas do frade.

Tocaram os copos, plenos de transparente licor, e Tetzel, que começava a descortinar na abbadessa, um conjuncto ignorado de graças e attractivos, depois de esvasiar o copo d'um trago, dispunha-se a furtar á freira o seu. Defendia-se *coquettemente* a abbadessa, roçando pelas bochechas do frade um formoso cacho d'uvas, do qual Tetzel trincava, de quando em quando, um bago, com bocca gulotona. Mas, de golpe, uma estridente campainhada que se ouviu á porta exterior do convento fel-os estremecer. A breve trecho, sentiram-se passos estugados no claustro proximo, e por fim bateram, um tanto discreta, mas apressadamente á porta do refeitorio.

—Que vão para o diabo!—grunhiu Tetzel.

—Que importunos!—exclamou, por seu turno, a abbadessa. E, saltando dos joelhos do frade com um suspiro, sentou-se ligeira como a arvéloa, no assento situado em frente d'elle.

—Entrae!—ordenou, com voz pouco aprasivel.

A irmã rodeira entrou.

—Perdôem se os interrompo!—começou a dizer.

—Não nos estorvaes!—retorquiu a abbadessa.—O que ha?

—Entrou agora um fidalgo que deseja absolutamente fallar-vos.

—Que espere.

—Não me atrevo... Posso fallar sem papas na lingua?

—Sim, depressa.

—Trata-se de uma rapariga rica, de familia nobre, a qual oppõe, segundo parece, grande resistencia em entrar no convento.

A abbadessa fitou Tetzel.

—A cousa muda de figura—disse o inquisidor.—Ide, minha irmã.

— Consentis?

— É indispensavel.

— Então permitti que vos deixe um bocadinho...

E accrescentou com um olhar apaixonado:

— Já volto...

— Esperar-vos-hei — disse o frade, mas com expressão já menos vehemente e cálida.

— Quer a madre — disse a irmã rodeira — que eu fique fazendo companhia ao irmão inquisidor?...

— Não é preciso. Ide para o vosso serviço...

E, dizendo isto, a abbadessa desceu ao locutorio.

A irmã rodeira deteve-a, dizendo-lhe:

— O fidalgo e a postulante estão na capella.

— Muito bem.

E despedindo a rodeira com um gesto imperativo, a abbadessa desappareceu atravez das arcadas do claustro.

Um fidalgo vestido de armadura de ferro, com a viseira do elmo levantada, aguardava a abbadessa ao pé do altar-mór. Ao pé do fidalgo orava, ajoelhada, uma mulher de abundante e vasta trança loura.

O fidalgo era um rapagão de estatura avantajada, olhar fusilante, face macilenta, labio carnudo. Era um typo, emfim, identico ao que mais tarde em França foram os Condés.

Correspondendo com um cumprimento á reverencia da abbadessa, começou por dizer-lhe com voz um tanto altaneira e que parecia costumada ao imperio:

— Senhora: a reputação do vosso convento tentou minha irmã, que aqui está presente.

E indicou a joven senhora ajoelhada, que se não moveu.

A abbadessa, lisongeada por aquelle elogio indirecto, acurvou-se profundamente.

O rapagão continuou:

— A minha irmã ha já algum tempo que se sente acommettida de ardente e firme vocação religiosa, e foi ella que me rogou para que a conduzisse a este mosteiro, em que deseja professar.

A abbadessa ia retorquir, quando a joven senhora se poz em pé e disse resolutamente:

— É falso.

Estava em extremo pallida e tremula, mas sustentou, comtudo, sem pestanejar, o fusilante e terrivel olhar que lhe dardejou o irmão.

— Cuidado no que dizes, Catharina! — gritou o rapagão.

— Não digo senão a verdade pura — retorquiu ella.

Descerrava os labios já, para continuar, quando elle a interrompeu, dizendo á superiora:

—Perdoae: deixae-me reparar um esquecimento.

E, indicando a irmã, continuou:

—Minha irmã chama-se Catharina de Bora. Eu, seu irmão mais velho, sou Wilfrid de Bora. O nosso pae era cavalleiro: nosso avô eleitor pala-

Tetzel, depois de ter esvasiado o copo de um trago só, começou a descobrir na abbadessa encantos que até então ignorava. A abbadessa defendia-se debilmente.

CAP. XXVI.

tino: a nossa familia é tão sobejamente abundante de bens, que é já em nós tradicional o costume de emprestar dinheiro ao imperador. No mez passado, Carlos V fêz-nos a honra de se dirigir a nós, de preferencia aos Fugger.

A abbadessa saudou com uma profunda reverencia, manifestando no

olhar uma chispa de cubiça metallica. Começava a sentir menos o entejo de ter sido importunada e forçada a saír dos joelhos do inquisidor.

—Minha irmã—concluiu Wilfrid—trará, ao entrar aqui, o seu dote por inteiro, que os meus administradores vos contarão ámanhã.

—Monsenhor!...—melodiou a abbadessa, em tom de voz cheio de respeito.

—Acabaste?—perguntou Catharina.

—Sim—respondeu o homemzarrão.

—Não me parece.

—Dize então o que é que esqueci?

—Esqueceste, querido irmão mais velho, de dizer que se mostraes tanta prosapia e fazeis tanto alarde da nossa fazenda é com o fim de deslumbrardes a senhora abbadessa e decidil-a a que se torne cumplice d'uma infamia...

—Catharina!

—De uma cobardia, se vos parece melhor. Mas a senhora é boa christã, e ainda que lhe enchesses d'ouro esta egreja, não a decidirieis, estou certa, a fazer-se cumplice de tão odioso attentado.

—De que se trata?—perguntou a abbadessa—que quereis dizer, menina?...

—Quero dizer, minha senhora—tornou Catharina com uma exaltação bem visivel—que desde o dia em que meu pae se finou, e quando ainda os seus restos não tinham sido depositados na terra, o meu irmão mais velho que aqui está presente, o meu unico irmão, conduziu ao castello paterno uma indigna mulher, uma meretriz...

—Desgraçada!—gritou Wilfrid tremulo de iracundia, levando a mão ao punho da espada.

—Atreve-te a matar-me!—disse a joven dama, com tranquillidade.

—Não me desesperes!—esbravejou o homemzarrão vermelho e esbufando.

E acompanhou estas palavras de um esgar terrivel, levantando o seu guante de ferro sobre a cabeça da joven senhora.

—Monsenhor!—exclamou a abbadessa.—Que fazeis?...

—Tendes razão—retorquiu o fidalgo asselvajado, depois de escasso silencio.—Estou doudo!... Isto não vale a pena a gente affligir-se...

E cruzou os braços, dizendo para a irmã, com entono de desprezo:

—Escuto-te. Pódes continuar...

—Vou fazel-o... Esta meretriz que meu irmão levou para o castello, e que se diz chamar Frederica de Rosenberg, foi alojada, mal chegou, na mesma alcova em que minha mãe morreu. Agora é ella que reina no castello, occupa á meza o logar de dona da casa, senta-se debaixo do docel de Justiça, na sala d'armas, ao lado do chefe da casa, e levou a desfagatez a apresentar-se nos funeraes de meu pae. Não é tudo ainda. Repleta d'ouro, carregada de joias, esta loureira não satisfeita ainda, pretende despozar-se com meu irmão, enlaivar o nome de Bora, que jámais foi maculado, envilecer em um só dia tantos seculos de ventura, de gloria e de valor. Eu, senhora, não quiz transigir com tal ignominia: uma usança antiga de nossos maiores, consagrada pelos estatutos da nossa casa, authorisa-me a oppor-me

a esta união, que é uma nodoa. O meu irmão sabe que me opporei até morrer, e eis aqui porque não se atrevendo a assassinar-me me arrastou até este convento, tratando de me sepultar n'elle para que a sua Frederica possa dormir socegada. Os meus protestos, abafados por estes muros, não chegarão até elles. Sustenta agora, Wilfrid, que o que eu disse é falso. Sustenta-o, se te atreves, deante da senhora, deante de Deus que nos escuta...

E o braço da joven dama estendia-se, indicando com magestade o altar.

Wilfrid conservou-se calado.

—Não respondeis, monsenhor?—perguntou-lhe a abbadessa.

—Sim, de certo, senhora—replicou o homemzarrão.—Respondo que toda essa historia é uma artimanha, uma teia de calumniosas bacharellices, porque minha irmã foi sempre fraca de cabeça, dada ás extravagancias mais chimericas e á devoção. A sua vocação mesmo o prova. Hoje, não posso dizer por que escrupulo, atemorisa-a o claustro; e para provar o que digo, nada melhor do que o que acabaes d'escutar.

—Mentes.

—Então sou eu um tyranno que te trouxe á força para aqui, não é verdade?...

—Sim, durante um somno que tu provocaste, e que não durou tanto como tu querias...

O rapagão sentiu-se novamente espicaçado pela ira.

—Basta! Já ouvi de mais!—disse, batendo com o pé uma pancada violenta no chão.

—Bem vês como adivinhei, e que tinha razão em descobrir n'isto tudo a mão d'essa que te espera no recanto do caminho.

—Basta já de tanta parolagem e farellorio!—repetiu Wilfrid.—Tu queres fazer-me passar por verdugo, e eu vou provar que só aqui vim para dar cumprimento ás tuas ordens.

—Tu?

—Olhae, senhora—accrescentou o fidalgo, apresentando uma carta á abbadessa.

—Podeis lêl-a em voz alta—disse a joven senhora.

A abbadessa leu:

«Meu irmão:

«Nunca, ficae-o bem sabendo, nunca, consentirei n'esse casamento que me causa tanto horror como te devêra causar a ti esse outro a que estás decidido. Antes de consentir tal, preferiria enterrar-me viva n'um convento.»

—E isto está assignado—concluiu o irmão.—Podeis vêr.

Catharina de Bora.

E mais abaixo:—(Castello de Boraf.)

—Com a data—ajuntou elle.

E, voltando-se para a irmã, disse-lhe:

—Que tens que objectar agora a isto?... Estás ou não resolvida a esse casamento de que fallas na carta com tanto desdem?

—Nunca.

—Ouviste-a, senhora?

—Ah! senhora abbadessa—exclamou Catharina—não sabeis em que laço estou mettida! Quereis que vos diga quem é o esposo que me propunham? Era um tio de Frederica, Wilhem de Rosenberg, que se diz antigo official do exercito do imperador, mas que de facto é o mordomo e o socio d'essa rapariga, seu intendente e seu cumplice.

—Mentira!—regougou o rapagão.

—Não é tal. Podia eu acceitar tal alliança? Respondei-me.

—Que quereis que vos diga, minha filha—aventurou-se a dizer a abbadessa, a quem parecia que a scena se prolongava já demais.—A quem quereis que eu preste credito? De tudo isto eu não posso tomar em consideração senão uma cousa: a vossa carta. Repellieis n'ella uma união, que hoje repellis egualmente. Podereis ter-vos limitado a isto só: mas não, n'ella affirmaes cathegoricamente a vossa resolução de vos fazerdes religiosa.

—Cathegoricamente!—accrescentou, assentindo com a cabeça, o rapagão.

—Escrevi essa carta n'um momento de loucura—exclamou a infeliz senhora—escrevi-a sósinha, abandonada de todos, n'aquelle castello hostil. Teem acaso direito de procederem contra mim, por uma palavra proferida n'um momento d'exaltação e desespero?...

—Quando essa palavra foi consignada n'um escripto, de certo,—retorquiu a abbadessa.

—Mas isto é horrivel! Conjuraes-vos tambem, senhora, com os meus inimigos, contra mim?...

—De modo algum. Pelo contrario desejo a vossa felicidade. Offereço-vos a paz, o repouso, o esquecimento—melodiava a abbadessa, com voz mimosa.

—Ah! calae-vos! Não quero esse repouso de sepulchro que me gabaes... Sou nova, quero viver, quero amar...

—Soffrer, quereis dizer.

—Que me importa?... Esses soffrimentos são doces... Oh senhora, deixae-me ir embora, supplico-vos...

—Não posso fazel-o. Este convento é um asylo que vos abrigará contra os vossos inimigos... Eu incorreria n'uma responsabilidade grave se vos deixasse saír estes umbraes, e vos recusasse a protecção que vindes aqui buscar.

A joven senhora então ia para chorar, prosternar-se, supplicar...

Mas no momento em que ia para se lançar aos pés da superiora surprehendeu um olhar de intelligencia entre ella e o seu verdugo.

Então, erecta, aprumou-se de pé.

—Sois uma miseravel, tambem!—exclamou—uma miseravel! e entendeis-vos com elle.

—Menina!

—Acabemos com isto,—esbravejou o rapagão.—Pela ultima vez: queres, ou não queres, casar com Wilhem de Rosenberg?

—Não!—respondeu a inabalavel moça.

—Pois bem, assim seja. A culpa foi tua.

E dizendo isto dirigiu-se para a portada exterior, seguido da madre abbadessa.

Mas Catharina travara-lhe do braço, e dizia:

—Eu quero-me ir tambem comtigo... Deixa-me ir, Wilfrid, meu irmão, por piedade...

Wilfrid não respondeu. A um gesto que fez a superiora, abriu a porta, e o rapagão esgueirou-se lesto.

Travou-se então uma lucta silenciosa e que commovia: a joven senhora procurava saír, e o irmão brutalmente empurrava-a para dentro. Por fim, julgando-se completamente livre do enlace da misera irmã, quiz deitar a correr: mas Catharina havia-se agarrado com as mãos ambas ao seu cinturão de couro. Wilfrid, finalmente, fazendo um esforço brutal, agarrou-lhe nas mãos ambas, aquellas mãos tão delicadas, e arrancou-as do cinturão, apertando-lh'as com as manoplas de ferro.

Catharina, vencida pela dôr, exhalou um grito agudissimo, baqueando desamparada nas duras lagens do pavimento do claustro.

—Cobarde!...—murmurou.

A porta cerrou-se com estrondo, e a joven sentiu repercutir aquelle soturno echo espantoso até ao mais intimo das suas fibras. Figurou-se-lhe que a louza d'um jazigo caía sobre ella, estrangulando-lhe completamente o seu futuro, a sua alma, toda a sua vida, e todos os seus almejos d'ouro, que abriam as azas pandas para a mocidade e para o amor que ainda não conhecêra... Ser sepultada, enjaulada viva, entre frios muros de pedra, tão nova, com tanta vida ainda...

E em pensamento, transportou-se então aos venturosos dias da sua infancia, em que pela mão de sua mãe ia ao parque de frondosas e vetustas arvores, que haviam visto nascer seus paes, e haviam plantado seus maiores, e alegre e descuidada como a mesma innocencia, misturava o chilrido da sua voz infantil com o murmurar cantante das fontes e o garalhar alegre dos passaros, em correrias atraz das borboletas brancas voejando nas leiras e nas madresilvas.

Depois, como contraste tôrvo áquella paizagem da sua infancia cheia de sol, fitou aquella sombria nave, aquella escuridão algente que ennublava o espirito, aquella egreja cujas paredes iam talvez esmagal-a desabando, já que o Christo cravado no seu patibulo, e presente á sua agonia, não a havia defendido, nem amparado.

A gélida lagem do pavimento penetrava-lhe o craneo: gelava-lhe os ossos. A misera joven não tinha força sequer para gritar, nem chorar... e desmaiou.

Mas n'este momento indeciso, em que o mundo se esvae dos olhos como um sonho turbido, pareceu-lhe escutar passos d'alguem que se abeirava. Quiz vêr, mas os olhos recusaram abrir-se: perdeu a noção das cousas exteriores, e permaneceu no lagedo tão immovel e rigida como as estatuas de marmore das abbadessas nos seus sepulchros.

Assim que Wilfrid saíu, a superiora fechou a porta do local onde se achava Catharina, com duas voltas á chave.

—Obrigado!—disse o rapagão respirando de prazer, como quem se sente alliviado de pesado carrego.

—Não deixou de dar algum trabalho—disse a abbadessa.

—É teimosa!—exclamou o irmão.—Não é debalde que tem o nome de Bora. Ah! dizei-me: não ha nenhuma outra formalidade a preencher?

—Nenhuma.

—Tinham-me dito que vós talvez exigirieis garantias...

—Nenhuma. Vossa irmã está no meu convento, isto prova que ella assim o quiz. O resto a ninguem mais importa. Por outro lado, aqui ninguem póde pôr os pés sem minha ordem. Se algum curioso quizer saber mais alguma cousa, dirigil-o-hei a vós.

—Tal e qual.

—Demais não tenho receio algum. Quando o caso muda de figura é quando a noviça ama e é amada.

—Este não é o caso presente.

—De certo, porque ella tel-o-hia dito. Os seus protestos não nos devem infundir medo algum, porque nunca sairão d'este recinto.

—Muito bem.

—E depois... ella ha-de resignar-se.

—Como as outras.

—Está claro...

—De modo que não precisaes que eu vos deixe a carta, hein?

—É inutil. Só a vós póde servir para alguma cousa.

—Está bem. Só me resta agradecer-vos...

—Eu, monsenhor, sou quem...

—E despeço-me de vós, porque, com franqueza, não creio que venha muita vez visitar minha irmã.

O rapagão cumprimentou a abbadessa, e assobiou a um pagem que o aguardava a alguns passos de distancia.

—Não esqueçaes o dote...—aventurou a abbadessa.

—Descançae. Amanhã tereis em vosso poder a parte da herança que lhe pertence: prados, moinhos, bosques, reduzidos a boa moeda sonante allemã, juntamente com as suas roupas e alfaias.

—Monsenhor...

—E todos os annos, pelo dia da Senhora das Candeias, recebereis a parte dos tributos dos nossos vassallos que lhe corresponda.

—Monsenhor...

—E, por agora, tomae, e perdoae-me o haver interrompido as vossas occupações...

E o rapagão enfiou no dedo da abbadessa um annel d'ouro lavrado que ostentava um rutilo diamante em que pareciam reflectir-se todos os astros e constellações da abobada celeste.

—Monsenhor!...—repetiu a abbadessa, acurvando-se até ás lagens do pavimento

Depois de todos estes *salamaleks* separaram-se, e a abbadessa entrou no convento pela porta da cerca.

Mirava, toda ancha, o fulgurante annel no dedo, e contemplando a sua mão branquinha e papuda, murmurava:

—Seria para estranhar, realmente, que um fidalgo tão bem apessoado, e de casa tão capaz, esquecesse cousa de tal importancia, como é o dote...

Porém, o certo é que Wilfrid esqueceu-o completamente, e nem no dia seguinte, nem em todos os outros do anno foram os intendentes levar ao mosteiro os promettidos esplendores, dos quaes Frederica Rosenberg e seu digno tio Wilhem devoravam, com optimos dentes, cada dia um pedaço.

Wilfrid torturava as delicadas mãos da joven com a sua manopla de ferro. Catharina caiu no chão, murmurando: — Cobarde!...

Cap. XXVII.

Mas o convento, que se julgava eterno, não perdia a paciencia: e, estando seguro, em todo o caso, de sobreviver a Wilfrid de Bora, possuia, sem duvida, razões vastas para crer que por morte d'elle passaria para o seu poder uma parte soberba da fortuna do eleitor palatino.

Em honra da verdade devemos dizer que Wilfrid promettera á abbadessa, com completa boa fé, o dote da irmã, e pensava em lh'o enviar sem falta no dia seguinte, quando se encontrou n'um cotovello do caminho com a sua querida que se impacientava, esperando-o.

Vendo-o apparecer sósinho, sorriu-se, muito satisfeita, a bella Frederica.

—Está tudo aviado?—perguntou.

—Está—respondeu o rapagão.

—Gritou muito?

—Alguma cousa.

—Insultou-te?

—Assim e assim...

—E a mim tambem?

—Para que o queres saber?

—Com que então, insultou-me?... Orgulhosa! Juro-te que o pagará caro.

—Tambem creio.

—Tens razão, é verdade. O convento basta e não preciso procurar outra vingança.

E Frederica repetiu, estremecendo:

—O convento!...

—Que tens?...—perguntou-lhe Wilfrid.

—Eu, nada... amo-te!...—respondeu a sereia, acompanhando esta melodiosa palavra com um beijo cantante.

—Devéras?

Oh! sim! E até me parece que nunca te amei tanto como agora. Ah! que felicidade não ter agora no meio de nós aquella sombra constante: não tremer ao pensar que ha quem espia os nossos afagos, que ha quem accusa o meu amor de ser um puro calculo... Que dita sentir-se liberta d'aquelle pesadello... Isto é uma felicidade!...

E a sereia pôz a sua faca a galope, e o rapagão seguiu-a, embriagando-se com o perfume da sua madeixa, com o aroma ebrioso de amor e poesia que distillavam seus labios.

Quando ao raiar da alva chegaram ao castello, Wilhem não teve precisão de perguntar qual fôra o resultado da jornada, pois bem claro se lhe evidenciou na chispa de felicidade e satisfação que fulgia nos olhos de seu sobrinho.

A abbadessa, entretanto, estugava o passo. Não se podia dizer que havia perdido tempo; mas sentia interesse em recobrar o prazer perdido, durante a ausencia. Não se atrevia a correr, para se não cançar, mas, atabalhoadamente, atravessou a horta. Depois, como sentisse que o coração lhe dava formidaveis baques no peito, ao entrar sob as arcarias do convento, refreou o passo, e só depois de ter descansado um instante se atreveu a bater á porta da sala em que Tetzel a estava esperando.

Mas ninguem respondeu.

Apostemos—disse comsigo a abbadessa—que se escondeu detraz da porta e que me quer metter um sustinho, quando eu entrar...

Devagarinho entrou dentro do refeitorio. Mas Tetzel não se havia escondido, como a imaginação amorosa da bella abbadessa suppozera, sorrindo-se e fazendo uma gracil covinha que mais graça lhe dava e a tornava um tanto mais nova, apezar da seriedade religiosa dos seus habitos, e da sua face um tanto gorducha e pallida, mas ainda de bella mocetona.

Mas Tetzel não só se não tinha escondido, como até não estava no refeitorio.

Que significava isto?... Que queria dizer esta deserção?...

Uma suspeita atravessou n'este momento o cerebro da superiora, e, soerguendo a ponta da toalha, olhou para debaixo da meza. Teria elle, acaso, entregue só á companhia das botelhas de vinho generoso e vetusto da adega do convento, querido sondar o fundo d'essas garrafas que deviam conter mysterios de seculos, e apanhando uma tremenda borracheira, rolado para debaixo da meza? Se a tantos mortaes taes fracassos teem succedido na vida, porque não occorreria tambem ao inquisidor, que era um frade lambaz, bom commensal, e amigo do summo da parreira?...

Mas Tetzel tambem não estava debaixo da meza.

—Como?—murmurou a abbadessa, com uma pontinha já d'inquietação e amor proprio offendido.—Não me esperou?...

A digna superiora parecia suffocada, e dava voltas e mais voltas pelo refeitorio, sem poder explicar aquella desapparição repentina, e exprimiu a sua turbação por um diluvio de palavras incoherentes e desmanchadas.

—Comtudo, eu suppunha... Ter-me-hei enganado?... Não é possivel!... Mas piscava-me os olhos... A menos que... Sentou-me nos seus joelhos... Tudo parecia emfim que... Forte incivilidade!... Não sou ainda nenhuma peste... Então, ora esta!... Uma cousa assim...

Mas depois d'estas, e de mil outras expressões de despeito, que toda a matrona ainda de bellas carnes frescalhota (como a abbadessa tinha a consciencia de ser proprietaria e dona) tem naturalmente ao vêr fugir-lhe o galan, quando menos o espéra, a superiora, de repente, teve uma idéa luminosa, e franzindo o sobr'olho, depois de uma pausa, accrescentou:

—Agora dei com a *marosca!*...

E, sem recear já fazer bulha, correu açodada para a cella da irmã rodeira.

Mas a pobre freira dormia tão ripansada e serenamente, que a abbadessa envergonhou-se de ter suspeitado d'ella, e ficou perplexa sem saber que desculpa dar por a ter acordado tão bruscamente.

—O senhor Tetzel?—perguntou ella, por fim.

—Deve estar na capella—respondeu a irmã rodeira.—Pareceu-me vel-o ir para lá. Suppuz mesmo que fosse ter comvosco...

E isto foi pronunciado com um certo tom acido em que se descobria o pico mordente do ciume. Mas a superiora pareceu não attentar em tal, e estugou o passo, dirigindo-se em continente á capella.

Catharina continuava desmaiada. Quem sabe se teria concorrido para o seu lethargo a geropiga, ou beberagem que lhe havia preparado Frederica?

O seu somno era riscado por mil visões: mas tão lúcidas e brilhantes que se assemelhavam mais a quadros phantasticos do que a pezadellos. Podiam só comparar-se aos effeitos da allucinação.

Figurou-se-lhe ouvir fechar o seu jazigo, caír algida e rigida a louza sobre ella... estava morta... estava d'isso bem certa... Mas quem era então, esse que vinha turbar a paz do seu silencio de neve, do seu lethargo de pedra?... Porque a misera escutava bem nitidamente o ecco de seus passos.

Havia morrido, amaldiçoando o irmão, amaldiçoando uma mulher consagrada a Deus, no seu sanctuario, na presença do mesmo Deus. Indubitavelmente, morrera em acto de sacrilegio, em estado de peccado. Não podiam ser pois senão do Anjo das Trevas aquellas passadas lôbregas que sentia soar na gelida solidão do claustro.

Vinham de certo tomar posse da sua alma, para a submetter á purificação das chammas do purgatorio, ou afundal-as nas profundezas do brazido eterno. Parecia-lhe, então, que mais e mais se afundava no seio da morte, n'um anniquilamento sublime e inalteravel. E em seguida figurou-se-lhe que cessavam os ruidos de passos cerca da sua jazida, e em redor pairava só o silencio funeral e augusto, cuja duração não podia precisar. Mas, de repente, roçou no seu labio livido de cadaver um bafo calido e humano. O horror fel-a estremecer e crispar-lhe os cabellos até á raiz.

Áquelle bafo abrasador succedeu um beijo violento e prolongado, como se saísse d'uma cratéra, d'uma bocca inflammada.

Então, atravez mesmo da incoherencia do sonho, recordou-se do que ouvira contar aos soldados que voltaram das crusadas, que narravam que no Oriente, durante a noute, surgiam da terra monstros a quem serviam de pastio os cadaveres. E ao passo que sobre seu labio livido de morta soava o beijo vehemente, pezada e brutamente sentiu sobre o peito uma pressão intoleravel, como se a quizessem asphixiar.

Morta, gelada, hirta, enterrada no jazigo, como cuidava estar, ella fez, comtudo, um esforço desesperado e sobrehumano, para romper o lençol, ruir as paredes do seu sepulchro, e repellir o monstro abominavel, no silencio.

E tão desesperado e mais do que humano foi este esforço, para desprender-se do sudario, que lhe pareceu que, triumphando da morte, abria os olhos e movia os braços.

E, de facto, abria os olhos e estorcia os braços, mas não era n'um jazigo, nem entre os liames da eternidade, era na propria capella em que desmaiára, e aonde a deixaram caída por terra o irmão e a superiora.

Vivia ainda: estava na capella do convento de Nimpkchen: mas, na escuridade d'ella, distinguia inclinada sobre si a figura d'um frade de rosto encarniçado, cujos olhos ardentes fusilavam, articulando, murmurando palavras que ella não comprehendia, ao passo que as suas mãos atrevidas lhe levantavam as roupas.

—Miseravel!...—gritou Catharina.

E, d'um salto, como se a mordesse uma vibora, pôz-se de pé.

—Ouve lá...—cochichou o outro.

Ella empurrou-o com um gesto decidido e terrivel, e começou a correr com toda a força, clamando:

—Assassino!... Soccorro!... Soccorro!... Fogo!...

E gritando assim, corria desatinadamente, acordando os echos da capella com seus gritos desesperados.

Mas o frade corria atraz d'ella, em sua perseguição, murmurando, regougando, grunhindo, e cochichando sempre, ora com vozes meigas e gaguejadas, ora enfurecido:

—Ouve lá, pombinha... Então, escuta... Vem cá, pequerrucha... Vem cá...

Mas Catharina, em carreira sempre desasisada pela capella, gritava, cada vez com mais força, como se a escorchassem viva:

—Assassino!... Soccorro!... Acudam!... Fogo!... Fogo!...

E, mesmo correndo e fazendo esta grita toda, prestava o ouvido a ver se escutava passos de alguem que acorresse em seu auxilio. Mas ninguem acorria: passos alguns se ouviam.

—Não surgirá por acaso alguem?...—pensava ella.—Será isto o inferno?... Antes estivesse morta, realmente!...

Se lhe fosse possivel, ao menos, morrer agora! Porém, como?

Lembrou-se então confusamente de que a capella do convento estava edificada sobre uma eminencia a pique, cuja crista era coroada de rochas.

Seria uma felicidade para ella se podesse lobrigar acaso a porta que dava para aquelles cabeços. Mas para ella o que sobretudo urgia era ganhar terreno sobre o seu perseguidor. Com a rapidez do corisco, a moça planeára tudo isto, e sentindo-se prestes a desmaiar, virou á direita com o fim de se esconder atraz d'um pilar que sustinha a abobada, cujo pilar estava ao pé d'uma parede, e d'onde não podia fugir senão para uma capella sem saída.

Á vista d'isto, não teve outro remedio senão recuar: d'onde resultou que, em vez de ganhar dez passos, perdeu cinco. E n'este momento pareceu-lhe sentir sobre a nuca o sopro abrazador do frade frascario, do satyro feito monge, ou do monge feito satyro, excitado pela gula da carne fresca e do vinho. Curvou-se para lhe atirar com um banco, mas o banco estava pregado no sólo, e teve que renunciar a esta idêa. A joven, correu então toda a nave da egreja n'uma carreira desnorteada, tropeçando a cada passo, e prestes tambem a caír, a cada topada. Como lhe pareceu immensa e enorme, então, a capella!

Correndo, correndo sempre, continuava a pedir em altos brados soccorro a todos os echos da capella, mas ninguem acudia.

O frade estava cada vez mais proximo d'ella. Uma vez chegou mesmo a pisar-lhe a cauda do vestido. Faltou pouco, então, a Catharina para não caír... Já não via quasi... As mãos estendiam-se para deante, tremulas, incertas, tacteando ao acaso... Agarrou desesperadamente na grade que cerrava o côro, e sacudiu-a, porque logo que estivesse detraz d'ella, estaria a salvo. Porém, quando a quiz fechar, depois de ter entrado, não teve tempo, porque o frade havia introduzido metade do corpo já. Tentou então

subir acima da grade para d'ali se arremessar e esmigalhar o craneo no lageado pavimento, mas as suas forças haviam-se totalmente esgotado.

Não lhe restava nem sequer já o recurso de tentar aquelle remedio heroico, e o frade ia já a deitar-lhe a garra velosa de satyro lascivo e bestial e apoderar-se d'ella irremissivelmente.

—Deos de justiça!—clamou a pobre rapariga—abandonar-me-has n'este transe?

Mas n'esta occasião uma porta á esquerda, se abriu de chofre, como se alguem acudisse ao apello.

—Acudam!...—gritou Catharina.

A abbadessa appareceu na soleira da porta, e n'um relance d'olhos conheceu o incidente.

Monsenhor Tetzel cansado de esperar, quizéra saber o que é que retinha tanto tempo a sua companheira do regabofe monacal: dirigira-se, pois, para a capella e fôra testemunha tambem do que ali se passára: vira e ouvira a esbelta moça que queriam coagir a professar á força: achou-a a seu gosto e feição, e quiz cevar seus appetites frascarios, despertados pelas labaredas carnaes que a abbadessa, boa mocetona ainda! lhe soprára dentro do peito, na guapa Catharina, que com as suas lagrimas, a sua face esmaecida, os seus cabellos esparsos e louros, mais enrubescêra e inflammára o seu sangue de capro incontinente.

—Desgraçado!—gritou a abbadessa, encaminhando-se para elle.

Mas frei Tetzel sabia o que queria: e o que queria, n'aquelle momento, não era o corpo da abbadessa, mas o d'aquella guapa virgem, com os olhos marejados de lagrimas.

—Para traz!—gritou o frade, como unica resposta.

E com um alentado sopapo lançou quasi de venta a terra a indiscreta abbadessa, que regougou um gemido abafado.

Catharina, que graças a este incidente podéra fugir dos braços do satyro, deu um pulo para a porta, que ficára entreaberta, e pela qual se via em frente a ladeira a prumo, o esbarrondadeiro temivel, o precipicio voraz e escancarado, que se destacava sob o azul esbatido do céo.

Mas Tetzel, d'um salto, chegára primeiro á porta do que ella, e embargava-lhe a saída. A perseguida moça parecia dever renunciar, por fim, a toda a esperança. Deixou-se caír desanimada então, nas escadas da ara do altar e ergueu para o Christo, em attitude supplice, as suas mãos desfallecidas e tremulas.

Mas o frade garanhão agarrou-a rapida e bruscamente pelos pulsos, e subjugando-a ao cabo, gritou esbufando de cansaço e de triumpho bestial, satisfeito:

—Até que te pilhei!

CAPITULO XXVII

Os perseguidos

—Vós! sois vós!—repetia Sára abraçada aos joelhos de Luthero, em quanto Annibal e Spavento se affastavam nos cavallos a toda a brida.

A pobre judia estava como louca de contentamento.

—Oh! como me fizestes bem, dando um objectivo á minha vida!...

Fallando assim, indicava, aninhada no seu collo, a creança que Luthero lhe confiára no Ghetto, quasi no proprio instante que acabava de nascer.

—Visto isso—perguntou o frade agostinho—esse menino é filho d'aquella judia que morreu, dando-lhe a vida, e que vos pedi que adoptasseis?

—É elle, sim senhor...

—E então esse outro? Tinheis outro filho alem d'aquelle cujo cadaver vi carbonisado a vossos pés?

—Sim, tinha outro,—respondeu Sára, cujos olhos se turvaram com aquella penosa recordação. Tinha outro, sim! Era um innocente que me deram para crear, mas que não era meu filho... Era filho d'uma judia, que pelo casamento de sua mãe, possuia o nome d'uma das familias mais preclaras de Roma. Tinha-o esquecido em minha casa emquanto me delia em lagrimas, ao pé do cadaver do meu. As palavras de consolação que me dissestes recordaram-me o meu dever, e eis o motivo porque me achaes agora com dous meninos ao collo...

A moça tentava sorrir: mas não o conseguiu. Estava tão fraca, tão extenuada pela miseria, pela fadiga da jornada e havia caminhado tanto com a sua pezada ainda que preciosa carga, que mal podia suster-se em pé.

Luthero pegou nas duas creanças e amparando a mãe, conduziu-a á estalagem mais proxima, onde a fez comer e a mandou logo deitar.

No dia seguinte, pela manhã, foi despedir-se d'ella.

Vejo-me — disse elle — forçado a continuar a minha jornada. Esperam-me no convento d'Erfurt, aonde tenho que ir levar uma resposta. Alem d'isso, a missão que me impuz não permitte que me demore, sob pretexto algum.

— Quer dizer que sois obrigado a deixar-me? — disse a hebrea desalentada.

— Assim é preciso, minha querida filha. — Não estaes ainda em estado de andar. Se não fosse isso, teria muito gosto em vos acompanhar e proteger.

— Dizeis o que sentis?

— De certo. Duvidaes?

Não. E visto que é isso, vou pôr-me a caminho sem demora, tambem.

— O que dizeis?

— É isto que vos digo. A boa alimentação e o repouso do somno restauraram-me completamente as forças, e agora sinto-me completamente reanimada para a viagem. Eu vou para Grimma aonde habitam os paes do pobre marido que me morreu. Foi aquelle ponto que eu marquei a meu pae, para se reunir a mim, e se quizerdes faremos juntos a jornada, até onde as nossas forças poderem.

A moça judia expressava-se com um timbre de voz tão sympathico e insinuante que Luthero não se oppôz mais.

— O meu desejo é tambem esse — disse elle. — Eu levarei as duas creanças.

— Como sois bom!... — exclamou a pobre judia.

E accrescentou com sombria expressão:

— Ah! se todos os frades se vos assemelhassem...

Uma hora depois, punham-se a caminho.

— Se eu conseguisse leval-as todas tres a Grimma! — dizia comsigo Luthero.

É preciso dizer que o frade agostinho não tinha muita confiança em tal, porque o assaltavam receios fundados ácerca da sorte destinada aos judeus da Allemanha pela gente da Santa Sé, segundo o que ouvira bacharellar e referir, quando saíra de Roma.

Sára — segundo elle se convenceu — vivia toda entregue á desgraça da sua viuvez, e bastante afundada na cogitação das miserias proprias, para que fizesse reparo n'aquelles symptomas assustadores.

Comtudo, nem por sombras lhe referiu os seus presentimentos, e só pensou em não lhe desfallecer nem quebrantar o esforço, que tão opportunamente acordou n'ella, na occasião em que mais urgia tel-o.

A presença de Luthero, e a esmola de Spavento haviam-lhe de novo infiltrado nas veias a calma e a pacificação. De novo se pozéra, pois, a jornadear cheia de resolução e animo.

O primeiro dia da jornada foi inteiramente votado ás confidencias, por parte de Sara, é claro, — porque ella respeitava escrupulosamente os segredos que suppunha adivinhar na fronte do seu libertador.

Contou-lhe, pois, a sua historia. Narrou-lhe como perdêra sua mãe

n'uma cidade tomada d'assalto, e de como a protecção de Lourenço de Médicis, o proprio sobrinho do Papa, em cuja casa residia havia muitos annos, seu pae Abrahão, não impedira, todavia, que seu marido fosse queimado vivo, accusado de a haver defendido contra os esbirros pontificaes.

Luthero lamentou com ella aquellas vexações criminosas: e em voz baixa repetiu as maldições que ella proferia com entono sombrio contra os inquisidores e aquelles que elles empurravam para a sua obra infame. Luthero, no emtanto, para lhe distrahir o espirito d'aquellas cogitações lugubres, e fazer cessar uma indignação que os podia comprometter a ambos, interrogou-a novamente sobre a creança que lhe haviam dado a crear.

Ella repetiu-lhe miudamente o que já não ignoram os nossos leitores, isto é: que aquella creança que se chamava Giannino, era filho de Francesca Pandolfini e de um fidalgo, cujo nome ella ignorava, que, para a desflorar, se aproveitára da ausencia da mãe de Francesca. Ajuntou mais que Francesca era judia por sua mãe Noémi, que professára ha muito no convento de Ninpkchen, onde agonisava de pena, se não se finára já.

—Provavelmente, ides levar-lhe, a pedido de Francesca, essa creança, não é assim?

—Vou levar-lh'o, com effeito, se encontrar a avó ainda viva, mas não é a pedido da mãe...

—Porque, então?

—Porque a mãe morreu.

—Francesca morreu?

—Sim. No dia em que, espavorida pela nova matança, para salvar meu filho adoptivo, resolvi saír de Roma, fui ter com ella, para lhe entregar o seu. Mas os creados aturdidos é que me receberam só, e foi quem encontrei. Inquieta e turbada por um sinistro presentimento, perguntei-lhes pela ama. Elles apontaram-me para uma casa proxima. Mas quando penetrei n'esse compartimento, soltei um grito medonho. O pae de Giannino estava estirado no chão, ao comprido, morto (reconheci-o facilmente, porque o vira algumas vezes em casa de Francesca), e, estendida tambem sobre o seu cadaver, distingui uma mulher morta, como elle, que era a amante, coitadinha! a mãe d'este pobre menino... Não tive valor para me demorar mais ante aquelle triste espectaculo, e fui-me embora...

—Pobre mulher!

Sára quedou-se, depois d'estas confidencias, silenciosa, e tornou a afundir-se nas suas cogitações melancolicas.

Iam caminhando assim, reflexivos e em silencio. A judia partilhava pelas duas creanças o mesmo amor acendrado. Votava os seus affagos e carinhos, irmãmente, tanto pelo filho da judia do Ghetto, como pelo de Francesca, e queria-lhes tanto a ambos, como a seus filhos mimados. O filho d'ella, o que perecêra no incendio, chamava-se Ismael, e este mesmo nome pozéra ella ao adoptivo, suppondo-o israelita, como o fazia suppôr, fundadamente, a morte tragica da mãe.

A pobre Sára velava com uma solicitude maternal pelos dous, consolando-se, por esta fórma, com as alegrias que lhe roubára a sua perdida maternidade.

Luthero, que era quem levava a maior parte do tempo os pequenos ao

collo, ia andando e cantando, para fazer esquecer á companheira de jornada as fadigosas horas de viagem. E, de facto, as singelas melodias psalmodiadas por aquella voz sonora, alegravam o coração da judia, encorajavam-a, faziam-a andar com passo mais ligeiro e lesto, e, durante doces horas inteiras espancar seus pensamentos melancolicos.

Mas, á noute, quando Luthero cessava de cantar, elle ouvia-a resmonear, baixo, syllabas extranhas, que acompanhava de gestos solemnes.

—Estará douda?—perguntára o frade a si mesmo, ao principio.

Não seria de surprehender que tal tivesse acontecido, em vista das innumeras catastrophes que sobre a alma d'ella haviam desabado, e isso mesmo suppunham tambem os transeuntes que paravam para contemplar aquelles viajantes originaes.

A pouco trecho observou Luthero que a sua companheira interrompia, por vezes, os seus monologos, para fazer invocações a certas plantas, a determinadas arvores, e até aos rochedos, ao passo que seguia, com olho fixo e attento, o vôo dos passaros pelo azul.

—Terá o seu quê de feiticeira?...—magicou elle comsigo.

E esta descoberta deu-lhe certo cuidado e receio por ella, porque é bem sabido quantas suspeitas geravam então os judeus n'aquella época, graças ás suggestões dos poderosos. A situação d'aquella miseranda raça era identica quasi á que atravessa na Russia, na actualidade. Bastava ser judeu para ser olhado de esguelha e má catadura.

Luthero observou mesmo a miudo o modo por que fitavam Sára os viajantes, sobre tudo se eram frades, porque os habitos d'elles denunciavam-os á legoa, assim como os vestidos da judia. Em certa occasião, mesmo viu-se obrigado a defendel-a contra as violencias d'alguns peregrinos exaltados. O que occorreria, pois, se a surprehendessem em flagrante delicto de bruxedos?...

Certa noute, como não tivessem encontrado estalagem, pernoutaram sob um carvalho.

Luthero, que não podéra conciliar o somno, notou que Sára se havia afastado d'onde estava, e trepando a um serro, erguêra por trez vezes consecutivas os braços á lua, articulando palavras hebraicas, cujo sentido em vão Luthero procurava penetrar.

Apoz estas evocações, viu-a colher, com as mais extravagantes precauções e formulas, certas plantas que machucava com um calhau sobre a rocha, descrevendo juntamente, com uma varinha, circulos mysticos, e interrompendo por vezes estas cousas extranhas, com a imitação do canto de alguma ave nocturna.

Á quarta chamada, surgiu, como por encanto, da rocha, uma velha andrajosa, que Sára saudou, com veneração, e para quem se dirigiu. Depois de conferenciarem largo espaço, em voz sumida, acompanhando as palavras com gestos violentos, aproximaram-se do grupo que formavam as duas creanças e de Luthero que simulou que dormia.

A velha cortou uma pequena madeixa de cabellos a cada uma das creanças, rasgou um bocado do vestido da judia, voltou ao rochedo, espremeu n'um vaso o succo das hervas amontoadas na cavidade d'uma pedra: e, a toda a pressa, — com a mão esquerda — arrancou, sem para elle olhar,

um ramo de belladona, triturou-lhe as folhas e misturou-as ao liquido escurentado do vaso. Feriu depois lume, pelo attrito de dous seixos um contra o outro, accendeu um bocado de tojo, e queimou á chamma d'elle a madeixa de cabellos e o pedaço de fazenda da judia, e misturou depois as cinzas ao conteudo ainda do vaso. Depois vasou o liquido dentro d'um

Á quarta vez que chamou surdiu uma velha esfrangalhada, que pareceu surgir do rochedo. Sara foi direita a ella.

CAP. XXVII.

frasco que entregou á israelita, deu trez voltas em torno do rochedo, e desappareceu, por fim, tão mysteriosamente como surgira, deixando Luthero estupefacto. Sára, depois de esconder o frasco no seio, tornou novamente a vir deitar-se ao lado das creanças.

No dia immediato, pareceu estar muito tranquilla, e andava quasi

alegre, ou, pelo menos risonha. Durante esse dia, Luthero quiz interrogal-a com discrição, dando-lhe a entender que não dormia. A judia curvou a cabeça, e disse:

—As trevas enganam... o homem de noute sonha mil chimeras... Os seus olhos, que são menos penetrantes que os dos animaes, distinguem mal na escuridão...

E depois d'isto, não disse mais palavra em todo o santo dia.

Á medida que avançavam, e que attingiam quasi o destino da jornada, a turbação de Luthero augmentava. A cada passo que davam, a irritação latente que elle já conhecera nos olhos e catadura dos viajantes que passavam, a respeito da judia, era grande. Evidentemente alguem havia semeado no espirito da gente d'aquelles povoados um fermento d'odio e rancôr. Certo dia Luthero fez parar bruscamente a sua companheira junto d'um valle.

—O que ha?—perguntou ella.

—Schiu!—respondeu elle, pondo um dedo na bocca, e impellindo-a para um bosquesinho em que ambos se occultaram.

Tinham apenas lá entrado, quando appareceram na estrada, envoltos n'uma nuvem de pó, dous cavalleiros. Um d'elles era alto, delgado, e trazia uma capa verde: o outro envergava o habito de dominicano, e era gorducho e córadito.

—De facto, é elle—disse Luthéro, inclinando-se um tanto para o vêr melhor.

E voltou-se para Sára, dizendo-lhe:

—Reparae bem n'este homem, para vos lembrardes da sua physionomia.

Sára, de facto, observou-o com toda a attenção.

—Não mais me esquece—disse ella.

Os dous cavalleiros passaram á desfilada, trocando algumas palavras em voz baixa, ao passo que o dominicano lhe indicava um certo ponto no horisonte. Este ponto era um dos campanarios de Grimma, o termo da viagem da judia.

—Partamos depressa—disse Sára, a quem a proximidade da terra desejada fazia esquecer todas as trabalhosas fadigas da jornada.

E saindo do bosquesito começaram a trilhar o mesmo carreiro dos dous cavalleiros.

—Recordae-vos—disse Luthero—que aquelle frade dominicano chama-se Tetzel.

—Tetzel—repetiu a judia, para não esquecer o nome.

—Recordae-vos que é vosso inimigo, e talvez mais vosso inimigo do que meu, e que o mesmo de certo se dá com o seu companheiro, e com aquelles de quem o virdes alliado.

—Não me esquecerá mais—disse.

E continuou a andar, agradecendo a Luthero o interesse que tomára por ella, durante todo o caminho, graças ao qual tanto ella como as creanças tinham chegado quasi ao termo da jornada incolumes.

Por um phenomeno proprio dos paizes montanhosos, Grimma parecia recuar deante d'elles, á medida que avançavam.

O sol descia no horisonte, e o caminho que tinham ainda que percorrer parecia sempre o mesmo. Sára comprehendeu, ao cabo, que não chegariam lá ainda aquelle dia.

No outro dia, pela manhãsinha muito cedo, ao raiar da alva, pozeram-se de novo a caminho, e só chegaram a Grimma, depois de ha muito sol nado. Desgraçadamente não se lobrigava por ali perto estalagem alguma, o que desgostára Luthero que estabelecêra como medida prudente não viajar de noute, tanto quanto fosse possivel. Entrementes, continuavam caminhando. O sol havia muito que morrêra: mas o horisonte continuava ainda raiado de vivos tons côr de sangue, para a banda de Grimma, e as aguas do rio continuavam purpureadas, apesar das trevas descerem. De que procederia aquelle phenomeno extranho?

Acabrunhados por um presentimento vago, proseguiam ambos os viajantes o seu caminho, sob uma atmosphera asphixiante. Sára, que desfallecia de cansaço, tentou encostar-se n'um monticulo do caminho: mas Luthero deteve-a, dizendo-lhe com espanto jovial:

—Uma casa! E parece uma estalagem, pela apparencia.

Amparando quasi nos braços a pobre judia semi-morta de cansaço e a quem a esperança encorajou logo e fez cobrar esforço, Luthero continuou a caminhar de novo.

A breve trecho, conheceu que não se equivocára. A casa era, de facto, uma pousada, e ainda que, seja-nos permittido confessar, podia ser tambem uma espelunca de ladrões, porque, na realidade, á porta de tal baiúca pouco surprehenderia vêr surgir um estalajadeiro ou um bandido. Assim tambem pareceu de certo ao frade: mas como não era permittida a escolha porque a misera mulher estava extenuada, não teve remedio senão conformar-se. Demais, o céo nublava-se, ameaçando tempestade, e emquanto a ladrões nem elle nem Sára tinham muito que recear pelo seu monetario. Que rapinante ou bandoleiro, ao seu miseravel aspecto indigente, se lembraria de os piratear?...

Assim pois Luthero, resoluto, transpôz a soleira da porta.

A primeira casa, ou compartimento, cuja mobilia se compunha de uma mesa rodeada de bancos, estava solitaria. Sára, cançada do caminho, deixou-se, por assim dizer, caír em um dos assentos, emquanto Luthero se dirigia para a cosinha que deitava para o pateo. Mas a cosinha estava egualmente solitaria. O frade ia chamar por alguem da locanda, quando o que lobrigou pela janella o fez parar.

A dona da estalagem, que era uma mulher alentada e de proporções athleticas, conversava á porta da baiúca, com alguem que Luthero cuidou reconhecer, ainda que se não affirmou bem. Para observar melhor, abriu a janella, e enxergou um cavallo que reconheceu acto continuo. Abriu-a um pouco mais e descobriu tambem o homem da capa verde, que encontrára no caminho, em companhia de Tetzel.

Estaria tambem o sicario do frade com elle?

Para se certificar Luthero abriu a janella de par em par, e ao rechino que produziram os fechos, o cavalleiro da capa verde levantou a cabeça. Luthero poude convencer-se de que effectivamente elle estava sósinho mais a patrôa, com o que ficou um pouco mais socegado.

—Ali está gente—disse o homem da capa á hospedeira, alçando os olhos para a janella.

—O que quereis?—perguntou a mulher com voz aspera ao frade agostinho.

Comida para mim e para uma pobre mulher, que encontrei no caminho, e cama, pagando o que fôr...

—Pagando, tudo se arranja!—disse a mulherona.—Mas tereis que vos conformar com o que houver, assim como este senhor.

E indicava o cavalleiro.

—Quanto á cama—continuava a mulher—ella terá que dormir na casa de jantar, e vós na sala, a não ser que queiraes ficar tambem na casa de jantar com ella...

E, dizendo isto, a mulherona ria.

—Eu dormirei n'um banco—replicou Luthero serenamente.

—Como quizerdes.

Uns segundos depois, a locandeira punha na mesa um jarro de cerveja, meio presunto, couve fermentada, e um enorme pão e queijo. A estalajadeira ia a cortar o presunto para começar a comida, quando o homem da capa verde fitando muito Sára, que até então não proferira palavra, disse para a locandeira:

—Esperae. Creio que aqui todos somos bons christãos—exclamou, pondo-se de pé.

Luthero começava a estar um tanto inquieto.

—Não somos pois d'essa gente que senta á mesa, sem entoar o *Benedicte*.

A judia continuava sem dizer palavra, e o homem da capa sem despregar d'ella os olhos. Por fim, disse:

—Olá, ó mulher do cabello preto, não ouvis?...

Luthero quiz intervir: mas o homem não lhe deu tempo, e abeirando-se de Sára immovel, perguntou-lhe com entono brusco:

—Negaes-vos a resar? Com que então, sois incredula?

E deu com a mão fechada um murro na mesa.

A locandeira, intromettendo-se, opinou:

—Tem mesmo ares d'isso!

—Ah, se eu tivesse a certeza!—esbravejou o homem com extranha expressão de rancor.

—Não vos irriteis—disse Luthero. Nada sei d'esta mulher senão que é surda.

—Ah! E tambem é muda?

—Tal e qual.

—Sim?... Em todo o caso isso não quer dizer nada...

—Porque não ceamos?—disse muito a proposito a locandeira.

Luthero entoou o *Benedicte*, accrescentando para si, em voz baixa:

Deus clemente, perdoae-me esta mentira!

Mas o homem da capa verde continuava resmoneando:

—Nós veremos se aqui não ha *historia*...

A ceia durou pouco tempo, e correu silenciosamente. Luthero, com o pé por debaixo da meza, fizera signal a Sára, e dardejara lhe um olhar muito

significativo. A judia comia, sem descerrar os labios, occupada, na apparencia, em observar o appetite com que manducava a mulherona allemã, que dava ao dente, com grande desenfastio. Em meio da comida, a mulherona levantou-se, para ir buscar cerveja, e teve que abrir a janella para dar luz á baiúca.

O céo então appareceu avermelhado e flammejante, da banda de Grimma.

—Parece a vermelhidão d'um incendio!—disse Luthero.

O homem da capa verde esvasiou o copo de cerveja, e disse com absoluta indifferença:

—Com effeito, é um incendio.

—Que dizeis?

Luthero observou que Sára empallidecia, e tocou-lhe com o cotovello, disfarçadamente, para que ella dissimulasse.

O homem da capa accrescentou:

—É o que vos digo. Grimma está ardendo.

—Grimma!...—exclamou Luthero.

Felizmente a escuridão que reinava impediu que fosse notada a turbação e a pallidez que se denunciavam em Sára.

—Tendes a certeza d'isso?

—Toda a certeza—berrou o cavalleiro da capa, sorrindo.—Se venho de lá, agora!...

—E porque não vos demorastes em Grimma para ajudar a apagar o fogo? Deveis ter negocios muito urgentes...

O tom com que Luthero proferiu isto era amargamente escarninho.

Mas o homem da capa, sem se desconcertar, replicou:

—Oh! de certo urgentissimos, a mais não poder ser...

E com o olho suspeito e d'esguelha espreitava Sára.

—Trata-se continuou de dar caça aos judeus que foram os que deitaram o fogo.

A judia, com um movimento instinctivo, estreitou a si os meninos dormidos no regaço.

Luthero, conhecendo que se approximava a tempestade, pôz-se em pé, e disse:

—Dizeis que foram os judeus...

—Os que deitaram fogo a Grimma;—continuou o homem—quando eu o affirmo é porque é certo!—regougou elle.

—É falso!—gritou Sára, pondo-se rapidamente em pé.—É falso! Mentis!

—Desgraçada!—exclamou Luthero.

O cavalleiro, que tambem se levantou bruscamente, casquinava, com um modo burlão e atrevido:

—Olá! Olá, ó bella!... Com que então, não sois surda, nem muda?...

E mudando de tom, ajuntou:

—Mas judia sois?...

Luthero quiz sustar a resposta nos labios da israelita, mas nada conseguiu, porque Sára, trémula de indignação, exclamou:

—Sim, pois bem, sou judia! E então? Que tem?... Sou judia, sou d'essa raça que crucificou o teu Deus!... Que mais?...

Desafiando o homem com o olhar que chispava lume, e com o entono, apertava estreitamente as creanças ao seio.

—Que mais?—disse escarninhamente o homem—Pois estaes perdida. Eis a causa.

—Isso é que ainda se ha-de ver—disse Luthero.

E pondo-se adeante da judia, antes que o homem da capa tivesse tempo de saltar por cima do banco, atirou-lhe uma pancada de truz para cima da cabeça.

—Pelo páteo!—gritou Sára, correndo pela porta, atabalhoadamente.

Aturdido e assarapolhado pela pancada de Luthero, o homem tentou baldadamente impedir que a judia se escapasse: mas Luthero, de um salto, pôz-se ao lado e applicou novo e alentado murro ao peito do matulão que o atirou de venta em terra, arrastando comsigo a locandeira que saía então da adega com jarros de cerveja em punho, rolando ambos pela escada abaixo, de vento em pôpa.

Luthero, lésto como o raio, fechou o alçapão á chave, e casquinou uma estrondosa gargalhada em cheio.

—Vamos-nos depressa—disse Luthero á judia, rapidamente.

E dirigindo-se para a cocheira desatou o cavallo do homem da capa, saltou-lhe na sella, pôz na dianteira a judia, e desatou á desfilada, estrada fóra.

Desgraçadamente, começou a caír uma bátega d'agua torrencial que encharcou os caminhos e os tornou intransitaveis.

Acostumado a fardo mais ligeiro, a carga menos pesada, o cavallo tropeçava e a cada passo corria risco de caír. Iam já para desmontar, comprehendendo que iriam mais depressa a pé, quando os fez mudar de alvitre uma infrene gritaria que ouviram atraz de si. E os que levantavam contra elles tal grita eram o homem da capa verde e a patrôa da baiúca.

—Fujamos! Fujamos!—gritou elle para a judia.

Luthero cravou esporas nos ilhaes do animalejo, mas em pura perda. A besta não se movia.

—Esperae,—disse elle a Sára.—Eu vou-me apear, e sendo vós só a montal-o guial-o-heis facilmente, e em Ninpckchen ou em Grímma nos reuniremos. Logo que tiverdes passado a ponte, segui pela estrada sempre a direito.

Ia já Luthero para se apear, quando ella lhe disse:

—Não, não quero consentir que vos percaes por mim. Ide vós a cavallo.

O frade recusou, e aquella lucta de generosos sentimentos ter-se-hia prolongado, se não occorresse um incidente que, tornando mais imminente o risco, os obrigou a pensarem ambos na defeza propria.

Pela ponte, mesmo em frente d'elles, desembocava um pelotão de soldados arcabuzeiros, pelo que se podia enxergar a distancia.

O homem da capa verde, que não perdia terreno, vozeou um grito de feroz alegria, mal os descobriu, e trepando a um comoro que se aprumava a um lado do caminho, pôz-se a buzinar em altos berros, com um grande vozeirão.

—Soccorro! Soccorro! Sús a esses herejes! Sús! Fogo!...

Os soldados pararam atarantados áquella descommunal vozearia. Mas, evidentemente, o official conheceu pela voz o homem da capa, porque áquelle commando imperativo mandou formar em fila os arcabuzeiros e occupou a ponte.

Luthero hesitou alguns segundos: mas, depois, puxando a redea do cavallo, dirigiu-o para longe da costa.

Varias detonações de arcabuz ribombaram ao mesmo tempo.

Sára exhalou um grito, e o cavallo caíu exanime por terra morto.

Tomando nos braços a desmaiada judia, então, ferida com uma bala nas costas, fugiu com ella atravez dos campos e das leiras.

—Catrapuz! Lá se atiraram ao rio!—gritou a estalajadeira.

—Isso seria uma morte muito suave e repentina—urrou o homem da capa.

E em continente gritou á soldadesca:

—Corram léstos! Depressa! Tragam-m'os vivos, tanto á mulher como ao frade!

—É uma judia!—uivava de raiva a estalajadeira.

Estas ultimas palavras produziram nos caserneiros o effeito d'uma excitação semelhante á do açulamento aos cães. Esquecendo que a batega d'agua, que caía a potes, os encharcava como uma sopa, corriam como uns desesperados atraz da misera judia que o pobre frade fugitivo levava nos braços, ferida, para a livrar da sanha d'elles, e quasi extenuado já sob a carga, as pernas vergando como arcos de pipa.

Aquelle que mais furia manifestava era o official. Sem duvida, pretendia ser agradavel ao homem da capa verde, e, por isso, póde-se dizer litteralmente que voava. E, ao cabo, poude catrafilal-o no momento mesmo em que elle ia alcançar a riba do rio, e esbravejou triumphantemente:

—Até que te filei!...

E de facto, n'este instante, puxava com as mãos ambas pelo habito de Luthero.

Mas um alentado murro lhe fez depressa largar a aba do habito e rollar n'uma esterqueira, levando entre as mãos crispadas um bocado ainda do panno do habito.

E um grito de pasmo saíu no mesmo instante do todas as gargantas escancaradas, porque Luthero e mais o seu pezado fardo havia-se arremessado á agua.

Os perseguidores do frade, correndo todos de roldão á praia, soltaram involuntariamente um grito furioso, ao verem-n'o affastar-se n'uma bateira de pescador, para a qual Luthero havia corrido com todos os alentos que presta o desespero.

—Fogo! Fogo!—regougava o homem da capa verde.

Felizmente os arcabuzes tinham-se descarregado quando deram a primeira arcabuzada, e era empreza difficil n'aquellas eras carregal-os de novo, sobre tudo attendendo á humidade do tempo. Em quanto a soldadesca tentava e emprehendia tão demorada operação, a bateira voava, impellida por uma violenta e benevola corrente. Soaram algumas detonações ainda, mas improficuas, sem resultado.

—Deixemos-nos d'arcabuzes e corramos-lhes nas piugadas... berrou, com um grande vozeirão, o homem da capa, fulo de ira.

A esta ordem os soldados dividiram-se em dous grupos: um d'elles commandado pelo official, e o outro pelo cavalleiro da capa verde.

—Depressa! Depressa!—murmurava este—porque a noute approxima-se cada vez mais.

E, de facto, assim era. Os campos cobriam-se de opacas sombras, e o céo escurecia de todos os lados, excepto da banda de Grimma, sobre a qual continuava a flammejar a aurora boreal de um grande incendio.

O official e os soldados atravessaram a ponte, emquanto que outro pelotão seguia a margem opposta. Tomaram os perseguidores por um caminho mais curto, e pozeram-se no mesmo nivel de Luthero, que ao conhecer-se perseguido por uma e outra riba, fez por manter sempre a barca a igual distancia das duas margens, no centro da corrente.

A tactica era excellente porque se punha ao abrigo dos seus tiros, e contava cançal-os mais depressa do que elle. Este estratagema desesperou os inimigos, que bufaram enraivecidos.

Mas de golpe, os seus gritos furiosos converteram-se em exclamações de gaudio. Era evidente que elle corria algum perigo occulto, e que ignorava: perigo que os scelerados conheciam, e que elle não descortinava.

Mas subitamente, distinguiu um estrepito surdo, que parecia o echo d'uma voz solemne e profunda. Era o estrondo que produz uma cascata despenhando-se, em catadupas, sobre uma rocha angulosa. O frade e a sua protegida corriam, vertiginosamente, para um abysmo. Tentou remar em sentido opposto: mas a torrente attrahia-o com uma insuperavel força.

—Estamos irremediavelmente perdidos! exclamou. Ha-de-me ser impossivel salvar estes desgraçados! Oxalá que a mulher não torne a si, e passe insensivelmente do desmaio á morte...

Mas nem este derradeiro consolo estava reservado á misera israelita. A frialdade da agua, o vento, o estrepito da cascata acordaram-lhe os sentidos, e arrancaram-a á syncope.

—Onde estão os meus filhos? perguntou, mal descerrou os olhos, com o espanto pintado na face.

Luthero mostrou-lh'os com um gesto.

—E nós para onde vamos?—perguntou, recordando-se vagamente da sua situação. Para onde vae esta barca? D'onde procede este barulho infernal?

O frade silenciosamente apontou-lhe os soldados que das duas margens os perseguiam.

—Ah! é verdade! disse ella então, acurvando a cabeça no peito, commovida.—Perdoae-me! Eu é que tenho culpa de tudo!...

E a pobre mulher depois de se ter mantido em silencio alguns instantes, abraçou-se ás creanças, dizendo:

—Meus filhos! Meus pobres filhos!...

A bateira, entrementes, corria ligeira como uma flexa, ao passo que a cascata rugia, com o estampido de milhares de trovões. Luthero orava em voz sumida, e largara de todo os remos, abandonando-se ao triste destino inevitavel.

Mas, de chofre, pondo-se de pé exclamou:

-O que é aquillo?...

Em frente, mesmo á tona da agua, boiava um colossal carvalho, como se fosse uma ponte.

Os soldados serviam-se d'ella effectivamente como de uma ponte, e collocando-se no seu annoso tronco, como em uma muralha, d'ali lhe observa-

A barca precipitava-se no abysmo com rapidez vertiginosa.

CAP. XXVII.

vam os movimentos e lhe embargavam o passo, prestes a arcabusal-os: de modo que, admittindo mesmo que a bateira podésse escapar ao redemoinho, ao sorvedouro da cascata, cairia em poder dos soldados que a esperavam com casquinadas de mofa.

O perigo, pois, duplicára. Perecer, afogado na torrente, era pelo menos

uma rapida morte certa: mas caír no poder da soldadesca era sujeitar-se infallivelmente a torturas e supplicios sem termo.

Do carvalho á cascata mediava um pequeno espaço livre, e desobstruido.

—Dirigi a barca para a cascata!—exclamou Sára.

Luthero pegou novamente nos remos, e remou com todas as forças para o pequeno espaço que mediava entre o carvalho e a cascata, local que, com a escuridão que fazia, elle mais adivinhava do que podia vêr. No emtanto, pôde dirigir sem difficuldade a bateira.

A riba do rio formava, á direita, um pequeno recanto, em que o embate das aguas havia produzido alguns estragos: e, no momento em que Luthero se inclinava para a judia, talvez para lhe dar o eterno adeus, a canôa precipitava-se vertiginosamente para o sorvedouro. Os soldados postados na margem e em cima do carvalho, viram-n'a deter-se um momento na garganta da cascata, retida por uma rocha que se aprumava em meio da torrente, e voltar-se e desapparecer, ao cabo, no pego.

E um grito de gaudio feroz saudou a sua queda.

Depois mais nada se viu...

CAPITULO XXVIII

Outro frade, outro amor

Catharina de Bora continuava sentindo com horror sobre a sua face a impressão dos beijos de Tetzel.

—Miseravel! Cobarde!—clamava ella.

E baldadamente se esforçava em mordel-o. O frascario do frade defendia-se, sorrindo de um modo asselvajado.

Mas, de subito, contrahiu o rosto, e soltou um entranhado grito, e no mesmo instante a joven sentiu que o frade a largava.

Uma pujante mão de ferro acabava de empolgar Tetzel pela pescoceira, e sacudia-o com força, masculamente.

Tetzel tentou virar-se para o seu inimigo desconhecido: mas a mão de ferro potente que o subjugava, impedia-lhe e sustava-lhe qualquer movimento. Depois de estereis esforços para se desaggregar d'aquelle aperto, sentiu-se, por fim, atirado de venta a terra, despresivelmente.

Vendo-se escapo, Tetzel bufou:

—Quem foi que se atreveu?... Quem foi o atrevido, que...

Mas, deante d'elle, aprumado, na penumbra, erguia-se ameaçadoramente o vulto de um homem.

—Fostes vós que fizestes isto? regougou o inquisidor. Fostes vós que vos atrevestes a pôr mãos profanas nas minhas vestes? Não sabeis que são sagradas?

—São menos do que esta joven?

—Caçoas commigo?...—esbravejou o outro, rebentando de iracundia. Não sabes com quem fallas?

—Não tenho necessidade de te vêr, para te conhecer.

—Que queres dizer na tua?

—Que conheço um crime teu semelhante a este, perpetrado longe d'aqui.

—Aonde?

—Aquelle era ainda peor, porque havia um marido ultrajado, se acaso não existia o ultraje ao Christo.

Tetzel pateou com o pé no chão.

—Basta já de charadas—disse elle.

E curvou-se, a ver se descobria as feições do desconhecido que o interpellava.

—Quem és tu, afinal?

—Quem sou? Ainda m'o perguntas? Tão familiares te são pois estes crimes, que nem mesmo depois do que te disse me reconheces?

E abeirando-se d'elle, com voz sumida, e torvamente, disse-lhe:

—Eu sou o irmão de Bertha!

—Bertha! repetiu Tetzel, com um timbre de voz que denotava um espanto e um pavôr, difficil de exprimir.

O desconhecido quedou-se immovel deante d'elle, n'um silencio e uma algidez d'estatua.

Tetzel, sem se atrever a desviar d'elle o olhar, sem ousar virar-lhe as costas, começou a andar ás arrecuas, tentando chegar até á porta aberta, que sabia que era d'aquella banda. Os seus sapatos deslisavam sobre o pavimento, sem produzir o menor ruido: e quem o visse hiante, os olhos esbugalhados pelo medo e o espanto, tel-o-hia tomado por uma sombra ou um espectro.

Mas, continuando a andar assim de recúo, abalroou com o corpo da abbadessa, que continuava no chão desmaiada, com as apparencias todas d'um cadaver. E em tal estado de sensibilidade estavam os nervos do cachaçudo frade, que com o embate estremeceu e quiz gritar: mas a voz estrangulou-se-lhe na garganta, e só poude deitar a fugir ataballhoadamente. Corria com tanto desatino, que por um pouco saltou fóra da balaustrada que o separava do precipicio.

Espavorido, quasi ensandecido de medo, tornejou a capella, correu aos pulos pela horta fóra, e só parou emfim quando, tropeçando, caíu de venta ao chão, em um sulco aberto.

E como se ainda conservasse na retina a imagem persistente da tôrva e ameaçadora catadura do desconhecido, tapou os olhos com as mãos.

O desconhecido, a este tempo, descrusava os braços que havia crusado no peito, em attitude provocadora, ao principio. Mas alguma cousa, logo, attraíu a sua attenção. Sentira sobre a mão d'elle um beijo, e o rolar d'uma lagrima saliente.

—Que fazeis?—murmurou, acurvando-se para o vulto na escuridão.

—Oh! não retireis essa mão que acabo de beijar e quero beijar ainda!... —disse Catharina. —Não retireis essa mão que acaba de me salvar do opprobrio. Foste o meu libertador. Deixae, pois, que vos bemdiga, como ha pouco abençoaria a morte, e digo ha pouco, porque agora não quero morrer. Agora desejo a vida. Como sois bom!... Dizei-me, como viestes aqui, e d'onde viestes? Sinto-me feliz. Se soubesses! Creio que o coração me

acordou. Parece-me que é agora que começo a viver. Quando tudo nos inspira asco, é delicioso amar, estimar, respeitar alguem.

O timbre da voz da joven, ao articular estas palavras meio ingenuas, meio embaraçadas, mas sinceras como as d'uma creança que ignora conveniencias sociaes, e diz tudo que pensa, era timido e caricioso, quasi flébil, como se, ao primeiro baque do coração que ama, correspondesse um sentimento de doce melancholia. Continuava encostando a face, levemente rosada na penumbra, ao peito do desconhecido, manifestando-lhe o seu agradecimento em todos os tons, por havel-a soccorrido tão opportunamente, e fazia isto d'um modo tão expressivo que elle sentiu-se pouco a pouco invadido tambem por uma turbação desconhecida, e invencivel languidez, ao passo que ao labio lhe acudiam de roldão phrases enamoradas e enternecidas, que não se atrevia a pronunciar. Commovido, e subjugado pelas palavras d'ella, compenetrado da sua ingenua sinceridade, elle julgava-se tambem na primeira hora da vida.

Catharina de Bora, que ha pouco se suppunha nas lôbregas escuridões do inferno, julgava-se agora transportada ás claridades paradisiacas do céo. A rapidez com que as impressões se haviam succedido na alma d'ella, envolviam todo o seu ser n'um crescente e delicioso quebrantamento, e o espirito como que n'um entorpecimento suave. Por isso cedia, sem tentar sequer resistir, a uma subita inclinação que a attrahia para aquelle homem, cuja face ainda não vira, mas cujo nobre caracter másculo presentia.

Narrou então ao seu libertador quem ella era, e expôz-lhe a dupla violencia de que acabava de ser victima, ajuntando que o claustro, desde então, lhe não inspiraria tanto horror, se este viesse vel-a de vez em quando.

Elle, sentindo o coração latejar-lhe de desconhecido goso, ouvia-a, deliciado. Mas nem um, nem outro, se apercebiam de que o amor creava raizes n'elles, e esta mesma ignorancia prestava á paixão um novo encanto.

Olhavam-se, nas trevas, sem se vêrem, esquecidos do local em que se achavam, e favorecidos pelo silencio e a solidão, porque a abbadessa continuava afundada no seu lethargo. O tangido d'um sino do convento é que os arrancou d'aquella abstracção, fazendo-os voltar á realidade.

— Deus meu! — murmurou Catharina.

E a sua misera situação appareceu-lhe nitidamente á lembrança, escurecendo a felicidade actual.

— Estou enclausurada! Enclausurada!... — exclamou ella.

Esta idéa apavorou-a: e pareceu-lhe que lhe fazia estalar o peito, comprimido pelo peso bestial d'aquellas paredes.

— Não! — disse, com desespero intimo — esqueça, senhor, o que lhe disse... Estava desasisada... Esqueça tudo, porque eu não existo já. Enterraram-me aqui, e sou uma morta, ou menos do que uma morta. Não tenho sequer o direito de viver, e quem pretendesse arrancar-me do meu sepulchro só conseguiria sepultar-se juntamente commigo.

— Mas, apesar d'isso, eu a tirarei! — disse com voz firme e mascula o desconhecido.

Nada mais accrescentou. A voz d'elle vibrou com convicção tão funda,

com energia tão leal, que a joven sentiu acordar no peito um vigoroso sopro de esperança e esforço.

—Acredito-o!—exclamou.—Salve-me, sim! Salve-me!... Ainda que por tal ter tentado, possa apressar a minha morte. Eu morrerei com gosto, com tanto que se não perca por mim.

—Não receie nada—disse o desconhecido.—É-me impossivel agora conduzil-a pelo caminho por onde vim, para chegar aqui. Mas ouça-me: esta noute mesmo estarei ao seu dispôr. Tudo quanto valho e posso lhe pertence. Acredita-me?

—Acredito-o firmemente.

—Esperar-me-ha, então?

—Esperal-o-hei.

—E agora, até á vista...

Diz-me adeus, sem que ao menos tenha o gosto de o vêr á claridade...—murmurou a joven, enternecida, e com uma certa graça na voz, arrastando-o docemente para a luz que banhava o terraço.

—Para que?—dizia elle, resistindo.

—Quer ir então sem me vêr?...—melodiou ella.

Havia tal doçura no timbre fresco da voz da moça, ao articular esta singela phrase, que o desconhecido não poude oppôr mais resistencia.

—Faça-se a sua vontade—disse, deixando-se arrastar por ella até á porta aberta, que a lua clareava com uma pallidez de leite.

Mas soltou uma exclamação d'assombro, quando fitou a face da que ha pouco lhe era totalmente desconhecida.

—Como é formosa!...—titubeou.

E de facto, Catharina apparecêra-lhe adoravel, vestida com um elegante trajo azul claro bordado a prata, os louros e fartos cabellos esparsos, e os maravilhosos e rútilos olhos fixos no seu libertador, cujas linhas do rosto, correctas e firmas, considerava attentamente. Largo espaço quedaram-se os dous, immoveis assim, e extacticos, na contemplação muda, na silenciosa pacificação d'uma noute deleitosa.

Mas, de repente, a esbelta menina que observara o capuz que cobria a cabeça varonil do desconhecido, o que completava os seus habitos monasticos, disse-lhe com a vivacidade da edade juvenil, tão espontanea, e graciosa mesmo por essa aguerrida espontaniedade:

—Esse capuz e esse trajo são um disfarce?

Elle, curvando um tanto a cabeça, e como que ruborisado, respondeu com tristeza:

—Não: é o meu trajo natural.

—Frade!—exclamou a moça.—Sois um frade?

—Sim: o meu infortunio é tão grande como o seu. Porém isto não a deve entediar nem affastar de ao pé de mim, porque juro que não trarei muito tempo mais estes habitos. Acceita este juramento?

—Acceito-o, sim, e agradeço-lhe.

—Como é boa!... Pois bem, agora não lhe digo adeus, mas só: até breve!

Dizendo isto, estendeu-lhe a mão.

Ella apertou-lh'a estreita e affectuosamente, como se o não quizesse deixar ir ainda, e perguntou-lhe, effusivamente, n'um tom de creança:

—Que nome é o seu! Diga-m'o, meu amigo, já que eu lhe disse o meu tambem...

—Chamo-me Martinho Luthero.

—Martinho Luthero repetiu a gentil moça, espaçando, infantilmente, cada uma das syllabas d'aquelle nome, que tão deliciosamente lhe vibrava aos ouvidos.

Depois abeirando-se do moço frade, e fitando-o demoradamente, disse-lhe em voz quasi ciciada, baixo:

—Até á vista pois, Martinho Luthero. Espero-o, com confiança. Confie tambem em mim... que o amo.

—Catharina!... Vós tambem!... Como me fazeis venturoso!...

O frade premiu com a mão o peito, que parecia que lhe queria estalar de ventura. Circumvagou o olhar pelo horisonte, como se quizesse tomar a natureza por testemunha da sua felicidade, e inclinando-se sobre a joven depôz-lhe na fronte um respeitoso e enternecido beijo. Catharina cerrou os olhos.

Quando pouco dèpois os abriu de novo Martinho Luthero havia desapparecido. Em roda, pairava um fundo silencio, interrompido apenas pela respiração oppressa da abbadessa que permanecia ainda por terra, e pelo estrupido confuso da cascata em distancia.

Luthero, pois era elle, na realidade, o desconhecido, não entrara pela porta que ficára entreaberta, como o cuidou Tetzel.

No momento em que a bateira entrava no canal, attrahida pela poderosa corrente da cataracta, o frade sentiu que lhe roçavam na face os ramos d'um salgueiro. Acurvou-se então para a judia, como se hão-de recordar os nossos leitores, mas não já para lhe dar o ultimo e supremo adeus, como se poderia suppôr. Uma idèa lhe havia cruzado, rapida como o corisco, o cerebro, n'aquelle instante: e a judia comprehendeu-o, n'uma só palavra, com essa lucidez que inspiram o aculeo das circunstancias, e executou-a com a rapidez que impõem os momentos supremos e o superior instincto da conservação.

O frade, como se deve talvez recordar o leitor, n'um momento de desespero, abandonando-se á sua sorte, havia largado os remos. Com um rapido e lesto movimento embrulhou na tunica as duas creanças, estreitando-as contra o peito, emquanto que com a outra mão se prendia aos ramos do salgueiro. Sára, ao mesmo tempo, apesar da sua ferida, punha-se de pé e segurava-se aos ramos mais proximos. Depois da subita e rapida execução d'estes movimentos, a bateira enfiou mais veloz ainda no seu caminho, pela torrente acima, até que ao cabo se engolfou no pego, no sorvedouro voraz. E foi este desapparecimento que foi saudado com hurrás estrepitosas pelos quarteleiros.

A espessura da ramalhada impediu os arcabuzeiros que estavam na margem de lobrigar aquella manobra: e as trevas, a escuridão, tambem os

protegeram da gana com que lhes estavam os que se tinham entrincheirado em cima da ponte do carvalho. Posto que a situação d'elles tivesse melhorado um tanto, estava muito longe de ser boa, porque emquanto os soldados se conservassem em cima da arvore, elles não se atreveriam a mover-se receosos de lhes provocarem a attenção. Um dos soldados tocára casualmente com a culatra do arcabuz na cabeça de Luthero: mas elle nem sequer soltou um grito.

O soldado avançou alguns passos, para vêr melhor ainda a bateira virada no redomoinho, e, n'este instante, casualmente, pôz o pé na mão com que o frade se prendia ao salgueiro debruçado sobre o abysmo. Não poude reprimir, mau grado a masculinidade do seu caracter, um grito de dôr: mas, por felicidade, o estrepito da cataracta afogou esse grito. Luthero, entretanto, teve que fazer um esforço violento, para não despegar a mão esmagada do galho a que se suspendia.

Felizmente o soldado retirou-se, e Luthero, então poude largar da arvore a mão estropeada, e segurar-se com a outra.

Mas Sára, n'este entrementes, era presa de uma cruel e amarga anciedade.

—Já não posso mais!—dizia ella.

A ferida do hombro continuava aberta e sangrando, originando-lhe dôres atrozes, que fazia parecer que lhe arrancavam o braço. Além d'isso, afundados até aos joelhos na agua, tinham que fazer esforços supinos para resistirem ao embate enorme da corrente.

—Mais algum valor ainda!—respondeu Luthero á judia.

Aquella situação prolongava-se já em demasia, e a pobre mulher, quebrantadas as forças, e já lassas, sentia-se prestes a deixar-se arrastar um momento ou outro, pela força da agua.

Mas, quando elles estavam já quasi a desfallecer, ouviram o homem da capa verde, que dizia para os arcabuzeiros, com o seu vozeirão imperativo:

—Podem-se ir embora! Amanhã venham buscar os cadaveres.

Os soldados, sem quererem ouvir mais, começaram a debandar costeando a margem, e não tardou muito que Luthero e a judia os perdessem de vista.

—Emfim!—murmurou, suspiradamente, a pobre israelita.

—Esperae ainda um bocadinho!—disse o frade, que receou que aquella retirada repentina não encobrisse algum ardil.

Escutaram a estrupida dos passos perder-se em distancia, e convenceram-se finalmente de que não corriam risco algum em sairem d'aquella perigosa e molesta posição.

Mas, de chofre, quedaram-se immoveis, fitando-se um ao outro com olhos de pasmo e terror.

Figurou-se-lhes que a arvore, a que estavam suspensos vacillava, e pendia por vezes para o abysmo. E assim era, de facto. A arvore, cujas raizes se viam quasi a descoberto, vergava, abalada pelo peso que dos dous corpos suspensos imprimia o tremendo embate da corrente da cataracta.

—Apressemo-nos! disse Sára, estimulando o companheiro a que passasse primeiramente.

—Não: passae adeante, disse o frade—pezaes menos!

A judia começou a subir, segurando-se com as mãos ambas, com toda a pressa possivel, e com as maiores cautellas. A desgraçada tremia. Luthero estava sereno.

—Não me daes os meninos?...—disse ella.

—Dou-vol-os já.

E a judia com um pé em terra na margem, agarrando-se com a mão direita á arvore, estendia a esquerda para pegar na primeira das creanças que o frade lhe passava. A arvore continuava, entretanto, vergando, cada vez mais para o pego, e a Luthero chegava-lhe a agua quasi até meio corpo.

—Depressa! Depressa!—gritava a judia.—Dae-me o outro!

—Não vos apresseis de mais! Cuidado!...—murmurava Luthero.

Mas não acabou a phrase, porque a arvore rangeu com estrondo surdo.

A judia, por um movimento instinctivo, estreitou a creança d'encontro ao collo. E Luthero, com a audacia do acume dos perigos, jogando as ultimas, deu um grande impulso ao corpo, e saltou com toda a agilidade para deante. Este grande impulso acabou de desarreigar a arvore, que caíu desabaladamente ao rio. Mas Luthero, calcava já com os pés, felizmente, o o solo firme. O esforço, porém, que fez para dar o salto, fel-o tropeçar e cair de costas na areia, sem largar comtudo o tenrinho ser que conservou apertado ao peito.

—Meu filho!—gemeu a judia.

Sára, inclinando-se rapidamente, pegou-lhe pelo facto, com desespero, ao passo que com a outra mão se agarrava ás raizes da arvore.

N'este momento, a corrente arrastou-a, levando-a juntamente com grande porção de terra. Sára perdeu o equilibrio, mas não largou o seu companheiro, que caíu na cavidade que as raizes da arvore arrancadas haviam deixado.

Um furioso redemoinho d'agua, como um embate de corcel raivoso, precipitou-se n'essa cavidade, e alagou-a, submergindo e cubrindo quasi com o seu lençol d'agua os quatro fugitivos. Ainda que meio suffocado, o frade teve a presença d'espirito sufficiente para pôr-se em pé, levantando, ao mesmo tempo, a judia. Mas a cheia, o estoque d'agua, continuava augmentando. Recuar, n'aquellas alturas, era atirar-se ao desconhecido, isto é, á morte. Todavia era urgente tomar uma solução, pois a agua continuava invadindo, alagando e submergindo tudo.

Felizmente a cavidade em que a arvore estava enraizada communicava com uma especie de corredor, cujo tecto era formado pela parte do terreno por onde se haviam retirado os soldados.

—Com tanto que seja solido, isto! pensava Luthero aventurando-se n'aquelle antro.—Que não se subverta, debaixo dos nossos pés, fazendo-nos variar só de genero de morte!...

Voltar para a porta d'aquella especie de gruta teria sido loucura rematada, teria sido expôr-se a ser arrastado pela agua sempre crescente. Esburacar o tecto, procurando uma saida, teria sido empreza muito arriscada, e de exito incerto. Todas estas reflexões fez Luthero, n'um momento, ao internar-se n'aquella especie de caverna.

Ao passo que caminhavam por ella dentro, parecia-lhes o terreno mais consistente e duro: e qualquer a teria tomado por uma rocha, tal era, na apparencia, a sua macissa solidez. Illuminados sómente pela claridade da lua, que ao farpar as nuvens, projectava os seus alvacentos clarões na corrente da agua, recuaram, encostando-se ás paredes.

Cuidado! — disse Luthero, que acabava de tropeçar n'um corpo duro.

Seria acaso alguma pedra que lhes embargasse o caminho? Estariam prisioneiros? Felizmente, pelo tacto, conheceram que o obstaculo era cousa de pouca altura. A breve trecho toparam com outro obstaculo egual.

— São escadas! São escadas! — disseram á uma, os fugitivos.

Estavam, de facto, subindo os primeiros degraus de uma escada, cuja regularidade indicava claramente a mão intelligente do homem. N'aquelle seu caso, um incidente d'aquelle genero equivalia a terem encontrado o caminho da salvação. Todavia, o medo de um desengano amaro e crú, paralysava-lhes a alegria, por emquanto. Mas, a cada passo, a esperança renascia, e tomava corpo cada vez mais n'elles.

Sára, anciosa por vêr a luz do céo, e respirar a plenos pulmões haustos de livre ar puro, estimulava o seu companheiro, e impellia-o para deante.

— Devagar! Mais devagar!... — disse Luthero, acalmando-a.

Pararam uns minutos, e em seguida continuaram de novo a ascenção, depois de haverem sacudido os vestidos.

Sára cogitava, de si para si:

Ah! foi o Deus de Israel, que nos libertou da furia da onda, e com a sua mão paterna nos ha-de conduzir a algum hospitaleiro lar, aonde eu possa aquecer os meus pobres filhos!...

Luthero, porém, avançava silencioso. Menos accessivel ao desanimo, dava tambem mais facilmente accesso na alma á esperança.

Portanto, o frade caminhava adeante, levando pela mão a judia, e tateando, cautamente, o terreno. As paredes da rocha estreitavam-se cada vez mais d'um modo evidente. A escada que parecia não ter fim, só com grande difficuldade dava passagem aos dous foragidos. Tinham contado já mais de cem degraus, e de certo que a escada devia ter sido talhada na ladeira d'um monte, n'um declive d'algum serro a pique.

De subito, Sára soltou um grito de alegria.

Mesmo na sua frente, no acume da escada via-se chispar uma luz incerta e debil, semelhante á claridade da lua, ou a uma nesga da aurora pela frincha d'um postigo.

Os dous foragidos estugaram então os passos com anciedade nova, sentindo renascer-lhe azas, com a esperança. Era com effeito isso que lobrigavam, o clarão da lua. Estariam já a salvamento? Ainda não: — haviam chegado apenas a uma especie de cova ou poço praticado no flanco da montanha, fechado por uma especie de grade de barrotes solidos.

Achavam-se, portanto, novamente prisioneiros, e todavia foi para elles uma inexprimivel alegria enxergarem uma nesga de céo, e uma nesga de luar: o céo servindo-lhes de tecto e o luar de lampadario, depois da lobrega escuridão em que haviam estado enjaulados. Em baixo a cascata, semelhante a um lençol de prata, rugia-lhes aos pés. A grade que lhes embar-

gava o passo estava cravada na rocha, e era, portanto, inutil tentar arrancal-a.

Por isso, Luthero, resignando-se a passar ali a noute, fez a Sára uma cama com hervas seccas.

A judia recusava acceital-a, apesar da muita necessidade que sentia de repouso; mas Luthero disse-lhe:

—Eu tambem tenho necessidade de dormir! Não terminaram talvez ainda as nossas terriveis provas, e quem sabe se as forças poderão ser-nos ainda bem necessarias!...

Mal sabia Luthero que verdade encerravam estas palavras.

Dizendo isto, continuou arranjando o leito d'hervas seccas, e depois de preparado, servindo-se d'uns pedaços de pederneira que feriu com violencia, conseguiu, não sem algum custo, accender algumas folhas e plantas. D'ali a pouco, enxugavam as roupas, sentados ao pé d'um bom fogo, cujas flammas tingiam de suaves reflexos côr de rosa as faces das duas creanças adormecidas, n'essa tranquilla serenidade da innocencia. Não tardou, portanto, muito que as creanças dormissem a somno solto no regaço da judia. Luthero, apezar da dureza do leito, não deixou por isso tambem de dormir tranquillamente.

No dia seguinte, logo ao raiar da alva, deu os bons dias a Sára, que amamentava o filho de Francesca, e disse-lhe:

—Eu vou adeante vêr se exploro caminho, e se enxergo alguma saída. Descançae ainda um pouco, que eu virei dizer-vos o que descobri.

Voltou então atraz, pelo mesmo caminho por onde no dia antecedente viera, e onde o fizeram parar as aguas. Aventurar-se por ali era correr a uma morte certa. Deixou, portanto, esse caminho, e voltou de novo á caverna onde dormia Sára, e continuou a subir a escada, sem obstaculo, nem incidente algum, até que contou cento e oitenta degráos que rematavam em um espaçoso patamar, fechado até dous terços da sua altura por um barranco enorme, em rochedo a prumo. Luthero estremeceu de jubilo, pois figurou-se-lhe que não lhe seria difficil escalar aquella muralha e fugir, se acaso, pelo lado opposto, a descida fosse praticavel. E, parecendo-lhe que era, o frade desceu a dar parte do que descobrira a Sára.

A pobre judia, mal acordou, vendo fluctuar sobre o céo de Grimma a espessa fumarada do incendio, desatára a chorar, cogitando que talvez não tornaria a vêr mais aquelles de quem ía em busca, e que, se acaso os encontrasse vivos, longe talvez de a poderem soccorrer, carecessem elles de ser soccorridos.

Comprehendeu então bem nitidamente a pobre mulher que ali, assim como em Roma, se havia organisado uma tremenda caça contra os da sua raça, e que baldadamente fugiria para os confins do mundo com seus filhos, porque até mesmo lá os seus verdugos mais obstinados e tenazes em perseguil-a, do que ella em illudir a furia d'elles, a alcançariam irremessivelmente. Quem sabe se a propria exploração de terreno que Luthero fazia n'aquelle momento lhes não viria a ser funesta!... Se o frade não tornasse, o que seria d'ella? Como se haveria de salvar? Teria de perecer á mingoa, de fome, da horrenda fome, enjaulada n'aquelle subterraneo, contemplando o illimitado horisonte!...

A esta idéa, um panico terrivel a empolgou, e Luthero, veio dar com ella lavada em lagrimas, sacudida de soluços.

—Ah! sois vós! Estaes ainda aqui? exclamou a judia, em cuja bocca se esboçou um sorriso.

—Segui-me!... disse Luthero que lhe explicou a esperança que o voltara a encorajar, e a dar-lhe esforço.

Sára pôz-se de pé então, e seguiu o frade com passo firme.

Pouco depois chegaram ao patamar da escada praticada na rocha.

—É preciso—disse Luthero que eu suba. Sentis-vos com força de me susterdes nos hombros?

—Sim, sim!—affirmou, resolutamente, a judia.

E segurando-se com as mãos ao rochedo, inclinou-se, offerecendo os hombros para a ascenção do frade, que apoiando-se sobre elles com o maior cuidado, e fazendo o menos peso possivel, conseguiu trepar ao rochedo. Mas esperava-o uma tremenda decepção.

O rochedo aprumado n'uma ladeira, era trez vezes mais alto pela parte de fóra, do que exteriormente. A sua superficie era lisa como um marmore, sem que as hervas, os arbustos e demais florescencias, podesse offerecer pontos d'apoio seguros. Era, portanto forçoso renunciar a saír do subterraneo por aquelle lado. O desencanto foi tanto mais amargo, quanto a seus pés se estendia o valle até se perder de vista, atravessado pelo rio que desembocava na cascata, semelhante a uma cintura de prata movediça.

Tinham pois escapado á morte, para cairem n'uma outra cem vezes peor ainda. Emquanto Luthero colhia alguns fructos silvestres para se alimentarem, e tratava de descobrir o cimo da montanha, onde elle calculava que devia desembocar a escadaria gigantesca, sem que o podesse conseguir, distinguiu varias vozes humanas de timbre conhecido, que vinham para aquella banda, do lado da corrente.

O frade acurvou-se, para observar attentamente, e poude lobrigar o homem da capa verde, que com os esbirros da vespora ia explorar a cascata, procurando, como promettera, os cadaveres das suas victimas. E muito satisfeito, por haver encontrado somente os restos da bateira, insistia em que não poderia ficar descançado, emquanto não desse com o cadaver da hereje, e mais do maldito judeu que tivera o descaro de se disfarçar com o trajo de frade.

E, obstinado na sua idéa, fez proseguir por deante as pesquizas.

—Tudo irá bem—pensava de si para si Luthero—emquanto não dérem com a entrada d'esta gruta... Se vierem a dar comnosco, estamos perdidos, pois como poderia defender-me sem arma alguma?

Felizmente não era facil dar-se com a entrada da furna.

Luthero, todavia, sem abandonar o seu ponto de observação, pôz a judia em poucas palavras ao corrente do successo.

—Recear sempre! Não poder esperar nunca!... disse com um gemido Sára.

A face da pobre judia denotava o maior desconforto: mas, quando Luthero lhe fallou do homem da capa verde, a sua desolação tornou-se em odio, e os labios d'ella proferiram tremendos anathemas que acompanhou

d'extranhos gestos e esgares de evocação, como n'um bruxedo. O chefe, mais os seus arcabuzeiros, parece que se cançaram, ao cabo, da esterilidade das buscas, porque Luthero ouviu, por fim, elle dizer ao camarada:

— De certo que morreram... Não é possivel escaparem, está claro... Basta vêr os destroços da bateira toda escaqueirada... Quanto aos cadaveres é provavel que a corrente os arrastasse para algumas leguas d'aqui... A morte d'elles, em qualquer caso, e isso é o principal, é cousa positiva.

— Comtudo — opinava o outro — lembrae-vos que se não póde deitar mão ao roubo senão quando se catrafilou o larapio, nem estar certo da morte, senão quando se palpou o cadaver...

— Concordo! — tornava o outro — no emtanto não podemos sondar o rio, desde as cascatas até ao mar, porque isso seria um bico d'obra de mil diabos!...

O homem da capa verde, sem retorquir palavra, fez signal aos soldados, e com mostras inequivocas de funda contrariedade, dirigiu-se para a ponte.

Luthero mal que os viu affastarem-se, desceu d'onde estava, e calmou a judia, dizendo-lhe que por aquelle lado nada mais havia que recear. E ajuntou:

— Esperae-me aqui. Comei d'esses fructos silvestres para enganar a fome, que eu vou bater matto, vou explorar caminho, e peço-vos que não percaes a esperança. Não desejaria vêr-vos lavada em lagrimas, como ainda agora, ao voltar...

Sára prometteu-lhe ter animo, e Luthero continuou a sua ascenção pela tosca escadaria. Subiu muito ainda, chegando a contar dobrado numero de degráos dos que já havia subido, perguntando sempre comsigo onde iria dar aquillo afinal: se desembocaria n'algum tôrvo calabouço da edade media, ou n'algum *in pace* colossal.

Luthero ignorava, como tambem se ignorava no paiz, que no seculo nono, um senhor por nome Otto de Ninpkchen, possuidor de uma cidadella situada na montanha, e no mesmo local em que se edificou depois o convento, fôra testimunha de como em sua propria casa lhe roubavam a mulher e lh'a chacinavam n'uma acommettida, depois de a haverem entregue á luxuria bestial da soldadesca infrene. Mas Otto submettera, por fim, todos os vassallos rebeldes, estripando, por sua vez, o barão seu rival, depois de o ter feito expiar antes, em mil torturas cruentas, o assassino e o estupro da joven esposa. Depois, para melhor se provar que os pequenos pagam sempre as insanias e demencias dos grandes, formou um regimento com os vassallos do inimigo, e dividiu-os em trez grupos, aos quaes alternativamente fazia escavar na rocha aquella escada gigantesca destinada a facilitar aos castelhanos, seus descendentes, uma saída, caso se vissem surprehendidos na cidadella por alguma arremettida ou imprevisto assalto.

Da mesma fórma que os hebreus, quando edificaram as pyramides, por mandado dos Pharaós, os miseros vassallos pereceram ás centenas.

Felizmente, depois de uns poucos d'annos, foi terminado o cyclopico trabalho, e aberta a via que communicava com o rio. N'uma sala subterranea da gruta estava sempre uma bateira, por onde os fugitivos se po-

deriam salvar, á força de remos. Tantos suores, tantas lagrimas, tanto sangue deveu de certo custar a fadigosa obra, que desde então, para se ponderar o penoso de qualquer cousa, era uso comparal-a sempre ao *trabalho da escada.*

O proverbio existia ainda n'aquella época; mas como já se apagára a tradição, ninguem calculava, nem fazia idêa de quanta verdade historica existia na lenda confusa a que alludiam aquellas palavras do proverbio.

Como de costume, o diabo foi mettido na aventura, e a sua intervenção mais baralhou e confundiu ainda as recordações dispersas já como as pedras do antigo castello.

De repente Luthero deu um grito.

Acabava de dar com uma parede que murava hermeticamente a escada.

Pôz-se a examinal-a com attenção e descobriu que era uma parte de rocha talhada em fórma de porta, mas impossivel de abrir.

O que fazer em taes casos? Aquella porta, todavia, devia ter-se podido abrir, algum tempo. Com mil precauções, procurou o secreto machinismo do seu movimento, empurrando-a para a direita, para a esquerda, para cima, para baixo. Mas não colheu resultado algum. Buscou as juntas, ensanguentando as unhas. Mas nada conseguiu, da mesma sorte. Cego de cólera, debilitado pela fome, bateu, cheio de furor, com o punho n'aquella porta pelasgica, ao passo que grossas lagrimas, filhas do desespero, lhe manavam pelas faces, escaldando-lh'as. Teriam sido, afinal, estereis tantas penas e tantas fadigas? Aquella salvação, entrevista como segura, seria uma derradeira mofa, uma ultima chufa do destino? A esperança que vira transluzir, e o encorajára, não seria mais do que um escarneo? Aquella misera judia e seus filhos teriam, ao cabo, que morrer de fome, depois de tantas horas de cruel tortura? Para isto só, teria afinal luctado, com tanto encarniçamento, contra as aguas da cascata?

Sentiu-se como que atacado d'um accesso de loucura. Parecia-lhe que as paredes da rocha se estreitavam, a pouco e pouco, opprimindo-lhe o peito com todo o seu monstruoso peso: e figurou-se-lhe que rolava indefinidamente pelas escadas abaixo, e sentia o echo do ruido do seu craneo escaqueirando-se d'encontro aos degráos. Queria gritar, mas não podia: a voz estrangulava-se-lhe nas fauces: a garganta seccava-se-lhe... Sentiu a a febre escaldal-o: um delirio intenso empolgou o misero frade, a quem desesperava aquella posição passiva e enervante. Embalde recorria a toda a força da sua imaginação, e procurava a chave d'aquelle problema, imaginava combinações, qual mais extravagante, como se rejubilasse em divagar n'ellas. Procurou achar rasões que o convencessem de que aquella porta devia abrir-se de tal ou qual fórma, em tal ou tal direcção: mas a porta quedava-se immovel, embargando-lhe tenazmente a saída.

De golpe, sentiu invadil-o, empolgal-o, amollecel-o um extranho quebrantamento. Sentiu um frio correr-lhe todo o corpo: a cabeça extraordinariamente pesada. Sentiu as pernas cambalearem-lhe, e em balde procurou um ponto d'apoio, porque baqueou pesadamente, no solo, dando em cheio com a cabeça mesmo no centro da porta de pedra.

Mas, cousa rara, não caíu! Pareceu-lhe até mesmo que o amparavam,

e que o levantavam ao alto. Devia ser de certo mais um effeito do seu estado de sensibilidade nervosa, da sua exaltação. Não o era, porém, porque o movimento cessou, ao passo que uma rabanada de vento, d'ar puro, lhe refrescou a face. Pareceu-lhe estar encostado, mas sobre que? Sobre um degráo? Não: sobre uma porta.

A sua cabeça, quando ia a caír no solo, tocára mesmo sobre o ponto mathematico da pedra em que estava occulta a molla e a porta, que havia girado sobre um eixo longitudinal, semelhante a um clown que dá voltas em roda d'uma barra fixa. A pesada móle sustentava-se quasi horisontalmente, e em equilibrio. A maior difficuldade que se offerecia então a Luthero, era a de descer: porque indubitavelmente o seu corpo era quem o sustentava n'aquella posição. Mover-se d'ali era imprudente, pois podia esse movimento occasionar um abalo subito e fatal, que tivesse para elle consequencias funestas. Com grandes precauções, pois, cautelosamente, arrastou-se sobre a pedra, que não deu de si, nem se moveu logo. Não tardou muito que não conhecesse que se continuasse a mover-se, a porta fecharse-hia de novo.

Comtudo, não podia ficar immovel ali: tinha que mover-se. Estendeu um braço, outro em seguida: a pedra oscillou, e aquelle movimento produziu um incidente inesperado. Com um fracasso horrivel, um medonho estardalhaço, ruiu sobre elle uma informe massa, que soava como se fosse ferro, e d'onde se levantou uma poeirada nauseabunda. O que era aquillo?

O frade poude então deprehender que o pezo d'aquella cousa desconhecida, tendo restabelecido o equilibrio, sustentava a pedra, e evitava que elle tivesse que estar ali immobilisado, para que a porta se não cerrasse totalmente. Então os seus olhos, que já se haviam acostumado á escuridão, enxergaram uma couraça e um elmo. A um canto lobrigou grande numero de armaduras semelhantes, á mistura com ossos humanos. Não havia já duvida possivel. Aquillo eram de certo restos de alguns soldados que haviam morrido ali, junto áquella porta, que não tinham podido abrir. Luthero suspirou com força, como o que se sente alliviado de um carrego enorme, e previu que aquelles esqueletos iam talvez livral-os de uma morte certa. Portanto, com as couraças e os elmos que mais facilmente topou ao alcance da mão, assegurou o equilibrio da porta, e depois que se certificou de que ella se não fecharia, continuou a caminhar para deante. Não precisou de andar muito. Uma luz, a luz do dia, illuminava até o cimo os ultimos degráos da escadaria. O seu ultimo receio desvaneceu-se. Era evidente que aquillo não ia dar a calabouço algum, nem a terreno de inimigos seus. Esperando que as trevas descessem, e que fosse noutinha, estaria em liberdade e ao ar livre.

A saída estava obstruida por pedras e hervas, que haviam ali medrado.

Não lhe foi, porém, difficil desobstruil-a, ainda que n'aquella occasião se limitou apenas a assomar a cabeça, não sem tomar muitas precauções.

Respirou cheio de alegria, feliz por se vêr emfim ao ar livre, e em frente do valle onde as nuvens desenhavam fachas de luz e sombra.

O espectaculo que se lhe desenrolou ante os olhos, encheu-o de jubilo: achava-se sobre uma ladeira a pique, coroada a alguns passos d'ali, por uma vasta capella.

—Este convento é o de Ninpkchen!—disse elle, reconhecendo-o.

E era com effeito. Quando edificaram o convento, haviam tapado a bocca d'aquella mesma cova, por onde agora assomava a cabeça Luthero, não tanto pelas difficuldades que offerecia o seu accesso, nem pelo escarpado do seu declive, mas porque aquelle antro gosava de má reputação. Assegurava-se que existia ali o começo d'uma escada que descia até ao inferno, escada que o diabo fizera construir para subir mais commodamente ao antigo castello, onde o chamavam frequentemente os costumes dissolutos do castellão.

Luthero, depois de ter reconhecido, n'um rapido relance d'olhos, o sitio em que se achava, apressou-se em ir ter com Sára a dar-lhe a boa nova.

Communicou-lhe a feliz noticia, e pouco depois ambos os fugitivos chegavam á dita saída da furna, levando nos braços as creanças.

Chegados ali, a judia elevou os meninos ao ar, como que mostrando-os ao céo, e cravando os seus olhos marejados de lagrimas no horisonte azul, murmurou algumas palavras em acção de graças. Depois, fitou o frade, acariciando-o com um expressivo sorriso grato, e beijou-lhe as mãos, com entranhado reconhecimento. Por muito grande que fosse o seu desejo de saír d'aquella cova, em que julgára finar-se, Sára teve que sujeitar-se a adoptar o parecer de Luthero, que era d'opinião que não saissem d'ali antes de noute fechada. E apesar de estarem perto da saída da caverna, e de a quatro passos d'ali se lobrigarem algumas arvores vergando ao pezo de fructos sazonados, não se moveram a tocar n'elles, nem a colhel-os, ainda que a sua vista lhes aguçasse bastante o appetite. E longas, muito longas, lhes pareceram então as horas!

Finalmente, chegou o crepusculo com as suas tintas e matizes sanguineos e violaceos, e em seguida a noute. Luthero resolveu então experimentar o terreno.

Correu para o horto dos fructos, examinando cautamente os arredores, e cogitando em que se fosse descoberto, não lhe seria difficil, na qualidade de frade, explicar a sua presença nas proximidades d'um convento, ainda que de freiras.

Desejava todavia, não ser surprehendido, pois sabendo que o convento era propriedade papal, pareceu-lhe que tanto elle, como Sára, deviam ser logo considerados n'elle, como inimigos.

Foi no emtanto colhendo fructos para levar á judia, para acalmar a fome; e em quanto comiam, cogitavam ácerca do melhor modo de sairem d'ali. Mas, de golpe, chegaram n'aquella occasião aos ouvidos d'elles, grandes gritos e ais lacrimosos de mulher...

O resto d'este successo, porém, sabem-n'o bem já os leitores.

Luthero, visivelmente turbado, reuniu-se emfim á judia que começava a estar inquieta com a sua demora.

—Esperemos um pouco!—disse-lhe o frade.

A abbadessa saíra, no emtanto, da sua demorada syncope, e acabára de installar Catharina de Bora na melhor cella do mosteiro, cujo luxo lhe fazia admirar, referindo-lhe que aquelle era o oratorio da antiga superiora, que havia legado o convento ao Papa. Desejando tambem mostrar-lhe o pittoresco das vistas que se disfructava do convento, abriu uma das janellas que deitava para o valle.

Não havia que duvidar: os soldados tinham morrido enjaulados ali. Luther o viu todos aquelles esqueletos empilhados, ao pe d'armaduras d'outras eras.

CAP. XXVIII.

Mas, de chofre, a superiora deu um grito. Enxergára, nitida e distinctamente, o diabo em trajo de frade, que acabava de saír da furna da ingreme ladeira do rochedo. Não quiz ver mais vistas pittorescas, nem quiz que a joven se assomasse á janella. Toda tremelicando de medo, abraçou-se á moça, e perguntou-lhe se ella necessitava d'alguem que a ajudasse

a despir-se. Mas Catharina quedara-se silenciosa, toda abstrahida, pois conheceu distinctamente aquelle que a abbadessa tomára pelo anjo mau. Depois d'isto, a superiora saíu, e emquanto a joven de novo se assomava á janella, para vêr o frade, seu libertador, ella descia a escada, assarapolhadamente, magicando comsigo que, no fim de contas, aquelle diabo podia ser muito bem o ingrato Tetzel. Mas não desceu com tanta rapidez, que podesse vêr passar perto da portada do mosteiro aquelle que ella tomou pelo infiel, e o qual,—ó ingratidão! ia acompanhado por uma mulher.

—Mas aquelle homem é um satyro! disse a abbadessa, abrindo a bocca, com pasmo.

E accrescentou, suspirando:

—Fórte penna!...

Foi-se deitar: mas não poude conciliar o somno, preoccupada com a idêa de inquirir qual das noviças seria a que teria fugido com o frascario Tetzel.

—É de certo a irmã rodeira!—matutava ella com insistencia e despeito.

E no dia seguinte, logo pela manhãsinha, reuniu todas as monjas.

Mas, ao descobrir que nenhuma rez sagrada faltava ao aprisco do convento, confirmou-se-lhe a suspeita primeira, de que enxergára na realidade o diabo, o *cão tinhoso* em pessoa: o que a não impediu de exclamar, suspirando:

—Comtudo, é bem bonito rapaz!...

Luthero e Sára estavam, ao cabo, livres mas não a salvo. Ella quiz separar-se d'elle, mas Luthero não assentiu, dizendo-lhe:

—Não vos abandonarei, até não vos vêr em logar seguro.

Protegidos pelas trevas da noute, caminharam, estugadamente. De commum accordo, haviam combinado que, fosse qual fosse o perigo que corressem os judeus de Grimma, deveriam dirigir-se a um local determinado, para se certificarem do que era feito dos parentes, em busca dos quaes viera de tão longe Sára. Luthero, absorto n'aquella tempestade de idéas e de sensações novas que ha uma hora o salteavam, descia silenciosamente a montanha.

A judia, de continuo, ia murmurando palavras mysteriosas, quando, de golpe, parou, e apoiou a mão no braço do frade.

—O que é?—perguntou Luthero.

—Escutae—respondeu ella.

CAPITULO XXIX

Ainda debaixo da terra

Deixamos o judeu Ephraim, no principio da nossa historia, encerrado em um dos calabouços subterraneos do Vaticano, quando o Ghetto estava entregue á chacina ordenada por Leão X e executada por Hochstratten. Vimol-o saír de um penoso e fundo pesadello, para se inteirar infelizmente de que o seu sonho se convertêra em ácida realidade.

Uma enorme serpente se lhe enroscava, de facto, em volta do corpo. O judeu sentiu-a apertar-lhe as pernas, enroscando-se n'ellas em espiral, e avançar pouco a pouco para o peito, cingir-lhe finalmente o pescoço.

Ephraim, pavido, soltára um grito afogado de angustia, ao sentir roçar-lhe a epiderme o bafo morno do reptil, o qual não podia enxergar por causa da escuridão do calabouço. O panico, a repugnancia que lhe causava aquelle monstro visguento era tal que elle nem mesmo dava fé, de que a agua que jorrava das paredes lhe alagava o corpo, e já se resignava a receber a morte, com a picada da lingua venenosa do ophidio horrendo. (1)

Não: a morte não o teria amedrontado. Desejára-a até no momento em que, prestes a encontrar a filha, foi preso pela soldadesca do Papa e conduzido áquelle calabouço.

Mas os soldados que o destinavam á tortura da inquisição, queriam evitar que elle morresse a golpes seus, que poriam limite aos soffrimentos do judeu.

(1) Era crença n'aquella época, e mesmo ainda hoje, em gente ignara ou pouco instruida, que a lingua da serpente é que infiltra veneno na ferida. Mas sabe-se, pelo contrario, que o veneno está contido nas glandulas que comprimem a força da mordedura, e d'onde o succo venenoso é distillado na ferida, descendo pelos dentes que são ôcos e ponteagudos.

As serpentes dos domesticadores são inoffensivas, porque estes arrancam-lhes os dentes.

A serpente, porém, que se lhe enroscára ao corpo, não fazia mais movimento algum para comprimir os anneis. Só de vez em quando o ligeiro contacto da pelle da féra fazia enteiriçar e correr um arrepio de horror nos membros do desgraçado, mal ella fazia qualquer movimento imperceptivel.

Ephraim fechou os olhos para não vêr as visões que cuidava enxergar no escuro. Quando, porém, de novo os abriu, pareceu-lhe ver relusir os olhos do monstro que se fixavam nos seus, com insistencia invencivel, insustentavel. Uma especie de torpôr se apoderou do velho. Com os olhos abertos, fixos, como n'uma fascinação magnetica, entregou-se a uma somnolencia, parecida com a morte.

—Ah!—pensava vagamente o misero israelita—se eu podesse perder os sentidos de todo, para nunca mais voltar a mim!...

A serpente fez um movimento e Ephraim, instinctivamente, sem se poder conter, estendeu a mão. Mas que arrepio algido de horror sentiu correr-lhe, como um gume afiado, toda a espinha!... Tocára n'aquella pelle escamosa e fria como um cadaver... E ainda se, ao menos, a morte não se fizesse esperar, e fosse rapida, decisiva, immediata...

Mas longe d'isso, o reptil agora parecia comprazer-se em estreitar a sua preza, e fascinal-a, estrangulando-a a pouco e pouco. Dir-se-hia que se deleitava e saboreava, antecipadamente, o goso de se roçar por aquella carne que prestes havia de devorar, com voracidade. Mas á medida que o tempo passava o panico paralysava já menos o velho. Fechando os olhos, chegou a subtrahir-se á terrivel fascinação do reptil, e começou a encarar mais claramente a situação, e a querer libertar-se do supplicio que lhe causava aquelle corpo extranho e escamoso enroscado ao seu, superior a toda a humana força. Quiz agarral-o com a mão, irritar a fera, e precipitar d'este modo a tragedia fatal. Mas como se a serpente, digna cumplice dos seus verdugos, tivesse adivinhado o seu intuito, no momento em que elle quiz fazer um superior esforço, o animal enroscando-se-lhe aos braços e ás mãos, paralysou-lhe toda a acção. E enroscou-se cada vez com mais força, opprimiu-lhe o peito com tão caricioso affago, que lhe estalaram todas as vertebras. Ephraim sentiu-se estrangular, sentiu faltar-lhe a respiração cada vez mais oppressa e difficil, e seccarem-se-lhe as fauces, aonde o ar já rareava, e por onde apenas soavam gritos roucos e dolorosos gemidos. Sentiu zumbirem-lhe os ouvidos e cuidou que ia ensandecer. Por fim, perdeu o sentimento da realidade, a asphixia insensibilisou-o, e seus gemidos regulares acompanhavam só os momentos finaes, onde se destacavam arrastadamente, estes nomes, como se fossem para elle uma harmonia flebil e saudosa:

—Rebecca!... Rachel!... Agar!...

De repente, porém, figurou-se-lhe que o reptil afrouxára mais as suas espiraes: era decerto para dar o golpe final.

Julgando chegado o momento derradeiro, o velho repetiu então ainda, mas d'esta vez em hebraico, as trez unicas palavras, que resumiam tudo quanto mais amára na terra:

—Rebecca!... Rachel!... Agar!...

Pronunciou-as lentamente, espaçando as syllabas com vagar, e detendo-se em cada uma d'ellas, como para lhes dar o ultimo adeus.

O reptil, que afrouxara as espiraes da roda do pescoço, ainda desenrolou mais os anneis, mais, cada vez mais... Será possivel?... Mas não ha de que duvidar. Tem o pescoço livre, o peito tambem, o ventre, as pernas: finalmente, os membros todos, d'onde se desenrosceou a serpente... O velho porém aguardava ainda alguma cousa de inesperado e horrivel, palpitante de emoção e incerteza. Mas o reptil affastou-se, arrastando-se pelas poças d'agua escurentada da enxovia.

A bulha que ella fazia empoçando-se nas regueiras, deixou pouco a pouco de se ouvir. Ephraim estava salvo.

Salvo!... Quanto lhe pareceu impossivel ainda! E, comtudo, á excepção da ferida na perna que se reabrira e sangrára, quando teve que saltar pela janella, quasi não sentia dôr, nem mal estar algum. Cousa extranha mesmo!

Nos primeiros momentos, o velho, ao ver-se livre do tão terrivel amplexo da vibora, ficou como prostrado, abatido, e quebrantadas as forças: mas á medida que ellas se iam restaurando, o sentimento da salvação começava a inundal-o d'esperança, e experimentou um allivio tão real e effectivo — tão poderoso é o instincto da conservação humana! — que quasi sentiu alegria em vêr de novo aquellas tristes paredes do subterraneo, aonde ha pouco só resoavam as suas maldições e doéstos.

— Salvo! — repetia — Salvo!...

De repente, porém, estremeceu. Se ella tornasse a voltar... E não poder fugir...

— Vamos! — pensou de si para si — é preciso cobrar animo.

Duas questões se lhe propozeram ao espirito, em seguida: Onde estaria a serpente? Porque se teria ella ido embora?

E Ephraim não se atreveu a mexer-se do sitio em que estava, nem a arrastar-se pelo chão, com medo de tropeçar n'ella. De subito, um ruido que distinctamente se fez ouvir, por cima da cabeça d'elle, lhe attrahiu a attenção que toda estava fixa em decifrar o enigma do reptil. Reparou então que puxavam por uma corda o cantaro da agua, e em seguida lhe desciam uma outra com um pedaço de pão.

É que decorrêra já um dia.

A pedra tornou a fechar-se, e de novo reinaram as trevas na enxovia, ou melhor, na furna. Mas por fugitiva e rapida que fosse essa claridade que illuminou o subterraneo, Ephraim poude percorrel-o todo com a vista, n'um relanço d'olhos e convencer-se de que em parte alguma estava o monstro. O primeiro sentimento que teve, e que lhe dilatou a alma, foi de alegria: mas em breve lhe succedeu apprehensão muito diversa.

— Ter-se-hia ido embora para sempre? Para onde? Haverá algum buraco no calabouço?

O amor da liberdade é de tal força, exerce tal attracção no individuo, que o prisioneiro estremeceu intimamente.

— É preciso que eu veja se descubro esse orificio por onde fugiu a serpente — disse elle, febril, e disposto a restaurar as forças esgotadas.

Mas quando foi para comer o negro pão, uma suspeita o acommetteu, de repente.

— Estará acaso o pão envenenado? Mas, no fim de contas, com que

fim o envenenariam? Se o quizessem fazer, escusavam de lhe haver mudado o cantaro da agua. Se o quizessem assassinar não o poderiam ter feito logo?... Não: se Hochstratten queria o seu supplicio, de certo, não tencionava matal-o ainda.

Ao cabo d'algumas irresoluções, decidiu-se a pegar na bilha da agua. Pareceu-lhe, porém, sentir no fundo rumor de qualquer cousa que se movia. Introduziu a mão no cantaro, e encontrou um sapo, pouco appetitoso certamente, mas completamente vivo.

— Bem — reflexionou Ephraim — se este sapo não teve inconveniente em introduzir-se dentro d'esta agua, se o seu instincto o não advertiu de que devia saír, é de certo porque a achou mais saudavel que a agua fetida dos charcos, e que não está envenenada. Posso, portanto, beber d'ella, sem medo.

Tal foi o raciocinio do prisioneiro.

E bebeu, e comeu, sentindo depois um tanto reanimadas as forças. Rasgou depois um pedaço da tunica, e com elle pensou a ferida. Em seguida emprehendeu a sua viagem d'exploração pelo calabouço. Sentia a cada passo engulhos de repugnancia invencivel ao topar, ou ao sentir os reptis, que fugiam, quando elle passava a mão pelas paredes cheias de teias d'aranhas. E o vôo dos morcegos que fugiam aturdidos, parecendo manquejar, encandeados, assustava por vezes o velho, cujos pés, a cada momento, esmagavam toda a classe de reptis repugnantes. Mas, de golpe, o judeu soltou um grito de triumpho.

Havia introduzido o braço n'uma especie de cavidade aberta a pouca altura do chão, que deveria ser talvez um sumidouro para as aguas, redondo e estreito, e que datava sem duvida do tempo de Nero. Fôra por ali, de certo, que entrára e saíra a serpente. O primeiro sobresalto d'Ephraim foi de alegria: mas depois seguiu-se-lhe um grande desanimo. Receando que a sua mão topasse com a cabeça da serpente, examinou a cavidade cautelosamente. Vendo que não lhe sentia o fundo, deitou agua dentro d'ella, e prestou o ouvido. A agua correu largo tempo, até que afinal cessou o seu ruido. Approximou a bocca do sumidouro, e gritou, sem que ouvisse echo algum responder á sua voz. Era pois evidente que esse buraco estendia-se até uma grande distancia. As paredes do calabouço, que o judeu tacteou em todos os sentidos, e explorava, davam em toda a parte um echo macisso de cousa solida.

Atraz da superficie de marmore estava a parede de granito, e teriam sido precisos largos annos de trabalho continuo, e instrumentos de que não dispunha, para que podesse escavar na parede uma cavidade, um sumidouro, por onde podesse fugir.

Começou a cavar a terra. Porém, depois de ter levantado uma ligeira crusta, deu com o pavimento de marmore.

— Toda a esperança se foi... — pensou o rabino judeu, entregando-se ao desespero. Para saír d'aqui alguem, deveria ser tenue, delgado e flexivel, como a serpente, que ha pouco me queria devorar.

Procurou então qualquer cousa com que tapasse o buraco, a impedir que ella tivesse velleidades de voltar; mas nada encontrou, visto que a torneira da agua pelo seu feitio não podia servir para o mister.

A fadiga, a inquietação moral, as mil passagens do desalento á esperança, e d'esta ao desconforto, haviam-lhe esgotado tanto as forças que o velho Ephraim por fim adormeceu, n'uma somnolencia sobresaltada.

Esperava-o, porém, um somno identico ao da noute anterior, e o mesmo despertar hediondo. O reptil enroscava-se-lhe em espiraes, á roda do corpo, como na primeira noute do seu encarceramento. Paralysado pelo terror, Ephraim esperava a cada instante o começo do seu martyrio, resolvido antes a escaqueirar o craneo d'encontro ás paredes do carcere, se escapasse ao estrangulamento, do que a supportar por mais tempo aquelle supplicio inominado. Porém a serpente não se movia.

Vencida a primeira turbação do terror, começou a cogitar sobre a singularidade d'aquelle animal offensivo. Era evidente que um monstro tão clemente occultava algum mysterio que urgia profundar.

Buscando tenazmente a explicação do mysterio que o preoccupava, recordou-se de um pormenor que ao começo não lhe merecêra reparo.

—Sim, deve ser isso!—exclamou.

O pormenor de que se lembrou, e que parecia encerrar a chave da solução d'aquelle enigma, era o seguinte: a serpente havia-se desenroscado, deixando-o livre, precisamente quando elle começava a sentir-se asphyxiado, e a sua garganta emittia sons roucos de estertôr, que tinham alguma cousa de extranha musica. Ora Ephraim conhecia a influencia da musica nos ophidios, pois tivera occasião de aprecial-a mais d'uma vez no seu paiz natal quando vira os domesticadores de serpentes. Lembrou-se tambem,—e isto para elle constituiu uma nova evidencia—de que as primeiras palavras que articulára, ao sentir proxima a morte, as pronunciára em hebraico, facto que coincidira com o prompto desenroscamento do reptil. De tudo isto deprehendeu que a feiticeira, ou mága que devêra ter domesticado aquelle ophidio, deveria ser judia, ou oriunda das regiões do Oriente. Emquanto cogitava d'esta sorte, pôz-se a entoar uma canção flébil e monótona, e a serpente logo começou a afrouxar as suas espiraes, e a desenroscar-se lentamente, acabando por o soltar de todo. E como a canção do velho continuasse, a serpente não deixou o calabouço. O judeu, querendo certificar-se até á evidencia, continuou ainda por largo tempo a canção monótona, lenta, queixosa, e d'um rythmo arrastado. E o reptil, cujos movimentos elle podia distinguir confusamente, apesar da treva densa do carcere, estava ao pé da parede, apoiado na cauda, balouçando-se, e roçando as suas escamas contra o marmore. Ephraim então presenciou um curioso phenomeno: a parede despediu pouco a pouco debil e pallida claridade, a qual cercou o monstro de uma phantastica auréola, e o acompanhava em todos os movimentos: era uma luz tibia, frouxa, leitenta, como as das estrellas, que ora fulgia, se apagava, tornava a fulgir, e a brilhar continuamente, semelhante a esses fogos fatuos, agitados pelo vento nocturno. Ao enxergar aquella claridade phantastica sobre a parede, despedindo scintillações e vapores tenues ter-se-hia crido contemplar um *Mane, Thecel, Phares* invisivel, essa advertencia lendaria, escripta em caracteres de fogo. E o reptil, impregnado d'aquelle brilho extranho, ondulava lenta e cadenciadamente.

A explicação do phenomeno era porém simples em extremo, e depressa elle lhe achou a decifração. A decomposição de materias organicas putre-

factas havia depositado na parede uma crusta phosphorescente, a qual depois de um forte attrito fulgia e chispava d'aquelle modo extranho. O preso soube depois, nas longas e penosas horas, bem penosas e bem longas, do seu encerramento na prisão, como dissipar um tanto aquellas espessas trevas, e calmou-se um pouco com a idêa de que ao reptil, quando fôra domesticado, lhe haviam arrancado préviamente os dentes, devendo ser portanto inoffensiva a sua mordedura.

Desde esse dia as visitas do extranho animal repetiram-se com regularidade, e proporcionando ao captivo uma distracção original. Mas, por mais tratos que désse á imaginação encandeada por tantos successos, o velho rabino não poude descobrir o conjuncto de circumstancias que haviam conduzido o reptil até ao subterraneo.

Haveria nas profundezas subterraneas do Vaticano um conciliabulo de feiticeiras? N'estas incertezas e fluctuações do espirito decorria lentamente o tempo para Ephraim, que nem podia sequer apreciar a sua medida, na enxovia, porque o pão e a agua eram-lhe ministrados com intervallos irregulares, indubitavelmente para lhe não deixarem contar as horas, por um refinamento de maldade.

Porém, n'uma occasião, estando dormindo, sentiu um rumor desusado: abriu sobresaltado os olhos, e viu que levantavam a pedra por onde lhe desciam o alimento, ficando tudo depois de novo na silenciosa immobilidade. Buscou ás apalpadellas, o cantaro e o pão, e não os achou. Não tinham descerrado, pois, a pedra para lhe deitarem alimento. O que teriam vindo, pois, fazer á enxovia? Acaso a vêr se vivia ainda? Pareceu-lhe distinguir passos no calabouço, e prestou attentamente o ouvido. O velho rabino estremeceu. Tinha chegado a acostumar-se ás visitas da serpente, porém conservava agora uma prevenção, mixto de pessimismo e terror, contra os homens, ás vezes mais duros que as serpentes. O reptil era para elle, na actualidade, um ente inoffensivo, quasi um amigo: os outros homens só o poderiam querer vêr hoje no seu carcere, para derramarem o seu sangue, cruentamente.

Os passos, pois — pois eram passos realmente — escutavam-se cada vez mais proximos... Não havia duvida: tinha-se figurado de certo aos seus verdugos que elle tardava muito em extinguir a lampada da vida, e haviam-lhe enviado ao carcere algum assassino. Era comtudo pavoroso e inexprimivel morrer sepultado n'aquelle calabouço, degollado cobardemente na escuridão!

O assassino abeirava-se, no emtanto: estava a dous passos d'elle...

Na incerteza horrivel e pavorosa d'aquella hora, o judeu hesitou se devia tentar uma suprema lucta para não morrer d'aquella sorte, ou se devia entregar-se, pacientemente, para escapar ás torturas ainda cem vezes mais inconcebiveis, que lhe preparava o tremendo tribunal dos inquisidores.

Mas, de subito, Ephraim não poude reprimir um grito abafado, surdo. Poz-se rapidamente em pé, como movido por uma molla mechanica, abriu a bocca para morder o seu adversario, os braços para estrangulal-o, arremettendo doudamente, selvaticamente, furiosamente, contra elle. Mas o rabino sentiu umas agudas e afiadas unhas que se lhe cravaram no pes-

coço, ao passo que lhe comprimiam o peito com uma força mais que poderosa e brutal.

O rabino, e mais o seu adversario desconhecido, rolaram no chão do carcere, com um baque surdo.

—Que querem de mim? perguntára Lucas aos esbirros de Hochstratten, no momento em que o tiravam do alçapão aonde ficára preso e immobilisado.

Mas o boieiro não alcançou resposta.

—Que pretendem fazer-me? Porque não me mataram logo?

Reinou, como antes, completo silencio. Ter-se-hia dito que os famulos do Santo Officio, que o manietaram, eram todos mudos.

—Cobardes! Cobardes! regougava o boieiro—Atarem-me, a mim?... Eu preso? Porque? Matem-me antes!...

Trouxeram de facto instrumentos para o prenderem: não foram, porem, cordas, mas algemas. E manietaram-lhe os pés e as mãos tão fortemente com ellas que os anneis das cadeias se lhe enterraram nas carnes.

Lucas não poude reprimir um grito de dôr. Condemnado á immobilidade absoluta, avançou comtudo a cabeça para deante, com a bocca aberta, para um dos famulos.

D'esta vez, porém, o famulo do tribunal terrivel fallou: não, em resposta á pergunta que elle lhe fizéra, mas para ulular um grito de imprecação, porque o camponio com uma só dentada lhe havia arrancado um dedo.

Lucas recebeu porém, acto continuo, um alentado murro na cabeça: tentou retorquir com egual violencia, mas a dôr da selvagem pancada fez-lhe perder os sentidos. Quando tornou a si, estava suspenso no ar, preso pelos sovacos dos braços, e desciam-n'o a um sitio mergulhado na escuridão mais pavida.

Mas aonde?

Os olhos que ainda se não haviam habituado ás trevas nada enxergavam do que o rodeava. Sentiu uma friagem glacial, uma humidade que lhe ensopava a roupa, e suppôz-se enjaulado no fundo d'um tenebroso *in pace*.

Lucas estava inteirado do que eram aquelles lôbregos tumulos de vivos, desde uma noute de espantosa memoria. Tambem elle, o independente aldeão, o sertanejo conductor de bois, tão amante do livre ar das veigas, dos valles, e dos campos e horisontes dilatados, ia morrer, lentamente, encerrado n'aquelle jazigo hediondo e estupendo.

Ebrio de cólera e furia ante esta idéa, como leão mettido na jaula, começou a percorrer estugadamente o calabouço, batendo rijas punhadas nas paredes macissas.

Mas conhecendo toda a extensão angustiosa da sua situação, lançou um rugido de dôr. Foi então que se sentiu ferido por umas garras que lhe despedaçavam desalmadamente as carnes. Aturdido por aquella acommettida inesperada, escorregou, e rolou no sólo do carcere. Suppôz ao princi-

pio, que luctava com alguma besta féra, algum animal: mas a sua mão direita encontrou um braço, e em seguida uma barba, pela qual puxou com toda a gana. Ao mesmo tempo, desembaraçava a mão esquerda, e com ella apertava mascula e violentamente contra o seu peito a cabeça do adversario, esbravejando:

—Com que então, estava aqui assolapado, á minha espera, um matulão de Hochstratten?...

Ephraim, pois era com quem Lucas arremettia agora, que esperava o golpe derradeiro das mãos d'algum dos tenebrosos sicarios do grande inquisidor, sobresaltou-se ao ouvir estas palavras. Esse adversario desconhecido que elle julgára que o vinha chacinar na treva do carcere não era um verdugo, mas um misero, mais um outro misero suppliciado como elle. Turbado de pasmo, perguntou-lhe:

—Sois então um preso, como eu?...

E Lucas, tambem commovido, soltou o que elle cuidava seu inimigo, e que agora se lhe lançára nos braços, dando livre curso a uma torrente de lagrimas longo tempo contida.

—Perdoae-me! —titubeou o velho rabino, confundido e enternecido até ao mais fundo do seu ser. Tenho soffrido muito, muito!... Tomei-vos por um meu inimigo... Agora seremos dous desgraçados, unidos pelo mesmo laço da miseria commum. Soffrer em companhia d'alguem é, d'algum modo, viver ainda...

As lagrimas, longo tempo represadas, pelo estado nervoso d'aquelle corpo enfraquecido, estrangulavam-lhe a voz na garganta.

O boieiro esforçava-se por consolal-o.

—Não: deixae-me chorar! —dizia o velho. Ha tanto tempo que não choro!... Isto far-me-ha bem.

Calmando, ao cabo, este accesso doloroso, accrescentou:

—Tambem sois uma victima, acaso, d'esse inquisidor infame?...

As mãos de Lucas crisparam-se convulsivamente, com desespero e colera.

—Juro-vos—esbravejou o boieiro—juro-vos deante de Deus, que se conseguir sahir vivo d'esta furna, a primeira cousa que faço é vingar-me e lavar as minhas mãos no seu sangue.

—Que vos fez elle?

—Ai! Que me fez!...

—Não podeis dizer-m'o?

—Eu desejava que o soubesse o mundo inteiro. Violou a mulher que eu amava, não por ternura ou affecto, mas fazendo-a cair n'uma armadilha indigna. O miseravel tomára todas as precauções. Tinha a casa toda cheia d'alçapões e esparrellas. Quando penso que se não tenho cado n'um d'aquelles alçapões, por elle mandados fabricar, que o tinha vivo em meu poder, e o poderia estrangular deante d'ella...

E o boieiro, sem querer, tocou com a mão na perna do rabino, que soltou um grito.

—O que tendes? —perguntou.

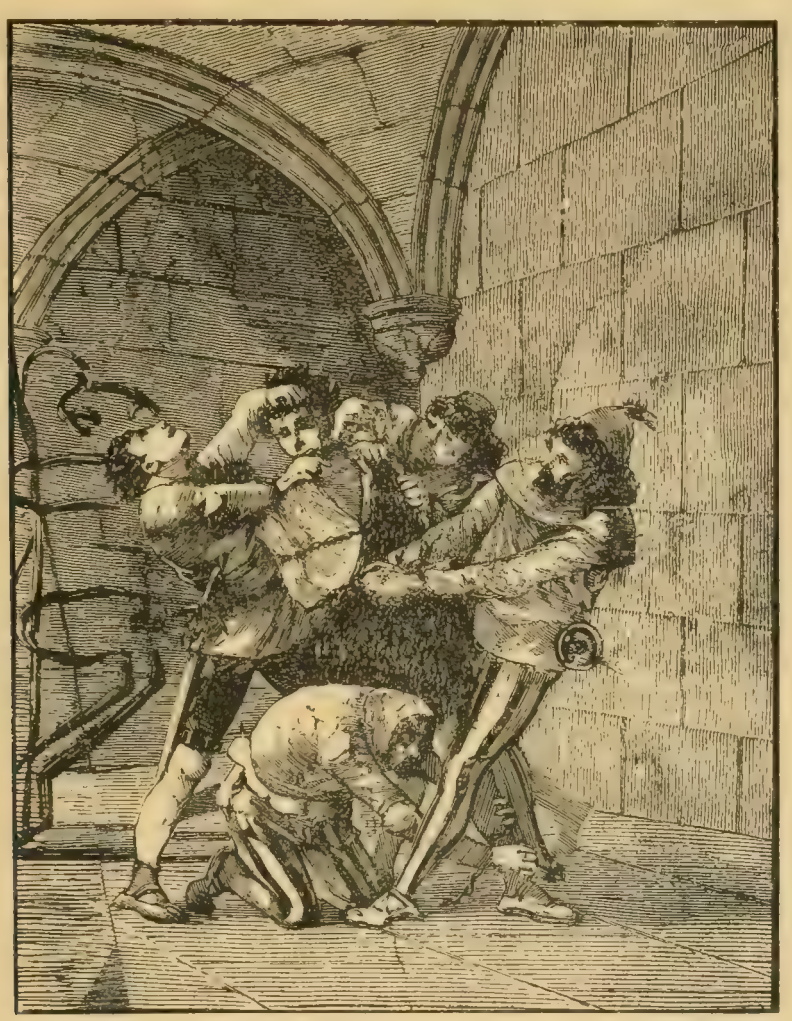
—Tenho a perna quebrada.

—Quebraram-vol-a os sicarios?

—Quebrei-a, por causa d'elles.

—Pobre homem!...

—Sim, tendes rasão: pobre homem! Assim deve considerar-se o esposo, o pae, o avô, a quem roubaram a esposa, a filha e a neta: a uma, abusando do seu coração de dezoito annos, e a outra, privando-me da felicidade de a apertar em meus braços, quando a suppunha de todo perdida. Estava a



Não eram cordas, eram cadeias. E atavam-lh'as ás mãos e aos pés com tal força, que os anneis enterravam-se-lhes nas carnes.

Cap. XXIX.

dous passos de mim... quasi que lhe podia tocar. E vi-me forçado a nada lhe dizer, a cessar de chamal-a, para não perder ao mesmo tempo, a ella e a mim... Imaginae o que teriam feito á neta d'um judeu!...

—E a ella não a conheceram?

—Não: porque ella não me poude conhecer. Eu só a reconheci, pela

extraordinaria semelhança que tem com a sua mãe. Mas reconheci-a logo da primeira vez que a vi.

—É espantoso vêr como foge assim a felicidade...

—Sim, é espantoso! E estava tão linda!... Tinha as mesmas feições da minha filha, na sua idade... Ainda me parece que a estou vendo com o seu trajo de transtiberiana, com o seu rosto correcto, sua pura belleza, seus largos olhos negros...

—A que eu amo é tambem muito gentil!—murmurou Lucas.—Negros são tambem os seus olhos, negros são tambem os seus cabellos...

O velho, porém, todo afundado na contemplação interior da imagem ideal que constituia as suas recordações dolorosas, ajuntou:

—E como sua mãe, tem tambem ella um pequenino signal no pescoço, no lado direito...

O boieiro estremeceu.

—Dizeis que tem um signal?

—Sim, um signal, do tamanho d'uma lentinha.

—No lado direito do pescoço?

—Debaixo da orelha.

—Oh, meu Deus!...

—Que tendes?

—Será ella?!...

O velho rabino, ao ouvir estas palavras, apertou estreitamente, com effusão, a mão d'aquelle companheiro de desgraça na enxovia, e interrogou:

—Conheceis-la?... Dizei-me se a conheceis acaso?

—Talvez.

A voz de Lucas tornara-se, de subito, accentuadamente grave. O velho judeu estava tremulo de emoção soffreada.

—Oh! sim, conheceis-la—disse elle.—É a mulher que amaes talvez. Sim: conheço-o, presinto-o, adivinho-o...

—Será ella, na realidade?—perguntava-se a si mesmo o boieiro.

—Colligi as vossas recordações. Contae-me tudo de que tenhaes conhecimento ácerca d'ella. Dizei o seu nome, primeiro que tudo.

—A que eu conheço chama-se Fornarina.

—A minha neta chamava-se Rebecca.

—Já vêdes que não é ella.

—Mas Fornarina talvez seja uma alcunha.

—É verdade, porque quer dizer *padeira*.

—Precisamente.

—E foi chamada assim, por ter sido encontrada em pequenina, ao pé da casa d'um padeiro.

—Abandonada!... Será ella? Não me resta duvida.

Lucas interrompeu-o, exclamando:

—Ah! como este calabouço é escuro. Quanto me vae tardar a luz do dia se é que alguma vez mais, a hei-de vêr brilhar...

—Porque? Que quereis dizer com isso?

—E porque trago commigo um retrato, que d'ella fez o pintor Raphael, porque ella serve-lhe de modello, e que eu lhe poude subtrahir sem ella dar por isso.

—Esperae então—disse Ephraim.

E arrastou-se até á parede phosphorescente.

Depois de palpar por algum espaço, encontrou uma racha que lhe servia de ponto de guia, e esfregou com ambas as mãos a parede.

—Approximae-vos—disse o judeu—e olhae.

—Que prodigio!

—Deixae cá vêr, deixae cá vêr depressa...

Á força de viver no meio da natureza, presenciando sempre grandiosos e surprehendentes phenomenos, o boieiro de cousa alguma se maravilhava.

—Vejo bem, mas comprehendo mal—dizia, alludindo á sua ignorancia silvestre.

Sem se maravilhar portanto, em demasia, aproveitou aquelle meio extranho que se lhe offerecia para poder enxergar na escuridão do subterraneo o retrato da Fornarina, e tirou do peito o esboço do pintor.

Ephraim reconheceu-a no primeiro relanço d'olhos, e exclamou:

—Minha neta!... E ella! É o vivo retrato da sua mãe!

E osculou enternecido o retrato, n'um arranco de paixão, elogiando a obra prima do pintor, e desafogando, n'aquelles beijos amorosos e enternecidos, toda a ternura e sentimento que vinte annos de isolamento e soledade lhe haviam amontoado na alma.

Calmou-se, ao cabo de algum tempo, o pobre judeu, e depois do carcereiro ter levantado a pedra do carcere, para lhes descer o alimento, e depois de a ter baixado de novo, Ephraim, colligindo as suas idêas, perguntou já mais serenamente:

—Então a minha idolatrada Rebecca chamava-se Fornarina?

—Sim.

—E sabeis a historia d'esse nome?

—Foi ella mesma que m'a contou.

—Fallae, fallae... Dizei tudo que sabeis...

—A historia é muito simples. Um dia, ao romper da manhã, um padeiro desceu ao celleiro da casa, para pôr dentro dos cestos o pão já cosido das ultimas fornadas. Mas ao entrar, parou cheio de pasmo, pois figurou-se-lhe ter ouvido chorar uma creança. Não se enganava, de facto, porque uma creança chorava: e dirigindo-se para o local d'onde partiam os gritos infantis, enxergou uma creancinha deitada em cima da massa. Imaginae o pasmo da pobre mulher do padeiro, quando o marido lhe apresentou aquelle presente, narrando-lhe o succedido, com todas as minucias.

—Virgem Santissima! disse a pobre mulher. Como appareceu esta creança em minha casa?...

—Alguma mulher culpada ou desgraçada talvez, que se lembrou de a atirar para o celleiro... Póde dar graças a Deus d'ella ter caído na farinha.

—E que vamos nós fazer d'este anginho?

—Não temos filho nenhum, e o melhor é nós recolhel-o e creal-o como se fosse nosso—respondeu o padeiro.

A padeira a estas palavras abraçou-se ao pescoço do marido, e a creança foi unanimemente adoptada.

—Boa gente!—exclamou Ephraim.

—Quando se tratou de pôr o nome á pequena chamaram-lhe Fornarina, em memoria das circumstancias em que fôra encontrada, e assim é conhecida hoje geralmente.

Ephraim quedou-se alguns segundos immovel e mudo, como afundado nas suas recordações.

—Porém,—disse por fim, com voz alterada por um subito receio—não me fallastes ha pouco d'uma certa moça que amaveis?... O meu cerebro debilitado e enfraquecido, tem recebido tão graves e successivos abalos, que as idêas fogem-me da memoria com uma facilidade que me amofina...

—Fallei-vos d'ella, effectivamente—respondeu Lucas.

—Dissestes-me tambem que esse amor se relacionava com a causa da vossa prisão?...

—Disse, sim.

—Mostrastes-me depois o retrato da minha neta. É pois ella a que amaes?...

—É ella, realmente...

—E como se originou esse amor? Podeis dizer-m'o?

—Ai! porque não?... Eu sou irmão collaço d'ella, e a padeira, que morrera pouco tempo depois, déra Fornarina a crear a minha mãe, que ainda me não havia desmamado. Fomos pois creados juntamente até ao dia da morte de minha pobre mãe. Juntos, retouçavamos nos campos e nas bordas dos lagos; eu colhia-lhe flores, peixes ainda vivos, e fazia-lhe cabasinhos de junco. Mais tarde, quando ella veio para Roma, eu largava frequentemente os meus bois, e vinha ás vezes correndo, e cheio de saudades, vel-a. Foi assim, que sem mesmo dar por tal, nasceu o meu amor pela moça. Com o tempo, augmentou ainda mais, mas sempre respeitoso e puro como o azul do nosso bello céo da Italia na liquida e crystallina onda d'um lago. Só uma occasião, e n'um rapido instante, esqueci a veneração que por ella sentia... E ainda hoje não atino bem com a extranha demencia ou embriaguez que me empolgou e dementou... Foi esse instante de tresloucamento que causou a minha desgraça. Essa moça tão virginal e pura...

E Lucas aqui parou, subitamente estrangulado, e sacudido de soluços.

—E depois?...—perguntou o judeu, presa d'uma funda anciedade que não disfarçava.

—Está deshonrada!...

—Que infamia!...

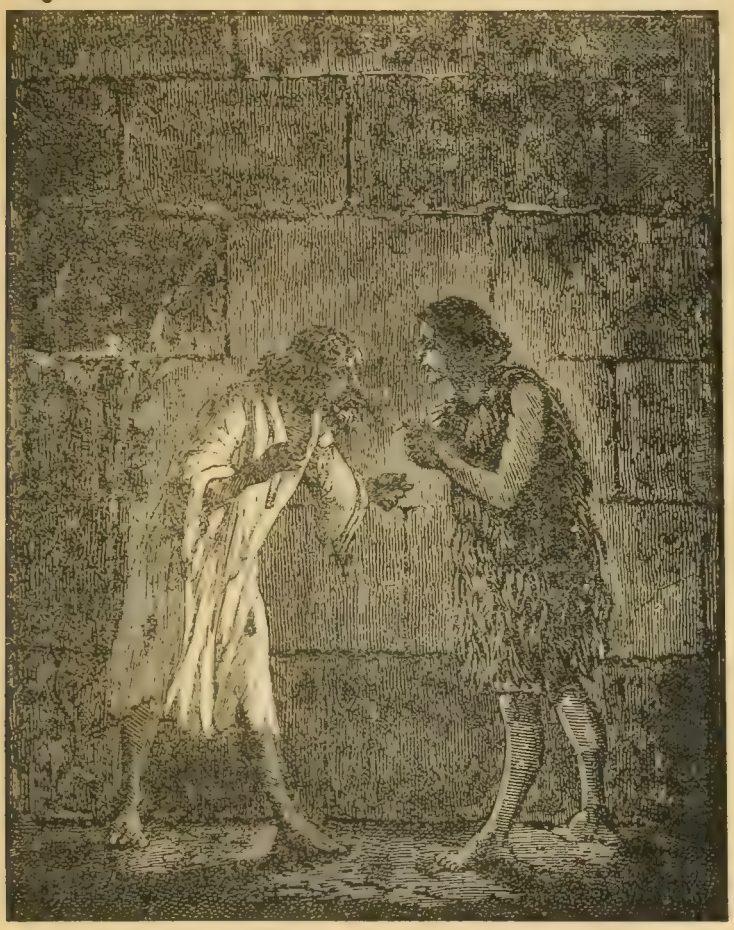
O infeliz avô da padeirinha teria preferido n'aquelle momento que Lucas em vez de lhe dar aquella esmagadora nova, lhe varejasse o coração com uma punhalada.

—Deshonrada!...—murmurava o infeliz—Como a desgraça me persegue encarniçadamente!...

—Sim—proseguiu Lucas—deshonrada para sempre... E foi o por esse inquisidor sinistro, por esse Hochstratten maldito, que eu persegui baldadamente com toda a furia da minha vingança não satisfeita. Depois de ter cevado n'ella a sua paixão bestial, depois de se ter valido de toda a sorte de artificios e violencias, soube escapar-me tambem d'entre as mãos. Reduzido á impotencia, fui forçado a succumbir ás suas diabolicas artimanhas, ao passo que via a vossa filha entregue nas mãos do salafrario...

O velho parecia prestes a estalar de dôr e de vergonha, tão vincadamente amarga era a expressão de desfallecimento e infortunio que lhe ennublava a face.

– Basta! Basta! — gritou. Que fatalidade! Perseguidos sempre, por todas as formas! E são esses miseraveis os que regem o mundo, que nos perseguem a nós, os judeus, como se fossemos uns sicarios ou uns sarnên-



Esfregára a parede com as mãos ambas, mas, cousa prodigiosa! o muro illuminara-se... O boieiro tirou do peito uma medalha, e Ephraim reconheceu-a no primeiro relance d'olhos.

Cap. XXIX.

tos... E essas atrocidades, essas chacinas, esses estupros, essas violencias, não são fulminadas por um corisco do céo!... Pois bem: ainda que tenha de morrer lentamente de sêde ou de fome n'este subterraneo, morrerei satisfeito, com tanto que o seu crime não fique impune, e sem punição o desalmado... Minha pobre filha! Minha Fornarina!... Minha Rebecca!...

Ouvi: — a vós que defendestes a minha pobre neta, a vós que a amaveis, e ainda a amaes, posso tudo contar. Pesa uma maldição sobre a nossa familia... A sombra das sotainas negras persegue-nos... Sabeis porque a Fornarina foi abandonada? Porque foi o fructo de uma falta. Sua mãe, a pobre Rachel, foi seduzida tambem por um padre.

— Ella tambem!...

— Sim, o seductor havia-se disfarçado, e só mais tarde, quando ella estava pejada, é que lhe contou tudo, e revelou quem era. Ella recebia-o a occultas, em casa, da outra banda do Tibre, aonde habitavamos então. Não podendo esconder-nos a sua vergonha contou-nol-a, e foi em balde quanto tentamos para a consolar. Temendo-se de que eu lhe assassinasse o amante, poude arranjar meios de fazer com que eu um dia me affastasse da casa. Quando voltei, já não a encontrei. Uma visinha disse-me então que Rachel saíra fóra de si, a visitar sua mãe Agar, clamando que sem duvida lhe deviam ter dado algum narcotico, pois que adormecêra muito profundamente, e n'este intervallo viera o pae da sua filha, e que a levára roubada, tendo já varias vezes dito que lh'a tiraria, para a salvar de um grande perigo, mas que lh'a trazia de novo.

Lucas, escutava com concentrada attenção a narrativa do velho judeu: mas aqui interrompeu-o.

— E nunca mais voltou? — perguntou. — Foi de certo elle quem atirou a creança para o subterraneo do padeiro que adoptou Fornarina.

— Póde ser. O que porém é certo é que Rachel, illudindo a vigilancia da mãe, fugiu um dia de casa, n'um estado visinho da loucura... Alguns dias depois, Agar tambem desappareceu, e, de certo, tanto a mãe como a filha foram assassinadas...

O velho calou-se, com uma expressão sombria e de desalento na face.

— Sabeis, por algumas indicações, de como, e aonde, morreu vossa filha?

— E vós sabeis-lo?...

— Pois bem: é verdade, sei-o. É espantoso, mas agora tudo comprehendo. Que crime horrivel!...

— Fallae... Não receeis nada. Já não é possivel que ultrapasse os limites do desespero, e é provavel mesmo que o excesso da minha desgraça accorde acaso a Justiça Suprema... Fallae. Talvez que o infortunio não nos tenha reunido hoje em vão...

— A vossa filha — começou Lucas, gravemente — a mãe da Fornarina, não foi assassinada. Fizeram-na acreditar que encontraria a filha n'um convento aonde ella se enclausurou. Uma vez lá, disseram-lhe que só veria a filha, quando pelo seu arrependimento sincero, o merecesse...

— E o seu arrependimento — interrompeu o judeu — era sem duvida necessario proval-o, abjurando a religião de seus paes?

— Tal e qual.

— E ella consentiu?

— Consentiu.

— Desgraçada!...

—Sim, bem desgraçada!... Já uma vez, antes de a consolar pela sua falta, o pae d'ella a amaldiçoára...

—Ai de mim, e ai d'ella!—gemeu o rabino amargamente, acurvando a cabeça.

—Pois nem sequer—continuou o boieiro—pelo preço d'esta apostasia, poude conseguir vêr a filha, e enchel-a d'affagos. Rachel revoltou-se, ameaçou. Mas a triste nada podia fazer. Estava encerrada no convento! Mas como se não bastasse isto aos scelerados, sem que,—como tanta vez succede!—seus gritos e justas queixas podessem atravessar as paredes do mosteiro, fizeram-na passar por douda.

—Disseram que estava douda? Que infamia!...

—Ha mais ainda. Metteram-na n'um lôbrego e frio calabouço.

—Isso é horrivel! horrivel!... Por malvados que sejam esses hypocritas, não é crivel que tivessem ido tão longe no seu crime... Não, não é possivel!

—E comtudo, é verdade. Digo-o, porque o vi.

—Vós?...

—Sim, vi vossa filha, ha alguns dias ainda.

—Vivia ainda então?

—Sim, se se póde dizer que se vive, mettido dentro d'uma tumba em que chorou durante dezeseis annos, em que soffreu fome, frio e toda a sorte de vexames...

Ephraim, o olhar pasmado, lugubre, baço, escutava concentrado e cheio d'attenção, repetindo a intervallos:

—Minha pobre filha! Minha pobre Rachel!...

—Vi-a,—continuou o boieiro—em um convento dos arrabaldes de Roma, em uma d'essas casas ou antros de dissipação em que os frades mantêem as freiras, suas mancebas. Tinha, por acaso, trepado a um olmeiro, para apanhar um ninho de passaros e offerecel-o a Fornarina. Era de noute: mas por traz das grades do convento tudo estava tão illuminado como se fosse dia claro e já sol nado. A orgia, lá dentro, tinha tocado o auge do delirio. Para rematar dignamente a festa, fizeram comparecer a douda. Oh! que medonho espectro!... Que olhos negros como carvões, ou como a noute! que voz rouca e cavernosa! que esgares tão terriveis, com os seus braços descarnados! que riso tão glacial, com aquelles beiços delgados, lividos, descoloridos!... Ao vêr aquella especie de sombra, estremeci, e ainda me dura essa impressão penosa!

—Minha pobre filha!—ululou lamentavelmente o judeu.

—A infeliz—continuou Lucas—rogou, supplicou, pediu que lhe deixassem vêr a filha, com uma voz capaz de fender as penhas, quanto mais corações: mas tudo em vão. Então ameaçou, vaticinou a queda dos poderosos, a punição dos algozes, predisse que a filha que suppunha morta seria vingada, e depois caiu no sólo desmaiada, amaldiçoando o amante...

—Elle estava alli?

—Presidia á festa...

—Quem é elle? É Hochstratten?

—Não: Alguem mais alto do que elle...

—Quem é então?...

—O Papa.
—Leão X!... Oh! justiça divina!...

Maria de Bibiena habitava, como já dissemos, o palacio de seu tio, o cardeal.

Timida, como era proprio da sua edade, do seu amor, e dos seus pesares, saía raras vezes do palacio, deleitando-se apenas em se vêr rodeada dos objectos que lhe eram familiares.

Denotava certa preferencia especial pela casa, tão a seu gosto mobilada, de cujas janellas, quando se assomava, podia observar o vae-vem continuo da multidão, a passagem dos carros, das cavalgadas e dos cavalleiros, e ao mesmo tempo bastante retirada tambem do resto do edificio, onde, portanto, se podia afundar, a seu sabôr, na evocação das suas imagens e recordações da infancia.

Julieta, a aia, que roçava então pelos quarenta annos, era a sua amiga e confidente.

Maria, ainda que não estivesse ao corrente de todos os pormenores e minucias da sua afflictiva historia, ou antes da de sua mãe, sabia que a boa e querida aia fôra muito affeiçoada á malaventurada mãe que não conhecêra. Conversando pois com ella, figurava-se a Maria que escutava a voz d'aquella que tanto teria amado, de certo, se a podesse acarinhar e beijar.

Julieta, do seu lado, tinha facilmente e com toda a sua alma consagrado á filha todo o acendrado affecto que votára á mãe. Maria era, podia-se dizer, o unico ente que no mundo amava, porque a morte de Simão havia-a curado radicalmente de qualquer velleidade amorosa.

N'aquella noute, a sobrinha do cardeal estava extraordinariamente alegre. O riso florescia em seus labios côr de romã, illuminava-lhe a face. Parecia-lhe o futuro tão cheio de promessas festivas! Inebriada com o seu amor, contava os dias que a separavam dos seus esponsaes, ainda que sem grande impaciencia, aprazendo-se, todavia n'esses effluvios do coração que eram como o prefacio confuso do seu poema futuro.

Deleitava-se intimamente em formar os planos mais fagueiros, dispondo e fazendo mobilar as camaras, ora de um modo, ora d'outro, e ao communicar os seus projectos, a aia batia palmas de alegria infantil, quando esses projectos mereciam a approvação d'ella.

Outras vezes, levava dias inteiros a combinar encontros casuaes com Raphael, em tal ou tal festa, em tal ou tal egreja: nas retouças das fogueiras de S. João de Latrão, ou nas corridas de cavallos que já começavam a estar em moda, em Roma. Outros dias, decorriam-lhes as horas em rememorar as entrevistas passadas, em repetir, as vezes, saudosamente, as palavras que n'ellas se haviam proferido.

Oh! como ella promettia a si mesmo amar entranhadamente um amante tão bello, que era ao mesmo tempo um artista tão preclaro! Porque Maria

de Bibiena era a primeira a conhecer o genio d'aquelle superior artista que se chamava Raphael: seguia com interesse o movimento da opinião relativamente ás suas telas, e informava-se cuidadosamente do que diziam d'elle Miguel Angelo e o Papa. Cada vez que, segundo a moda italiana do tempo, o pintor expunha na sua janella, balcão, ou varandim, alguma tela nova, e que a apresentava ao juizo do publico mais intelligente do paiz, era ella das primeiras a correr áquella exposição, escutando turbadamente cheia de alegria os louvores e os gabos, e avermelhando-se toda, como uma rosa, mas ruborisando-se d'essa satisfação pura e espiritual (que é um apanagio das almas superiores e dos divinos artistas), quando entre as phrases d'enthusiasmo, escutava o grito classico do paiz:

— *Com' è bello!*

No dia em que começa a historia d'este capitulo, Maria dava vivos signaes de impaciencia.

— Não são ainda horas de te deitares? — perguntou ella á aia.

Julieta sorriu e respondeu:

— Approxima-se já a hora em que o senhor Raphael vae passar por baixo da vossa janella?...

Maria avermelhou-se toda.

— Sim, tu bem sabes que são quasi horas — murmurou em voz mais sumida — e é por isso que andas ahi no quarto a dar voltas, para me mortificares.

— Não estará talvez adeantado o relogio?...

— Má!

Julieta então pegou n'uma luz.

A joven abraçou a aia e disse-lhe:

— Querida amiguinha!...

— Sim: daes-me esse nome, porque me vou embora...

Maria, finalmente, ficou na camara sósinha.

Todos os dias se repetiam, mais ou menos, estas brincadeiras amoraveis, em que jámais entrava ponta alguma de acrimonia.

Maria, que sabia perfeitamente que a confidente vira nascer aquelle amor e recebêra as suas primeiras confissões, não se agastava nada com aquellas brincadeiras da aia, antes parece que sentia gosto n'ellas.

A joven, pois, assomára á janella com o coração palpitante de anciedade feminina.

Soavam dez horas no relogio.

— Se elle não vem hoje?... — pensava ella, com o coraçãosinho aos baques.

Como todas as noutes, cerrou um momento os olhos, e como todas as noutes tambem, quando os descerrou, um cavalheiro cheio de garbo se approximava, cumprimentando-a, e enviando-lhe um um cálido beijo.

Outro não menos carinhoso e enternecido lhe respondeu, e momentos depois Raphael desapparecia na penumbra da rua.

Ella então descerrou, cautelosamente, a janella, e foi-o seguindo com o olhar até perdel-o de vista, e até que deixaram de soar os seus passos no empedrado da rua.

Maria suspirou, correu as cortinas, entrou na alcova, começando a des-

pir-se, e a lamparina tingiu um instante com uma suave côr de rosa o niveo e delicado corpo da joven, do qual nós tambem, tão castos como ella, evitaremos de desvendar os mysterios, e de o apresentar despido, em toda a sua gracilidade virginal.

Approximadamente á mesma hora sentia-se um grande estardalhaço em uma baiúca, ou taberna, dos arrabaldes de Roma. A sala da parte baixa do edificio, estava atulhada de freguezes borrachões, artifices rufiões, e espadachins, que, em honra da verdade, devemos dizer que pelo aspecto não se tornavam mais recommendaveis uns do que outros.

Havia apenas uns segundos que Mohammed, o alchimista do Papa, abancára, sem tugir nem mugir, sem abrir bico, junto das mezas da bodega. Á sua entrada reinou cavo silencio entre os frequentadores borrachões e freguezes. O arabe, porém, pareceu não se preoccupar muito com aquella demonstração, e esvasiou tranquillamente um copo de laranjada: pagou, levantou-se e pôz-se no olho da rua.

—É fiel ao Alcorão! — disse um dos freguezes da locanda, de nariz côr de pimentão, e olho marau.—Não vistes que não provou vinho e que só escorropichou uma laranjada?

—É porque ha aqui muito *luzio* que o podia observar... Mas fica certo, meu velho, que no Vaticano emborracha-se com tanto gosto, como aquella curtidor que ali está, que ha uma hora abancou á meza d'onde acaba de se levantar o da Mourama, e que não sae d'ali nem a pau...

—Os que bebem vinho teem melhor *facha* do que elle...

—Olhaste bem para elle?

—Olhei, sim.

—Ó diabo! Não sabes que é *jettatori?*

Com mil pipas!—regougou o interpellado, empurrando ao mesmo tempo para longe o curtidor que cambaleava, e que parecia querer sentar-se-lhe nos joelhos.

O borracho, porém, perdeu o equilibrio, e baqueou, catrapuz! pezadamente no sobrado.

Jettatori, como é sabido, chamam os italianos a alguns individuos que suppõem que dão *mau olhado*... (1)

—Olá, meu borrachão! Vê se te tens nas pernas!...— disse o freguez de novo ao curtidor.

Mas o curtidor não se bulia, e o freguez, pondo-se em pé, clamou:

—Está *borracho-morto.*

—Perdão —disse intromettendo-se na paróla um espadachim que se abeirou, — o *borracho* é demais. Basta só o *morto.*

(1) Esta preoccupação estupida é muito vulgar na Italia, e em especial em Napoles interna. Não só o vulgo ignaro e illettrado, mas até pessoas que teem obrigação de não serem leigas teem este prejuizo, sobre tudo os artistas lyricos, que até usam *amuletos.*

—Quereis dizer?...

—Ponha-lhe o *luzio* em cima... *Tosque-o* bem.

E o fanfarrão do mata-mouros, gingando o corpo, levantou um braço inerte do curtidor, e chamou a attenção da assembleia para a face do borracho completamente congestionada, e que de repente passára de côr arroxeada a côr de cêra de tocha mortuaria.

—Está morto!—repetiu, assarapantado, o côro dos beberrões.

—Completamente morto!—disse com voz de trovão o espadachim.

O curtidor, com effeito, acabava de expirar, empolgado por uma congestão.

Mas não foi esta a opinião dos frequentadores da baiúca, porque quando alguns mais burguezorios aventaram pacatamente o alvitre de que fôra uma congestão cerebral, ou cardiaca, muitos braços expressivos de borrachos amigos do maravilhoso designaram, malignamente, e piscando o olho entre si, o logar onde estivera assentado o arabe ao lado do borracho.

—Envenenado!

—Mohammed!...

Taes foram as exclamações significativas, quasi tão significativas como as piscadellas d'olhos, com que foi commentado aquelle drama da borracheria.

A suspeita e a accusação seguiam-se de perto, como se vê.

Mas, de subito, um grito, ou uivo, se levantou mais significativo ainda.

—É o alchimista do Papa!

E áquelle grito seguiu-se ainda um outro:

—Súis ao envenenador!...

E n'um ápice, em quanto o démo esfrega um olho, ficou vasia a taberna, e com tanta mais presteza quanto muitos frequentadores, que tinham contas atrazadas ou que tinham só cotão nas algibeiras, estavam mortos por achar léo de girarem, sem pagar ceitil.

Só o dono da baiúca e mais o cadaver do curtidor ficaram sósinhos por algum tempo.

Como havia só um caminho por onde enfiar, para se ir da bodega ao Vaticano, a turba avinhada não podia tomar por outro. Berrando portanto, fúla, esbufando, correu atraz do alchimista, cuja má fama, como sabemos, era rasoavelmente merecida.

O arabe que ia caminhando muito pachorrentamente, perturbado um pouco o seu temperamento, é verdade, por ter topado uma loureira beijocando calidamente o amante a uma esquina, estranhou, e pasmou mesmo bastante, ao sentir aquella estrupida do poviléo, aquella grita, e no meio d'essa grita distinguir o seu nome.

Voltou-se, e sem bem comprehender a causa do borborinho, e n'um ápice, ajuizou do risco da situação. Luctar contra vinte homens, mais de metade dos quaes iam armados de catana, teria sido loucura rematada, visto que os dous punhaes que levava no cinto só lhe serviriam para irritar ainda mais a matula que corria atraz d'elle, o populacho que lhe dava vaias. Discutir com aquelles desalmados escandecidos, e já com o seu grão na aza, e sumo de parreira na barriga e na mioleira um tanto rixosa e bulhenta, era trabalho perdido. O arabe conhecia a sua impopularidade, e não

podia de fórma alguma arriscar-se a provocal-a. Tomou pois o partido de dar ás de *villa de Diogo*, comprehendendo que se fosse catrafilado, não haveria Papa no mundo que impedisse que elle fosse feito em postas.

Por isso corria com toda a celeridade das suas gambias nervosas: mas os bebedores, sem deixarem de correr tambem, redobraram de grita e de voseira, o que amotinou todos os pacatos bairristas, que se assomaram ás janellas, assarapolhados, toucados de barretes de dormir, suppondo que ardia o bairro em peso.

E com a grita d'elles, acudiam em tropel tambem os transeuntes, que se reuniam á onda dos que berravam contra o pobre mouro, que já mandava ao diabo o Alcorão, o Papa e Mahomet, e mais os seus camellos, de que fôra conductor.

Lestamente percebeu o misero Mohammed que ia achar-se encurralado entre os perseguidores que corriam atraz d'elle, e um bando de pintores da sociedade do *Caldeirão*, que acabavam de cear bem, e que gulosos de aventuras, ao verem um homem fugir, não vacillariam em porem-se da parte dos que lhe davam vaias.

O arabe achava-se então ao pé do palacio de Bibienna.

N'um momento que poude esgueirar-se aos olhares dos inimigos, tomou uma resolução desesperada que pôz em execução em menos tempo do que é preciso para a referir.

Desembainhou um dos seus punhaes, de cuja boa lamina estava certo, cravou o primeiro n'uma das juntas das pedras da parede, cravou outro mais alto ainda, e assim ascendendo por elles, arrancando-os, e tornando-os a cravar successivamente, foi marinhando pelo palacio acima.

D'esta fórma chegou a uma cornija bastante elevada, aonde pensava assolapar-se e esconder-se, escapulindo-se á furia bravia dos chinfrineiros: comtudo, como a noute estava um tanto clara, comprehendeu logo ao pôr-se ali á coca, que não tinha as costellas bem seguras. Já se acercavam d'elle os amotinados, gritando como uns energumenos: e Mohammed tendo observado que a cornija que tornejava todo o edificio, conduzia pela direita a uma janella que parecia entre-aberta, e que pertencia a um quarto ás escuras, onde parecia não estar ninguem, empurrou a vidraça, pois, e saltou para dentro.

Mas sobre o leito illuminado pelos pallidos reflexos enxergou uma mulher semi-nua, que se sentou no leito, espantada.

Quem está ahi? Soccorro!... —gritou ao vêr pinchar para dentro da alcova o vulto humano, a face amulatada do arabe.

—Silencio! — supplicou Mohammed pavido. — Não tenhaes susto!...

—O que ha? O que succede?

—Ouvi!

E o populacho que correra atraz do alchimista, e já chegára debaixo das janellas do palacio, berrava em grande vozeira, de guella escancarada:

Havemos de esganal-o! Grande birbante!... Entreguem-nos o bigorrilhas!...

O cardeal não estava no palacio, pois tinha ido a uma ceia em casa de Machiavello, e, portanto, na sua ausencia, quem foi abrir á turba multa, foi o mordomo.

A turba precipitou-se furiosa pela porta dentro, antes que o creado tivesse tempo sequer de perguntar-lhes o que queriam.

—Perseguem-me!— dizia entretanto á dama o assarapolhado arabe— Consentireis, senhora, que me matem aqui na vossa presença?...

—Não, não...

Empurrou a vidraça, e saltou para o quarto. A lua illuminava com seus reflexos pallidos um leito em que estava, sentada, uma mulher semi-núa.

CAP. XXXX.

—Pois bem, salvae-me por piedade!... Facilitae-me os meios de fugir.

—Por onde?

—Pela escada...

—Mas está cheia de povo...

Com effeito, sentiam-se já os passos precipitados que subiam, e os ber-

ros achavascados dos beberrões misturando-se aos gritos de Julieta e dos creados.

—Não ha outra escada?

—Não ha.

—Oh! que fatalidade!—murmurava o arabe.

E assomou a cabeça á janella, por onde havia pulado para dentro da alcova. A rua estava atulhada de poviléo e de curiosos.

—Estou perdido, perdido sem remedio!—exclamou com profundo desanimo.

N'aquelle mesmo instante empurravam com tal força a porta, que parecia que a queriam metter dentro.

O alchimista caminhava com grandes passadas pelo quarto, seguido de Maria, que, no seu panico e afflicção, esquecêra completamente a sua nudez. Em seguida tornaram a empurrar com mais violencia a porta.

—Ah!—exclamou Mohammed, precipitando-se para o leito, e escondendo-se entre o cortinado de grandes damascos, antes que Maria tivesse podido sequer embargar-lhe aquelle movimento.

N'este mesmo instante, a porta era arrombada.

—Estaes doudos varridos, exclamava Julieta da parte de fóra.—O que é que procuraes aqui!

—Procuramos um bilhostre, um assassino, e havemos de estripal-o!...

N'este quarto não está ninguem, a não ser a sobrinha do cardeal... E ides matal-a de medo, se entraes por esta fórma.

—Nós não queremos fazer mal á menina... Só queremos esganar aquelle biltre, aquelle bargante, aquelle...—regougava um dos beberrões, d'olho luzidio, murro fechado, trocando as pernas cambadas.

—Não podemos deixar—ajuntava outro—de vingar o assassinato de um honesto bebedor, homem capaz, que este bargante *estafou*...

E pela vozeira e berraria que fazia, mostrava que não era a agua que lhe havia feito mal.

—Nós vimol-o entrar para aqui!—barafustava um terceiro, de pala verde no olho.

—Entrou, entrou que eu bem o tosquei!—urrava outro.

—Mas não encontrou saída, e saltou de certo para o predio aqui ao lado!—clamava Julieta.

—Já vamos ver isso!—gritava a multidão—Isso já se vae vêr!—berravam todos na rua, mesmo aquelles que chegavam n'aquelle momento, e não sabiam nada do sarrabulho.

—Quando o vi saltar—continuava Julieta, querendo-os calmar—eu fugi espavorida, e parece-me que elle se evadiu para o jardim.

—Vamos lá vêr o jardim!

Os perseguidores de Mohammed dispunham-se a invadirem de roldão o jardim de Bibiena, quando o espadachim, o que com os seus modos gingões e estrondoso vozeirão, berrava mais alto do que todos, se oppôz, dizendo a Julieta:

—Perdão, menina... já que estamos aqui, rebusquemos primeiro!

Maria de Bibiena, que tendo-se mettido de novo no leito, começava a respirar, sentiu-se sacudida por um terror convulsivo.

—Tornaes a insistir! —aventurou-se a dizer a aia—Já vos disse que não está mais ninguem aqui alem da sobrinha do cardeal.

Mas o espadachim conservou-se firme. Quem sabe se o impellia tambem o secreto desejo de enxergar bem de perto a sobrinha do cardeal, como diz o poeta,

> n'esse trajo singelo, mas que inflamma,
> d'uma belleza que saltou da cama.

Alentado, pois, o espadachim por muitos que approvavam o seu alvitre, rebuscou a alcova toda, mettendo o nariz em todos os recantos, sem encontrar sombra de arabe, nem de turco.

Mas de subito, parou na sua busca, e o alchimista que atravez das cortinas o estava observando, sentiu correr-lhe na espinha um suor gelado. É porque o espadachim tinha olhado para a cama.

—E ali?—perguntou com ar de triumpho.

Julieta adivinhou nos olhos da joven assustada que o espadachim havia descortinado o esconderijo do arabe, e ia responder-lhe com um gesto que indicava:

—Ora! tanto peor para elle! Não vos amofineis por isso...

Mas a joven, escutando sem duvida palavras mais piedosas que subiam do fundo do seu coração a favor d'aquelle foragido, ouvindo talvez echoar dentro da sua alma a supplica desesperada que lhe dirigia mentalmente o miseravel, erguendo-se no leito, com uma nobre e pura altivez, gritou-lhes:

—Atrevem-se a suspeitar que esse homem esteja escondido no leito da noiva de Raphael!...

O nome do excelso artista foi pronunciado com tal dignidade e energia que todos recuaram, e até o espadachim titubeou, engasgado:

—Eu não sabia!... Mil perdões, menina!... Se affirmaes que o melcatrefe não está ahi...

Reinou profundo silencio.

Maria de Bibiena replicou com resolução:

—Não está aqui.

O espadachim, d'orelha murcha, dirigiu-se em acto continuo para a porta, seguido de todo o cortejo de borrachões, curiosos e transeuntes, Julieta, que fechava a marcha, trocou com a joven ama um olhar tranquillisador.

Mas Maria estava então agora que o arabe já não corria perigo,—mais tremula e nervosa do que antes. Permaneceu muito tempo assim, tremula, silenciosa, prestando attenção a todos os rumores nocturnos, e não ouvindo mais do que o echo das vozes e das passadas dos que se iam embora, rebuscando ainda inutilmente todos os escaninhos e recantos do palacio.

Tão absorta estava que não deu mesmo fé da entrada de Julieta, que vinha dizer-lhe que a turba multa já não pejava nem o palacio, nem a rua, quando de chofre estremeceu, ao sentir soar na sua mão um beijo e rolar uma lagrima.

Era Mohammed que se lhe havia ajoelhado aos pés. Na face transluzia-lhe a expressão de uma gratidão intima. Em seguida pôz-se em pé: e com as mãos cruzadas no peito, á moda oriental, saíu recuando, como se estivesse sob uma fascinação magnetica, e não podesse affastar os olhos d'aquella mulher de olhos rutilantes, maravilhosos, que o havia salvo da morte.

CAPITULO XXX

A herança

O campanario do convento de Nimpkchen tinha badalado a finados.

Soror Noemi, a mãe da pobre Francesca, que acabava de pôr-se a caminho de tão longe para a ver, succumbira na vespera, victima d'uma febre maligna.

Soror Noemi, porém, não occupava nenhuma simples, rude e modesta cella, como as outras freiras. Dispunha d'uma parte inteira do estabelecimento religioso. Mas a sua cella, propriamente dita, era uma camara magnificamente mobilada de moveis gothicos, de oratorios forrados de velludo com o chão maciamente alcatifado de tapetes luxuosos e de preço, doces e suaves ao piso, e sobre os quaes a velha dona expiára em cheiro de santidade, com os olhos cravados nas Virgens dos quadros, e nos Christos de marfim.

Graças á sua fortuna prodigiosa podéra custear todas aquellas maravilhas artisticas.

Nunca se conseguira saber ao certo a quanto montava o valor d'aquellas alfaias, diamantes, titulos de propriedade, valores em metal, direitos de impostos sobre tal ou tal aldeia, ou territorio, que ella cuidadosamente havia arrancado ás mãos do mundo, e quizera enterrar comsigo no claustro.

De vez em quando, a sua generosidade e bizarria proporcionava ao mosteiro grandes beneficios, e offertas principescas: taes como, custodias d'ouro, calyces e lampadas, tabernaculos dourados, cruzes maravilhosas, com a imagem esculpida em ouro ou em prata d'Aquelle que haviam crucificado os seus antigos paes.

D'esta sorte, o seu numerario convertia-se em objectos religiosos e pios, cuja vista só bastava a provocar nos labios dos padres e das monjas sorrisos de cupidez mal reprimidos. N'aquelle dia, pois, ás seis horas da tarde uma selecta concorrencia rodeava o leito da finada.

Estava tão serena e placida, como se fosse viva: o embalsamador havia-a cintado toda á semelhança do que os antigos usavam com as mumias egypcias: e a pintura fôra feita tão artisticamente, tinham-lhe colorido os labios tão superiormente com vermelhão, ennegrecido-lhe o supercilio, composto as covadas faces de tal modo que no branco mate do rosto destacasse a linha azul das veias, que o primeiro que entrasse opinaria sem esforço que ella dormia em somno calmo e sem cuidados.

A cada momento, chegavam novos visitantes a augmentar a concorrencia já numerosa na cella: mas só entravam n'ella depois de terem pronunciado, ao ouvido da freira que estava de véla, uma phrase inintelligivel.

Grandes brandões illuminavam a sala de arcos romanos: e quando se estabelecia uma corrente d'ar entre a porta aberta e uma janella cujas vidraças se tinham descerrado, o vento agitava a flamma dos tocheiros, assemelhando-as a linguas de fogo, que reflectiam sinistros clarões na face do cadaver.

Bateram as seis horas. Um frade dominicano que estava conversando com a superiora, interrompeu o seu colloquio, e dirigindo-se aos assistentes, disse-lhes:

—Meus irmãos:

Fuzilou um olhar seductor sobre a parte feminina do auditorio, cujos rostos apenas se enxergavam debaixo das toucas, e proseguiu:

—E tambem vós, amadas irmãs, todos nós temos que deplorar uma grande perda na pessoa de soror Noemi, que Deus retirou do nosso seio.

A palavra do frade era meliflua, e os seus gestos estavam em perfeita harmonia com a sua physionomia respeitavel, encaixilhada em cabellos grisalhos. O orador parecia escutar-se a si proprio, com complacencia, cheio de gaudio por aquelle ensejo que se lhe offerecia de deslumbrar os fieis com a sua oratoria.

—Ai! —continuou elle—a Providencia, cujos designios são impenetraveis, fere-nos ás vezes n'aquillo que mais amamos!...

Um frade de cabellos brancos, cortados quasi á escovinha, magro, quasi anão, a face rugosa semelhante a um pergaminho poento, interrompeu brutalmente a conclusão do periodo.

—Fr. Wilhem—disse elle—estamos perdendo um tempo precioso... Teremos mais tarde occasião de nos lamentarmos, resar quantas orações funebres quizerem, e fazer o elogio funebre das suas virtudes, que provem até á saciedade a apostasia que da religião hebraica fez a finada...

Um murmurio de approvação pairou nos labios dos ouvintes.

—O que urge porém mais que tudo—continuou o prior—é abrir o testamento, agora que já estamos em numero sufficiente e legal.

—Sim! Sim!—clamaram muitas vozes.—O senhor Priérius tem razão.

O testamento! O testamento!...

—O mais provavel—continuou Sylvestre Priérius, com entono de au

ctoridade — é que a immensa fortuna da nossa pobre irmã foi legada por ella á communidade: assim pelo menos o faz crer a facilidade com que acceitou a nossa indicação. De toda a fórma, do que precisamos é de nos inteirarmos depressa, pela leitura do testamento, se temos que remover alguns obstaculos, e quaes estes possam ser...

— Muito bem! Muito bem! — clamaram varias vozes em côro.

Acercaram-se então todos d'uma mesa, e á luz d'uma lampada enxergou-se um vasto sobrescripto com cinco sellos vermelhos. Fr. Wilhem abeirou-se d'essa mesa. No sobrescripto liam-se estes dizeres:

«Este é o meu testamento.»

O frade abriu o sobrescripto, desenrolou o pergaminho, e no meio d'um silencio mortuario leu o que se segue, com voz clara, cantante e pausada:

No momento de comparecer deante de Deus e em nome da Santissima Trindade, declaro que é esta a minha vontade, que desejo que se cumpra como disponho n'este testamento.

Lego todos os meus bens, prados, moinhos, villas, cortiços, bosques, alfaias, roupas, titulos, cartas e capital que possuo em propriedades, adquiridas por mim, por herança dos meus ascendentes e por aquelle que foi meu esposo, cuja alma Deus tenha em sua santa gloria, e cuja somma total se eleva á cifra de vinte milhões de ducados...

A audição d'esta quantia fabulosa produziu no auditorio um arrepio de avareza deliciosa, e de assombro inaudito.

O mesmo frade que lia o testamento, parou um pouco, para enxugar a fronte alagada de suor.

— Que mais? Que mais?... — murmuraram com anciedade febril varias vozes.

— Continuae — gritou o prior. — E não podendo sustar mais a sua impaciencia, arrancou o pergaminho das mãos do frade e continuou com um tremelicar de commoção na voz:

vinte milhões de ducados á communidade de Ninpkchen, que me recolheu...

Um grito de triumpho, mesclado de palmas de applauso, explosiu de todas as gargantas e retumbou em toda a sala. Os assistentes apertavam-se mutuamente as mãos, abraçavam-se, davam-se indistinctamente os emboras e quasi se beijocavam. Vinte milhões de ducados! Tudo para a communidade! Tudo para elles!...

Priérius havia permanecido, entrementes, impavido no meio de tanto enthusiasmo, e encolhia desdenhosamente os hombros.

— Então, para que é tanto gaudio, afinal! — disse com cynismo — Que vos importa que vos tenham legado, ou não, essa fortuna? Não creis de todos os modos senhores d'ella, visto que ella estava escondida no convento?...

A sagaz politica d'aquelle frade ardiloso valeu-lhe uma geral ovação: porém o irmão Wilhem interrompeu-a com estas palavras:

— Não é assim!... Não se agaste o veneravel prior, mas decerto não fez reparo n'estas phrases, escriptas no principio do pergaminho: O duplicado d'este testamento está depositado em logar seguro.

— Diabo! — exclamou um.

Esta precaução da freira pôz toda a gente apprehensiva, e tão apprehensiva que a ninguem occorreu perguntar que traição haveriam feito á monja, para ella se prevenir tão bem contra qualquer futuro dólo, da parte do convento.

O reverendo Priérius acurvou a cabeça. E, passada a primeira turbação, volveu a pegar no testamento.

Então os assistentes empallideceram ao vêl-o empallidecer. Uma surda exclamação pareceu estrangular o prior.

Eis aqui o que o prior leu, com voz alterada:

«Entenda-se sempre bem, que este legado não poderá ser cobrado pelo convento de Ninpkchen, senão em caso de haver fallecido minha filha Francesca Pandolfini, a quem, apesar das suas faltas, eu não posso desherdar.»

Pintar o assaralhopamento, o espanto, o estupôr, o pasmo, o assombro, a atarantação, que se debuxaram nas feições de todos aquelles rostos sagrados seria empreza difficil. Por um momento reinou um silencio mortuario, glacial. Ter-se-hia dito que até os corações haviam deixado de pulsar, e que os assistentes que cercavam o cadaver eram estatuas inanimadas.

Depois miraram-se uns aos outros, atordoados, emparvecidos. Os que se abeiravam mais do prior, liam de novo, e com incredulidade, o pergaminho. A leitura, porém, era concludente. O codicillo estava legalmente assignado: «*Soror Noemi.*»

E, então, um grito, um uivo, um rugido de cólera explosiu.

—Uma filha! Então, não tem uma filha!...

Esta explosão de bravia cólera foi seguida d'um movimento de decepção. Todas as desillusões se agglomeravam com pujança esmagadora, e o despeito crescia cada vez mais, na razão directa do gaudio que pouco antes lhes havia dilatado e illuminado as faces risonhas.

Os frades, almejando por encontrarem uma saída n'aquelle barranco, estavam profundamente pensativos. As freiras estavam furiosas, murmurando imprecações e doestos contra a defunta. Quem os visse e as ouvisse diria que passára por ali uma grande matula de rapinantes, e que os haviam pirateado, ou passado o mosteiro a saque. D'aquella torrente de amargos vituperios resaltava sempre o mesmo dito: «Tem uma filha! Tem uma filha!...

A todo aquelle bando de mulheres, ainda que nem todas virgens, pelo menos todas estereis na generalidade, parecia aquillo monstruoso.

«Vinte milhões de ducados!» repetiam os homens, espaçando as syllabas, e pronunciando-as sonoramente.

Calmada finalmente a indignação, succedeu uma phase de pensamentos mais cordatos, e o prior que parecia afagar mentalmente um projecto, saiu da sua cogitação. Os que estavam mais perto d'elle seguiam-lhe anciosamente na veneravel physionomia as diversas emoções que n'ella se retratavam, e não puderam deixar de notar a mudança que se operára.

O prior, com a voz mais pacifica e mellifluа do mundo, perguntou:

—E essa filha onde é que está?

Bastou esta pergunta, na apparencia tão natural, singela e candida,

para fazer surgir claramente aos olhos de todos a ideia monstruosa que atraz d'ella se solapava. Decerto que aquella mesma ideia já a outros occorrera, porque varias vozes melancolicamente exclamaram, quasi ao mesmo tempo:

—Ah! se nós o soubessemos!...

Porém ninguem sabia nada, ninguem tinha indicio ou esclarecimento algum.

—Talvez que esteja em Roma.

—Mais valêra que estivesse n'outra parte!

—Sim. Mas quem sabe se estará ali o duplicado do testamento?

—Forte pena não se ter tido a prevenção de fazer com que ella desherdasse a filha!...

—Mas se ninguem sabia que ella tivesse filha!...

E um formidando murro fez cambalear e quasi caír a mesa.

Era fr. Wilhem que, furioso por não ter encontrado solução nenhuma ao problema, se mostrava ainda mais fulo do que os outros.

—Estamos perdidos! A Francesca em questão, qualquer dia cae ahi em cima de nós, quando mal o pensarmos! Pelas barbas do diabo! Trovões e raios!... Uma filha! Que espiga esta!... Quem tal pensaria?

O despeito dementava-os: fazia-lhes perder a hypocrita cordura, a compostura de maneiras e o ar mellifluo e adocicado, que é o encanto das beatas gentis e dengosas.

Fr. Wilhem, o orador que tão flebilmente começára a fazer o elogio funebre da finada, esse é que litteralmente havia perdido as estribeiras. Perdeu toda a gravidade e aprumo, e voltando-se para o cadaver da pobre finada, sobre o qual se reflectiam com tintas sanguineas os clarões das tochas, increpou-o, e injuriou-o brutalmente, como um carrejão.

—Não reparaes—bufava elle—que ella caçoou com a gente!... Fez-se amimar, incensar, embellecer, regalar, e depois pregou-nol-a mesmo nas bochechas!... Engazupou-nos! Podia guardar para si as taes custodias d'ouro! Não era isso que nós queriamos de ti, velha velhaca! Decerto que ella devia rir-se bem com os seus botões ao pensar na farça que se daria depois de morta! Eu interroguei-a, pessoalmente, sobre os seus herdeiros, e fil-a interrogar tambem por minha neta Frederica, todos nós separadamente a interrogamos, e a todos ella retorquia invariavelmente como vós todos podeis attestar: «Ai! estou sósinha no mundo!... Meu marido morreu, e não tenho descendencia.»—Embusteira! Descarada!...

Effectivamente fr. Wilhem acabava de repetir, palavra por palavra, a phrase favorita de soror Noemi.

Desconfiando, decerto, dos frades, para o que talvez lhe não escasseavam razões, julgára assisado não lhes narrar os desgostos que a minavam, e isolada n'aquelle convento devorava, silenciosamente, os pezares que lhe causavam o proceder da filha, de cuja falta fôra sabedora, assim como do seu amor por Giovanni.

Se Francesca tinha um amante, estava deshonrada, e a nova do nascimento d'um filho—um bastardo—não faria senão amargurar mais a alma enlutada de Noemi.

Voluntariamente condemnára-se, desde então, a considerar a filha,

como tendo morrido para ella. Mas, por uma justa compensação da sua alma, um ultimo instincto de mãe sobreviveu: e foi elle que, áquella que fora outr'ora tão carinhosa, lhe fez domar o orgulho, e desarmou a cólera, de sorte que no momento supremo, ao acercar-se a hora da separação definitiva, não poude decidir-se a desherdar a culpada, nem castigar o innocente que d'ella nasceu.

—Sim,—continuou fr. Wilhem, com as cordoveias do pescoço tão salientes e inchadas que pareciam querer rebentar—sim, mentiste, canalha! Morreste, *gratis por Deo*, chegou o momento afinal de o dizer! Regalamos-te e animamos-te com blandicias, carinhos, afagos, solicitude... E afinal... Ah! não sei como me contenho, que...

E, travando brutalmente d'um braço da morta, deu um safanão n'elle com tal força, que o cadaver se endireitou no esquife.

Os assistentes recuaram apavorados.

Mas fr. Wilhem ia embravecendo cada vez mais, e com o punho fechado ameaçava esmurrar a propria face da morta.

O prior então, para evitar esse escandalo, precipitou-se sobre elle, forçando-o a largar a defunta.

—Vamos!—interveio elle—Isso é de mais... e, sobretudo, escusado!

—Mas...

—Caluda!

E, á viva força, tiveram que empuxar d'ali o endemoninhado fr. Wilhem—emquanto que o cadaver, livre emfim das garras d'elle, caía pesadamente no sobrado, que as bandeletas se rompiam na queda, e que a pintura dos labios, ainda fresca, besuntando-lhe a face toda, a fazia semelhar a uma cara esmurrada, onde o sangue se coagulára.

As monjas, persignando-se, fizeram o possivel para accommodar bem o cadaver que soffrera muitos damnos na queda, apesar de já não guardarem com elle os mesmos respeitos que tiveram quando alimentavam a esperança de herdar. Quando emfim se restabeleceu a tranquillidade e o silencio, Sylvestre Priérius disse com accento glacial:

—As recriminações são estereis. Agora trata-se d'outra cousa, e vamos procural-a, sem descanço. Vive Francesca Pandolfini, a filha da nossa venerada irmã em Jesus Christo?... Pois seja. Mas quem sabe se Deus, esse Deus cujos designios são impenetraveis, lhe não fará a graça de a chamar bem depressa ao seu divino seio?

—Isso está feito—rechinou uma voz desagradavel.

Os visitantes, como movidos por uma unica mola, voltaram-se todos ao mesmo tempo para o intruso.

E no fundo da cella aprumava-se em toda a estatura um homem que tinha ares de colosso, cujo tronco se apoiava n'umas compridas e delgadas pernas, que calçava umas grossas botas de montar, todas empoeiradas, fitando descaradamente a assembleia, e embrulhado n'uma longa capa verde.

—Frick-Frick!—exclamaram alguns.

O homem deu dous passos á frente.

—O que é que dizeis?—interrompeu o prior dos dominicanos.

—Digo que não ha que ter receios da vinda da pessoa de que fallaes...

—Morreu?

O homem da capa verde fez um signal affirmativo com a cabeça.

—Ha quanto tempo?

—Ha dous dias.

—Estaes certo d'isso?

—Estou.

Frick-Frick disse estas palavras com voz tranquilla, mas acompanhou-as com um gesto tão energico e expressivo, que a seu pezar o auditorio sentiu correr-lhe o corpo um calefrio.

—Tinheis, pois, conhecimento da existencia d'essa filha?

—Tinha.

—E como o sabieis?

—Sabia-o. Que importa o mais?

—Todavia...

—Morreu... em resultado de um desgraçado equivoco. O seu escudeiro, em vez de a fazer beberricar, a tempo, um cordial, deu-lhe a beber uma geropiga envenenada. Ella havia desmaiado ao receber a nova da morte da mãe, nova que n'aquelle momento era um tanto antecipada. Mas o que é facto é que morreu e eu deixei o seu escudeiro gritando, em altos berros:— Soccorro contra os assassinos!... Parece-me que estas noticias vos devem bastar. Satisfaz-vos o resultado?... Sim. Pois então peço que não me amarfanheis com perguntas inuteis e respostas incommodativas.

—Assim seja.

—A quanto monta a herança?

—A vinte milhões de ducados.

—Pois agora já são vossos.

A estas palavras, que tudo resumiam, debuxou-se, imperceptivel ao principio, mas depois franca e vincadamente, um sorriso de gaudio na face dos espectadores: e a elle se mesclou, tambem, um sentimento de respeitosa admiração para o portador de tão magnificas novas.

A um gesto de fr. Arthur, que entrára logo atraz do correio, e que esquecêra promptamente a sua cólera, todos, prior, frades e freiras, caíram de joelho em terra, em attitude religiosa, deante do cadaver, e começaram a murmurar orações reclamando a entrada immediata da defunta no reino do céo. As acções de graça, porém, foram de curta duração, pois parecia que todos tinham pressa de palpar as riquezas cubiçadas e cuja posse criam já então segura.

Pobres herdeiros!

Logo na occasião de expirar a pensionista do convento, o primeiro cuidado da superiora fôra sellar a porta do armario em que a irmã Noemi encerrava os seus trajos de religiosa. Portanto, aonde é que ella podia melhor guardar os seus diamantes e os seus titulos?...

—Quebremos os sellos—ordenou o prior, com voz imperativa.

E ainda bem não fôra dito que foi feito n'um abrir e fechar de olhos.

Tiraram á pressa os vestidos da morta, que estavam dentro do armario. Quando o viram vasio, examinaram-n'o attentamente á luz da lampada. No armario porém não se achou nada.

—Abafou-os n'algum esconderijo!—grunhiu fr. Wilhem.

—Assim parece!—rosnou Frick-Frick.

Parece-me isso plausivel—alvitrou o prior—porque sei por via d'um joalheiro que ella realisára importantes compras de joias, decerto para reduzir a sua fortuna a pedras preciosas e podel-as esconder com maior facilidade.

—Que o diabo a carregue!—regougou fr. Wilhem.—Vae ser necessario experimentar todas as paredes! Forte desconfiada era ella!...

Mas em vão batucaram, anciosos, em todas as paredes: embalde rebuscaram e metteram o nariz em todos os recantos, esconderijos e buracos, nada indicou que se tivesse dado com o coio ambicionado.

—Trovões e raios!—bufou fr. Wilhem.

E desappareceu, trazendo em seguida na dextra, e brandindo-o apopletico, um formidando machado.

—Mas para que é isso?—interrogaram varias vozes.

—Sangue de Christo! a cousa é bem simples. Escaqueirar este maldito armario!...

Frick-Frick, que se quedára silencioso ao pé da mesa em que estava o testamento, perguntou, levantando a voz:

—Fazer em cacos o armario, para que?...

Fr. Wilhem olhou-o com estupefacção, a bocca aberta, cuidando que aquelle mequetrefe tão intelligente houvesse de chofre emparvecido.

—Quero certificar-me—respondeu elle, por complacencia—de que o armario não tem nenhum segredo.

—Não sou da vossa opinião—affirmou imperturbavelmente Frick-Frick.

—Então porque?

—Esperae.

E o homem da capa verde approximou da luz, e teve-o durante algum tempo exposto á acção da chamma, o pergaminho do testamento.

Este seu movimento, ao principio, arrancou um grito de panico dos circumstantes, mas o terror desappareceu quando o viram aquecer ligeiramente a parte do testamento que estava em branco.

Pouco a pouco foram surgindo caracteres amarellados, porém perfeitamente legiveis, até se poder lêr distinctamente uma phrase inteira.

—Olhae!—clamou Frick-Frick com ar de triumpho, apresentando o testamento ao prior que poude lêr, e leu em voz alta:—«Terceira pedra, debaixo do quarto arco, lado direito, pateo de recreio.»

Frades e freiras puzeram-se em continente em pé, dispondo-se a correr precipitadamente ao cubiçado esconderijo.

—Parae!—ordenou o homem da capa verde.—É inutil e perigoso que vamos todos juntos praticar um reconhecimento em um pateo em que podemos encontrar pensionistas a quem não convém revelar nada d'este genero de heranças.

—Pretendeis que vos deixemos ir só?—perguntou fr. Wilhem com sorriso chocarreiro.

—Não. Iremos tres delegados, se quereis, escolhidos d'entre os que mais serviços tenham prestado, e, sendo assim, não creio que rejeitem o reverendo Priérius, fr. Wilhem, e a mim...

A assembleia applaudiu.

—Seja pois!—opinou um frade.

Os tres homens saíram da camara mortuaria, deixando aos outros o cuidado de velarem o cadaver. De tudo se occuparam, porém, os que estavam ali reunidos, menos de soror Noemi, seja dito em honra da verdade.

Ao chegarem os delegados á pedra indicada, trataram de a levantar, valendo-se d'uma alavanca de ferro. Descobriram, de facto, um vacuo, mas não acharam mais nada, por mais escrupulosamente que o explorassem em todos os sentidos, á luz d'uma lanterna.

Cuidando terem-se equivocado, leram de novo a indicação contida no testamento, e tornaram a contar os arcos e as pedras: «Arco quarto, pedra terceira, lado direito»... era, sem duvida, ali. O vacuo encontrado comprovava, de mais a mais, aquella opinião.

—Não dizia eu que ella tinha caçoado com a gente?...—exclamou fr. Wilhem, cujo rosto em meia hora tinha passado vinte vezes por todas as côres do arco iris, e agora estava passando do rôxo para o branco-mate.

—Eu creio antes—opinou o prior—que alguem, antes de nós, veio aqui remexer no esconderijo.

—Julgaes possivel?...

—Ólaré, se o julgo!...

Os tres homens entre-olharam-se com desconfiança: mas, diga-se a verdade, sobre quem recaíram mais suspeitas foi sobre Frick-Frick.

Frick-Frick, entretanto, reflectia.

—Esperae—disse elle.—O que é isto?...

E introduziu o braço até á maior fundura do buraco, d'onde sacou uma noz. Levou-a á bocca, e com os dentes quebrou-lhe a casca. A noz continha dentro um objecto pequeno, do tamanho e fórma d'uma bola, e era de materia cinzenta e já endurecida. Á primeira vista parecia de pedra, ainda que bastante leve.

—Já se vê—disse com desanimo fr. Wilhem—que não achamos nada! Trovões e raios! E a quantia era de estalo!...

E com um gesto rapido arrancou das mãos do homem da capa verde a bola cinzenta, e dispunha-se a atiral-a fóra, para bem longe, quando Frick-Frick lhe susteve o braço, dizendo:

—Por Deus! socegae um bocado! Moderae vossas impaciencias, ou juro-vos que não faremos nada com geito!

—Apanhando bolas como essa, não faremos mais que perder tempo!...

—Quem sabe!

—Que quereis dizer?

—Parece-vos acaso natural que uma noz esteja dentro d'um buraco, e que, ainda que ha muito tempo esteja ali, contenha dentro, em vez d'um fructo, uma bolinha como esta? Cuidaes acaso que o fructo se petrificasse?...

Sorriu-se e continuou:

—Não. Pois bem, se isto não é um fructo nem uma petrificação, é claro que foi encerrado dentro d'este buraco por alguem que tinha grande interesse n'esse trabalho delicado, e que dispunha, além d'isso, de tempo sufficiente para o fazer.

Os dous frades escutavam com funda attenção, cheios de interesse, pois viam transluzir n'aquellas palavras um raio de esperança.

—E então que concluis d'isto?...

—Vinde commigo—disse-lhes elle.

E saíram do pateo de recreio, atravessaram o claustro, e penetraram em um lavadouro, contiguo ás cosinhas.

O homem da capa verde acercou-se d'um fogão, e ganhando cada vez mais importancia aos olhos dos companheiros, pegou n'uma caçarola, encheu-a de agua, e pôl-a em cima do lume. Quando a agua começou a ferver, atirou para dentro d'ella a bolita. Mas o objecto estranho, em vez de ir ao fundo, fluctuou ao lume da agua.

—Isto prova—disse Frick-Frick—que este corpo não é formado de materia calcarea.

Os tres delegados inclinaram-se sobre a caçarola fumegante, observando-a com anciedade, e de olhos esbugalhados.

Frick-Frick estava visivelmente contrariado pela ideia, que lhe punha camarinhas de suor na testa, de que a bolita se podesse dissolver, desapparecendo n'ella toda a esperança de que ali estivesse encerrada a chave d'esse esconderijo das *Mil e uma noites*.

E um frio suor lhe manava pela face.

Mas, de golpe, fr. Wilhem soltou um grito de gaudio.

A bolita ia pouco a pouco perdendo a sua fórma, e, finalmente, começou a abrir-se pelo meio. Os tres homens olhavam-a silenciosos.

A bolita, no emtanto, começava a abrir-se, melhor diremos, a desenrolar-se, pois era formada por uma tira de pergaminho, em que se viam apparecer algumas letras. Frick-Frick, tendo readquirido já a sua calma, tomou o pergaminho com muitas cautelas, e começou a estendel-o sobre a mesa. Os seus caracteres eram illegiveis porque a sua tinta amarellada confundia-se com a côr do pergaminho, amarello de si, e amarellecido de mais a mais pelo tempo.

—Diabo!—exclamou o prior, voltando-se instinctivamente para Frick-Frick, o estranho personagem de recursos, que havia revelado uma agudeza mental e logica não vulgar.

O personagem curioso rebuscou algum tempo as algibeiras, e tirou um pequeno frasco de vidro, do qual verteu uma gota d'um liquido escurentado no sitio conveniente do pergaminho. O papyrus tomava uma côr azulada-escura, ao passo que os caracteres tomavam a côr d'um amarello-claro. Ao observar a acção chimica do liquido, exhalou um suspiro de satisfação, e não duvidou em regar com elle toda a tira de pergaminho, no qual appareceu uma linha manuscripta em caracteres gothicos regulares, com estes dizeres: «Ide á tumba da miseria, e descobri a fonte do mundo.»

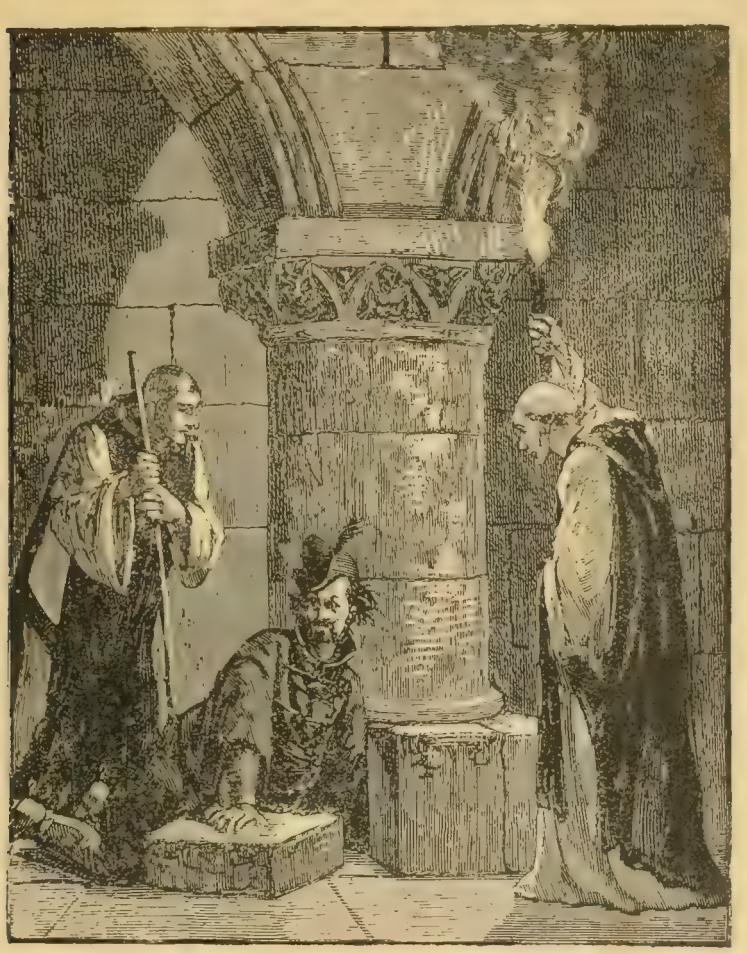
Temia Frick-Frick ter de deparar com um jeroglyphico, cuja chave lhe fosse difficil penetrar; mas tal não succedeu, pelo menos, na apparencia.

A linha manuscripta, que a agudeza do estranho personagem fizera apparecer sob a acção chimica do liquido, foi saudada com um grito geral de triumpho.

A tumba da miseria era-lhes bem conhecida, pois formava parte do

mosteiro. Era uma especie de sepulchro, uma habitação subterranea muito vasta, consagrada a uma santa legendaria. A dita santa não só cedera ao convento toda a sua fortuna, mas até, menos privilegiada que o Judeu Errante, não consentia em tocar em moeda alguma, por insignificante que fosse o seu valor, senão para a entregar logo ao mosteiro.

Tinha-se alimentado toda a vida de raizes e fructos selvagens, não



— Esperae! — disse elle — Que é isto? E introduziu o braço no buraco...

CAP. XXX.

acceitando da caridade mais que os vestidos indispensaveis para salvaguardar o pudor. Más linguas, decerto, propalaram que, logo que a santa assignou o testamento a favor da communidade, as freiras tiveram a crueldade de a deixar morrer de fome.

Seja como fôr, o cadaver foi depositado na tumba da miseria, onde ardia constantemente uma lampada, e cuja temperatura — coisa frequente-

mente observada nos ossuarios praticados em rochas — conservava admiravelmente os seus restos mortaes, como em vida, ou como se tivesse sido embalsamada.

Passava isto por um milagre, e se o juntarmos aos que diariamente fazia o sepulchro da santa, e de que se serviam habilmente as abbadessas, priores e mais gente da sua egualha, poder-se-ha calcular quanto seria explorada a imbecilidade, a ignorancia e a caridade dos fieis.

Quando os tres delegados chegaram á capella ardente e deram conta da sua missão, discutiu-se largamente o que poderia significar a ultima parte da phrase:

«E descobri a fonte do mundo.»

Os assistentes perdiam-se n'um mar de conjecturas, das quaes nenhuma dava solução satisfactoria. O proprio Frick-Frick não atinava com uma explicação razoavel, e começava a invadil-os o desalento quando á abbadessa occorreu uma ideia.

— Ouvi ha muito fallar — disse ella — da existencia, no convento, d'um poço muito fundo. Será acaso o mesmo que se chama tambem a escada do diabo ou do inferno? Não o sei dizer. E aonde está? Tambem ninguem me esclareceu, mas sempre me tem chamado muito a attenção a humidade das paredes do mosteiro.

— Mas nunca se fallou em tumba da miseria — interrompeu o prior, como objecção.

— É verdade. Mas em todo o caso o que digo póde contribuir para achar a explicação desejada.

— Nada se perde em averiguar.

E em continente dispuzeram-se a proceder a novas pesquizas. Cinco minutos depois achavam-se todos na tumba da miseria. Tinham-se munido de picaretas, e as paredes da abobada retumbavam com os furiosos golpes, tudo sem obterem resultado algum.

— Então que dizeis? — perguntou frei Wilhem a Frick-Frick em tom chocarreiro, em que não era difficil descobrir o mais profundo despeito.

— Pois bem, penso uma cousa...

— O que é?

Frick-Frick não respondeu.

O aspecto d'aquelle sepulchro em que vagueavam aquelles frades que com tanta insistencia procuravam thesouro fabuloso, aquella penumbra crepuscular que só muito imperfeitamente dissipavam as luzes dos brandões, a nudez d'aquellas paredes, e sobretudo aquella mole de pedra, em que sob um tecto dourado repousava, entre columnas, a santa, cujo repouso não fôra perturbado, todo aquelle conjuncto phantastico parecia um pesadêlo, capaz de agitar o espirito.

O homem da capa verde acercou-se da santa.

— Alumiem-me! — disse elle.

Os outros aproximaram os brandões, com mão tremula. Reinava um cavo e torvo silencio. Parecia que os espiritos aguardavam alguma cousa ainda mais extraordinaria do que tudo que haviam presenceado n'aquella noite excepcional. Os corações palpitavam, emocionados.

O homem acurvou-se sobre a mumia da santa, e com o dedo começou

a tocar-lhe suavemente a testa, as faces, a barba, que produziam um sonido óco, que o echo fazia estranhamente sinistro.

A mão do homem continuava a descer, e a tocar ao de leve o pescoço e o peito ético da morta. Quando ella porém chegou ao ventre produziu um som bem diverso: a percussão produzia agora um som apagado, como se batesse em um corpo massiço. Frick-Frick, com um brusco e rapido movimento, abriu a tunica, deixando a descoberto, e patente aos olhos dos circumstantes, a morena pelle da santa.

Os frades inclinaram todos as cabeças, murmurando uma oração, temendo que um raio da cólera celeste deixasse o sacrilego fulminado, e reduzido a cinzas.

Mas o audacioso bateu novamente sobre o ventre, retesado como a pelle d'um tambor, e despedindo sempre o mesmo som apagado, com a differença que parecia que n'aquelle local a pancada produzia um retimtim metallico e estranho. Á luz das tochas poude-se enxergar nitidamente o brilho de um diamante em cada uma das pupillas dos olhos da mumia.

O homem da capa verde bateu ainda com mais força no ventre da santa, applicando, d'esta vez, o ouvido mais junto da epiderme. Depois levantou-se, com o olhar radiante, em attitude de triumpho, e pondo, com ar victorioso, a mão sobre o ventre da santa, disse:

—Eis aqui a fonte, a origem do mundo.

E crispando os dedos, rasgou, servindo-se das aguçadas unhas, a costura que cerrava o umbigo da mumia, e arrancou a capa de pergaminho com que lhe envolveram as entranhas.

Um grito inexprimivel de assombro brotou então de todas as boccas, ao passo que a luz das tochas illuminava o ventre do cadaver descoberto. As joias lá encerradas eram em tal profusão que parecia estar cheio de estrellas, despedindo reflexos de azul e ouro, que denunciavam as pedras preciosas: e a cada movimento oscillatorio das luzes, viam-se chispar reflexos matizados pelo verde das esmeraldas, ou o vermelho dos rubins.

O prior quedou-se immovel e como petrificado.

Fr. Wilhem caíu de joelho em terra, juntando as mãos, com um ar extatico.

E emquanto todos os mais olhavam o prodigio, com os olhos desmesuradamente abertos e esbugalhados e as faces illuminadas pela mais funda adoração, com que poderiam fitar o proprio Christo, o homem da capa verde introduzia as mãos ambas no ventre miraculoso, levantando aos punhados, e tornando-os a deixar caír em caprichosa cascata, os rubins, os topasios, as granadas, os brilhantes, as amethystas, as saphiras e os carbunculos.

Passado o primeiro movimento de assombro, estalou e explosiu um *hurrah* prolongado, que os echos dos corredores e torvas abobadas multiplicaram e prolongaram —o que produziu um contraste singular com aquelle recinto de morte e solidão.

Aos gritos de triumpho e gaudio, ajuntaram-se depois, como era de justiça, vivas felicitações e agradecimentos áquelle sêr extraordinario, Frick-Frick, pela sua agudeza mental fóra do vulgar, e rigor de criterio logico notavel.

Até que emfim o *pilhamos!* - clamou um frade oleoso e avermelhado, referindo-se ao thesouro fabuloso.

—Vinte milhões!

—Viva Frick-Frick!

—Hurrah por Frick-Frick!

—Queremos vêr os diamantes de perto!

—Aqui por este lado!...

Um frade então, sem mais ceremonias, lembrou-se de tirar o habito e estendel-o no chão: e depois, despojando o ventre da santa das pedras preciosas, começou a vasar ás mãos cheias, para cima d'esse grande panno negro, os collares, as pulseiras, os anneis, os pingentes, os diademas, as agulhas de diamantes, os botões, as perolas, tudo emfim que o ventre continha e que agora, em cima do escuro habito monacal, fazia uma fulguração radiosa de coloridos soes.

Meu irmão!- melodiou a abbadessa, voltando-se para Frick-Frick — tornastes-vos hoje credor da estima do convento e da sua gratidão...

Frick-Frick inclinou-se, silenciosamente, sem responder.

O prior fez signal a quatro monges para que pegassem nas quatro pontas do habito do frade.

—Agora—disse a superiora—levem para o thesouro a herança de soror Noemi.

Os quatro tonsurados dispunham-se a obedecer, quando se escutou uma voz que dizia alto e com entono vibrante e claro:

—Perdão. Soror Noemi tem uma filha...

Esta voz saíu da penumbra e era uma religiosa que fallava.

—Quem é essa douda?... Não sabeis acaso que essa filha morreu?...

—Enganaes-vos!—retorquiu a religiosa... Enganaes-vos, porque está aqui!—disse a mesma voz.

E avançando para a claridade, descobrindo-se,—appareceu Francesca Pandolfini.

—Ella!—exclamou irritado o homem da capa verde.

E um profundo e funebre silencio pairou geladamente sobre todos.

Mas magicou comsigo aquelle homem todo calculo e de entranha fria—não a tinha eu...

Não concluiu no emtanto a phrase, porque o interromperam grandes vozeiros e berros que soltavam todos os assistentes, perdendo a compostura unctuosa e as ultimas noções de gravidade, pois que a cupidez da riqueza acordára em todos, de subito, o instincto da fera e do selvagem.

—Matemos a filha!... Matemos a filha!...

Taes foram os gritos que estrugiram sob aquellas abobadas lugubres, de todas as fauces, de todos os labios, n'uma solidariedade involuntaria e subita de cannibaes, armados de picaretas, e com fr. Wilhem á frente que era o que commandava e o que urrava mais, com as bochechas encarniçadas.

E todos arremetteram para a formosa judia desarmada

CAPITULO XXXI

Meretriz!

Quando, depois da prisão de Lucas, a Fornarina se encontrou sósinha á porta da casa de Hochstratten, julgou-se victima d'algum pesadelo espantoso. Mas á medida que o ar fresco da noite lhe refrescava a face ardida da febre e lhe acudia á memoria a lembrança dos passados acontecimentos, estremecia, pavida, cheia de horror, como se ainda sentisse a impressão dos calidos beijos do inquisidor.

A casa em que o miseravel havia executado o seu satanico plano, aprumava-se em frente d'ella, sombria, gelada, silente, semelhante a uma tumba.

Realisado o crime, Hochstratten saboreava o seu desejo satisfeito, com a serena calma d'uma impunidade absoluta.

A transtiberiana permaneceu em pé, immovel, como ferida por um corisco.

De repente, um movimento, que cuidou escutar na casa odiada do seu violador, a fez tremer, e receando uma segunda surpreza deitou a correr, aturdida.

A distancia enxergava-se Roma entregue ao repouso, e clareada pelos raios da lua, que se reflectia sobre as arvores e as cupulas das villas, dando-lhes um feérico aspecto phantastico. Nunca poude a si mesmo dizer a pobre rapariguita como foi que se encontrou em sua casa, com a porta fechada á chave, com duas voltas.

Instinctivamente deitou-se no leito, escondeu a face na almofada, e passou a noite immovel, sem exhalar uma queixa, nem um soluço, nem um suspiro.

Ás vezes, durante aquella noite de intima e cruel tortura, fechava os

olhos, vencida pelo cansaço: mas depressa os tornava a abrir, repellindo, em imaginação, mãos brutaes que ella julgava que a acarinhavam, e limpando os labios com mostras de visivel nojo e asco.

No dia seguinte, perto do meio dia, como não désse signaes de vida, o padeiro, admirado de a vêr recolhida até tão tarde, subiu e bateu á porta, sem obter resposta.

O pobre homem, ferido d'uma cruel e sincera inquietação, escalou o quarto pela janella e achou a Fornarina devorada d'uma intensa febre, delirando, e interrompendo, por vezes, o delirio com gritos de raiva, ou exclamações de dôr represada.

Durante tres dias assim esteve. Depois sobreveio-lhe uma fraqueza tão assustadora quasi como a sua exaltação, o que a deixou n'um grande quebrantamento, n'uma completa passividade, quasi sem respirar.

A força pujante da mocidade poude, comtudo, mais que a doença, e uma certa serenidade se restabeleceu no cerebro, que as allucinações haviam conturbado.

Ao cabo de alguns dias, certa noite conseguiu conciliar o somno: mas só no dia seguinte, ao despertar, poude ter plena consciencia da sua desgraça: e as recordações resurgiram-lhe então terrivelmente claras e nitidas, na memoria.

Mas, contra o que ella receava, não experimentou já a sensação de irremissivel pezar: e, ao contrario, talvez porque o organismo se tivesse cançado de soffrer a tyrannia moral, considerou a sua situação com uma frieza de que ella mesma se surprehendeu, a ponto que chegou a persuadir-se que lamentava uma catastrophe alheia e não a sua.

Quanto ao padeiro, o seu pae adoptivo, mais aos visinhos, explicou-lhes a causa da doença, attribuindo-a á impressão de vêr como em sua presença prendiam Lucas. Nem sequer se atreveu a nomear o inquisidor.

Quando as que a rodeavam, ou se abeiravam do leito, tinham que se apartar para as suas occupações diarias, a pobre padeirinha agoniava-se, e como uma creança mimada que tem medo de ficar só de noite, no seu pequeno leito, ella dizia com voz queixosa:

—Vão-me deixar então sósinha?...

E quando a deixavam isolada e entregue ás suas penosas cogitações e cuidados, experimentava um medo indescriptivel, considerando a sua desgraça em toda a sua extensão e crueza.

Outras vezes, porém, o que lhe molestava mais a memoria, era a lembrança d'aquella turbação voluptuosa que precedera a aggressão brutal do inquisidor, e, entregue a uma especie de morbideza e de sonho, recordava as palavras murmuradas por aquelle que viera na occasião em que ella abria os braços para se entregar a Raphael. E um sorriso amargo lhe contraíu o labio convulso de chôro.

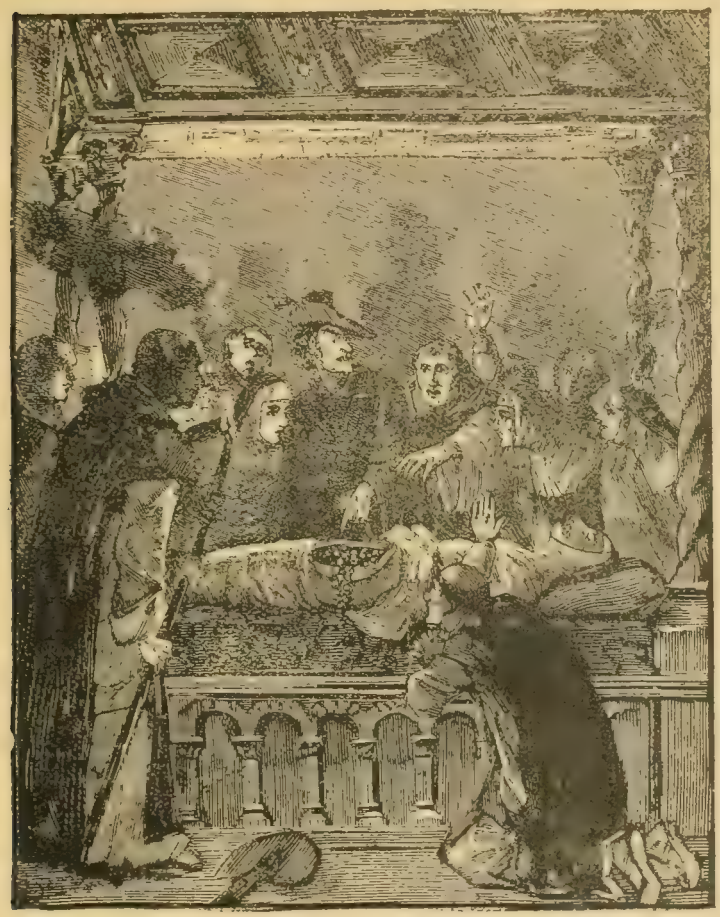
—Sim! dizia de si para si, caminhando açodadamente pelo quarto, e olhando, pela janella, para as bandas do Vaticano, com um olhar que lançava raios. Aquelle homem tem razão! Que é o pudor, a timidez, a vergonha? Loucura!... Livrou-me d'isto, como d'um carrêgo, d'um fardo inutil e molesto. Fez elle muito bem!...

E ria com um rir triste e sardonico.

—Da Fornarina fez elle uma...

E terminava a phrase com a palavra amarga, cruel e vulgar, uma e mil vezes:—por esse prazer acido e infernal que sente muitas vezes uma alma torturada de, na propria entranha, remexer o punhal hervado, ou de deitar vinagre no labio ainda escancarado da ferida do coração.

—E que importa?—continuava ella, mudando d'entono. No fim de



O ventre parecia estar cheio d'estrellas: os reflexos azues e dourados revelavam diamantes, e mais pedras preciosas que estavam misturadas com elles.

Cap. xxx.

contas, que mudança houve em mim? O amor de Raphael, que tanto eu cubiçava, os proprios beijos, por virem d'um outro labio, serão uma infamia? Não sou, por acaso, a mesma mulher?... Na verdade sou uma tonta em me estar a amofinar e a adoecer!... Devo até estar reconhecida ao inquisidor...

E parava alguns segundos, proseguindo logo depois, como se respondesse a alguem:

A minha virgindade!?—dirão.—Pois bem, querem que chore por ella? Já não ha remedio. Agora não posso tornar a perdel-a! Tenho de menos um cuidado, e porta franca para os gozos, as loucuras, os deleites do amor... Era prisioneira da minha castidade, e agora estou livre... Desde hoje quero viver, rir ás casquinadas, amar em plena liberdade, beijar com todas as forças e fibras da paixão...

Mas, fallando assim, exaltava-se e detinha-se a miudo, com o coração oppresso e agitado por suspiros. Depois exclamava:

Infame! Infame! Infame!... Quem seria meu pae, que me legou este repugnante amor do vicio?!...

E, em seguida, ficando algum tempo como abstracta, afundada na contemplação da nova imagem, suspirava, com suspiros amargos:

—Veremos agora se elle me amará! Seria delicioso e é possivel! Os homens são bem loucos!... Quando penso que nem sequer me olhava... Ora, a Fornarina!... Quem é que se lembrava de olhar para ella!... Se se tratasse de Flora, isso seria outra cousa... Pois bem, seja assim...

As mãos brancas e lindas da pobre rapariga tremiam, e tinha os labios escaldando e febris.

—O peor será se ainda me acanhar a vergonha...—disse em voz mais alta.

Olhou para a porta: o ferrolho não estava corrido; e ia para o deitar, quando se quedou immovel no meio do quarto, dizendo com expressivo e melancolico encolher de hombros:

—Ai!... Para que?...

Começou a despir-se depois com mão e desembaraço febril. O seu corpo amorenado e lindo appareceu, revelando as mais puras e correctas linhas das fórmas.

Em pé, deante do largo espelho collocado em face d'ella, no meio das duas janellas fechadas, assemelhava-se na penumbra do quarto a uma bella estatua, a que um novo Prometheu acabasse de dar vida. Percorreu com o olhar o delicioso conjuncto das fórmas perfeitas, que a sua frequencia ao atelier de Raphael tinha ensinado a comparar com as das mais bellas estatuas, e a reconhecer n'ellas a mesma harmonia e firmeza de linhas: e esse rapido exame deixou satisfeita a sua vaidade, pois não poude deixar de reconhecer-se bella, incomparavelmente superior e perfeita.

Levantou os braços, estendeu-os, lançou o corpo algum tanto atraz, ensaiou emfim mil posições, qual mais artistica, audaz e provocadora: e, sem descravar os olhos do espelho, poz especial cuidado em dar ao seu olhar de virgem o despejo das raparigas descaradas e loureiras que vira tantas noites vagabundear pelas praças e viellas de Roma. Até se atreveu a ensaiar certos movimentos que um resto de pudor lhe fez reprimir.

Então porque hesitas ainda?—dizia ella.—Vê se, cheia ainda de pudor, te vaes acanhar agora?!... Vê se te recusas a aprender o unico officio para que agora poderás servir?

Mas emquanto assim se exercitava, recalcando, obstinadamente, até ao mais profundo do seu ser intimo, tudo o que formava a sua natureza tão

virginal, pois, apesar do ultraje que soffrera, o seu pudor nativo sobrevivia n'ella, um ligeiro suor lhe humedecia a testa, e no arco delicado do seu sobr'olho, que se contrahia, adivinhava-se um soffrimento cruel. Em um arranco de entranhada tristeza, abandonou-se ás circumstancias, repellindo, como esteril fardo, tudo que antes constituira o seu orgulho, o seu estremecido culto.

—Está dito,—repetia—serei cortezã.

Mas, depois, em voz mais baixinha e sumida, ajuntou:

—Mas só para elle, só para elle...

E mentalmente preparava-se para os éstos e arrebatamentos da paixão, com as suas vergonhas e os seus gozos. Comtudo, a despeito do seu ardente desejo d'envilecer-se, sobrenadava n'ella a esperança de gozar um amor puro, largo tempo ambicionado.

E, intimamente, travava-se n'ella uma lucta entre o seu amor a Raphael e o seu despeito. Pensava que se, na realidade, Raphael a encontrasse desejavel: se, depois de tudo, depois de a haver desejado, quando era virgem, pura e innocente, agora que estava destlorada, ella o attrahisse e dominasse, fal-o-hia soffrer com os seus desdens e arrufos, vingando-se algum tempo d'elle e do que antes a fizera affligir. Era estranho aquelle mixto de amor apaixonado e odio, dolorosa tempestade que se travava n'aquella alma, ensanguentada ainda pelo seu infortunio.

De repente estremeceu sobresaltada. Acabavam de bater á porta.

O seu primeiro impulso foi fugir: depois estacou.

—Vamos!—disse comsigo—És ainda noviça...

E avançou dois passos.

—Depois de tudo o que se passou—pensou comsigo—se fôr algum desconhecido, talvez eu possa ensaiar n'elle o meu poder de seducção, com toda a liberdade e sem perigo de amar...

Oh! sim! sem perigo algum, pois jurára a si mesma que, desde aquelle dia, só um homem a havia de possuir.

Um leve tremor nervoso lhe sacudia o corpo, completamente despido. Attribuiu este tremor á frialdade do ar: e, fazendo um supremo esforço para dar firmeza á voz, disse resolutamente:

—Entrae.

A porta abriu-se e um homem entrou. Este homem era Raphael. Mal o pintor pisou a soleira da porta, estacou surprezo. Julgára não ter visto bem, e seus olhos negavam-se a reconhecer Fornarina n'aquella mulher nua que lobrigava na penumbra da alcova.

Como podia ser ella, se até áquelle dia se recusára sempre a servir de modelo para o nú?

Terei acaso vindo—pensou elle—em occasião que ella esperava outro?

Esta ideia affligiu-o extraordinariamente: porque, ainda que lhe parecia que a não amava, não a podia arrancar nunca da imaginação.

Fornarina, na apparencia nada turbada, encostou-se ao fogão, fixando Raphael e cravando os olhos nos d'elle, cousa que antigamente o seu pudor não permittia, pois era sempre timidamente e a medo que levantava os olhos para o pintor.

—Bons dias, mestre!—disse ella.

—Bons dias, Fornarina. Incommodo-vos?...

—Nada. O calor affligia-me e despi-me, pondo-me a observar as minhas fórmas, talvez com vaidade excessiva e impropria...

—Isso não.

—Não vos incommoda que continue assim?...

—Pelo contrario.

—Como já me conheceis os detalhes...

—É verdade.

E, deitando-se no leito, a Fornarina, que pronunciára lentamente as phrases d'este estranho dialogo, cruzou as mãos detraz da cabeça.

A estranheza do seu metal de voz, das palavras e dos seus gestos não eram só o que mais prendiam a attenção de Raphael. Por muito acostumado que estivesse ás attitudes dos modelos, a vêr corpos de mulheres collocados em mil posturas diversas e nas posições mais audaciosas, o pintor [illegible] com olhos de artista, occupado só em surprehender a gen[illegible] das fór[illegible]as, o effeito das linhas e dos contornos, a belleza, n'uma pa[illegible] a [illegible]rainha d'aquelle seculo.

[illegible]as occasiões, ao principio, quando teve de servir-se de Fornari[illegible] modelo, o artista adivinhára com olhar perscrutador, atravez dos [illegible]dos, até os mais secretos perfis da joven, e se alguma cousa amava [illegible] eram aquellas proporções esculpturaes, que se esforçava em immortalisar nas obras d'arte. A moça havia chegado a sentir-se molesta por aquelle attento exame das suas fórmas, a que por vezes se entregava o mestre, e manifestára desejos de subtrahir-se a elle, servindo de modelo só vestida, a que Raphael se prestára sem violencia.

Privado pois algum tempo d'aquelle espectaculo, comprazia-se e deleitava-se em contemplar aquella nudez completa, que de tão inesperado modo se lhe revelára. Mas como n'este momento não se achava no atelier, com a palheta e os pinceis na mão, não era só o sentimento artistico que n'aquella occasião o enfebrecia.

Achava a moça esculptural e perfeita e, deante da sua attitude de completo abandono, o artista respirava com violencia e os olhos relampejavam. Turbado, sentou-se á cabeceira do leito e, para romper aquelle silencio embaraçoso, disse, para dizer alguma cousa:

—Estava com cuidado em vós. Esperei-vos tanto tempo na minha *villa* dos Alamos... Porque não viestes? Não recebestes acaso a minha carta?

—Estive doente.

—Doença de cuidado?

—Tive uma febre violenta.

—Effectivamente, estaes pallida.

—Sim, mas a doença passou.

Depois d'isto reinou silencio profundo.

A Fornarina sentou-se no leito, e cravou no pintor o seu penetrante e radioso olhar.

Raphael começou a pensar que era ridicula a sua impassibilidade e timidez deante d'aquella maravilhosa moça, que se lhe patenteava provocativa e tentadoramente em todo o esplendor da carne. Tentou sorrir, acurvando-se sobre ella agitado e com as mãos trementes.

—De fórma — disse — que afinal vos decidis a servir-me de modelo completamente nú?

—Como quizerdes.

—Folgo immenso...

—Porém advirto-vos que, se quereis pintar uma Virgem, deveis servir-vos de outra para modelo — respondeu a Fornarina, casquinando um risinho forçado e amargo.

N'outra occasião o pintor teria perguntado a si mesmo: «Acaso estará embriagada? Estará com febre e tresvaría?»

Mas surdos e represados desejos lhe escandeciam o sangue, perturbando-lhe as ideias, e apenas poude retorquir com certo desprendimento:

—Comtudo, eu suppunha...

Mas estacou aqui, parecendo-lhe a sua reflexão insensata.

A Fornarina, porém, não attentou n'aquellas palavras, absorvida completamente em suas amargas recordações.

—Acreditastes pois n'uma comedia que é frequente. Deixastes-vos enganar pela minha apparencia casta, pelo meu olhar ingenuo.

—Devéras? — disse Raphael, menos surprehendido do que na realidade devia estar, e menos desgostoso sobretudo.

—Vejamos — proseguiu a moça com o mesmo acido sorriso de ha pouco, comprazendo-se em rebaixar-se aos olhos do grande artista. — Olhae bem para mim; tenho eu, porventura, ar de rapariga honesta?

Com um movimento rapido e lesto desatou as maravilhosas tranças, espargindo-as sobre os hombros divinos, e patenteou-se ao artista, imponente na sua juvenil belleza, e na sua impudica audacia.

Na face da moça resplandecia uma accentuada expressão sensual. Raphael fitava-a mudo, offuscado e vencido.

A Fornarina, como se se deleitasse em repetir aquellas palavras, que pareciam sibilar entre os dentes, dizia:

—Virgem!... De que me serviria ser virgem senão para ser privada de todos os gozos da mulher? Acaso ainda ha alguem que ame as virgens?... Sabem ao menos hoje o que é amar? Quem repara sequer no fructo que sabe que não póde morder? Mal hajam os ferrolhos e as portas ferrolhadas!... Virgem! virgem! para viver ignorada e ignorante e esconder aos outros todo o lado da vida, para envelhecer sem ter saboreado as doçuras do amor... Eu, virgem!...

E ria, ria sempre com o seu riso forçado e amargo, virando por vezes a face para enxugar aos admiraveis cabellos uma lagrima, sem Raphael ver.

De golpe, com um brusco movimento, a moça deixou a attitude artistica em que se collocára e sentou-se nos joelhos do pintor, aninhando-se no peito d'elle, ao passo que o coração lhe latejava com violencia, não com menos violencia que o de Raphael.

Meio enfadada, meio escarninhamente, sorrindo sempre, disse:

—Parece impossivel que vós tenhaes acreditado na minha virgindade!...

Mas o pintor não a escutava. Embriagado pelo perfume da carne d'ella, pelas caricias d'aquelles magnificos braços, puxou a linda rapariga para si e imprimiu-lhe nos labios um beijo férvido, unindo pela primeira vez a sua bocca á d'ella.

Fornarina, ao receber aquelle beijo febril, estremeceu até ao mais intimo do seu ser. Amava-a, pois!... O pintor afagava-a enternecidamente, e ella ia talvez ceder, quando por acaso murmurou uma palavra que em circumstancias identicas proferira tambem o inquisidor.

Foi isso que o perdeu...

A moça, como se tivesse sentido o contacto da sombra de Hochstratten, de golpe deu um salto e poz-se em pé, pallida, transmudada, com o frio da morte nos labios, repellindo com um gesto brusco os ardentes carinhos de Raphael.

Reinou em seguida um demorado silencio: e o frio e severo aspecto de Fornarina conteve as ardencias dos desejos despertos de Raphael, que avançava para ella com os braços abertos.

Sem se mover do sitio em que estava, a moça disse com serenidade:

—Irei a vossa casa, mestre... Quando quereis que me apresente?...

—Amanhã respondeu o pintor dominando difficilmente a sua turbação.

—Não vos prometto.

—Promettéi-me que vireis...

—Talvez que sim... até á vista—tornou a transtiberiana, abrindo ao artista a porta da alcova.

—Fornarina!—balbuciou Raphael.

—Até á vista.

O pintor saíu bruscamente, e como desatinado. Na praça de Santa Catharina topou por acaso com o coche do cardeal Bibiena.

—Não subis?—disse o prelado, ao reconhecer o pintor.—Não quereis vir visitar minha sobrinha?...

Raphael estremeceu. Aquelle encontro salvava-o. Pelo menos assim o suppoz, elle que sentia remordimento intimo de trahir a sua promettida, tão virginal, tão casta, tão inviolada.

Explicou a Bibiena a sua turbação, attribuindo a origem a preoccupações artisticas. Entrou para o carro de Bibiena, e, sentando-se ao lado do prelado, afastou por instantes da ideia a imagem estonteadora de Fornarina.

A transtiberiana vestia-se com movimentos febrís e desmanchados.

—Miseravel!—murmurava—Malandrino!... Ter-se-hia servido de mim, para os seus gozos, se eu o tivesse deixado!... Não lhe causava entejo nem asco a corrupção que eu alardeava, e de que fazia gala... Antes, pelo contrario, isto mais o excitava, e attrahia... O outro tinha razão. Pura, jámais teria conseguido ter ascendente algum sobre elle. Deshonrada, posso dirigil-o a meu sabor, poderei fazer d'elle o que quizer. Algum d'estes dias virá de novo. Supplicará e balbuciará embriagado de desejos:—«Amo-te, adoro-te... não posso viver sem o teu amor!» Pois bem. Sim! entregar-me-hei a elle, não lhe recusarei o meu amor, visto que o amor que elle prefere é esse: fartal-o-hei d'elle, dar-lhe-hei muito, muitissimo, até que morra de tanto amar...

E grossas, candentes lagrimas em fio manaram pelas faces da pobre Fornarina.

—Ah! o cobarde!—repetia, quedando-se em seguida silenciosa alguns minutos.—E todavia—exclamou com tal entono de sincero amor, que parecia que com as palavras se lhe arrancava o coração palpitante e sangrando—e todavia, seria tão delicioso!...

E, n'um unico movimento, Fornarina destrancou seus magnificos cabellos, que lhe caíram nos hombros divinos.

CAP. XXXI.

Póz-se a soluçar desabaladamente, cheia de anciedade e amarga afflicção, porque n'este instante o seu sentimento acidulára-se em odio, satisfazendo-se em encontrar uma victima em quem desafogar a magua que lhe causava a sua humilhação e a sua repugnancia.

Entrementes, a porta da alcova abriu-se de novo: mas a Fornarina, que tinha a face occulta entre as mãos, não reparou logo em quem entrava.

Porém, quando levantou os olhos, soltou um grito de espanto e medo.

A seus pés estava um animalejo que a contemplava com olhares estranhos, fazendo-lhe mil esgares e caricias, e estendendo para a abraçar uns braços compridos, delgados e pelludos.

A moça cuidou estar ainda achacada das allucinações e do delirio da febre, e recuou dous passos, aterrada.

O estranho sêr avançou para ella, dando um grande pulo, e açoutando o ar com a sua flexivel e comprida cauda.

Era um macaco.

Esta descoberta, porém, de modo algum a tranquillisou. O animalejo cada vez a perseguia com maior pertinacia e carinhos d'um genero equivoco. Decerto presenceára, escondido n'algum canto, a scena anterior, porque o bugio, cada vez mais excitado, corria atraz da Fornarina, estreitando cada vez mais os circulos, fazendo resoar seus grossos labios animaes, como se désse ou pedisse beijos, e estendendo as mãos, como para rasgar as roupas da pobre moça, bastante assaralhopada com este galanteio excepcional e perigoso.

A Fornarina quiz gritar, mas abandonaram-a as forças.

Arrependeu-se então de ter despedido o pintor.

O bugio por fim, dando um pulo, abraçou-se a ella, e estreitando-a bestialmente entre os vellosos braços, escaldou-lhe o collo com o seu bafo.

A Fornarina suppôz ter soado o ultimo instante da sua vida, e, reunindo todas as suas forças, antes de desmaiar, gritou desesperadamente, em repetidos brados:

—Soccorro! Soccorro!... Acudam!...

A breve trecho escutou-se uma especie de assobio, que respondeu áquella grita afflictiva e desesperada.

O macaco largou a sua prêsa, de chofre: e com a insistencia exagerada de uma creança surprehendida em flagrante delicto de maldade, sustentou a Fornarina desmaiada, batendo-lhe suavemente nas mãos, como para a reanimar e chamar á vida.

—Talmud!—regougou uma estranha voz.

E a Fornarina apercebeu distinctamente na soleira da porta a figura de uma velha, que, mau grado a sua horrenda fealdade e os seus farrapos, ella acolheu reconhecidamente, como uma fada salvadora que interpuzesse a tempo a sua intervenção.

O bugio, entretanto, afagava e acarinhava apaixonadamente, não já com abraços e esgares namorados, mas apenas com seus olhitos inquietos, relampejantes e amorosos, as deleitosas fórmas semi-nuas da transtiberiana.

—Talmud!—repetiu a voz da velha.

O macaco então afastou-se da Fornarina, e comprimentou-a reverentemente, com uma curva inclinação de cabeça. Depois encostou-se á parede com ar pensativo.

A pobre Fornarina suspirou alliviada, e, ao sentir-se liberta d'aquella oppressão de terror, acudiram-lhe em tropel á memoria todas as recordações afflictivas e penosas, reavivadas pelo acto bestial do macaco: e n'um accesso subito de amargura, d'uma d'essas crises nervosas irreprimiveis

em que as lagrimas longo tempo represadas affluem subitamente aos olhos, n'uma d'essas crises de desespero e cólera chorando e soluçando, bradava a miudo:

—Cobardes!... Miseraveis!...

Apertava a cabeça com as mãos ambas, rangia os dentes e dizia:

Ah! quem me vingará... quem me vingará!...

Eu — disse uma voz.

A Fornarina levantou a cabeça, mas não viu a seu lado mais do que a velha, com o seu aspecto de mendiga.

Foste tu que fallaste?—perguntou-lhe ella.

—Direi que sim, se me comprehendeste... Se não, não.

Quem és tu?

Bem o vês: uma pobre velha, que anda mendigando de porta em porta...

—Pois dar-te-hei dinheiro e pão...

—Dinheiro não o quero para nada.

—Bem, queres então dizer-me quem és?...

Para que? O que importa isso? Eu sei que és infeliz, que desejas embriagar-te com o vinho do odio e da vingança, e que o teu logar talvez esteja no rebanho dos sediciosos.

Adivinhaste, mulher. Eu percebi-te mal, mas tu comprehendeste-me bem...

—Mais do que tu cuidas decerto. Eu poderia dizer-te, a teu respeito, cousas que tu propria ignoras. Poderia fallar-te dos moços e velhos que desappareceram na tempestade.

A velha calou-se, fixando na moça o seu olhar perscrutador.

—Moços e velhos?...—pensava entretanto comsigo a Fornarina.—Quererá ella fallar do velho que vi prender no Ghetto, e de Lucas que foi preso quando ia para me vingar?

E, por seu turno, a moça tambem fitou profundamente entre curiosa e espantada a velha: e como se a mendiga lêsse no pensamento d'ella, disse-lhe:

Devo-te avisar primeiro de que é preciso não ter medo, é preciso fechar o coração ao medo vulgar...

—Não tenho medo — replicou a Fornarina, tomando um ar resoluto.

—Então dize-me: Estás disposta a não recuar deante de cousa alguma para vêres os que amas e castigares os que odeias?...

—Não recuarei deante de nada.

—Nós o veremos. Agora dá-me o bocado de pão promettido.

A Fornarina partiu um pão e deu-lhe um pedaço. O macaco saltou sobre os hombros da bruxa e, como ella, o animalejo cravou os seus olhitos vivazes na moça, que não se atrevia a mexer-se.

—Bem!—disse a velha.—Obrigada. Este pão ser-te-ha entregue, mas duplicado. Desde hoje sentar-te-has á mesa santa e commungarás na nossa missa.

—O que dizes?—exclamou sobresaltada a Fornarina.—Serás tu a [illegible] dos homens negros?...

—Eu?!

A sibylla não ajuntou mais nada, mas acompanhou esta exclamação com um tal relampago de odio no olhar, aprumou o acurvado corpo e soltou um tão expressivo grito de maldição, que a Fornarina não lhe restou suspeita alguma.

Ao cabo de alguns segundos, mudando de tom, a velha ajuntou:

—É uma missa muito especial a que ali verás, minha filha... Hi! hi! hi!...

E interrompendo o seu riso guttural, proseguiu:

—Não faltes ámanhã á noute nos Cyprestes. Encontrarás numerosa companhia... Vaes?...

—Irei.

Estás disposta a beber na fonte da Vida e a penetrar os mysterios?...

—Sim.

—Cumpram-se pois os teus desejos.

A Fornarina proferira aquelle *sim* com voz sombria e com o olhar cravado no chão.

Quando levantou a cabeça a sibylla desapparecera e com ella o macaco, o seu estrambotico companheiro.

Desde a noute em que Maria de Bibiena, com o seu acto de audacia, salvára Mohammed da turba amotinada que o queria fazer em postas, o envenenador do Papa não era o mesmo, moralmente considerado. A cynica expressão do seu olhar dulcificára-se um tanto: permanecia silencioso e pensativo horas inteiras, e ás vezes ter-lhe-hiam observado um subito enternecimento, alguma cousa de rasto de lagrimas silenciosas, e não confessadas.

Abandonava o laboratorio secreto do Vaticano, e apenas baixava o crepusculo partia para Roma, vagueando ao acaso pelas ruas e viellas. Já não parava, como das mais vezes, nas casas em que entre casquinadas de riso, e folias d'orgia, reinavam as loureiras e meretrizes, mas sentava-se nas margens do Tibre, absorto nas suas meditações. Por vezes acordava n'elle, com força surprehendente, a memoria da alcova da sobrinha do cardeal, via deante de si o casto leito e a adoravel physionomia d'aquella creatura, a quem o espanto não deixava esconder as maravilhosas fórmas, cuja lembrança bastava a fazer estremecer o arabe que, fechando os olhos, cuidava sentir ainda o contacto d'aquella pelle fina que rocara um momento, e respirar o aroma que exhalava aquella carne desejada, aquelle corpo delicado.

—Oh!—exclamava—Que me importa a morte! Teria soffrido mil tormentos d'aquelle bando de furiosos por um beijo só d'aquelle anjo...

O seu sangue calido de arabe escandecia-se: contraiam-se-lhe os labios, onde alvejavam uns dentes branquissimos e aguçados: os olhos chispavam com estranho fogo.

De repente poz-se em pé, como espantado.

Era que acabava de enxergar a sua imagem reflectida na agua crystallina do rio.

Ai de mim! — murmurou.

Que mulher, na realidade, a não ter uma grande perversão de gosto ou a não estar louca, poderia amar aquelle monstro, de cabeça mettida entre os hombros, de cabelleira encrespada, bronzeada pelle, olhos brilhantes, a que o arco do sobr'olho pronunciado dava uma expressão de ferocidade?

— Pobre de mim! — exclamou — Estou condemnado...

Perto das dez horas, levantando-se do sitio em que se sentára, dirigiu-se vagarosamente para o palacio de Bibiena. A sua expressão facial, os labios contraídos, indicavam bem que por elle passára a garra d'uma desapiedada adversidade.

Não era só o seu amor apaixonado e frenetico o que fazia soffrer Mohammed. Estava tambem varado de zelos, mais fortes, se é possivel, que os seus desejos: e, como todo o sentimento se acidulava e corrompia depressa n'aquelle coração pervertido, os zelos e o amor desatinavam-n'o e punham-n'o como que furioso. Observára que, ao bater das dez nas torres das egrejas, a joven abria a janella e apparecia seductora como uma apparição, e d'ali a pouco passava sob o balcão um guapo e desempenado cavalleiro, cuja passagem coincidia sempre com a apparição de Maria. Em balde elle se empenhava em attribuir aquella coincidencia a pura casualidade: aquelle homem embaraçava-o, era de mais na sua existencia. Só pensando n'elle, os seus olhos chispavam de cólera. Era preciso supprimir aquelle ente incommodo. Conheceu que só poderia viver descançado quando aquelle passeador nocturno não existisse. Matal-o-hia pois — estava decidido.

N'esta noute, porém, ia resolvido e disposto a executar o seu plano.

Era terrivel aquelle inimigo, filho do deserto, em cujo peito borbulhava uma paixão furiosa, violenta e abrazadora como o *simoun*, e sem misericordia e sem medo, como um verdadeiro crente musulmano que era. Além da sua força e indomavel energia, do seu odio aos christãos, dos quaes só estimava o Papa, de quem era escravo e que o salvára d'um supplicio humilhante, o envenenador contava, como os nossos leitores sabem, com armas seguras e terriveis, e as laminas dos seus punhaes envenenados penetravam mais subtil e rapidamente no coração das victimas, do que ellas se podessem pôr em guarda.

Mohammed escolhera um angulo do palacio, muito escuro e situado a uns vinte passos da janella.

Raphael — pois era elle quem espiava o alchimista, que não sabia sequer que existia um individuo com este nome, pois no antro onde vivia era surdo e inaccessivel a toda a reputação infame ou gloriosa: — Raphael devia passar forçosamente por aquelle local. E por elle passava todas as noutes, pois tinha as melhores razões do mundo para não ter lido as *Memorias de Benvenuto Cellini*, e distrahido sempre, nem sequer se lembrava da recommendação do cinzelador e espadachim, de não passar muito rente das paredes mal que se puzesse o sol.

Assim, pois, bastava dar um passo á frente, estender um braço, — sem que um só gemido despertasse a solidão da rua, — e Roma contaria um amante a menos e elle, o arabe, ver-se-hia livre d'aquelles terriveis zelos que lhe faziam perder o siso e o dementavam. Parecia-lhe que uma vez morto o desconhecido havia de se encontrar mais perto do coração da joven.

Que esperava aquelle louco? Nada... Nada mais do que vêl-a e contemplal-a com todo o respeito devido áquella pucella gentilissima, áquella joven bella como uma *houri* da sua crença, que o havia livrado da morte. O mais deixava-o ao tempo e ao fatalismo oriental: e para não pensar recitava em voz sumida um versiculo do Alcorão, murmurando:

—O que ha-de ser, está escripto.

Não: o arabe sabia perfeitamente que não lhe era permittida a felicidade de morrer nos braços d'aquella gracil creatura. Sabia bem que nunca o conseguiria: mas, ao menos, podia impedir que outrem gozasse d'aquella felicidade.

Por isso, alguns minutos antes das dez, no momento em que Maria de Bibiena despedia Julieta a aia, e aguardava, á janella, a passagem do namorado, uma sombra deslisava rente da parede, e apertava nas trevas entre as mãos ossudas, um *kriss* (punhal) maltez de lamina ondulada, que bastava fazer um leve arranhão na pelle, para dar a morte.

Bem longe estava Raphael de suspeitar que lhe attentavam contra a vida. Talvez não tivesse esquecido ainda aquelle ataque de ladrões celebres, de que Hochstratten o mandára avisar, e no qual morrêra o pobre Domenico. Mas n'aquelle instante não pensava em tal.

Cheio de uma inexplicavel alegria, que n'elle não era habitual, dirigia-se para o palacio de Bibiena. Mas os seus pensamentos, n'aquella noute, não estavam, decerto, na sua promettida.

Era a Fornarina quem lhe occupava absolutamente o espirito: a Fornarina, que lhe parecia que vira pela primeira vez n'aquella manhã, e cujo corpo admiravel, que tanto á sua vontade pudera contemplar, satisfazia todas as suas ideias d'artista exigente, ao passo que lhe excitava a natureza impressionavel, pela segurança d'obter d'ella caricias amorosas.

—Deliciosa rapariga!—murmurava—E como me enganei a respeito d'ella!... Não é presumida, pelo menos assim me parece, e supponho que não lhe sou desagradavel. O modo como hoje se portou commigo tem alguma cousa de singular, e a sua recusa, ainda que desagradavel, era pura *coquetterie*... Que olhos, que corpo!...

E Raphael deleitava-se recordando detalhadamente as fórmas da captivante rapariga, e ás vezes parava de repente, cogitando.

—E eu que a julgava virgem!...

E accrescentava mais baixinho:

—E Maria?...

Reflectiu um momento, e por fim exclamou:

—Ora! isto não é ser-lhe infiel...

Tratava, como se vê, de convencer-se a si mesmo, e de fazer calar os seus escrupulos com pessimas razões. Havia dado o primeiro passo na escorregadia ladeira, e continuava rolando por ella abaixo. Discutia a sua paixão por Maria de Bibiena, e, portanto, estava perdido.

—Em resumo—dizia elle comsigo—o que é isto? Um capricho que farei desapparecer ámanhã. Até á propria Maria convem que isto acabe depressa. É um desejo que não posso deixar de satisfazer, e possuido d'elle como estou, não lhe pertenceria todo, não lhe daria o meu coração sem partilha...

A estas reflexões, que se lhe antolhavam convincentes e irrespondiveis, entregava-se intimamente o artista. Comtudo, taes razões como estas suas na bocca da sua noiva, ter-lhe-hiam parecido detestaveis se não odiosas. Isto, no emtanto, não o impediu que raciocinando de tal sorte se dirigisse, elegantemente vestido, para o sitio costumado de todas as noutes.

O céo estava ennublado e salpicado de raras e tibias estrellas. Só as luzes das janellas das casas, aonde ainda alguem velava, cortavam escassamente a escuridão. Raphael continuava caminhando sem poder arrancar da ideia a imagem da Fornarina. Ia risonho, sem remorsos, emquanto que a alguns passos d'elle, occulto na sombra, o espiava o arabe, que roído de ciumes, o esperava armado para o varejar, e satisfazer-se no seu sangue. O envenenador apertava febrilmente, cheio d'odio, o cabo do punhal.

Como aquella noute d'estio estava tranquilla e deleitosa, e como é grato ás almas amoraveis embriagarem-se, n'essa placidez suave das estrellas, de pensamentos de amor, ou em que a paixão põe a sua braza!...:

Raphael continúa avançando para o sitio onde o esperava a noiva, no seu balcão, e a distancia que o separa do arabe diminue a cada passo. Mohammed escuta attentamente.

Parece-lhe ter distinguido ruido de passos d'alguem que se avisinha.

Soaram as dez horas.

—É elle...

Effectivamente, lobriga do esconderijo onde se occultou um tenue raio de luz no primeiro andar d'aquelle palacio, d'onde não póde afastar o pensamento.

A joven abriu a janella, e foi essa mesma por onde elle penetrou na alcova, na terrivel noite em que a matulagem dos borrachos o queriam trucidar. D'ali a segundos a joven assomava-se ao seu balcão vestida de branco, n'um trajo puro de virgem.

—Como ella é linda!—murmurava o arabe—Não, não ha-de ser para o desconhecido!—sibilava elle entre os dentes.

Raphael, entretanto, avançava e tratava de se orientar na escuridão da rua. Chega, por fim, perto do palacio onde o espera Maria de Bibiena, e suspira.

—Vamos!—murmurou elle—não pensemos mais na outra. A minha querida Maria, esta deliciosa joven de coração timido, reserva-me decerto alegrias mais puras...

E acerca-se afinal, a ponto de já se enxergar a esquina da parede sombria, em cuja penumbra se occulta Mohammed empunhando com a mão crispada o seu *kriss* maltez.

De repente Raphael cuidou distinguir uma sombra a seu lado.

Espantado, recuou uns passos, deitando mão á espada. Mas não tinha de a esgrimir contra nenhum ladrão ou espadachim, nem de perfurar nenhum rapinante. Sentiu o ligeiro *fru-fru* d'um vestido de seda, e sentiu-se envolto ao mesmo tempo n'um delicioso perfume.

Era uma mulher.

E a mulher fal-o parar suavemente, e falla-lhe em voz baixa, como uma caricia.

—Vinde, elegante cavalleiro!—murmura a desconhecida—Se andaes em busca d'alguma aventura, parae um bocadinho... Encontrareis, se o procuraes, o Amor em minha casa, porque eu sou condescendente a toda a hora...

—Ora!—exclamou o artista com desdem—É uma *cocotte!*

E dispunha-se a proseguir o seu caminho, quando a mulher o fez parar de novo.

—Escutae, donzel d'olhos formosos... Não tereis que andar muito. Vivo a dous passos d'aqui, e em minha casa tenho vinho de Syracusa.

A mulher disse estas palavras em voz um tanto alta, e Raphael ao ouvil-a estremeceu.

Quem era esta mulher? Pareceu a Raphael que a conhecia.

Ella então, travando-lhe docemente do braço, insistiu em leval-o comsigo.

—Vinde, vinde—disse-lhe ella.—Não encontrareis em Roma nenhuma cortezã mais amavel do que eu... Se vierdes, meu amor, a minha casa, voltareis mais vezes á minha porta.

O pintor suppunha-se joguete d'um sonho ou de uma allucinação.

—Juraria que... Mas não é possivel!...

Pegou na mão da desconhecida e avançou alguns passos mais com ella para a claridade. E á luz d'um raio da lua reconheceu-a.

—Fornarina!—exclamou

Era ella, effectivamente. A moça pareceu surprehendida de reconhecer o pintor.

—Sois vós, mestre?

—Vós? vós aqui?—repetia o artista, visivelmente pallido pela emoção.

—Admiraes-vos d'isso?—perguntou a moça com um certo despejo impudico.

Raphael balbuciou algumas palavras. N'aquella estranha aventura não sabia bem que responder.

—É que eu—balbuciou—não esperava encontrar-vos agora aqui...

—Comprehendo—disse a Fornarina—vós vinheis...

A transtiberiana não terminou a phrase, mas ajuntou naturalmente:

—Tambem eu não esperava encontrar-vos.

—Quem esperaveis, pois?

—A quem? Mas a ninguem, ou antes, a todos... a todo o mundo...

—Que dizeis?

—Mas isto é claro—respondeu a moça postando-se deante d'elle, rindo.

O pintor cambaleou, e contristado, exclamou, com voz abafada:

—Cala-te! Cala-te!...

E em seguida, acompanhando a palavra com o gesto, tapou-lhe a bocca com a mão.

Ella estremeceu toda áquella caricia. Hesitou um instante; mas por fim disse:

—Poderei beijar ao menos a tua mão?...

E cravou n'elle os seus formosos olhos de expressão suave.

Elle ficou silencioso; mas todos os seus desejos acabavam de despertar furiosos; palpitavam-lhe as fontes com violencia; o coração pareceu-lhe que suspendêra as suas vibrações.

Estaria ali aquella pobre moça esperando o primeiro que passasse?... Mysterios incomprehensiveis da natureza humana! Aquelle homem de genio tão casto, demasiadamente casto, a quem aquella ideia devêra inspirar repugnancia e entejo, sentiu-se pelo contrario attrahido para ella, como se de repente o subjugasse uma perversidade douda. Se está ali para todos, para todo o mundo, para o primeiro que passar, porque não estará para elle? Ella convida-o. Porque não irá com ella? Deverá acaso desdenhal-a, elle que ainda na vespera ficára electrisado á vista das fórmas divinas do seu corpo maravilhoso? Não deverá mesmo arrancar do vicio aquella creatura adoravel? Vá, que ella tenha um amante e que este amante seja elle: mas ter muitos, pertencer ao primeiro transeunte...

Raphael não tirou os olhos da Fornarina, e pela segunda vez todos os conselhos tumultuosos, dominadores, irresistiveis da paixão lhe dão batalha com todos os seus arrazoados capciosos.

A moça voltou o rosto, como perturbada e confusa. Dir-se-hia que sente vergonha, e pede perdão. Algumas lagrimas, que ella quereria bem recalcar, lhe assomam, sem querer, aos olhos. Mas será tudo aquillo uma habil comedia de pudôr? Não, não é possivel!... O pintor nem ao menos quer pensar em tal. Nem poderia, embriagado como está pelo suave perfume que ella de si exhala, e que afunda todas as suas faculdades n'um morno e suave entorpecimento, discriminar nada que não fosse favoravel áquella inesperada apparição da Fornarina.

Toda a sua força e vontade desapparecem n'um instante, como se se fundissem á acção do tibio calor d'aquella mão pequenina e tremula da linda rapariga, que tem entre as suas.

Sem hesitar mais, mas sem dizer uma palavra, cingiu com o braço a cintura da moça, que se inclinou áquella doce pressão, como a haste d'uma flôr, e Raphael pousou os seus labios febrís sobre os frescos e mimosos d'ella.

A pobre rapariga, vencida pela emoção, inclinou a cabeça para traz, como cedendo ao mesmo tempo ao pejo e á felicidade.

Abandonada Maria de Bibiena, continúa, continúa na tua janella solitaria, dirige teus olhos inquietos e receiosos para a penumbra da rua tenebrosa, põe o teu ouvido á escuta, e vê se distingues o ruido de passadas que se afastam... Esta noute o teu promettido não te saudará, não virá ninguem que te envie com a mão um beijo caricioso.

E os dous amorosos nocturnos afastam-se, silenciosa e lentamente, em sentido opposto ao palacio onde Maria aguardava Raphael.

O pintor não entrará sósinho aquella noite em casa. Não passará as horas entregue ao repouso, mas no meio dos espasmos d'uma voluptuosidade desenfreada e deliciosa.

Mohammed, que durante toda a scena que descrevemos se havia conservado no seu posto, saíu emfim do esconderijo, e um raio de jubilo fulgurava na sua face acobreada. Vira tudo, e ainda perguntava a si mesmo se se havia equivocado. O namorado de quem elle tinha zelos ia atraz d'uma outra mulher.

Estaria elle realmente namorado?

E emquanto o artista entrava em casa salvo da morte por um acaso,

o arabe contemplava com um olhar apaixonado a janella da mulher amada, e quando ella se fechou finalmente, dirigiu-se para o Vaticano, a dormir uma noite, ao menos, repousada.

No dia seguinte, logo que almoçou, e depois que o seu bobo Tabardeo se esforçou em vão por distrahil-o, o Papa installou-se no gabinete da audiencia, disposto a receber os seus cardeaes.

—Não seria melhor—perguntou a si mesmo—fazer com que Flora venha aqui mesma regular o desenlace que me aconselha?...

Quando cogitava assim, e déra ordem ao porteiro para fazer introduzir o cardeal Petrucci, de repente appareceu, entrando por uma porta secreta, o grande inquisidor Hochstratten.

Monsenhor—disse, dirigindo-se a Leão X—tenho que vos fallar.

N'este instante irrompia por uma outra porta o cardeal Petrucci, com a sua face apopletica do costume e o sorriso no labio.

Leão X interrogou Hochstratten com o olhar, mas este voltando-se para o camarista, disse-lhe:

—Supplicae a Sua Eminencia Monsenhor Petrucci que espere.

O cardeal voltou-se, com a face mais escarlate ainda que a sua purpura. Significava aquillo que, depois de introduzido, o fariam esperar na ante-camara como um lacaio. E preterido por quem? Por um inquisidor, que nem era sequer seu egual!...

Sentindo-se ultrajado, tomou por testemunha d'aquella protervia o Summo Pontifice.

—Aguardo—disse elle—ordens, sómente de quem tem direito a dar-m'as.

Leão X conservou-se silencioso, e, olhando para Hochstratten, viu-o sorrir-se.

—Diabo!—pensou elle—Tem alguma cousa importante a communicar-me. A não ser assim, não se teria atrevido a...

E, com voz melliflua, disse, dirigindo-se ao cardeal:

—O grande inquisidor procedeu bem. Saí.

O cardeal acurvou-se e saíu, rebentando de despeito.

Quando os dous cumplices se viram a sós, o Papa fallou d'esta sorte ao seu grande inquisidor:

—Então o que ha? Não podias esperar?...

—Não é esta a hora da audiencia dos cardeaes?

—Decerto, mas tu não o és.

Ainda não, é verdade!

Estas phrases envolviam uma censura que o Pontifice fingiu não perceber.

—Então, afinal, que urgencia é essa?... disse o Papa sómente.

—Tendes alguma cousa que communicar ao tio de Maria?

Porque?—disse o Papa voltando á sua preoccupação ao ouvir tal. Á Bibiena? Sabes alguma cousa de novo?

E o Papa intimamente perguntava-se:

—Terá transpirado já alguma cousa da ideia de Flora?

E em voz alta ordenou com imperio:

—Falla. O que é que ha?...

—Occorre alguma cousa com respeito ao casamento de Raphael...
—Que quer isso dizer?...
E o Papa, turbado, agitou-se na cadeira.
—Quer isto dizer que o casamento não terá logar.
—O que?... Que dizes?

O silencioso par afastou-se lentamente. Mohammed sahiu do recanto em que se postára.

Cap. XXXI.

Hochstratten, sem esperar licença, havia-se recostado negligentemente n'uma cadeira tambem.

O camarista tornou a deitar a cabeça pelo reposteiro e disse respeitosamente:

—Sua Eminencia o cardeal Petrucci pergunta...

—Deixem-nos socegados — esbravejou o Papa com impaciencia.

O reposteiro caíu novamente e a portà fechou-se.

O que ha, afinal? continuou o Pontifice, cujo coração lhe dava baques de anciedade.

— Raphael — respondeu o inquisidor — tem inclinação por outra mulher.

— Isso não é uma razão...

— Passou a noute com outra mulher, pela qual respondo...

— Com Flora?

— Não. Com uma rapariga que é quasi virgem...

— E afinal o que prova isso? O que póde considerar-se é uma satisfação momentanea, que quasi não constitue infidelidade. É o capricho d'um momento...

— Não. É uma cadeia que o prenderá toda a vida...

— Se fosse verdade o que dizes...

— Respondo-vos pela sua realidade.

O inquisidor, homem formal, que não avançava nunca uma opinião e um alvitre sem ter pleno conhecimento de causa, fallava com tal segurança que lisonjeava em extremo os desejos do Pontifice.

— Está bem — disse.

Hochstratten relatou então alguns pormenores e minucias.

— É uma mulher — disse — de caracter firme. Ama Raphael com um amor mesclado de zelos, de rancor e odio. Eu levei-a a libertar-vos do vosso rival, induzindo-a a apprehender entre as suas deliciosas garras o pintor. A cousa agora está realisada, e segue o seu curso... A posse d'ella foi um principio de escravidão...

— Sim... vejo claramente que ella o seduz. Mas elle?...

— Asseguro-vos que não lhe fugirá das mãos.

— Quem sabe?

— Garanto-o eu.

— Porque?

— Vós bem sabeis por vós mesmo que não ha esforço que logre arrancar do coração uma paixão inabalavelmente enraizada.

— Ah! sim!... — exclamou, suspirando, o Pontifice.

Quanto mais a paixão é desassisada, quanto mais torte é do que uma paixão pura...

— Talvez...

— Pois bem, a sua é pura, desassisada e extravagante, ao mesmo tempo. Vós dizeis com ar de duvida: «Quem sabe!...» É que a não conheceis. Ignoraes quanto amor, quanta magica seducção, que languido amavio ha nas suas fallas, nos seus requebros, nos seus movimentos. Que sereia!

— Deveras?

— Agora, depois que a gozou, que recebeu os seus afagos, que se embriagou nos raios dos seus olhos, que saboreou seus beijos e estreitou entre os braços esse corpo maravilhoso, está bebado d'um vinho que desejará beber perennemente, está possuido da tortura da attracção que causa a bocca do abysmo... Elle abandonar aquella mulher!... Desafio-o a fazel-o...

— Tu ámal-a! — gritou o Papa.

— Talvez... ou para melhor me exprimir, amava-a.

E não a amas já?

—Perdão: eu não sou um artista. Sou um servo de Vossa Santidade. Amal-a, e conserval-a para mim só, não seria cumprir com o meu dever. O meu dever era cedel-a a outro.

Conservou-se algum tempo silencioso, e depois disse, como fallando comsigo mesmo:

—Demais consegui d'ella quanto queria...

—Tu sabes o que fazes!—disse o Papa.

Sabeis agora concluiu pausadamente o inquisidor porque tinha tanta pressa de vos fallar. É porque careceis de terdes uma entrevista, quanto antes, com Bibiena...

Para que?

—Para o afastardes sob qualquer pretexto.

—Já encontrei um.

—Pensaveis então na mesma coisa?

Leão X não quiz confessar que a sua ideia o não abandonava nunca, nem quiz dizer tambem quem era o seu alliado na realisação do plano—e accrescentou só:

—É preciso prever tudo. Além d'isso o pretexto é em si mesmo uma boa ideia, como has-de concordar, para vos proporcionar algum dinheiro, emquanto o teu Tetzel não vol-o recambía em troca das suas indulgencias.

—Tanto melhor. D'uma cajadada matareis, pois, dois coelhos. E logo que tivermos afastado o tio, fica ao vosso cuidado o fazer-vos amar da sobrinha...

—É verdade. Mas dize-me, elle sabe da traição de Raphael?... Não seria melhor inteiral-o do caso?...

E accrescentou, com a voz ligeiramente tremida:

—Cheio de despeito, poderia eu dispôr do cardeal...

—Elle ha-de vir a sabel-o em momento mais opportuno.

E os dois cumplices calaram-se, afundando-se ambos, algum tempo, nos seus mutuos pensamentos. Leão X pensava nos deleites da paixão promettida e Hochstratten deliciava-se com as suas recordações do passado.

Hochstratten dissera a verdade: a besta, a parte material que se alojava dentro d'elle, havia fruido d'aquella mulher tudo quanto cubiçára obter e fruir. Por isso, via-a, sem zelos, nos braços de Raphael. Saciada a sua gula animal, a sua paixão vulgar, a ambição sobrenadava altaneira a outro qualquer sentimento.

Depois de alguns momentos de reflexão, Leão X tocou um timbre, e disse ao porteiro:

—Introduzi o cardeal Bibiena.

Sua eminencia entrou, não sem que antes se escutassem furiosas exclamações que sahiam do labio indignado do cardeal Petrucci.

—Eminencia—disse-lhe o Papa—desejo que partaes esta noite mesmo.

—Eu? Para onde? Desterraes-me, acaso?

—Desterrar-vos, meu querido amigo! Estaes doido, porventura? De modo algum. Quero confiar-vos uma tão delicada missão, que não me atrevo confiar a outro...

—Lisonjeaes-me...

— Não. Faço-vos justiça. Trata-se d'ir prometter o meu voto ao rei Francisco I de França, que, como sabeis, trabalha para ser eleito imperador.

— Já sei... e não ha nada mais simples.

— Esperae. Não vos quero occultar que se lhe deve fazer a promessa d'um modo um tanto vago, insinuando-lhe que não lhe dou o meu voto, mas que lh'o vendo, e que o pretendo vender caro.

— Comprehendo.

— Devereis dar a entender ao rei de França, Francisco I, que o rei de Hespanha, tambem candidato, já me fez propostas, e que a generosidade de Carlos V é proverbial...

— Bastará talvez essa insinuação.

— Que os offerecimentos e propostas de que vos fallo são reaes, e tão reaes e positivos que eu hesito, e sinto-me inclinado a acceitar as propostas dos dois rivaes.

— Mas...

Porque eu não sei dizer que não a ninguem... E sinto-me tentado a vender caro o meu voto aos dois pretendentes, reservando-me, no emtanto, o direito de decidir segundo a minha consciencia.

Leão X sorria, e Hochstratten tambem. Não havia meio de recusar-se áquella missão diplomatica, que pela sua subtileza não desdenharia o proprio Machiavello, e Bibiena inclinou-se em signal d'assentimento, sem nada retorquir.

— Podeis — accrescentou o Pontifice — partir quando quizerdes. Quanto ás minhas instrucções eu as irei a pouco e pouco remettendo para França.

O cardeal beijou a mão do Pontifice, e encaminhou-se para a porta.

— Ser-me-ha permittido — disse o cardeal no momento em que o Papa e o seu conselheiro trocavam um sorriso — levar minha sobrinha?

— O que dizeis? — perguntou Leão X, sem poder conter a interrogativa.

— Surprehende-vos a minha pergunta? Ignoraes que Roma não offerece muita segurança, e que ainda não ha muito uma grande matula invadiu o meu palacio, perseguindo não sei que desgraçado?...

— Não o sabia, e a pergunta agora não me espanta. Bem sabemos o affecto que votaes a vossa sobrinha...

— O mesmo que vós a vosso sobrinho — volveu o cardeal.

— É verdade, e por isso o meu e o vosso carinho explicam-se perfeitamente. O que me surprehende é que penseis em separar essa pobre creança de Raphael. É certo que ella vos ama muito, mas que saudades não vae ella cortir, longe do seu noivo?

— Tendes razão, e todavia...

Todavia repugna-vos deixal-a só!... Pois bem, tudo se pode conciliar. Tendes confiança em mim?

— Certamente.

— Confiae-m'a pois. Será minha hospede no Vaticano, e Raphael poderá vir vel-a, quando lhe aprouver.

— Que honra!

— Deixae-vos d'honras... isto é muito natural. Não é meu dever interes-

sar-me pela sobrinha d'um nuncio tão intelligente, e a quem confio uma missão tão delicada?

—Estou-vos reconhecidissimo.

—Não tendes nada que me agradecer. É-me agradavel poder ser util á vossa querida Maria...

O pobre cardeal desfez-se em mais comprimentos ainda, e depois de varias outras contumelias pediu licença para retirar-se, e ir levar á sobrinha as duas lisonjeiras noticias.

—Dou-vos os parabens!—disse o grande inquisidor ao Papa, ao retirar-se pela mesma porta por que havia entrado.

Leão X ficou só no gabinete.

—Agora—disse elle comsigo—preciso mandar preparar tudo para recebel-a...

E tocou a campainha.

—Dizei a todos que se retirem, que a audiencia está terminada.

Mal esta ordem foi dada, se Leão X tivesse prestado attenção, teria ouvido grunhir e esbravejar na ante-camara o ventrudo Petrucci, que ficou bufando rabioso. Mas a Sua Santidade preoccupavam-no ideias de genero bem differente.

CAPITULO XXXII

Duas vezes salva, duas vezes perdida

Estarão decerto lembrados os nossos leitores do crime audaz que o homem da capa verde queria perpetrar quando deu um cordial envenenado a Francesca, na sala da estalagem, quando fôra dar-lhe parte da morte da mãe.

Aos brados do velho Abrahão a gente da locanda precipitára-se correndo sobre o assassino, que dispondo d'um magnifico cavallo não tardára muito em desapparecer.

Quando o hospedeiro voltou mais a criadagem, queixando-se de o não haver encontrado, já não achou na sala nem a joven desmaiada, nem o velho.

— O que quer isto dizer? — exclamaram aturdidos tanto o patrão como os criados. — Dar-se-ha caso que todos os hospedes desappareçam e se sumam como fogos fatuos?

E immediatamente se puzeram a dar busca a toda a estalagem para vêr se davam com os viajantes desapparecidos.

O velho escudeiro havia levado a sua joven ama para a sua propria alcova, havia-a deitado sobre o leito, e sem dar mais mostras de se inquietar com ella puzera-se a lêr tranquillamente a Biblia.

— Louvado seja o Deus de Jacob! exclamára elle. Felizmente eu estava ao lado d'ella. Que infame! Ah! se eu não tivesse uma outra missão! Comtudo preciso demorar-me ainda aqui. Pelo menos, a syncope dura-lhe ainda toda esta noite...

Pôz termo emfim ás suas exclamações com a leitura d'estas palavras enigmaticas do livro sagrado:

«O Eterno apiedou-se de mim. O Senhor me livrou dos laços dos reprobos e não caí nos seus enganos.»

Quando o hospedeiro entreabriu a porta da alcova, Abrahão ao passo que escondia a Biblia desatou em fundos gemidos desesperados.

—Deixem-me! Deixem-me!—exclamava.—Quero estar entregue absolutamente á minha dôr!

—Pobre homem! disse o hospedeiro enternecido.

Mais tarde porém, se o locandeiro o tivesse espreitado, ter-se-hia admirado de vêr com que presteza Abrahão, depois de ter corrido o fecho da porta, tirou as suas provisões de bocca dos alforjes e se pôz a reflectir e a cogitar emquanto mettia os bocados na bocca.

—É preciso que aquelle homem tivesse muito interesse na morte d'esta mulher, para ter querido perpetrar tão atrevidamente um crime que podia custar-lhe caro. Que interesse poderá ser? Mais tarde o saberemos. Entretanto parece-me que o melhor é continuar dizendo e fazendo acreditar que está morta, pois me parece o meio mais seguro de a preservar d'um novo attentado. Apenas seja noitinha eu tratarei de a despertar.

E de facto bem se poderia dizer despertar.

Olhando a joven com attenção ter-lhe-hiam observado o peito latejar ligeiramente. A filha de Noemi não succumbira ao veneno, porque o não bebera.

Um como que vago presentimento induzira Abrahão, mal chegára á sala, a desconfiar d'aquelle homem, em que logo á primeira vista farejára um inimigo. A pressa que manifestára o desconhecido em dar parte á dama do fallecimento de sua mãe, confirmára as suas suspeitas. Além d'isso, o movimento que precedeu o offerecimento do copo d'agua não lhe parecera natural. Inclinando-se sobre Francesca desmaiada e occultando-a com o seu peito, fingiu dar-lhe a beber o liquido, que derramou pelo fato e sem perder de vista o minimo gesto do scelerado. Entrementes dizia o velho comsigo:

—Estará só?... Será melhor agarral-o e fazel-o pagar caro, ou deixar-lhe suppôr que conseguiu o que queria?...

E com a rapidez do corisco adoptou esta resolução. Escondendo-o cautelosamente da vista do desconhecido tirou do peito um pequeno frasco que parecia de saes, e que continha um narcotico muito activo reduzido a essencia, cujo cheiro bastava para fazer cahir n'uma somnolencia, que se assemelhava á morte.

As tropelias n'aquelle tempo eram tamanhas, as estalagens e os caminhos offereciam tão pouca segurança aos viajantes, que toda a gente e em especial os judeus tomavam mil precauções antes de emprehenderem jornada, entrando entre essas a de se precaverem d'armas que formavam um arsenal completo no seu genero.

Frick-Frick, ainda que habil e precavido, dera n'aquelle dia com outro mais habil e precavido ainda.

Enganado pela pantomima do velho escudeiro julgou que o seu plano se realisára e tratára de pôr-se rapidamente em fuga, o que contribuiu mais a convencer Abrahão do fundamento com que suspeitára logo d'elle.

—Por ora—cogitou o velho comsigo—tudo vae bem! Mas para saír da estalagem será preciso representar uma comedia. Decerto que me hão-de espreitar e talvez tenha de separar-me da minha ama, que é o que eu não queria.

Magicando d'este feitio, desceu a escada e examinou os arredores da casa, o que pareceu tranquillisal-o e, sem deixar d'exhalar fundos suspiros, deu a entender ao estalajadeiro os seus receios de que o veneno precipitasse a decomposição do cadaver, e de que as emanações prejudicassem a familia da casa.

O estalajadeiro acreditou tudo quanto o velho quiz dizer-lhe, e deixou-se persuadir por elle.

Francesca foi, pois, transportada para uma especie de celleiro, aonde o locandeiro dormia a sésta nos dias calmosos d'estio. Estenderam-a sobre um colchão, cobriram-a com uma manta e juncaram-a de flores; accenderam em seguida dois cyrios, um á cabeceira e outro aos pés, fecharam cuidadosamente as portas e as janellas, ao que o locandeiro se não oppôz, porque o velho fizera-lhe sentir o perigo das exhalações putridas do cadaver.

Abrahão quiz elle mesmo ficar velando o corpo. D'alli a pouco dois criados trouxeram um caixão, dizendo que iam abrir sem mais delonga uma valla ao pé d'uns olmeiros que se enxergavam a distancia, pois o estalajadeiro não queria que se soubesse que morrera uma mulher envenenada na estalagem. Tudo parecia caminhar á medida dos desejos do judeu, que entrementes aguardava com viva impaciencia que chegasse a noite, e ia cogitando nos pormenores da execução do seu plano. Tendo, parece, tudo bem determinado, picou com uma lanceta o braço esquerdo da joven, que suspirou e abriu os olhos.

—Onde estou?—perguntou espantada.

Em poucas palavras, o velho pôl-a ao corrente do risco a que ella escapára devido a elle. A dama estremeceu aterrada e, ao recordar-se da morte da mãe, rompeu em amargo pranto. Deixou-a o velho desafogar a sua dôr e depois, para dar outro curso aos seus pensamentos, disse-lhe que urgia aproveitar o tempo, e que antes de tudo era preciso saír d'alli com cuidado, sem despertar suspeitas.

—Que havemos de fazer então?—perguntou ella.

O velho communicou-lhe o seu projecto e ambos juntos o discutiram e approvaram: depois, com mil precauções, aventuraram-se a descer ao jardim e encheram o caixão de grossas pedras e de terriço, que depois fecharam. Francesca estremeceu de terror ao pensar que se acaso o velho escudeiro morresse, tel-a-hiam enterrado viva.

Depois de fecharem o caixão, Abrahão despediu-se de Francesca, dizendo-lhe que esperasse por elle junto d'um poço, que havia visto dias antes.

A joven senhora afastou-se d'aquelle sitio, receosa, e com o coração oppresso.

N'aquelle instante chegaram os dois criados que deviam levar o caixão para a cova.

Abrahão, simulando o maior pezar e desolação, ajudou-os.

—Sangue de Christo!—exclamou um d'elles, tapando o nariz—Não deixa de pesar o seu tanto!...

D'alli a alguns segundos chegaram ao pé da cova.

Era devéras um espectaculo triste o que offerecia aquelle caixão, transportado na escuridão da noite por aquelles tres homens e sem mais acompanhamento algum. Mal baixaram o caixão em terra redobraram os

gemidos e lamentações do velho judeu. Como ninguem pensára em levar cordas para descer o esquife até ao fundo da cova que haviam feito, baixaram-no sem mais ceremonia, com a ajuda dos ramos d'uma arvore.

Com o peso do caixão os ramos quebraram-se, e elle rolou pela cova abaixo, produzindo um surdo estrondo. As lagrimas suffocavam o velho escudeiro. Minutos depois, o esquife desapparecia coberto pela terra, sobre a qual, como ultima precaução para impedir as exhalações putridas, se accendeu uma grande fogueira, depois do que, os criados, que haviam amparado o alquebrado velho, regressaram á estalagem.

Mal que lá chegaram, o judeu pagou generosamente a conta das despezas, e acceitou as provisões que o estalajadeiro insistiu com elle para levar. Dirigiu-se depois á cavalhariça, e travando pela brida, ainda lavado em lagrimas, a mula da sua ama, saltou sobre o cavallo, e desappareceu, ainda sacudido de soluços, e os olhos rasos d'agua.

Sem perder um momento, o estalajadeiro mandou abrir as janellas e respirou satisfeito, tomando um longo hausto d'ar, quando viu desapparecer o velho entre os ramos das arvores e as sombras da noite.

—Uf!—disse elle—Parece que ainda cheira um pouco a mortos, mas ámanhã já não cheirará, e os viajantes não desconfiarão de coisa alguma. Que aventura!...

Durante toda aquella noite, o pobre homem sonhou com o individuo da capa verde, com envenenamentos, tragedias e enterros.

No sitio indicado, Abrahão, já completamente consolado, encontrou Francesca, que saltou ligeira sobre a sua mula. A pobre joven senhora é que se não consolára ainda, e vertia pela mãe abundante e amarissimo chôro.

O escudeiro coagiu-a, entretanto, com muitas razões, a partilhar com elle das provisões que levava, e esforçou-se em desviar-lhe o triste curso das ideias, perguntando-lhe se não tinha medo que a gente do convento lhe rapinasse a fortuna da mãe, esbulhando-a a ella, sua legitima herdeira, da posse da herança.

Ella não havia cogitado sequer em tal: mas era para recear, effectivamente, que o caso se désse.

—Pois bem—disse o escudeiro—se quer crêr no que lhe digo, iremos até Nimpkchen sem demora, porque felizmente não estamos muito longe já.

—Como entenderes.

—Podemos lá estar ao romper da madrugada.

—Pois vamos...

Marchemos então, e vejamos se ha meio d'arrancar a herança das garras das freiras.

Francesca, então, chorando pela morte d'aquella cujo perdão não poderia já receber, e Abrahão cogitando, puzeram as alimarias a galope.

Ao romper d'alva, como o velho tinha dito, divisaram o povoado que cercava o edificio do convento. Abrahão parou junto d'uma levada, cortou a barba e pediu á ama que lhe cortasse o cabello, depois do que ficou completamente desfigurado. Tirou em seguida da escarcella um chale e um lenço, cingiu as pontas do chale sobre o peito de Francesca, e enrolou lhe

o lenço em torno dos seus negros cabellos, com o que a joven parecia uma verdadeira cigana.

Não eram, todavia, exageradas aquellas cautelas.

Depois d'isto ambos os viajantes entraram em Ninpkchen silenciosos: ella, porque ia pensando em sua mãe, que talvez não estivesse enterrada ainda: elle, porque previa que alli ia ter começo a sua perigosa aventura.

O pobre judeu receava, e com certo fundamento, que por causa de tão audaz empreza ia talvez perder de vista sua filha, que decerto devia estar em Grimma, visto que a não encontrára no caminho; e este receio d'elle luctava com a promessa que fizera a Lourenço de velar sobre Francesca, ao que de fórma alguma faltaria, succedesse o que succedesse.

O velho antepunha o cumprimento do dever á satisfação da ventura propria.

D'alli a pouco tempo encontraram uma estalagem, e como fosse indispensavel fazer descançar os cavallos e terem um quartel-general, entraram n'ella.

A dona da dita locanda, mulher bem fornida de carnes e de physionomia complacente, apressou-se em servir os recem-chegados, perguntando-lhes:

—Sois marido e mulher?

—Não,—respondeu Abrahão—somos pae e filha. Por que perguntaes isso?...

—Porque posso dispôr sómente d'um quarto.

—Não importa!—retorquiu Abrahão, tocando com o cotovêlo em Francesca—Eu posso dormir bem na cavalhariça...

—Mas porque?

—Porque minha filha acaba de enviuvar e chora de noite e de dia o marido, de modo que me não deixa pregar olho...

—Como entenderdes!...—replicou a hospedeira, subindo com Francesca a um quarto do primeiro andar, que pelo cheiro a tintas frescas revelava bem ter sido acabado de pintar.

É a unica alcova que tenho disponivel! - disse a locandeira, querendo cortar d'esta fórma a objecção que assomava já aos labios da joven senhora. —Depois do incendio de Grimma tem vindo hospedar-se em minha casa tanta gente!...

Abrahão estremeceu, mas reprimiu o seu sobresalto.

—Restava-me ainda um outro, mas aluguei-o a uma virtuosa freira que era quem occupava antes esta alcova, mas que a deixou por não poder supportar o cheiro das tintas. A vós tambem vos incommoda?

Francesca olhou para Abrahão e depois respondeu:

Não.

Depois de tantas emoções sentia-se quebrada de fadiga e aniquilada: e, involuntariamente, sentia os olhos fecharem-se-lhe.

Por isso, um quarto d'hora depois, dormia profundamente com a janella aberta e as cortinas do leito corridas, para que a claridade matinal a não molestasse.

Entrementes o judeu, que fora para a cavallariça e se occupava agora,

ou parecia, em dar ração aos cavallos, observava a disposição topographica da estalagem e pedia pormenores d'aquelle incendio de Grimma, de que lhe haviam fallado.

O coração do pobre velho palpitava cheio de anciedade. No entretanto foi mais prudente e mais habil do que havia sido Sara deante do homem da capa verde. E quando a locandeira lhe affirmou que quem dera origem ao incendio haviam sido os infames judeus, elle fez côro com a indignação d'ella, bramando, com grande iracundia, que era realmente um vexame que se consentisse tal gentalha em paizes que tinham a honra de ser catholicos.

Um frade, que por acaso passava, approvou tão cordatas expressões, e começou a subir pela escada do primeiro andar. Mudando em seguida de conversa, Abrahão perguntou á hospedeira que grande edificio era aquelle que se enxergava do alto da montanha. A boa mulher, que não pedia senão um ensejo para dar á taramela, e parolar, respondeu-lhe, dando-lhe mil particularidades e minucias sobre o convento.

Duas pancadas espaçadas, seguidas d'uma terceira mais espaçada ainda, despertavam, entretanto, Francesca do seu somno.

—É sem duvida Abrahão—disse comsigo a joven, ao ouvir as pancadas na porta.

E accrescentou em voz alta:

—Entrae.

Girou sobre os seus gonzos a porta, e um homem entrou na alcova.

Na occasião em que abria as cortinas do leito, Francesca viu que o individuo que entrára era um frade. Sobresaltada, a dama receou que a tivessem seguido, e julgou que aquelle era o momento final da sua vida. Sentiu entorpecerem-se-lhe e regelarem-se-lhe os membros, quiz gritar, e quiz fugir ao mesmo tempo: porém ficou estarrecida e sem voz, e como que acorrentada ao leito.

A imagem do misero Abrahão, a lembrança de sua mãe e a recordação do filho, que não mais tornaria a vêr, acudiram-lhe á mente. E ella, que suppunha poder ir á sepultura de sua mãe Noemi implorar o seu perdão, inaugurar assim uma nova epocha de felicidade e poder encontrar o seu Giannino, que decepção a esperava!... Espavorida, seguia, atravez do cortinado transparente do leito, os movimentos do frade.

Qual não foi, porém, o seu pasmo ao vêl-o sentar-se n'uma cadeira perto da cama, e perguntar-lhe mellifluamente:

—Estaes ainda na cama, minha irmã? Estareis acaso doente?

Ouvindo isto Francesca respirou. Comprehendeu que havia um equivoco, e lembrou-se da freira, que havia occupado, antes d'ella, aquella alcova.

Ia desfazer aquelle engano, quando ouviu dizer ao frade:

—Aproxima-se a hora de ir para o convento... porque não sabemos bem quando é que deve abrir-se o testamento.

Francesca, a estas palavras, prestou ouvido attento, e calou o que ia dizer. Decerto, o testamento de que se tratava era o de sua mãe. Reflectiu, e um presentimento advertiu Francesca de que aquelle colloquio com o frade podia revelar-lhe alguma coisa util, e respondeu:

—Tendes razão.

Esperou cheia de anciedade, a vêr se o frade não estranhava a voz, e continuou:

—Este maldito cheiro das tintas estonteou-me e fez-me dôres de cabeça.

—Sinto muito, sinto-o—retorquiu o frade desconhecido.—Mas bem sabeis que a coisa vale a pena de a gente se incommodar um pouco... Re-

—Sois acaso marido e mulher?—perguntou a estalajadeira aos viajantes.

Cap. XXXII.

ceio que antecipem a hora. Marcaram primeiro as seis da tarde, e eu espero que não ousarão fazer coisa alguma sem estarmos todos presentes. Mas, em todo o caso, o melhor é não ter confiança demasiada. Eu vou n'um pulo ao convento, e peço-vos que vades tambem, mal vos levanteis.

—Decerto—murmurou Francesca.

—Estaes lembrada de que se entra pela porta secreta da direita?

—Bem sei.

—E que o local da reunião é na cella onde está o cadaver de soror Noemi?

O *sim* com que a joven senhora respondeu a esta interrogação parecia-se tanto com um soluço, que o frade perguntou, inclinando-se quasi sobre o leito:

—Tendes alguma coisa?

Felizmente, Francesca embrulhada na roupa da cama e com a face voltada para a parede, não podia ser facilmente reconhecida.

—Não tenho nada!—respondeu.—Apenas alguma febre...

—Diacho!... Esse incommodo impedir-vos-ha de irdes ao convento?

—Não. Não deixarei de ir, ainda que fosse arrastando-me...

—Graças a Deus!—exclamou o frade.

E matutou comsigo:

—Não me enganaram quando me fizeram o elogio do ardor com que esta freira defende os nossos interesses.

O frade ia a retirar-se, quando Francesca lhe perguntou:

—Não ha nenhum santo, ou senha combinada?

—Decerto. Bem o deveis saber.

—E bem o sei. Mas pergunto se o não mudaram?

—Não. É o mesmo ainda.

E pegando na mão de Francesca traçou-lhe com o indicador na palma uma figura semelhante a um *a* grego.

—A phrase é sempre esta—ajuntou, para mais esclarecimento—: *Super hanc petram ædificabo ecclesiam meam.*

—Bem o sabia. Não me havia esquecido.

—Então, minha irmã, adeus: ou, para melhor dizer, até á vista. Eu corro a avisar os vossos outros amigos.

E o frade foi-se embora.

Mal elle fechou a porta, Francesca saltou da cama.

—Minha mãe! exclamou ella Estes miseraveis querem roubar a fortuna de minha mãe!...

E reflectindo sobre tudo o que acabára de ouvir, disse de si para si:

Vejamos. Este frade equivocou-se, decerto. Cuidava encontrar aqui a religiosa sua cumplice, de que a hospedeira me fallou e me disse que se mudára para outro quarto, porque a incommodava o cheiro das tintas. Se bem me lembro, disse-me que estava agora na alcova, ao fim do corredor...

Francesca ia já para abrir a porta, quando de subito parou.

—Sim,—disse ella, como para robustecer a sua decisão—é preciso que eu impeça essa iniquidade antes de encontrar o meu filho, e é talvez o melhor meio de eu merecer de lá dos céos o perdão de minha mãe... Esta noite, sem falta, hei-de estar no convento.

No corredor encontrou, por acaso, a criada, rapariga folgazã, sempre disposta a rir e falladora como a sua patroa. Vestia um trajo flamengo, avental bordado a ouro e gorro com medalhas de metal.

Francesca disse-lhe qualquer coisa em voz baixa e, como acompanhou as suas palavras com uma moeda de ouro, a criada não se fez rogar. Se-

gundos depois Francesca, vestida de criada flamenga, batia á porta do quarto, situado ao fim do corredor.

—Entrae! —gritou uma voz desabrida.

A freira estava na cama e tinha o cortinado do leito corrido. A força com que respirava poderia fazer suppor que não estava sósinha entre os lençoes, se semelhante supposição não fosse peccaminosa, tratando-se de pessoas consagradas a Deus.

Francesca foi acolhida com um diluvio de recriminações. — Havia de se lembrar sempre — vociferava ella — d'aquella estalagem! Tinha uma enxaqueca! Era coisa que não lembrava a ninguem, dar aos viajantes alcovas acabadas de pintar. Sentia, dizia ella, na cabeça uns baques infernaes...

—Ouvi! — clamou ella, cessando bruscamente as suas lamentações — Levae a minha roupa e os meus sapatos e escovae-a e engraxae-os...

Francesca, que receava vibrar algum golpe audaz que a denunciasse mais depressa do que ella queria, tranquillisou-se logo, mal ouviu estas palavras. Tudo marchava á medida dos seus desejos. Pegou nos sapatos e nos habitos que estavam sobre uma cadeira e dispunha-se a ir-se embora, quando a religiosa lhe disse:

—O sacerdote que veio hontem deve voltar. Não vos esqueçaes de lhe ensinar onde é o meu quarto.

—Descançae, irmã—respondeu Francesca.

E saíu, fechando com ruido a porta. Fingiu que se ia a toda a pressa; mas depois voltou na ponta dos pés á porta do quarto e deu volta á chave, devagarinho, mettendo-a logo na algibeira.

—Até que emfim! — respirou ella. — Suppondo mesmo — disse comsigo — que ella consiga que lhe abram a porta antes que eu chegue ao convento, não poderá apparecer em camisa.

E ao restituir o gorro e o avental á criada affirmou-lhe que tudo aquillo não passava d'uma brincadeira, que ella era realmente religiosa, mas que lhe pedia que guardasse sobre o caso completo segredo.

Assim lh'o prometteu e cumpriu a criada.

Depois d'isto Francesca entrou no seu quarto e vestiu, sobre o fato que trazia, os habitos de religiosa. Depois de os ter vestido desceu ao pateo a reunir-se com Abrahão, que inquieto por não ver sua filha Sara, parecia ter medo que lhe tivesse occorrido qualquer accidente.

—Contanto que tenha chegado a Grimma antes do incendio da cidade... — dizia elle comsigo. Estes miseraveis vão decerto agora recomeçar nova perseguição e chacina nos judeus.

Estavam n'este ponto as suas cogitações quando as suspendeu para comprimentar uma religiosa que passou por pé d'elle.

Fez-lhe esta um signal de intelligencia, e grande foi o pasmo do israelita ao reconhecer Francesca! Deixou-a sair, seguiu-a a alguns passos de distancia e logo que se viu longe da estalagem juntou-se a ella, e durante rapidos instantes conferenciaram em voz baixa.

Quando batiam as seis horas entrava Francesca no mosteiro de Ninpkchen.

Depois de ter proferido a senha que lhe devia dar franca entrada no convento, e depois de haver traçado na mão do porteiro o signal convencionado, deslisou pelos corredores, seguindo os vultos que se encaminhavam para a parte do claustro, em cuja cella se achava exposto o cadaver de soror Noemi. Prêsa de indizivel emoção que lhe punha o coração oppresso, entrou a joven na camara ardente sem despertar a menor suspeita da irmãrodeira. Ao encontrar-se, porém, em frente do corpo da morta, ao qual a arte havia emprestado todas as apparencias de vida, esteve a pontos de desmaiar, e só graças a um esforço heroico pôde recobrar serenidade.

Horrivelmente pallida, porém sem soltar um grito nem um soluço, assistiu a todas as infamias que alli se perpetraram, escutou todos os ultrajes que alli se infligiram á morta.

Foi ella que piedosamente accommodou no seu esquife o cadaver, beijando-o ás escondidas, quando fr. Wilhem, enfurecido, chegou quasi a derribal-o e a fazel-o rolar por terra, estranhando que o fogo do céo não vingasse aquella profanação. Confundida entre a onda dos assistentes, assistiu tambem a todas as scenas da tumba da miseria. Foi então alli que, cheia de dôr, a sua indignação explosiu e que no momento em que a communidade julgava ter chegado ao complemento dos seus desejos, ella se declarára unica e legitima herdeira de soror Noemi.

O grito de cólera com que protestou contra tanta infamia como a que havia presenceado, irrompeu do seu labio involuntariamente, sem que mesmo considerasse a terrivel imprudencia que commettia.

Só depois, quando se achou isolada e inerme no meio d'aquelle grupo ameaçador, nos olhos de cujos individuos leu perfeitamente que não possuiam corações capazes de remorsos nem de impulsos honestos, comprehendeu que se havia votado á morte e que a sua perda era inevitavel...

Quando, ao cabo de tantas emoções, Catharina de Bora se achou só, desafogou emfim a sua magua, longo tempo reprimida, n'um caudal de lagrimas.

Illuminava-lhe, no emtanto, a alma, um raio de esperança: e aquellas paredes, que tão pesadas e macissas lhe haviam parecido, oprimiam-lhe o peito com menos força, e o proprio claustro se lhe figurava menos sombrio e torvo. Porque estava agora certa de que alguem se interessava pela sua sorte e podia confessal-o — amava emfim.

Recordava todos os pormenores do seu colloquio com Luthero: — lembrava-se de o ter seguido com um olhar enternecido: lembrava-se da pressão doce da sua mão amiga: não duvidava de que elle havia de voltar... Talvez que elle ainda regressasse aquella mesma noite...

A difficuldade da empreza d'elle era grande. Mas que importava isso?...

Amava-a e na sua qualidade de frade ninguem melhor do que elle podia lançar hombros a tal difficuldade.

Extraordinaria força é a do amor! O nome de frade, que a joven não proferia senão com desdem ou repulsão quando o aplicava aos outros religiosos, tomava na sua bocca um sentido completamente differente quando designava aquelle homem de feições accentuadas e varonís, de face e aspecto nobre e em que uma especie de inexplicavel instincto fazia adivinhar n'elle o precursor das doutrinas novas, o futuro julgador das infamias papaes.

Porém as horas decorriam. O aborrecimento, o tedio opprimiam-na com a sua mão de chumbo e os seus pensamentos tornavam a entrajar-se da luctuosa tinta do desengano.

—Na realidade—cogitava ella—estou doida! Acaso seria possivel tornar a vêl-o? Acaso qualquer coisa podia fazer suppôr que elle pudesse tornar a acercar-se d'ella, depois do que na vespera succedera?

Assim cogitava ella. E como um desespero desmedido succede depressa ás illusões mais douradas e fagueiras, a joven afundou-se no mais profundo desalento. Ainda mesmo suppondo que elle a amasse tanto, como ella o amava, ainda que se arriscasse mesmo a penetrar no convento que ella suppunha cheio de embustes. podia ella confiar em que o desconhecido a encontrasse de novo? A sua cella parecia-lhe agora feia e tôrva, e abominava aquellas paredes, cujo peso lhe parecia a ella que a esmagavam.

Sentia necessidade absoluta de saír d'alli, de fugir, evadir-se, correr desatinada, de banhar-se nos puros raios do sol.

—Ai! não havia já esperança alguma de o conseguir! Se tentasse obter licença da superiora, o seu pedido encontraria só a sua recusa glacial. Iria pois para o pateo do claustro vaguear entre as noviças, e misturar-se com as religiosas que detestava, e cujas faces rugosas, desmaiadas, ou avelhantadas, traziam impressas as marcas dos vicios secretos: iria, finalmente, passear sob as monotonas arcadas que não deixavam enxergar uma nesga de horisonte, para onde ella podesse voltar o seu rosto e o seu pensamento?

Não, não. Se n'aquelle convento existia algum local que lhe fosse agradavel e sympathico, era a capella em que Luthero a salvára da bestial affronta do frade... Se acaso por momentos deixasse a cella, na qual podia ao menos refugiar-se na sua melancolia, seria apenas só para ir á capella recordar-se, e viver na doce, ainda que breve, illusão do passado, ouvindo, com o ouvido da alma, a voz do seu dilecto, aquella voz vibrante e cariciosa que escutára dias antes.

Dias antes! A ella afigurava-se-lhe que o seu amor datava de muitos annos, de toda a vida...

Catharina saíu, pois, da sua cella.

—Aonde ides?—perguntou uma voz.

Quem a interrogava era a directora das noviças, mulher de pequena estatura, sêcca e desdentada.

—Vou á capella.

—Não tendes permissão de irdes á capella senão para vos confessardes.

—Era essa a minha intenção—volveu Catharina.

Mentia: porém a sua resolução era firme, e a sua voz não a trahiu.

—Esperae um bocadinho—replicou a velha, adoçando um tanto a voz. —Vou fazer prevenir o padre Zurick.

O padre Zurick era effectivamente o director da semana.

Era um homem de trato amavel, que só ambicionava na vida fruir descanço e tranquillidade, e que só tinha um medo: o ser incommodado. Por isso consentia e annuia sempre a todas as petições que lhe endereçavam, tratando sempre de se libertar de qualquer entejo ou accidente fastidioso, e com muito mais razão de qualquer coisa em que entrasse risco.

Vivia praticando a maxima de ser essencialmente conciliador, tendendo sempre a conciliar sobretudo o seu interesse, professando profundo respeito pelo seu ventre, considerando a sua digestão como um facto importantissimo, e a sua saude como assumpto d'interesse capital. Vivia sem ideias pessoaes, acceitando a opinião dos seus amigos, sempre e em todas as occasiões, e de um modo incondicional a dos inimigos, sem dizer palavra nem emittir opinião alguma que não tendesse a proporcionar-lhe um proveito positivo, ou a afugentar qualquer desgosto ou incommodo.

O padre Zurick estava todo entregue piamente á redacção da lista dos pratos que deviam compôr o seu jantar, quando soror Cunegundes, que era o nome da directora das noviças, o fez chamar á capella, aonde o padre se dirigiu de mau humor, ainda que sem o deixar transluzir.

Perto da sacristia topou com soror Cunegundes.

—Esperava a abbadessa—disse-lhe o sacerdote.

—A superiora está na camara ardente—replicou a directora das noviças.

—Está bem.

—Mas na sua ausencia venho pedir-vos que confesseis uma das recentes noviças.

—A joven Bora?

—Essa mesma.

—Está bem.

—Deveis confessal-a—accrescentou, baixando a voz—fazendo o possivel para habilmente a attrahirdes a nós.

—Decerto—retorquiu o padre, resolvendo no seu interior a não conformar-se com aquella resolução para não contrariar a nova pensionista.

Soror Cunegundes foi-se embora depois d'isto, sem fazer reparo n'um ligeiro ruido que se produziu quando ella passava perto d'um dos pilares.

O padre Zurick ficou só.

Dirigia-se já para o confessionario quando se sentiu agarrado por uma potente mão de ferro.

Abriu ainda a bocca para gritar, mas um homem, que estava de pé detraz d'elle, bradou-lhe com energico entono:

—Silencio!

A bocca do padre, e escusado dizel-o, calou-se immediatamente; e vendo que o seu inimigo desconhecido tratava de o amordaçar com um lenço, disse-lhe com vivacidade:

—E escusado isso. Vejo que sois mais forte. Nada de violencias... Consinto em tudo...

A claridade da capella batia em cheio na physionomia do desconhecido.

Ha mais—accrescentou o padre Zurick, fixando o olhar n'elle—creio até reconhecer as vossas feições, e parece-me mesmo que estudamos juntos.

—Zurick!—exclamou o desconhecido.

—Luthero!—exclamou o outro.—Mas que vens fazer aqui? O que querem dizer, ou a que visam estas violencias?...

—A alguma coisa de importante.

—Tambem me parece.

—Consentes que eu occupe o teu logar, e te substitua no confessionario?

—Que remedio terei!—replicou Zurick, que apesar de haver reconhecido Luthero, não estava muito socegado ainda, ao ver-lhe os modos decididos, e ao ouvir as energicas palavras do amigo, e antigo condiscipulo.

—Vae chegar aqui uma joven—tornou Luthero, que sem duvida deveria ter escutado as palavras de soror Cunegundes a Zurick—e quero fallar com ella.

—Trata-se d'uns amoricos, hein?...

—Cala a bocca.

—Eu pensava...

Luthero entendeu que um segredo d'aquella ordem, sabido por um individuo com o caracter debil que tinha o padre, poderia vil-o a prejudicar mais tarde, e por isso volveu:

—Esta joven vem-se confessar. Eu sou frade, e tenho o direito de ouvil-a de confissão. Além d'isso tenho o dever de conhecer o que quero que ella me diga. Comprehendes?

—Muito bem. És enviado por um outro?

—Obedeço, é certo, a alguem mais poderoso.

—Ah! Ah!—exclamou o padre Zurick que só anciava encontrar um pretexto para não resistir mais.—Então está dito... Occupa o meu logar.

—Graças a Deus!

—Só uma coisa te peço...

—O que é?

—Como não desejo ficar compromettido, vaes atar-me como se eu tivesse resistido e tu te tivesses visto forçado a reduzir-me á immobilidade e ao silencio.

Dizendo isto, deu a Luthero o cordão do seu habito e prestou-se á comedia que phantasiára, e depois de bem amarrado deixou-se conduzir ao fundo d'uma capella lateral, aonde, estirado ao comprido e de bocca para o ar, prometteu ficar esperando com paciencia.

Luthero entrou no confessionario, no momento em que apparecia Catharina, conduzida pela directora das noviças.

As circumstancias haviam favorecido Luthero. Emquanto acompanhava Sara foi surprehendido por um estranho ruido, que se ouvia ao longo do caminho que trilhavam.

—Escutae—disse elle instinctivamente.

Aquelle ruido era um tumulto confuso de soluços misturados com gritos alanceantes e desesperados, ordens brutaes e ameaças, fracasso d'armas e cadeias, e, de vez em quando, estalidos de chicote.

Sara e Luthero, instinctivamente, esconderam-se atraz de uma espessa mouta.

D'ali a momentos viram adeantar-se um grande magote de gente, cuja vista os commoveu e lhes varou a alma.

Pelos seus trajos e aspectos, e mais ainda pelas suas longas barbas, era facil reconhecer que aquelles malaventurados eram judeus.

—Meu Deus!—murmurou lastimosamente Sara, entre suspiros, e ameaças mal contidas.

A triste multidão continuou caminhando. Os verdugos martyrisavam os desgraçados, acompanhando as suas barbaridades com casquinadas de riso e injurias. As pobres victimas vinham de Grimma, aonde havia começado a caça aos judeus. Eram uns miseros que haviam sido feitos prisioneiros durante o incendio deitado pelos seus perseguidores, e do qual os accusavam a elles. Os desgraçados choravam as suas casas votadas ao saque, as suas fortunas e liberdades perdidas, as mulheres a sua honra brutalmente desflorada.

Sara, enternecida, seguia-os com os olhos rasos d'agua, e Luthero, indignado e taciturno, difficilmente podia conter a sua emoção.

Os pobres martyres, moços e velhos, homens e mulheres, com creanças de peito ainda ao collo, desfilavam deante d'elles sob uma verdadeira chuva de golpes da soldadesca. Uma rapariga que ia amparando um velho, tropeçou em certa occasião, embaraçando-se na cadeia que lhe prendia os pés. Ao vel-a tropeçar um soldadão espicaçou-a com a ponta da alabarda nas costas. A pobre rapariga exhalou um gemido alanceante e commevedor e caíu nos braços do pae. Exanimes, enfraquecidos, sem poderem supportar tão agudas dôres, pae e filha elevaram os olhos ao céo, como se quizessem tomar Deus por testemunha de uma scena tão barbara.

Sara reprimiu um grito horrivel.

—São elles! São elles!...—murmurou ao ouvido de Luthero.

Luthero comprehendeu e abaixou a cabeça, com desalento, e travando das mãos da judia exhortou-a á resignação.

A moça judia acabava de reconhecer o pae e a irmã de seu marido, aos quaes ella se ia reunir na Allemanha.

E no fim de tanta fadiga, aquelle espectaculo devia ser a recompensa de tantas leguas de caminho, de tantas aventuras e de tantos soffrimentos!... Estava sósinha e isolada no mundo, pois que aquellas victimas em breve seriam justiçadas, e cadaveres!

Havia escapado á chacina e sangueira do Ghetto, mais os seus filhos, e agora vinha a encontrar em Grimma a mesma mortandade, e os mesmos horrores!... O catholicismo, esporeado pela sua cubiça, em toda a parte extraía ouro da deshonra, do crime, e da desolação. Já não havia abrigo nem refugio em parte alguma!...

A caravana tragica afastou-se lentamente, e desappareceu no escuro da noite. Os seus ais dolorosos resoaram ainda durante muito tempo aos ouvidos de Sara e de Luthero.

— Nem sequer poder-lhes dizer que estou aqui, e que chóro por elles! —exclamava a triste judia.

— Coragem! — dizia-lhe Luthero, com voz commovida.

Elle tambem tinha a alma trespassada, e não achava expressões com que consolar aquella profunda dôr.

Logo que o teve bem amarrado, Luthero levou-o para a fundo d'uma capella lateral.

CAP. XXXII.

— Já não me resta mais ninguem no mundo, mais que meu pae!... — clamava, chorando, a infeliz. Ninguem senão meu pae Abrahão que é velho, e a quem eu suppliquei que viesse para aqui, julgando aqui poder viver em paz. Ai! agora aonde, e como, o poderei encontrar? Talvez que dizendo-lhe para vir para Grimma, eu mesmo fui a propria que o empurrei para a morte!...

Não podendo consolal-a, Luthero tratára de proporcionar algum repouso á mãe e ás creanças, e de novo se puzeram a caminho.

Uma hora depois Luthero batia á porta d'uma estalagem, e graças ao seu habito de frade conseguiu que lh'a abrissem, e poude installar com alguma commodidade a joven que elle apresentou como sua irmã.

—Dormi, e repousae!—disse-lhe elle.—Brevemente vos virei buscar, para partirmos.

Sara não se atreveu a manifestar-lhe receio algum de que elle não cumprisse a sua promessa; mas cravou na face do companheiro de fadigas um olhar tão penetrante impregnado de tão cruel anciedade e viva angustia, que Luthero, que lhe comprehendeu a significação, tornou-lhe com uma voz tranquilla e solemne:

—Juro-vos! Não vos movaes d'aqui!...

E partiu, depois de ter deixado á sua protegida algumas moedas de prata.

—Pobre mulher!...—pensou comsigo Luthero.—Não a abandonarei, assim como tambem á outra... Não posso deixar interrompida a minha obra de justiça...

Referia-se a Catharina de Bora, que queria tornar a vêr, como lhe promettera, antes de proseguir a jornada.

Elle aspirava ainda a mais: desejava que caminhassem a par os dictames da sua consciencia, e do seu coração. Ella era tambem uma perseguida, e ainda mesmo que a não amasse, não se teria julgado liberto do compromisso de auxiliar e soccorrer aquella joven victima, enjaulada contra sua vontade n'um convento, por individuos indignos.

Visto que se achava em guerra aberta com os inimigos do coração e da consciencia humana, o melhor era proseguir audazmente a guerra, sem attender a mais nenhuma consideração que não fosse á da honra.

Socegado, portanto, a respeito de Sara, voltou de novo ao convento, e com mil cautelas, conseguiu, sem ser descoberto, penetrar segunda vez n'aquella capella aonde a primeira vez chegára tão opportunamente, para proteger Catharina.

Pensava em quão difficil lhe seria em seguida effectuar a retirada, pelo perigo que havia em percorrer todo o claustro, e de topar no caminho com alguma freira vigilante, quando o acaso lhe deparou o padre Zurick, e lhe deixou surprehender o colloquio que elle teve, ácerca da noviça, com a encarregada ou directora d'ellas.

O que em seguida occorreu já o sabem os nossos leitores.

Dizer a alegria com que reconheceu Luthero no seu confessor a joven, cem vezes mais bella e mais distincta sob o seu véo de noviça, é trabalho difficil. Catharina avançou vagarosamente para o confessionario, depois de haver dirigido, primeiro, um olhar impregnado de ternura para o local em que na vespera lhe havia apparecido o seu libertador, e suspirando, ajoelhou-se deante do altar da penitencia.

Meu padre! —começou a joven por dizer, depois de um curto silencio—perdoae-me, porque pequei.

—Catharina! Catharina!—murmurou o confessor, com expressão de entranhada ternura.

A joven, ao ouvir pronunciar o seu nome, estremeceu, e mais presentiu do que reconheceu Luthero.

—Vós! Sois vós!?...

—Silencio... Fallae mais baixo...

—Ah! Tinha a convicção de que voltarieis! exclamou a joven, esquecendo n'aquelle instante as suas lagrimas e o convento.

—E' certo que me esperaveis?—perguntou Luthero com viva alegria.

—Esperava-vos, confiava em vós, como se espera e confia n'um libertador.

—Desejo sêl-o totalmente, acreditae-me.

—Creio-o e confio em que o sereis, se o quizerdes devéras.

—Eu?

—Não podeis abandonar-me n'esta situação—continuou dizendo a joven a quem a idéa só de se vêr abandonada fazia verter lagrimas amargas. —Não é certo que não me abandonareis? Dizei-me que não: supplico-vos...

—Abandonar-vos eu, Catharina?... Mas se sois a minha alma, a minha vida... Se vós encarnaes a causa que eu defendo! Saúdo em vós a felicidade, o dever, o fim... e quem sabe se o premio da lucta... Ah, Catharina! se soubesseis quanto vos amo!...

—Sei-o, porque meço o vosso amor pela força do meu...

—O que estou ouvindo? O que me dizeis?...

—A verdade.

—Amaes-me, pois?...

—Sim. Amo-vos... Não deveria talvez confessar-vol-o, mas a culpa é d'aquelles que me têm presa n'este claustro.

Luthero com a face collada ao ralo do confessionario escutava anciosamente as palavras da joven noviça.

Soror Cunegundes estava alguns passos mais atraz, ajoelhada e entregue ás suas devoções. Catharina continuou dizendo:

—Tiraes-me d'aqui, não é verdade? Quando? Como?... O meu irmão, que é o unico individuo que me resta da minha familia, odeia-me. Ai, se soubesseis quanto estes olhos têm chorado! Vós sois o meu unico amigo, o meu unico apoio... Esperarei todo o tempo que fôr preciso até que vós me arranqueis d'aqui. Sim, é preciso que me arranqueis, senão expirarei n'este sepulchro...

—Estaes disposta a seguir-me?

—Aonde quizerdes.

—E se eu vos pedisse que consentisseis...

E Luthero vacillou alguns segundos, combatido pelo pejo e pelo receio.

—Acabae—disse suavemente Catharina.

—Se eu vos supplicasse que consentisseis em ser minha esposa? Não me respondeis?

—Catharina, com effeito, ficou silenciosa algum tempo. Mas, depois, tirando do annular um annel de ouro deu-o ao confessor por entre os ralos da grade, dizendo-lhe:

—Tomae: é a unica joia que eu pude salvar da pilhagem: tomae-o, e que seja o vosso annel nupcial.

Luthero pegou no annel levando aos labios a ponta dos dedos que lh'o apresentavam.

—Acceitaes, pois?—perguntou, louco d'alegria.

—Se não fosse por isso, pensaes que eu vos teria promettido seguir-vos?...

—É certo... mas...

Luthero deteve-se um pouco, com um ar abatido, e mostrando os seus habitos de frade.

—Comprehendo-vos, mas a vossa escravidão duraria só o tempo da minha.

—Ah! fazeis bem em o crerdes assim. Esperae, deixae obrar o tempo, e tende paciencia. Dia virá, talvez mais depressa do que o julgueis, em que virei tirar-vos d'aqui, para vos conduzir a logar seguro...

Não acabou a phrase, e Catharina viu-o pôr-se em pé, inquieto.

—O que succedeu?—perguntou a joven, em voz baixa.

A directora das noviças havia terminado as suas rezas, e levantando-se do seu genufluctorio, foi, para desentorpecer as pernas, ou porque qualquer coisa lhe houvesse attrahido a attenção, encaminhando-se para a capella lateral, na qual se achava preso e manietado o padre Zurick.

Catharina seguiu com os olhos o olhar de Luthero.

—Estamos descobertos!—exclamou elle.

—Meu Deus!

—Não vos assusteis.

E em poucas palavras o frade pôl-a ao corrente da situação. Depois, esperou alguns segundos.

Soror Cunegundes fitava attentamente a capella. Não carecia duvida que qualquer coisa lhe chamára vivamente a attenção.

Ao vêl-a olhar para o solo, com attenção, disse Luthero:

—Não ha duvida que o lobrigou já.

E ao ouvido da joven murmurou rapidamente estas palavras:

—Adeus, ou para melhor me exprimir, até á vista. Não vos movaes, não vos admireis de coisa alguma. Se vos interrogarem, dizei que oraveis, esperando o vosso confessor.

—Assim farei.

Dizendo isto, Luthero abriu cautamente e devagarinho a porta do confessionario, e saíu.

Ao mesmo tempo ouviu-se o grito da directora das noviças, que acabava de descobrir o padre Zurick estiraçado no chão, e de ventre para o ar, tão tranquillo e satisfeito, como se estivesse fazendo a digestão.

Prêsa de uma inquietação viva, e toda turbada, sem desamarrar comtudo o frade, correu para o confessionario, e afastando bruscamente Catharina, olhou para dentro. Mas não havia lá ninguem.

Dirigiu um relance d'olhos perscutador para todos os cantos da capella, e exclamou:

—Não vejo ninguem!

A crypta conduzia ás abobadas do Pantheon, e Luthero com effeito estava já longe do alcance das vistas, porque desapparecera por ella, e cuja grade havia fechado logo detraz d'elle. Receando que o perseguissem por

aquelle logar, começou a andar á claridade incerta que penetrava pelas claraboias abertas no tecto, a distancias regulares. Mas, de golpe, estacou.

Perto d'elle distinguiu o ruido de muitas vozes, que lhe fez lembrar as que se lhe afigurára ter ouvido na capella.

Applicou o ouvido á parede que tinha fronteira, e detraz da qual lhe parecera transudar o ruido da vozería. A parede que o separava d'essa salsada, e córo de vozes estridulas umas, outras debeis e esganiçadas como vozearia de mulherio, era apenas formada por um ligeiro tabique de madeira, a que haviam applicado uma demão de cal. Com a ponta do seu estylete fez Luthero saltar um bocado d'essa cal, descobrindo d'esta fórma uma das juntas das taboas.

O espectaculo que então se lhe deparou ao olhar aturdido fêl-o estremecer.

Fumarentos brandões alumiavam a caverna cheia de religiosas e de frades, no meio dos quaes se via relampejar um montão de pedras preciosas. Uma joven, vestida de religiosa, increpava com phrase vehemente e ademan resoluto a assembléa: mas os homens alçavam para ella, com catadura ameaçadora, paus e machados, esbravejando, e barafustando, rabiosos:

—Matemos a filha!... Matemol-a!...

E Luthero viu os frades então precipitarem-se contra a infortunada rapariga, como querendo chacinal-a, e acabar de vez com ella.

Mas de chofre os safardanas ficaram apavorados, e como varados por um corisco.

Luthero cujas forças a indignação centuplicava, fazendo um pujante esforço, fizera caír o taboado que ruiu com um infernal estardalhaço, produzindo uma nuvem de poeirada.

E o estardalhaço mais retumbou ainda, repetido pelo echo das abobadas, de sorte que se assemelhou ao ribombo d'um trovão.

Os assassinos suppuzeram que a cólera celeste os ia a todos varejar e pulverisar com o raio. Mas viram só Martinho Luthero, defronte d'elles, protegendo e amparando com o corpo Francesca, que lhe desmaiára nos braços.

Esta subita apparição desconcertou os meliantes. Este frade desconhecido parecia ser dotado d'uma tão indomita energia, havia tal traço heroico na sua acção, que a seu pezar, e mau grado o seu numero, não se atreveram a arremetter contra elle.

Tão certo é que a audacia é a melhor das armas quando é acompanhada d'uma resolução rapida, e n'esse caso tanto maior é o risco, tanto mais temerario parece o esforço.

Todo o exito deve apoiar-se em não dar tempo ao adversario de serenar.

Como era de suppôr que apenas o soubessem sem armas caíssem sobre elle como feras, Luthero apoderou-se de um machado que estava caído no chão, e brandiu-o com pulso seguro e masculo no ar.

Os que iam para caír sobre elle d'arremettida, recuaram de novo. Se assassinar um homem sem armas e indefeso lhes parecia coisa facil, nenhum porém, agora, se queria aventurar a que lhe perfurassem a pelle, ou lhe escaqueirassem a cabeça.

Reinou um cavo e fundo silencio, um mixto confuso de terror e sympathia respeitosa.

Todos os circumstantes olhavam gravemente Luthero, em cujas mãos lampejava o gume do machado, á claridade avermelhada dos archotes.

Martinho Luthero foi o primeiro a romper aquelle silencio, dizendo com entono chocarreiro:

—Então entre que gente me encontro?... São estes os representantes da justiça divina e da caridade? Qual a auctoridade do versiculo dos livros santos é a em que vos apoiaes para chacinar uma mulher e rapinal-a?... Eu que me prézo de conhecer a Biblia e sabel-a de cór, ignoro tal versiculo!... Citae-m'o vós, se o sabeis!

E fitava-os altivamente com um olhar em que coriscava ao mesmo tempo a indignação, a ira, e o sarcasmo que gela.

Pelas phrases que ouvira, pela vista das joias reluzentes amontadas no solo da tumba da miseria comprehendera, n'um relance, a rapinancia e a pilhagem que ali se queria perpetrar.

—Então—ajuntou elle—não me ouvís? Estaes surdos?...

Todos continuavam guardando cavo silencio, quando um frade de barba branca, que desembocou de um corredor, avançou, e dirigindo-se aos circumstantes da tumba da miseria os interpellou pela seguinte fórma:

—Assim prostituis o vossso caracter sagrado?... É n'estas vis tramoias e alicantinas que maculaes os vossos habitos?...

Os interpellados olharam uns para os outros, surprezos. Quem era aquelle homem?... Ninguem o conhecia!...

Mas o venerando frade continuou:

—Quer dizer que abusaes da minha ausencia para commetter uma infamia!... Eu felizmente cheguei ao mesmo tempo que o nosso irmão em Jesus Christo.

E fallando assim, designava Luthero.

—Se a sua intervenção—proseguiu—não vos tivesse sustado a villania terieis que dar-me contas a mim do vosso proceder.

Á medida que aquelle veneravel homem fallava crescia o assombro entre os birbantes religiosos, que jámais haviam visto aquella face veneranda, aquelle ancião de tão distincto aspecto, nem ouvido aquella voz solemne que retumbava pelas abobadas das arcarias.

Voltado de costas para Luthero e para Francesca, e com o olhar cravado nos religiosos assaralhopados, elle continuava:

—Depois do sacrilegio o assassinato!... Tereis acaso tenção de desafiar o raio e a cólera do céo?...

Com o braço alçado apontava solemnemente para o horisonte, ao passo que desabotoou o habito e deixou vêr aos frades umas delgadas e longuissimas pernas calçadas de botas de viagem e com um casaco d'alamares justo ao corpo.

Um estremecimento percorreu os membros dos circumstantes, sobre a significação do qual se equivocaram Luthero e Francesca, que voltára a si do desmaio.

Aquelle homem era Frick-Frick disfarçado em prior.

Decididamente estava reservado áquelle bom sujeito o proporcionar aos frades n'aquelle dia toda a sorte de surprezas.

Mudos e tranquillisados intimamente, deante d'elle acurvaram-se com mostras de profundo respeito os frades.

—Vinde!—continuou o falso prior dirigindo-se a Luthero e a Francesca —saireis d'aqui sãos e salvos tanto vós, senhora, como o nosso irmão, que tão nobremente vos deu protecção e apoio.

Dirigindo-se depois a Francesca continuou:

—Emquanto á herança que vos cabe por inteiro, devo dizer-vos que está á vossa disposição, e tenho a confiança de que não guardareis resentimento algum contra estes desgraçados, e que não vós ireis sem deixar alguma lembrança a este convento em que soror Noemi entregou a alma a Deus.

Francesca escutava-o, sem nada responder.

O falso prior continuou:

—D'este instante, se quizerdes abandonar a communidade...

—Sim, quero.

—Podeis levar d'essas joias as que quizerdes.

Os frades fizeram um movimento que Frick-Frick conteve com um gesto.

—É esta a minha vontade—proseguiu—e do resto passar-vos-hei um recibo em regra.

Fez em seguida um gesto e ordenou:

—Que me tragam o preciso para escrever.

Aconselhada por Luthero, Francesca, tremula e pallida, encheu as algibeiras de diamantes. Luthero imitou-a. Os frades contrariados olhavam-no com olhos cubiçosos: Frick-Frick sustentava admiravelmente e com dignidade o seu papel.

Momentos depois apresentava a Francesca um documento concebido n'estes termos:

«Nós, commissionados pela vontade suprema da Direcção do convento de Ninpkchen, reconhecemos guardar em vosso poder o valor de dezenove milhões e meio de ducados aproximadamente, em titulos, dinheiro e pedras preciosas, pertencentes, como propriedade, á muito nobre senhora Francesca Pandolfini, que os herdou de sua mãe, pensionista d'este convento, sob o nome de Soror Noemi.»

—Parece-vos em fórma?...—perguntou o falso prior.—Eu escrevi dezenove milhões e meio, avaliando em quinhentos mil ducados as joias que levaes, e cujo valor creio que não exagero...

—Está bem—respondeu Francesca.

—Só lhe falta a assignatura—observou Luthero.

Frick-Frick sorriu-se e disse:

—Decerto que não me podia esquecer d'ella...

E pôz a data, e assignou:

«*Sylvestre Prierius,* prior do convento.»

E passou depois o recibo á abbadessa, para ella assignar.

—Agora falta o sello da communidade—observou Luthero.

Nada mais justo.

Cumprida esta ultima formalidade, Frick-Frick entregou o documento a Francesca, que por sua vez o entregou a Luthero, com um expressivo sorriso de agradecimento.

Tranquillo algum tanto Luthero, guardou o documento, travou da mão da joven, e seguiu o venerando prior, a quem considerava como um homem honrado perdido entre aquella horda de birbantes. Tão seguro já se julgava o frade allemão, que até deixou no chão o machado de que deitára mão no primeiro impulso.

Seguindo Frick-Frick caminhou pelo corredor, bemdizendo o seu amor que o havia conduzido áquelle convento, em que tivera occasião de realisar actos da mais pura e levantada justiça.

Fr. Wilhem tinha-se armado d'um machado, e com elle ameaçava Francesca, que ainda que algum tanto aturdida, e já mais socegada do que o proprio Luthero, não observou o movimento do frade.

Felizmente Frick-Frick velava sobre a joven, e tendo surprehendido a intenção do frade, com um olhar impediu que passasse a vias de facto. Tudo isto occorrera silenciosamente, e Luthero e a joven, muito longe de se arrecearem de algum laço da parte d'elles, continuavam andando atraz do falso prior.

—Agora me occorre—disse o prior—que nos esqueceu uma formalidade. O testamento foi feito em duplicado, e depositado em logar seguro.

—Bem sei—disse Francesca.

—Porque levaremos tanto tempo em chegar á porta?...—cogitou Luthero atacado d'uma suspeita.

—Chegamos emfim—rechinou uma voz aspera.

—Luthero recuou, e Francesca exhalou um grito d'angustia.

O falso prior havia-se encostado á parede e, atirando para longe o habito e a barba postiça, deixou vêr a ossuda e repulsiva face de Frick-Frick: e antes que Luthero e a sua companheira tivessem tido tempo de tentar fugir, sentiram a terra abater debaixo dos pés, e ambos rolaram precipitados n'um abysmo.

A sua queda foi saudada por uma geral e estrepitosa gargalhada dos assassinos.

CAPITULO XXXIII

Missa branca, noite negra

Imagine-se o leitor n'um frondoso bosque formado de salgueiros e cyprestes, um bosque que os antigos teriam chamado sagrado, tanto mysterio parecia occultar o espesso da sua ramalhada, tão compactas e densas eram as abobadas de verdura, que formavam as ramarias das arvores.

Reinava n'elle, mesmo durante o dia, uma penumbra completa.

Das gurgulhantes veias que n'elle corriam elevava-se uma tibia frescura.

Acabava de descer completamente a noite, e o bosque havia-se coberto de sombras impenetraveis.

Aos rumores do dia havia succedido o silencio mais profundo.

Uma fórma humana, tão negra quasi como a noite, appareceu n'uma clareira da floresta, seguida tambem por uma outra. Trocaram, em voz sumida, algumas phrases, e, uns atraz dos outros, appareceram muitos homens embrulhados em capas. Seguiram todos a mesma direcção atravez das arvores, e, quem os visse, diria que era um exercito de sombras, errando n'um dos circulos do inferno de Dante.

De chofre, entre a folhagem viram-se fuzilar vivos clarões, que se supporia d'um incendio — não era, porém, por emquanto, mas sim os reflexos d'uma aurora ensanguentada. Os clarões agitam-se, agitam-se, e cada vez mais crescem, crescem... Á medida que se abeira d'elles, distinguem-se nitidamente as chammas retorcendo-se como serpentes vermelhas no meio da fumarada. Será realmente um incendio?... As chammas exhalam um acre cheiro a resina. Será acaso a floresta que arde?...

As sombras mysteriosas, no emtanto, estugam o passo, e chegam a um local em que param como que espantadas. Distinguem um bocado de terreno completamente calvo que atapeta apenas cespede raro, e que se alonga em fórma de ladeira suave, mais larga do que comprida, e em que os tron-

cos dos carvalhos e dos pinheiros formam de ambos os lados dois renques de columnas, que parecem nave de basilica immensa. No acume eleva-se um monticulo, em frente do qual ardem alguns abetos partidos em achas, cuja claridade alumia aquella paisagem estranha, com clarões encarniçados. Atraz, e como que formando o côro d'aquella cathedral sem abobadas, elevavam-se as pilastras seculares da floresta impenetravel.

Na extremidade da floresta havia uma clareira natural, semelhante a uma porta, a qual dir-se-hia praticada por um machado gigantesco, e pela qual, illuminada pela claridade lunar, se lobriga ao longe a macissa mole do Vaticano, as cupulas das egrejas, os campanarios e as agulhas de pedra, a torre do castello de S. Angelo, os portaes da muralha e o Tibre, cuja linha sinuosamente se agita semelhante a uma serpente de prata. Junto do Vaticano, e n'um espaço vasio, lobriga-se uma construcção começada. É a egreja de S. Pedro que se debuxa, e se esboça apenas.

Dois personagens recem-vindos ao bosque deteem-se um instante a contemplar a base d'aquelle colossal edificio, e depois de um curto silencio dirigem-se para os clarões longinquos da grande fogueira.

Outros conjurados—pois é obvio que só d'uma conspiração se devia tratar—vão chegando tambem, mysteriosamente.

O mais alto dos dois desconhecidos, o que nós vimos quedar-se a contemplar a construcção começada de S. Pedro, diz aos seus companheiros, com um tom melancolico:

—Quando será, meu pobre amigo, que poderemos reunir-nos livremente, sem nos termos que occultar como ladrões?... Quando deixará de assombrear nossas cabeças uma treva mais espessa do que a d'estas antigas florestas?...

Um sêr estranho, embrulhado n'uma capa negra, forrada de vermelho, e cuja extremidade sacudia com força soltando grandes gritos, como d'espanto e cólera, destacou-se d'entre as outras sombras.

Este estranho sêr era um macaco.

Era Talmud.

O seu apparecimento produziu entre os conjurados um vivo movimento de surpreza. Comtudo, a estranha mimica do animal fôra comprehendida. Um dos recem-vindos não trazia na capa o signal de alliado. Vinte punhaes, de golpe, ameaçaram ao mesmo tempo esse atrevido. Mas elle, sem se turbar, desembuçou-se, pondo a descoberto a face.

Os punhaes tornaram novamente a entrar na bainha, e todos os labios murmuraram um nome:

—Miguel Angelo!

Era, com effeito, o preclaro artista. Havia-se esquecido do distinctivo. Metteu a mão na algibeira, e tirou uma palma em fórma de caduceu.

Talmud comprimentou com uma curva mesura, e, d'uma bolsa que trazia pendurada ao peito, tirou uma flor de verbenna, e offereceu-lh'a, distribuindo em seguida aos demais conjurados eguaes flôres. Em continente pôz-se a rondar os arredores, com esgares vigilantes.

Depois d'isto tudo voltou ao mais profundo silencio.

De repente, muito ao longe, escutou-se como uma especie de clangor, um extravagante ruido saído, ao que parecia, d'um chavelho de touro.

Este som ouviu-se distinctamente até á banda do monticulo, e foi repetido tres vezes.

Os conjurados então, silenciosamente, collocaram-se em semi-circulo deante da fogueira. Talmud, com um pulo, collocou-se perto d'elles, e com um signal designou successivamente quatro dos conjurados, que, separando-se do grupo, seguiram o bugio por entre a espessura da selva.

Rolaram ambos precipitadamente no abysmo.

CAP. XXXII.

Um instante depois appareceriam de novo, trazendo um tronco de arvore que collocaram em cima do pequeno monte. Era um tronco de carvalho. Esculpido sem duvida por algum esculptor atrevido, aquella estatua symbolica tinha os attributos de Pan e Baccho, os chifres de Satanaz, o anjo rebelde, o grande proscripto, o eterno inimigo do Deus dos catholicos.

A expressão melancolica da sua face produzia um secreto terror.

O apparecimento do symbolo da Rebellião foi saudado com um grito de enthusiasmo.

Os quatro homens desappareceram de novo, e a breve trecho appareceram com um caldeirão de cobre, que puzeram no lume, cujas chammas começaram a lamber a superficie, e do qual não tardou em breve a evaporar-se um escurentado vapor.

O triplo mugido do chifre de boi não tardou em repetir-se de novo no fundo do bosque mysterioso, e de subito appareceu a sacerdotisa d'aquelle estranho templo.

A sacerdotisa era a Sibylla.

Porém, coisa surprehendente! Não tinha agora os cabellos brancos nem a face rugosa, não andava acurvada nem com passo tremelicante: parecia pelo contrario aprumada, joven, e não apparentava ter mais do que quarenta annos. Os seus olhos, illuminados pelos clarões das chammas, chispavam com um vivo brilho, e a cada gesto que fazia, a sua cabelladura espessa e negra fluctuava.

Estava toda de branco. O seu perfil judaico destacava-se accentuadamente na sombra, e á maneira dos druidas, empunhava na mão direita uma fouce d'ouro.

Talmud estava de pé a seu lado.

A Sibylla circumvagou o olhar pelo semi-circulo que formavam os conjurados, e disse:

—Falta algum dos meus fieis?...

Talmud fez um signal negativo com a cabeça.

A Sibylla continuou então:

—Acorrestes todos aqui animados pelo odio, a celebrar a missa negra e a communhão da Revolta, em honra d'*aquelle que tem prejudicado e offendido*, do velho proscripto a quem se recusou até a Esperança, do Espirito que creou a Terra, do Mestre que fez germinar as plantas, do grande servo que ha-de destruir o que está edificado, e edificar o que se converteu em ruinas?

Os conjurados, como um só homem, responderam:

—Sim.

Ao mesmo tempo desembuçaram-se, e Talmud que attentamente os examinava com os seus olhos reluzentes, deixou escapar um movimento d'assombro e respeito ao lobrigar uma mulher que lhe pareceu reconhecer e cuja face, por onde manavam copiosas lagrimas, comprimentou submissamente.

Reinou outra vez cavo silencio. A feiticeira cogitava.

Depois collocou uma corôa de verbena na cabeça, a pedra dos tumulos, a violeta dos mortos, e atiçando o fogo começou o solemne *sabbat*, o nocturno protesto dos desherdados contra os poderosos da liberdade sempre generosa contra a tyrannia triumphante, da fraternidade humana contra o fanatismo e a superstição.

A missa negra, tal era o nome d'aquella festa tenebrosa, constituia uma parodia da missa dos padres, na qual se renegava de Jesus, e em que Satan era considerado como modelo por todas as victimas das luctas contra os seus oppressores e verdugos.

Começava pelo *Introito* o desfilar de todos os fieis d'aquella *franc-maçonaria* alinhados debaixo da abobada de verdura, seguia-se depois o *Lavabo* copiado das ceremonias pagãs, purificação da bocca e das mãos na propria agua da fonte que jorrava d'uma cavidade praticada na rocha.

— Eu entrarei n'esse altar — dizia a feiticeira, repetindo as palavras do texto liturgico — porém, oh Senhor! livrae-me do perfido e do violento.

Ali, como em qualquer local em que o opprimido se reunia tendo por templo o largo espaço, o *perfido* queria dizer o sacerdote, o *violento* o senhor feudal.

E todos repetiam solemnemente os versiculos:

E o teu povo se regosijará comtigo.

Alludiam ao dia glorioso em que soaria a hora da emancipação do servo, e das nações. Praticava-se em seguida o acto da renegação de Jesus, a homenagem ao novo senhor, o beijo feudal, como era d'estylo nas recepções dos Templarios.

E a feiticeira tocava com o labio os labios da estatua, como a antiga Sibylla, sentada na tripode d'Apollo, se abraçava ao pedestal do deus. Recebia do maldito o sopro ardente, a alma cheia de odio, a vida activa.

Depois abraçou e osculou a mulher desconhecida, que passou o osculo ao grande artista que lhe ficava ao lado, e como o abraço do senhor feudal consagrava o cavalleiro, o abraço passava d'um a outro dos fieis, affirmando d'esta sorte a fraternidade, protestando contra o beijo de Judas que permutam os conegos nas abbadias, e os cardeaes no Vaticano.

E a judia abraçou em seguida tambem Talmud, para exprimir assim a sua compaixão pelos animaes escravos, e acariciou tambem um corvo, que mal ella appareceu se lhe pousou no hombro, para exprimir a sua ternura pelos passaros do céo.

A feiticeira atiçou novamente o fogo. Com a fouce cortou as plantas prohibidas, cuja virtude benefica ou malefica descobriu ella propria, e vulgarisou, em risco da sua vida mesma se abrazar na fogueira. Depois atirou-as para dentro do liquido que fervia na caldeira, e misturou-lhes o sumo d'um cacho d'uvas que espremeu.

Emquanto Talmud avivou o fogo, travou a Sibylla da mão d'um dos conjurados mais proximos, e todos a imitaram, começando então em roda do caldeirão de cobre a bem conhecida dança do *sabbat*.

O liquido trasvasou e entornou-se sobre o lume. A judia encheu um vaso em fórma de calix, bebeu d'elle e em seguida fez circular o vaso de mão em mão, pelos assistentes, que molharam, um por um, n'elle os labios. Em seguida mordeu cada um d'elles um pedaço de pão de trigo branco. Era a communhão da Revolta.

N'outras eras mais remotas, antes da lucta armada, como a da *Jacquerie* em França, ou a guerra dos camponezes da Suabia, a communhão costumava revestir aspecto mais extraordinario.

Feriam-se todos no braço, e apresentavam a ferida ao seu irmão d'armas, para que elle lhes chupasse o sangue d'ella.

Em seguida começou a *Gloria:* — «Gloria ao Rebelde no céo, e paz na terra aos homens de boa vontade!»

E a sacerdotisa ajoelhou, o seu cabello rojou pelo pó, e sobre os hom-

bros d'ella, com gravidade comica, parodiando os gestos de um bispo, officiava Talmud, dizia o *Credo*, fazia o *Offertorio*, e embolsava as sommas que lhe entregavam os assistentes, destinadas á caixa de soccorros aos alliados, começo d'apoio para os tristes dias de lucta.

A *Elevação* era parodiada tambem audazmente: e em escarneo e irrisão das palavras *Agnus Dei*, e seguintes, e do partir da hostia christã, a Sibylla apresentou a Talmud um sapo vestido, o bugio mordeu-o, e em continente a sacerdotisa arremessou-o para a caldeira.

A judia levantou os olhos á abobada celestial, e em attitude de desafiar o raio, clamou:

—Infame! Infame! Infame! Se pudesse, far-te-hia o mesmo a ti!...

Os conjurados repetiam a palavra *Infame*, que segundo as circumstancias e o tempo, podia-se attribuir ou ao rei ou ao senhor feudal, ao cobarde ou ao insolente.

N'aquella occasião este grito designava aquelle que tres seculos mais tarde Voltaire devia anathemathisar, clamando:

—Esmaguemos o Infame!

A solemne parodia da missa catholica findára.

A feiticeira apanhou umas serpentes negras, e arremessou-as á chamma, depois de as haver cortado em pedaços com a sua fouce.

Acabado o sacrificio, offereceu trigo ao *Espirito da Terra*, desabotoou o vestido branco como a neve, deixando a descoberto os seios, d'onde se ergueram, voando, alados passarinhos, que remontaram aos céos levando ao *Deus da Liberdade* os suspiros e os desejos dos opprimidos.

Que queriam aquelles homens?...—pergunta Michelet.—Queriam que nós, os seus descendentes, fossemos livres.»

A Sibylla dispunha-se já a retirar-se, seguida de Talmud, quando os conjurados lhe supplicaram com gritos que se deixasse ficar.

—Não, não te vás!—clamavam elles avançando, e com os olhos fuzilando por causa da beberagem mystica que haviam libado, que lhes ardia nas veias, e os embriagava.

Um homem que até então tinha ficado impassivel, adeantou-se com mais ardor do que os outros:

Este homem era Machiavello.

—Sacerdotisa—disse elle—acaso te apartarás de nós sem nos lêres uma pagina do livro do futuro?...

A sacerdotisa parou. E todos repetiram:

—Sim, sim, decifra-nos o futuro!

Aquelle côro unisono exprimia a sêde d'esperança e revindicação. A mulher desconhecida que Talmud reconhecera gritava tambem, mas ainda com mais energia e anciedade do que os outros:

—Sim—disse ella—decifra-nos o futuro!

Então Machiavello reconheceu-a, por a ter visto servir de modelo em casa de Raphael. Esta mulher era a misera Fornarina.

A Sibylla olhou para ella.

—Pois seja—disse.

A resposta foi acolhida com um murmurio de reconhecimento, a que succedeu silencio profundo e cavo.

A feiticeira tirou das brazas os pedaços carbonisados das serpentes que atirára ao brazido enorme, observou com grande attenção o bugio e o corvo, recolheu com ceremonias estranhas algumas plantas de virtudes mysteriosas e desconhecidas, arremessou tudo para a caldeira, e, voltada de costas para ella, remexia o conteúdo com a fouce de ouro.

A breve trecho evaporou-se um fumo espesso, amarellentado, de cheiro repulsivo, que em turbilhões se elevou até ao céo. Desenterrou alguns ossos, pulverisou-os, e arremessou o pó d'elles dentro da caldeira de cobre. A columna da fumarada augmentou até se converter n'uma nuvem espessa que envolveu toda a clareira do bosque em que estavam os conjurados. O fogo apagou-se.

Os circumstantes guardavam um fundo silencio, aguardando o resultado com mostras de viva agitação impaciente, e fitando a feiticeira que examinava todos aquelles rostos com franzido sobr'olho e catadura tôrva.

Ao cabo de alguns segundos alçou o braço. Os conjurados avançaram então para ella, distinguindo-se pela sua precipitação um rapaz que de um salto subiu para o monticulo, e travando do braço da Sibylla, apresentou-lhe a palma da dextra aberta, dizendo-lhe:

—Falla, mulher! Dize-me qual é o meu destino!

Coisa singular! Aquelle rapaz confundido com os inimigos do papado, e que fazia com elles causa commum, tinha a mesma voz e as mesmas feições do joven cardeal, sobrinho do Papa, o moço namorado de Francesca. E era, com effeito, Lourenço de Medicis.

A Fornarina, que o havia visto em casa de Raphael com seu tio, o Papa, conheceu-o immediatamente.

Machiavello disse:

—Sabes qual é o objectivo de todos nós?

—Sabes—disse Miguel Angelo—qual é o nosso inimigo commum?

—Sim—disse a feiticeira—excepto d'ella...

E apontou a Fornarina.

—Não adivinhaste ainda?—perguntou esta.

A feiticeira não retorquiu á pergunta, mas, por sua vez, perguntou:

—Juras-me que não abrigas senão pensamentos de odio e que nada te preoccupa senão a tua vingança, e a vingança dos que amas?

—Juro-t'o!

—Está bem. Posso fallar.

Os conjurados agitaram-se anciosos.

—Em que ficamos?—disse Lourenço, impaciente.

A feiticeira travou então da mão do moço, e exclamou com voz sombria:

—Vingar-te-has!

Neumann, que acompanhava Miguel Angelo, avançou a seu turno para a Sibylla.

—Vingar-te-has!—repetiu a velha—E eu já t'o vaticinei.

E a Miguel Angelo, e a Machiavello, e a todos que d'ella se foram abeirando lhes foi repetindo, com o mesmo entono de convicção:

—Vingar-te-has!

Todos escutavam esta palavra com o mesmo sorriso jubiloso, e todos avançavam o punhal, tocando com elle o gume da fouce de ouro.

—Obrigado!—disse Lourenço.

E accrescentou:

—Mas quando?

De novo prestaram funda attenção, com vivas mostras de impaciencia.

—Não o posso dizer!—replicou a Sibylla. O espirito que me occulta o meu proprio destino, me occulta tambem este ponto do futuro.

—Pelo menos—disse Machiavello—será em breve?

—Tambem o não sei.

Miguel Angelo, por seu turno, perguntou:

—E emquanto não alvorece o grande dia, o que devemos fazer?... Se ainda não chegou o momento de atacar aquelle cujo nome tu sabes, e que não deve pronunciar-se aqui, não existirá acaso algum irmão nosso sobre que devamos velar, e que devamos defender?...

—Vou dizer-t'o—replicou a feiticeira.

E voltando-se para a Fornarina, disse-lhe:

—Aproxima-te.

A transtiberiana abeirou-se.

—Recordas-te das victimas?—perguntou a Sibylla.

—Com profunda lastima.

—Pois bem, o velho por quem choras está preso.

—Não morreu?

—Não. O moço em quem pensas, preso está tambem.

—Ai!

—E quem é o culpado?—inquiriu Lourenço.

—Elle! sempre elle!—exclamou a Sibylla.

Uma exclamação de odio fundo acolheu estas palavras.

—E sabes acaso—perguntou a Fornarina—em que enxovia estão encarcerados?

—Não o sei ainda, mas eu o saberei. O que posso revelar-vos, conjurados, é o nome do mais velho, que conheceis...

E ajuntou, depois de se ter interrompido, para suspirar amargamente:

—E que eu tambem conheço... Nós tinhamos-lhe posto o nome de Justiça.

Miguel Angelo estremeceu, e disse a Neumann:

—Aquelle que tu me disseste que viras prender no Ghetto, na noite da nossa reunião ultima?

—Elle mesmo.

—Havemos de soltal-o!—exclamou com enthusiasmo o esculptor.

—Sim, sim!—conclamaram os conjurados.

—Que meios empregaremos para isso?—perguntou Machiavello.

—Eu vol-o direi.

—Quando?

—Mais tarde.

—Sempre mais tarde!—murmurou Lourenço.

—De que tens a queixar-te, mancebo? Estás acaso na idade da acção?

O sobrinho do Papa abaixou a cabeça.

A fumarada da fogueira dispersava-se no horisonte, o que annunciava o termo do *sabbat*.

— Ide-vos! — gritou a sacerdotisa — Chega a hora em que o canto do gallo faz voltar aos sepulchros os espectros que os abandonaram! Afivelae de novo na face a vossa mascara de escravos... Ide, irmãos, ide, meus filhos!... No dia em que tenha alguma coisa que vos participar, annunciar-vol-a-hei no mesmo instante. No dia em que alguem, seja quem fôr, vá ter comvosco, e vos diga: — Preparae-vos! — deveis vir á noite, á hora do costume, ás catacumbas, pelo caminho conhecido.

Depois do que, a feiticeira escondeu no ervaçal a caldeira e o idolo, e os conjurados desappareceram.

Um quarto d'hora depois, pelo caminho aberto na floresta, uma velha corcovada, de face rugosa e cabellos brancos, acompanhada de um macaco, descia a ladeira que conduzia a Roma, ainda entregue ao somno.

— Sim! vós vos vingareis! — murmurava ella — mas o monstro tem muita vida, e será preciso esmagal-o duas vezes! A liberdade dos captivos ha-de comprar-se com a vida d'uma mulher. O castigo do infame ha-de realisar-se ao preço da vida d'uma mulher: mas ha-de conseguir-se! As victimas podem morrer, ao vingar-se... mas não importa que morram, o essencial é que se vinguem!

E a velha casquinou uma gargalhada sardonica.

— Ah! Ah! — proseguiu. — Elles dizem que foi uma mulher que perdeu o mundo. Sim: foi uma mulher que perdeu o mundo — casquinou a bruxa — mas não foi a que comeu o fructo prohibido: foi a que trouxe Christo nas entranhas! Pois bem: agora virá uma outra mulher salval-o, e esmagar sob a sua planta, a cabeça chata da serpente.

Imitada por Talmud, que parodiava todos os seus gestos, ameaçava com o punho a Cidade Eterna, emquanto que com voz terrivel cantava o estribilho da canção dos servos, a canção revolucionaria, mas dolente, ao mesmo tempo:

Assim como a elles, nos rasgam as dôres!
Assim como a elles, nos sangram os peitos!
Sabemos chorar como os nossos senhores!

Sentindo-se honrado, e ao mesmo tempo contrariado, o cardeal Bibiena apressou-se a obedecer ás ordens que tão cortezmente lhe cummunicára o Summo Pontifice.

Quem teria podido suspeitar uma perfidia? Quem em tudo aquillo teria visto outra coisa mais do que uma missão de confiança, que não tinha outro defeito senão o de ser de uma honestidade um pouco diplomatica?

O cardeal havia almoçado lautamente em companhia de sua sobrinha, a qual, como estava tambem assás contrariada, apenas tocava na comida... Aquella viagem desagradava-lhe, e o seu coração confrangia-se á ideia só de que aquella ausencia podesse ser prolongada.

—Peço-vos—dizia a joven com voz cariciosa—que já que não é possivel levardes-me em vossa companhia...

—Já te expliquei o motivo...

—Sim... mas então promettei-me ao menos que fareis tudo para que a vossa ausencia se prolongue o menos possivel.

—Fica descançada, que assim que termine a minha missão, apressar-me-hei a voltar para ao pé de ti.

—Sim, bem sei, mas...

—Mas o que? sobrinha cheia de mimos...

—O Papa não podia ter escolhido outro delegado?

—Vamos. Basta de creancices... Não posso recusar-me á honra de que te fallei, e de que a ti te cabe uma parte...

—Oh! emquanto a mim, não a queria por tal preço.

—Vamos, não é esta a primeira vez que me ausento de ao pé de ti...

—Não: mas nunca vos separastes para fazerdes uma viagem tão longa, como agora. E tambem agora, pela primeira vez, sinto medo...

—Medo? E de que?...

—Nem eu sei! De tudo, e de nada!... Sinto-me tão nervosa que, confesso-vos, mal posso ter em mim que não chore!...

—Vamos, Maria, vamos, deixa-te d'essas coisas!...

Mas a pobre menina, com os olhos rasos d'agua, lançou-se nos braços do tio.

Bibiena consolou-a o melhor que poude, beijando-a com toda a ternura de pae. Graças ao subterfugio, que elle inventára, vivia ao lado da filha, rodeando-a de toda a sorte de cuidados e blandicias. Beatriz Salviati podia repousar descançada no seu tumulo: o fructo dos seus amores encontrára um pae discreto. Ninguem sabia o segredo do seu nascimento, que accusava uma fraqueza da parte de sua mãe, e de que ella quiçá se poderia envergonhar.

Ao cabo de tantos infortunios era um consolo para Bibiena ter ao seu lado aquella filha, que lhe lembrava a mulher que tanto amára com tantos extremos. Protegel-a era para elle um dever, e uma felicidade.

A joven, ao sentir-se abraçar tão carinhosamente, sorriu.

—É que me aborreço—murmurou ella docemente—quando não estaes aqui!...

—Tontinha! D'esta vez,—ouve-me bem—d'esta vez reservei-te para o fim uma agradavel noticia. Agora não terás razão de queixa. Um grande personagem, um alto personagem, convida-te a passar o tempo da minha ausencia no seu palacio.

Quem é?—perguntou Maria, cogitando comsigo, ao mesmo tempo: Raphael não póde ser. O convite, infelizmente, não pareceria decente.

Escusas de estar a martellar a cabeça—disse o cardeal.—Vaes-te hospedar no Vaticano.

—O que? Pois é o Papa?

Sim, offerece-te o teu palacio, minha filha! Mas porque é que não te agradou tanto como eu esperava...

De facto, a face de Maria trahia uma contrariedade mal disfarçada.

—Teria estimado mais -disse ella- ter ficado sósinha com Julieta, a ter de sahir d'aqui, onde está encerrado tudo que mais estimo...

A joven, no emtanto, não dizia tudo o que sentia.

Ha muitos dias já que a tristeza a cabrunhava, e, ainda que não o dissesse ou manifestasse, sentia o coração espedaçar-se. Sabia que Raphael estava de perfeita saude, mas embalde o esperava á hora do costume na janella. Não mais o vira apparecer. Batiam embalde as dez na egreja mais proxima, repetiam essas badaladas os campanarios circumvisinhos, e a triste, a desditosa, triste como na vespera, mas ainda mais triste a cada novo desengano, sentia arrazarem-lhe os olhos de lagrimas. Ainda que não exhalasse uma queixa unica, comprehendia a joven que Raphael esfriava no seu amor, que alguma outra coisa, sem ser a Arte, se interpunha entre os dois. Devorada por uma melancolia intima, e não expandida, fechava-se no seu quarto, passava a noite profundamente agitada, sem somno, mas não sem lagrimas.

Assim tinham decorrido alguns dias para a pobre menina.

—Vamos—disse Bibiena—não és razoavel.

E accrescentou, rindo, desejando distrahir o espirito de Maria:

—É assim que aprecias os mimos e os favores dos principes!... Preferires o teu quarto aos salões do Vaticano! De modo algum!... Bem sabes que a nossa casa não está em segurança, que foi ha dias acommettida por uma certa matula, e que eu, por conseguinte, não partiria descançado! Além d'isso, como poderia eu rejeitar o amavel convite do Pontifice? Eu sei que elle te estima muito, e que saberá proporcionar-te recepções, bailes e festas, que farão voltar á tua face as suas lindas côres, e o sorriso a essa boquinha.

Effectivamente, Maria sorria n'aquelle momento, afagada vagamente por uma esperança ainda confusa.

N'isto, um creado appareceu todo aprumado á porta, e disse:

—O coche de Sua Eminencia está ás ordens.

O cardeal pôz-se em pé.

—Vamos! Até á vista, minha filha!—disse a Maria.—Enxuga essas lagrimas que te afeiam...

Bibiena, comtudo, encurtou a despedida, porque se sentia mais enternecido do que queria apparentar.

Alguem diria que lhe ennevoava o coração um sombrio presentimento. Tratou de afastar da mente estas turbas ideias, e subiu para o coche, recommendando primeiro ao mordomo que não se esquecesse de dar parte da sua viagem ao sr. Raphael.

Maria, ao achar-se sósinha, sentiu como que um grande vacuo em roda. Pareceu-lhe que ficava abandonada no mundo.

Ao bater das cinco horas, elegantes cavallos de tiro piafavam no pateo

do palacio de Bibiena, e uma escolta de soldados escolhidos aguardava Maria, para a conduzir ao Vaticano.

—Oh!—exclamou a joven, sorrindo involuntariamente—que honras que me tributam!

Á vista das mulas empennachadas e dos cavallos elegantemente arreados, dos guardas suissos trajando uniformes de gala, e de todo aquelle apparato principesco que attrahiu a attenção dos transeuntes, as ideias melancolicas da joven mudaram um pouco de curso, e ella entrou alegremente e tomou assento na molle e elegante liteira.

Ao vêr uma mulher immovel no portal do palacio, sentiu-se presa de viva agitação.

—E Julieta?—disse com voz decidida.

O official respeitosamente deu dois passos á frente, e disse:

—Encontrareis esta noite a vossa aia no Vaticano...

E, depois, o cortejo pôz-se em marcha, passando entre duas alas de curiosos.

Bem, seja assim—disse Maria, tranquillisando-se de todo, por aquella resposta do official.

Leão X, entrementes, não perdera tempo.

Cheio de afazeres, e ao mesmo tempo preoccupado pela vinda da joven, fizera preparar compartimentos independentes, situados no primeiro andar. Havia n'elle um quarto para a aia, um salão luxuosissimo, e uma alcova encantadora, forrada de seda côr de rosa e azul, elegantissima, ao mesmo passo que singela. Um Christo, que era uma preciosidade rara, pendia da parede á cabeceira do leito: na outra extremidade da alcova, deante de um genuflectorio de velludo bordado a ouro, enxergava-se um oratorio: e no fogão haviam collocado duas jarras enormes de marmore de Carrara, cheias de flores da estação, que trescalavam suavissimos aromas.

Quando Maria entrou no quarto, sentiu-se alegre e radiosa, exigindo apenas que ao lado do seu leito collocassem uma cama para Julieta, a sua querida aia, tão dedicada.

A ordem foi em continente executada.

Pouco antes da ceia, Julieta chegou, e assistiu ao toucado da sua joven ama.

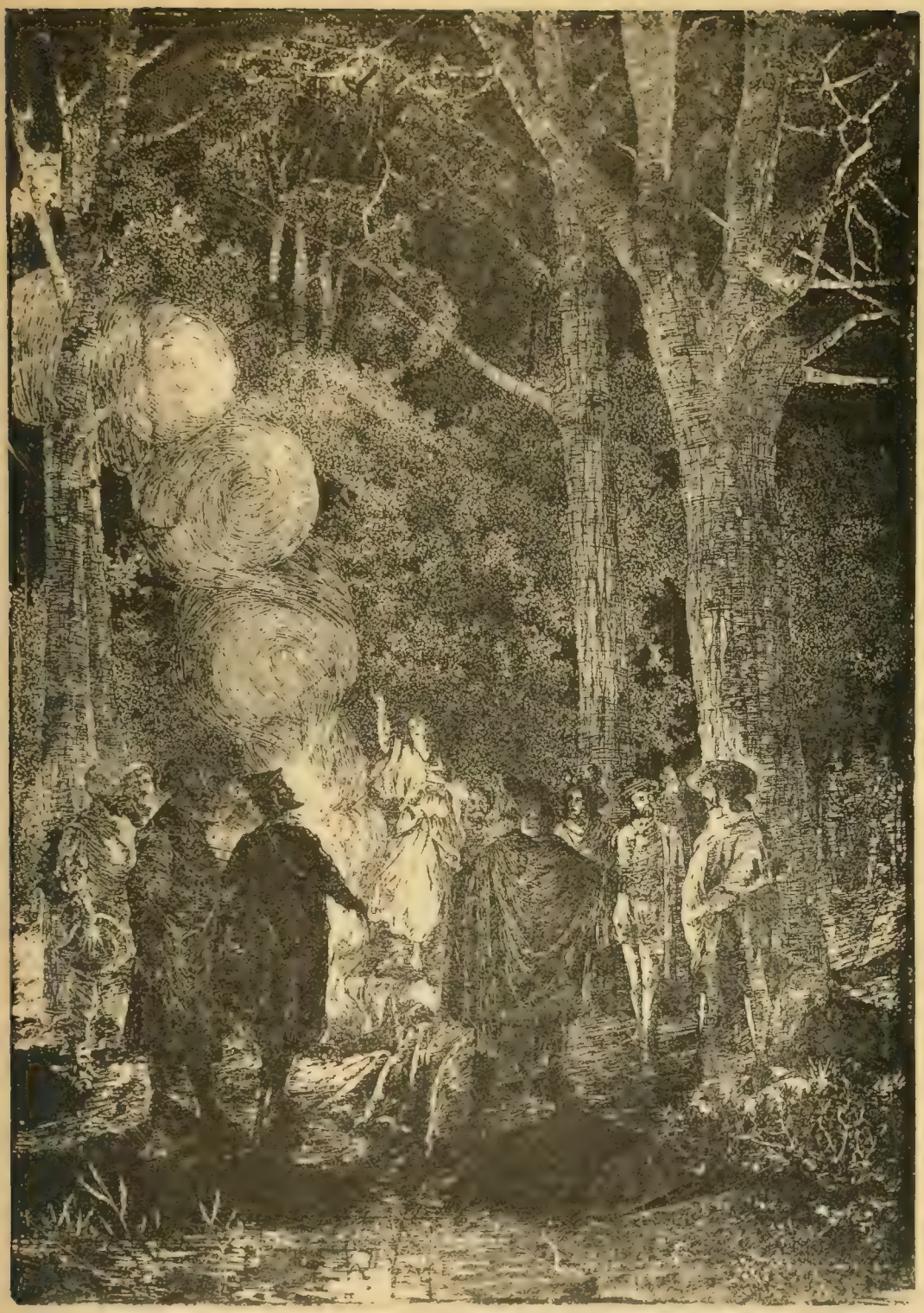
Maria voltou á sua candida confiança, e quasi que fallou sem pezar da viagem de seu tio. Sentiu-se predisposta até a consolar-se da conducta de Raphael, na qual começava a encontrar circumstancias attenuantes.

—Talvez—pensava ella—tenha razões fortes!

Só uma coisa a preoccupava.

Comtanto—cogitava—que não vá elle passar esta noite por minha casa, e que, não me vendo, supponha que o não amo já!...

Julgaes, menina—replicou a aia—que elle não ha-de ser informado da partida do cardeal e da vossa estada no Vaticano?...



Em altos brados, os amantes da liberdade e da justiça conspiravam constantemente na solidão dos bosques.

—É verdade...

E as faces da joven tingiram-se d'um leve carmim. Depois accrescentou:

—Talvez que eu tenha aqui occasião de vêl-o!

—Talvez—opinou a aia.

Emquanto tinha logar esta conversação, o official que commandára a escolta encaminhára-se para a parte do Vaticano que habitava o Papa.

Comprimiu duas vezes a mola do timbre, a campainha soou duas vezes tambem. Uma porta secreta se abriu, habilmente dissimulada na parede.

O official entrou então na especie de gabinete onde o Papa conversava com uma mulher.

Esta mulher era Flora, e tanto ella como o Pontifice pareciam muito entretidos no colloquio, ainda que, de quando em quando, fuzilassem olhares picarescos e maliciosos, casquinando juntamente alegres, ainda que surdas gargalhadas.

Ao dar de cara com o official, Leão X fechou de chofre o livro que folheava.

—O que ha?—perguntou elle.

O official decerto conhecia Flora, e talvez mesmo tivesse tido a honra de partilhar com seu augusto amo as caricias da dama, pagando-as menos caras todavia. No emtanto na sua face nada transluziu e, sem deixar um só instante a sua attitude de respeito, retorquiu:

—A senhora Bibiena foi installada no pavilhão que Sua Santidade me ordenou.

—Está preparado tudo?

—Tudo.

—Não transparece nada do trabalho dos vossos operarios?

—Nada absolutamente. Desafio o olho mais perspicaz a que descortine o menor vestigio.

—E o andar de baixo?

—Está concluido.

—Bem. Ide-vos.

O official saudou e foi-se.

—Então—continuou Leão X, dirigindo-se a Flora, que se reclinava indolentemente n'um divan forrado de velludo vermelho—continúas sempre disposta a representar a farça?

—Agora mais do que nunca. Não fui eu quem t'a propuz?

—Sim, o que te importa a ti que eu sentisse ciumes?

—Acaso tenho-os eu pelo que tu vaes fazer?

—Tens razão.

—E demais não é isto, de certo modo, a minha especialidade?

—Precisamente.

E Flora sorria.

O Papa sentia-se n'aquelle dia irresistivelmente inclinado ao galanteio, e cingia até já com o braço a cintura da cortezã, quando esta o suspendeu, dizendo-lhe:

—Não esperdices forças.

Leão X comprehendeu decerto o valor d'aquelle conselho; no emtanto, com ar de fanfarrão, disse:

—Ora!

—Não ha oras nem meios oras!—replicou ella com a vivacidade e o desembaraço audaz a que lhe tinham dado azo as familiaridades pontificaes. —Tens necessidade de todas as tuas forças.

—Maldosa!...

E Flora pôz-se de pé. Tendo posto a mantilha e dado uma demão ao penteado deante do espelho, encaminhou-se para a porta.

—Come com peso e medida e, sobretudo, não beberriques em demasia, porque o vinho prejudica muito n'estes casos...

—Não tenhas cuidado!

—Até á vista, até á noite.

—Ainda uma noite em claro!...

—E que será pura—observou a cortezã, rindo.

E ia para saír quando, voltando atraz, disse ao Papa:

—Não esqueças o livro.

—Diabo! Está claro que o não hei-de esquecer. Immediatamente vou mandal-o para o andar de baixo, agora que já o sabemos de cór e salteado.

E os dois intimos trocaram um olhar de intelligencia, ao passo que a cortezã finalmente saía.

Nem um nem outro, porém, haviam attentado n'uma sombra que deslisou e desappareceu no corredor.

CAPITULO XXXIV

Fuga e perseguição

Frick-Frick tinha-se inclinado sobre o pégo em que haviam rolado Luthero e Francesca Pandolfini.

—Agora—bravejou o homem da capa verde—desçamos lá abaixo, e resgatemos o documento que tem a nossa assignatura. Nunca é prudente abandonar ao acaso coisas d'esta importancia.

Dizendo isto enxergaram ao lado do alçapão uma pequena escada de caracol, por onde desceram Frick-Frick e fr. Wilhem.

Á medida que por ella desciam, respiravam um ar mais humido, e os archotes apagavam-se na escuridão.

Depois de descerem o ultimo degrau, tocaram com os pés n'uma camada de lodo, onde se enxergavam vestigios de passadas de dois individuos.

Mas não lobrigaram ninguem.

—Maldição!—exclamou Frick-Frick.

Com effeito, ninguem se enxergava. Luthero e Francesca, depois de terem tido a fortuna de não baterem d'encontro ás paredes do abysmo na sua queda, foram caír em cima de qualquer coisa molle que se esboroou ao peso dos seus corpos.

Voltando a si do seu natural aturdimento, começaram a verificar se não estavam feridos, e vendo que o não estavam, como sentiram sobre as cabeças um certo ruido, como de pessoas que iam e que vinham, o que se lhes não figurou de bom agouro, sem perda de tempo, e suspeitando com razão que não tardariam em vir á cata d'elles, trataram de fugir, e de vêr por onde.

Aquella especie de poço, ou calabouço, em que suppuzeram que elles acabariam a vida, tinha uma saída, talvez ignorada, que ia dar a um estreito corredor.

—Vinde—disse Luthero á companheira, ao lobrigar a saída, e travando-lhe ao mesmo tempo do braço.

O corredor, como dissemos, era excessivamente estreito, e tiveram d'entrar por elle de gatas.

—E se acaso não tem saída!—pensaram os dois fugitivos, ainda que sem se atreverem a communicar um ao outro os seus receios.

Observaram que o tecto do corredor era mais alto á proporção que iam andando por elle, o que os consolou um pouco. D'ali a poucos passos puderam pôr-se em pé, e caminhar por elle com toda a pressa que lh'o podiam permittir as densas trevas.

—Apressemo-nos dizia o frade—porque decerto em breve nos darão caça.

E, com effeito, ainda que surdo e longinquo, chegava até elles o rumor de vozes que pareciam que se vinham acercando.

—Apressemo-nos!—murmurou Luthero.

De repente foi bater de encontro a uma parede de granito, e detraz d'elles distinguiam-se já os vacillantes clarões dos archotes.

Aquelle corredor não tinha saída alguma. Os seus inimigos, no emtanto, avançavam. As trevas iam-se tornando menos deusas, a pouco e pouco. Luthero, que amparava nos braços a misera companheira quasi desfallecida e pallida como uma morta, poude lobrigar as esqualidas pernas de Frick-Frick e o bojudo ventre de fr. Wilhem...

E não possuir, n'aquelle transe afflictivo, uma arma sequer!...

De subito, Luthero soltou um grito de alegria. Ao augmentar, por causa dos archotes, a claridade nas trevas que o rodeavam, Luthero poude distinguir que o que lhes fechava e impedia o caminho era uma porta de systema rotatorio, ou de balança, que com tanta difficuldade elle pudera fazer mover, quando foi o incidente de Sara e de seus filhos, que elle livrára da morte inevitavel.

Foi graças a esta porta que elle salvára o filho de Francesca... Poderia acaso com egual felicidade salvar tambem a mãe?

Com um esforço potente e masculo agarrou-se ao granito. Tentou procurar de novo a mola. A porta, afinal, oscillou.

—Depressa!—gritou Francesca.

O estrupido de passos estugados fez que Luthero virasse a cabeça, e lobrigasse fr. Wilhem que vinha brandindo um machado.

E não possuir arma alguma, nem sequer uma pedra, um calhau, com que escaqueirasse o craneo d'aquelles birbantes!

Mas felizmente o pé de Luthero tocou em qualquer coisa que produziu um sonido metallico. Ao mesmo tempo, n'aquella meia penumbra que reinava, Luthero descobriu dois esqueletos e as armaduras, de que nem já se recordava n'aquelle angustiosissimo transe.

Fr. Wilhem aproxima-se finalmente já, acerca-se quasi da cabeça de Luthero, e vae a brandir o machado... Caíu, porém, traspassado por uma alabarda.

Bastou um segundo só a Luthero, para pôr Francesca desmaiada na extremidade opposta da mola, ao passo que elle fazia peso na outra extremidade para manter o equilibrio... e saltar em seguida.

O homem da capa verde avançou ainda, seguido de uns poucos de frades, cobardes como raposas.

Luthero deslisou pela pedra, para ao pé de Francesca, depois de quebrado o equilibrio, e ambos rolaram ao solo, depois do que a porta tornou a tapar hermeticamente a saída.

Como a densidade da parede era muito grande e macissa nada puderam mais ouvir: nem os gritos de raiva dos frades burlados na sua cubiça e vingança, nem as furiosas pancadas que elles davam no granito da parede, para desabafar o seu despeito e furia.

Estão livres, emfim.

—Salvos!—gritou Francesca, voltando a si, depois de um desmaio.

—Ai!—exclamou Luthero—receio ainda que não.

—O que quereis dizer?

—Conheço este subterraneo, por ter estado quasi a ponto de morrer n'elle. Pela parte unica por onde poderemos passar, não ha mais saída alguma, senão uma torrente invadiavel. Saír pela porta que acabamos de transpôr, inutil é cogitar n'isso, porque os birbantes não deixarão de vigiar a entrada, e de certo que a estas horas já puzeram sentinellas detraz da parede, e se fizermos mover a mola, cairemos irremediavelmente nas suas garras.

—Estamos pois condemnados a ficar aqui?...

—Sim, pelo menos antes de dois ou trez dias nada poderemos tentar.

—Mas antes d'isso morreremos de fome.

—A não ser que occorra um milagre!

A fome!...

E pensarem elles que tinham as algibeiras atulhadas de pedras preciosas e joias, capazes de alimentar um regimento por espaço de mezes!...

Luthero sabia com quem fallava. Tivera occasião de apreciar a tempera do caracter energico d'aquella mulher, e comprehendeu que toda a ficção era inutil com ella, e até prejudicial, pois que Francesca era d'aquelles espiritos a quem o desespero suggere novos e inesperados recursos.

Francesca franziu nervosamente o sobr'olho, mas não exhalou nem um só gemido ou palavra de desalento; e Luthero e ella desceram silenciosamente a grande escadaria de pedra.

—Por ali... por aquelle lado...—exclamou de chofre Francesca, apontando para um sitio por onde se escoava um raio da lua.

—Aquillo—replicou Luthero—é um abysmo. Constitue comtudo uma probabilidade de salvação.

Luthero reconhecera no ponto, para onde Francesca apontava, aquella saída que da primeira vez lhe fizera conceber alguma esperança. Era a abertura que deitava para o valle, mas para onde era preciso descer por uma rocha cortada a pique.

Aproximaram-se todavia, dispostos a tentar o commettimento, a todo o custo. Apesar de tudo, e no meio de tantos successos adversos, era grato morrer lobrigando ainda uma nesga de céo e um bocado da viva Natureza.

Emquanto que Luthero cogitava na fatalidade, que arrebatando-lhe a ventura que elle almejava, o precipitava de novo n'aquelle esbarrondadeiro

e medonho pégo, Francesca, ávida de respirar o ar livre, deslisára pela abertura de que fallamos.

Em baixo, no fundo, enxergava-se o precipicio com toda a sua fatal fascinação. Uma ideia tôrva passou, rapida como um relampago, pela cabeça da infeliz joven, produzindo-lhe a vertigem da attracção. Chegou a fazer um movimento para se abicar, mesmo, do cairel do abysmo. Mas Luthero adivinhou-lhe o pensamento, e suspendeu-a.

—Porque—disse a joven suavemente—me impedis que morra?

—Porque ninguem se deve matar.

—Mas se não nos podemos salvar?

—Quem sabe!

A joven meneou dolorosamente a cabeça sem tirar os olhos da campina, sobre que se estendia a lua como um manto de prata.

De subito estremeceu. Abriu os olhos desmedidamente, e apertou com força o braço de Luthero. Com o outro, tremendo, indicou qualquer coisa ao fundo, ao passo que do labio soltava um grito lancinante, terrivel, mixto de afflicção e pavôr. Ora eis o que enxergava Francesca:

Por uma especie de clareira na densa ramada do campo passava um bando de individuos, a cuja frente caminhava uma mulher hebraica, o que se lobrigava nitidamente á claridade da lua. Deitada no braço esquerdo repousava uma creança. Atraz caminhava um velho sem barba, mas que por debaixo do chapeirão que lhe cobria a cabeça deixava pender algumas melenas brancas. Conduzia ao collo tambem uma outra creança. Tanto a mulher como o velho caminhavam estugadamente, circumvagando, comtudo, para todos os lados, olhares inquietos e pávidos. Não padecia duvida que iam fugidos. Mas na judia, Francesca reconheceu a ama do Ghetto, a quem confiára seu filho, e no velho judeu reconheceu Abrahão, o fiel escudeiro, cuja presença d'espirito um dia a salvára de morte imminente.

Luthero reconheceu tambem Sara, Sara, que elle havia deixado na estalagem, e que havendo encontrado, não se sabe como, o pae, emprehendera proseguir com elle a sua perigosa viagem.

Francesca ficára silenciosa alguns instantes, suffocada pela surpreza d'aquella apparição. A pobre senhora volvia alternadamente os olhos, com entranhada angustia, d'uma creança para a outra. Ao cabo, com voz estrangulada, inquiriu:

—E aquellas creanças de quem são?

Esta pergunta, feita com uma tal anciedade, foi para Luthero como que uma revelação, e exclamou:

—São vossas. Não sois vós Francesca Pandolfini?

—Sim, mas aquella mulher?

—Aquella mulher não é acaso a ama que tinheis em Roma?...

—É verdade.

Foi ella que por um milagre escapou á chacina do Ghetto...

—É certo. E como o sabeis?

—Porque o sei.

Então sabeis tambem—accrescentou a mãe debulhada em lagrimas—que o meu filho morreu?...

E dizendo isto a sua voz estrangulava-se em soluços, ao passo que seus

olhos, sempre cravados nas creanças que via sobre a veiga, a distancia, fusilavam como relampagos, mas relampagos d'amor.

—E no emtanto...—murmurou Francesca.

Luthero travou-lhe da mão, e disse-lhe com enternecimento:

—Posso affirmar-vos que vosso filho está vivo e são.

—Vive? O meu Giannino está vivo? Não é isto um sonho?...

—Eu proprio o vi!

—Certo?... Vivo?...

—Está ali, e é aquelle—disse Luthero, apontando para o grupo que se ia acercando d'um pequeno bosque.

—Pois elle está ali?—clamou a joven cheia d'anciedade, perguntando logo:

—E qual dos dois é?

—Ah! isso é que não sei.

—Não importa. Basta-me a ideia consoladora de saber que está vivo... Está vivo, sim, estou certa d'isso. A minha esperança não era demencia... Está ali, e eu não posso correr ao seu encontro, não posso evadir-me d'esta prisão maldita!... Com o meu filhinho ali, tão perto de mim!... Olhae, quero abraçal-o, ouvis? Tenho anciado bastante tornar a vêl-o, para agora não me separar mais... Quero fugir com o meu Giannino nos braços... Ha que tempos o não via!... Olhae, vêdes, vae a desapparecer, vae-se embora... Conheci-o agora, é aquelle que ella leva ao collo. Oh! este precipicio, tudo isto, a morte, quando eu não quero morrer agora, e quando eu o quero vêr!

Assim gritava como desassisada a desventurada mãe, batendo com a delicada mão no duro rochedo de granito. E de subito avançou bruscamente para o abysmo, como querendo correr para o filho, n'um tal impeto de ternura, que, se Luthero lhe não tivesse com o braço sustado o impulso, decerto ella iria baquear ao fundo do pégo.

O judeu e a judia acabavam de transpôr a zona de luz. Sara havia-se escondido na densidão da ramada das arvores, atraz da qual não tardou em a seguir Abrahão, depois de ter, é certo, circumvagado o olhar perscrutador em roda, sondando o caminho que acabava de percorrer.

Qual seria a razão d'aquelle olhar tão cauto e investigador?

Foi pois devido á casualidade que o grito que ia estrugir, saído dos labios de Francesca, não explosiu na solidão.

Luthero tapou-lhe a bocca rapidamente com a mão, e puxando-a bruscamente para traz, para a arrancar do precipicio, disse-lhe com voz mascula e de imperio:

—Silencio!

O tom da voz de Luthero era tão solemne que Francesca previu que uma desgraça qualquer a ameaçava. Cravou o olhar ancioso, então, sobre o companheiro. Comprehendeu que o perigo não a ameaçava a ella só, mas que tambem iria recaír na carne da sua carne, sobre aquelle filho tão inesperadamente salvo e vivo, que fugia, é verdade, ás suas caricias, mas que ella devia tratar de não perder de novo.

Na rocha havia uma pequena abertura, uma estreita fenda que permittia vêr, sem ser vista, uma curta facha do horisonte.

—Olhae—disse-lhe Luthero—vão passar agora.

Francesca então applicou o olhar á fenda do rochedo.

A breve trecho lobrigou um homem que descia pela ingreme vertente, agarrando-se ás hervas silvestres que ao acaso cresciam, e esse homem era possuidor d'umas longas e compridas pernas.

—Elle!—murmurou a joven.

Era Frick-Frick, o homem da capa verde, o inimigo mysterioso e encarniçado, o adversario implacavel a cuja perseguição ella e Luthero haviam lobrigado escapar duas vezes.

Francesca estremeceu aterrada. Lá, no emtanto, ao fundo, a distancia, enxergou Abrahão que passava por um espaço arborisado, onde dava de chapada a lua.

Caminhava agora só, e já não conduzia a creança ao collo.

Sara, decerto, não devia estar a grande distancia. Mas porque seria que em vez de avançar em linha recta parecia descrever um arco de circulo?

Para entrar de novo na zona escura não tinha mais que andar alguns passos. Este tempo, comtudo, era o sufficiente para que podessem dar com elle.

E de facto, n'aquelle mesmo instante, Frick-Frick, como que advertido pelo seu mau instincto, voltou a cabeça para aquelle lado.

Francesca ia a gritar, como para lhe distraír a attenção, quando escutou ruido de ramos d'arvores que se quebravam, o que a fez quedar-se immovel e muda. Uma fórma humana rolou como uma bola pela ladeira, e só parou ao enredar-se n'um emmaranhado resistente formado pelos ramos de cipós.

Frick-Frick voltou-se de repente estendendo a mão áquelle homem.

Sylvestre Prierius—pois que era elle em pessoa—levantou-se com manifestas mostras de mau humor.

—O que foi que vos succedeu?—perguntou Frick-Frick.

—Ora, o que foi! Escorreguei.

—Vamos!—clamou Frick-Frick com impaciencia.—É preciso que se não diga que aquelle homem e aquella mulher se nos escapuliram duas vezes!

E dizendo isto, ambos elles continuaram descendo a vertente.

Abrahão, porém, salvo por aquelle incidente inesperado, desapparecera.

Francesca respirou sofregamente, como que alliviada d'um peso.

—Que miseraveis!—não pôde ella deixar de exclamar.

Luthero, porém, estava pensativo.

—O que seria que os impelliu para este lado?...—murmurou elle.

Conhecia por experiencia a tenacidade d'espirito do homem da capa verde, e tinha tido mesmo um grande trabalho para lhe fazer perder a pista, quando, graças á mais extraordinaria das casualidades, se livrára de ser arrastado pelo sorvedouro da cascata. Tornou, pois, a fazer regressar Francesca, turbada pela emoção, pela angustia, e pelo espanto, de novo para o subterraneo.

O frade sentia-se tambem desalentado, e quasi se deixou caír no solo, sem forças. Tanto luctar, ao fim, havia feito mossa no caracter d'aquelle homem de ferro e de tão indomita vontade.

Reconhecendo-se impotente para debellar o perigo, estendeu-se no chão, encostando a cabeça nas mãos em ar cogitativo, e emquanto que Francesca dormitava, elle com os olhos dilatados, abertos e fixos, mas fixos apenas no vago espaço e sem nada verem, esqueceu, por um momento, tudo quanto o rodeava: — o seu amor, a sua missão e a sua morte proxima.

Assim decorreu perto de uma hora, ao cabo da qual elle se poz de pé, como movido por uma mola.

— Oh! oh! — exclamou.

Pôz o ouvido á escuta, mas nada se ouvia. Tornou a collocar novamente o ouvido no chão, e pouco depois levantava-se bruscamente, gritando:

— Eil-os!

Francesca estremeceu.

— Os frades? — perguntou ella aterrada.

— Sim.

— Veem ahi?

— Descobriram o nosso paradeiro, a entrada que tem o subterraneo pela escada, ou então conseguiram abrir a porta por onde entrámos, e atacam-nos pela retaguarda.

— O que fazer, pois?

Luthero aprumou-se, extremamente pallido. Nem uma arma sequer! Era impossivel tentarem defender-se!

Estendendo a mão, disse apenas:

— Orae!

Francesca abaixou a cabeça. Amargas lagrimas lhe inundavam os olhos. Quão dura lhe parecia agora a morte tão perto de seu filho! Quando, porém, de novo levantou a cabeça, já o pranto se lhe havia seccado nas palpebras ardidas.

Depois d'um escasso silencio, Luthero disse:

— Esta gente não nos matará logo. Quererão martyrisar-me, para se vingarem da minha resistencia. E a vós tambem vos martyrisarão, para vos arrancarem uma assignatura que consagre o seu bandoleirismo e o roubo a vosso filho.

— Não devo expôr-me a essa prova — disse Francesca. — O tormento póde ser superior ao que humanamente podemos soffrer, e dar azo a que desprezemos os nossos deveres mais santos.

— Pois bem — accrescentou com mascula resolução o frade — se quizerdes, podemos escapar á tortura, subtrahirmo-nos á vingança.

Francesca seguiu com os olhos o olhar do seu libertador, que lhe indicava a saída praticada sobre o abysmo.

A joven senhora, com porte resoluto, caminhou então direita para Luthero, que lhe estendeu a mão, abençoando-a.

— Vamos! — exclamou ella, com sublime decisão.

E ambos avançaram resolutos para o abysmo, com a cabeça erguida, elle pensando em Catharina, ella no seu pobre filho Giannino.

Por baixo d'elles escutavam-se as pancadas, repetidas pelo echo, que davam Frick-Frick e Prierius, ao sacudirem a grade que fechava a entrada ao

primeiro patamar da escadaria. Á força de embates e sacudidellas descravaram-a da parede, soltando um uivo selvagem de triumpho.

Portanto, uma saída, com que Luthero não contava, estava completamente livre, e os perseguidores avançaram pelo subterraneo.

O frade e a mulher estavam na plataforma.

Só alguns passos mais os separavam da ingreme ladeira. Um pouco mais que avançassem, esmagar-se-hiam nas anfractuosidades das rochas do fundo do pégo, cuja vista só produzia vertigens.

De chofre, pareceu-lhes ouvir muito perto d'elles um sêcco ruido, que se assemelhava ao de uma lamina de aço que se parte. Ao mesmo tempo Luthero cuidou ver passar por deante d'elles uma sombra, semelhante á que produziria uma corda.

—Esperae!—disse elle baixinho.

—Trata-se—perguntou Francesca—de um novo embuste ou de um auxilio?

O que Luthero enxergára era, de facto, uma corda, uma especie d'entrançado de seda, da qual uma das pontas estava pendurada pela abertura. O ruido que momentos antes lhe chamára a attenção fôra produzido pela pancada que dera um gancho de ferro atado á extremidade da corda, ao bater d'encontro a uma pedra.

—Já véem ahi!—exclamou Francesca.

De um salto, o frade collocou-se do lado do valle cuja calma e tranquillidade só era quebrada pelo fracasso da cascata. Ao pé d'um rochedo, e occulto por detraz de uma sarça, Luthero lobrigou um homem, o qual com a mão que segurava a extremidade da corda fez signal a Luthero que esperasse.

—O companheiro de Sara!—disse Luthero, espantado.

—O bom Abrahão!—murmurou Francesca.

As passadas de Frick-Frick e de Prierius distinguiam-se cada vez mais proximas.

O que depois succedeu fez-se com a rapidez do raio. Os grandes perigos parece que teem para determinados caracteres a virtude de duplicar as forças, a decisão e a natural destreza. Luthero puxou para si a corda e cingiu a cintura de Francesca com um vigoroso nó e, depois de recommendar-lhe serenidade e o mais completo silencio, impelliu-a lentamente para o abysmo.

Pouco depois Francesca caía nos braços do velho escudeiro judeu. N'este mesmo instante, Frick-Frick e Prierius chegavam ao local onde estava Luthero.

A sombra que o seu corpo projectava, illuminado pelos raios da lua, atraiçoou-o.

—Elle alli está!—clamou Frick-Frick.

Prierius offereceu o hombro ao homem da capa verde que, fincando o pé sobre elle, começou a trepar pelo rochedo de granito.

Luthero, que tinha nas mãos a extremidade da corda, não se deu pressa a atal-a tambem em roda da cintura, para resvalar pelo abysmo.

—Fiei-te, emfim!—esbravejou Frick-Frick.

E arremetteu, raivoso, contra Luthero, de punhal na mão.

Mas no mesmo instante caía de venta em terra, ferido na cabeça pelo gancho de ferro da corda que Luthero brandira, como uma funda.

Cego pelo sangue que lhe golfou da ferida, rebolou pelos penhascos lançando um ulular de furia e dôr.

Na parte opposta do rochedo, Prierius, assaralhopado, quedou-se immovel e calado como um morto.

Aproveitando-se da confusão do seu adversario, Luthero cravou o gancho n'uma fenda da rocha, e depois de se haver assegurado da sua força de resistencia, começou a escorregar pela corda abaixo. Mas o rancor do seu inimigo era superior a tudo, até ao pungir mesmo da ferida. Por isso, emquanto Luthero descia, deixando quasi na corda a pelle das mãos, Frick-Frick, refeito da sua turbação e aturdimento, pôz-se de novo em pé, e tratou de desencravar da fenda do penhasco o gancho de ferro, fazendo-o saltar violentamente. Felizmente para o fugitivo, separava-o já escassa distancia do chão, de sorte que caíu nos braços d'Abrahão, porque o embate o fez rolar por terra. Afortunadamente não soffreu outras consequencias.

—Obrigado!—disse Luthero, apertando a mão do leal escudeiro.

—E meu filho?—perguntava entretanto anciosamente Francesca.

—Vamos já ter com elle!—disse o velho.

A lua occultou-se por detraz d'um sendal de nuvens, e a mulher e os dois homens começaram a caminhar em direcção ao bosque onde Sara os esperava, occulta na escuridão da ramaria.

Frick-Frick, ao vêr de novo gorados os seus desejos de vindicta, ululou um entranhado grito de raiva.

—Mas este homem é o diabo!—esbravejou elle furioso.

Mas não teve remedio senão convencer-se de que Luthero se salvára e se puzera fóra do alcance da sua perseguição. O desengano foi, no emtanto, terrivel para aquelle espirito vingativo.

—Hão-de-m'as pagar!—urrou elle, indo reunir-se com Prierius.—Não deixarei de os perseguir, não só por causa d'elle, como tambem por este golpe!

E bateu com a mão na testa, d'onde ainda escorria sangue.

—Sim! Este golpe ha-de-me recordar sempre que preciso vingar-me!...

E chispava uma tal scentelha de furia no seu olho de marau, as feições estavam de tal sorte contraídas e transtornadas, que Prierius perguntou a si mesmo se, em vez de Luthero, não seria o seu amigo e confrade o diabo em carne e osso...

—

Quem é aquelle cavalleiro que vae galopando no seu bello alazão, levantando pela estrada fóra nuvens de poeirada?

É um rapaz entrajado ricamente, e d'olhar triste e velado. Vêde-o, como galopa, atravez das nuvens de pó que levanta o seu cavallo.

É Lourenço de Médicis, o sobrinho do Papa, e o seu favorito, nas horas d'ocio e da palestra amiga.

Mas o que irá elle fazer á Allemanha, que é a estrada por onde elle vae, elle que dissera não poder acompanhar Francesca, e por isso a confiára á guarda de Abrahão, seu velho servo fiel? Acaso poderia elle ter adivinhado o risco que corre a mulher que ama? Que pretexto daria elle, pois, para aquella jornada?

O joven cardeal, despojado dos seus habitos vermelhos, nada tem que faça lembrar um homem da Egreja, e, demais, apesar da severidade das suas feições e do seu ar, tudo n'elle revela franqueza e lealdade.

Um dia pela manhã, o Papa, seu tio, mandou-o chamar ao seu gabinete.

—Vaes-te pôr a caminho—disse-lhe o Papa.

Parece que aquelle dia fôra o dia das embaixadas, porque o Papa intimava aquella ordem a Lourenço uma hora depois de confiar a missão da França a Bibiena.

—Aonde?—perguntou o moço, sem poder reprimir um ligeiro estremecimento.

—Á Allemanha.

Lourenço sentiu uma aguda impressão, mas procurou dissimulal-a.

Ao principio sentiu mais turbação do que gosto. Acaso teria o Pontifice adivinhado o seu amor, apesar de todo o seu empenho em o occultar?

Fitou o Papa, mas não lobrigou na sua face expressão alguma que o confirmasse nas suas suspeitas e receios. A physionomia do Pontifice tinha a sua expressão habitual.

Lourenço cogitou:

—Ella está na Allemanha. Mas encontral-a-hei eu? Sim: ainda que tivesse de percorrer aldeóla por aldeóla.

O Papa continuou:

—Preciso d'alguem que esteja ali de vela, attento: necessito de um logar-tenente habil e dedicado que me ponha ao corrente do que dizem e fazem os judeus.

Lourenço, que reprimindo a turbação conseguira ficar senhor de si, perguntou, sem que se lhe contraísse um só musculo da face:

—Começou já a matança?...

—Continúa ainda. Dentro em breve os catholicos conseguirão constituir quasi a unanimidade dos habitantes.

—Tambem o espero.

As mãos de Lourenço crispavam-se debaixo do trajo. Pensamentos de paz e fraternidade ardiam-lhe no cerebro, e o seu coração não podia tornar-se mau, ainda que, apparentemente, proferisse palavras de verdugo.

Se não tivessem tido bastas provas da sua obediencia, poderia ter-se julgado que se representava uma comedia, ou antes um drama, cujo desenlace esperava.

—Ouve!—disse-lhe o Papa.—Irás a Torgau. Coincidirá a tua chegada com a do frade dominicano de que te fallei, aquelle a quem dei audiencia no dia d'aquella famosa missa. Lembras-te?...

E o Papa ria-se. Lourenço sorria.

—Tetzel?—perguntou.

—Esse mesmo.

—Quereis decerto que vigie esse homem, procurando que não se extravie pelo caminho nada do que possa produzir a venda das indulgencias?

—Tal e qual. Egualmente se não deve extraviar coisa alguma do que produza a chacina dos judeus.

—Perfeitamente.

—Vamos, vejo que é um gosto tratar com gente esperta.

Mas, no mesmo instante, caía de venta em terra, ferido na cabeça pelo gancho de ferro da corda que Luthero brandira como uma funda.

Cap. XXXIV.

Leão X tirou de cima da secretária um pergaminho lacrado com cinco sellos de lacre vermelho.

—Quando estiveres com elle has-de entregar-lhe este pergaminho. Contém instrucções para um negocio particular.

—Não preciso saber mais—disse Lourenço, inclinando-se.

Era costume n'aquelle tempo confiar até mesmo aos cardeaes missivas

fechadas, cujo conteúdo se lhes não communicava. D'esta sorte tinha-se a certeza de que nenhum escrupulo os faria não obedecer. A missão era ou não criminosa? Era missão de vingança ou de amor? Os portadores d'ella nada sabiam a tal respeito.

Antes de chegar o dia do termo da viagem, a carta não se abria, e só na presença do destinatario é que ambos a descerravam e liam juntos—até mesmo quando se tratasse da morte do enviado, e d'isto sobejam muitos exemplos no pontificado de Leão X.

Quanto a Lourenço nada tinha de que se arrecear d'este ultimo, que era seu tio, e que o tinha por seu dilecto.

Era por isso que n'aquelle dia elle cavalgava, ao sol e ao vento, pela estrada real que conduzia a Torgau. Tocava já o termo da viagem, e, tendo pedido informações sobre o caminho por onde devia tomar, como tinha confiança no seu ardego alazão, mettia por atalhos, desejoso de chegar breve, e de se inteirar do conteúdo do pergaminho de que era portador.

Durante a jornada duas coisas unicamente haviam preoccupado o seu pensamento e constituido o seu desejo: era ver Francesca de novo, cujo amor a ausencia mais afogueava, e conhecer o segredo d'aquelle pergaminho, cujo contacto o escaldava.

Para o conseguir teria feito todo e qualquer sacrificio.

Remordia-o a suspeita, decerto muito fundada, de alguma infamia. Uma voz secreta lhe dizia que aquella villania havia de exceder a turpitude de todas as outras.

—Estou doido!—cogitava ás vezes comsigo.—Como seria possivel que o Papa estivesse tão socegado ao encommendar-me esta missão? Para que hei-de martellar a cabeça, a querer adivinhar este segredo fatal, e a querer penetrar o que encerra este sobrescripto cujos sellos hei-de quebrar em breve?

E ia pensando sempre, tambem, na carta mysteriosa que seu pae lhe deixára antes de morrer, e que só lhe seria permittido abrir quando tivesse vinte e cinco annos.

A serenidade do Papa, todavia, tranquillisava-o. Comtudo elle conhecia aquelle homem; sabia que debaixo d'aquella mascara tranquilla se abrigavam paixões desassisadas e projectos terriveis. Provas? Tinha-as, mas incompletas: por isso esperava com anciedade e impaciencia que chegasse o momento supremo de desenganar-se, por uma vez.

Esperando essa hora, ia reunindo, no emtanto, todas as notas e observações. Cada novo successo corroborava mais a suspeita do seu instincto!

Momentos houve em que sentiu tentações de abrir aquelle sobrescripto e rasgar aquelle pergaminho em mil pedaços, certo de que encerrava ordens infames de que o queriam fazer cumplice.

Se tivesse, porém, conhecimento do texto da carta, não teria vacillado um unico instante em despedaçal-o.

—Não!—exclamou.—Reprimamos a nossa cólera. Se a hora da vingança tem de soar algum dia, esperemol-a sem commetter imprudencias. Guardemo-nos para essa hora, e que a vindicta seja cabal, implacavel.

Depois pensou em Francesca, e o seu coração sentiu um subito enternecimento.

—Se pelo contrario—proseguiu monologando—nos enganarmos nas nossas previsões, se em vez da expiação e insidia que espero, tenho de o bemdizer, apesar dos meus receios, resarcir-me-ha, com uma hora de alegria, tantas que tenho tido de torturas e angustias!

Cogitando assim internou-se n'uma frondosa floresta.

Tinha largado as redeas ao cavallo, e o animal, ao ver na volta d'um caminho uma arvore desconforme, de nodoso tronco, que semelhante a um phantasma estendia seus braços no meio da vereda, espantou-se de tal sorte que atirou Lourenço, que ia desprevenido, fóra da sella, arremessando-o para uma especie de fôsso cheio de herva.

A fatalidade quiz que Lourenço, ao caír, batesse com a testa n'uma pedra, e que tivesse uma syncope, com a dôr, emquanto que o cavallo espantado corria á desfilada pelo meio da floresta.

Quanto tempo permaneceu Lourenço n'aquelle estado? Nunca o soube ao certo.

Quando voltou a si sentiu uma dôr aguda na cabeça, e achou-se banhado em sangue. Sentia, como é natural, uma grande debilidade e um absoluto entorpecimento que o forçou a ficar ainda deitado. A queda tinha na realidade sido tremenda.

A unica coisa de que o ferido deu conhecimento foi de que ainda era dia.

Mas mesmo n'aquelle estado pareceu-lhe, de repente, sentir rumor de passos. Prestou attenção e conheceu que de facto não se havia enganado. Alguem se aproximava. Ao ruido dos passos, misturava-se um confuso clamor de vozes. Quiz levantar-se, gritar duas vezes e pedir ajuda para tornar a montar de novo, mas comprehendeu que todos os esforços para se erguer eram inuteis, e que tambem não podia gritar. Nem mesmo sequer abrir a bocca...

Uma anciedade terrivel o fez sobresaltar então. Se acaso aquelles caminhantes fossem salteadores, supposição que nada tinha de impossivel, o que ia ser d'elle? Incapaz de se defender, nem de se mexer, seria irremediavelmente saqueado, roubar-lhe-hiam decerto o pergaminho, e quem sabe se o chacinariam cobardemente!...

O susto e a fraqueza estrangulavam-lhe na garganta a voz.

Não, elle não queria morrer sem ver a sua promettida primeiro, e sem ter cumprido a sua missão, e saír d'incertezas. Os homens, no emtanto, acercavam-se. Pelo menos assim devia ser, porque Lourenço não os podia lobrigar do fôsso aonde fôra arremessado. Quando tentou abrir os olhos pareceu-lhe que a terra andava á roda.

Mas, de golpe, cessaram as passadas, e Lourenço percebeu que os viajantes tinham parado.

A intervenção, que parece inexplicavel, de Abrahão no momento preciso em que Luthero e Francesca iam morrer, era resultado da combinação fortuita de varias circumstancias.

Estará decerto lembrado o leitor que Francesca saíra da estalagem vestindo sobre o fato de cigana o habito de freira, de que tão astuciosamente se apossára. Não lhe terá esquecido tambem que Luthero, dominado pela ideia de tornar a ver Catharina de Bora, tinha deixado Sara e as duas creanças em logar seguro, com recommendação expressa de que aguardassem a sua volta.

Os dois homens, Luthero e Abrahão, tinham-se dirigido á mesma estalagem, que era a unica que Nimpcken possuia nos arredores do convento.

Apenas Luthero se separou de Sara, e esta, ajudada benevolamente pela estalajadeira, deitou as duas creancinhas, saíndo por acaso esta ao corredor, ouviu-se este duplo grito:

—Meu pae!

—Minha filha!

Abrahão recebera-a em seus braços, doido de alegria, cobrindo-a de beijos e lagrimas. A felicidade era reciproca, e nem um nem outro queriam crêr o que viam!

A caça aos judeus, e a chacina que sobre elles praticavam, tinham tirado aos dois, depois dos espectaculos lastimosos de que haviam sido testemunhas mudas, toda a esperança de se reencontrarem.

Mas agora, que estavam reunidos, quem os poderia separar?...

Os trabalhos e fadigas soffridos estavam tão longe da sua memoria, que Sara, sorrindo, pôz o pae ao corrente, em poucas palavras, dos successos passados. Referiu-lhe como encontrára Luthero, e como, graças a elle, pudera fugir pelo subterraneo ao homem da capa verde, e como presenceára a passagem lastimosa dos seus parentes, amigos e correligionarios em Grimma.

Abrahão contou tambem a sua desgraçada odyssêa. E confortados e animados por se verem ali reunidos, sentados ambos no leito das duas creanças, gozando antecipadamente da feliz alegria que estava reservada a Francesca, forjavam mil planos para o futuro, quando se viram interrompidos bruscamente.

Ouviam no corredor grandes gritos, ou, para melhor dizer, desconforme berreiro a que se misturavam estrugidoras pancadas que batiam na porta d'um dos quartos, situado ao fundo, segundo parecia.

—Acudam!—clamava uma voz de desagradavel metal—Não me querem abrir! Assassinos!...

Toda a casa se pôz em alvoroto.

Quem soltava aquella vozeria, deverá decerto tel-o adivinhado o leitor, era a freira que, impacientando-se por não vêr chegar o frade a quem esperava, levantára-se, e comprehendera a astucia e a partida que Francesca lhe fizera.

Tinham-lhe tirado o habito, e a porta estava fechada á chave!... A freira comprehendeu que tinha caído n'um laço, e como o frade que estava no leito d'ella, ria detraz das cortinas, e tomára o caso de galhofa, o qual frade não era outro senão Tetzel, o famoso Tetzel, estava fula de ira e raivosa.

O frade garanhão, que não queria ver-se compromettido na farofia da

freira, depois de um ultimo abraço que a monja recebeu ainda abespinhada, esgueirou-se, escapulindo-se pela janella.

Este caminho era transitavel ainda para um homem: porém para ella como o havia de ser? E de mais a mais, em camisa! Horror! Profanação!

A gente da locanda, sem responder aos gritos da freira, só tratou de mandar chamar um serralheiro em cuja operação gastou bastante tempo.

A creada Frissone, cumplice da aventura de Francesca, grata aos ducados com que esta a remunerára, riu-se á socapa, e não tugiu palavra sobre o caso.

Quando o serralheiro abriu a porta, appareceu aos olhos dos curiosos a picaresca figura da freira em camisa, na attitude da Venus pudica, com uma mão collocada á altura do coração, e outra mais abaixo tapando coisas que ninguem tinha interesse de vêr, e gritando como uma allucinada.

Logo que lhe emprestaram vestidos para calmar os escrupulos da sua pudicicia, a freira explicou-se.

Tinha sido victima d'uma perfidia — dizia ella. — E n'uma casa que parecia respeitavel!...

Não sabendo a quem accusar, occorreu-lhe culpar os viajantes recentemente chegados.

Sim, deviam ser elles, não havia duvida!...

E quem sabe se eram judeus!... Na realidade não estava de todo certa nas suas suspeitas!... Judeus dissera? Indubitavelmente só elles seriam capazes d'uma coisa tal!...

A religiosa, a creada, emfim, todos se dirigiram para a alcova de Francesca.

— Ninguem! — exclamaram em côro.

Foram em busca de Abrahão. Tambem não estava! Havia desapparecido.

O velho, comprehendendo que a tempestade ia estalar contra elles, julgára prudente escapulir-se.

E Sara tambem, sem tugir nem mugir, esgueirára-se sorrateiramente com o pae, da locanda.

Orientando-se da melhor maneira que podiam no escuro da noite que já havia descido, Abrahão, que sabia que a sua ama estava no convento, conduziu Sara e mais as creanças atravez da floresta, no local em que desembocava a escada de que a filha lhe fallára. Foi n'este momento que lobrigaram Francesca e Luthero presos no subterraneo.

Ao enxergar Frick-Frick e Prierius, que desciam a montanha, Abrahão impelliu a filha para o interior do bosque, e começou a desatar a corda de seda que trazia á cintura.

Do que occorreu depois, já estão ao facto os nossos leitores.

— E o meu filho? — foi a primeira pergunta, feita com anciedade por Francesca.

— Vamos já ter com elle! — retorquiu Abrahão.

Ao chegarem ao pé do local em que Abrahão havia deixado a filha não a encontraram.

Aos gritos do velho e de Francesca só responderam lugubremente os echos do valle.

CAPITULO XXXV

A hospitalidade do Papa

Na primeira noite da sua estada no Vaticano, Maria Bibiena ceou com Leão X e alguns altos dignitarios.

O festim foi opiparo. O Pontifice manifestou visivel predilecção pelos pratos excitantemente temperados com especiarias fortes. Seguindo o conselho de Flora bebeu só moderadamente. Quanto a Maria, tinha-se conformado depressa com a sua hospedagem no Vaticano, e em honra da verdade devemos concordar que os respeitos e attenções que lhe votavam não era para menos. Conservou-se pois affavel e sorridente durante a ceia, e todos os commensaes ficaram encantados com a fina graça e distincção da sobrinha do cardeal.

—Tereis recepção esta noite?—perguntou ella ao Santo Padre.

—Não: ámanhã...

Até ao dia seguinte teve ella pois que adiar a sua esperança de ver Raphael.

Maria perguntou ainda:

—Serão muitos os convidados á recepção?...

—Muitos—respondeu o Pontifice.—Os personagens mais illustres de Roma, tudo que ha de mais notavel na christandade.

O Papa, que estava sentado em face da joven, comprazia-se em fazer alarde da sua pompa, resolvido a não a deslumbrar, n'aquelle momento, d'outra sorte.

—O proprio Miguel Angelo—continuou dizendo—largará os trabalhos da basilica de S. Pedro, e assistirá tambem, tanto mais quanto está certo de não encontrar o unico rival que tem no mundo...

—Que quereis dizer?...

—Que todos os preclaros artistas de Roma assistirão ao sarau, excepto...

—Excepto quem?

—Raphael.

—Ah!

A joven passou alternativamente do carmim do pejo á pallidez do medo.

Não obstante accrescentou ainda:

—Está doente?

—Não, decerto, mas... está occupado n'outra parte.

O Papa deu a estas palavras, proferidas intencionalmente, um tom de ironia a que se mesclava um sentimento de compaixão entranhada que feriu Maria no mais intimo d'alma.

Ao mesmo tempo observou que, ao proferir-se o nome do pintor preclaro, os convivas se haviam sorrido e começado a cochichar com certa discripção, que a ella se lhe afigurou cruel.

Evidentemente tratava-se d'alguma desgraça.

Tudo lhe fazia suspeitar uma infidelidade.

Mas porque seria que aquella ideia negra lhe cruzava o espirito? Ah, não! Estava louca...

E, todavia, o que significavam aquellas reticencias?...

Maria sacudiu a cabeça, como que para afugentar aquelles pensamentos indignos d'ella. Mas a duvida, a seu pezar, varava-lhe o coração como uma flexa, a qual causa mais dôr, quanto mais empenho ha em a arrancar da ferida. A joven sentia-se incommodada, effectivamente, e com o pretexto do seu mal-estar retirou-se cedo.

Logo que a joven se retirou, a palestra dos commensaes versou sobre a nova amante de Raphael, uma perola desencantada pelo artista em um arrabalde de Roma, a mulher mais bella e apaixonada que decerto possuia Roma: mas, apesar do interesse que aquelle colloquio devia inspirar, o Summo Pontifice não tardou em despedir os seus convivas amigos, e retirar-se para os seus aposentos.

Maria Bibiena tinha-se deitado silenciosamente, sem coisa alguma revelar, do que se passára, á aia, que pareceu attribuir aquella melancolia á partida do tio, ainda que talvez, perspicazmente, sondasse a verdadeira causa.

Nem a honra da festa do dia seguinte, nem a novidade da sua actual habitação faziam distrahir a joven. O que significariam aquelles sorrisos malignos dos convivas e aquelles olhares de intelligencia?

Eis a pergunta que incessantemente lhe acudia aos labios e estava de continuo gravada no seu pensamento.

Mal se deitou, o somno desvaneceu as suas suspeitas, que começou a qualificar de ridiculas: além d'isso sentia-se alquebrada d'um extremo cansaço e não pensou mais senão no grato bem-estar que paulatinamente se ia apossando d'ella.

No instante, porém, em que, impotente para luctar contra a lassidão que sentia, conheceu que ia adormecer, circumvagou em roda, sem saber porque, um olhar de instinctiva inquietação.

Não tinha, no emtanto, motivo algum para desassocego ou temor. A presença de Julieta, a sua boa aia, e da qual o leito tocava quasi no seu, acabou de a tranquillisar e adormeceu profundamente.

A lampada apagou-se e Julieta, por seu turno, adormeceu tambem. No palacio reinava um silencio profundo.

Mas de golpe a imagem da Virgem, collocada em frente do leito, no

Quando o serralheiro abriu a porta, viram a freira na posição da Venus pudica, gritando como uma allucinada.

Cap. XXXIV.

oratorio, separou-se da parede e alguma coisa brilhante e que se assemelhava a um olhar faiscou detraz do quadro, examinou attentamente o quarto e fitou as duas mulheres adormecidas.

Depois a estatua da Virgem, como se tivesse girado sobre gonzos, tornou a occupar o mesmo logar.

Ouviu-se um ligeiro sibillo, brando e suave como o ciciar da brisa...

A cama em que dormia a sobrinha do cardeal foi sacudida levemente, e começou a descer sem que o mais insignificante ruido denunciasse aquelle acto.

A cama descia, descia devagar... O corpo de Maria em breve ficou ao nivel do chão e depois sumiu-se completamente por elle abaixo, por uma especie de alçapão que funccionava sem produzir barulho algum e que logo depois tapou hermeticamente o buraco escuro e fundo por onde o leito desapparecera.

Immersa n'um somno profundo, a filha do cardeal não deu accordo de nada do que succedera.

Julieta, dormindo igualmente com toda a força do primeiro somno, não deu fé igualmente do desapparecimento do leito da sua ama, nem de se abrir ou cerrar o alçapão.

O leito desceu, no emtanto, sem produzir o menor choque, sobre o pavimento d'um andar baixo, n'uma casa sombria, mas cuja escuridão não se prolongou muito; depois, de golpe, jorrou uma claridade viva e diffusa ao mesmo tempo, cuja procedencia se ignorava, mas que parecia penetrar um tanto pelo tecto, um tanto pelas paredes e um tanto pelo chão.

Surprehendida no começo do somno, a joven revolveu-se no seu leito de finissimos bordados. Porém em nenhuma posição encontrava a escuridão precisa para o descanço, e aquella claridade viva e penetrante perseguia-a de todos os lados, molestando-lhe as palpebras fechadas e tornando-lhe o somno impossivel.

Então abriu os olhos, mas cerrou-os logo ao sentir-se ferida por aquella claridade tão viva como inesperada.

Apesar do entorpecimento que naturalmente o somno lhe punha nos membros, aquella surpreza despertou a sua curiosidade. O que queria dizer aquella offuscante luz? Acaso Julieta não se teria ainda deitado? Sentindo-se acaso incommodada ter-se-ía levantado de novo e accendido a lampada, pois confusamente se recordava de lh'a ter visto apagar?

Segunda vez abriu os olhos, e o que então observou fez-lhe soltar um grito de surpreza.

Ficou estarrecida, estupefacta por aquella mudança de decoração e de mobilia, e sentou-se no leito. Julieta não estava a seu lado.

Olhou em frente e não viu tambem o oratorio, nem o genuflectorio em que se ajoelhava para rezar a sua oração nocturna. No local em que na sua alcova estava a Virgem, enxergou ella um divan magnificamente forrado, cujo espaldar de carvalho esculpido apresentava no alto um ornato de talha extravagante, porque, quanto os seus olhos podiam differençar, representava uma singular união de cães e de bugios nas attitudes mais excentricas.

A joven não fez reparo no resto da mobilia, e com os olhos espantados percorreu rapidamente e de relance o conjuncto da larga sala, cujos tectos, portas, e até o proprio chão desappareciam sob ricos estofos do Oriente, de côres vistosas, com lhama de ouro e de prata. O pavimento era forrado por um molle e placido tapete, d'onde parecia elevar-se um aroma suave e estonteador. Maria Bibiena esfregou os olhos, suppondo estar sob a fascinação d'um sonho.

O sucesso, com effeito, não deixava de ser extraordinario, e não era sem motivo que a joven torturava a cabeça e o espirito, para se convencer a si mesma que não dormia. Por isso, apesar de repetir uma e muitas vezes a si mesma que seu tio partira para Roma n'aquella manhã, e que ella devia encontrar-se no Vaticano, não lograva acertar no como e no porque d'aquella metamorphose extraordinaria.

Assemelhava-se aquelle subito desapparecimento dos objectos a um conto de fadas, a uma novella de cavallaria, ou a uma d'aquellas aventuras maravilhosas e phantasticas que o immortal Tasso fez representar nos jardins da feiticeira Armida. Andaria acaso por ali, com sua varinha magica em punho, alguma fada Urganda ou Melusina?... Abrasada pelo calor da cama, a joven saltou ao chão. Mas um repentino susto a fez estremecer, ao reparar que não encontrava os seus vestidos, que Julieta havia dobrado tão cuidadosamente.

Não: não era victima de uma allucinação ou de um sonho, visto que não encontrava no seu logar nada do que antes lá puzera, antes de se deitar.

Não havia materia para duvidas. Tinham-na transportado para um logar differente. Mas quem fôra? E com que fim?

E, sem saber porque, occorreu-lhe á imaginação a physionomia de um homem de bronzeada face, membros fornidos e encrespada melena, que ao dirigir-se para a sala de jantar topára n'um dos corredores, e em que julgára reconhecer o arabe de olhar fusilante, a quem libertára da furiosa perseguição da matula que lhe invadira a alcova n'aquella celebre noite.

Ao encontrar-se portanto a joven meio núa, e sem meios de arranjar novos vestidos, sósinha n'aquella sala cujo luxo a espantava, a joven sentiu um amargo desgosto, a que se juntou o medo.

Tratou de se deitar novamente. Ao menos envolver-se-hia nos lençoes. Comtudo, o receio de tornar a adormecer novamente, impediu-a. O que succederia talvez se ella de novo cedesse ao somno?... Quem sabe o que poderia occorrer?

Comprehendeu a joven que estava ali presa como uma mosca na teia de uma aranha, e que um inimigo encarniçado e terrivel a espiava talvez. Algum perigo que ella desconhecia a ameaçava seguramente. Repetia isto a si mesma, uma e muitas vezes, para se convencer, e, no emtanto, parecia inexplicavel, permanecia no mesmo logar sem forças, inerte e passiva, sem se atrever a tomar uma deliberação qualquer.

Assim decorreram alguns instantes, durante os quaes, como nada de novo succedesse, calmou-se um pouco o seu desassocego.

A joven tinha uma vaga ideia de que não era senhora dos seus actos, e era tal o seu estado de fraqueza que esta ideia não a aterrava.

A sua imaginação um tanto romantica, fomentada pela leitura nas horas de ocio, alou-se até insensatas e phantasticas hypotheses, occorrendo-lhe á ideia pensamentos ridiculos de creança, que por vezes assaltam o cerebro nos periodos de convalescença.

Recordára-se dos contos de fadas. Talvez ella fosse a heroina de um d'esses contos. Mas como, apesar de tudo, prestava escasso credito ás coisas sobrenaturaes, inclinou-se mais a suppôr que em tudo aquillo entrava

uma creatura humana, mas antes amiga do que inimiga, que a queria surprehender.

Sim: aquillo não poderia ser outra coisa senão uma surpreza que lhe preparavam. Ella despertára sem duvida cedo de mais. E um nome lhe acudiu ao labio, o unico que a sua imaginação podia evocar. Quem sabe?... Acaso seria Raphael?...

Este jogo de magia preparado por elle e de cujo segredo estavam talvez sabedores os convivas, explicava-lhe agora bem as reticencias d'elles e os seus sorrisos significativos.

E n'este cogitar esperava a cada momento vêr irromperem pela porta servos obedientes e curvados, trazendo-lhe trajos principescos. Era, decerto, de alguma festa que se tratava, e por isso se haviam disposto todos os moveis e decorações com a mesma originalidade artistica. Raphael decerto estava occupado d'aquelles preparativos, o que satisfactoriamente explicava a sua ausencia aos costumados passeios nocturnos.

Tranquillisada um tanto, e quasi jubilosa, dispunha-se a voltar para o leito, quando um suor frio lhe inundou a face.

Não estava sósinha! Á sua direita enxergou alguem que a olhava, á esquerda tambem, defronte d'ella egualmente, e eis que, por toda a parte, quatro, cinco, cem brancas apparições a rodeiam.

Tenta fugir, e todos aquelles phantasmas a perseguem.

Apavorada, Maria tapou pudicamente o collo com os braços...

Todos os espectros parodiaram o mesmo movimento. A joven então comprehendeu o successo.

Das janellas, das portas e do tecto caíram as colgaduras que os cobriam, sendo substituidas por espelhos d'enormissimas dimensões. Maria enxerga o seu corpo reflectido por elles, por todos os lados e em todas as attitudes: de pé, por deante, por traz, deitada, estendida de frente, de costas. Isto era uma phantasmagoria, uma successão continua de fórmas e imagens que a perturba, e faz córar!

E nem uma campainha! Nem um timbre!

A joven então gritou:

—Julieta!

Mas a voz perdeu-se na amplidão da sala, e não resoou nem transpôz a espessura macissa das paredes. Mas em que pensava ella, n'este momento? Onde tinha os olhos? Procurava os vestidos, e tinha-os ali mesmo ao lado!...

E verdadeiros fatos de princeza. O tecido é finissimo e brando ao tacto, o perfume é delicioso, as meias finissimas, os pantufos uma verdadeira preciosidade, a camisa de seda côr de rosa, e tão fina, tão macia, tão tenue que enrolada caberia na mão. Como tudo aquillo é regio e magnificente!... A joven encontra tudo rico em demasia, e novamente se tranquillisa. Mas como appareceram ali aquelles vestidos? Da mesma fórma mysteriosa como se operou a descida do leito pelo pavimento abaixo. Maravilhada e surprehendida pelas combinações dos espelhos, não dera bem fé do que ao seu lado occorria: mas que importa?

Sentindo-se feliz agora, por vêr confirmados os devaneios que a sua imaginação forjára e ver desenrolar-se aquelle sonho que a intrigou quando

acordára pegou na camisa, cujo finissimo tecido a seduz, e travando da mais roupa, dispôz-se a vestil-a.

Despiu a camisa, e procurou a outra de tecido tão fino, e d'uma côr tão delicada.

Mas onde está agora a roupa que acabou de despir? Onde está o seu elegante corpete, e porque é que apenas enxerga nas mãos aquella roupa de um cheiro tão grato? Envergonhando-se da sua nudez, foi forçada a vestir-se emfim com ella. Mas houve decerto equivoco, porque aquella roupa não lhe serve. É em demasia curta a camisa em cima, e os seus formosos e macios seios ficam completamente a descoberto, precisamente aquelles thesouros de neve que ella mais quizera occultar.

Sobresaltado o seu pudor, tornou a rebuscar a camisa que largára para velar as suas fórmas, que ficavam quasi nuas.

Não as encontrou, porém. Tel-a-hia acaso deixado na cama? Mas tambem lá não a achou!

Aquelle rebuscar inutil cançou-a. Não sabia o que pensar. Deveria estar assustada, e sente-se só fatigada e debil.

A atmosphera da sala está impregnada de perfumes que a estonteiam.

Quanto mais calor está, e mais perfumada a atmosphera, tanto mais, porém, as suas ideias tetricas se pacificam, e os seus sustos se desvanecem.

A imagem, todavia, da joven nos espelhos continúa a reflectir-se em posições diversas, e Maria, inconscientemente, deixou-se caír languidamente sobre um divan, sorrindo quasi satisfeita e alegre de vêr-se n'aquelle estranho trajo, reproduzida mil vezes pelos espelhos, em que póde observar todos os seus movimentos.

E Maria, cujos olhos tinham um brilho singular, sorria-se jubilosa. De subito córou, em consequencia de um movimento irreflectido seu: e, vermelha como uma cereja, encandeada pela luz viva do aposento, encostou-se a um velador com incrustações ricas que tinha deante. N'este instante o seu cerebro não era atormentado pelo estranho e arriscado da sua situação, nem se lembra de que está semi-nua, nem de que póde ser victima d'uma violencia, ou d'uma armadilha.

Sente-se como que embriagada e langue pelos aromas capitosos que a rodeiam: parece-lhe que fluctua no ar: o sangue estua-lhe e gyra precipitadamente nas veias, affluindo-lhe á cutis e rosando-lhe as faces.

De golpe apercebeu um livro aberto. Que livro será e de que tratará?... Olhou para elle e viu o nome do auctor. É do Aretino! Parece-lhe que se recorda do nome d'aquelle auctor, ao mesmo tempo thuribulario e flagellador dos reis, escriptor de penna venal, sceptico e libertino.

Entende não dever lêr aquelle livro, cujas paginas folheia machinalmente. O livro é todo cheio de illustrações, contendo gravuras tracejadas por buril habil. São talvez, cuida ella, reproducções de estatuas e imagens de algum museu, pois se lhe deparam mulheres nuas que brincam... Mas que estranho foliar!... Ha tambem homens... Em seguida homens e mulheres... A joven não comprehende aquillo. Pensa em outras coisas, ou, para melhor dizer, não pensa em coisa alguma.

De subito dilata os olhos d'um modo desmesurado. Comprehendeu en-

tão quão infame era aquelle livro. Viu n'elle decerto alguma coisa bem espantosa, pois que ficou como que suffocada: e, atirando para longe as gravuras obscenas, recostou-se no divan, com a cabeça entre as mãos. Mas os odiosos desenhos continuaram a perseguil-a como um pesadêlo. Para se livrar d'aquella obsessão, levantou a cabeça, abriu os olhos e assentou-se espantada.

Reparou então nos relevos de talha do divan, attentou n'aquella chorêa de cães e bugios enlaçados, e d'elles desprendiam-se, como effluvios malignos, a mesma excitação licenciosa, a mesma provocação vergonhosa.

Que horror! Que infamia! Que vergonha!...

O que fazer? Para onde irá? Por toda a parte as mesmas insidias...

Correu as portas. Fechadas! Correu á janella. Era uma janella fingida, substituida por um espelho. Mas a que horroroso lupanar a arrastaram? De que abjecta perseguição é alvo? Decerto que está ali enjaulada.

Cheia de desespero, contorce embalde os braços.

Tudo continúa, porém, no mesmo estado, sem que ninguem appareça, e decerto que se abandonasse aquellas suggestões impudicas chegaria a tranquillisar-se. Mas, de repente, pôz o ouvido attento, e escutou como que uns ligeiros, subtis e aereos sons harmoniosos. Era uma musica doce, embriagadora, d'um rythmo voluptuoso, interrompido por suspiros apaixonados e ardentes como o canto de amor de dois noivos felizes e novos.

As violas, as flautas e as harpas não deviam estar muito distantes, e parece que se faziam ouvir n'um aposento immediato. Dirigiu-se então para o tabique e examinou-o investigadoramente.

Porém a luz, n'este instante, apagou-se de repente.

O que iria agora succeder mais?

Prêsa de um terrivel susto, sentiu-se como que rolar no chão extenuada. Maria Bibiena, a virgem candida, a castidade personificada, permaneceu immovel e como petrificada.

Então n'este momento lobrigou, reflectida em um dos espelhos fronteiros, uma alcova illuminada por uma luz fortissima e uma mulher completamente nua, n'uma attitude indecente, com os olhos languidos e a bocca entreaberta, cabellos esparsos, os braços abertos e reclinada em coxins. Em seguida a porta abriu-se e entrou um homem espadaúdo, de estatura avantajada, de bom porte, e cujo garbo e elegancia eram realçados por um luxuoso uniforme militar.

Flora — pois era ella — aguardava-o, e, quando o viu apparecer, deu um salto direito a elle, attrahindo-o para os coxins em que estivera reclinada, e sentou-se-lhe desenvoltamente nos joelhos.

Cingiu-lhe depois, enlaçando-o, o pescoço com os braços, e o militar uniu os labios aos labios mimosos da bella.

O beijo foi longo, apaixonado, fremente, e, emquanto elle durou, Flora revolveu-se agitada e como que estonteada pelo prazer d'aquelle contacto labial. Elle continuou estreitando fortemente a cortezã contra o peito, até que o beijo, tão prolongado, terminou emfim. Mas parece que Flora pediu mais, e o militar, sorrindo, accedeu, como quem é amavel com as bellas.

Maria, erguendo-se de pé, olhou machinalmente.

Pouco a pouco as depravações que presenceava iam exercendo influencia sobre a sua imaginação encandeada.

Aturdida e estonteada pelos perfumes que trescalavam os ares da alcova, a joven começou a sentir-se invadida de uma curiosidade insana. Respirava offegante e precipitadamente, o sangue affluia-lhe violentamente ás faces d'um carminado febril, e sentia-se finalmente attrahida pelo desconhecido e pelo mysterio. Apparecia avida a Messalina, substituindo a que era a virgem mais casta e pudica. A vertigem attrahia-a, mas espantava-a ao mesmo tempo.

A propria Diana, a fria deusa de brancura de marmore, não teria podido resistir ante aquellas tentações repetidas e sabias, augmentadas ainda por artificios mysteriosos que operavam physicamente sobre os seus sentidos.

O seu desconhecido inimigo ia-a arrastando pouco a pouco, mas habilmente, mas arteiramente, ao que queria.

A joven não apartava os olhos coruscantes do par que estava amorosamente abraçado, e estremecia a cada um dos seus gestos e movimentos. A garganta contraía-se-lhe, a bocca seccava-se-lhe, e contemplava com terror e espanto, misturado de voluptuosidade, a reproducção de todas aquellas gravuras obscenas, — mas representadas ao vivo — gravuras e imagens que momentos antes tanto a haviam irritado no livro do Aretino.

Inclinada para deante, immovel, com o coração aos baques como se lhe quizesse estalar no peito, tão fortes eram os seus embates, com o corpo combusto de um fogo terrivel e desconhecido, contemplava avidamente todas as minucias e particularidades d'aquella depravação estudada.

Tão grande e profunda era a sua abstracção que não deu fé que se abrira uma porta, e que pelo macio tapete deslisára um homem, que se postára junto d'ella.

Leão X, cautelosamente escondido, assistira a todas as phases da aventura: graças a um orificio praticado no tabique, surprehendera e fôra testemunha dos espantos, dos receios, do abatimento da joven, da sua gradual excitação, e, finalmente, da especie de avidez com que contemplava aquelles jogos priapicos. (1)

— Eis chegado o momento! — pensou o Pontifice.

E de mansinho entrou no aposento onde estava Maria.

Aquelles preparativos de que fizemos menção tinham contribuido tambem não pouco para excitar o Papa, que com os braços abertos, o labio pendente e baboso, e com todos os symptomas de sordida embriaguez pintados na sua face livida, havia admirado as preciosas fórmas da donzella em camisa.

(1) O nosso unico fito é pintar aos leitores com toda a fidelidade os costumes licenciosos dos Papas. Se se lhes afigurar, porventura, carregado o quadro, enviá-los-hemos para a historia de Alexandre VI, por exemplo, e ahi verão a parte que aquelle Pontifice, modelo dos do seu genero, tomou nos torneios famosos com que se celebraram as bodas de Lucrecia Borgia, sua filha e sua amante.

(Nota do A.)

E tudo aquillo ia ser para elle! para elle! Aquellas delicadas linhas, aquella pelle fina por onde corriam calefrios de sensações voluptuosas, aquella carne ignorante das caricias do amor, tudo ia pertencer-lhe, ser d'elle!...

Oh! como elle se ia resarcir da longa espera, dos tormentos que lhe causavam os seus agudos e esporeantes desejos, dos seus ciumes!

Maria, entrementes, continuava absorta contemplando o erotico quadro.

Houve um momento mesmo em que estremeceu violentamente. Na desordem de sentidos em que estava, e em que o seu espirito naufragava, ella não tinha mesmo a consciencia do que lhe succedia, das sensações que experimentava.

Teria jurado que gosava tambem.

Como se não movesse, o Papa, tornado mais audaz pela escuridão e aguilhoado pelos seus desejos bestiaes, atreveu-se emfim...

E d'esta vez não restou duvida alguma á joven... A sua mão encontrára outra mão atrevida... Alguem estava a seu lado...

E não era possivel attribuil-o a tresvario da imaginação.

De repente o medo apoderou-se da joven, e, soltando um grito terrivel, d'um salto fugiu para uma das extremidades da camara.

O Papa não esperava tão rude resistencia. Voltou depressa a si da surpreza, e na penumbra que reinava no aposento, precipitou-se em perseguição de Maria.

—Miseravel! gritou Maria, que recobrára a calma dos seus sentidos.

Salvar a sua honra em perigo foi, desde aquelle instante, a sua ideia fixa, deante da qual tudo o mais desappareceu.

E a joven corria desassisada, esbarrando nos espelhos, e pondo como obstaculo entre ella e o desalmado que a perseguia e que ella não reconheceu, a cama, as cadeiras, a mesa, e quantos moveis topava na passagem. Porém a lucta não podia prolongar-se muito tempo em espaço tão estreito. Maria Bibiena tinha fatalmente de succumbir.

Chegou uma occasião emfim em que se achou entre o Papa e a parede, sem ter sequer uma arma.

O Papa, furioso, irritado de luxuria, lubrico, estava a dois passos de distancia apenas.

De subito afigurou-se-lhe que a parede a que estava encostada cedia. Mas não seria acaso ella que se sentia desmaiar? Não: o espelho, que cobria amplamente a parede, cedeu effectivamente.

É que Leão X esquecera-se de cerrar a porta por onde havia entrado. A joven precipitou-se rapidamente pela saída que se lhe deparava, e o Papa deitou a correr atraz d'ella.

Maria esperava poder chegar emfim ao ar livre, ou aos jardins do Vaticano, e ali gritar e pedir soccorro, reclamar emfim o auxilio do Pontifice.

A misera donzella encontrou-se n'um corredor interminavel.

Desatinadamente, doidamente, vertiginosamente correu, ouvindo sempre os passos do perseguidor desconhecido, que corria tambem esbofadamente, perseguindo-a como um galgo na carreira.

De repente Maria tropeçou, pouco lhe faltou para não caír ao chão. Por fim topou uma escada.

Se esta escada — pensou Maria — conduzir aos aposentos do Papa, estarei salva.

A pobre joven aventurou-se a galgal-a, alentada por uma vaga esperança. Deparou com uma porta; empurrou-a; ella afortunadamente cedeu, e Maria entrou.

A joven corria, derribando no caminho, entre ella e o furioso que não conhecia, quantos moveis podia encontrar.

Cap. xxxv.

Finalmente entrou n'uma ampla sala cheia de grandes estatuas. Estava sem duvida — cogitou ella — na Capella Sixtina.

Porém equivocou-se. Estava no infame, no ignobil, no obsceno museu reservado. Aquella collecção de estatuas vergonhosas, de baixos-relevos immundos, de joias e amuletos cynicos, passatempos dos frascarios e dos devassos da Roma antiga, regalo dos tyrannos do Baixo-Imperio, tinha-se convertido na diversão, no passatempo dos Papas da Roma moderna.

Os raios da lua que penetravam pelas janellas altas alumiavam o aposento, e pareciam satyros, priapos e phalos, renovando aos olhos da joven aturdida as espantosas scenas de ha pouco.

Horrorisada, quasi perdendo o tino, correu pela vasta galeria fóra.

—Soccorro!—gritou ella, quasi aniquilada.

Não poude, porém, continuar clamando, porque tropeçou n'um socco de marmore e caíu no chão. Detraz d'ella um grito de gaudio e victoria festejou esta queda.

Mohammed, que voltára de novo ás suas cogitações sombrias, sentia augmentar a sua tristeza e preoccupação.

O arabe selvagem tinha alguma coisa do instincto dos animaes do deserto. Apesar da sua constante e passiva obediencia a Leão X, que um dia o salvára da morte, não sentia pelo Pontifice, e não teria sabido dizer por que razão, nem affecto, nem respeito mesmo. Indubitavelmente existia entre os dois qualquer coisa que os separava. O que era? Devia ser qualquer coisa terrivel, sem duvida, e tenebrosa.

A estranha conducta do Papa inquietava-o, e no emtanto devia estar já bastante habituado a ella.

Havia dias que o Pontifice trabalhava a todas as horas e sem descanço: nunca se havia tratado de empreza tão ardua e mysteriosa: não cuidava senão de observatorios secretos, alçapões, saídas e entradas mysteriosas, tapetes, elixires e perfumes estonteadores e excitantes.

Que assumpto seria o que o Papa tinha entre mãos?

Decerto algum negocio pouco honesto, como era de uso. Algum desfloramento, uma violação que machinava. Mas quem seria agora a victima?

O que lhe devia importar a elle com isso?

Mas o que é certo era que, apesar de tudo, nunca assumpto da natureza d'aquelle o preoccupára tanto.

Jámais tambem, como hoje, dera ao Papa mostras de escrupulos. Porque tambem é certo que desde que o arabe se sentira ferido de amor por Maria Bibiena, o seu espirito e coração soffreram uma transformação cabal.

Elle, que preparava sempre com uma indifferença absoluta toda a sorte de geropigas e beberagens, abortivos, toxicos, armas envenenadas, sem curar de saber o fim d'estes petrechos de crimes, experimentava agora uma repugnancia invencivel em prestar-se á cumplicidade d'aquellas machinações que absorviam o Papa.

Comtudo, do sentimento repulsivo, e dos escrupulos instinctivos, ao acto de ir procurar as victimas e prevenil-as do perigo que corriam, havia grande differença, e até risco demasiado para elle, que não se abalançaria a arrostal-o.

Sem que o arabe soubesse dar a razão do phenomeno que se passava no seu intimo, o caso é que elle começava a amar a virtude, e que a imagem

d'aquella mulher o transformava depois de lhe ter embellezado o coração, tornando-o recto e humano.

Eis aqui a razão por que, attribuindo o que se passava em si á sua verdadeira origem, áquelle amor ideal, não se cuidando elle por si só capaz nunca do bem, consagrava áquella enternecedora donzella casta um culto fervente e entranhado.

No dia em que a joven se fôra hospedar no Vaticano, ao vêl-a, o arabe, que saía do seu gabinete de alchimia, afogou uma exclamação de surpreza e escondeu-se atraz d'um reposteiro.

Maria Bibiena, casta e magestosa como sempre, passou mesmo por deante d'elle.

Ia para o Vaticano.

—É sem duvida ella! -cogitou Mohammed comsigo.- Mas aonde iria ella, se aquella não era hora de recepção?... Aonde iria, demais a mais, por aquelle logar? Era fóra de duvida que se encaminhava para o pavilhão que fôra preparado sob a sua vigilancia e ordens, e mandado mobilar pelo Papa. Decerto que era ella que se ia alojar n'elle!...

Um servo confirmou-o n'estas suspeitas.

Alanceado por uma suspeita atroz, o arabe tratou de seguir a joven. Ao vêl-a entrar no pavilhão, mas dirigir-se para o primeiro andar, o arabe respirou mais desafogadamente e com mais calma. A principio receou que a joven se fosse hospedar na alcova dos perfumes, mas vendo-a subir para ali, os seus receios desvaneceram-se, e voltou para o quarto, a deitar-se.

—Estou doido!—matutava elle comsigo. Pensar que estivesse em risco a sobrinha d'um seu amigo, o cardeal, só podia lembrar a um doido!

E d'ali a breve trecho Mohammed resonava. Mas não dormiu muito tempo, e em breve acordou. Um pensamento, que passára riscando o seu somno, o acordou sobresaltado.

Lembrou-se que n'aquelle mesmo dia, em que involuntariamente surprehendera o Papa em colloquio intimo com Flora, terminára a tarefa do alçapão mandado fazer segundo as ordens do Pontifice, que esse alçapão communicava com o primeiro andar e que tinha aproximadamente as dimensões d'uma cama.

A joven, fatalmente, ia ser arrancada do seu somno e da sua alcova para o infame rez do chão. A casta e pudica pomba ia ser lançada ao enxurdeiro immundo. E fôra elle proprio quem preparára o alçapão infame!

Que castigo o seu, tão cruel!

O arabe vestiu-se á pressa, disposto a correr direito ao pavilhão.

Procurando o caminho mais curto, dirigiu-se para o museu, cuja communicação secreta com o rez do chão conhecia perfeitamente.

No momento em que o Papa se precipitava como um galgo sobre a presa, Mohammed, até então occulto atraz d'uma estatua, surgiu com uma lanterna na mão.

D'um relance de olhos comprehendeu a situação, e não poude suffocar um grito de raiva e indignação.

A joven ao caír, porém, não perdera os sentidos.

Ao ruido que fez Mohammed apparecendo, e ao vêr brilhar a luz da lanterna, Maria, presentindo um libertador que não via ainda, pôz-se em pé.

A sua vista desvairada apercebeu a lanterna do desconhecido, posta sobre o marmore d'um pedestal, e enxergou um grupo de dois homens, do qual um empurrava violentamente o outro.

Os movimentos dos dois arrastaram-os até á zona de luz, illuminada pela lanterna.

—Sua Santidade!—exclamou a joven, reconhecendo um dos combatentes.

Depois, presa d'um terror profundo ao reconhecer Mohammed, disse:

—O homem d'aquella noite!

Leão X surprehendera o gesto pavido e o olhar assustado de Maria: e o ataque nocturno de que lhe fallára o cardeal de Bibiena occorreu-lhe á memoria. A exclamação que a joven soltou fez-lhe adivinhar tudo, e instantaneamente, com um sangue-frio que teria merecido o applauso de Machiavello mesmo, comprehendeu todo o partido que poderia tirar d'aquelle equivoco da donzella.

A luz da lanterna que illuminava o aposento havia-o descoberto; e portanto, era preciso, primeiro que tudo, salvar as apparencias.

Todas estas ideias lhe cruzaram o espirito com a celeridade do raio.

—A mim!—gritou o Papa, surprehendido pelo ataque inesperado.

E repetiu o grito, engrossando mais a voz:

—A mim!

E de golpe precipitou-se sobre um timbre, e comprimiu-o com força, duas vezes.

Mohammed aproximou-se com modos respeitosos de Maria, n'este momento.

—Miseravel escravo!—pensou o Papa.

Mas ao vêr acercar-se o escravo a joven recuou, mais por medo do que por pudor.

—Não receeis nada, minha filha!- melodiou Sua Santidade cariciosamente.—Eu estou aqui para vos proteger!

O alchimista estremeceu de colera, ia a soltar um grito de protesto, quando a entrada dos famulos do Vaticano lhe suspendeu a exclamação.

—Chamae depressa os guardas!—ordenou o Papa.—Depressa!

Os creados executaram as ordens, fazendo signal, mesmo da porta, aos guardas suissos que estavam de sentinella na ante-camara proxima.

Mohammed, aturdido e maravilhado d'aquelle sangue frio de que se sentia incapaz, quedava immovel e como petrificado, não se atrevendo a erguer os olhos para a joven, que se escondia, como podia, atraz do pedestal d'uma das estatuas.

Os suissos, com as suas alabardas, entraram na galeria.

Leão X, aprumando-se com soberbo entono, trovejou então:

—Prendam este homem!

E apontou para Mohammed, que ululou indignado:

—A mim?

O Papa accrescentou, com maior entono ainda:

—Atreveu-se a attentar contra a honra d'esta joven, confiada á minha guarda. Quiz fazel-a victima do mais odioso dos ardís!

—Eu?—regougou o misero arabe.

—Se não tivesse sido eu, a pobre menina teria succumbido...

—Oh!

E os guardas cercaram Mohammed, cujas mãos se crispavam de indignação.

—Se fazes um gesto só—gritou o official—mato-te!

Graças a um supremo esforço de vontade, o arabe exclamou:

—Prendam-me pois!

E curvou a cabeça, apresentando os pulsos aos soldados que lh'os algemaram.

Leão X, então, acercou-se da joven que, encolhida, tratava de esconder a sua nudez o melhor que podia.

—Vou dizer a Julieta que venha ter comvosco!—disse o Papa carinhosamente.

Maria, n'um arranco de gratidão, pegou na mão do Papa e beijou-a.

—Obrigado—disse ella—por me haverdes salvo d'esse desgraçado, d'esse ingrato...

Mohammed, algemado, fôra reduzido a calar-se e a uma impotencia forçada. Empurrado pois pela soldadesca, passou por deante de Leão X, a quem saudou humildemente.

Mas com o coração rebentando de justa raiva murmurou, comtudo, em voz sumida:

—Eu me vingarei!

CAPITULO XXXVI

O Rato de Flandres

Os dois viajantes, a quem Lourenço, do fôsso em que havia caído e em que se achava sem se poder mexer, tomára por bandidos, sentindo-os aproximar, retomaram uma conversação, ao principio interrompida, mas que logo o socegou, e que acabou por fim de o intrigar bastante.

O que primeiro fallou disse:

— Voltemos lá. Já deve ter acordado.

— Pobre mulher! — exclamou o outro em um tom que denunciava um homem entrado em annos, e cujo metal de voz fez estremecer Lourenço, que lhe pareceu conhecel-a.

Os esforços que fez para reunir as suas recordações produziram-lhe, porém, tal dôr na cabeça, que não poude suffocar um grito.

Os dois desconhecidos não o ouviram decerto, porque o da voz grave continuou dizendo:

— Quando vir o seu filho ha-de receber a recompensa do que tem soffrido.

— Ai d'ella! — exclamou o outro.

— Receaes que o não encontre?

O velho disse:

— Quem sabe!

A mesma incerteza affligia sem duvida o outro, porque pareceu não ter achado resposta a isto.

Ambos os viajantes se calaram alguns segundos, e passado algum tempo o que parecia mais velho continuou:

— Quem póde affirmar que minha filha tenha lá ido?

— Mas como quereis que ella fosse a outra parte?

O velho a isto só respondeu com um suspiro entranhado, e disse:

Ouvi vozes e alarido para as bandas da montanha, que são pouco tranquillisadores. A infernal caçada continúa, e a perseguição de que somos victimas augmenta.

—Miseraveis!—exclamou o outro.

Lourenço escutou tudo sem comprehender.

Figurou-se-lhe que aquellas vozes articuladas eram palavras que significavam qualquer coisa que não soube precisar o que era.

Estava como que embriagado.

—Supponho—continuou o velho—que não será inutil redobrar as precauções á medida que nos aproximarmos de Torgau.

—Torgau!—pensou o sobrinho do Papa.—Eu conheço esse nome!

Não sabia nitidamente dizer se era nome de homem, ou de paiz, e repetia-o em voz baixa, forcejando por se recordar.

—Sim—respondeu o outro viajante—talvez seja prudente separar-nos.

—É tal e qual a minha opinião... Eu irei explorar o terreno, e vêr se posso averiguar onde minha filha Sara se refugiou com as creanças... suppondo que ella tenha ido a Torgau.

—Torgau!—repetia Lourenço, murmurando tambem o nome de Sara, que cuidára já ter ouvido.

—Vós e a mãe—continuou o velho—esperar-me-heis na estalagem do *Rato de Flandres*.

—Bom. Aonde fica?...

—Perto do Mercado Antigo, n'uma rua sombria cujo nome me não lembra, mas que facilmente encontrareis. O estalajadeiro é um correligionario, chamado Samuel, e podeis estar com segurança na casa d'elle, dizendo-lhe que sou eu que vos recommendo.

—Está bem.

—Logo que eu chegue irei ter comvosco.

—Como quizerdes, mas pensae bem—não receaes que tantas precauções nos sejam funestas? Deveis saber, por experiencia, que é perigoso separar-nos, e que é summamente difficil tornarmo-nos a encontrar.

—Deveremos combinar varios sitios em que nos deveremos encontrar successivamente... e isto é o que me parece mais acertado, sobretudo na nossa situação, crede-me! Bem vêdes que não tivemos motivo de nos arrependermos em mudarmos o trajo. O que teria sido d'ella e de vós se assim o não tivesseis feito? Reconheci tambem que tive rasão em vos aconselhar que não trouxesseis comvosco o recibo do falso Prierius.

Para Lourenço, porém, todo este dialogo não tinha grande significação. Procurava sómente reter os nomes: mas, no estado em que se achava, cada nome que ouvia proferir o fazia esquecer dos outros. Aquelle colloquio, que talvez em saude o tivesse illuminado e esclarecido, agora era-lhe completamente inintelligivel.

O desejo de ver os dois viajantes decidiu-o a levantar-se, fazendo um esforço.

Quando ergueu a cabeça, porem, os dois desconhecidos afastavam-se já um bocado, e só poude ver um d'elles, que parecia um fidalgo, e cujas feições masculas e viris se lhe figurou ter já visto. Quanto ao velho, ainda

que o viu imperfeitamente, fel-o estremecer, causando-lhe a mesma impressão que já lhe causára a voz.

A suspeita que lhe cruzou o espirito não durou muito, e fatigado do esforço que fizera para se levantar, deixou-se caír de novo no relvado, murmurando:

— Ousou attentar contra a honra d'esta joven, confiada á minha guarda... Attrahiu-a ao mais repellente dos laços.

Cap. XXXV.

— Não, não se parece com Abrahão, que tanto orgulho tinha da sua barba branca.

E, pela segunda vez, perdeu os sentidos.

Os nossos leitores terão comprehendido que Lourenço se enganára completamente. O velho era, de facto, o seu antigo escudeiro, é verdade que sem barba, e já sabemos as razões, o qual fallava com Luthero.

O pobre velho pae estava amargurado por não haver encontrado a filha no bosque, aonde a havia deixado mais as creanças, depois da aventura que já narramos.

Tão desolado ficou o velho por vêr que perdera a filha que recentemente havia encontrado, e Francesca tão aniquilada ficou tambem por vêr que lhe fugia uma tão doce e querida recompensa aos seus desgostos e trabalhos, que Luthero teve muita difficuldade em decidil-os a deixarem aquelle bosque perigoso.

—Minha filha!—exclamava o judeu.

—Meu filho!—gemia, lavada em lagrimas, a pobre mãe.

Durante uma hora não houve meio de pôr ponto n'aquellas lastimas e queixas.

O alvorecer do dia ajudou felizmente Luthero a persuadil-os, porque os adversarios não desistiam da sua perseguição, e urgia portanto fugir-lhes. Fugir mais uma vez! Fugir sempre!

—Mas para onde?—perguntavam elles.

Abrahão recordou-se de ter ouvido sua filha fallar em Torgau.

—Se ainda vive—disse elle—não póde ir senão a caminho d'essa cidade.

E esta foi tambem a opinião de todos.

Francesca despiu o seu habito de religiosa, e ficou novamente com o trajo com que antes se havia disfarçado de cigana. Luthero, que tinha os bolsos atulhados de pedras preciosas, conseguiu sem difficuldade trocar, em casa d'um joalheiro, uma por um punhado de ouro, com que tratou de comprar um fato de cavalleiro.

Combinaram em que deviam explicar os seus trajos e a companhia uns dos outros pela seguinte maneira: Luthero era um filho-familia, que em caminho para a Hollanda topára aquella cigana mais o pae. Salvára o velho e a rapariga de um ataque de ladrões: e, como o reconhecimento tivesse engendrado o amor, elle conduzia-os a casa dos paes, para obter d'elles permissão para as bodas.

Todas as vezes que o frade teve de dar aquellas explicações aos locandeiros perguntadores e coscovilheiros, não poude deixar de suspirar pensando na sua verdadeira promettida, que chorava talvez, áquellas horas, n'um convento maldito, antro de tantos horrores e torpezas, e do qual elle se ia afastando.

Porém jurára não abandonar Francesca emquanto a não puzesse em sitio de segurança.

Sentira affeição e amizade por ella, condoendo-se da sua infelicidade, que lamentára assim como ella. Além d'isso, ella estava-lhe tão grata por a haver livrado d'aquelles miseraveis, d'aquelles birbantes dos frades, de a ter ajudado a disputar a herança de sua mãe, e, sobretudo, de vêr o Giannino amado, que irresistivelmente elle interessou-se pelo seu destino.

Francesca na melancolia de Luthero adivinhára o seu amor. Querendo por isso provocar uma confidencia da parte de Luthero, revelou-lhe o seu amor pelo sobrinho do Papa, Lourenço, e elle confiou-lhe por seu turno a paixão que nutria por Catharina de Bora.

Depois de uma pequena resistencia de Luthero em que transparecia a

mais pura generosidade, combinára-se em que mal chegassem a Torgau, se não encontrassem Sara, se consagrariam a libertar Catharina.

Foi, pois, assim que se constituira a triste caravana, mais rica um pouco do que antes, mas nem por isso menos sombria, nem sujeita a ter que adoptar toda a sorte de precauções.

A caça aos judeus, que se ia generalisando, tornava effectivamente necessaria toda a sorte de cautelas. Por toda a parte encontravam os viajantes rastos de aldeias e povoações incendiadas: cadaveres fluctuando nos rios: desgraçados que vagueavam pelos caminhos, loucos pela sua miseravel situação e destino adverso: e bandos de soldadesca avinhada, avidos de pilhagem, de sangue e violações.

A medida que avançavam, enxergavam mais nitidamente as montanhas abruptas, coroadas de ramaria verde-escura, e deprehendiam que se o local era favoravel para coio de foragidos, apresentava mais vantagens ainda para emboscadas.

Foi n'uma d'essas suas frequentes paragens, a que as estradas cada vez mais detestaveis os forçavam, que Luthero e Abrahão, voltando de uma das suas explorações, praticadas emquanto Francesca dormia, passaram perto de Lourenço.

Pobre Lourenço! que supplicio tão atroz teria sido para elle, impossibilitado como estava de gritar por soccorro e de se mover, se podesse saber que estava tão perto da mulher amada, cujo rasto ia perder talvez para muito tempo!

O *Rato de Flandres* não era uma locanda, nem uma taberna, nem uma baiuca.

Era uma casa de modesta apparencia, em que, por um preço relativamente modico, se encontravam quartos mobilados. Pertencera em outros tempos a um judeu chamado Schwab, mas na época de que fallamos tinha mudado recentemente de dono.

Schwab morrera d'uma congestão pulmonar, desgostoso por um roubo consideravel de que fôra victima.

Os dois proprietarios do *Rato de Flandres*, pois eram effectivamente dois na actualidade, acabavam de almoçar na sala baixa do corredor d'entrada, que servia de quarto ao porteiro.

A desordem da mesa, e os restos das viandas que ainda se viam n'ella, provavam que os novos proprietarios tinham acabado de almoçar, e, mais que tudo, beberricado bem: e provava-o talvez ainda mais que outra qualquer coisa a desordem dos seus cabellos, que deixavam vêr a presença de cabelleiras, facto estranho que revelava que os proprietarios desejavam occultar a verdadeira côr dos pêllos occipitaes.

Uma peruca ruiva tapava os cabellos já encanecidos d'um, e uma cabelleira branca occultava os cabellos louros do outro, que possuia além d'isso barba ruiva salpicada de pêllos brancos já, e uma espessa bigodeira, militarmente retorcida, ainda que nada de militar tivesse o córte do seu fato.

—Á tua saude, meu velho Annibal!

—Á tua, meu velho Spavento!

Eram com effeito os nossos dois chibantes, os nossos conhecidos espadachins, os Orestes e Pylades da carreta voltada, os sacrilegos rapinan-

tes da espada do archanjo, os salteadores de estradas, ou das expedições nocturnas sempre fructuosas.

Mas em que estado!

Nem sequer já possuiam espada! Que aventura adversa os teria posto em tão critica situação?

Ora! as desventuras mais simples do mundo, as desventuras que deve esperar sempre o homem que se dedica a misteres taes.

Depois de haverem galhardamente cingido a formosa espada do archanjo S. Miguel, a qual não deitava chammas nem resplandecia senão quando se brandia ao sol, ou ao pé do fogo, Spavento, seguido do seu confrade, internára-se pelas montanhas.

Ali, depois de uma tal ou qual rapinancia, de uma tal ou qual violencia, de um tal ou qual triumpho d'amor nem sempre obtido pela persuasão, depois de uma tal ou qual excursão aos bolsos do visinho ou aos seios da visinha, depois de pilhagens audazes, de victoriosas empalmações, taes como a captura de uma ou duas manadas de bois roubados a uns soldados, que por seu turno os haviam saqueado a uns judeus e revendido a uns mercadores de gado, não contentes com o silencio protector das desertas montanhas, desceram d'ellas, até que um dia viram cortada a retirada por um bando de homens armados, sem nenhumas noções de civilidade.

Accrescentae a isto que taes feitos lhes haviam grangeado uma fama perigosa e obstinada como a tunica de Nessus...

Por toda a parte haviam posto a sua cabeça a preço, por uma somma quantiosa.

Mas como esta parte do seu corpo, tão interessante como necessaria, lhes parecia digna de ser conservada, depois de certas duvidas e hesitações, proprias de todas as grandes decisões, decidiram-se a praticar um acto de audacia.

Annibal propoz regressarem a Roma, apesar de que a mesma Roma não deixava de offerecer seus riscos para os dois aventureiros. Demais, como elle não tinha já o coração preso a nenhum laço de familia, visto que a sua infeliz irmã fallecera, de cuja triste nova obteve a confirmação por uns viajantes a quem alliviára do peso das bagagens, depois de profundamente cogitarem, resolveram apresentar-se, como elles diziam, como homens do mundo.

Vestidos de modestissimos camponios aventuraram-se á povoação, depois de haverem assegurado a retirada, escondendo as espadas e guardando prudentemente as economias.

Disfarçados d'esta sorte passearam deante das barbas da justiça, comprehendendo que era o melhor modo de provar que as suas consciencias nada tinham que arrecear-se d'ella. Para não perderem porem o vêso praticaram varias surripiadellas em diversos burguezes, e entre elles no pobre Samuel, cujo roubo, como sabemos, lhe causou a morte, depois da qual Annibal e Spavento conceberam a ideia, realisada sem delongas, de comprarem a hospedaria.

Isto tinha a vantagem, além de lhes proporcionar um asylo, de lhes dar uma certa importancia e de os transformar em pessoas de bem, e respeitaveis.

Logo que comprarmos o estabelecimento — diziam — aguardaremos n'elle o advento de dias mais prosperos dedicados ao commercio.

Pela phrase *dedicarem-se ao commercio* entendiam elles explorarem o seu semelhante.

Apesar de tudo, ao cabo de oito dias, a sua permanencia n'aquelle canto do mundo começava a tornar-se-lhes fastidiosa, de cuja magua se consolavam bebendo copo sobre copo, ora kirsch, ora aguardente.

Se tivessem ao menos esperança de poderem fazer uma grande partida, um golpe audaz!... Mas, como se fosse por artes do diabo, desde que ali se haviam installado não se havia hospedado lá senão um pobre diabo, que mal podia pagar o aluguer d'uma alcova, durante uma noite. E elles, que só haviam sonhado com velhos ricaços, banqueiros pôdres de ricos, passavam pela amargura de verem os seus quartos vasios!

Eis aqui porque Spavento tinha o vinho melancolico, e eis porque evocava as suas recordações, com os olhos marejados de lagrimas, dizendo:

— Recordas-te d'aquelle gordachudo mercador de Hamburgo? Que bem fornidos alforges, e que grossa maquia de florins que elle levava! E não havia ali ninguem que lhe fosse acudir! Aquillo sim, que foi um negocio *d'arromba!*

Annibal, um pouco alegrote tambem, referia suas aventuras galantes.

— Lembras-te d'aquella graciosa morena a quem eu arregacei as saias n'um cotovello do atalho?

— Sim, e que depois...

— Quando o marido veio era já tarde?

— Pobre moleiro d'Heidelberg!

— E a viuva do juiz d'Insprück?

— Sim — murmurou Spavento — gaba-te d'essa!

— Porque? Não tinha ainda bem boas carnes?... Atreves-te a dizer que não era uma mulheraça?

— Não digo isso.

Então o que tens a dizer d'ella?

— Digo que m'a roubaste.

— A ti?

— Sim.

— Deixa-te de farofias! O que terias tu feito d'ella, pobre velho?

Spavento, ultrajado, poz-se em pé.

— Annibal!...

Por causa dos seus annos era talvez menos ardego com as bellas, e menos frascario, mas mortificava-o em demasia que fizessem allusões á sua juventude decadente.

Por isso abrira a bocca para responder, e Annibal conhecia já essa resposta, que era a historia cem vezes referida d'um episodio que lhe succedera na montanha.

Certa tarde em que Annibal rondava sósinho a montanha, saltando de barranco em barranco, de fraguedo em fraguedo, de escarpa em escarpa, achára-se frente a frente com uma aguia descommunal, que é o animal mais raro d'aquelles sitios.

Perto d'ali tinha o ninho, aonde se revolvia, inquieta, a cria.

O animal, ao vêr que lhe invadiam os dominios, alçou a cabeça, fitando, irritada, o atrevido, e avançando para elle com as garras aduncas, em tom de guerra.

Annibal, o espadachim inabalavel, teve medo. Urge, porém confessar que lhe sobravam razões para tal, porque o animal, que era capaz de arrebatar nos ares uma creança, não teria levado muito a tirar-lhe os olhos, ou a cortar-lhe a guela. Por isso Annibal gritou como um desesperado. Spavento acudira prestes, e o passaro, deante da espada refulgente do archanjo, fugira magestosamente, ainda que para curta distancia, d'onde se poz d'um fraguedo a vigiar os dois intrusos.

Este successo dera ao mais velho dos aventureiros certo ar de superioridade sobre o mais novo.

Se a Spavento o molestava bastante ouvir fallar da sua edade, Annibal maldizia a graça da aguia, que Spavento contava com muito sal e chiste, sem omittir minucia alguma.

Porisso o irmão de Flora, vendo vir aquella aventura á baila, dispunha-se a interromper o companheiro, quando este exclamou com extraordinario gaudio:

—Até que emfim!

E atirou-se, por assim dizer, para a janella, em frente da qual estava sentado, ao passo que designava a Spavento aturdido um frade cachaçudo que passava, acompanhado por um homem de longas pernas delgadissimas, embrulhado n'uma capa verde.

—É elle! É elle!—exclamou com crescente alegria.

Tetzel, que elle ha tanto tempo desejava encontrar, estava em Torgau.

O amor á rapina acordava de novo n'elle poderosamente, e, ao mesmo tempo, justo é confessal-o, o desejo de vingar a sua querida irmã Flora.

Debruçado sobre a janella aberta seguia com olhar avido o frade que se afastava, e dispunha-se já a ir-lhe no encalço, quando uma voz, sua conhecida, o fez estacar.

—Não conheceis o nosso grande prégador?—disse a voz.

O que assim fallava era o pasteleiro do lado, pasteleiro rechonchudo, que observára todos os movimentos d'Annibal.

—E vós?

—Ora se o conheço!

Contendo-se um tanto Annibal, a quem demais a mais por traz Spavento segurava pelas abas do casaco, dissimulou, comprehendendo que, sem se comprometter, poderia talvez obter informações ácerca do que desejava.

Por isso disse com naturalidade:

—Não está aqui de passagem?

—Não. Ha já alguns dias que aqui mora, mas não prégará por ora. Parte na terça, mas ha-de voltar mais tarde a beneficiar-nos com os nossos futuros logares no paraiso.

—O que dizeis?

—Sim: com a parte que nos possa caber no paraiso.

—Bem ouvi.

— E o que quer dizer isso? — perguntou Spavento maravilhado. — Quereis dizer-me que casta de beneficio é esse?

— É coisa simples: é a venda das indulgencias.

O pasteleiro, apiedado da ignorancia dos dois espadachins, explicou-lhes todo o espantoso caso. Elle já ouvira prégar aquelle grande homem, e,

Indicava a Spavento assarathopado um frade dominicano cachacudo que passava, acompanhado de um sujeito muito esguio e de pernas muito compridas.

CAP. XXXVI.

á sua parte, havia já comprado a sua felicidade futura, ao preço de trinta ducados. Mas acrescentou que vira quem a comprára até por duzentos florins.

— E aonde vive esse santo varão? — perguntou Annibal, que não perdia a sua mira de catrafilar aquelle santo.

— No bispado, como legado que é do nosso Santo Padre.

—Estimo sabel-o!—murmurou o irmão de Flora.

Spavento advertiu-o, por meio d'um beliscão, que se estava compromettendo deploravel e imprudentemente.

—Dizeis—continuou elle todavia—que aufere muito dinheiro das indulgencias?

—Muitissimo, visinho.

—Ah! Ah!...

D'esta vez, porém, ambos os companheiros não puderam refrear a mesma exclamação.

O pasteleiro continuou:

—Recebe-o aos saccos, em mulas carregadas, em carros atulhados de ouro.

—Caramba! Caramba!

—Tem aqui o seu quartel-general.

—Devéras? disse Annibal, a quem tudo isto começava a fazer vertigens.

—Mas—ajuntou Spavento—que diabo faz elle a tanta dinheirama?

—Já vol-o disse: resgata as nossas faltas, e compra-nos um assento na região dos bemaventurados.

—Decerto que o não póde fazer directamente?

—Não; mas envia para o Vaticano essas quantias, que...

—E o Papa, sem duvida, se encarrega de as mandar para a região dos bemaventurados?

—Tal e qual, mas descontando, já se vê, das ditas sommas a parte precisa para as necessidades da Egreja...

—Pateta! —murmurou baixo Annibal, em perfeito accordo com a intenção do collega, que pensava que tambem as suas necessidades particulares exigiam que tomasse uma parte d'aquelle dinheiro.

—De modo que agora...—disse o irmão de Flora.

—Agora todo o dinheiro estará no bispado—adeantou-se a dizer Spavento.

—Não—respondeu o pasteleiro.

—Ah!

—Ha alguns dias já que foi remettido para Roma, em carros bem escoltados.

—Que formoso espectaculo! ciciavam em voz baixa e com olhos gulosos os dois amigos.

—Não ha escolta que valha—pensavam os dois—se houvesse homens resolutos e decididos na montanha. Não teriam deixado passar o comboio sem terem travado relações com elle.

E, como não podiam remediar tal catastrophe, ambos os aventureiros suspiraram.

—Vel-o heis quando voltar da sua missão ás cidades do centro.

—Depressa o veremos! respondeu Spavento, calando-se de chofre, porque Annibal acabava de lhe advertir que se calasse, dando-lhe á sorrelfa um pujante sôco.

Depois d'isto, como já sabiam quanto queriam, agradeceram ao visinho despedindo-se d'elle, e fecharam a janella.

Quando se viram sós em casa, olharam um para o outro.

—Carros cheios d'ouro!—exclamaram.

Com o coração rebentando de gaudio, os olhos esbugalhados, apalpavam instinctivamente a espada, que brilhava pela ausencia.

—Meu amigo!—dizia Spavento.

—Meu querido irmão!—melodiava o outro.

—Quando esse homem começar a sua missão...

—Nós começaremos tambem a nossa.

—E tornar-nos-hemos, ao mesmo tempo, senhores do convento...

—E que senhores! deuses!

—Tens razão, visto que ambos teremos apaziguado as deusas, tu a da Vingança, eu a da Fortuna.

—Essa apazigual-a-hemos os dois.

—Meu irmão!

—Meu amigo!

E, dizendo isto, atiraram-se enternecidos aos braços um do outro.

De repente o seu enthusiasmo cessou.

Acabavam de bater duas pancadas á porta.

Ainda o Rato de Flandres

(CONTINUAÇÃO DO CAP. XXXVI)

Tetzel proseguia no emtanto o seu caminho, fraternalmente encostado ao braço de Frick-Frick, bem ignorantes, um e outro, que haviam em tão alto grau chamado a attenção dos dois aventureiros.

O frade e o seu amigo pararam deante do paço episcopal.

—Sóbe um momento—disse Tetzel.

—Pois sim, já que vamos a resolver o negocio—respondeu Frick-Frick.

E os dois amigos entraram no aposento do dominicano, que estava ainda em completa desordem.

No meio da casa havia uma grande mesa cheia de iguarias, de pratos e de garrafas, na maior parte vazias, o que dava áquelle logar a apparencia de qualquer coisa identica ao que vimos em casa de Annibal e Spavento.

Nos armarios, detraz de uma rima de pasteis e doces, alinhavam-se triumphantemente uma grande quantidade de garrafas cheias, de todos os tamanhos e feitios, pançudas como Tetzel, compridas como Frick-Frick, e todas cobertas de poeira.

Era a um tal espectaculo que sem duvida alludia Boileau, quando escreveu:

«A deusa, quando entrou, viu posta a mesa—e o olhar reconheceu a Egreja, amiga de papar.»

Tetzel não podia permanecer inactivo de sermão a sermão, e dava seu sopapo no bolsinho do Papa, além de que, graças ao que lhe cabia de gratificação, fazia-se hospedar pelos prelados, em cujos palacios se installava, não precisando, portanto, de coisa alguma. O que elle não dispendia com frascarias e loureiras, mais ou menos beatas ou sagradas, arrecadava-o sem pudor no fundo das suas inesgotaveis algibeiras.

Frick-Frick, certo de que ninguem os podia ouvir, depois de ter esgotado uma taça de vinho da Hungria, bifurcou-se n'uma cadeira e apoiou as pernas ao fogão, de fórma que se assemelhava a um V maiusculo.

—De fórma que—começou elle—ainda não recebeste do Papa resposta ácerca da herança?

—Não—disse Tetzel, deitando nas guelas um copo de kirsch, para abrir o appetite.

—E comtudo não podemos esperar toda a vida!

—Decerto!

—Tambem sou d'essa opinião, e confesso-te que me surprehende que Leão X me não tenha enviado communicação alguma.

—Realmente!...

—E eu pul-o ao corrente de tudo. E como o interesse é o rei do mundo, creio que o temos seguro.

—É claro que tem necessidade de nós!

—Temol-o seguro e bem seguro, repito-t'o eu!

Bebeu um trago prolongado, e, depois de ter saboreado bem, continuou:

—Tens grande sorte em me haver encontrado!

—Estou conforme!

—Via-te em caminho de fazer asneira sobre asneira.

—Convenho n'isso—disse Frick-Frick com humildade.

Era preciso que se sentisse bem culpado para engolir a reprimenda, sem replicar palavra, aquelle homem de caracter altaneiro, que vimos dominar a todos na tumba da miseria.

Lisonjeado pela importancia que lhe concediam, Tetzel continuou:

—Ter lido e aberto o testamento de soror Noemi...

—Julgo que não dirás que isso é mau!...

—Não é bom...

—Ah!...

—Ter procurado assassinar...

—Desculpa, eu...

—Pois bem, digamos envenenar, se preferes assim. Ter tentado envenenar Francesca Pandolfini, isso então foi uma coisa abominavel...

—Concordo comtigo, mas...

—Mas o inconcebivel, o que nunca te perdoarei é que tu, depois que a Providencia, sob uma fórma desagradavel, é certo, a salvou uma vez das tuas mãos,—advertindo-te assim,—tu, sem fazer caso d'essa advertencia, lhe abrisses debaixo dos pés um alçapão, e te encarniçasses em perseguil-a com tal perrice.

—Mas emfim—observou Frick-Frick, a quem ja começava a entediar o tom ancho e importante que tomava o frade, sem comtudo deixar de beberricar—ao cabo de tudo, afinal de tudo, nada está perdido, visto que ella não morreu!...

—E não convém que morra, pelo menos até nova ordem.

—E verdade.

Tetzel atacou galhardamente um pastel de carne de veado que irrigou com um demorado trago de vinho de Alicante, e depois continuou serenamente:

—Resumamos: Se Francesca tivesse morrido poderia o Papa muito bem prescindir dos nossos serviços! Pelo testamento, os vinte milhões de ducados iriam caír directamente no cofre de S. Pedro, sem que coisa alguma viesse caír no nosso cofre particular...

—É verdade!—repetiu, contrito, o homem da capa verde.

Agora, pelo contrario, como ninguem sabe aonde se sumiu essa herdeira, nós, que estamos certos de dar com o seu coio, podemos dizer ao Papa:- Só de nós depende que ella morra... mas este serviço vale bem dois milhões d'esses vinte que recebereis.

—Decerto!

—Aceitaes? dir-lhe-hemos nós. É negocio concluido. Recusaes? N'esse caso protegel-a-hemos.

—N'uma palavra, impomos-lhe condições.

—Tal e qual.

—Mas urge proceder sem perda de tempo! Tenho motivos fundados para acreditar, por varios indicios, que deve dirigir-se para Torgau, e não deve tardar a chegar aqui, se não chegou já,—o que explicaria o silencio dos meus espias.

—Oxalá que seja assim!

—A não ser que....

Frick-Frick suspendeu-se um momento.

—A não ser que as nossas condições ao Pontifice não sejam atrevidas. Suppões que não nos guarde reserva por ellas?...

—Elle! O que, homem! Tem, em primeiro logar, muita necessidade de mim, e, depois, ganha dezoito milhões, sem trabalho algum! Faz um negociarrão. Nós contratamos uma empreitada, da qual nada cobramos senão depois da obra feita, tomando, já se vê, as nossas precauções, e exigindo garantias...

—Está visto.

—Além d'isso, emquanto esperamos, não poderiamos nós embarrilal-o e fazer-lhe pagar a ella um resgate?

—Isso não...

—Em quanto avalias tu os diamantes que ella traz comsigo?

—Em quinhentos mil ducados.

—Isso é pouco. Vejo que é melhor obter os dois milhões do Papa.

—Decerto.

—Portanto, se a encontrares, o que fica combinado na nossa discussão, é que não lhe toques, nem n'um cabello sequer...

—Diabo! É o melhor. Fica sagrada para mim e para a minha gente! Ainda que estivesse doido por ella de amores, não a respeitaria mais.

—É o que eu desejo.

N'este momento entrou um criado.

—O que queres?—perguntou Tetzel.

O criado, sem responder á pergunta, annunciou com voz grave:

—Sua eminencia Lourenço de Medicis, emissario de Sua Santidade.

Os dois homens, como movidos por uma unica mola, puzeram-se de pé.

—Introduzi-o.

A porta abriu-se de par em par, e Lourenço entrou.

Estava pallido, fatigado pela longa jornada que tivera que fazer, depois da sua queda, e sobretudo muito commovido por saber que ia ficar inteirado do pergaminho que lhe escaldava os dedos. Trazia na face ainda uma cicatriz, mal cerrada.

—Estaes ferido?—perguntou-lhe o frade.

—Oh, não é nada. Uma ligeira queda!

O cachaçudo inquisidor da Allemanha aproximou de Lourenço uma cadeira, com obsequioso afan.

—Sois vós Tetzel?—perguntou o moço.

—Em pessoa.

—Antes de tudo, portanto, eis o que tenho ordem de vos entregar da parte de Sua Santidade.

E começou a tirar do seio o pergaminho mysterioso, cujo segredo, de que ia emfim tomar conhecimento, o fazia estremecer.

—São as ordens que esperavamos, sem duvida—disse Frick-Frick, deante do qual o frade dissera a Lourenço que podia fallar sem receio.

—Sem duvida—respondeu Tetzel.

E, inclinando-se, pegou no pergaminho que Lourenço lhe entregou, quasi constrangido.

Quebrou os sellos rapidamente, e tão commovido estava que não attentou na anciosa turbação que se reflectia na face do sobrinho do Papa.

N'um relance d'olhos percorreu o pergaminho.

A sua face resplandeceu jubilosa.

Lourenço sentiu um sobresalto, mas dominando a emoção, perguntou com voz sobranceira:

—Ser-me-ha permittido inteirar-me do documento?

Tetzel immediatamente lhe entregou a carta pontifical.

Eis aqui o que ella continha:

«A mulher de que me fallaes não deve estorvar mais tempo a Egreja, e retardar a nossa liquidação da herança. Se é preciso dar dois milhões, estão desde já concedidos.»

—Era o que eu pensava! Uma infamia!—pensou Lourenço.

Reprimindo porém a sua indignação, disse em voz alta:

—E então a mulher?...

Tetzel fez um gesto caracteristico, e com voz mellifluа, ajuntou:

—É para bem da Egreja!...

—É justo!—disse Lourenço, em voz clara e vibrante.

E alentado pela vontade de se não trahir, o moço cardeal approvou tudo que elles disseram.

Lera a ordem de assassinar uma mulher, e cogitava comsigo:

—Mais uma infeliz sacrificada!

E ajuntou, no seu fôro intimo:

—Que enorme total para o dia do saldo das contas!

—Isto muda o caso de figura—disse Frick-Frick.

Lourenço afastou-se subtilmente uns passos para deixar os dois birbantes combinarem nos meios a empregar para o assassinio projectado.

Que esforço tão grande de vontade não lhe seria preciso para se man-

ter sereno, se soubesse a mudança que elle viera operar, se tivesse comprehendido que ha pouco tempo, graças á avareza de Tetzel, aquella que mais amava na vida estava salva, e que fôra elle que acabava de ser o portador da sua sentença de morte!

—Visto isso—dizia Tetzel—temos carta branca, é certo! Mas o mais difficil está por fazer ainda...

—Descança!—respondia Frick-Frick, com entono de convicção absoluta—não ha-de tardar muito que eu a encontre... Não sei porque, inclino-me a crêr que estão em Torgau.

Lourenço sobresaltou-se. Aquelle nome avivou-lhe na memoria recordações confusas.

Ia a perguntar-lhes quem era a mulher, quando Frick-Frick estremeceu e disse imperativamente:

—Silencio!

Na rua ouviam-se os assobios d'um apito.

—Estão a chamar por mim...

—Algum dos teus?—perguntou Tetzel.

—Tal e qual.

Frick-Frick comprimentou Lourenço de Medicis, que estava espantosamente agitado, e encaminhava-se para a porta, quando o frade o suspendeu, dizendo-lhe ao ouvido, em voz sumida:

—Confio em ti, mas...

—Mas o que?

—Que não te deixes ficar...

Frick-Frick encolheu os hombros, dizendo:

—Estou já acostumado.

E saíu.

Um moço de cervejaria, encostado á parede fronteira, esperava, com os braços cruzados indolentemente. Frick-Frick acercou-se d'elle, e perguntou-lhe:

—Ha alguma novidade?...

—Sim. Parece que duas pessoas corresponderam aos signaes que destes.

—Um frade e uma freira?

—Não, um fidalgo e uma cigana.

—Podem ter mudado de fato no caminho. Apesar de que uma cigana... Não importa. Vou vêr. Aonde foi isso?

—No *Rato de Flandres.*

—Perto do *Mercado Velho?*

—Ahi mesmo.

—Hospedaram-se ali?

—A noite passada.

—Está bem.

Lourenço, da janella da casa de Tetzel, viu Frick-Frick separar-se do moço, depois de ter proferido em voz baixa o que acabamos de ouvir.

O homem da capa verde dirigiu-se apressadamente para a cidade.

O moço entrou em casa do frade.

CAPITULO XXXVII

Um alliado por quatro inimigos

Ao ouvirem as duas pancadas á porta da estalagem, ambos os proprietarios do *Rato de Flandres* se apressaram a compôr as cabelleiras, afivelando a mascara de falsos estalajadeiros.

Annibal correu a abrir. Os que batiam eram Luthero e Francesca.

—Tendes dois quartos disponiveis?—perguntou o frade.

—Sim, meu rico senhor!—respondeu Spavento, que se acercou—Tenho dois bellos quartos proximos, de que vos asseguro que gostareis.

Emquanto Spavento examinava com olho intelligente os recem-chegados, que não lhe pareceu conhecer,—pois que não vira Luthero senão um momento no caminho e em habito de frade—este, pela sua parte, depois de ter feito sentar Francesca, que vinha extenuada da viagem, lançou um olhar sobre o estranho aspecto da casa, cuja vista, sem fallar dos curiosos typos, e a voz melliflua dos hospedeiros, lhe originou suspeitas.

Na realidade era singular a estalagem que lhe recommendára Abrahão!

—Com licença—disse elle dirigindo-se a Annibal—Sois o compadre Samuel Schwab?

—Não, senhor.

—Sois vós, então?—perguntou, dirigindo-se a Spavento.

—Perdão, tambem não sou.

—Mas então...

—O pobre homem morreu ha oito dias.

—E nós somos os seus successores... ás ordens de vossas senhorias.

—Ah! Ah!

Esta dupla exclamação era singularmente significativa.

—Não perdereis decerto na substituição—affirmou Spavento.

—Não digo o contrario.

Spavento ia continuar a fallar, pois sabia que não ha nada peor do que o silencio que deixa reflectir, porém teve que suspender-se para dar um valente beliscão no braço de Annibal, porque este effectivamente, deixando-se levar pelo instincto e pelo costume da profissão, dava voltas á roda de Francesca, mirando com olhos gulosos os brincos que ella trazia nas orelhas.

—Mostrae-nos os nossos quartos—disse Luthero.

O senhor e a senhora terão a bondade de nos dizer aonde estão as suas bagagens.

—Não trazemos.

Depois de ter consultado com o olhar o seu amigo, Spavento, aprumando-se com indignação, trovejou:

—Não teem bagagem! Não teem bagagem!... Não sei se os deva admittir... Que dizes tu, Haus?

Esta pergunta dirigia-se a Annibal, que murmurou:

—Effectivamente...

Luthero, que esperava, ao que parece, a objecção, retrucou:

—Pagando adiantado...

A esta palavra decisiva os dois amigos inclinaram-se.

—Então, perfeitamente—disseram em côro, e ambos estenderam ao mesmo tempo as mãos, para receberem a paga.

—Esperae um pouco—disse Luthero.

E ajuntou logo:

—Podeis dizer-me se ha aqui algum joalheiro proximo?

Esta pergunta foi uma revelação para os dois bandidos, que viram immediatamente o caso com nitidez. Visto que os hospedes tinham necessidade de um joalheiro para lhes venderem joias, era evidente que para elles se lhes proporcionava um bom negocio.

Quando Luthero se dispunha a saír, Annibal, postando-se entre as duas hombreiras da porta, disse com resoluto entono:

—Não saireis d'aqui!

—O quê!?—disse Luthero, recuando um passo.

Não, não!—confirmou Spavento, advertido por uma olhadella do seu collega.

Annibal proseguiu:

A verdade é que, primeiro que tudo, não sei quem sois! Além d'isso os vossos trajos, que podem muito bem ser dois disfarces, não estão de accordo, e não tendes bagagens... Quem sabe se não tendes mesmo um ceitil... Tenho direito a pensal-o assim... Somos burlados tanta vez!...

—Ora essa, vós!—exclamou Francesca.

Este incidente desesperava-a. Como Abrahão lhes tinha marcado aquelle local como ponto de reunião, como alli deveria saber aonde parava seu filho e o local em que o poderia encontrar, teria dado, para passar a a noite no *Rato de Flandres*, o diamante mais valioso que possuia.

—Enganaes-vos!—disse Luthero, tentando fazer embalde calar Francesca.

—É o que ainda se ha-de vêr!—respondeu Spavento.

E com voz tremebunda, bradou, dirigindo-se ao collega:

—Haus, vae chamar a justiça, o burgo-mestre, toda a gente...

O pobre Spavento teria bem evitado seguir o conselho que dava ao amigo, visto que seria elle o primeiro a caír nas mãos da justiça: e com elle não haveria grandes ceremonias de julgamento: tão depressa catrafilado, como logo enforcado!

Assustada com a ideia d'um escandalo que poria de sobr'aviso os seus inimigos, e antes que Luthero a pudesse impedir de commetter a imprudencia, Francesca tirou um diamante da algibeira, dizendo:

—Pagae-vos.

—Imprudente!—murmurou-lhe baixinho o companheiro.

Á vista da joia rara Annibal e Spavento estacaram de boca aberta. A pedra tinha o tamanho d'uma avellã.

—Perdoae! balbuciou Spavento—Eu receava... Estou tão escarmentado!... Perdoae!... Eu vou acompanhar vossas senhorias aos seus quartos...

Annibal, com attitude humilima, acrescentou:

—Vou correr a casa do joalheiro.

—Está bom—disse Luthero seccamente.

E enfadado pelo aspecto que as coisas tomavam, impelliu Francesca para a escada e desappareceu atraz d'ella, sem consentir que o acompanhassem.

Mal a porta se fechou, Spavento, que de longe lhes indicára os quartos, foi reunir-se ao cumplice e puzeram-se ambos a contemplar a refulgente pedra preciosa.

—Um diamante!—exclamou Annibal.

—São principes disfarçados!—acrescentou Spavento.

—É claro.

—Não te parece?

—Tambem creio.

—Comtudo, inspiram-me suspeitas...

—Tambem a mim...

—Não reparaste como ella mudou de côr, quando se lhe falou da justiça?

—Reparei, reparei... E elle tambem mudou.

—Além d'isso ninguem viaja com aquelles trajos, com os bolsos cheios de pedras... pois ia jurar que os trazem atulhadinhos...

—É tambem essa a minha opinião. E o que eu desejava era certificar-me.

—E, depois, não é natural que se entregue assim uma joia d'estas a gente que se não conhece...

—E' que podem ser uns maraus...

—Tal e qual...

—Pois então, convicto como estou de que é um acto honesto fazer restituir joias, ainda que indirectamente, mal adquiridas...

—Decerto...

—Matuto commigo: Se nós não restituissemos o dinheiro que nos derem pela pedra?

—N'isso estava eu magicando tambem...
—Tinham alguma coisa elles que dizer?
—Nada.
—Como não teem provas...
—Nenhuma.
Reinou um escasso silencio, ao cabo do qual Annibal proseguiu:
—Que te parece?
Os dois mequetrefes entreolharam-se e puzeram-se a gargalhar.
—Estou certo de que não hão-de dar pio... Aposto o que tu quizeres...
—Aceito.
—Experimentemos, a vêr...
—Pois experimenta lá...
—Não lhes falles, portanto no brilhante...
—Eu!? Ora essa!... Por quem me tomas tu?...
—Assim é que eu te quero vêr!... Quanto a mim, não estejas com cuidados, serei mudo como um sepulchro.
E Annibal e Spavento, alegres como umas paschoas, bateram com força mutuamente nos ventres um do outro em signal de extraordinario gaudio.
—Oh! teem medo da justiça!...—dizia um.
—Tiraremos partido d'isso!—acrescentava o outro.
—Não te parece?
—Olaré!
—Terias ido chamar o burgo-mestre?
—Pois não, voando...
E deixaram-se caír sobre as cadeiras, rebentando de riso, ás casquinadas.
—Mas que fortuna inesperada!
Agora sim, que vae progredir o *Rato de Flandres*. E já era tempo!
—A estes hospedes o deveremos...
E o riso, tomando-os de novo, sacudindo-os com força, atiravam-se mutuamente aos narizes a bemaventurada pedra.
Mas, de chofre, Annibal poz-se em pé, extremamente pallido.
—O que é?...
—E se o brilhante fosse falso?
—Falso!?
Spavento, tremelicando de viva inquietação, cessou de rir, e balbuciou, tremendo:
—Tu cuidas que...
—Vejamos. Parece-te natural o seu procedimento?
—Não.
Comprehende-se que largassem assim tão facilmente esta pedra rara?...
—É verdade.
Tu fal-o-hias?
—Eu, ora essa!...
Pretenderam, decerto, burlar-nos.
Evidentemente! Canalhas!

Birbantes! Corro já a casa d'um joalheiro.

Annibal ia para sair quando Spavento o suspendeu, dizendo-lhe:

—Deixa, que eu vou.

—Iremos então os dois.

Tinham-se comprehendido. Nenhum se fiava no outro, no caso de que a pedra fosse realmente verdadeira. Conheciam-se tão bem!

—Vamos.

E deram um passo á frente.

Mas em seguida, recuaram inquietos.

Deante d'elles estava um homem de face chupada, interminaveis e delgadas pernas, envolto n'uma capa verde.

—É escusado incommodar-vos—disse o desconhecido.—Eu sou joalheiro. Deixae-me vêr a pedra...

Se esta subita apparição os surprehendeu, maior pasmo ainda lhes causaram estas palavras.

—Estaveis ahi?—perguntou Spavento.

—Sim, e ouvi tudo.

Quereis dizer-nos quem vos deu licença de entrardes em nossa casa e de surprehenderdes as nossas conversas?

Sim—insistiu Annibal—dizei-nos quem vos deu licença? Nós somos uns honrados commerciantes...

—Não digo o contrario. Deixae-me cá vêr a pedra.

A insistencia que o desconhecido punha em vêr a joia surprehendeu os dois collegas, e tanto mais que se as suas caras eram patibulares, bem viam tambem que a do intruso não era para ninguem socegar.

Spavento dirigiu-se para o fundo do fogão apagado, dentro do qual tinha escondida a sua catana, quando Frick-Frick insistiu em o intimar:

—Fazei o que vos digo!

E proferiu estas palavras com um tom brusco e imperativo, que mais augmentou, ao accrescentar:

—Eu conheço-vos!...

Annibal não teve forças senão para murmurar:

—O que?

E Spavento só disse:

—Ah!

E, como por encanto, cessou toda a resistencia.

Comtudo, Spavento objectou ainda:

—Conheceis-nos? E então que mais?...

—Sois os dois bandidos...

—Nós?

—...cuja cabeça está posta a preço...

—Nós?

E, com um gesto involuntario, os dois confrades levaram a mão ao pescoço, tossindo, como se qualquer coisa lhes premisse muito fortemente as guelas.

—Estaes equivocado—affirmou Spavento.

Frick-Frick sorriu, e perguntou malignamente:

—E se eu vos supplicasse que tirasseis as cabelleiras?...

—Estamos fisgados!—murmurou Annibal.

Spavento nem buliu os beiços: mas estava tão pallido como o seu collega.

Frick-Frick, que não estava de humor a gosar do seu triumpho, encurtou o supplicio dos dois aventureiros.

—Estamos perdidos!—disse suspirando o irmão de Flora.

—Enganaes-vos—disse o homem da capa verde em tom bonacheirão, que tranquillisou um tanto os dois rapinantes.

E ajuntou em seguida:

Não tenho intenções más, se quizerdes obedecer-me... Deixae-me vêr a pedra—disse pela terceira vez.

Spavento, que a tinha em seu poder, entregou-lh'a, não sem pezar entranhado, mas na apparencia sem hesitação.

Frick-Frick examinou a attentamente por todos os lados, apresentando as facetas do diamante á luz, que se irisavam.

—É boa pedra!—disse por fim.

Os dois amigos estremeceram. Lembrarem-se que tinham tido em seu poder aquelle diamante, á sua completa disposição, e agora...

—Vale muito dinheiro!—repetiu Frick-Frick terminando o seu exame.

E depois accrescentou em voz alta:

—Sei agora o que queria saber. Onde estão elles?

—Quem?

—Os que vos deram a pedra.

—Lá em cima.

—Na vossa casa?

—Sim.

—E demorar-se-hão muito tempo?

—Não sei.

—Creio que passarão só esta noite—aventurou-se a dizer Annibal.

—Está bem—disse Frick-Frick.

E accrescentou, entregando-lhes o diamante:

—Tomae.

—Como!—exclamaram os dois amigos boquiabertos de pasmo.

—A joia pertence-vos, torno a entregar-vol-a.

Os dois collegas, que não acreditavam que a tornassem a fisgar, proromperam n'um grito de surpreza e gaudio.

O homem da capa verde accrescentou:

—E se me prometteis uma obediencia cega, uma coadjuvação sincera...

E dizendo isto revistava e remexia as algibeiras, como vasculhando-as.

—Eis outra pedra preciosa. Assim, cada qual ficará com a sua.

Pouco faltou aos dois mequetrefes para não caírem de joelhos em terra.

Zelo, obediencia, coadjuvação, adhesão, intelligencia e coração, alma, vida, tudo, ó nosso principe, vos pertence!—exclamaram ambos em coro e a porfia.

—Está bem!

Como se viu, e se deve ter comprehendido talvez, Frick-Frick, procedendo como habil prestidigitador, surripiara e escamoteara, á sorrelfa, alguns diamantes.

As palavras que Frick-Frick proferiu em seguida a este acto de generosidade foram ditas em voz sumida e com mil cautelas e pormenores.

Fez com que lhe dissessem quaes os quartos dos hospedes, e em especial da mulher, de quem fallava com mais serenidade. Todas estas informações e preparativos tinham um certo aspecto funebre, em que parecia re-

Zelo, submissão, sacrificio, alma e vida, intelligencia e braços, tudo, principe, vos pertence — juravam ambos á porfia.

CAP. XXXVII.

fulgir o brilho das espadas e respirar-se o cheiro acre do sangue das chacinas.

E, no emtanto, estes homens fallavam de tudo isto com uma frialdade extrema.

Frick-Frick, como general em chefe, indicou a ordem de marcha, designou as portas, escolheu a hora e a senha. Mas Luthero estorvava-o. Pare-

cia empenhar-se em não saír da alcova de Francesca, com quem fallava continuamente em voz baixa.

Frick-Frick, que preferia a segurança d'um assassinato ao azar d'uma batalha, resolveu esperar.

Escreveu um bilhete, e deu ordem a uma rapariga para que fosse ao palacio do bispo e o entregasse a Tetzel.

Lourenço de Medicis tinha ficado conversando com o grande prégador.

Temendo excitar-lhe as desconfianças, não se atrevia a interrogal-o, e limitou-se a fallar com elle um largo espaço, adquirindo a certeza de que o seu interlocutor era um compendio de todos os vicios, e que sabendo que era util ao papado, não sentia escrupulo em satisfazer o seu proprio gosto, por todos os meios, sem rebuçar-se e sem disfarces.

O sobrinho do Papa, persistente no seu systema de adular aquelles que queria vigiar, para se tornar d'elles bemquisto, mostrou-se para elle cheio de attenções palacianas: sabia que o melhor meio de soccorrer as infelizes victimas é sondar os planos dos verdugos, para o que urge ganhar-lhes a confiança e a estima.

No fundo, emquanto aquelles alicantineiros e safardanas, a quem por necessidade do meio em que vivia tinha de fazer boa cara, emquanto elles só exerciam as suas alicantinas e as suas tramoias com o Papa, elle achava isso coisa correntia, pois o Papa era tão bom como elles, e portanto não lhes oppunha estorvos nem peias.

Os salafrarios precipitam tanto o progresso, como os homens de bem.

Quando lhe remordia a consciencia era quando, como n'aquelle caso, as torpezas da religião originavam victimas.

Mas mais do que a avareza, a perfidia e a deslealdade de Tetzel, o que mais o alanceava e affligia era a morte d'essa misera a quem acabava de sentencear o pergaminho dos sellos vermelhos.

Mais uma vez fôra o emissario d'uma ordem infame!

Preoccupado com esta idéa, escutava, sem lhes prestar attenção, as frascarias historias do frade. O que só anciava, fatigado como estava, era um pretexto para se ir embora.

Uma segunda mensagem que Tetzel recebeu foi o pretexto esperado. A primeira, que lhe havia transmittido em curtas palavras e proferidas em voz baixa um moço de cervejaria, provocára só estas palavras do frade cachaçudo:

—Com effeito, isso parece uma certeza!...

Da segunda vez, lendo um bilhete que lhe trouxe uma pequenota, exclamára:

—Vamos! Tudo vae ás mil maravilhas!...

E, dirigindo-se ao sobrinho do Papa, ajuntou:

—Já está fisgada!...

—O que dizeis!?

—Frick-Frick, aquelle rapagão que estava aqui ha pouco tempo, já lhe deu com o coio!

—Mas de quem?

—Da tal mulher de que se trata... Percebeis?...

—A herdeira?

Essa mesma.

Magnifico!

Agora sim, que se póde dizer: Deus assim o quer!

Decerto! — disse Lourenço com voz torva, presentindo uma desgraça que lhe parecia dever estar imminente.

N'este momento appareceu um criado, portador d'uma nova epistola.

— Da parte da pessoa d'hontem — disse elle.

— Ah, já sei! — concluiu o frade casquinando uma gargalhada.

E ao mesmo tempo ao olfato de Lourenço chegavam uns vivos aromas a que trescalavam as letras perfumadas da mensagem.

— Pobre anjo! — murmurou Tetzel. — É a mulher d'um ourives!... É loura, eminencia, como as searas, e com uns olhos azues celestes e umas carnes, oh, que carnes!...

O frade libou um trago de Alicante, censurando o seu hospede por não libar tambem.

— Desculpae-me agora se vos deixo um bocadinho — disse Tetzel.

— Pois não! Eu tambem me retiro.

— Comprehendeis... Ella, coitadinha, não póde dispôr de muito tempo...

— E esse pouco ella tem precisão de aproveital-o...

— E eu tambem.

Sorriu-se de novo, e disse philosophicamente:

— Assim vae o mundo... Com estas entrevistas talvez seja eu causa da vinda ao globo de um novo sêr... E talvez no proprio minuto em que Frick-Frick faça desapparecer do numero dos viventes essa Francesca Pandolfini!...

Lourenço de Medicis sentiu um tremendo baque no coração. Um corisco que lhe tivesse caído aos pés não o teria assombrado assim.

Mas Tetzel não attentou em nada, felizmente.

— Adeus — disse o frade. — Dar-me-heis a honra de cear commigo esta noite?

— Desculpae-me — retorquiu Lourenço — estou muito alquebrado, e ainda me não sinto bom.

— Até ámanhã, pois!

E o frade saíu.

Mas, mal Lourenço se viu só, apertou febrilmente a cabeça entre as mãos. Estaria doido? Não sonharia?... Aquelle homem pronunciára o nome da sua promettida! Que horror! Aquella que por ordem de seu tio devia ser massacrada, aquella que elle arremessára á degola dos verdugos, — era ella!

Ah! Como então explicou nitidamente aquelles presentimentos adversos e presagos que o haviam salteado! Como achava então justificadas aquellas furias, aquelles impetos phreneticos e raivosos de rasgar o pergaminho, que tivera durante toda a jornada!

Ah! O Papa! Sempre elle! Teria acaso adivinhado o seu amor? Pois parece que propositadamente o escolhera a elle para ser o portador do pergaminho funesto...

Não podia nem devia portanto distrahir-se em projectos de vindicta e

desespero. O seu unico dever, dever que urgia n'aquelle instante, era o de salval-a e protegel-a.

Mas como? Aonde estava ella?... Ah! Ignorava-o...

Tão turbado ficou, que nem sequer lhe occorreu perguntal-o a Tetzel, que decerto o teria informado.

E o tempo passava, e quiçá n'aquelle momento mesmo luctaria contra os sicarios, os sabujos de Frick-Frick, e desesperada, considerando-se perdida, elevaria o seu pensamento do fundo da alma angustiada ao seu salvador de Roma.

O quê? Pois acaso de nada lhe serviria a elle o ter vindo até ali?

—Ah!—exclamou de repente.

E aquelle grito assemelhou-se a um grito de triumpho, de victoria.

—É isto mesmo!—murmurou, como illuminado por uma recordação.

N'aquelle instante, de facto, rememorava-se.

Em um segundo, como que illuminado pelo fuzil d'um relampago, tudo se aclarou na sua memoria: acudiu-lhe de golpe á lembrança aquelle episodio da sua queda no bosque, nas cercanias de Torgau, quando fôra arremessado á barroca, e o seu desmaio, e o colloquio que ouvira aos dois desconhecidos, á orla quasi do fôsso.

Sim, certamente aquelle homem, que o seu estado de fraqueza lhe não permittiu conhecer, era Abrahão, o fiel escudeiro de seu pae, a quem confiára Francesca em Italia: sim, era Abrahão! Como é que poude ter duvidas? Deveria ter logo comprehendido que era d'ella que fallavam. Iam a Torgau, sim, á estalagem. Mas que estalagem? Lembrava-se agora, ah!... Era o *Rato de Flandres*. Sim, dirigiam-se para lá...

Fôra aquelle nome que haviam dito...

Recordou-se tambem n'aquelle instante nitidamente do motivo da entrevista:—era reunirem-se á creança. A mãe era ella. Era ella que corria proximo risco de ser assassinada.

Mas porque? Porque herdou. Mas...

Que feliz idéa!

—Ao *Rato de Flandres* pois—disse comsigo, com resolução mascula.

E Lourenço de Medicis, o coração aos baques e oppresso, abandonou apressadamente o solar do bispo.

Emfim!—murmurou Frick-Frick, que continuava espreitando.

E dirigindo-se aos seus dois socios, os dois nossos conhecidos sucios, ciciou-lhes em voz baixa:

—Com cautelinha!...

Luthero havia saído da alcova de Francesca, e fechára se na sua.

—Tendes a mordaça?

—Tenho—respondeu Annibal.

E Spavento ajuntou:

—Estou armado.

—O que faz ella?—perguntou Frick-Frick.

Annibal collou um olho ao buraco da fechadura.

—Está sentada de costas para a porta.

—É agora a occasião... Vamos...

Spavento deitou a mão á chave.

Frick-Frick suspendeu essa mão.

—Silencio!—ordenou.

Alguem subia a escada. E ouviram-se vozes.

—Vós?

—Eu.

Lourenço de Medicis chegava a tempo. Apesar do seu titulo de cardeal, Frick-Frick, a quem sobremodo desagradava que o interrompessem nos seus negocios, perguntou-lhe mal humorado:

—O que vos traz aqui?

—O impedir um assassinato esteril.

—Como?

—E, demais, pouco habil.

—O que quereis dizer?

—Essa mulher tem um filho.

—Quem? Francesca? Suppondes isso?

—Tenho a certeza.

—Maldição!

Frick-Frick estava esbarrondado.

—Segundo isso, não acabamos nunca com esta léria!—murmurou.

E, cerrando os punhos, barafustou:

—E onde pára esse filho?...

—Infelizmente não sei.

—Com mil raios!

—Mas ha um meio de o saber.

—Qual?

—Espiar a mãe.

—Effectivamente...

—Comprehendeis pois que é conveniente que ella viva?

—Tendes razão. Obrigado!

—Sempre ás ordens...

Lourenço de Medicis jogára, n'este ultimo incidente, como vulgarmente se diz, a ultima cartada.

O plano que suggerira a Frick-Frick era logico. Ao passo que com isto salvava Francesca de uma morte inevitavel, tinha a vantagem de se lhe apresentar como um cumplice completamente urgico, em que não podia deixar de confiar o homem da capa verde.

—Isso é bem pensado!—disse elle.—Servir-me-hei da mãe para averiguar onde pára o filho.

E, emquanto que assim fallava, cogitava com os seus botões:

—Este sobrinho do Papa não desmerece da parentela... Tem muito de seu tio... E é esperto, o rapaz!

Com um gesto magestoso despediu os espadachins a quem aquella scena conservára boquiabertos e assaralhopados.

N'este instante precisamente alguem entrava na estalagem.

Lourenço de Medicis inclinou-se para vêr quem era, e a seu pezar teve que empregar um maximo esforço para occultar a sua emoção.

No recem-chegado, que pudera lobrigar por cima do hombro dos espadachins, reconhecera Abrahão.

—Será difficil ganhar a partida!—pensou comsigo.

Lourenço comprehendeu a razão da chegada do velho judeu. Percebeu que chegava ao ponto da reunião combinado, ou para trazer á mãe o filho, ou pelo menos para lhe dizer onde elle estava. Recordou-se então melhor: e comprehendeu toda a conversação dos dois homens que ouvira dentro do fôsso.

Como impedir pois que acontecesse o que receava?

Frick-Frick, por seu lado, reconhecera no escudeiro o velho que cooperára para a evasão de Luthero. E como elle envergava ainda o mesmo trajo, o reconhecel-o não lhe foi difficil.

Travando do braço do cardeal, murmurou-lhe:

—Um inimigo!

—Sim! disse com bem simulada singeleza Lourenço de Medicis.

Frick-Frick em seguida disse para Annibal:

—Este velho quer decerto fallar aos hospedes. Entretende-o um minuto, que eu vos farei signal quando seja opportuno momento de o mandardes subir.

—Ficae descansado!

Annibal, obedecendo, desceu para a casa de entrada, e pouco depois ouvia-se elle taramelar com Abrahão.

Frick-Frick, da sua parte, não perdia tempo.

—Quem sabe!—magicava elle—Vão fallar uns com os outros, com a maior confiança... e talvez fallem do indêz.

E a esta idéa os seus olhos relampaguearam.

Teria dado o que lhe pedissem para ficar inteirado do segredo que o atenazava.

Assim, dando a todos os diabos, interiormente, a fecundidade das mulheres, perguntou a Spavento:

—Como poderei ouvir eu o que elles dizem no quarto?

—Em qual?

—No da mulher.

—Facilmente. Até podereis lobrigar tudo que se lá passa!

—Então estamos nas nossas sete quintas!

—Graças a um systema da minha invenção, e de que me sinto orgulhoso...

Dizendo isto, entrou com Frick-Frick n'um quarto cheio de garrafas de todas as fórmas.

—Então, com licença...—disse Frick-Frick a Lourenço.

—Pois não!—respondeu este.

E o sobrinho do Pontifice ficou sósinho alguns segundos.

A situação era deveras grave e temerosa. Urgia evitar, fosse de que modo fosse, que Frick-Frick ouvisse o colloquio. Mas como? Tentar travar uma lucta com aquelles tres homens que eram indubitavelmente tres cum

plices, seria rematada doidice. Avisaria Abrahão? Mas como, se Annibal estava ao pé d'elle?...

Faria por penetrar no quarto de Francesca? Sim: decerto que este era o meio mais pratico. Mas quem lhe assegurava que Frick-Frick não estivesse a espreitar?

De golpe, estremeceu. Um velho de barba branca, calvo, e de côr atrigueirada, estava em pé, defronte d'elle.

—Não me conheceis?—perguntou o ancião.

Quem assim fallava era o homem da capa verde.

—Sois vós?—perguntou Lourenço.

O outro apontou-lhe para o quarto das garrafas; e havia no *ris*, que Lourenço modulou, tanta surpreza como abstracção. Alguem diria que uma idéa acabava de lhe flammejar no cerebro. Frick-Frick inclinou-se até ao ouvido d'elle com tom de mysterio, e cochichou-lhe:

—Lá na parede ha um buraco, graças ao qual podemos vêr tudo sem sermos vistos. Olhae...

E em seguida impelliu-o para um lôbrego corredor.

Ao pé da parede havia uma escada de mão, pela qual, lepido, marinhou o homem da capa verde.

—Pschiu!—disse elle, pondo um dedo na bocca, em voz velada.

Apertou certa mola, e ao impulso d'ella parte da parede subito gyrou, da qual, sem produzir ruido algum, se separou um quadro representando um homem de barba branca, calvo e atrigueirado. Frick-Frick em seguida passou a cabeça pelo buraco que o quadro deixára na parede, d'onde acabava de se separar.

Lourenço percebeu. O homem da capa verde substituia a figura do quadro.

Não se podia negar que a idéa de Spavento tinha, como todas as suas, o cunho da originalidade engenhosa.

—Agora não ha esperança!—disse comsigo o sobrinho do Papa.

E, quando ia a saír, tropeçou em Spavento.

—Ouvi—disse-lhe o sobrinho de Leão X, com imperio.

—Perdão—disse Spavento—tenho ordem de mandar subir o velhote.

—Esperae um segundo.

—Não vêdes que o vosso amigo já está no cocoruto da escada?

—Tomae...

—O que quer isso dizer?—disse Spavento de bocca aberta.

—Não abraes a bocca, ainda que ouvirdes o que ouvirdes, e isto é vosso...

—Tanto me direis, que...

—Senão...

Lourenço fez um gesto significativo, e mostrou o punhal.

—Basta! Eu não sou surdo.

E o espadachim, com a alma radiante de gaudio, magicava com os seus botões:

—Terceiro!... Que dia tão rendoso!

Trocou com Lourenço algumas phrases em voz sumida, e emquanto

que o sobrinho do Papa se escoava subtilmente, Spavento fazia signal a Annibal de que o velho podia subir.

O meliante, ao descer a escada, ia repetindo com desmesurado jubilo, todo risonho:

—É a benção de Deus!

Havia alguns segundos que Luthero, advertido da vinda do velho, entrára na alcova de Francesca, que estava louca de alegria.

—Está ahi!—exclamou ella. Cheguei a crêr que alguem o estorvasse de vir! Vou emfim saber onde está meu filho!... Parece que ha uma eternidade que o não vejo! Não vos parece melhor que vá eu lá abaixo fallar com Abrahão?

Mas Luthero dissuadiu-a, dizendo-lhe que aquella alcova era mais segura.

Se o frade e Francesca tivessem attentado no quadro da parede da direita, teriam presenceado um phenomeno raro.

Na parede pendia o quadro que representava um velho borrachão, de purpureas faces, mas cujos olhos tinham fuzilado ao ouvir as palavras de Francesca, como querendo dizer:

—Era tal e qual o que eu esperava!...

E a mesma expressão jubilosa e ridente teve o velho borracho da pintura, para acolher as palavras de Luthero. Mas quem é que podia estar agora a cogitar que uma pintura d'um quarto de estalagem se animasse e fosse uma tela viva?

N'este momento batucaram á porta.

—É elle!—exclamou Francesca tão vivamente agitada, que Luthero teve que responder, em vez d'ella:

—Entrae.

A joven precipitou-se ao encontro de Abrahão, e, depois de o fazer assentar, perguntou-lhe com anciedade:

—Meu filho?...

—Pois bem, afinal...

—Esperae um bocado—disse Luthero, interrompendo-o.

Fechou a porta e, depois de ter lançado um olhar cauteloso para o corredor, voltou lentamente ao seu logar e disse serenamente:

—Podeis fallar. Estamos sós.

A face do borrachão da tela pareceu animar-se, e sorrir-se chocarreiramente.

—Então, o meu filho? Vistes o meu filho?

—Vi-o—respondeu Abrahão.

—Com que então era verdade? Vive? Vou ter a ventura de abraçal-o? Ah! agora, sim! nunca mais me separarei d'elle! Quando o poderei abraçar?

—Quando quizerdes. Mas tereis de adoptar muitas precauções para que os nossos inimigos ignorem o seu paradeiro.

—Descançae, que adoptarei todas. Mas quero vêl-o... Affirmo-vos que serei muito prudente!

—Demais—disse Luthero—nós estamos aqui, para o que possa succeder.

O beberrão do quadro fez um gesto significativo e matutou comsigo:

—Se eu podesse descartar-me de ti!...

E tornou a prestar ouvido attento, para não perder uma unica syllaba.

Abrahão proseguiu dizendo:

—Sim, acabo de vêl-o, e a minha filha tambem com a outra creança. Os tres estão em segurança no bairro de...

Mas um vozeiro inesperado o fez parar, sem concluir a phrase.

Ouvia-se lá fóra uma voz que barafustava palavras inintelligiveis com pronunciado entono allemão.

E de chofre escancara-se uma porta em que Luthero ainda não havia attentado, e irrompeu pelo quarto dentro um individuo trajando sujas e esfrangalhadas roupas, de pequena estatura, barba ponteaguda, dando pelo aspecto ares de judeu, e o qual avançou, parecendo, na apparencia, não fazer o minimo reparo nos tres personagens.

—Que diabo será agora isto?—perguntou a si mesmo Frick-Frick empoleirado na sua tela, onde fazia de quadro vivo, e ao qual já começava a entejar a sua immobilidade, e que sentiu muito o vêr-se interrompido mesmo no melhor da palestra.

Mas o homemzinho da barba ponteaguda á judaica abriu um armario collocado préviamente mesmo debaixo do quadro do borrachão, e tirou d'elle tres ou quatro vestimentas, tão esfrangalhadas como as que trazia vestidas.

—Perdoae, senhoras e senhores—disse o homemzinho com accentuada pronuncia allemã.—Estive alojado aqui n'este quarto, e esqueci n'este armario alguma roupa de meu uso.

E dizendo isto, sacudia com força um velho collete d'onde se desentranhou um diluvio de pimenta moida.

—Até á vista, meus senhores e senhoras!—disse o homemzinho.—Desculpae-me se vos interrompi!...

Mas mal a porta se cerrára atraz d'este estranho israelita, ou que o simulava ser, e que deixou bastante assombrados todos os que se achavam na alcova, incluindo o borracho do quadro,—quando estalou, ou, antes, explosiu, no quarto, um formidavel e estrepitoso espirro.

Era a pimenta que havia subido até ao nariz do desgraçado Frick-Frick, que embalde fez desesperados e infructiferos esforços para conter a explosão nasal, mas que ao cabo não poude retrahir mais tempo aquelle descompassado espirro.

A este inesperado estrupido, os tres personagens alçaram as cabeças: mas Frick-Frick, mais rapido que o raio, esgueirou-se do seu quadro, e a verdadeira tela, gyrando novamente sobre a mola, veio occupar o seu logar correspondente.

—Estavam-nos a escutar—disse Abrahão.

—Estamos vendidos—accrescentou Luthero.—Vamo-nos embora!

—Não convém que saiamos juntos. Saí vós primeiro...

E Abrahão dirigia-se a Francesca, a quem o assombro paralysára.

—Dizei-me ao menos onde está meu filho!

O judeu inclinou-se ao ouvido de Francesca, e fallou em voz sumida.

Agora, parti!—disse elle.

Depois, voltando-se para Luthero, accrescentou:

—Nós devemos saír atraz d'ella.

—Concordo.

Francesca apertou-lhes a mão, e saíu cautelosamente.

Frick-Frick, exasperado pelo contratempo do maldito espirro, tinha descido a escada.

Aquelle importuno, que tão imprevistamente fôra procurar a sua farpella esfrangalhada, deitára por terra todas as suas machinações.

Quando ia á procura dos dois donos da estalagem, de quem apesar do occorrido não suspeitava, encontrou-se com Lourenço.

—O que ha?—perguntou-lhe o sobrinho do Papa.

Como o corredor estava muito escuro, Frick-Frick não poude observar o sorriso caustico do seu interlocutor.

—A marosca não correu bem...

—O que?

—Por emquanto... Mas nada está perdido.

—Julgaes que...

—Pschiu!...

E o rosto do homem da capa verde animou-se de novo.

Acabava de ouvir o ruido d'uma porta que se abria.

Era Francesca que descia.

—Oh!—disse Frick-Frick ao vêl-a—sae sósinha!... Não percamos tempo.

E, ainda fallando, arrancou e arremessou fóra a barba postiça.

—Quanto ao judeu e ao frade, fiz bem em tomar as minhas precauções...

Com effeito para Abrahão e Luthero não tinham ainda de cessar os trabalhos e os azares da sorte.

Luthero foi o primeiro que saíu.

O corredor e a escada estavam absolutamente ás escuras, e por ella descia o frade, cautelosamente. Comtudo, nada poude lobrigar que lhe motivasse suspeitas.

Entrou na sala do andar de baixo, passou por deante do nicho do porteiro, e ia para abrir a porta, quando ella se escancarou, empurrada talvez pelo lado opposto.

Recuou espantado.

De repente sentiu-se agarrado por pulsos pujantes, de que tentou em vão despegar-se.

Mas os que o apprehendiam eram agentes da auctoridade.

—O que é isto?—perguntou elle.

—Sabêl-o-heis em casa do burgo-mestre.

E a voz de Annibal repetia, por detraz d'elle:

—Sim, é esse! E o que traz as algibeiras atulhadas de diamantes...

Luthero, ao ouvir esta voz, fez um movimento brusco, o que lhe fez caír no chão alguns d'elles.

—Estou perdido!...—murmurou.

N'este momento preciso appareceu Abrahão. Vendo Luthero manietado como se fosse um scelerado, quedou-se estupefacto.

—Estaes equivocados—gritou o velho.

E em continente deu dois passos, para libertar o frade, o que causou uma enorme grita e uma grande salsada na hospedaria, a que se seguiu uma detonação.

Era Frick-Frick que acabava de atirar ao solo uma pistola ainda fumegante e que avançou amostrando a face que estava riscada por uma linha sanguinolenta, apontando ao mesmo tempo para o judeu e esbravejando:

—Prendeio-o! Quiz-me matar!

—Eu? Miseravel!...—gritou o pobre judeu.

Mas nem os seus brados, nem os seus protestos serviram de coisa alguma. Tudo foi esteril. Abrahão foi manietado como Luthero, e alguns instantes depois desappareciam na rua, escoltados pela soldadesca allemã.

—Agora vós! disse Frick-Frick, esfregando a cara com um panno para extrahir d'ella a côr avermelhada que simulava sangue, e cravando o olhar em uma mulher que, livida e aterrada, fôra testemunha da prisão dos dois homens.

Mas n'este entrementes um desconhecido passou rente d'ella, e murmurou-lhe, continuando a andar:

—Eu vos defenderei... Não desanimeis...

Francesca, ao escutar aquella voz, cuidou desmaiar de alegria.

—Lourenço!—murmurou ella.

Mas elle não voltou sequer a face, e ella comprehendeu que este disfarce se inspirava n'um alto sentimento de prudencia.

E, no emtanto, as phrases de Lourenço foram para ella de uma infinda consolação.

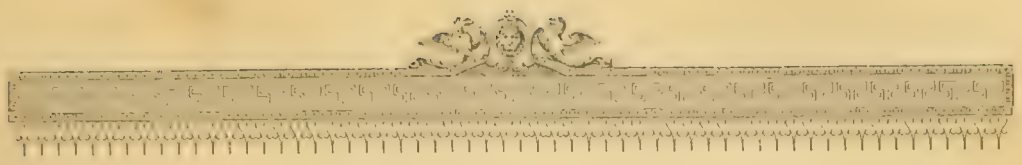
—Meu filho!—exclamou a joven, como procurando conforto e valor n'aquella recordação.

Levantou-se e poz-se a caminho, em direcção opposta á que haviam seguido os seus companheiros presos.

Tinha os olhos rasos d'agua; e caminhava tão afundada e immersa na sua dôr, que não reparou que a seguia um homem de longas e delgadas pernas.

Entrementes Annibal e Spavento, de cocoras no corredor do *Rato de Flandres*, apanhavam os diamantes que haviam caído das algibeiras de Luthero.

—Decididamente—conclamavam os dois confrades—hoje é o dia das pedras preciosas!



QUARTA PARTE

O prégador de Nossa Senhora

CAPITULO XXXVIII

Uma entrevista

A SENHORA não está em casa.

—Que dizes?

—A senhora ha-de sentir muito quando souber que viestes.

Quem assim fallava era uma elegante criada, de rosto nada pudico, que mesclava estes dizeres com sorrisos e olhadellas maliciosas.

—A senhora não está!

Raphael, pois era elle o visitante, fez-se visivelmente pallido. Pareceu-lhe que havia algum tempo já que Fornarina se ausentava frequentemente de casa.

—O senhor quer esperal-a?—perguntou-lhe a criada.

—Esperarei!—disse Raphael, despedindo com um gesto a serva, que se foi.

E Raphael sentou-se n'um magnifico divan de um matizado brilhante que havia no gabinete, que estava mobilado com moveis ricos de madeiras preciosas, objectos d'arte, e illuminado pela branda e doce claridade que penetrava pelas janellas.

O pintor encostou a cabeça entre as mãos, e quedou-se fundamente apprehensivo.

Como em tão pouco tempo a paixão lhe havia invadido plenamente a alma!...

Quanto terreno aquelle amor havia ganho em tão escasso tempo! A emoção que experimentára n'aquella noite, quando menos o esperava, fora tão intensa que o subjugára, e, desde esse instante, pertencera em corpo e alma áquella mulher...

Nos primeiros dias d'esse amor, não media a embriaguez da paixão e dos deleites, que fazem com que os dias passem breves como um segundo, nem os extases deliciosos que até áquella hora lhe eram completamente desconhecidos. Entregou-se, portanto, inteiramente áquelle amor, sem attentar nas consequencias... e talvez chegaria um momento em que a ternura esfriaria apenas se extinguisse a primeira flamma do desejo. Fornarina, porém, não quiz nem permittiu que chegasse esse momento.

Esta donzella, manchada pelos beijos d'um padre, parecia que havia esquecido n'aquella promiscuidade infame toda a noção d'innocencia, tendo aprendido, n'um momento só, todas as denguices da cortezã, as caricias estimulantes e os meneios e ademanes graciosos: de sorte que Raphael, algemado ao mesmo tempo pelos sentidos e pela cabeça, lançado n'um turbilhão de volupias sempre novas e incessantemente renovadas, louco até ao ponto d'esquecer o trabalho, afastar-se dos amigos e nem sequer se lembrar dos planos tenebrosos de que em certo momento se julgára alvo, não observava nem attentava, cego como estava pelos seus desejos insaciaveis, nas seducções e ardis que empregava a sua bella para o reter e escravisar mais a seu sabor.

Não quizera o artista installal-a no seu *atelier,* e por seu turno a Fornarina não insistira, procedendo sempre de tal modo que impondo-lhe sempre os seus caprichos, era ella que apparentava sempre ceder aos d'elle. A Fornarina, além d'isso, não julgava ainda opportuno o momento de dar publicidade aos seus amores. Esta penumbra ainda de mysterio, que na realidade não o era já para ninguem, deleitava-a. Quanto ao pintor, teria procedido, se o deixassem, de diverso modo, chegando até ao extremo de quebrar as suas relações com o mundo. Atrever-se a praticar, porém, tal escandalo, seria tambem renunciar á sua projectada união com Maria. Estranha feitura a do coração humano! A despeito do seu phrenetico amor pela Fornarina, o artista pensava na sobrinha do cardeal. Verdade é que um amor como aquelle, tão fundamente enraizado no peito, não se extirpa com tanta facilidade.

Cada dia, porém, as suas excursões mentaes ao tempo passado eram menos frequentes, menos demoradas e menos suaves. Cada dia mais que passava desvanecia a imagem da sua promettida, esbatia-lhe as fórmas reaes e accentuadas, e fazia-lhe tomar as de um sonho vago, eclipsando-a ante a radiante seducção da sua amada nova.

Fornarina estava bem sciente d'aquella transformação. Passo a passo invadira o coração do artista, do qual pouco a pouco ia desalojando a rival. A medida que o tempo corria, mais facil lhe ia saindo a empreza. Uma palavra sua, então, lhe bastava para o conseguir. E a experiencia ja a fizera. No coração do pintor não se havia pronunciado, como uma necessidade, o regresso aos prazeres tranquillos.

Vencido aquelle perigo, a moça sabia que cada dia mais que decorresse, o artista ir-se-hia separando, mais e mais, do seu antigo amor.

Fornarina confiava nos meios de que dispunha, para o conseguir alem de que a espionagem de que rodeava o amante a tranquillisava, provando-lhe que lhe era absolutamente fiel.

O seu plano dava optimos resultados, e a transtiberiana estava orgulhosa de tal. Mas nem por isso dormia sob os louros ceifados.

Não deixava, portanto, de aproveitar todas as occasiões que se lhe offereciam para firmar mais a victoria definida. Considerava aquelle amor como uma lucta, e nada havia que não empregasse para adiantar o seu triumpho.

Conhecia ella muito bem a arte de recusar a tempo o que se lhe pedia, e quando mais se poderia suppôr que o fructo cubiçado estava prestes a ser colhido. Conhecia a extraordinaria influencia d'estes artificios, não por experiencia propria, mas porque os adivinhava: ainda que um indifferente poderia suppor que se endoutrinára no convivio frequente dos homens.

Raphael costumava ir visital-a á graciosa casinha com que elle a presenteára, situada no centro da Roma elegante. Alli é que reinava Fornarina, invejada por todas as mundanas em voga, e offuscando-as e eclipsando-as até com a graça e o fausto de que sabia habilmente rodear-se.

N'aquelle retiro as horas corriam gratas e suaves. A Raphael a presença só da sua querida bastava para o electrisar: amava-a cada dia com paixão mais acendrada, achava-a cada dia mais bella, e adorava-a com phrenesi cada vez mais desassisado.

Apesar de que a Fornarina não se prodigalisava em demasia, e talvez mesmo por isso sentia-se perdido por ella de um amor insensato.

Frequentemente o artista caminhava pelas ruas como dementado, os labios ardidos de febre, as mãos tremulas, o passo incerto, sem ter colhido d'aquella mulher singular mais do que um beijo casto na face. Amava-a pois por tudo isto, de tal fórma que nem diante do crime teria hesitado. Por ella teria assassinado, por ella até se teria morto.

Nunca poderia ter cuidado Hochstratten que ella servisse tão bem os seus designios secretos e abominaveis. N'esta occasião a casualidade servia-o ás mil maravilhas.

Havia já quatro dias, que para o artista haviam parecido interminaveis, que não pudera obter d'ella mais do que promessas, sempre parecidas, que só logravam estimular os seus desejos e a sua impaciencia habilmente irritada.

Este procedimento da sua bella fazia-o viver n'uma especie de febre continua e estimulante, e durante todas as horas do dia não fazia senão repetir, em todos os tons que a paixão sabe communicar á voz, estas duas palavras repetidas:

—Margarida! Margarida!

Pobre Maria de Bibiena!... Só como uma confusa recordação, como uma imagem longinqua, envolta em nevoas, é que o artista via, uma vez por outra, á janella do palacio de Bibiena, a fórma branca que a ella se assomava, e á qual enviava um casto beijo de mero cumprimento.

—A senhora não está... Quereis esperal-a?...

E Raphael repetia mentalmente estas phrases que lhe causavam um fundo mal-estar, uma anciedade intima e pungitiva.

Porque é que ella procedia assim com elle? Porque é que adiava aquelles deleites tantas vezes promettidos e tantas vezes espaçados?... Nem se atreve a pensar que ella o não ame já!... Talvez, quem sabe, que nunca o tivesse amado devéras!... Seria possivel!... Que diabo! E se assim fosse?...

Turbado por estes pensamentos, poz-se em pé. Os seus olhos chispavam um lume singular.

Mas, de chofre, estremeceu deliciosamente.

Dois brancos e perfumados braços, com um perfume que elle conhece e ama, cingem-lhe o pescoço, n'uma deliciosa cadeia nevada.

—Margarida!

—Meu Raphael!

Amas-me?

—Adoro-te!

E os labios uniram-se amorosamente n'um espaçado beijo d'amor.

A longa espera, o despeito, o desespero, tudo é esquecido n'este momento.

—Má!—murmura o pintor apaixonadamente, ao passo que sente o sangue das suas arterias estuar ao contacto d'aquella mulher maravilhosa. —Porque me fizeste estar n'esta anciedade? Para que mandaste a criada dizer-me que não estavas, fazendo-me suppor que talvez não voltarias tão cedo?...

—Queria convencer-me de que me amavas até ao ponto de me esperares...

Então não sabes que sou capaz de esperar por ti impertinentemente, resignando-me a soffrer tanto quanto pode soffrer um homem? Não sabes que fazes de mim o que te apraz, e que és a minha vida, o meu céo e o meu Deus?

E eu sou a tua querida...

—E eu o teu amante, melhor direi o teu escravo...

—Não: tu é que és o meu senhor, meu artista sublime, o meu genio divino. Tu és o meu senhor, o senhor que eu amo desassisadamente.

Fornarina mesclava, com beijos, estes amaviosos arrulhos, e Raphael estava estonteado de doce e candente voluptuosidade. A mesma joven sentia-se enlanguescer. Por um momento, suppoz-se ainda n'aquelles primeiros tempos d'amor inconfessado, quando o seu pensamento e o seu desejo mais audaz era ver-se de joelhos aos pés de Raphael. Mas que mudança tão funda e radical se havia operado!...

Raphael, quasi n'um espasmo de desejos, não se sentia com forças para aquella situação. Percebia a impossibilidade de dominar-se. Aquelles beijos só não o satisfaziam. A recordação d'aquellas noites passadas bastava para o escandecer. A Fornarina dava-lhe vertigens de desejos na sua languidez desmaiada... A lembrança das voluptuosidades que obtivera tão facilmente na sua primeira noite d'amor, quando ella, ativelando na face a mascara de cortezã, se havia prestado a todos os seus caprichos, transtornou-lhe o

espirito e allucinou-o. Apertou a Fornarina com tal violencia, e acompanhou o seu pedido de uma audacia tal, que a Fornarina sentiu-se rosar toda.

Desprendeu-se-lhe dos braços bruscamente, e correu ao fundo da alcova, a occultar a sua turbação ruborisada.

— Margarida!
— Meu Raphael!

CAP. XXXVIII.

A idéa de que aquelle homem a amava unicamente, porque era corteza, esta idea obstinada e dolorosa, como um remorso que lhe era impossivel apagar completamente, cruzou de novo o seu espirito.

Um tedio cruel, um entejo terrivel se apoderou d'ella, com um desprezo profundo de si propria, e do seu corpo para sempre maculado.

— Não! não! — exclamou.

Raphael, entretanto, perseguia-a. Estava tão formosa, tão tentadora...

—Margarida!

—Não! não!

Elle lançára-se-lhe aos pé, e exorava, com um turbilhão de palavras, de juras, de promessas...

Ella pretendeu fugir-lhe, cobrindo, n'um delicioso assomo de pejo, os olhos com o braço nevado; elle, porém, travou-lhe do braço, e a Fornarina teve forçosamente de o olhar. A vista do amante, d'aquelle moço tão donairoso e galhardo como nenhum, que ella amava no fundo, e que se obstinava em aborrecer, coou-lhe nas veias um languido desfallecimento.

A joven sentiu-se vencida. Demais Raphael queria-lhe com taes extremos de sensibilidade...!

—Tu sómente!—jurava elle—e para sempre!...

Aquelle juramento merecia uma recompensa, decerto. Um beijo mais era um novo annel fundido á cadeia que o prendia a ella, e um de menos na que o chumbava ainda a Maria.

A Fornarina acurvou-se sobre o artista, cravou n'elle os seus olhos maravilhosos, e, fazendo-o levantar, disse-lhe com a voz debil e quasi ciciada como um suspiro:

—Vem!...

Mas, de golpe, escutou-se um ruido singular na vidraça da janella que deitava para a rua.

—Escuta—disse a Fornarina.

—Isto não é nada... Vem...

—Espera.

Este ruido assemelhava-se ao que faz o granizo açoutando os vidros, porém um tanto mais forte... eram pancadas seccas e repetidas na vidraça, e detraz enxergava-se uma sombra que se agitava, e que na sua turbação Raphael não poude descriminar o que era.

Margarida ficou apprehensiva. Passou a mão pela face, e em voz a que se esforçou por dar um entono de tranquillidade, disse:

—Já sei o que é.

E afastando-se de Raphael, a quem toda aquella scena tinha enleado e suspeitoso, foi abrir a vidraça.

Sentiu-se então um palpitar d'azas, e uma ave esvoaçou pelo aposento, indo ao cabo empoleirar-se n'um candelabro.

—Um corvo!—exclamou Raphael.

—Sim.

O pintor abeirou-se da ave.

—Cuidado!—exclamou a Fornarina.

A recommendação não era de facto escusada, porque o animalejo ha via tomado uma attitude de arremesso hostil.

É capaz de te tirar os olhos!

Mas o que é que elle traz no bico?

A Fornarina silvou duas vezes, e o passaro veio pousar lhe no braço.

Dá cá!—ordenou a moça.

O passaro abriu o bico, e deixou cair na mão da transtiberiana um bilhete dobrado em forma triangular, e sellado com lacre preto.

A noite avançava.

Margarida chamou a serva e mandou vir luz. Abriu o bilhete e leu para si o seguinte:

«A que veio ao bosque do Mysterio e não receou beber na fonte do Futuro, se é valorosa deverá vir esta noite ao local que ella sabe, á hora em que a lua surge no céo, semelhante á hostia dos homens negros.»

A Fornarina pegou d'um pedaço de papel e escreveu esta palavra sómente:

—Sim.

Dobrou-o em fórma de triangulo, como o bilhete que havia recebido, e deu-o ao corvo que pegou d'elle no bico, e voando á janella orientou-se, depois do que levantou vôo pelo espaço fóra.

Fornarina viu-o voar algum tempo, queda e immovel no mesmo logar.

Raphael, que fôra testemunha de toda esta scena, com o espanto que se lhe póde suppôr, perguntou-lhe:

—O que quer isto dizer?

A Fornarina estremeceu, sobresaltada, como se tivesse esquecido que estava alli o amante.

—O que dizes tu?—perguntou ella.

—O que significa tudo isto?...

—Pelo que vejo interrogas-me, não é assim?

—Está claro!—disse o pintor ainda aturdido.

—Fazes mal!—retorquiu a moça com voz sumida.

—Que dizes?

—Se desconfias de mim, dil-o francamente.

—Eu?... que morro a teus pés, eu que...

Este grito explosira tão espontaneamente do peito do pobre artista, que a Fornarina se arrependeu do que dissera, e ajuntou:

—Bem sei, e tu sabes tambem quanto te amo!

—Sim, repete-me que é verdade...

—Mas é preciso que eu te deixe hoje, e me vá...

—Ires-te? Mas porque?...

—E já...

—Aonde?... Mas aonde?...

E Raphael acercou-se da moça, carinhosamente.

—Não t'o posso dizer! respondeu ella com o seu arzinho decidido. — É segredo que me não pertence a mim só.

—E ninguem te acompanha?

—Ninguem.

—Não poderei eu seguir-te, ainda que de longe?

—Não.

—Pois seja.

—Adeus.

—Adeus.

Raphael, porém, proferiu estas palavras com voz surda e torvamente.

—Escuta accrescentou a Fornarina deixa-me ir, peço-te. Urge absolutamente que parta... Vem ámanhã, quando quizeres... sempre... que eu te esperarei... prometto-te. Mas esta noite não te pertenço! Ámanhã

poderemos fallar d'amor quanto te aprouver... Esta noite, porém, não posso fallar senão de odio...

A moça pozera-se de pé. Nos olhos faiscava-lhe um lume sombrio, e o seu ar tinha solemnidade.

Raphael, impressionado, só lhe poude responder:

— Vae.

E saíu com a cabeça desassisada, o passo cambaleante.

A planicie estava quasi deserta. Só de vez em quando se destacava, á frouxa luz do crepusculo, algum camponez excitando com a voz, e a ponta do aguilhão, a pachorrenta junta de bois d'um carro.

Por uma porta da grande cidade saía, áquella hora, com passo apressado, uma mulher que parecia recear que as portas se fechassem.

Levava na cabeça uma mantilha preta. O vento, que começava a lufar, gemia lugubremente no espaço. A mulher que caminhára uma centena de passos parou junto d'uma cova em cujas margens crescia uma basta sarça espinhosa.

A lua despontava então no horisonte, avermelhada, e semelhante a uma lanterna de Veneza.

— É a hora! — murmurou a mulher; e desappareceu, como se tivesse sido tragada por um boqueirão ou pela terra, porque, se alguem a tivesse visto desapparecer, teria achado o facto completamente extraordinario.

Nada, comtudo, mais simples. A mulher torneára a sarça e, afastando alguns ramos, fez alvejar uma pedra, que girou, graças a um mechanismo especial. Pela cavidade que a pedra descobriu desappareceu a moça, tornando a pedra a cerrar novamente o boqueirão.

A moça, porém, não se achou completamente só, pois estremeceu ao sentir na sua mão o contacto de uma vellosa mão. A curto trecho, aquelle estranho sêr fez brilhar uma lampada que estava occulta detraz de um feixe de lenha, a um canto, e um raio de lanterna alumiou a escuridade da caverna.

A moça encontrou-se em um subterraneo, que em fórma de corredor se prolongava até se perder de vista.

Então a Fornarina poude enxergar — pois era ella — que ao seu lado, em pé, estava Talmud, o mono predilecto da feiticeira, e a cujas estranhas caricias ella estivera prestes a succumbir no dia em que recebeu Raphael na sua casa de além do Tibre.

A moça, por isto, não deixou de mirar o animaleio com certa inquietação: mas o bugio saudou-a com mostras de fundo acatamento e respeito, ao passo que respondia á pergunta da joven ainda não formulada, com um gesto que parecia dizer: — Vinde!

A transtiberiana seguiu com passo firme o original conductor, que a precedia, de lanterna em punho.

D'esta sorte caminharam durante um quarto d'hora.

Á medida que avançavam, o subterraneo, cuja ladeira se tornava cada vez mais sensivel, afunilava-se: as paredes reluziam por causa da humidade: a escuridão que n'elle reinava era cada vez mais densa: e apenas a luz da lampada escassamente conseguia espancar aquellas trevas.

A mulher caminhava estugadamente. A planicie estava deserta, e só quem se enxergava era um ou outro camponio que, de regresso á choupana, aguilhoava uma pachorrenta junta de bois.

CAP. XXXVIII.

Felizmente Talmud parecia estar bem pratico no caminho, e caminhava com passos tão descompassados que á Fornarina lhe custava seguil-o. Por fim estacou.

A joven tomou um hausto d'ar com satisfacão, cuidando ter chegado ao local em que devia estar, aguardando-a, aquella que ella na escuridão não podia distinguir.

—Estaes ahi?—perguntou ella.

Ainda mal havia terminado a phrase, quando a luz se apagou.

A Fornarina estremeceu. Apesar do valor de que havia dado mostras, o sitio em que se encontrava era proprio a inspirar, decerto, taes pavores. Sósinha, e sabe Deus a quantos pés debaixo da terra, sem soccorro possivel, sem saída, pois que, mau grado a obscuridade que alli reinava, ella distinguia a scintillação de uma humida parede que lhe embargava o passo, quem, por mais esforçado que fosse, se não sentiria sobresaltado em taes apertos? Quem lhe assegurava a ella que não tinha caído em um novo laço? Quem lhe garantia que em vez de encontrar n'aquella noite, d'um lado a vingança e por outro o meio de salvar os seus amigos, pelo contrario não teria caído em um novo aboiz que a entregaria indefeza e inerme á mercê do infame inquisidor?

Raphael tinha razão: era uma loucura aventurar-se d'aquella sorte! E todos estes pensamentos tumultuavam-lhe na mente. Só a presença de Talmud a tranquillisava um tanto. Não era posssvel que a sacerdotisa dos ritos sombrios se tivesse feito cumplice de tal infamia.

De chofre uma larga porta se lhe patenteou. A Sibylla estava em pé na soleira d'essa porta, tendo na mão uma fouce em cuja lamina se refrangia o lume d'um fogaréo que ardia lá dentro. A Sibylla apresentava-se-lhe na attitude do anjo Gabriel, e com a mão direita apontava á visitante a entrada d'aquelle novo e singular Paraiso.

—Sêde bem vinda e entrai!—disse-lhe ella.

A Fornarina achava-se no interior das catacumbas, e em torno d'ella e semelhante aos raios d'uma estrella, abriam-se um sem numero de ruas e fossos que iam desembocar todos em uma especie de valle, cujo aspecto só bastavá a fazer calafrios no animo mais destemido.

Montões d'ossos cuidadosamente ordenados se empilhavam e formavam as paredes. A voz n'aquelles logares resoava cavernosamente, escoando-se pelos interminaveis corredores do palacio subterraneo da Morte, e repetia-se com mil echos lôbregos nas abobadas do edificio e dos craneos vasios.

O que mais entranhadamente lhe infundia pavor, e a turbava, gelando-a, é que todas aquellas ossadas pareciam mover-se por causa das oscillações da luz.

—Tens medo?—perguntou-lhe a feiticeira.

A transtiberiana conteve o peito, como para lhe suffocar o agitado das pulsações, e retorquiu:

—Bem sabes que não!

—Queres chegar até ao fim?

—Sim—replicou a outra, obstinando-se na sua resolução sombria, e quasi estonteada pelos horrores que a circumdavam, e que por toda a parte via.

—Estás resolvida?

—Completamente.

—Quem me responde por ti?

—A necessidade que sinto de ver aquelles que amo.

E a moça proferiu estas palavras com sentimento verdadeiro, e a voz tremia como que embargada pelo pranto. Parecia que o seu desassisado

amor não fizera mais do que recalcar-lhe para o intimo da alma a terna estima fraternal que votava a Lucas, e a invencivel sympathia que lhe inspirára Ephraim.

—Esqueces a tua vingança?—perguntou-lhe a feiticeira.

—Nunca!

E os olhos da Fornarina fusilaram um estranho fogo.

—Não faço senão adial-a—continuou.—A sua hora ha-de soar!... Urge menos satisfazel-a do que tratar da libertação do justo e do innocente. Quando chegar a occasião, prometto-te que ella ha-de ser cabal, e sem piedade.

A feiticeira escutava a Fornarina sem proferir palavra.

A moça perguntou-lhe:

—Duvídas, por acaso, da minha palavra?

—Não—retorquiu a outra, ao cabo de alguns instantes—se fui eu que te fui buscar, é porque tenho confiança em ti. Sabia pouco, ou quasi nada do que te diz respeito, mas agora...

—Agora o que?—perguntou a moça anciosamente.

—Agora creio ter descoberto um vestigio...

—Falla, falla!...

A Fornarina atirou-se aos pés da Sibylla, arquejante e supplice.

—Oh! se eu soubesse que elles não morreram...—disse ella—forcejaria por libertal-os, e depois vingar-me hia dos dois nossos eternos verdugos. Não é assim?...

—É.

—Miseraveis, infames e covardes!—repetia a moça colerica—Sim, falla, ó Sibylla, e eu te ficarei perennemente grata! O futuro! Lê-me o futuro. Falla, e eu te recompensarei, dando-te todo o ouro que queiras...

Todo o rancor e odio que por muito tempo recalcára no fundo da alma brotava agora d'ella a borbotões. A voz mudára de tal sorte que a feiticeira levantou a cabeça e escutou-a estupefacta. Nos olhos brilhava-lhe um fogo sombrio e de ameaça. Mas em breve a face recobrou a expressão habitual.

A Sibylla disse com accento de amargo e fundo desconsolo:

—Ai! fizeste-me lembrar a voz d'alguem que amei muito no mundo, e que morreu... Morreu miseravelmente.

Foi com surpreza que a Fornarina ouviu a voz da feiticeira, que se enternecêra.

Passando este primeiro minuto de pezar e saudade, a feiticeira, sacudindo bruscamente a cabeça e ameaçando o céo com o punho fechado, continuou:

—Tu que te assentas na nuvem, tu cujo olhar é o Sol, Deus, Jehovah, Providencia, seja qual fôr o teu nome, tu não és mais do que um nome vão para embalar o somno dos espiritos simples: o Maldito é mais forte do que tu, porque dá razão aos seus fieis. Eu tambem te adorei, assim como elle tambem outr'ora te serviu, e porque permittiste tu que os homens negros me roubassem aquelle que eu amava? De que te serve o raio, se não te serviste d'elle? Deus impotente, estás fatigado da lucta, ou puzeste-te tambem acaso de accordo com os sacerdotes odiosos, mais negros que a noite da Natureza?

E o echo repetia torvamente estas imprecações da bruxa.

Durante um certo espaço permaneceu calada. Mas, em seguida, passando a mão pela fronte e voltando-se para a Fornarina, disse:

—Em todo o caso, obrigada; a ti, que por um momento me fizeste recordar d'um terno, d'um doloroso suspiro... obrigada...

E a Sibylla apertou estreitamente a mão da Fornarina e, olhando-a em face, ao passo que as feições tinham suavisado a sua habitual expressão, disse quasi timidamente:

—Sou velha e feia, e tu és moça e formosa... Mas não importa! Queres fazer-me o favor de me abraçar?...

Era velha e feia, é certo: mas, n'aquelle momento, não o parecia, de tal sorte a transfigurava a expressão de bondade e ternura que lhe brilhava no olhar.

Attrahida e subjugada por uma sympathia, de que ella não podia explicar a razão, Fornarina lançou-se nos braços da feiticeira, que a apertou sobre o peito, affectuosa e quasi phreneticamente.

—Falla, falla!—supplicou a irmã collaça de Lucas.

A feiticeira fez um gesto d'assentimento.

—O que queres vêr?—perguntou-lhe ella.

—Aquelle que me procurava e que foi cobardemente preso.

A Fornarina referia-se a Ephraim, ao velho judeu, cujo nome ignorava, mas cujos ais sentidos e pungentes a haviam ferido no coração.

Desde a noite fatal do Ghetto, durante os longos dias envenenados pela dôr e pela amargura, a pobre moça muitas vezes havia evocado a imagem d'aquelle homem que, quando o empurravam talvez para o supplicio, lhe dirigira um olhar carinhoso, clamando com desespero:

—Rebecca! Rebecca!

Ella que sempre havia vivido sósinha no mundo, que nada sabia da sua familia, nem mesmo sequer se acaso a tivera, havia chegado a pensar que ao menos aquelle velho devia ser um dos amigos d'ella. Demais, a presença de Hochstratten entre os assassinos teria bastado a inspirar-lhe sympathia por aquella nova victima.

Tinha confiança na velha feiticeira, não tanto por superstição como por uma especie de presentimento secreto.

Uma voz intima lhe dizia que, se não fosse o seu futuro, pelo menos o seu passado lhe ia ser revelado.

A feiticeira, que com o gesto assentira ao seu pedido, perguntou-lhe:

—Aquelle que tu desejas vêr é morto ou vivo?

—Não sei.

—Se não viste o seu cadaver, se com as tuas mãos não tocaste o seu corpo gelado como o marmore e prestes a ser pasto dos vermes da terra, não pódes nem deves affirmar que não seja ainda d'este mundo.

—Eu não vi o seu cadaver.

—Bem. Vou experimentar a evocação destinada aos vivos.

—Como entenderes.

Então a Sibylla poz-se em pé com attitude solemne e, travando das mãos da moça, que apertou com força, disse-lhe:

—Mais uma vez, tens medo?

— Não.

A bruxa desembainhou uma adaga e, dando-lh'a, disse com um tom resoluto:

— Pega n'esta adaga.

A Fornarina obedeceu.

— Enterra a folha sem vacillar no coração, senão nada saberás. A morte não revela o seu segredo senão á morte.

E, dizendo isto, a Sibylla olhava-a fixamente.

A lamina da adaga tinha um duplo fio com um rego ao centro, segundo o costume corso, e o aço da arma, em que se reflectia o lume do brazido do lar, despedia reflexos violaceos.

E, sem deixar de a fitar, a feiticeira perguntou-lhe pela terceira vez:

— Tens medo?

— Não — replicou a Fornarina.

E, fechando os olhos, dirigiu a arma contra o peito esquerdo.

Escutou-se um sinistro rechinar, mas a Fornarina nem por isso hesitou.

— Retira o punhal! — ordenou a sacerdotisa.

Quando se trata de certas armas não é tão perigoso enterral-as como as vezes retiral-as, como o attesta, por exemplo, a morte de Epaminondas.

A Fornarina obedeceu e novamente se fez ouvir o sinistro rechinar.

A folha da adaga, que ao bater contra o corpo se havia mettido no cabo, saltou de novo, e a Fornarina maravilhou-se de viver ainda e de não soffrer dor alguma.

— Está bem. Passaste pela prova e estou satisfeita comtigo. Agora deita-te no chão.

A moça estendeu-se sobre o frio lagedo do pavimento.

A velha ajoelhou ao pé d'ella, cruzou-lhe os braços e começou a desabotoar-lhe o corpete, descobrindo os seus turgidos seios.

Apesar da terrivel emoção que sentia, a Fornarina nem pestanejava. Quando a Fornarina desnudou completamente o seu magnifico seio, a feiticeira assobiou ao monstruoso sapo que nós já vimos acolytal-a na noite do *sabbath* da missa negra, e o repugnante animalejo acudiu ao chamamento. A Sibylla pegou n'elle e collocou-o sobre o delicado seio da joven.

O animal começou a avançar pausadamente, traçando zig-zags sobre a carne d'aquelle busto esculptural, e deixando atraz de si um rasto viscoso que reluzia á luz.

A Fornarina permaneceu impassivel, apesar do contacto do monstro. Cerrou unicamente os dentes: mas, quanto ao mais, nem um só musculo lhe estremeceu na face.

— Está bem... basta — ordenou a Sibylla.

O sapo virou os seus grandes olhos redondos, e arrastando o seu repellente corpo desceu.

A Fornarina, por ordem da velha, pôz-se em pé.

— Venceste a Morte e dominaste o Horror! — disse a feiticeira. — És pois digna de penetrar os Mysterios.

A moça ia fallar, mas a sacerdotisa impoz-lhe silencio, dizendo-lhe com ar imperativo:

—Silencio!

O fogo começava a extinguir-se.

A Sibylla foi direita a uma parede, pegou n'um craneo e atirou-o ao lume.

Ouviram-se uns ligeiros estalidos eguaes aos que se ouvem nos fornos de cal, e as suturas do craneo desarticularam-se. Do brazido evolava-se uma fumarada ao principio negra, depois cinzenta, em seguida amarella e, finalmente, quasi luminosa. Talmud remexeu o lume com uma tibia, fazendo resultar d'elle mil brilhantes faulhas que, formando um turbilhão luminoso, dissipou um tanto a escuridão do subterraneo. O fumo que se evolava do fogaréo, em que ardiam raizes, mesclado aos gazes dos ossos, atacava acremente a garganta, tornando difficil a respiração.

A feiticeira, então, empunhou um femur, á semelhança de varinha magica.

—Olha!—disse ella.

A Fornarina estremeceu. O fumo tomava proporções de fórmas humanas. A Fornarina não apartava a vista do brazido.

—Olha!—exclamou a feiticeira.—Quem tu procuras é um velho?

—Sim.

—Pois olha bem então, que eu nada vejo. Dize-me se aquelle que vês é quem procuras...

—Talvez seja.

—Repara. Está ferido. O seu sangue corre...

—É elle! É elle! Não morreu, pois?...

—Se tivesse morrido, não terias visto o seu sangue, e só teria surgido á evocação dos mortos.

E aonde está elle?—perguntou a Fornarina cheia de anciedade.

—Não sei... outro dia...

A voz da Sibylla enfraqueceu, e debilmente murmurou:

—Não convém fatigar o Destino...

Depois suspirando azedamente, accrescentou:

—Ah! tu és feliz, tu pódes vêr!... Em teu serviço, pódes descortinar o véo que occulta o que ha-de vir, pódes illuminar-te com seus reflexos de aurora, emquanto que eu, victima do Deus, fico pregada á porta do templo. Não posso vêr nada dos esplendores que patenteio aos que me consultam. Nada: fico cega como Homero, o grande cantor, como Tiresias, o grande adivinho, como Œdipo, que descobriu o enigma da Esphinge. Abominavel fatalidade!... Eu tambem desejei tornar a vêr os sêres queridos, que me foram roubados: dirigi-me a todos os deuses e a todos os espiritos, mas nenhum me quiz responder. No emtanto, o sopro d'além da campa arrebata-me. Sinto a embriaguez que Sabasius dava as Bacchantes nas montanhas da Thracia. Jachos, o mystico, deu-me a beber do seu vinho, conheço que tenho azas, levanto o vôo e pairo nas alturas. Tudo sei, tudo vejo. Tudo, excepto, aquillo que tenho de pagar com a minha sciencia. Ah! o ser desconhecido é cruel! Comtudo não me é occulto o meu soffrimento proprio... Oh! soffro muito, muito...

Poz-se em pé, com o olhar turbado, os labios contrahidos, e caiu exanime.

— Que tendes? — perguntou a Fornarina aterrada.

Ao mesmo tempo precipitou-se sobre o corpo da sacerdotisa.

— Nada... nada... deixa-me — respondeu ella.

A sua voz era fraca como um sopro. Os seus grandes olhos brilhavam com o ardor da febre, na face horrivelmente pallida.

— Soccorro! Soccorro! — gritou fóra de si a Fornarina.

Ah! não havia soccorro possivel... Estava sosinha n'aquelle subterraneo, com os dois estranhos seres amigos da feiticeira ou, para melhor dizer, os tres, pois de vez em quando ouvia-se o esvoaçar do corvo sagrado.

— Soccorro! Soccorro! — continuou no emtanto, gritando, a Fornarina, com todas as suas forças.

De repente, porém, parou, estupefacta.

— Ouviste? — perguntou.

A Sibylla havia-se sentado.

— Sim — respondeu.

— Um grito!

— Escuta!

E as duas mulheres, retendo a respiração, aproximaram-se da parede, deitando-se ao comprido no solo. Depois de um momento de fundo silencio, ouviram um echo que se parecia com este nome:

— Rebecca!... Rebecca!...

Este grito, enfraquecido pela distancia, chegou até ellas, confuso como um murmurio. A voz era penetrante: e dir-se-hia que fazia vibrar assim aquelle grito uma suprema dôr, ou uma suprema alegria.

— Parece-me — disse a Sibylla — que não ouço um simples gemido: quasi que ia affirmar que a voz pronunciou um nome.

— Tambem me parece — respondeu a Fornarina que não ouvira bem, mas que abrigava a esperança secreta de encontrar o rasto do que ha tanto tempo buscava.

— A palavra terminava em *a* — ajuntou a feiticeira, cujo ouvido estava mais habituado aos surdos rumores, que eram os unicos que perturbavam o silencio do seu retiro.

— D'onde poderá vir aquella voz?

E, dizendo isto, fallavam em voz sumida, receando que o echo das suas fallas as impedisse de ouvir a voz mysteriosa.

— É d'alli que ella vem! — disse a feiticeira, inclinando-se, e apontando para um orificio estreito e redondo.

— O que é isto?

— É um cano que eu até agora não tenho julgado servir senão para asylo da minha serpente, mas que deve ir dar a algum calabouço.

— Sim, póde ser.

E a moça teve um sobresalto de esperança.

— Mas como averigual-o? — perguntou ella.

N'este momento a feiticeira assobiou n'um rythmo estranho.

— Silencio! — disse com a voz e com o gesto.

O resultado não se fez esperar. Decorreram dois segundos, e ao cabo d'elles irrompeu a cabeça d'uma serpente, e atraz da cabeça, o corpo do

ophidio. O animal que vimos já no calabouço de Ephraim foi enrolar-se ao corpo da velha.

Mas ao mesmo tempo de novo o ar era agitado por aquelles dois queixumes dolentes e distantes, mas que, agora já mais fortes e visinhos, gemiam estas duas palavras, ou antes estes dois lamentos d'uma tristeza infinita:

—Rebecca!... Rebecca!...

As duas mulheres distinguiram agora nitidamente o nome. Mal o ouviu a Fornarina ergueu-se rapidamente de pé.

—Rebecca!—gritou a moça—É elle! É elle! Foi com este nome que elle me chamou.

—De quem fallas tu?—perguntou a feiticeira—Responde!

—D'aquelle que me buscava... Está alli... É elle que me chama...

—A ti!

A Fornarina estava como doida de alegria... Tinha um presentimento de que n'aquella noite se iam dissipar, de subito, todos os mysterios.

—Está alli preso... Vamos, falla, falla!...

E a sacerdotisa não tirava os olhos da joven transtiberiana.

—Então chamas-te Rebecca?

—Não: chamo-me Margarida.

—Bem sei.

Tenho o appellido de Fornarina porque fui encontrada em casa d'um padeiro.

—Em casa d'um padeiro... Falla, falla!...

—E talvez Rebecca seja o meu verdadeiro nome...

—Que dizes?

—Assim me chamava o velho, quando os soldados de Hochstratten o prenderam no Ghetto, na fatal noite...

—No Ghetto?

—Parecia que elle me havia reconhecido...

—E tu não te recordaste d'elle?

—Não me lembrei das suas feições, por mais esforços que fizesse. Era um parente, ou era sómente um amigo? Tu, mulher que sabes lêr no destino, dize-m'o, se pódes, por piedade, ao menos.

Mas a Sibylla quedava-se immovel, e como illuminada e enternecida. Pela sua face pallida, sulcada por fundas rugas, manavam lagrimas copiosas, a fio, mas lagrimas que sem duvida eram de celestial alegria.

Depois de um instante de commovedor silencio, apertou estreitamente a Fornarina entre os braços e, abraçando-a effusivamente, exclamou:

Ah! luz da minha vida!... És tu... Emfim, encontrei-te, minha filha!...

—Eu?

—Sim, eu sou tua avó, minha querida!

—Vós?

A minha primeira impressão não me illudiu. A primeira vez que te vi, disse commigo: «Como se parece com ella!» Porém, como havia de acreditar em tal felicidade, eu, habituada ao soffrimento mais espinhoso...

Ah! foi uma hora abençoada! Aquelle homem, aquelle velho que na noite da matança te reconheceu e chamou, e que, como eu agora, desejaria poder apertar-te contra o peito, é Ephraim, é meu marido.

—O que dizeis?...

—Sim, esse que tive por morto, é o pae da tua misera mãe.

Precipitou-se sobre o corpo da sacerdotisa, que escabujava espasmodicamente, e gritava fora de si:

—Soccorro! Soccorro!

CAP. XXXVIII.

E minha mãe? E minha mae?

—Não sei onde está... Procural-a-hemos tambem e, se viver, havemos de achal-a, como achei o meu Ephraim: estava tão perto de mim, sem que o soubesse...

E a feiticeira, atenazada, retalhada, sacudida por tantas impressões, rompeu em soluços.

—Ai! como é bom chorar! —disse ella.

E com a voz embargada pelo choro repetiu:

—Não morreu!... Não morreu o meu Ephraim! Poude escapar á terrivel peste de Florença, e os sabujos não o chacinaram... Porque não o fizeram? Decerto porque não receberam ordem para tal. Indubitavelmente estava escripto que devia escapar, vêr-me, e ajudar-me na vingança.

E dirigindo-se á Fornarina, que estava fundamente emocionada e commovida, accrescentou:

—Bem vês que tinha razão quando te dizia que não deverias crêr que estivesse morto, emquanto não palpasses o seu cadaver, ou conhecesses n'elle a putrida acção dos vermes.

—Rebecca!...—repetiu a voz.

As duas mulheres sentiram-se estremecer até ao mais intimo do seu ser, ao ouvirem aquelle chamamento, cuja significação e origem comprehendiam então. A Fornarina, fóra de si, ajoelhou e, collando os labios ao cano subterraneo, gritou com todas as suas forças:

—Animo!... Estamos aqui.

—Basta!—disse imperativamente a Sibylla.

—Porque?

—Não falles mais, desgraçada, se tens em preço a sua vida... Se acaso te ouve algum carcereiro...

—É verdade...

—Estaria perdido para sempre!...

—Não me lembrei...

A Fornarina calou-se, ao passo que a feiticeira collou o ouvido ao canal, attentamente.

—Escuta, creio que distingo duas vozes.

—Algum outro preso, talvez.

E um nome lhe acudiu ao labio. Machinalmente fez gesto de aproximar de novo a boca do buraco e chamar por Lucas, companheiro de Ephraim.

—Desgraçada!—bradou a feiticeira, afastando-a por um braço.

E ao mesmo tempo, para advertir ao preso que fosse prudente, atirou uma pedra ao buraco do cano, cujo echo se prolongou por muito tempo.

—O que? Não queres?—perguntou-lhe a Fornarina.

—Quero salval-os, e, para isso, saberei esperar.

—Comtudo...

—Agora temos uma certeza... O tempo pertence-nos.

—Seja.

—Deixa-me obrar, minha filha, e tem confiança em mim.

—Entrego-me a si, minha mãe.

—Oh! sim, chama-me mãe! —replicou com vivacidade a Sibylla.

E voltando-se para a moça, e contemplando-a com amor:

—Como es linda! —repetiu em voz baixa. Estou espantada de te ter podido ver e fallar, sem que coisa alguma me dissesse quem tu eras, sem que nada no meu interior gritasse: É o teu sangue! que é como se dissessemos: É a tua filha...

A Fornarina suspirou.

—Acaso não és feliz?

A moça virou a face sem responder.

A feiticeira, depois de escasso silencio, proseguiu:

—Ai! minha pobre filha, leio em tua alma, sondo os teus pezares, e sei que amargura te causa o crime d'alguem, cujas consequencias tu supportas, sangrando. É esta idéa que te faz baixar o rosto, quando eu te chamo *minha filha*... Anda, vem abraçar-me...

A Fornarina lançou-se nos braços da Sibylla, chorando.

—Não chores... parece que te accusas... Tua mãe, se vivesse, não consentiria...

—Então ella morreu? Mas ha pouco dizieis...

—Dizia-te que nada sei. O mais que posso accrescentar é que tenho medo que ella, na realidade, não exista.

—Minha pobre mãe!—clamou a moça com uma voz tão repassada de angustia, que parecia que o seu peito, por muito oppresso, ia rebentar.

—Não chores! Em todo o caso aqui estou eu que a substituirei, de muito bom grado.

—Estou certa d'isso.

—Demais—e a voz da sacerdotisa tomou um tom solemne:—tens deveres a cumprir cuja execução não quer lagrimas.

—É certo—respondeu a moça com firmeza e gravidade.

—É preciso salval-o.

E a Sibylla apontava para o calabouço.

—Salval-o-hemos.

—Júra-lo?

—Juro.

—Está bem. Todos os homens que tu viste na noite passada assistirem á cerimonia do *sabbat* não esperam senão uma palavra, um gesto, para obrarem. Os seus inimigos são tambem os nossos, e os teus. Com a ajuda dos conjurados livraremos as victimas do carcere.

—E vingal-os-hemos depois.

—Bem dito! Conheces os seus verdugos?...

—Sim, conheço-os.

—De sorte que,—ouve-me bem, minha filha,—ainda que todos os conjurados se recusassem a prestar-me o seu auxilio, e tu só me restasses...

—Eu bastaria a fazel-os expiar a sua cobardia, as suas torpezas...

—Não tremerás pois, então, como não tremeste esta noite?...

—Não.

—Qualquer que seja o laço que possa haver vinculado a ti os que condemnamos á morte, dirigirás o teu braço intrepido contra elles?...

—Até matal-os...—respondeu a Fornarina, cujas palavras o echo repetiu soturnamente pelas abobadas.

E o seu braço alçou-se ao ceu, tomando-o por testemunha.

—Os mortos—disse a feiticeira—ouviram o teu juramento.

CAPITULO XXXIX

A Tortura

Quando Francesca ouviu a voz de Lourenço de Medicis que lhe murmurou ao ouvido:

—Eu vélo! sentiu uma alegria subita e momentanea, apesar das terriveis crises que atravessava.

Não esperava a misera decerto encontrar o homem que amava tanto, e que amava ainda mais do que suppunha. Lourenço promettera-lhe, de facto, reunir-se a ella: mas a joven suppoz que aquelle almejado instante não chegaria tão cedo, e elle decerto tambem assim o cria, quando confiou Francesca á guarda do velho Abrahão, seu escudeiro fiel. No momento em que o pobre velho tão dedicado, e Luthero tão destemido, eram cobardemente presos e accusados, um de roubo, outro de tentativa de homicidio, surgia felizmente para ella, para substituir os dois protectores perdidos, um amigo inesperado, o maior, e o mais desejado de todos.

Conhecendo o perigo que a cercava, presentindo que havia inimigos que de continuo a vigiavam, a tal ponto que se espantava de viver ainda quando um unico gesto indiscreto a poderia trahir, quedou-se como que especada e immovel a ouvir as palavras de Lourenço.

Mas quando o joven cardeal se perdeu na treva, caminhando precipitadamente, Francesca sentiu não o haver seguido, receando não o tornar a vêr.

Tentou fazel-o: mas domou o seu primeiro impulso, ao aperceber a escolta que levava presos os seus dois companheiros.

A advertencia não era para desprezar. Sim, era preciso fugir d'elles, separar-se mais uma vez, sem renunciar, por isso, a procurar livral-os mais tarde.

Não podia, nem devia, na occasião, exhibir-se ao pé d'elles, pois poderiam prendel-a tambem, e, uma vez no carcere, baldada seria a esperança de se vêr reunida a seu filho.

Estas cogitações fizeram que ella proseguisse o seu caminho, em direcção opposta á que levaram o frade e o escudeiro judeu, no meio da soldadesca da escolta.

A noite estava espessamente negra, e a joven não deu fé d'um vulto que a seguia.

Esta sombra, como dissemos já ao leitor, caminhava rente das paredes, e muito cautamente.

Este homem era Frick-Frick, não cabendo em si de contente por ter descoberto finalmente a pista, atraz da qual corria ha tanto tempo, descoberta que não devia tardar em lhe conquistar a prêsa tão obstinadamente perseguida, e tantas vezes a ponto de mallograr-se.

—Anda, anda, —magicava elle comsigo—apressa-te a reunir-te ao teu increnque... A mãe perderá o filho.

E continuava andando atraz da joven, a prudente distancia.

Se algum transeunte tivesse prestado attenção a tal, teria notado que a partir da embocadura d'uma viella havia duas sombras mais, em vez d'uma. Seria isto producto d'uma illusão optica, causada pela claridade da lua, que começava a despontar no horisonte, n'aquelle momento, entre duas nuvens? Seria um simples effeito d'optica? A escuridão era tão enganadora!...

Frick-Frick, comtudo, não reparou n'aquella particularidade, e continuou na sua caça, com o mesmo afinco.

Francesca proseguia caminhando, e de suspiro a suspiro, dizia com a voz repassada de carinhos, e arrulhos de mãe:

—Meu filho!... Meu filho!...

E, coisa extranha, em vez de se sentir alegre porque ia por fim beijar o filho, e embriagar-se com as suas tão suspiradas caricias, estava taciturna, e lagrimas amargas lhe manavam pelas faces, soltando lancinantes suspiros que partiam o coração...

Outro pormenor curioso: caminhava sem se deter, nem vacillar,—sem parar nas ruas por onde caminhava, o que fazia suppor que conhecia perfeitamente a cidade. E comtudo era esta a primeira vez que pisava aquellas ruas.

Francesca Pandolfini iria pois caminhando ao acaso? Seria a desesperação, ou a sua fraqueza que lhe arrancavam aquelles suspiros? O que fôra que Abrahão lhe dissera ao ouvido, na hospedaria do *Rato de Flandres*? Caminhando assim chegou até uma praça onde brilhava uma luz. Era um nicho de pedra que continha a imagem d'uma Virgem, alumiada por uma lampada. Os devotos deante d'ella faziam demoradas rezas e longas genuflexões.

Francesca, que estava quebrada de cansaço, dirigiu-se para o nicho, ajoelhou-se, e pôz-se a orar.

—O diabo leve as beatas!—murmurou Frick-Fric, que fôra forçado tambem a fazer paragem d'alguns momentos.

Fallando assim embrulhou-se na capa verde.

Uma nortada bastante rija e cortante começava a levantar-se então em Torgau.

Francesca, ajoelhada entretanto aos pés da Madona, repetia baixinho:

—Meu filho!... Eu quero vêr o meu filho!...

Porque não corria ella ao sitio que Abrahão lhe indicára?

De subito estremeceu, apavorada. Uma voz, que parecia saír de debaixo da terra, dizia:

—Orae, Francesca, e se apreciaes a vida, não façaes um movimento unico. Estamos rodeados de inimigos.

Ah! a joven reconheceu nitidamente aquella voz, Lourenço estava junto d'ella! O que tinha então que recear?...

A voz continuou:

—Sou Lourenço de Medicis. Ouvi... receei não vos poder fallar...

Cada uma d'estas palavras, murmuradas n'uma voz sumida e quasi ciciada, apenas perceptivel, vibrava com o tom do mais entranhado e dedicado affecto.

—Onde estaes? perguntou Francesca suavemente commovida.

—Debaixo do banco de pedra.

Com effeito, perto do nicho via-se um banco de pedra, sob o qual se occultára o sobrinho do Papa.

—Tendes alguma coisa que me dizer?—perguntou a joven mãe.

—Em primeiro logar, não volteis a cabeça para o meu lado.

—Porque?

—Porque vos estão observando.

—A mim? Quem?

—Um homem que está atraz de vós.

—Um homem!

—Não vos movaes. A não ser eu, ha pouco ter-vos-hia assassinado.

Francesca estremeceu, e murmurou em voz sumida:

—É a segunda vez que vos devo a vida, meu querido.

—Ainda não estaes salva.

—Será possivel?

—Talvez devera dizer que o perigo que vos ameaça mudou de fórma.

—Que quereis dizer?

—Que esse homem agora não attentará contra a vossa vida, mas contra a de vosso filho.

—De meu filho! Elle sabe então...

—Não. Conta, porém, servir-se de vós, para o vir a saber.

—Miseravel!

—É por isso que vos conjuro que, reprimindo o vosso anceio de o beijar, espereis, para vêr esse filho tão querido, o momento azado em que o possaes vêr, sem risco.

—Sempre esperar!

—Se descobrem o seu paradeiro vós é que tereis a culpa, e a cabeça d'elle rolará primeiro que a vossa...

—Misericordia!

—Não ireis, portanto, vel-o, não é verdade, Francesca?

—Ai! Como poderei eu ir, se tambem não sei onde elle está?!...

—Devéras?

—Não vol-o disse Abrahão no *Rato de Flandres?*

—Nada me disse. Interrompeu-o a entrada de um judeu allemão.

—Era eu?

—Vós.

—Sim: estavam-vos a escutar, queriam surprehender o esconderijo de vosso filho.

—Oh! como sois bom!... Quanto vos agradeço!

—De sorte que Abrahão nada vos confiou?

—Disse-me só em voz baixa, pois presentia uma tremenda catastrophe:—Ide-vos, ámanhã vêr-nos-hemos na cathedral.

—Só vos disse isso?

—Nada mais... Mas vós... vós sabeis?...

—Nada sei.

—Ai de mim!

—Só Abrahão nos póde informar.

—Elle está preso.

—Ouvi-me: os instantes são preciosos. O fito a que devem tender todos os nossos esforços é a fazer soltar Abrahão.

—Sim, decerto. Mas por que meios?

—Procedamos cada um por seu lado, sem nos compromettermos... E isto é o principal para mim, como para vós.

—Conseguiremos alguma coisa? Os nossos inimigos...

—São poderosos. Mas o amor póde mais do que o odio...

—Tendes rasão, Lourenço.

Houve um momento de silencio. Agitava tanto a um como ao outro o mesmo pensamento.

Francesca continuou, suspirando:

—Então, temos que nos separar?...

—É preciso que ignorem que vós me conheceis...

—Mas como nos havemos de vêr e onde?...

—Silencio!

Á esquina da rua ouviam-se passos precipitados.

—Uma patrulha.

—Ide-vos depressa...

Francesca póz-se em pé no momento mesmo em que a tropa desembocava.

—O que é aquillo?—perguntou o official ao sargento.

—Uma boa catholica muito temente a Deus, que rezava á Virgem.

—A esta hora, e com este frio... Parece-me antes que é uma rameira... Seja quem fôr, faça o seu officio, comtanto que não incommode ninguem.

E a patrulha passou mesmo rente ao banco de pedra. O sargento, apontando para o banco, disse:

Isto é um ninho de assassinos, em que póde esconder-se qualquer que nos queira espatifar...

E para socego da sua consciencia, no momento mesmo em que Lourenço, que teve ganas de escavacar a patrulha, se decidiu prudentemente

a não tugir nem mugir, o sargento metteu por baixo do banco a ponta da sua alabarda. O sobrinho do Papa aguentou porém o golpe sem gemer, mau grado a arma passar-lhe através a manga do casaco e o collete, e rasgar-lhe ligeiramente a pelle do peito. Como se tratava, porém, de não comprometter Francesca, Lourenço ter-se-hia deixado estripar, sem soltar um grito sequer.

Frick-Frick puzera-se de novo em marcha atraz de Francesca.

Não vira nada que lhe chamasse a attenção, a não ser que achou que a joven se demorára muito tempo em rezar. A impaciencia e o frio haviam-no feito regougar algumas pragas e blasphemias.

—Diabo!—rosnava elle—que demora em ir vêr o indez! Parece-me que nem por isso lhe quer lá muito... Que diabo de caminho toma ella agora?... Pois não torna a voltar para traz?...

Francesca começava a sentir-se lassa de tanto andar, e martellava o cerebro só a cogitar nos meios de se aproximar de Abrahão e de inquirir d'elle as informações de que dependia a sua vida.

A empreza não deixava de se lhe figurar escabrosa, sendo como era evidente que estava continuamente vigiada.

—Ah! os miseraveis!—repetia ella a cada passo, de si para si.

O frio fal-a tiritar, a febre estua-lhe e combustiona-lhe o sangue, apesar de que as mãos estão geladas, e de que em vão tenta aquental-as no seu peito frio como gelo. Sente-se desfallecer. Acaso estará proxima a sua hora ultima? Uma anciedade inexprimivel, mesclada com a duvida e o desalento a sobresaltavam, sensibilisando-lhe a sua idiosyncrasia, que tantas emoções n'aquelles dias haviam abalado e enfraquecido. O caminho que agora tem de percorrer novamente afigura-se-lhe interminavel. E como o nordeste sopra rijo, agudo e descaroavel!... Dir-se-hia que é um lençol de neve que pende da abobada celeste.

Confusamente, encandeadamente, vertiginosamente enxerga lumieiras que dançam phantasticamente adeante d'ella, e á roda chammas de todas as côres, fogos rutilos e fatuos, a que ella no emtanto almejára aquentar-se agora.

—Depressa!... Corramos!... —exclamou ella, como que para insufflar esforço e coragem a si propria.

Quer andar, porém os pés negam-se a obedecer-lhe, e a cada passo cambaleia. Sente que vae caír... Se podesse chamar por alguem... Mas não, não é conveniente... O outro, o tal, que sem duvida a espia, ouviria decerto: demais nem forças tem para gritar.

—Lourenço!—murmurou apenas...

E caíu. O solo, o céo, as casas sombrias, as viellas, tudo gira á roda d'ella, n'aquella neblina que a penetra e inteiriça até aos ossos.

Por causa da opaca escuridão que reina, Frick-Frick não deu fé da queda da joven.

—Aonde está?

Sem duvida não poude penetrar através d'aquellas nevoas n'aquellas casas tão bem aferrolhadas áquella hora. Por onde se sumiria a sua sombra que ha uma hora distinguia ainda? Maldita nevoa!

Corre então estugadamente, passando rente d'ella, sem a vêr. E comtudo, ella não póde estar muito distante...

Frick-Frick despeitado correu desesperadamente, e desappareceu...

Francesca ficou jazendo no empedrado da rueia deserta, desmaiada, tendo batido com a cabeça, que a neblina alaga da sua fria cacimba, contra uma pedra, e aberto uma brecha d'onde o sangue gotteja.

Por esta mesma occasião tinha logar uma scena violenta n'uma casa dos arrebaldes de Torgau.

Deve recordar-se o leitor, decerto, do modo como Tetzel se separou de Lourenço de Medicis, no palacio do bispo. Não esqueceu tambem que tendo recebido uma epistola feminina se levantára pressuroso a correr á entrevista que lhe davam na missiva, deixando assim livre o sobrinho do Papa de ir para onde quizesse.

Com passo ligeiro e lepido dirigiu-se pois, saíndo do palacio archiepiscopal, á dita casa dos suburbios. A mulher a cuja casa se dirigia não lhe era incognita. Havia já uma vez passado por Torgau, não sem deixar rastos monacaes da sua passagem na cidade.

Travára relações com um joalheiro, e nem sequer se dera ao trabalho de esperar por uma das viagens que elle consagrava annualmente á compra das suas pedras, para fazer d'elle... aquillo que nenhum marido deseja ser.

Haviam decorrido já, depois d'esta viagem, aproximadamente dez annos. O tempo decorrido dava pois áquelle amor o attractivo de uma nova conquista. A recordação d'aquella amavel joalheira acudira-lhe prestes á memoria, e a não serem as numerosas occupações da sua nova missão, sem o negocio de peso, cuja solução lhe viera de Roma n'aquelle mesmo dia, teria acorrido a ir offerecer-lhe os seus prestimos, a seu modo.

Como aquillo não pudera ser, limitou-se a fazer lhe saber indirectamente a sua presença, de sorte que, como elle esperava, a amorosa joalheira marcava-lhe uma entrevista para aquella mesma noite...

A epistola não podia ter chegado mais a proposito, pois precisamente n'aquella noite estava livre o seu coração, coisa extraordinaria, pois até áquella data empregara deleitosamente todas as noites n'uma encantadora costureira, moçoila tão infatigavel como devota.

Assim pois tão lepidamente quanto lh'o permittia a sua volumosa pança, acorreu o libidinoso frade á mansão da sua querida.

Ao principio contrariou-o um tanto o ter de aturar o mau humor de uma creada rabujenta, que depois de o haver introduzido na sala d'espera como se fosse um simples conhecimento, annunciou-lhe em desabrido entono que a senhora brevemente estaria visivel.

Na realidade não teve que esperar muito, a porta escancarou-se, e uma dama bastante appetitosa appareceu, e que elle logo a primeira vista reconheceu por ser a sua Dulcinea.

— És tu! — exclamou elle, abrindo os braços com gaudio. — Emfim tornam a vêr-te meus olhos!...

E avançou para ella, para juntar ao abraço de saudade um férvido beijo d'amor.

Mas elle fel-o especar no logar em que estava e ficar como que cravado no soalho, com um olhar severo que lhe fusilou.

— Ah! deixae-me! — disse ella.

— Mas...

— Tenho que vos fallar.

— Fallae pois...

E ambos se sentaram.

O dominicano sentia acercar-se a borrasca, e preparava mentalmente toda a sorte de desculpas apropriadas a taes circumstancias tempestuosas, e ao giro que imaginava poderia seguir a conversação.

Mas a bella sacou do peito um masso de cartas, e entregou-lh'o.

— O que é isto?

— Lède.

Tetzel comprehendeu tudo, no primeiro relance. Tinha em suas mãos as declarações amorosas que elle havia dirigido á costureira, a rival da mulher do ourives.

— Percebeis? — perguntou ella.

— Eu? Sim... Quero dizer perfeitamente.

Tratava-se d'uma simples scena de ciumes. Não havia pois a recear complicação alguma.

O caminho estava traçado, e tudo marcharia perfeitamente como sobre rodas.

— É assim — perguntou a bella ultrajada — que vós me amaveis?...

— Permitti que...

— E enganaveis-me com quem... Que nojo!...

Tetzel interrompeu o gesto desdenhoso da sua querida, e aventurou-se a dizer:

— Ha já tanto tempo...

— Lède — retrucou ella, pondo-lhe deante do nariz as datas das epistolas de amor á costureira.

— Ainda hontem proseguiu a dama tomando calor ante-hontem, tudo datas recentes.

— Mas...

— Miseravel!

— Oh!

— Isso concorda perfeitamente com a vossa precipitada partida de ha dez mezes.

— Um negocio urgente...

— Oh! sim, bem sei!... Eu já esperava essa palavra, e esse mesmo negocio urgente foi o que vos impediu de me enviardes noticias vossas?...

— E vosso marido? — objectou Tetzel.

— Ah! como agora vos preoccupaes com o meu marido! Não pensaveis decerto n'elle quando me abandonastes...

—O que dizeis? Acaso o vosso proprio interesse não me impunha certas penosas e até humilhantes precauções?

Mas a mulher do joalheiro, com gesto de profundo desdem, exclamou:

—Cobarde!... Acaso foi isso que vos impediu de cogitar no que poderia ser de mim, se meu marido me tivesse abandonado ou morto?...

—Morto!... Porque?

Decididamente Tetzel recobrava o seu imperio sobre si mesmo, e o cynico surgia. Quanto mais se emmaranhava e accendia a disputa, mais calmo e á sua vontade elle se achava. O melhor era levar o caso de galhofa, e domesticar d'aquella fórma a formosa leôa.

Enganára-a? Sim, e então que tinha isso?

Era acaso ella a unica mulher que se achava n'aquellas circumstancias? Devia-lhe elle além d'isso fidelidade? Aonde iriamos parar com tal doutrina?

Tetzel forcejava sorrir: mas inutilmente, e não poude abster-se de dar um salto, quando a sua amada furiosa lhe gritou:

—Porque? E ainda tu m'o perguntas? Miseravel! Porque?... Por causa da creança...

—Uma creança! Que creança?...

—Admiras-te?... Não sabes que me fizeste mãe?

—Eu!?

—Quem querias tu que fosse?

O frade não se atreveu a oppôr duvidas, e a bella proseguiu:

—Meu marido, que andava viajando, não chegou senão muito tarde, de modo que me foi impossivel occultar a minha falta... Oh! o que eu soffri não se póde contar!...

—Sim, comprehendo...

—Como poderia eu dissimular a minha falta? Eu não sei como o teu filho poude vir ao mundo, sem que meu marido me matasse... Mas o amor dá forças, e suggere mil astucias. Sim, porque eu amava-te, ainda que me cause vergonha dizel-o... Não sei o que tu me déste para que eu te quizesse tanto, mas agora...

—Agora o que?

Tetzel, que estava habituado áquellas scenas, tremia, não de vergonha, mas porque presentia uma desgraça.

E, de facto, a bella accrescentou tranquillamente:

—Dei-te uma entrevista para me proporcionar o jubilo d'uma vingança.

—O que?

—Não digo nada ao de leve, e estou certa de que me não has-de escapar...

A dama fitava-o com catadura e sobrecenho tão carregado e torvo, que o frade recuou assaralhopado.

—Oh! não é por emquanto...—disse a mulher do joalheiro com um sorriso ainda mais minaz e terrifico... talvez dentro de alguns dias...

—Como?

—D'aqui a tres dias chega meu marido, saio-lhe ao encontro, e digo-lhe: Vae a herdade das Tilias, pergunta pela ama Suzel, a creança que ella cria é minha, e seu pae é...

—É?...

—É o prégador Tetzel.

—Atrevêr-vos-hieis a fazer tal coisa?

—Tão socegadamente como quebro este vaso.

E, pegando d'um jarro, escaqueirou-o no chão.

Tetzel limpou as camarinhas de suor que lhe manava pela face, em bastas gottas.

—É isso tudo o que tinheis a dizer-me?—murmurou.

—Por agora sim.

O frade pôz-se em pé. Tremia como junco verde: a sua natural cobardia, acobertada sob o manto de uma brutalidade mais apparente que real, reappareceu, subjugando-o. Conhecia, além d'isso, que tudo tinha a recear d'aquella mulher esporeada pelo aguilhão da vingança. Tetzel, aturdido, presentia o perigo que o ameaçava. N'isto o ruido que fez uma porta a abrir-se, o fez dar um pulo. Receou que o marido chegasse, com entono justiceiro, antes que elle tivesse tempo de se escapulir. Como suppuzera ter sido convocado a uma entrevista d'amor, não trouxera sobre si arma alguma. Deante do olhar altaneiro da dama, o frade acurvou a cabeça, com visiveis signaes de espanto e susto.

—Sae!—clamou-lhe ella.

E o frade, como um corisco, saíu prestemente. Atraz d'elle a porta bateu, com medonho estardalhaço. Achou-se afinal na rua.

A brisa gelida que lhe açoutava a face esbrazeada contribuiu a augmentar a sua atarantação e, ao descer atabalhoadamente os poucos degraus da escada, esteve a ponto de caír e escaqueirar o costado.

—Com tres mil raios!—regougou elle—até o diabo se conjura contra mim!

Esta exclamação acabava de lh'a fazer soltar uma canellada que dera, batendo n'um objecto qualquer.

O que seria aquillo?...

Inclinou-se, e tratou de verificar.

—Um cadaver!—murmurou.

Aproximando-se mais, distinguiu confusamente á luz dos reflexos da lampada celeste o objecto em que tropeçára.

—Não. É uma mulher desmaiada—rosnou elle, depois de se ter certificado melhor.

O seu rosto figurou-se-lhe de linhas correctissimas. Tetzel dirigiu um olhar inquieto á casa aonde fôra, e onde, em vez do prazer que esperava, encontrou apenas ameaças de morte. Mas n'essa casa reinava um fundo silencio.

—Uma mulher!—repetiu elle.

E os seus instinctos libidinosos começaram a despertar.

Pegou em Francesca, pois era ella, e transportou-a para a casa que alugára perto d'alli para as suas borgas e orgias nocturnas.

Caminhava á pressa, e matutava que a mulher que pouco antes o havia ameaçado, estava doida decerto. As palavras que proferira eram palavras vasias e dementadas. Se alguma coisa tentasse contra elle, ella seria castigada. Além d'isso, elle era inquisidor. É verdade que o tal esposo era bes-

tial, e uma punhalada vibra-se muito depressa, e tambem o veneno... Mas que idéas!... Magicaria melhor n'isto n'outro dia, no dia seguinte... No entretanto tratará de cevar n'aquella mulher a furia sensual que esperava cevar na outra. A mulher, porém, não volta a si... Tanto peor para ella!...

Tendo chegado n'aquelle instante á dita casa, tirou a chave do bolso, que nunca largava, abriu e entrou.

Porém o que viu? Teria caído em alguma armadilha? O leito está desmanchado, e a casa tem luz dentro. Ha um homem lá... Diabo!

Tetzel tratou de recuar: mas já era tarde de mais.

O homem pôz-se em pé. O frade vae para atirar ao chão o seu fardo: mas, ao reconhecer o intruso, grita:

—Frick-Frick!

E accrescentou em seguida:

—O que é que fazes aqui?

—Esperava-te.

Tetzel ia para responder, mas o homem da capa verde, reparando então no estranho carrego que trazia o seu cumplice, perguntou-lhe:

—O que é isso? Uma mulher! Sempre a mesma coisa!

—É bonita. Verás, quando ella voltar a si...

—Garanhão!

—Invejoso!... Anda, vae-te embora.

—Desculpa, primeiro...

E Frick-Frick não terminou a phrase. Ao abaixar-se para observar o rosto da mulher desmaiada, exclamou:

—É ella!

—Mas qual ella?

—Onde diabo a encontraste?

—Aqui perto, á esquina da rua dos Pilares Velhos.

—É isso... desmaiada?

—Como estás vendo.

—Tudo se explica. E tu então querias...

Frick-Frick terminou o seu pensamento com um gesto cynico.

—Porque não? Tem umas ricas carnes!...

—Cala a bocca!

—Então não te parece que...

—Não lhe toques, digo-t'o eu!

—Diabo! Acaso terá a peste?

—Não.

—Então que tem?

—É Francesca Pandolfini.

—A herdeira?

—Ella, em carne e osso.

—Com mil diabos!

Os olhos de Tetzel faiscaram sinistramente. Olvidando o seu capricho libidinoso, dirigiu-se a um canto, e desembainhou um punhal.

—Então—disse tranquillamente—é outra coisa.

Frick-Frick, porém, deteve-o.

— É preciso respeital-a. Esqueces, porventura, que o Papa nos deu carta branca, e que vale mais acabar com ella, emquanto está desmaiada.

— Mas é que desde que nos separamos occorreram novidades. Agora temos interesse em que ella viva.

— Como é isso? Conta lá...

— Faricis isso?
Tão certo como quebrar este vaso.

CAP. XXXIX.

— Sim, mas antes d'isso trata de fazer voltar a si essa mulher...

E, n'um abrir e fechar d'olhos, os dois cumplices fizeram a cama, e estenderam sobre ella, com todos os cuidados, Francesca, que continuava desmaiada.

Pela vida do Papa! — suspirou Tetzel admirando-a — É uma lastima!...

E ajuntou, dirigindo-se ao homem da capa verde:

—Devéras parece-te que não me posso ir adeantando com ella?

—Cala-te, satyro, e repara... A respiração d'ella é difficil.

—É verdade.

—Toma-lhe o pulso.

—Diabo, tem febre!

—Uma febre horrivel.

—Comtanto que não vá agora adoecer—disse o frade. Isso é que era uma dos demonios!...

—Quem sabe, talvez que não fosse mau!

—O que queres dizer?

—Comtanto que a doença não durasse muito...

—Decerto, porém...

—Talvez que um delirio forte nos revelasse o que desejamos averiguar.

—Ha algum novo segredo?

—É claro...

E em duas palavras Frick-Frick pôz o prégador ao corrente do succedido, fazendo-lhe vêr que era urgico e imprescindivel fazer desapparecer aquella creança cujo destino se ignorava, sob pena de se exporem a perder a herança.

—Maldito jelmo!—regougou Tetzel, a quem escandalisava aquella fecundidade das mulheres.

—Portanto—concluiu Frick-Frick—devemos tratar da mãe.

—Tratemos pois. Mas parece-me que não é condição indispensavel para a cura d'ella que estejamos sem comer, nem beber uma gotta.

E, dizendo isto, Tetzel tirou de um armario abundantes víveres, procurando como sempre, no vinho, o olvido e o consolo de seus pezares.

Durante muito tempo cavaquearam os dois amigos, entre a pera e o queijo. Francesca paulatinamente ia saíndo da sua syncope e, como o previra Frick-Frick, com a ardencia da febre começára o tresvario.

A misera soffrera e passára nos ultimos dias por taes transes, que tinha as forças esgotadas, esvaídas. A febre que a minava coloria-lhe e esbraseava-lhe a face com as suas rosetas: delirava, e revolvia-se no leito.

—É muito formosa, não se póde negar!—exclamou Tetzel em quem a digestão era sempre acompanhada do despertar dos outros sentidos.

Abeirou-se portanto de Frick-Frick e exorou-lhe que o deixasse sósinho um bocadito apenas...

—Não ha-de ser isto que lhe ha-de augmentar a doença, e até talvez lhe faça bem!...—dizia Tetzel—Pelo menos pode contribuir a precipitar o seu delirio, que é o que almejamos...

—Cala-te, e deixa-me quieto!—disse Frick-Frick enfadado e imperativamente.

Os labios da doente contraíam-se. Eram perto das tres da madrugada. Francesca pronunciava somente palavras inintelligiveis, sons estranhos, uma especie de linguagem sem nome, tão confusa como o balbuciar das creanças, e da qual era impossivel entender qualquer coisa.

—Estamos aceados se não falla outra linguagem!—disse Tetzel.

— Paciencia! — replicou Frick-Frick — começou a delirar, e isso é o principal. Decerto que nos ha-de fallar do filho...

— Como conheceis bem o coração das mães!...

A doente, que se havia calado uns segundos, como se estivesse em collapso, começou a proferir algumas palavras distinctamente.

— Abrahão! Abrahão! — murmurava.

— O filho chama-se Abrahão? — perguntou Tetzel.

— Não. Abrahão é o nome do escudeiro.

— Ah!

— Cala-te agora um bocado.

— Abrahão preso... — continuou Francesca — Já vos disse que quero vel-o. Meu filho!...

— Já cá estamos no tal filho! — disse Tetzel.

— Onde está elle? — dizia entre soluços a doente.

— Que diz ella agora?

— Não sabe onde elle está... Oh, isto é horrivel...

— Isso é — resmoneou o frade.

— Só Abrahão o sabe...

— O que?

— E Abrahão está preso...

— Trovões e raios! — rosnou Frick-Frick, vendo que Francesca se calava de novo. Não passamos nunca da cepa torta. Só o tal Abrahão é que o sabe! Pois bem, havemos de tratar de lhe arrancar o tal segredo...

E os olhos do homem da capa verde relampejaram colericos.

— Creio — disse Tetzel — que a este respeito estamos d'accordo.

— Da parte d'ella — ajuntou Frick-Frick indicando a doente — nada mais podemos colher.

— Evidentemente.

— Não queres que eu...

— Não quero que ella nos veja.

— Pois bem, seja feita a tua vontade.

— Havemos de mandar-lhe uma enfermeira nossa conhecida, mulher capaz. Deve fazer-lhe acreditar que foi quem a recolheu e tratou d'ella. Emquanto o filho fôr vivo a mãe póde ser-nos de alguma utilidade.

E uma hora depois os dois cumplices deixavam a casa.

Uma enfermeira velava á cabeceira de Francesca, e de quarto em quarto d'hora renovava as compressas que lhe puzera na fronte.

No dia seguinte, pela manhã, uma mulher extremamente fraca e pallida pedia audiencia ao burgomestre de Torgau.

Foi introduzida promptamente no gabinete do magistrado, homem de modos muito cortezes, e que a forçou a sentar-se.

— A quem tenho a honra de fallar? — perguntou o funccionario.

— A Francesca Pandolfini — retorquiu a mulher.

O burgomestre fitou-a attentamente, como quem queria exprimir: «Já sei.»

— O que desejaes? — perguntou.

— Venho interceder, supplicar por dois innocentes que a policia, levada por falsas apparencias, prendeu hontem á noite.

O magistrado sorriu com ironia, e disse:

— Innocentes, dizeis...

— E não digo ainda bastante: são individuos honestissimos! Nós somos forasteiros e estrangeiros na cidade, e decerto ha aqui algum equivoco.

A pobre Francesca, debilitada pela febre, sentia-se facilmente desconcertar pelo ar glacial do burgomestre.

Comtudo ajuntou:

— Creio, além d'isso, que vós mesmo o deveis ter reconhecido, se acaso os interrogastes.

— Decerto.

— Sendo assim, ides pôl-os em liberdade, não é assim, senhor magistrado?

E Francesca atirou-se de joelhos aos pés do velho. O seu formoso e basto cabello que se soltára, a sua face pallida e esmaecida em que se debuxavam os cambiantes da esperança e da dôr, augmentavam a sua natural belleza.

Impressionado decerto, o burgomestre respondeu, sorrindo com affabilidade, e fazendo-a levantar:

— Pôl-os em liberdade?... Desejae-lo, senhora?...

— Oh, por piedade!

— Ah! não está na minha mão poder-vos servir...

— Porque? porque?... Se não fizeram mal algum, juro-vos...

— Estaes decerto enganada a respeito d'elles... São uns grandes scelerados.

— Quem vos disse tal?... Gente malvada, certamente.

— Os factos depõem contra elles com demasiada eloquencia. Quero crer, ao ver-vos tão distincta e seductora, que escondiam de vós as suas alicantinas e tramoias, n'uma palavra, que não sois cumplice d'elles.

— Sua cumplice?... Que querem dizer essas palavras?

Francesca poz-se em pé, indignada. O burgomestre tranquillisou-a.

— Já vol-o disse, senhora... Não creio que vós... Tudo me leva a crêr que o vosso conhecimento é superficial a respeito d'elles, relações apenas de viagem... Quanto a elles ha muito tempo já que andamos em sua procura...

— O que dizeis?

— Digo que elles eram dois temiveis rapinantes que infestavam estes arredores, pilhando e saqueando com as suas rapinas as estradas e as montanhas. Ha muito que estava dada ordem de captura contra elles.

Francesca ficou aterrada.

— Elles! — balbuciou — elles!...

— Bem sei — continuou serenamente o burgomestre — que os signaes

que d'elles nos deram não concordam de modo algum com as suas physionomias...

—E depois?

—Mas essa gente é muito velhaca... O que nós tomamos pelo seu verdadeiro rosto não é mais do que uma certa mascara que tomam para fazer desnortear a policia... Avisaram-nos de que se tinham hospedado no *Rato de Flandres*, e assim foi... Além d'isso, na hospedaria foram encontradas cabelleiras e outros disfarces, o que explica satisfactoriamente o erro em que caímos.

—Asseguro-vos, senhor, que laboraes n'um equivoco!

—Raras vezes, senhora, me equivóco, e agora mais do que nunca estou certo do que vos digo.

—Comtudo...

—Sinto, senhora, não poder acceder ao vosso pedido.

O burgomestre, dizendo isto, pôz-se em pé.

—Então que sorte lhes está reservada?—perguntou Francesca.

—Nada de mau, se se portarem bem, e responderem ás nossas perguntas.

—O que quereis dizer?

—Que teem cumplices, que são sem duvida uma quadrilha de salteadores.

—Crêdes isso?

—E se recusarem descobril-os...

—O que succederá?

—Que terei, senhora, o desgosto de applicar-lhes a tortura...

—O tormento!...

—Primeiro o ordinario, e depois o extraordinario.

E dizendo isto, o burgomestre, com extrema cortezia, acompanhou até á porta a pobre mulher aterrada.

Bem vê o leitor, por isto, que Frick-Frick não perdera o tempo, pois achára meio de sobrecarregar Luthero e Abrahão com todos os delictos e pilhagens commettidas por Annibal e Spavento.

O burgomestre era no fundo um bom homem. Só tinha um defeito, e grave, por certo: o de ser muito affeiçoado aos clericaes. Tudo o que de perto ou de longe dizia respeito á Egreja, refulgia a seus olhos com uma aureola resplandecente. Nada de singular havia em tal, visto que, procedendo assim, nada mais fazia do que seguir o exemplo de muitos outros concidadãos seus, magistrados ou não magistrados. Além d'isso tinha perfeitamente observado que os seus interesses estavam longe de soffrer prejuizo com esta cega submissão.

Por isso, na entrevista que acabava de ter com Francesca não fizera mais do que repetir tudo o que lhe dissera Tetzel, o legado do Papa, a que se entregára atado de pés e mãos, ou em corpo e alma, n'aquelle negocio.

Como realmente não era homem capaz de applicar por seu livre alvedrio a tortura a nenhum preso, nem de a ordenar sequer,—em vista da necessidade, que lhe fizeram conhecer, que havia em arrancar, por meio da tortura, um segredo importante aos façanhudos bandidos presos, quasi sentia prazer intimo em encarregar outrem d'aquella missão escabrosa.

—É no interesse da Religião!—tinha declarado Tetzel.

D'esta sorte, Abrahão estava á discrição do frade.

Quanto a Luthero, por emquanto haviam tratado apenas de o annullar, engaiolando-o.

Tinham posto á disposição e ás ordens do homem da capa verde, apresentado por Tetzel como um personagem muito importante, carcereiros, ajudantes, verdugos, e demais empregados das enxovias, com todo o arsenal de horrorosos instrumentos de tortura, destinados a superar a resistencia obstinada dos presos.

O calabouço em que haviam enjaulado Abrahão era muito humido em consequencia da sua proximidade do rio.

O desgraçado, deitado sobre um feixe de palha podrida, cogitava na sorte que lhe estava reservada, sem deixar de pensar na filha, que receava não tornar a vêr. Os lobregos ruidos que na realidade lhe chegavam aos ouvidos não eram decerto dos mais proprios a desviar-lhe da mente aquelles pensamentos turvos.

Sem fallar nas passadas monotonas e pausadas do carcereiro que fazia sentinella á porta, não ouvia no calabouço, ou compartimento visinho ao seu, senão o tilintar de ferramentas, que nada de bom auguravam. Ao principio, quando se viu preso, cuidou que talvez tudo aquillo não passasse de um equivoco: porém quando lobrigou Frick-Frick perdeu toda a esperança. Conhecera que caíra n'um aboiz odioso, n'uma armadilha que lhe enredára algum inimigo. O que queriam porém d'elle?

Promptamente o saberia decerto.

Em todo o caso aquelle bravo coração estava resoluto a não abandonar a missão que seu amo lhe confiára, e deixar-se antes morrer a fogo lento do que commetter uma infamia, ou villania.

Teriam decorrido duas horas já depois que o misero judeu estava entregue ás suas duvidas e amargores, quando cerca da meia noite abriu-se uma segunda porta que havia no fundo do seu carcere.

Dois homens entrajados de negro, com os braços nús, a catadura terrivel, entraram de roldão no calabouço. Com modos asselvajados tiraram ao preso as algemas, e empurraram-no para o carcere immediato d'onde pareciam saír os ruidos de ferragens tetricas, que tanto o haviam assustado.

O espectaculo que enxergou, á entrada, fel-o estremecer de horror.

Dois archotes presos a argolas de ferro, encravadas na parede, alumiavam lugubremente um montão de instrumentos de todos os feitios e dimensões, taes como: punhaes, serras, cravos, martellos, tenazes, e ao lado um folle, e um brazeiro flammejante.

No carcere reinava aquelle repugnante cheiro d'azeite, ou de banha derretida: e sobre um trapo, collocado ao pé d'uns cubos cheios d'agua, enxergavam-se funis e cadeias.

Da parte exterior do compartimento chegava um surdo mugido d'agua.

Abrahão estava na sala da tortura.

Os dois verdugos levaram Abrahão até ao meio da sala, e amarraram-no a um poste.

N'este momento entrou um homem que Abrahão reconheceu, no primeiro relance.

—Sempre o mesmo!—exclamou elle.

—Sempre o mesmo!—respondeu o homem.

Era Frick-Frick, muito ancho do seu papel de verdugo.

—O que quereis de mim?—disse o judeu.

Estás nas minhas mãos, e ninguem te póde arrancar d'ellas! retorquiu-lhe o outro.

—Nem mesmo aquelle juiz, e senhor absoluto do destino dos homens?

—Nem elle!

—És então o diabo?—retrucou o velho, com acido sorriso.

—Talvez—disse o outro, sorrindo tambem.

—Pois bem, homem ou diabo, és um cobarde, e eu te amaldiçôo!

Abrahão, porém, não concluiu a phrase, porque as duas ultimas palavras foram afogadas em um angustioso arranco de dôr.

A um gesto de Frick-Frick um dos ajudantes havia-lhe esmagado o dedo pollegar do pé, com um pesado martello.

O homem da capa verde disse glacialmente:

—Isto te ensinará o que nós estamos dispostos a fazer-te experimentar! No emtanto tudo depende de ti. Se me disseres o que desejo saber, dentro de dois dias estarás na rua.

—E se não disser?

—Se não disseres passarás por todos os instrumentos que vês á roda de ti, soffrendo todos os supplicios conhecidos, e outros que me reservo fazer-te experimentar. Escolhe pois o que melhor te parece.

Abrahão, retraíndo a sua indignação, perguntou:

—E o que queres saber de mim?

—Aonde está o filho de Francesca Pandolfini.

O judeu soltou uma nervosa casquinada de riso.

—Nunca!—clamou com entono masculo.

Mal proferiu isto, logo o madeiro a que estava amarrado de pés e mãos se inclinou, e elle achou-se estendido ao comprido sobre elle, no pavimento. Um esbirro avançou com umas tenazes em punho.

Frick-Frick, dirigindo-se ao outro ajudante, perguntou:

—Não chegou ainda fr. Tetzel?

—Ainda não.

O que terá succedido?...—resmoneou, fundamente preoccupado, o homem da capa verde.

Entrementes dois gritos pungentissimos se ouviram. É que o verdugo vibrára por duas vezes a sua tenaz, e de cada uma d'ellas arrancára um dente ao judeu.

—Falla!—disse imperiosamente Frick-Frick.

—Não!

Por cinco vezes consecutivas a ameaça do verdugo obteve a mesma resposta, e outras tantas o esbirro manejou a tenaz.

A operação repetiu-se dez vezes, e a cada pergunta formulada o judeu respondia sempre com um movimento negativo de cabeça.

O verdugo introduziu a tenaz na bocca do infeliz vinte vezes consecutivas, fazendo estalar as mandibulas do paciente, d'onde golfava o sangue em borbotões.

Frick-Frick aguardava impassivel.

—Basta!—disse por fim.

Abrahão respirou.

Mas isto era só o principio da tortura.

Um dos ajudantes do verdugo trouxe um braseiro atulhado de carvões accesos. Os esbirros aproximaram do fogo os pés descalços da victima, e queimaram-lh'os fazendo rechinar a pelle e infectando com o seu cheiro gordurento a atmosphera.

Um estremeção horrivel, tão horrivel que lhe contrahiu os membros a ponto de quasi lhe fazer quebrar as cordas que o prendiam, sacudiu o corpo do malaventurado velho.

—Uma cadeia!—bradou a voz implacavel de Frick-Frick, que dirigindo-se ao paciente de novo ordenou:

—Falla!

—Não!—foi a resposta do torturado.

—Quereis que lhe arranquemos as unhas?—perguntou um dos ajudantes do carrasco.

—É desnecessario—respondeu Frick-Frick—porque elle desmaiou.

Com effeito o suppliciado, cuja face tingia uma pallidez sepulchral, tinha desmaiado.

Um dos esbirros preparava-se para lhe lançar agua fria na cara, para o fazer tornar a si, quando Frick-Frick, que começava a perder a paciencia, o suspendeu, dizendo-lhe:

—Não, em vez de agua, applica-lhe isso—e apontou com a mão para duas taboas de carvalho justas por parafusos, e que constituiam o supplicio chamado do *borzeguim*.

Os ensanguentados pés do velho foram apertados então entre aquelle terrivel calçado, que os esbirros foram aparafusando, até se ouvir um estalido surdo, capaz de fazer gelar a medulla dos ossos.

Abrahão, sacudido por um repellão indescriptivel da agonia medonha, esbugalhou os olhos.

—Miseravel!—urrou o ensanguentado velho, concentrando as forças todas n'aquelle grito.

—Falla!

—Não!

O homem da capa verde fez um novo gesto, e a obra de destruição e suppliciação continuou feroz. D'esta vez verteram lhe nos pés, já depois de queimados, e dos ossos partidos no *borzeguim*, azeite fervendo, derramando-lhe gota a gota o liquido em ebullição, o que empolava e enchia de chagas a carne do infeliz.

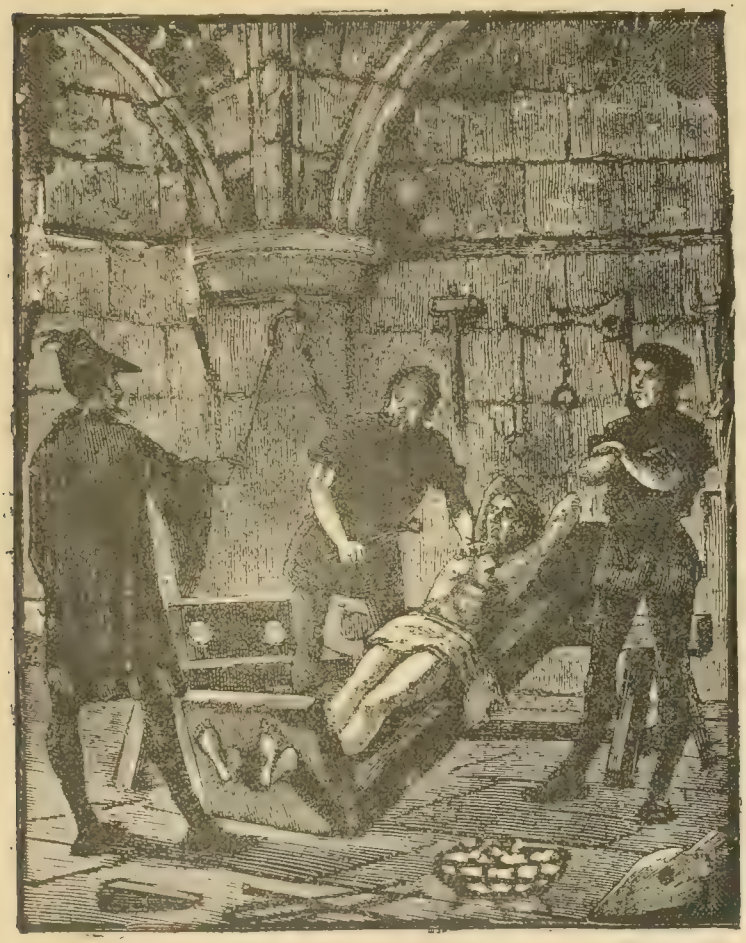
A energia verdadeiramente mascula e inabalavel do velho era de causar tanto assombro como a ferina obstinação dos sicarios que o suppliciavam.

Nem sequer exhalou um gemido: nenhum outro signal ou indicio mais de dôr manifestou, a não ser caír de novo em syncope.

Um dos esbirros então acurvou-se sobre Abrahão.

— O que ha? — perguntou Frick-Frick.

— É que se continuamos, o velho morre.



— Falla! — ordenou Frick-Frick.

— Não quero!

A ordem do verdugo obteve por cinco vezes a mesma resposta da victima.

CAP. XXXIX.

— Morrer já?!

— A idade do velhote não permitte que soffra mais sem esticar o pernil...

— Pois é preciso que não morra...

— E porque não? — rechinou uma voz aspera.

E, n'este momento, um frade entrou a soleira da porta.

— Tetzel! Já era tempo!

—Não confessou nada?—perguntou o frade, olhando o ensanguentado corpo do israelita.

—Nada.

—Já receava isso, e por isso tambem tomei as minhas precauções.

—Suppões que não ha inconveniente em que morra?

—Nenhum.

A cólera de Frick-Frick, retrahida até áquelle momento, explosiu então com violencia.

Com um movimento brusco e feroz desembainhou um punhal, e enterrando-o no peito do velho judeu, trovejou:

—Pois que morra! que morra!... Ha-de pagar todas as insolencias que me escarrou, e já que não póde ser mais atormentado, hei-de arrancar-lhe as tripas...

E accrescentou, fulo, depois de ter chafurdado as mãos na sangueira do misero Abrahão:

—Agora o mar te valha!... Rio com elle!...

Os esbirros escancararam a porta, pela qual, juntamente com o mugido da onda, penetrou uma rabanada d'ar salgado e humido.

Minutos depois Abrahão era arremessado ao rio sobre o qual se estendeu, impassivel, a fria e cortante nevoa espessa da noite.

—Despede os teus ajudantes—disse Tetzel.

Mal os dois esbirros saíram, Frick-Frick perguntou:

—O que é que ha?

—Nada. O pequeno está em Torgau, não é assim?

—Decerto.

—É preciso matal-o.

—Não tem duvida isso!

—Matal-o-hemos!—murmurou o frade.

—Sabes aonde está?

—Não.

—Não? Pois então, desgraçado, para que deixaste que matassem o velho? Como saberemos agora o coio do rapazelho?

—Muito facilmente. Basta mandar matar todas as creanças d'essa idade.

—Todas as creanças!?...

—Sem excepção.

—Uma nova degolação dos innocentes, não é verdade?

—Tal e qual.

—Diabo! é facil dizel-o, mas mais difficil o fazel-o!

—Faço-o eu, com a condição de que...

—Falla.

—Com a condição de que me afiances o concurso de todos os padres de Torgau.

—Respondo por elles.

—Não recuarão deante de mentira alguma, para burlar o povo?

—Como se trata do bem da Egreja...

—É verdade.

—Demais, se a empreza apresenta espinhos, podemos contar com um auxiliar de grandissima auctoridade.

—Quem é?

—Lourenço de Medicis.

—O joven cardeal? Esse está informado de tudo.

—Poderias explicar-me o teu plano?

—Eu t'o direi pelo caminho.

—Aonde vamos?

—Á Herdade das Tilias. Se não me engano ha agora lá um pequenote que morre, ou não tardará muito.

—Ah!

E Tetzel, cujos olhos faiscaram sinistramente, travou com indifferença do braço do seu collega, e ambos saíram da casa da tortura, onde tantas atrocidades se haviam commettido e onde ainda se perpetrariam mais, durante seculos.

CAPITULO XL

A Peste Negra

Depois da prisão de Mahommed, depois da mallograda tentativa do Papa contra Maria de Bibiena, attentado que sem o seu sangue-frio jesuitico o teria prejudicado, Leão X fez conduzir a joven a logar seguro, e entrou magestosamente nos seus aposentos.

Logo que se achou emfim só, o Pontifice respirou desafogadamente, como aquelle que vem de escapar a um risco imminente.

E, de facto, escapára maravilhosamente d'elle. Assaltado por uma paixão bestial pela sobrinha de Bibiena, que desejaria possuir por uma hora ao menos, jogára as ultimas cartas, sem attentar no grave perigo em que incorria a sua dignidade pontificia.

Preparára um aboiz infame contra o pudôr de Maria, tinha contado com o mysterio e o sigillo da treva para a perpetração do seu crime: mas quando Mohammed appareceu com a sua lanterna, o Papa sentiu um medo horrivel, pois antolhou-se-lhe tudo estragado e perdido.

Felizmente para elle, occorreu-lhe accusar o innocente, e fazer caír sobre o verdadeiro salvador de Maria a torpeza que não pudera levar a cabo.

Eis a rasão por que a joven, não suspeitando do Pontifice, suppunha ter estado a ponto de ser victima da arremettida bestial d'um selvagem do deserto: e agora, mais do que nunca, em consequencia d'esta aventura, sentia-se attrahida para o Papa que considerava seu libertador, de um reconhecimento entranhado.

O caso, pois, tivera um resultado mais satisfactorio, do que o que o Papa pudera imaginar.

Mau grado isto, uma turbação secreta e intima torturava o espirito de Leão X.

E porque?—Não o teria podido explicar. Até áquella data commettera todos os seus crimes com uma segurança absoluta: tranquillamente gosára de todas as suas perfidias, tripudiando sobre os mandamentos, violando a moral, e passando uma existencia de bandoleiro sagrado, no pousio d'uma calma e d'uma indifferença, que a sua impunidade exagerava.

Mas, n'aquelle dia, talvez pela primeira vez, appareceu-lhe ennublado e torvo o futuro, prenhe de coriscos e borrascas. Ha na vida do homem horas sombrias e adversas, e n'uma d'estas achava-se actualmente o Papa, ao dar-se aquella reacção moral de um desejo não cevado, nem satisfeito. Não queria demorar a imaginação n'estes pensares melancolicos, e ria dos seus presentimentos ridiculos, esforçando-se por evocar do fundo da memoria a recordação dos seus deleites passados, das suas innumeras frescatas e orgias, pela conservação das quaes teria rompido o equilibrio de todas as potencias da christandade.

É difficil imaginar bem, quando apenas se dispõe dos meios honestos e communs que a intelligencia, o valor, e o trabalho offerecem ao homem perseverante, a embriaguez estonteadora que produz nos poderosos a certeza de que tudo lhes é permittido, e a crença em que perseveram de que o resto do mundo existe apenas para lhes facilitar os meios de executarem os seus devaneios e extravagancias.

O trabalhador que rouba um pão para matar a fome da familia não é para estes mais do que um galeote: um principe, porém, consagrado pelo direito divino, rapina nações inteiras, e em castigo da facilidade com que dispõe dos seus rebanhos de milhões de homens, habita n'um dourado solar, vê as mulheres prostradas ás suas plantas, faz taboa rasa de tudo quanto ha de mais sacro e respeitavel, e usufrue n'um pachorrento e patriarchal ripanso, os montões, as pilhas, os punhados de ouro que lhe móe a infatigavel atafona do imposto.

Ah! não esqueçamos nunca quanto pesa a escravidão, e quanto vale a liberdade! Antes do que acurvarmo-nos aos despotas de corôa e tiára, vampiros uns e outros da humanidade, verdugos todos de nossos avós, saibamos morrer.

Mas voltando ao que nos suggeriu estas cogitações, Leão X pensava sem remorsos de especie alguma nos saccos de ouro que a venda das indulgencias lhe ia proporcionar. Mentia, fazendo aos fieis promessas proprias de volatim e charlatão: mentia assegurando que todo aquelle ouro era destinado a celebrar a historia de Deus, pois até a propria egreja de S. Pedro em construcção era paga em grande parte pelos donativos de pessoas pias: mentia e perjurava, finalmente, sempre e a todas horas.

Como carecia de pilhas de ouro, todos os meios lhe pareciam miriticos e bellos para cevar seus vicios. O seu bolso particular só seria decerto um escasso recurso para prover á manutenção dos conventos de mulheres que sustentava para seu uso particular, pois era mais frascario e libidinoso do que o Grão-Turco no seu serralho, e mais barbaro tambem.

Como á medida que ceva as suas paixões a sua gula parece augmentar, todos os dias carece de mais ouro, destinado a abominações cada vez maiores. Carece d'ouro para armar redes á honra das donzellas, ouro para

pagar o assassinato dos maridos, ou dos amantes trahidos, ouro, emfim, sempre ouro ás pilhas, em pyramides e em montões.

Era elle o sorvedouro em que se perdia o salario humano, o tonel das Danaïdes de que nos falla a fabula, o tyranno sempre insaciado.

Dava por este tempo á Allemanha uma copiosa sangria, esperando dar uma outra á Hespanha e á Italia, a cada uma das quaes caberia a sua vez. Desejando que o resultado fosse mais seguro, e a resistencia menos forte teve o cuidado de não as atacar todas ao mesmo tempo.

É verdade que eram chacinados milhares de judeus! Mas que lhe importava a elle a vida d'aquelles renegados?

Urgia-lhe ter ouro, e ainda quando lhe fosse necessario ir apanhar o sangue nos enxurdeiros, apanhal-o-hia sem sequer se dar ao incommodo de o limpar dos laivos de sangue e de enxurro.

Com uma palavra apenas condemnára Francesca Pandolfini e o seu filho, porque vinte milhões de ducados não era uma somma que se deitasse fóra. Por uma quantia muito inferior a esta decretára a morte do sobrinho de Machiavello, de cuja herança acceitára uma parte.

Perpetrava atropello sobre atropello, assassinato sobre assassinato, violação sobre violação. Mas a justiça queria que esse homem se arrependesse, não só para que pagasse d'uma vez só todos os seus crimes atrazados, como tambem para que se realisasse melhor e mais expeditamente a lei irresistivel do Progresso.

Um homem, cuja importancia sempre crescente o Papa não adivinhou, Martinho Luthero, existia para derrocar o carcomido solio da sua auctoridade: os germens do protestantismo agitavam-se entre as cinzas das fogueiras: os filhos dos martyres tornavam-se rebeldes. Aquelle frade fôra testemunha de demasiadas torpezas para continuar sendo frade: do seu habito rasgado devia arvorar um estandarte, e a occasião era chegada para soltar o grito de guerra contra a Egreja, e estabelecer junto d'ella, e em frente d'ella, uma seita rival, de escassa iniciativa ao principio, é certo, e legada a successores timidos e frouxos em demasia, mas importante, comtudo, e que devia ser a primeira a affirmar a liberdade de consciencia.

Por uma lei de desforra notavel, a mulher tão escravisada e humilhada pela Egreja, precipitava a Egreja do cairel do abysmo: as amasias do Papa, reunindo os seus esforços, fizeram oscillar os cimentos do Vaticano.

. . . . . .

. . . . . .

No dia seguinte áquelle tão fertil em emoções, quando Leão X de novo alentava os seus obscenos projectos e scismava deleitosamente em Maria, consolando-se em parte de não a ter possuido pela violencia, e confiando mais n'uma conquista pela persuasão, um camarista entrou annunciando-lhe a visita da sobrinha do cardeal.

—Que entre—ordenou o Papa.

Introduzida á audiencia do Pontifice, Maria Bibiena correu a lançar-se-lhe aos pés.

Leão X levantou-a palacianamente.

A joven estava pallida, fatigada pelas sensações que tanto a haviam emo-

cionado, e pela insomnia. Mas aquella mesma pallidez, aquelle seu mesmo donaire languido augmentavam a sua peregrina formosura, e as deliciosas conchas azuladas das suas olheiras, o andar lasso e negligente davam ao seu todo virginal um certo ar de voluptuosidade casta—se assim se póde dizer—que exaltou o sangue de Sua Santidade.

—Estaes mais socegada do vosso susto?—perguntou o Summo Pontifice.

—Pouco mais, monsenhor... Mas como fostes o meu libertador, tive empenho em vir, primeiro que tudo, significar-vos a minha gratidão.

—Não era necessario, minha filha!... Não fiz senão o que teria feito outro qualquer, no meu logar.

—Como sois bom!

—É tão facil sel-o comvosco!...

—Quizera que assim fosse, mas ainda tenho duas graças a pedir-vos.

—Fallae.

—A primeira é que nada digaes a meu tio... nem a ninguem, do que occorreu...

E a joven ruborisada baixou olhos, ao pensar em Raphael.

Leão X devorava-a com os olhos.

—Como é formosa!—magicou comsigo, e ajuntou, com uncção evangelica:

—Não tenhaes cuidado! Juro não dizer nada a ninguem do occorrido. O caso não transpirará como o desejaes. Comprehendo o vosso pudôr.

E a voz do Pontifice tremia.

—Demais, ninguem foi testemunha do escandalo... e quanto ao miseravel...

—O que?—perguntou a donzella, fixando a vista no Papa.

—Quando o vosso tio voltar ha muito que elle terá expiado a sua villania...

Mas Maria de Bibiena uniu supplicantemente as mãos, e exorou:

—Monsenhor, a segunda graça que vos queria pedir era o perdão d'esse desgraçado...

—Pois quereis que lhe conceda a vida?

—Se fôr do vosso agrado, ai! sim...

—Como, minha filha?

—Bem sei que é culpado, mas não me consolarei nunca de ter sido a causa, ainda que involuntaria, da morte de um homem, podendo-o impedir... Talvez que o infeliz não tenha outra culpa senão a de ser ignorante, sem educação, entregue só ao furor dos seus instinctos. Supponde que aquillo que fez foi n'um arranco de loucura...

—Loucura que não deixa de ter desculpa natural...

—Ah! reconheceis que não o devem matar!... O perdão depende de vós. Sêde pois clemente com elle! Perdoae-lhe...

—Não, esse monstro atreveu-se a por em vos os olhos. Não hesitou em recorrer a uma tentativa odiosa, que me causa asco...

A joven inclinou novamente a cabeça.

O Papa continuou, como que deleitando-se em contemplar o rubôr de Maria:

Fez-vos caír n'uma cilada infame. Se eu tardo um momento mais, serieis sua victima... vós, a minha hospede!

Maria cobriu a face rosada com as mãos.

—De sorte que renunciaes a todo o castigo, a toda a vindicta?... Quereis auctorisar attentados taes?...

—Não é uma virtude o perdão?... O esquecimento das injurias e a misericordia não são consideradas como as principaes virtudes?...

—Mas...

Senhor, ficar-vos-hei summamente grata se accederdes á minha supplica. Já que o não quereis fazer por elle, fazei-o por mim. Não queiraes que perturbe o meu somno o espectro d'um homem condemnado por minha causa...

—Todavia...

—Concedei-me essa graça, e ficar-vos-hei eternamente grata.

—Devéras?

—Juro-vos—respondeu Maria.

E accrescentou com um sorriso delicioso:

—Nada vos posso offerecer, em troca, mas não vos recusarei nada que me peçaes, seja o que fôr.

Leão X sentiu um sobresalto de alegria.

—É a primeira vez—ajuntou Maria—que vos peço uma graça. Negar-me-heis o que vos sollicito?...

Havia tal expressão de piedade nos seus olhos, resplandecia bondade tal na sua doce face de virgem, que o Pontifice respondeu, enternecido:

—Seja. Hei-de obedecer-vos.

Maria soltou um grito de alegria.

—Oh, monsenhor, obrigado, obrigado... Permitti que vá eu mesma já communicar-lhe esta boa nova...

—O que é que quereis fazer?

—Dar-lhe eu propria a liberdade...

—Enlouquecestes!

Leão X, vencido decerto pelo impulso da clemencia, sorriu, e tocando n'um timbre, disse ao creado que assomou na soleira da porta:

—Dizei ao grande inquisidor que lhe quero fallar.

Quando Hochstratten appareceu, disse-lhe impassivel:

—Esta senhora veio implorar-me o perdão de Mohammed. Accedi ao seu pedido, e perdôo-lhe. Ponham-no pois em liberdade!

Mas a palavra *liberdade* proferiu-a o Papa de um modo singular.

Passando rente de Hochstratten murmurou-lhe em voz sumida:

—Livre de supplicio. Perdôo-lhe a vida.

Hochstratten acurvou-se, e saíu.

Mohammed, ao ver entrar no seu calabouço Maria Bibiena radiante de formosura, julgou-se presa d'um sonho, e soergueu-se tão bruscamente do

feixe de palha em que estava deitado, que a joven, assustada, recuou vivamente.

Mas maior foi ainda o assombro do arabe quando se lhe annunciou que Maria lhe trazia a liberdade.

— Deveis a vossa graça á intervenção d'esta senhora — disse o grande inquisidor.

Mohammed poz as mãos, enternecido, e os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas.

Tiraram-lhe as cadeias que o algemavam, e conduziram-no á sua antiga habitação, sem sequer lhe darem tempo a manifestar á bella bemfeitora a gratidão de que estava possuido, o que tambem, attenta a sua perturbação, mal poderia exprimir.

O arabe, que havia já horas que esperava a visita do carrasco, e suppunha que ia morrer victima de mil torturas, não sabia explicar a si mesmo como se achava agora installado na sua poltrona de couro de cravos amarellos, rodeado dos seus conhecidos, e contemplando o sol, aquelle bello sol d'Italia, quasi tão aureo e rutilo como o sol do Oriente, que lhe alagava toda a casa com a sua luz de ouro.

Oh! como lhe pareceram magnificos então aquelles radiosos raios solares, que não esperava vêr mais! Como era boa a vida! Como a alegria duplicava o seu amor pela joven, tão boa, tão cariciosa, tão angelica, que acabava de lhe salvar a vida pela segunda vez! A paixão que lhe entumecia o peito era uma paixão casta. Não entrava n'ella decerto brutalidade alguma dos sentidos, que lhe viesse enlaivar o seu culto respeitoso áquelle idolo.

O que o arabe sentia era uma attracção illimitada, um affecto terno e poderoso até ao heroismo, comparavel sómente ao odio implacavel que desde a vespera votára e jurára ao seu indigno senhor, o Papa.

O perdão que lhe concedera fizera-o vêr claro, e comprehendeu que o perseguidor infame de cujas mãos salvára Maria fôra elle Leão X. O scelerado soubera dispôr as coisas a seu talante, e valer-se das apparencias para fazer recaír sobre elle o desprezo da bella menina idolatrada. Mas com que odio não lhe devia estar o Pontifice pela audacia que tivera de a arrancar aos seus appetites de besta com ocio!

Não, aquelle perdão que lhe concedera não fôra um acto de clemencia, mas só uma prova da acendrada paixão por Maria, á qual nada podia recusar. Acceitava-a comtudo. É tão delicioso viver!

E o feroz filho do deserto percorria a casa a largas passadas, estendendo os braços, e arrancando do peito, que a febre fazia pulsar violentamente, suspiros semelhantes aos rugidos da fera. A amargura e o odio parece estrangulal-o. Sente, ao mesmo tempo, sede e fome.

Correu para uma mesa onde estava um jarro pleno de agua, e bebeu d'ella um grande trago ávidamente. E sentiu-se mais acalmado, mais tranquillo. Resolveu, por fim, depois de muito cogitar, que lhe era util disfarçar os seus sentimentos, que deveria apparentar estar satisfeito e agradecido, como se de nada se lembrasse... até poder consummar a sua obra de vingança. Isto podera ser-lhe em demasia facil, se o restabelecerem na posse do antigo logar. O Papa tem bastante precisão d'elle, bastante medo tambem, para que deixe de o fazer!

E assim poderá a toda a hora aproximar-se do Pontifice, de dia ou de noite — de noite sobretudo — e quando quizer. Que prazer!

Mas não... Ser-lhe-ha mais agradavel unir a vingança ao ultraje, e na presença d'ella. Sim, mas como?

O arabe concentrou-se, como que procurando uma idéa, um pensamento. De subito levou a mão ao peito.

O que sentiria elle? Sentia uma dor aguda, semelhante á picada de um enxame de vespas. Horror! — Reconhece perfeitamente aquelles symptomas. Olhou-se ao espelho e recordou-se de ter observado egual physionomia no rosto das victimas que fizera, ou, para melhor dizer, nas do Pontifice.

Misturaram-lhe indubitavelmente na agua certa droga venenosa que elle conhece perfeitamente, e cujos effeitos são quasi instantaneos. Cobardes!... Assassinaram-no! Fez bem em não acreditar no seu perdão... Sente-se tropego, cambaleia arquejante, e uma acida espuma sobe-lhe á bocca. Quer levar as mãos aos labios, mas as forças faltam-lhe, os membros inteiriçam-se-lhe, um frio glacial lhe invade o corpo todo.

Como devem soffrer os desgraçados condemnados áquelle genero de morte! E a elle figurava-se-lhe que aquelle veneno era d'uma acção tão rapida e definitiva! Fez um esforço para levantar os braços, e qualquer o tomaria por cadaver que se punha em pé. Mas no mesmo instante em que com a mão tentava abrir a bocca humida, um violento espasmo lhe faz estremecer o corpo todo. O arabe escabuja e cae emfim, emquanto um annel, que se esforçára em quebrar com os dentes, róla no chão, a seu lado.

Não se havia extinguido ainda o echo que produzira a queda do arabe sobre o lageado do pavimento, quando uma porta se abriu, e appareceu Hochstratten, que se curvou sobre o cadaver do desgraçado.

— Está morto — murmurou em voz sumida.

E, apontando para o cadaver a dois homens que estavam em pé detraz d'elle, disse:

— Enterrem-o.

Emquanto que isto occorria em Roma, preparavam-se em Torgau, na Allemanha, tragicos successos.

Deixamos Tetzel conduzindo o homem da capa verde para a Granja das Tilias, aonde dizia que o reclamava um projecto novo.

A Herdade das Tilias era situada nos suburbios de Torgau. Era limitada por um lado pelo campo, e pelo outro por um bairro muito populoso de viellas estreitas. Era alli que a mulher do joalheiro occultara o filho de Tetzel, a creança com que ella o ameaçára de servir-se, como uma prova, para armar o braço vingador do marido. Suzel, a ama da creança, era uma pobre rapariga, filha adoptiva do dono da Granja das Tilias, e que elle recolhera depois d'uma falta que a moça commettera, e que originára a sua expulsão, e o abandono da familia. O filho da ama morrera horas depois de ver a luz, e a pobre rapariga sentira intima alegria em poder consagrar o seu affecto maternal ao filho da mulher do joalheiro. Havia já algumas se-

manas que amamentava a creança, producto tambem d'uma falta, e deleitava-se em o vêr florir e engordar rapidamente.

No dia em que aconteceram todos os successos que acabamos de referir n'outro logar, a ama havia recebido a visita da mãe da creança.

A mulher do ourives, nervosa, agitadissima, com a face demudada por uma noite de insomnia, apresentou-se na Herdade, dizendo que queria vêr o seu filho. Dormia a creança no collo da ama, ao ar livre e á sombra d'um moinho, á roda do qual cacarejava uma multidão de gallinhas. Mas quando a mulher do joalheiro viu o somno tão calmo e doce da creança, não se atreveu a turbar a placidez d'esse somno, e conservou-se em pé, defronte d'ella, acariciando com o olhar aquelle sêr tão querido, e que tantas lagrimas lhe fizera derramar já. Parecia que um novo mundo de pensamentos se agitava no cerebro da mãe.

Victima d'uma hesitação angustiosa murmurou:

—Terei direito a isso?

Esta phrase deixára como que gelada a pobre Suzel, que não percebeu, comtudo, bem o sentido d'ella. Como teria podido sequer suspeitar a pobre ama o mundo de pensamentos que fermentava na mente da mãe e aquelle drama terrivel que se occultava sob aquella interrogação mysteriosa?...

Aquella phrase significava:

Terei o direito de confessar a minha falta, e de lançar meu marido no caminho da vingança, não só contra o cobarde, que me trahiu, como tambem contra este innocente, contra este filho, carne da minha carne, este anjo que n'este momento viaja tranquillamente na região dos sonhos?...

Teve um esforço, e saíndo da sua cogitação, disse:

—É preciso!

E no seu olhar, em que o odio fusilava, um observador experiente teria visto relampejar, não obstante, uma scintilla de compaixão.

Quantos juizes ha tão dignos de dó como os réos!

A mãe enternecida depoz um osculo vivo e demorado na face do filho, que abriu os olhos, e sorriu-se.

Ao vêr este sorriso a mulher do joalheiro fugiu como espavorida, acompanhada da ama que não podia voltar a si do seu pasmo.

A creança, sentindo-se só, e tão bruscamente desperta do seu somno, começou a chorar.

N'este instante, porém, um observador teria podido lobrigar um individuo que, apesar do seu fato de camponio, se parecia extraordinariamente com fr. Tetzel, saír de um monte de feno proximo, e caminhar direito á creança.

Sem hesitações, o homem aproximou dos labios da creancinha um frasco de cujo conteúdo o innocente bebeu uns goles, até que o desconhecido se retirou bruscamente, e com o que a creança voltou de novo ao seu chôro.

Quando a ama voltou de novo e quiz socegal-a apresentando-lhe o peito, o individuo disfarçado em camponio desapparecera.

Pelo caminho que Tetzel teve de percorrer em companhia do homem da capa verde até chegar á Granja das Tilias, o frade foi pondo ao corrente Frick-Frick dos seus projectos. Este, por unica resposta, disse-lhe:

—Convém não desprezar nada. Tudo quanto possa servir os interesses da Egreja deve ser aproveitado...

—Decerto.

Depois de um instante de silencio, Frick-Frick perguntou:

—Terá já ido vêr os anjinhos o teu pequerrucho?...

—Com certeza—respondeu com entono de segurança o frade.

N'isto chegaram á herdade.

Tetzel antes de bater á porta, escutou com attenção, fazendo signaes a Frick-Frick de que se calasse... Os dois cumplices escutaram o ruido que vinha do interior da casa, e que se assemelhava ao vozeiro produzido por muitas pessoas que andam de um lado para o outro, e soltam gritos, e interjeições angustiosas.

—Já está no céo!—disse Tetzel, com um sorriso cynico.

E bateu á porta. Ninguem lhe respondeu. Empurrou a porta e então entrou.

A sua presença, porém, nem foi notada sequer. Suzel, a ama, o dono da granja, e a mulher, estavam á roda do berço da creança com mostras visiveis de desolação e espanto pintados na face. Era indubitavel que alli succedera alguma desgraça.

Suzel soluçava, deitada quasi sobre o berço, e cobrindo a creança d'esses apaixonados beijos que se depoem nos cadaveres dos seres que nos foram queridos, pretendendo com elles fazel-os voltar á vida.

Frick-Frick tocando com o cotovello no companheiro, disse:

—Tudo vae bem.

—Vae, vae...—retorquiu o outro.

Os dois recem-vindos tinham combinado antecipadamente o pretexto da sua entrada: tinham convindo em se apresentarem como forasteiros pobres que procuravam um abrigo, implorando a caridade de um copo de agua, e de um pedaço de pão. Mas ante a geral indifferença, mudaram completamente a sua tactica.

Tetzel avançou, e tomando a palavra, sem mais preambulos, começou por dizer:

—Boa gente, pareceis estar muito afflictos...

—Ah, meu reverendo! exclamou a mulher do dono da granja—aconteceu-nos uma grande desgraça...

—Uma grande desgraça!?

—Esta creança...

—Pertencia-vos?

—Não, padre, graças a Deus... Era uma creança que estava aqui a crear, e que em poucas horas morreu.

—Pobre innocentinho! disse Tetzel commovido, repuxando uma lagrima que teimou em não vir, e pondo as mãos, em signal de compaixão.

—Ha bocadinho que esteve aqui a mãe d'elle... e a creança estava fresca como uma rosa... Não lhe doía nada, e de repente... Olhae para elle, padre... Que mudança!

Tetzel avançou alguns passos, e inclinou-se sobre o berço do pequeno. Mas de golpe recuou com o pasmo e o pavôr debuxados na cara.

—Dizeis que este accidente sobreveio repentinamente?—perguntou.

—Sim, padre, mas...

—Ide-vos d'aqui todos, fugi, fugi já...

—O que dizeis?—perguntou aquella boa gente espavorida.

E todos o encaravam boquiabertos e aturdidos, julgando estar a fallar com um doido de pedras.

—Não vêdes—berrou Tetzel—que começa já a apodrecer? Não fizestes reparo acaso n'estas nodoas amarellas que lhe mancham o corpo?

—É verdade! Que coisa tão exquisita! O que será isto?...

—É que o mal de que esta creança morreu foi a peste.

—A peste!?

—Sim, a peste negra!

Esta palavra, que foi o espanto da Edade Média, produzia n'esta occasião o effeito requerido.

N'um abrir e fechar d'olhos tudo fugiu d'ao pé do berço.

Frick-Frick occulto na penumbra, a um canto, sorria com um imperceptivel sorriso.

—A peste—continuou Tetzel—esse medonho mal que ataca primeiro as creanças, e em seguida, logo, os homens... esse açoute implacavel e devastador que agora se abateu sobre a cidade, e de que ninguem escapará talvez...

—Misericordia!...

—A não ser que o mal seja atalhado na sua origem, para o que talvez seja tarde já...

—Ai, meu Deus!...

—Talvez todos a estas horas já estejamos empestados...

Um gelado e sepulchral silencio acolheu estas palavras fatidicas. Ao cabo d'alguns instantes, cedendo a um terror invencivel, todos se precipitaram para a porta, maldizendo o dia em que haviam admittido em casa a infeliz creança.

Frick-Frick avançou então, e segurando Suzel que fugia como os outros:

—Esperae um bocadinho. Quem sois?—perguntou-lhe elle, travando-lhe do braço.

—A ama da creança...—disse a rapariga.

Frick-Frick, ao ouvir isto, largou-lhe de chofre o braço, como apparentando horror.

—Afastae-vos!—berrou—Tendes a peste!

—O que dizeis?

—A creança pegou-vos a peste, repito...

Com effeito, no pescoço da ama appareciam umas singulares manchas escurentadas. O veneno operara de um modo seguro e rapido. Quando a misera rapariga accorrera a fazer calar o choro da creança, dando-lhe o peito, algumas gotas do veneno propinado que tinham ficado nos labios do pequeno haviam bastado a inocular o horrendo virus á ama.

—A peste!—repetiu a pobre Suzel, desassisadamente.

E n'um instante toda a casa se poz deserta e silenciosa.

Por uma fatal casualidade Tetzel e Frick-Frick pareciam tambem ter perdido a cabeça, e com gestos apavorados corriam pelas ruas do bairro, despertando com a sua grita e o seu grande vozeiro os visinhos que já começavam bonacheironamente a recolher-se, e a deitar-se.

— A peste negra! — gritavam os dois — É na Granja das Tilias que appareceu a peste!...

Uma hora depois, o alarme estendeu-se a toda a cidade, e os habitantes corriam pelas ruas e praças, á luz de archotes, n'uma azafama lugubre.

— A peste! — gritavam — A peste! A peste! A peste!...

A historia do successo corria de bocca em bocca, e cada vez mais exagerada. O tumulto era indescriptivel. O toque de rebate soou até clarear a aurora. Todos os visinhos estavam espavoridos, pavidos, e apesar do terror propagado, não se sabia por quem, ninguem ousava, comtudo, saír da cidade. O espanto não dava logar á reflexão: o medo reinava como soberano.

Perto das dez horas escutou-se uma indescriptivel vozearia produzida por um terrivel incidente. É que haviam encerrado Suzel conjunctamente com o cadaver, e aterrada pela companhia sinistra e pela doença de que diziam elle havia morrido, a pobre rapariga evadiu-se, saltando pela janella. Mas conhecida immediatamente, depressa foi victima d'uma perseguição furiosa. O poviléo amotinado corria atraz d'ella, estonteado pelo terror: uns brandindo paus, outros forcados, outros uma espada. D'alli a cinco minutos a malaventurada caía exhausta, banhada em sangue que lhe golfava das feridas produzidas pelos seus verdugos amedrontados.

O populaço esquartejou-a, ebrio de medo, e, não bastando a morte da misera para o aquietar, accendeu uma fogueira, onde foi queimado o cadaver da mulher, causa de tanto espanto e pavôr.

As turbas quando qualquer perigo as ameaça são ferozes, e estão promptas para toda a sorte de exageros. O medo bestialisa-as, e converte-as em feras. Foi o que n'aquella occasião precisamente occorreu.

O resto do dia passou rapidamente, entre preparativos, projectos, tentativas de todo o genero, inquietações e terrores. A desconfiança traduzia-se em todos os rostos, o panico lia-se em todos os olhos, mesclado com o brilho estranho dos estados febris: as paredes das casas eram consideradas paredes tumulares: os parentes fugiam uns dos outros: os paes não abraçavam os filhos: todos faziam testamento, sem deixar comtudo de exclamar:

— Mas para que?... Acaso aquelles a quem lego a minha fortuna sobreviverão, para herdar?...

Pela noite alta, os pregoeiros liam em grande grita, pelas ruas, um pregão do burgomestre, concebido n'estes termos:

Attendendo a que é evidente que em caso de peste as creanças são as primeiras atacadas, e que por ellas se communicam aos adultos os germens do flagello;

No interesse da segurança de todos, em meu nome, e no do Conselho dos Notaveis:

«Ordeno:

«Que seja morta toda a creança menor de um anno.

«Os mesmos cidadãos ficam encarregados de velar pela execução d'este decreto; os que não obedeçam a elle serão punidos de morte.

«Em todas as egrejas de Torgau se farão solemnes preces para aplacar a colera divina, provocada pela irreligião dos habitantes, e a sacrilega audacia dos judeus.»

Este decreto era a execução do plano infernal concebido pelo mercador de indulgencias, e correcto e augmentado por Frick-Frick.

Tetzel pensára, de começo, em deslumbrar com o seu titulo de legado do Papa os homens affectos á Egreja em quem, comtudo, restava ainda um resto de honradez, enganar da mesma sorte o burgomestre, e arrancar-lhe, á força de promessas, aquella ordem infame: mas o homem da capa verde fizera-lhe comprehender que tal acto era demasiadamente compromettedor. Confessar o envenenamento da creança podia custar-lhes caro, e, demais, havia a recear a resistencia do burgomestre áquella cumplicidade.

O medo afigurou-se-lhes das garantias mais seguras, e accordaram em não revelar a ninguem o segredo d'aquellas machinações. O medo unicamente da Peste Negra em que toda a gente acreditou, fez mais do que teriam feito todas as promessas dos Notaveis juntos.

Apenas foi affixado o edital nas esquinas das ruas de Torgau, todas as egrejas foram invadidas, os padres subiram aos pulpitos, e insistindo muito na graça que se fazia aos infelizes pequenos mandando-os directamente para o céo, sustentaram a necessidade de um sacrificio que assegurasse a salvação publica e prégaram, finalmente, a nova degolação dos innocentes.

Por um triz que não provam, citando textos, que Herodes não fôra mais do que um rei philantropo, que tressuava a cogitar meios de livrar os seus subditos de uma infinidade de molestias contagiosas.

Triste é confessal-o, mas tão grande é o egoismo da humanidade que não houve pae nem mãe que protestasse contra tão cruel medida. Todos confiavam em poder salvar, por aquelle preço, os seus outros filhos: a necessidade impôz-se imperiosamente: não se pensava senão na peste: ninguem reflectia, e como os padres não tinham filhos que perder, espantavam-se menos, e fallavam mais.

Eis a razão por que ao caír da noitinha foram marcadas as portas das casas em que existiam creanças d'aquella edade, por uns vultos sinistros saídos do bispado.

Para provocar menos o terror, e não se exibirem as scenas dilacerantes e commovedoras das mães e dos paes, decidiu-se que a noite cobriria com manto espesso aquella abominavel chacina.

Quando o velho Abrahão, ensanguentado, mutilado, o peito varado por um golpe de adaga, as mandibulas sem dentes, as pernas desconjunctadas, convertido, emfim, quasi n'uma inerte massa humana, n'um despojo miseravel, foi atirado a onda, passeava na margem do rio, na escuridão da noite, um individuo.

A luz viva que, ao escancarar-se a porta da prisão, se projectou sobre a agua, permittiu-lhe o inclinar-se e agarrar-se a uma argola de ferro, e a outra mão tacteou umas roupas que sobrenadavam.

Puxar por esse corpo humano, carregal-o sobre os hombros e afastar-se com esse carrego humano, foi tudo obra de um momento.

O desconhecido afastou-se precipitadamente.

Denunciada immediatamente, foi em breve perseguida.

CAP. XL.

Este homem era Lourenço de Medicis, o sobrinho do Papa.

Depois de entrar em casa, e de fechar a porta, com duas voltas á chave, o moço cardeal estendeu sobre a cama aquelle fardo immovel, todo empapado em agua e sangue, friccionou-lhe fortemente o peito, curou-lhe a enorme chaga das costas, as feridas dos pés, e depois de accender um grande brazeiro, tratou de lhe restabelecer a circulação do sangue, applicando-lhe compressas quentes nas extremidades.

Os seus esforços pareciam estereis, mas elle tambem pareceu não desanimar.

Figurára-se-lhe que o coração pulsava ainda, bem que muito debilmente.

Finalmente, quando, perdidas já as esperanças, ia desistir do seu empenho, soltou de subito um grito de alegria. Acabava de notar que do labio do moribundo saía um ligeiro e irregular sopro, que denunciava a vida.

O resto da noite passou-a o sobrinho do Papa no meio de incertezas angustiosas, porque os olhos do misero Abrahão mantinham-se obstinadamente fechados, os labios premidos, e parecia que o debil resto de vida de que o ferido dava signaes, ia extinguir-se de um momento para o outro. Ao alvorecer, bateram á porta.

—Se fôr Tetzel ou Frick-Frick—disse comsigo Lourenço—a minha traição é-lhes immediatamente manifestada, e será preciso renunciar a toda a esperança de trabalhar em proveito de Francesca.

Mas de novo bateram á porta, açodadamente.

Era preciso acabar com aquellas duvidas. Lourenço correu o cortinado do leito, armou-se d'um punhal, e disposto a tudo, foi abrir.

—Francesca!—exclamou.

E de facto era ella, pallida e desanimada.

A joven ia contar-lhe as suas infructuosas negociações com o burgomestre, mas Lourenço não lhe deu tempo.

Olhae!—disse-lhe elle, levando-a para junto do leito do ferido, e correndo as cortinas.

Francesca com difficuldade reconheceu o seu velho escudeiro, tão horrivelmente desfigurado estava.

—É elle!—exclamou ao cabo, dolorosamente.—Morreu?

—Não, não morreu.

—Já fallou?

—Ainda não.

A joven ia para fazer mais perguntas, mas um gesto que Lourenço fez com a cabeça suspendeu-a e fez-lhe partilhar dos mesmos receios sobre a pouca vida do velho.

Porque se acaso Abrahão não voltasse a si e morresse sem fallar, levaria para o sepulchro o segredo do logar em que estava escondido o filho.

A inquietação do sobrinho do Papa era ainda maior.

Confidente de Tetzel, conhecia se não minuciosamente, pelo menos em globo, o horrivel plano que o frade architectara, sabia que n'aquella noite deviam percorrer as ruas da cidade sabujos desalmados que chacinariam todas as creanças, para que o herdeiro de Noemi não escapasse. Estava inteirado d'isto e ignorava o paradeiro do filho de Sara, e não podia sabel-o, não tinha meio algum... Estava pois irremissivelmente condemnado a nada poder fazer para evitar a morte imminente que ameaçava o filho d'aquella que adorava tanto.

Durante aquelle dia todo estiveram ao lado um do outro, a cabeceira do moribundo, devorados por uma incerteza cheia de sobresaltos e angustias.

Francesca não tinha mais lagrimas para verter, e o seu silencio som-

brio semelhava quasi o espasmo que precede a loucura. Mas o que teria sido d'ella se Lourenço lhe tivesse revelado o abominavel plano que se forjára, e trazia a cidade em alvoroto?

A noite emfim chegou. Abrahão, que havia dado já alguns escassos indicios de vida, quedou-se inerte e immovel.

—Morto!—exclamou Francesca.

Conseguindo com esforço descerrar-lhe os dentes que o enfermo tinha com força apertados, Lourenço introduziu-lhe na bocca um activo cordeal, e tão activo, que elle receou dos seus effeitos no estado de debilidade em que o pobre escudeiro judeu se achava.

A acção do cordeal não se fez porém esperar muito. Francesca estremeceu, agitada por uma confusa esperança.

O escudeiro, finalmente, abriu os olhos.

Inclinando-se sobre elle, o sobrinho do Papa murmurou-lhe em voz baixa:

—Sou Lourenço: respondei-me... Onde está o filho de Francesca?

—Fallai...—insistiu, afflicta, a pobre mãe.

Abrahão fez um esforço, ao que pareceu a todos muito penoso, e mexeu os labios, mas ao principio sem resultado algum. Elle, comtudo, julgava ter fallado.

—Não ouvi—disse Lourenço, contendo Francesca impaciente.

O velho começou outra vez, proferindo as palavras mais espaçadas e com accentuação mais nitida.

Lourenço collou o ouvido junto dos labios descoloridos do velho, que produziram um ligeiro ruido confuso, mas que d'esta vez tivera uma significação que se esperava.

—Emfim!—exclamou elle, tomando um grande hausto d'ar, e respirando com satisfação.

E saíu immediatamente do quarto.

..

Na casa do telhado... em frente do lavadouro das Aguias....—fôra o que murmurára a voz sumida de Abrahão.

Era alli, de facto, que o velho marcára o ponto de reunião á filha.

Aquelle lavadouro circular, construido ao pé d'um veio de agua crystallina, occupava o fundo d'um destiladeiro bastante abrupto, de cuja vertente se lobrigavam as ultimas herdades de Torgau.

A paizagem era severa, e a vista não encontrava estorvo algum além das altas rochas de granito da montanha, d'onde viam pairar, subir e descer as aguias de colossaes proporções.

Um eirado de madeira, onde o lupulo verdejava, occultava d'uma banda a casita, emquanto que os grandes beiraes do telhado a resguardavam por outra.

Fôra áquella casa que Sara chegára uma noite com as duas creanças. A pobre rapariga fôra recolhida por uma mulher cuja edade seria difficil de

determinar, mas que os nossos leitores conhecem por ser a feiticeira judia que Sara encontrou uma noite durante a viagem, aquella mesma que lhe entregára cuidadosamente um certo precioso pergaminho, e cujas cerimonias mysteriosas tanto haviam chamado a attenção de Luthero.

Escondida em casa d'esta sua compatriota, cujos serviços faziam esquecer aos naturaes a sua nacionalidade, e a livravam de ser perseguida, Sara encontrára alli hospitalidade, e cheia de impaciencia, contava as horas, anciosa por saber noticias dos seus, pois por mais esforços que a bruxa fizesse nada lhe podia revelar a tal respeito.

No dia de que fallamos, Sara, que acordára sobresaltada ao escutar um estrupido extraordinario e badalar de sinos ao longe, deitou a correr para casa da velha.

Mas não achou lá viva alma. A cama estava intacta, o que fazia suppôr que a velha não dormira aquella noite em casa.

Sem bem atinar porque, a joven sentiu um grande baque no coração, e como que o presagio de uma grave catastrophe.

—Meu pae morreu, ou está para morrer... e talvez os meus queridos filhos...

N'isto uma ruidosa matula de sicarios corria pela rua, perseguindo uma misera mulher, que fugia, como desatinada.

Espreitando por detraz da gelosia da janella, immovel de terror, ella poude vêr distinctamente a infeliz tropeçar, e quasi caír sob os golpes da matula brava.

Ao cabo, viu-a caír, e, como as feridas a haviam desfigurado muito, não poude precisar bem se era, ou não, a bruxa. A turba, cega de furor, precipitou-se sobre o corpo da malaventurada, e esquartejou-o alli mesmo, accendendo depois uma fogueira n'um cotovello da ladeira da montanha, em redor da qual as aguias descreviam grandes circulos sinistros.

As chammas foram saudadas com acclamações furiosas.

D'alli a pouco extinguiam-se, porém, e a multidão encaminhava-se para a cidade, onde os sinos de todas as egrejas continuavam badalando furiosamente a rebate.

—Continúa ainda a caça aos judeus!—exclamou a pobre mulher, com funda amargura.

E pensando em Abrahão, a quem não esperava tornar a vêr mais, em Francesca que não teria a suprema felicidade de abraçar o filho, e em Luthero que a salvára tanta vez, debalde, acurvou a cabeça e desatou a chorar. N'esta crise de lagrimas de esperança, pareceu-lhe que os sinos das egrejas, cujos sons chegavam até ella com um tangido distante e melancolico, dobravam a finados por todos os sêres queridos da sua alma. E, afundada na sua desesperação, por muito tempo se conservou chorando desabaladamente, e sem consolo.

De repente levantou a cabeça. Ouviu a voz d'um pregoeiro...

Ia decerto ter a explicação do que succedera. Escutou attentamente, e ouviu o homem lêr, com uma voz monotona, o terrivel edito do burgomestre.

Sara nem soltou um suspiro sequer. Somente os olhos se lhe dilataram desmesuradamente, e uma pallidez de morte lhe tingiu a face.

A voz do pregoeiro extinguiu-se, e deixou de se ouvir finalmente.

—A Peste Negra!- exclamou então a infeliz, com voz rouca, e como tornando a si.

Dirigiu para o lado do leito um olhar indescriptivel, abriu a bocca, como se quizesse fallar, e caíu no chão inanimada.

O chôro das creanças não conseguiu fazel-a voltar a si do desmaio, que se parecia com o somno da morte, porquanto a sua fraqueza, que era grande,—pois não tinha comido nem bebido desde a vespera, ainda o tornava maior.

Teria certamente continuado n'aquelle estado ainda muito tempo, talvez toda a noite, quando umas pancadas violentas á porta a acordaram.

—Vamos! Abrí! Aqui ha dois!—clamava uma voz desabrida e forte, da parte de fóra.

Então teve consciencia da realidade, e recordou-se do edito do burgomestre cuja leitura ouvira, sem poder suster o pranto.

—Abrí, ou vae a porta abaixo!—gritavam vozes furiosas.

A misera Sara parecia-lhe que era victima d'um pesadelo horrivel, pois pareceu-lhe distinguir entre aquellas vozes a do homem da capa verde.

—Hei-de salval-as!—exclamou ella em voz alta.—Mas como?

Sem que a esperança a abandonasse, dirigiu-se para a porta trazeira da casa, levando as duas creancinhas ao collo.

Mas, por fatalidade, tambem alli havia verdugos infames que forcejavam por abrir a porta, e ao reflexo do incendio enxergou ao mesmo tempo os vultos de alguns soldados que escalavam o terraço verde.

Estava cercada! Restava-lhe só descer á adega! Teria acaso tempo de levantar o alçapão e de se esconder?

A porta cedeu finalmente, e os verdugos entraram, com as mãos tintas de sangue, com as suas caras rapadas de padres debaixo do capacete de soldados. E, d'envolta com elles, entra de roldão, em tropel, a matula de todas as carnificinas e pilhagens, e escuta-se um lamentavel chôro de creanças que degollam, espantosos ais e gemidos, que a angustia arranca das larynges e dos corações das mães.

—Soccorro! Soccorro!—gritou Sara com a energia da desesperação.

Com o olhar desvairado percorreu o bairro deserto e empapado em sangue, depois cravou-o no céo, onde as aguias das montanhas descreviam raios circulares, attrahidas pelo cheiro da carnagem. Lá muito ao longe, ao fundo, distingue um vulto que se lhe afigurou ser o de um salvador. Mas não é nem seu pae, nem Luthero. É o de um moço que conheceu em Roma, de casa de Francesca, e que parece vir ao seu encontro, escondendo a cara com as mãos.

—A mim! Soccorro!—repetiu a pobre mulher, forcejando por correr o mais que poude para esse desconhecido que a Providencia lhe deparou, para a proteger, e aos seus queridos innocentes.

Mas, de subito, exclamou:

—Cobardes!

É que um golpe de alabarda, no braço direito, lhe fez caír no chão uma das creanças. Os perseguidores apoderaram-se finalmente d'ella, forcejando por arrancar dos braços de Sara a outra tambem.

—Não! Não!...—gritava a misera mãe furiosa, debatendo-se.

E defendia-se com as unhas: mordia, louca de dôr, as mãos dos verdugos assalariados. Mas os seus esforços, a sua coragem, os seus chôros e arrancos de mãe são todos estereis. O seu salvador chega demasiado tarde!

O homem da capa verde agitou no ar, como se fosse uma funda, o corpo do tenrinho sêr, e—horror!—esmigalhou-lhe o craneo contra uma parede, enlaivando e salpicando de sangue as suas mãos, e as dos assassinos.

—Morto!—exclamou a pobre mãe, com um tom de voz indefinivel.—Matae-me a mim tambem, miseraveis!

Mas não era a alabarda d'aquelles desalmados que devia matar a malaventurada judia. A sua vida extinguiu-se com os seus amores...

A misera estremeceu, como se lhe tivessem esmagado no proprio craneo o craneo da outra creança, que por fim lhe arrancam tambem.

—Malditos sejaes!—gritou ella.

E no seu olhar relampejou todo o odio impotente de mãe que vê matar os seus filhos, sem lhes poder valer.

Mas a dôr venceu-a finalmente, e caíu no chão, elevando um desolado olhar ao céo distante, aonde subiam, em turbilhões, rolos de fumarada das fogueiras, e de entre os quaes uma aguia colossal se abateu pesadamente. Esta dôr, que lhe estava reservada, foi a mais aguda de todas. A ave de rapina, de chofre, caíu sobre o corpo da creança, unica que lhe restava, e que era o seu proprio filho, e arrebatou-o nas recurvas garras, elevando-se em seguida, vertiginosamente, no céo alto, no infinito espaço.

Aquella carne tenra de um sêr querido, gritando e chorando, foi servir de pasto aos filhos da aguia grande.

Então, no acume da suprema dôr e do desespero, a cabeça da misera mãe, mais proxima da loucura ainda do que da morte, caíu finalmente no solo empapado de sangue, para não mais se levantar.

O sobrinho do Papa, Lourenço de Medicis, que vinha correndo em seu soccorro, suspendeu-se immovel e como que especado no chão, e murmurou:

—Cheguei tarde!

E subiu novamente a ensanguentada rua semeada de cadaveres de innocentes.

CAPITULO XLI

O baile dos espectros

—Pareces estar muito absorvido na tua leitura, meu caro discipulo.

—Sois vós, mestre?

E Neumann pôz-se de pé comprimentando Miguel Angelo.

A scena tinha logar no atelier do esculptor. Era de noite, e alumiava o aposento uma lampada collocada no pedestal d'uma estatua.

Miguel Angelo discretamente ia para se afastar da mesa onde Neumann estava abancado, para não o interromper na sua leitura, quando este lhe apresentou o pergaminho que tinha na mão, dizendo-lhe:

—Lêde, mestre.

—O que é isto?

—Uma carta da Allemanha, d'um dos meus amigos.

Miguel Angelo folheou-a, apressando-se em lêr a assignatura.

—Martinho Luthero—disse elle, depois de a lêr.

—Não é o frade agostinho que encontraste em Roma, ha tempos?

—Elle mesmo.

O esculptor aproximou a lampada, e no meio do silencio que reinava no atelier cheio de esboços, de planos de cathedraes em projecto, de proporções minusculas, e d'estatuas de tamanho gigantesco, leu o que segue:

«Torgau.

Meu caro amigo:

Quando ao saír do Vaticano, aonde me conduzira o destino, suspendi na rua o teu braço justiceiro; quando, ao retardar a vingança, te disse:—

Esse Tetzel não deve morrer ainda, — tu não accedeste sem pezar, e sem me exigires a promessa formal de que mais tarde te havia de proporcionar o ensejo da desforra. É por isso que te escrevo, para que não cuides nem que te esqueço, nem que morri.

Comtudo, não faltou muito que estivesse a ponto de não mais te mandar noticias minhas. Eu proprio estou maravilhado de viver ainda depois das peripecias e casos que me occorreram durante a minha longa viagem. Tive que luctar contra inimigos encarnicados, e o que mais me embaraçava era que esses bilontras pertenciam á Egreja, e que, longe de procederem por sua propria conta, não eram, na realidade, mais do que mandatarios de pessoas muito altas.

Descobriram em mim um homem honesto: convenceram-se de que eu preferia morrer, não uma, mas mil vezes, antes do que tornar-me seu cumplice, e eis o motivo por que trataram de desfazer-se de mim. Talvez teriam feito bem se me tivessem supprimido: mas não sei dizer que voz de cima, respondendo aos meus presentimentos secretos, me diz que me votou a uma causa gloriosa. As armas que contra elles emprego hão-de varejar-lhes o coração de lado a lado. *Qui aures habent audient, qui oculos habent videbunt*... (Os que teem olhos vejam, os que teem ouvidos ouçam).

Quanto a mim, ouvi, e vi. Os meus olhos abriram-se á luz, como os do velho Tobias. O espectaculo a que assisti encheu-me de assombro. Por isso, aqui, ao topar com tantos fieis, e christãos honrados, e de coração puro, que servem e se acurvam á Egreja, sinto tentações de lhes arrancar a nevoa dos olhos, e de gritar-lhes:

— Olhai para mim. Sou um frade. Pois bem: respeito mais os bandidos d'encruzilhadas ou os salteadores dos caminhos, do que essa quadrilha negra que se entraja com as roupas da caridade e da virtude, e que rapina, mata e viola.

Conheço hoje, mais convicto do que nunca, que estou destinado a luctar e sinto-me com tanta energia que a victoria não póde deixar de favorecer-me. É impossivel que os sicarios sejam sempre, e definitivamente, os mais fortes. Até hoje tenho esperado, e era-me forçoso fazel-o. Hoje, porém, este Tetzel será para mim o pretexto da explosão da borrasca.

O seu inaudito cynismo será a gota d'agua que faça trasbordar o vaso. Assim, pois, cumpre-me deixal-o proseguir na sua obra, até que chegue a hora de desmascaral-o, com algumas probabilidades d'exito.

Por outro lado, cumpri, até final, o papel de protector fidelissimo das victimas innocentes perseguidas pelos verdugos. Deveria antes dizer, em vez de final, até ao momento em que a mim proprio me fizeram caír n'uma ignobil armadilha, accusando-me de ladrão e de falsario. N'esse dia suppuz eu tudo perdido.

N'uma só noite passei em revista na mente todos os meus projectos, ideias, e planos de justiça, subitamente abortados. O carcere em que me haviam mettido era uma especie de sepulchro, em que de chofre me vi immobilisado e vencido.

Imaginara ser o mandatario do Direito: julgara-me destinado a representar importante papel nas luctas do seculo e tendo aberto deante de mim um futuro fecundo em adhesões, e livres audacias, quando de golpe levan-

taram deante de mim, interceptando o meu horisonte, altas e massiças muralhas de granito.

Por unico leito deram-me um monte de palha, e — ironia da Sorte! — para matar a sede apenas as gotas d'agua salitrosa que resudavam as paredes da enxovia. Ai, meu caro amigo! tu que possues uma vontade tão inquebrantavel, uma energia tão pujante, poderás comprehender bem este sup-

O homem da capa verde pegou em uma das creanças e brandiu-a no ar como uma funda.

CAP. XL.

plicio! Sentir-me cheio de força e de valor, saber que se descobriram segredos que attestam a infamia dos poderosos, e não poder quebrar as grades de ferro d'essa jaula em que nos muraram, não poder levantar ao alto, para o céo, o rutilante espelho em que se haviam de patentear todas as abominações e torpezas... E tudo isto, porque ha um salafrario bastante cobarde, que só faz do crime o seu modo de vida!...

Ah! passei, alli, uma noite espantosa!... Verti lagrimas amargas por

este globo que deshonram e ensanguentam as garras do clero. Revolvi-me n'aquelle carcere, quasi louco, pela minha impotencia, e furioso como o leão enjaulado. Finalmente, para te confessar tudo, como para tornar a minha angustia mais espinhosa, e mais fundo o meu desespero, brilhava deante de mim, radiante, a imagem de uma mulher. Ai, querida visão, tão formosa, e tão opprimida!

Estás apaixonado?—has-de decerto perguntar-me. Sim, enamorado cegamente, mas com um amor puro, respeitoso, e terno. Enamorado, sem remorsos, pois, a despeito da minha paixão, e, mesmo por causa d'ella, sinto a minha alma banhada de ineffavel alegria.

Este amor, porém, não maculará o habito que trago, pois este habito, na actualidade, abraza-me e sinto vivissimos desejos de pronunciar quanto antes outros votos mais humanos, em logar dos que pronunciei contra a natureza. Escrevo-te, vestindo já com orgulho o meu trajo de cavalleiro,—um fato de homem. Todavia não rasguei ainda o meu habito de frade. O meu trajo não é actualmente mais do que um disfarce, e que algum tempo ainda conservarei, pois póde ser-me util na minha empreza.

Todas as occasiões em que tiver de fallar contra o clero, apresentar-me-hei com este trajo. Deves por isto comprehender, caro amigo, por todas estas confidencias, que te revelam, ainda que muito incompletamente, o estado da minha alma em que a lava crepita, quanto eu deveria ter soffrido, ao ver-me emparedado n'aquella enxovia.

Sentia a morte abater-se sobre mim, não essa morte que nos escaqueira o craneo, na embriaguez do combate, não essa, mas sim a que esmaga os temperamentos impetuosos quando os privam do ar, do movimento e da acção.

Para me aniquilarem e supprimirem bastaria que os meus verdugos me conservassem alli n'aquella masmorra lugubre, por espaço de alguns dias.

Parecia ser este o seu plano, pois não me davam alimento algum, e a fome já começava a fazer-me sentir todos os seus horrores, todas as suas agonias e convulsões, parecidas com o minar surdo e escuro da demencia.

E este supplicio teria durado todo o tempo em que eu tivesse forças, e fatalmente teria de vir a perecer á mingoa, sem meio algum de prolongar a vida. A fome e a sêde ter-me-hiam proporcionado, entre supplicios atrozes, uma morte certa, ao passo que elles ficariam impunes.

Dois dias e duas noites consecutivas me deixaram com o espirito enfraquecido, e o corpo debilitado e apathico.

Ao segundo dia fui acordado do meu somno profundo pelo barulho que fazia uma porta a abrir-se, e o meu carcereiro appareceu no limiar, seguido d'um frade.

—Vamos—disse elle asselvajadamente—levantae-vos! Chegou a hora de vos confessardes.

Não me tinham enganado as minhas suspeitas de que tratavam de me supprimir do numero dos vivos: tinha-me enganado, porem, no genero de morte que me destinavam. A fome, mau grado as suas agonias atrozes, não satisfazia a sua monstruosidade feroz, e portanto queriam-me entregar ao carrasco. E quem sabe, talvez me quizessem tambem submetter a tortura,

agora que estavam certos de me acharem extenuado de corpo e de espirito e incapaz de toda a resistencia. E o padre que acompanhava o carcereiro viria trazer-me um allivio espiritual, ou um supplicio maior? Viria interrogar-me e exigir-me acaso a confissão de que eu era um criminoso?

Estas ideias agitaram um turbilhão de pensamentos no meu cerebro.

Por um instante tive a violenta e quasi irresistivel tentação de me atirar aquelle homem, e de estrangulal-o. Porque? Aquillo foi uma allucinação de momento. Aquelle padre vinha decerto prestar-me consolações, e encaminhar-me o espirito para o caminho do céo... se é que ha um céo. Repito-te, foi um ataque de loucura.

E deixei-me ficar deitado sobre o montão de palha, emquanto que por uma estreita claraboia, na parte superior do meu carcere, penetrava uma nêsga tenue de luz que me illuminava o rosto.

Depois que o carcereiro saíu, ouvi uma voz murmurar:

—Sempre vós!

Senti-me estremecer de alegria ao ouvil-a, pois acabava de reconhecer o metal d'aquella voz, e, bruscamente, de um salto, puz-me em pé, cravando um olhar ardente no recem-vindo.

—Irmão Jurick! gritei.

Achava-me em face d'um antigo collega, padre, é verdade, de consciencia um tanto elastica, mas que já uma vez me salvára no convento de Nimpkchen, prestando-se a representar uma comedia, da qual lhe fiquei summamente grato.

Logo que o reconheci, um raio de esperança illuminou de subito as trevas do desespero em que estava submerso.

—Não estaes já no convento?—perguntei-lhe.

—Não, e decerto que vós é que tendes a culpa—respondeu-me o pobre padre Jurick.

Descobriram a marosca, e encontraram-me descançado de mais no tal sitio da capella aonde me puzeste, depois de amarrado, e notaram que a mordaça estava posta de fórma que não me impedia de gritar, e d'ahi a desconfiarem da minha cumplicidade não havia mais que um passo... e deram-o.

O resultado foi que me transferiram. Não julgueis, porém, por isto, que me queixo. Aquellas mulheres enfastiavam-me devéras com as suas pieguices, e a abbadessa, sobretudo.

Do que eu principalmente careço e desejo é uma boa alimentação, e aqui tenho-a magnifica.

Eu transcrevo-te textualmente as suas palavras, para que faças ideia do que é na Allemanha o mais innoffensivo, o melhor dos sacerdotes.

Fallando assim, fr. Jurick tirou d'uma algibeira um pastel, não sei se com intenção de m'o offerecer, o que não averiguei, o que sei é que me deitei a elle com a voracidade d'um homem que não comia ha dois dias.

—Mas porque é que vos encontraes aqui em tal situação?—perguntou-me fr. Jurick.

Sem deixar de comer, narrei-lhe em duas palavras a minha triste aventura. A cada uma das minhas palavras, soltava Jurick um suspiro de compaixão e sympathia, que me alentava. Aprimorei o meu talento de

narrador, e explanei bastante o motivo dos meus infortunios e dos meus companheiros, n'uma palavra, enterneci-o a ponto de o fazer chorar.

Este enternecimento fez-me ter confiança n'elle, e atrevi-me a dizer-lhe:

—Posso contar comvosco, não é verdade?

—Para que?

—Pois para que ha-de ser? Para evadir-me.

—Ai, meu pobre amigo! Eu bem o queria, mas a vossa liberdade não é, desgraçadamente, tão facil de se conseguir como parece. Comtudo, eu vou escrever uma supplica ao director.

—Não, para que? Não a lerá. E antes que elle responda já eu estarei morto. Demais isso ia-vos comprometter. Não façaes tal.

—Então o que?

—O director, os seus inferiores e os seus superiores, são meus inimigos mortaes, convencei-vos d'isso.

—Diabo!... então...

—Nada d'isso—repliquei vivamente, sentindo-me mais robustecido pelo pastel que havia ingerido, e recuperando a lucidez d'espirito que me fazia ver já proxima a minha salvação.—Agora, vamos repetir a farça do convento de Nimpkchen.

—O que?

—Não estou amarrado, como vedes, porque é inutil. E como sou mais vigoroso do que vós, pelo menos assim parece, apezar de que não quero convencer-me d'isso...

—E então?...

—Bastava pois que reparassem para o vosso ventre, para comprehenderem facilmente que vos teria sido difficil defender-vos contra um homem desesperado...

—O que quereis então?

—Desejo simplesmente...

—Dizei, que eu ouço...

—Desejo só que vos deixeis amordaçar outra vez...

—Ah! isso nunca!

—Irmão Jurick!

—Ai que demonio d'homem!... No meu logar...

—D'esta vez concedo-vos que griteis e que chameis por soccorro, com todas as forças...

—Ah!

—Cinco minutos depois de eu me haver escapado... já se vê.

—Não posso...

—O carcereiro ha-de acudir, e ao vêr-vos sem o vosso fato, comprehenderá que eu me vali d'este estratagema para me evadir.

—Quereis que eu incorra de novo no desagrado dos meus superiores e que me prendam talvez a mim, em vosso logar e por vossa causa?

—Repito-vos que não correreis risco algum...

—Assim o dizeis... mas...

—Duvidaes? Não haverá prova alguma contra, e se careceis mostrar que fostes violentado, e que eu usei contra vós de sevicias, para cobrir as

apparencias, comprometto-me a dar-vos tres ou quatro murros que vos hão-de fazer umas nodoas negras na cara durante uma semana...

—Nada, nada, obrigado.

—Estaes conforme?

—Cada vez menos.

—Irmão Jurick!

Parece que o tom em que eu pronunciei estas palavras o deveu convencer da minha superioridade muscular, porque me retrucou:

—Já que tendes tanto empenho...

E havia n'estas palavras um certo accento tremulo de receio. Apesar d'isto, fr. Jurick, o melhor dos frades certamente, começou a despir-se docilmente.

Quando eu vesti o habito e as roupas d'elle, e o deixei estendido na palha, em meu logar, chamei pelo postigo o carcereiro, que appareceu, segundo o seu costume, meio borracho.

—O preso adormeceu—disse-lhe em voz sumida.

—Confessou?

—Tudo.

—Revelou tambem quem fazia parte da quadrilha?

Parece que eu passava pelo chefe d'uma quadrilha de salteadores. Limitei-me a responder:

—Disse ainda mais do que nós queriamos.

—Ainda bem. O director deve ficar satisfeito. Vou acompanhar-vos, para que falleis com elle.

N'este momento suppuz-me perdido, e pareceu-me que a liberdade entrevista, e quasi alcançada, ia escapar-me de novo. Não haveria meio de burlar aquelle carcereiro.

Puxei o capuz ainda mais para os olhos, e segui-o com passo lento, procurando na mente um meio de saír d'aquelle aperto.

O director encaminhava-se n'aquelle momento, a toda a pressa, para nós. Mas ao dar com os olhos em nós, começou a barafustar:

—Afastem-se! Afastem-se!... Para longe! Para longe!... Não quero vêr ninguem!

Parecia que adivinhava quem eu era, e que receava alguma arremettida contra elle da minha parte.

E fechou-se, ou antes aferrolhou-se no seu gabinete, deixando-me tão contente como pasmado.

—Parece que elle imagina—resmoneou o carcereiro—que nós temos a peste!

Não me demorei em averiguar as razões que o director tinha para tal panico da nossa aproximação, e aproveitando uma grande salsada e enorme tumulto que da rua começava a communicar-se á prisão, separei-me do carcereiro, e saí, sem obstaculo.

Hoje estou livre, e em pleno ar, á face do ceu. Começei a fazer proselytos, e trabalho desassombradamente na empreza a que deitei hombros. A liberdade que tão miraculosamente recobrei, inspirou-me uma confiança talvez excessiva, que ninguem póde tirar-me. Agora eu farei por me encontrar face a face com Tetzel, grande inquisidor, prégador hypocrita e embus-

teiro. Quero que antes d'um anno, em frente da actual Egreja, se levante uma outra: quero suscitar e promover um schisma universal. Um dilatado periodo de impunidade fez crêr aos meliantes que os homens se atacam da mesma fórma com que se violam as mulheres, pela astucia e pelos embustes. A violencia e a cobardia teem durado bastante, e se ha homem que deva insurgir-se contra tão monstruoso estado de coisas, esse homem sou eu.

Tenho a convicção de que me não faltará quem me auxilie no meu commettimento: a obra a que tu te consagraste é parallela á minha: todos os altos espiritos independentes, unidos pelo mesmo juramento, trabalham, tendo os olhos cravados no mesmo fito. Emquanto vós fazeis proselytos, eu farei discipulos, e todos ao mesmo tempo, do sul ao norte, faremos soar a tuba de Jerichó, derrubando as muralhas da Egreja Romana.

Oxalá que eu não morra, antes de ter lançado os meus discipulos na superficie da terra, com emissarios da Justiça, e com a immaculada missão de estenderem e prolongarem o caminho das brilhantes doutrinas novas.

Prometti-o á minha consciencia, e não faltarei á minha promessa. Quero esmagar Leão X sob o peso das suas infamias.

Tu faze como eu: — espera. Respeito a tua vingança, e t'a conservarei intacta, crê-me.

O teu irmão que te estima

Martinho Luthero.

Quando Miguel Angelo acabou a leitura d'esta comprida carta, quedou-se um momento apprehensivo. Depois levantando a cabeça, radiante de uma alegria intima, disse a Neumann:

— Este homem é dotado de todas as qualidades precisas!

E afundado nos seus pensamentos, o artista começou a percorrer o aposento, a largas passadas, sem sequer lançar um relance d'olhos ao seu modelo de S. Pedro, bastante adeantado já, e que mostrava a que altura havia já attingido a immensa basilica.

— Sim, triumpharemos! — disse elle — os germens do mal hão de produzir os seus fructos naturaes. Não estamos sós. A nossa ideia não perecerá, porque se possuem d'ella os espiritos puros e altos.

E satisfeito pela ideia do valioso reforço que lhe traria Luthero, o grande artista animou-se, comprazendo-se em contemplar a magnifica visão dos seculos futuros, cuja realisação veriam os seus descendentes, quando a Liberdade tivesse varrido do horisonte as nuvens accumuladas pela Superstição.

Bateram as dez horas, e Miguel Angelo estremeceu.

— São já as dez? — perguntou.

— São.

— Já!

—Dentro de uma hora começa o baile de mascaras, em casa da Fornarina.

—Estava-me a lembrar isso. E tu não vaes?

—Vou—respondeu Neumann—porque, como a vós, tambem me convidaram, e recebi, tambem como vós, um bilhete enigmatico em que se insta pela nossa comparencia.

—Vae então preparar-te—disse Miguel Angelo.

Havia já quatro dias que constava que a Fornarina daria um baile de mascaras, e o dito baile era objecto de todas as conversações. Era já publica a vida d'aquella mulher, e os cuidados, attenções, e sollicitudes galantes de que era alvo.

Só para a pobre Maria Bibiena era aquillo um mysterio, porque até a sua propria aia o sabia, e emquanto que os homens de todas as condições invejavam a dita de Raphael, as mulheres de todas as categorias tinham ciumes da transtiberiana, que fôra elevada a uma fortuna tão brilhante e rapida, o que não parecia senão obra da varinha magica d'uma fada.

A Fornarina, de facto, desde pela manhã até á noite, convertera-se na rainha das mundanas, e até a mesma Flora dissimulava mal o seu despeito.

—É uma *novata!*—dizia d'ella, com labio desdenhoso.

Mas, na realidade, á amante de Raphael bastára-lhe só apparecer, ataviada, como o reclamava a sua belleza de deusa, para captivar todas as vontades e converter-se na mulher da moda.

Não se fallava senão das suas prodigalidades, do seu donaire, dos seus vestidos, das suas joias, dos locaes que escolhia para passeio, do seu parque de arvores seculares, das suas carruagens, e se os periodicos fossem conhecidos então, decerto lhe consagrariam longos artigos para satisfazer a curiosidade dos romanos.

A bisbilhotice chegou mesmo a attribuir-lhe outros amantes, além de Raphael, que em honra da verdade, não o negavam. A bella chegou mesmo a dar o seu nome aos mantos dos homens, e aos penteados das damas: emfim, era tal o ardôr de enthusiasmo que a Fornarina causava, enthusiasmo tal, e sem exemplo, que era preciso que o Papa estivesse subjugado por uma invencivel paixão a outra belleza, para que não tivesse prestado culto áquella divindade do dia.

Durante as vesperas do baile que se projectava, não se ouvia senão esta pergunta mutua, entre os elegantes:

—Vaes ao baile da Fornarina?

Esta pergunta obtinha invariavelmente a mesma resposta:

—Eu não, e tu?

—Eu tambem não.

Os seus mesmos amantes, ou aquelles que lhe attribuiam, não podiam tambem deixar de dizer a mesma coisa.

E então ferviam os despeitos! Porque é que ella não os havia convidado? Era estranho! Aquella mulher, saída do nada, atrevia-se a desprezar os mais altos personagens, os filhos das melhores familias d'Italia! Os creados negros, que estavam ao serviço da bella, contaram, e o rumor circulou por toda a cidade, que aquelle baile de mascaras não era uma recepção extraordinaria, mas sim uma simples festa intima dos intimos, e dos amigos.

A verdade é — observou um moço elegante, um peralta do tempo, um casquilho de Roma — que se ella tivesse de reunir em casa todos os seus intimos, teria que alugar para isso um palacio tão grande como a basilica de S. Pedro.

A pilheria provocou a gargalhada dos circumstantes, e o incidente terminou.

Á meia noite, depois da entrada de grande numero de convidados, fecharam-se as portas: a ordem dada ao suisso foi severamente cumprida: e alguns jovens elegantes que, disfarçados sob as mascaras, tentaram entrar não o conseguiram por não poderem apresentar o bilhete de convite.

Um dos servos disse qualquer coisa, em voz sumida, á dona da casa, e a Fornarina respondeu:

— Está bem.

E entrou nos salões deslumbrante de belleza e de atavios.

O golpe de vista d'estes salões era phantastico e surprehendente. Os espelhos e as colgaduras rivalisavam em resplendor com as mil chispas que faiscavam, á luz dos candelabros, os moveis dourados e cheios de esmaltes.

Raphael, que era o unico que não trazia mascara, girava entre os grupos dos recem-vindos, a quem pela maior parte conhecia pelo metal de voz. Mas, coisa estranha, n'aquelle afamado baile não se via outra mulher senão a Fornarina, que decerto não tinha que se arrecear de ser offuscada por qualquer outra em luxo, elegancia e belleza.

Entre as flôres exoticas, e as plantas collocadas aos cantos das salas, ao longo das escadarias, nas janellas, e entre as columnas, só se enxergavam vultos de mascarados do sexo masculino. E esses trajos eram em geral sombrios, e para mais singularidade, as mascaras de velludo negro colladas ao rosto davam a todos aquelles mascarados um aspecto lugubre.

Não se apercebiam alli côres vivas, alegres, variegadas, vistosas, cujo brilho e contraste anima quasi tanto um baile, como os moveis e caprichosos reflexos das pedrarias. Aquelles phantasmas negros passavam silentes, sob as suas mascaras, cujos trajos em geral representavam vultos da Mythologia, da secção sobretudo da Justiça, e da Vingança. Havia tambem alguns que eram evidentes allusões aos personagens d'aquelles tempos, em quem a tyrannia e o poder estavam personificados.

Uma cópia exacta do *Moyses* de Miguel Angelo, então em esboço ainda, conversava, afagando a barba, com os juizes dos infernos, Minos, Eaco, e Rhadamanto. Empunhavam as taboas da Lei, nas quaes, em vez do Decalogo, estavam escriptos os principios do credo republicano.

A sua attitude era imponente, e, de vez em quando, o movimento da mão parecia apontar a distancia, ao longe, a terra promettida.

A Fornarina mascarára-se de Nemesis, com todos os seus attributos, os cravos, o martello de bronze, e, pendente do cinto, um machado d'ouro que destacava sobre a sua roupagem branca.

Um homem, pois assim dava indicios pela estatura e pelo andar, completamente embrulhado n'um manto e a cabeça occulta sob um capuz, passeava pelas amplas salas do baile, como que entregue a cogitações, e silencioso.

Os convidados julgando-o um dos seus, nem sequer pareciam fazer reparo n'aquelle personagem mysterioso. Só a Fornarina, ao vêl-o acercar-se d'ella duas vezes, estremecera. O seu olhar parecera-lhe uma braza viva, e figurou-se-lhe que havia já supportado a chamma d'elle, com surpreza e terror, em outra occasião.

—Estou doida!—pensou ella comsigo, tentando desvanecer aquella ideia.

Todavia aquella apparição de tal sorte a desassisou, que, ainda que desperta, julgou-se victima d'um pesadelo, causado talvez pelas suas singulares preoccupações intimas, e o estranho baile que dera.

Conseguiu, finalmente, dissipar aquelle pensamento sombrio e passageiro, e dispoz-se a dar signal para o baile começar.

Não havia, porém, nem mulheres, nem orchestra. E a rasão é porque o baile era um pretexto apenas e do que se tratava, realmente, era d'uma conjuração: os conjurados mesmo reconheciam-se perfeitamente, pois todos tinham feito parte do *sabbat* dos Cyprestes, na noite da missa negra.

Era evidente que a Fornarina procedia de accordo com a Sibylla, sua avó, e que o seu intuito era servir-se dos conjurados para livrarem Ephraim, e talvez seu irmão collaço, Lucas, victimas ambos dos maus tratos dos homens da Egreja. Se acaso ella tencionava marcar-lhes algum novo ponto de reunião, communicar-lhes um plano, ou chamar-lhes a attenção para qualquer coisa ou individuo, chegára decerto o momento de fazel-o, e contando com os seus convidados a transtiberiana dispunha-se a isso, quando de chofre se escutou uma salsada.

Vejamos o que succedera:

O mysterioso convidado, cujo olhar fizera estremecer a Fornarina, havia-se internado nos salões, e em seguida no jardim d'inverno em que esguichavam dois repuxos de varios e bem combinados jogos de agua perfumada.

Havia já alguns instantes que o mascarado parecia inquieto. Suspeitava que o seguiam. Parava, e punha-se a escutar. Nada. Tornava a emprehender a sua marcha de novo atravez dos salões, ou dos jardins, e o mesmo ruido de passos se fazia ouvir. Se este rumor não era apenas produzido pelo écho, era fóra de duvida que alguem seguia a mesma direcção que elle, com insistencia.

Talvez que fosse algum espia.

Mas porque recearia o desconhecido ser espionado?

De golpe, ao virar d'uma alameda, recuou, sobresaltado.

—Mohammed!—murmurou.

E o brusco movimento de sobresalto que teve, fez-lhe caír o capuz, em que elle apressadamente se rebuçou de novo, mas não tão depressa que um familiar do Vaticano, ou alguma das suas victimas, não tivesse podido reconhecer a face pallida e turbada do grande inquisidor Hochstratten.

—Mohammed!—repetiu elle ainda outra vez aturdido, esbarrondado, estupefacto.

E, com effeito, quem estava em face d'elle, calmo, era Mohammed, o envenenador ao serviço do Papa.

O envenenador? Impossivel!

Comtudo elle, ou o seu espectro, tinha os mesmos cabellos crespos, a mesma face, que a mascara, um tanto curta, patenteava o sufficiente a ser reconhecido. Até tinha a mesma estatura, o mesmo modo de andar...

Hochstratten bem sabia que o arabe morrera, pois vira o seu cadaver, tocára-lhe, sentira paralysarem-lhe todas as fibras do coração, e por ultimo, fizera-o atirar á valla... Bem sabia tudo isto, e não podia duvidar da sua morte e enterramento: mas, a despeito d'isto tudo, um secreto, um intimo, um estupido, um inexplicavel medo, o fazia lançar olhares desconfiados e receoso para uma e outra banda, para todos os cantos, e á roda de si, inquieto, suspeitoso, assaralhopado. Não se sentia bem.

Devido a ter-se apoderado, por surpreza, do bilhete de convite d'um dos convidados que adoecêra, conseguira coar-se no baile, e contava poder surprehender a conjuração de que tivera denuncia pela policia.

Por isso, n'esta occasião, temia ser descoberto e desmascarado, porque se chegassem a tal extremo, sem duvida seria morto e esquartejado logo. Conheceu perfeitamente o risco que corria, e viu que imprudentemente, e por confiança demasiada se viera metter na bocca do lobo.

Apesar da sua energia indomavel, sentiu-se paralysado pelo medo.

A apparição d'aquelle Mohammed, saído da tumba, vomitado, segundo a phrase do poeta, pelas mandibulas de marmore da Morte, tirou-lhe toda a presença d'espirito.

Desorientado, sentindo zumbirem-lhe os ouvidos, baixou a cabeça, como escondendo-a, e tratou de se escapulir. Mas um braço de ferro o suspendeu. Era o do arabe.

Hochstratten encolheu o pescoço, como se sentisse correr-lhe já n'elle o gume acerado e frio d'um aço, ou de ferro hervado. Comtudo aquelle braço pujante que o agarrára, aquella forte manapola que o subjuga, e tão bem seguro, fal-o, apesar d'isso, curvar respeitosamente.

Hochstratten, por isso, atreveu-se a lançar em roda de si um timido olhar, ás furtadellas.

—Com quem vos pareço eu, senhor?—perguntou o mascarado.

O grande inquisidor não poude retrahir um novo estremecimento de medo que o gelou todo. Aquella voz era a mesma de Mohammed.

Era aquella mesma voz, que tão familiar lhe era, e que tantas vezes escutára, quando se tratava dos preparativos d'algum crime.

E o homem mysterioso proseguiu:

—Não é certo que, ao vêr-me, qualquer juraria ter deante de si o arabe Mohammed, a alma damnada de Leão X?...

—O que?—pensou Hochstratten—Acaso será...

—É o arabe, sem lhe faltar nada!—continuou o estranho personagem —a estatura, o trajo, o modo d'andar, tudo, tudo...

—Effectivamente...—disse o grande inquisidor.

—Não é certo que, se Mohammed me visse, recuaria aterrado, julgando estar em frente de si proprio?

Estas palavras fizeram crêr a Hochstratten que fôra victima d'um erro, e que estava em face d'uma excellente imitação, o que d'alguma fórma o ajudava a suppôr as muitas vezes que tambem se disfarçára habilmente.

Fez um esforço, pois, para se tranquillisar, e disse:

—Mohammed não ha-de ter esse trabalho, porque morreu...

—Morreu?

Da exclamação e do tom em que fôra feita coava-se uma tão sincera surpreza, que Hochstratten respirou.

Sim: Mohammed morrera. Sem duvida alguma estava morto, e bem morto. O que estava deante d'elle era um mal intencionado desfrutador, que envergára aquella mascara, n'aquelle supposto baile em que cada um dos convidados imitava os gestos e os trajos dos inimigos que mais encarniçadamente odiava.

Comtudo o inquisidor, para apurar toda a verdade, disse, simulando um ar ingenuo:

—Quem sabe se não sereis vós mesmo?...

Mas, mal acabava de proferir isto, quando um tremebundo sopapo lhe estalou nas bochechas, com retumbante estrondo.

—O envenenador!—esbravejou o desconhecido, que pareceu não ter outro fim senão procurar um pretexto para aquella bofetada descommunal, tanta foi a pressa com que lançou mão d'esse pretexto. O envenenador!

E voltando-se para um grupo de mascarados que o estardalhaço do tabefe attrahira, o desconhecido continuou a barafustar:

—Atrever-se a confundir-me com Mohammed, o envenenador!...

—Oh!—regougaram todos os mascarados em côro.

O grito de indignação que acolheu a revelação do arabe, ou do que o imitava, teria bem parecido um oh! de comedia a quem tivesse enxergado o alchimista levar um dedo ao labio como recommendando silencio.

O inquisidor, ao receber o monumental bofetão, ficou como que immovel, aturdido, estonteado. A prudencia, que, como de costume, superava n'elle o primeiro impulso de cólera, fizera-o supportar, calado e mudo, o grande ultraje. Mas sentia-se inquieto, presentindo que os successos podiam tomar uma face ainda mais escabrosa para elle.

N'este instante um homem vestido de verdugo, de vermelho e preto, e trazendo na capa côr de sangue um laço de gaze, caminhou direito a elle.

Com uma voz que se parecia extraordinariamente com a de Machiavello, gritou:

—Este homem foi esbofeteado, e a sua honra exige que tire a mascara e que se bata sem delongas!

—Está claro! —disseram á uma os mascarados, cujos grupos se iam tornando cada vez mais compactos, em torno dos dois personagens.

Tirar a mascara! Hochstratten sabia muito bem quanto elle era conhecido e odiado, para se aventurar a tal. Tirar a mascara seria o mesmo que varejar-se alli mesmo, deante de todos, com um punhal no peito, de léz a léz.

Portanto não respondeu. E a parte da cara que a mascara não cobria ficou pallida de morte, d'um amarellado de tocha funebre.

O verdugo repetiu a mesma phrase—mas, moita!... nada de resposta!...

Repetiu-a terceira vez—mas, caluda!... o mesmo silencio!...

O circulo dos convidados que se vinham acercando do jardim d'inverno ria a bandeiras despregadas.

Com voz sardonica e chocarreira, depois de um silencio que dizia muito, Machiavello perguntou:

Não vos parece que este homem traz a cabeça muito levantada demais?

—Decerto!—conclamaram os assistentes.

E, ao mesmo tempo, a enluvada mão do auctor do *Principe* caía sobre a bochecha do grande inquisidor com um alentado tabefe, que estourou. Hochstratten, com os olhos fusilantes de cólera, teria desejado que a terra se abrisse n'um grande boqueirão para elle se sumir por ella abaixo.

—Agora vós!—disse com accento calmo e varonil o que se mascarára de verdugo.

Minos aproximou-se tambem, depois d'elle Moysés, e em seguida a este, outro e outro... e eis que começa a chover como granizo sobre a face de Hochstratten um tal chuveiro, uma tal saraivada de sopapos, tabefes e bofetões, que o inquisidor, que chuchára á calada os primeiros ultrajes, sabendo que qualquer resistencia seria uma loucura, não teve remedio senão deitar a correr, a fugir, não sem passar no meio de uma roda de chascos, epigrammas e novos sopapos que lhe caíam na cara como chuva, e sem dizer—*agua vae!*

O pobre inquisidor fugia atabalhoadamente, agachando-se todo, e curvando a cabeça, como viajante surprehendido por uma saraivada. N'este instante appareceu Fornarina.

A estatura, o metal de voz do inquisidor que gritava furiosamente dominando o tumulto, fizeram-lhe reconhecer o mascarado.

—Elle!—gritou com uma expressão indescriptivel—Prendam-no!

Mas Hochstratten fugiu como se aquella ordem fosse um latego que lhe tivesse zurzido a face.

—Prendam-no!—repetiu ella.

Os convidados agruparam-se em roda da Fornarina, que, com a face sensivelmente transtornada, causava impressão.

—Calai-vos!—segredou-lhe sumidamente Miguel Angelo.

—Mas...

—Nós bem sabemos o que fazemos...

—E eu tambem. Quero...

A Fornarina não queria attender a ninguem, e, vendo afinal fugir-lhe o verdugo da sua honra, gemeu, pesarosamente:

—Ai! que m'o deixaram escapar!

Hochstratten, effectivamente, acabava de esgueirar-se, e corria pela

rua, dando pinchos, como uma hyena. Estava furioso, e teria feito pagar caro os que se tivessem atrevido a embargar-lhe o passo.

Logo que se achou em frente de casa, tirou a mascara da cara, para que o ar da noite lhe refrescasse a fronte, que sentia n'uma braza viva.

—Oh!—cogitava elle comsigo, fulo de cólera e despeito—Cobardes! Não ha duvida, era Mohammed!... Mangaram commigo!... O alchimista

Ao mesmo tempo a mão de Machiavello, calçada de luva vermelha, estrugia na face do inquisidor.

Cap. XLI.

já se vê que não estava morto!... É elle em pessoa!... Ah! se a terra os não tragar, os não subverter primeiro, eu lhes darei uma ensinadella que...

E n'este instante sentiu ganas de voltar para traz e de aprofundar bem o segredo que lá o levára, e cujo conhecimento lhe era indispensavel para tirar uma vingança de que agora, mais do que nunca, tinha sede.

-Porque—matutava elle na sua furia—não me apresentarei outra

vez no palacio, á frente d'uma escolta? Porque não os farei degollar immediatamente a todos?...

Pensou até mesmo em deitar fogo ao palacio, e fazel-os queimar vivos: emfim todos os projectos mais hybridos e desmanchados lhe passaram pela mente, e lhe martellaram o cerebro.

Mas uma palavra ciciada ao ouvido por um desconhecido, quando elle fugia, esfriou toda esta febre de vingança.

—Á primeira medida que tomes contra nós serás morto em continente, aonde quer que estejas!...

O grande inquisidor estremeceu. Por sua vez, o homem dos escuros ardís sentiu-se envolto nas malhas d'uma rede complicada e enorme, e sondando a treva por onde corria, com um olhar que o medo encandeava, com o coração gelado e as faces avermelhadas, correu espavoridamente, doidamente, atabalhoadamente.

Pareceu-lhe ouvir um ruido de vozes ao virar uma ruella, e estugou ainda mais a corrida em que ia, supppondo-se perseguido sempre pela chusma zombeteira dos malditos mascaras.

—Então não conhecestes que era Hochstratten?—gritou raivosa a Fornarina, no momento em que o grande inquisidor se escapulia, com pernas de cabrito.

—Demais o reconhecemos nós!—tornaram-lhe os mascaras.

—E não o matastes?...

—Fizemos-lhe peor do que isso!

E a Fornarina não poude colher outra resposta mais precisa dos convidados.

Uma hora depois todos elles saíam do palacio, coando-se á formiga, e, cautamente, um a um. E todos saíam, repetindo uma certa phrase que á despedida lhes dissera a dona da casa, phrase que era uma especie de senha d'aquelle cenaculo de conspiradores.

—Ámanhã devemos dirigir-nos todos ás Catacumbas....—diziam-se uns aos outros. Primeiro libertaremos os presos, e depois trataremos de nos vingar...

CAPITULO XLII

Eloquencia sacra

—Não empurrem!...
—A todos ha-de tocar a sua vez!...
—Oh que grande calcadella nos meus ricos callos!...
—Ai que eu abafo!...
—Estou aqui primeiro!...
—E eu já estou cá desde hontem!

Estas e outras que taes phrases exclamativas escutavam-se defronte da vetusta e antiga cathedral de Witemberg.

Na grande praça da forca uma compacta multidão inquieta se acotovellava e pisava, esporeada por um interesse mais vivo do que se se tratasse d'uma execução capital. A circulação por aquelle logar tornára-se difficil. Fidalgos e camponios, operarios e gente da classe média, commerciantes e clerigos, matronas e loureiras, todos se aprumavam nos bicos dos pés para observar o que succedia na praça, procurando vêr alguma coisa por cima d'aquelle mar de cabeças humanas.

Soprava uma briza humida, a que ás vezes uma chuva impertinente e miudinha se misturava. Porém os espectadores pareciam não se incommodar com coisas tão insignificantes, pois o suor escorria em camarinhas pelas caras dos que assim se agitavam e acotovellavam: o tumulto era espantoso: e só o tangido d'uma sineta, por vezes, conseguia dominar aquelle alarido. Esta sineta, de som abafado, estava presa a um grande mastro adornado de fitas de variegadas côres, e especado ao pé d'um carro que fôra collocado ao pé das obras começadas para a forca.

Aquelle carro singular, todo dourado, ostentava, pintado na frente, um

esboço do que devia ser a cathedral de S. Pedro de Roma, em que por aquelle tempo trabalhava Miguel Angelo.

E era isto o que attrahia a attenção de todos, o alvo de todos os olhares, e a meta de todos os grandes empurrões e trilhadellas de callos. Em torno d'aquella mole, que se elevava como um rochedo açoutado pela tempestade, os empurrões eram mais violentos, as pisadellas mais dolorosas, e as apostrophes mais acerbas e pesadas.

Os magotes succediam-se. Os espectadores, um a um, vermelhos pela lucta sustentada, trepavam por uma escada de cinco degraus, no alto da qual, de pé, sobre um estrado, gesticulava um homem.

Este gesticulador, que vestia o habito de S. Domingos, tinha uma face apopletica, mais vermelha ainda do que de costume, pela enorme actividade que desenvolvia, e que apresentava tintas arroxeadas. O seu desconforme ventre, que poderia servir de modelo a um tonel, inflava-se magestosamente.

O leitor deverá ter sem duvida reconhecido n'este retrato Tetzel.

O que fazia o novo inquisidor, cumplice de Leão X, ao lado da forca, quando o logar que elle devia occupar n'ella não deveria ser decerto ao lado? Exercia o seu officio. Este homem, que qualquer tomaria por um vendedor de elixires e de drogas, como os que lêem a *buena-dicha* nas praças, estava cumprindo a sua missão, para o desempenho da qual fôra enviado de Roma á Allemanha:—vendia indulgencias.

Oh! o systema era magnifico para subtraír dinheiro aos fieis, d'antemão preparados para isso por um paulatino embrutecimento, por uma supina ignorancia.

Hochstratten e elle tinham descoberto com isto uma verdadeira mina. A coisa marchava tão bem que nem que fosse sobre rodas, como vulgarmente se diz. Por onde quer que elle passava era acolhido com enthusiasmo extraordinario: nenhuma opposição encontrava: e, antes pelo contrario, os fieis apressuravam-se em correr açodados ao seu encontro, e por tal fórma se amarfanhavam e atropellavam que as desgraças eram frequentes. Tetzel cobria-se de gloria.

O inquisidor absolvia os peccados preteritos, presentes e futuros. Elle não fazia mais do que applicar a theoria que expuzera ao Papa, a qual confirmava completamente os seus calculos, de fórma que os saccos enchiam-se d'ouro até á bocca, como se fossem de trigo. Á nova d'aquelle perdão tão facil de obter, d'aquella redempção a preço fixo, que se propagava rapidamente, a mercadoria ia dia a dia obtendo mais compradores, e era coisa digna de vêr-se o afan com que todos, moços e velhos, corriam açodados a levar o seu óbolo áquella nova burra de S. Pedro.

Reinava uma especie de furor, furor que hoje faz rir os nossos livres pensadores, e chorar os padres do nosso tempo. Naturalmente os mais bilhostres eram os que maior prova de zelo davam, os que acorriam mais pressurosos—e eram os mercadores que haviam quebrado fraudulentamente, os usurarios, os assassinos, os rapinantes, os evadidos dos presidios e galés, e dispostos todos a recomecar de novo as suas alicantinas e trampolinices, apenas tivessem a absolvição dos delictos passados, e o seu passaporte para o Paraiso na algibeira.

N'uma palavra: tudo quanto a cidade tinha de matula mais crapulosa e airada, de vida mais vadia e suspeita, ou de conducta mais pifia e perversa, tudo isto era o que mais acorria da cidade e seus arrabaldes a comprar as indulgencias papaes, de que se fizera Tetzel o vendilhão.

Mas entre aquella arraya miuda, entre aquella gentalha, figuravam tambem os barões de provincia que sentiam na consciencia a necessidade de obter o perdão do assassinato d'algum vassallo, e os senhores feudaes que entendiam ser util dever comprar antecipadamente, e por atacado, a absolvição de varios estupros nas moçoilas suas vassallas, que elles já tinham d'olho, e que eram das mais guapas (1).

(1) O facto romanesco narrado aqui, poderá talvez parecer exagerado ao leitor. Mas decerto lhe não parecerá tão inverosimil, se tiver deante dos olhos a leitura da tarifa de Leão X. Aqui lh'a pomos portanto:

TARIFA DA CAMARA OU CHANCELLARIA APOSTOLICA

1.º Todo o ecclesiastico, que incorrer em peccado carnal, quer seja com freiras, quer com primas, sobrinhas, ou suas afilhadas, ou emfim com outra mulher qualquer, será absolvido mediante o preço de 67 libras e 12 soldos.

2.º Se o ecclesiastico, além do peccado da carne, pedir para ser absolvido do peccado contra a natureza, deverá pagar 219 libras e 15 soldos.

3.º O padre que destlorar uma virgem pagará 2 libras e 8 soldos.

4.º A religiosa que quizer alcançar a dignidade de abbadessa, depois de se haver entregue a um ou mais homens, simultanea ou successivamente, quer dentro, quer fóra do convento, deverá pagar 131 libras e 15 soldos.

5.º Os padres que quizerem viver em concubinato com as suas parentes pagarão 76 libras e 1 soldo.

6.º Para todo o peccado de luxuria, commettido por um secular, a absolvição custará 27 libras e 1 soldo: porém para os incestos accrescerão, em consciencia, 4 libras.

7.º A mulher adultera que pedir a absolvição, e queira ficar livre de todo o processo, e ter licenças amplas para proseguir nas suas relações illicitas, pagará ao Papa 87 libras e 3 soldos. Em caso identico, o marido pagará egual quantia: se tiverem, porém, commettido incesto com suas filhas, ou filhos, accrescerão, em consciencia, 6 libras.

8.º A absolvição d'um simples assassinato, commettido na pessoa d'um secular, custará 15 libras, 4 soldos e 3 dinheiros.

9.º Se o homicida tiver assassinado dois homens n'um mesmo dia, pagará como se tivesse morto um só.

10.º O marido que der maus tratos a sua mulher pagará ao cofre da chancellaria 3 libras e 4 soldos. Se a matar, pagará 17 libras e 15 soldos, e se a matar para casar com outra, pagará ao cofre da chancellaria 32 libras e 9 soldos. Os que houverem coadjuvado o marido a perpetrar o crime, serão absolvidos, mediante a somma de 2 libras por cabeça.

11.º O que afogar um filho pagará 17 libras, e 15 (duas libras a mais do homicidio d'um desconhecido), e se o pae e a mãe o matarem, com mutuo consentimento, pagarão 27 libras e 1 soldo pela absolvição.

12.º A mãe que destruir o seu proprio fructo, trazendo-o nas entranhas, e o pae que tiver contribuido para a perpetração d'esse infanticidio pagarão 17 libras e 15 soldos cada um. O que facilitar o aborto de uma creança que não seja sua, pagará 1 libra menos.

13.º Pelo assassinato d'um irmão, d'uma irmã, d'um pae ou de uma mãe, pagar-se-ha 17 libras e 15 soldos.

14.º O que assassinar um bispo, ou um prelado de jerarchia superior, pagará 151 libras e 3 soldos pelo primeiro assasssinato, e a metade pelos seguintes.

15.º Se o assassino tiver dado morte a muitos ecclesiasticos, por varias vezes, pagará 151 libras e 3 soldos pelo primeiro assassinato, e metade pelos outros.

16.º O bispo, ou abbade, que commetter homicidio por emboscada, por acaso, ou por necessidade, pagará, para obter a sua absolvição, 179 libras e 14 soldos.

17.º O que antecipadamente quizer comprar a absolvição para todo o homicidio accidental que puder commetter no futuro, pagará 168 libras e 15 soldos.

18.º O hereje que se converter, pagará pela absolvição 269 libras. O filho do hereje queimado, enforcado, ou justiçado d'outra fórma qualquer, não poderá rehabilitar-se senão mediante o preço de 118 libras, 16 soldos e 9 dinheiros.

19.º O ecclesiastico que não podendo pagar as suas dividas quizer livrar-se de ser processado pelos credores, deverá pagar ao Pontifice 17 libras, 9 soldos e 7 dinheiros, e a divida lhe será perdoada.

20.º A licença para poder por logares de venda de varios generos sob o portico das egrejas, será permittida mediante a somma de 45 libras, 19 soldos e 3 dinheiros.

Tetzel fizera-se preceder de uma grande fama. Como bem sabemos, era homem amante das suas commodidades, e n'aquelle caso devemos convir que o espectaculoso de que soube revestir o seu trafico, contribuiu não pouco para o exito da empreza.

O seu carro era solido e de excellentes molas, os cavallos velozes e ardegos, para prevenir o caso de ter de fugir deante do inimigo.

De noite, quando viajava, era com o maior conforto: ao lado das arcas de ferro que encerravam o ouro sagrado, iam as caixas dos viveres, e que serviam de dispensa e adega: e como a amplidão do carro era enorme e as almofadas dôces e fôfas, o carro podia, com facilidade, converter-se em sala de jantar ou alcova.

22.º O delicto de contrabando e defraudação dos direitos do principe, importará ao delinquente na somma de 87 libras e 3 dinheiros.

23.º A cidade que quizer alcançar para os seus cidadãos, ou para sacerdotes, frades ou freiras, licença para comer carne e lacticinios nas épocas defezas, pagará 731 libras e 10 soldos.

24.º O convento que quizer mudar de regra e viver em maior abstinencia do que a prescripta, pagará 146 libras e 5 soldos.

25.º O apostata vagabundo, que quizer voltar ao redil, pagará egual quantia pela sua absolvição.

26.º A mesma somma pagarão os religiosos, tanto seculares, como regulares, que quizerem viajar em trajos laicaes.

27.º O filho bastardo de um cura que desejar ter a preferencia em obter o curato de seu pae, pagará 27 libras e 1 soldo.

28.º O bastardo que quizer receber ordens sacras e auferir prebendas e beneficios pagará 15 libras, 18 soldos e 6 dinheiros.

29.º O filho de paes incognitos, que quizer tomar ordens, pagará ao thesouro pontificio 27 libras e 1 soldo.

30.º Os seculares rachiticos, ou aleijados, que quizerem receber ordens sacras e auferir beneficios, pagarão á chancellaria apostolica 58 libras e 2 soldos.

31.º Identica quantia pagará o torto do olho direito: porém o torto do olho esquerdo pagará ao Papa 10 libras e 7 soldos. Os seculares pagarão 45 libras e 3 soldos.

32.º Os eunuchos que quizerem tomar ordens pagarão a somma de 300 libras e 15 soldos.

33.º O que quizer por simonia adquirir um, ou mais beneficios, dirigir-se-ha aos thesoureiros do Papa que lhe venderão esse direito por um preço modico.

34.º O que por haver violado um juramento quizer livrar-se de toda a perseguição e de todo o labéo d'infamia pagará ao Papa a somma de 131 libras e 15 soldos. Além d'isso pagará 3 libras a cada um dos que o tiver afiançado.

Agora eis aqui, para maior edificação do leitor, a tarifa que o Santissimo Padre João XXII estabelecera:

TARIFA DA CHANCELLARIA E PENITENCIARIA DE JOÃO XXII.

Pela absolvição do que tiver violado uma mulher n'uma egreja, ou commettido outros que taes sacrilegios, 6 gros.

Pela absolvição d'um clerigo que mantiver concubinagem, com dispensa de irregularidade, e apesar das prohibições provinciaes, e synodaes, 7 gros.

Pela absolvição do que tiver commettido incesto com sua mãe, sua irmã, ou qualquer outra mulher que seja sua parenta, por sangue ou alliança, ou com sua madrinha, 5 gros.

Pela absolvição do que tiver desflorado uma virgem, 6 gros.

Pela absolvição d'um perjurio, 6 gros.

Pela absolvição do que tiver morto seu pae, sua mãe, seu irmão, sua irmã, ou algum parente secular, 5 a 7 gros. pelo morto. (Se o assassinado fôr um parente, pertencente á Egreja, deverá o matador visitar a Santa Sé.)

Pela absolvição d'um marido que tiver espancado sua mulher, e d'esse espancamento lhe haja resultado aborto, 6 gros.

Pela absolvição d'uma mulher, que servindo-se de uma beberagem, ou de outra qualquer trama, promover um aborto, 6 gros.

Nota. — No caso de que seja clerigo o homem que tiver administrado a beberagem, ou promovido o aborto, este crime será considerado como o de morte de secular, e a pena será a mesma.

Pela absolvição de pilhagens, incendio, roubo e assassinatos de seculares *com dispensa*, 8 gros.

O exemplar d'esta tarifa existe na Bibliotheca Nacional de Paris. Foi publicada pelo editor Toussaint-Denis, em 1520.

N. do T.

De dia, quando acaso se chegava ao termo da jornada, baixava-se o tecto do carro; um estofo qualquer forrava o fundo da caleça, e collocava-se uma escada a cada banda do vehiculo para que a piedosa turba dos fieis, préviamente convocada, podesse subir e descer por ella.

O espaventoso e rico prégador tinha correios que o precediam em todos os pontos, e que annunciavam, a som de trompa, a sua chegada aos locaes préviamente destinados á exploração.

Uma hora depois, as paredes appareciam cobertas de cartazes de todas as côres, e ao lêl-os facil era apreciar no que consistia o negocio em questão, interrogar a consciencia, e tratar logo da sua lavagem em harmonia com os preços estabelecidos.

A tarifa era regular e mui clara, disposta por quadros e por séries, e nunca empreza d'exploração financeira alguma, nem mesmo a da União, de recente e catholica memoria, recorreu a tão grande luxo de annuncios.

O que havia alli unicamente a fazer era consultar a bolsa. O operario comprava uma porção de ceu mais modesta do que o nobre e o senhor, visto que tambem a sua absolvição lhe importava n'um preço mais moderado, e que mais estava ao alcance de todas as bolsas.

Ocioso é advertir que, afim de que ninguem podesse allegar ignorancia, as tabellas eram affixadas immediatamente ás portas das egrejas.

Pela manhã do dia de que se occupa a presente historia, todos os cartazes affixados nos portaes dos mosteiros, capellas e egrejas, ostentavam uma grande cruz vermelha, cortando o annuncio do grande inquisidor.

Aquillo era decerto uma atrevida facecia d'algum estudante de bom humor, e ainda que não se poude descobrir o auctor d'ella, se tivermos de dar credito aos que amam todos os escandalos, parecia um repto audaz.

Ainda que o despejo e a audacia tivessem sido maiores, esse atrevimento sacrilego teria caído muito no gosto dos soldados e do rapazio, que, como se sabe, é gente que se pélla pela anarchia e a vida da gandaia, e que não tem fé, nem lei, nem respeito ao quer que seja.

Mais d'um d'estes mequetrefes, podemos dizel-o sem exagerar, sentia grande gaudio antecipado por um escandalo provavel. Alguns birbantes haviam-se até atrevido a aventar que o prégador, ao dar de cara com aquellas cruzes insolentes, parecera desconcertar-se e ficar perturbado. Seja como fôr, Tetzel, segundo o costume, postára o seu coche na praça publica, tendo o cuidado de se resguardar dos ardores do sol e da chuva sob um toldo de panno, feito de proposito para aquelle mister religioso.

O frade aprumava-se, em pé, sobre o seu estrado, rodeado dos seus sequazes, que nunca o largavam, nem cessavam de gritar.

Era a elles que estava incumbido annunciar a mercadoria, quer dizer, eram elles que desempenhavam o trabalho prévio de recitar, successivamente, uma especie de historia d'aquella innovação sagrada. Tinha esta exposição por fim alliviar o fardo do delegado e representante do Papa, o qual escutava o aranzel com um ar sorridente e todo entregue á digestão, até que julgava opportuno o momento de se levantar, e de dar com a sua palavra eloquente, apoiada por invenciveis argumentos, o ultimo golpe, o golpe de graça, ou, se preferirem, a girandola final.

Tetzel, com um descaro e um desplante para a mentira que não tinha

rival, tratava de despertar os indolentes e os tibios, de excitar e decidir os vacillantes, servindo-se para isso de expedientes já mil vezes ensaiados e cujo effeito era seguro, decisivo.

Os timidos estavam na realidade mais do que commovidos: estavam espantados. Os scepticos, esses deixavam-se seduzir pelo cynismo inaudito com que o frade entendia dever apimentar a sua argumentação. N'uma palavra: o auditorio estava suspenso dos labios do prégador. Quando se chegava a este ponto começava o fluxo e refluxo dos fieis, ao badalar da sineta, que fazia parte de todo aquelle apparato commercial.

Umas vezes grave e composto, mas as mais das vezes alegre e folião, porque o prégador não desdenhava de usar nas suas perorações as facecias picantes e agudas, a multidão, para depois de o ouvir receber as indulgencias, tomava de assalto a barraca aonde Tetzel, por sua propria mão, distribuia as absolvições plenarias, emquanto que com outra recebia e punha a bom recado o dinheiro.

Este trabalho, sobretudo, não o confiava a ninguem, sustentando, não sem fundamento, que manter gente estranha n'aquelle officio era permittir-lhes o roubo. Leão X e elle sabiam e podiam dizer alguma coisa a tal respeito, decerto. Não seria facil dizer qual era a virtude que adornava a alma de Tetzel: mas innegavelmente não era a da honradez.

De cada banda tinha um cofre: um d'elles estava abarrotado de indulgencias de todas as côres, segundo o preço e importancia da absolvição, que era um verdadeiro papel-moeda, com o sello e as armas pontificias: o outro cofre era de ferro e de aço, e só destinado a receber o dinheiro santo.

N'este dito cofre podia lêr-se n'um papel impresso em caracteres gothicos, o famoso distico seguinte:

Cada obolo que cae n'esta caixa, é uma alma que erque o vôo ao Paraiso.

Tetzel, ao passo que mettia uma das mãos no cofre da direita, entregava com a outra, em troca de um ou de muitos ducados, uma ou varias cedulas: e, com uma rapidez de prestimano, lançava com dois dedos a absolvição, e prestes, n'um ai, n'um abrir e fechar d'olhos, mettia a bom recado dentro da arca o ouro, extorquido desvergonhadamente, pela rapina, ao salario d'um trabalho talvez constante e fadigoso.

Para o caso da venda afrouxar, elle havia reservado alguns argumentos de effeito, como os generaes que, por boa prevenção, reservam sempre um reforço de tropas para um momento decisivo.

D'alli a poucas horas havia diminuido consideravelmente o numero das bullas contidas no cofre da direita, emquanto que no da esquerda retinia metallicamente o dinheiro que havia de servir para a redempção dos fieis.

No dia em que se passa o que narramos, o enthusiasmo tocou o delirio por duas razões: a primeira porque o grande homem — pois assim designavam Tetzel — chegara a Wittemberg muito antes do que se julgava. E a causa por que tal succedera era bem simples: Tetzel tinha partido de Torgau, deixando ao seu amigalhote Frick Frick o cuidado de dirigir a matança dos innocentes. Como não queria que se soubesse que vinha d'uma cidade em-

pestada, pois isso o podia prejudicar no seu commercio, e como receava tambem, e era este o motivo principal, que se suspeitasse que elle fôra cumplice da degola das creanças, por isso precipitára a sua entrada triumphal em Wittemberg. Era isto exagero de precaução, excesso decerto; pois quem se atreveria a imaginar suspeitosa e perversamente que aquelle santo prégador fosse ouvido ou achado em atrocidades taes?

Tinha um cofre á direita e outro á esquerda. O primeiro estava cheio de indulgencias, o segundo era destinado a receber as sommas.

Cap. XLII.

A segunda razão tambem porque n'aquelle dia augmentára o concurso dos fieis, era por se ter annunciado um sermão elucidativo, que Tetzel devia proferir depois da venda das bullas, e que deveria versar sobre doutrinas de consolação, taes como a vida futura e o Paraiso: — o qual Paraiso, a ajuizar pelo numero consideravel de bullas que elle vendera, deveria ter alargado consideravelmente as paredes, para poder conter tantas almas.

Este sermão, que Tetzel deveria proferir em Nossa Senhora, que era a cathedral proxima, era o alvo de todas as palestras e parólas.

Os homens da cleresia esfregavam as mãos de gaudio, sorrindo-se todos, ao verem com que afan tinham sido alugadas antecipadamente, por um preço avultado, todas as cadeiras da egreja. O preço por que as cadeiras eram alugadas era bastante alto, mas, se os bons homens da roupeta tivessem adivinhado tal procura, teriam tirado muito mais proveito, e muito melhor partido.

— Comprem comprem! — gritava Tetzel — São as ultimas! Já não ha mais! Comprem, aproveitem a occasião! São quasi de graça, e esta é a ultima viagem que faço a esta terra. Os reis de toda a christandade, sem fallar nos principes da Bohemia e no duque da Palestina, disputam a minha presença nos seus Estados. Henrique VIII de Inglaterra, Francisco I de França, Maximiliano d'Austria e Carlos V d'Hespanha sollicitam-me ao mesmo tempo. Chama por mim o duque Jorge da Saxonia: o Eleitor Palatino quizera ter-me sempre ao pé de si: e se fosse a acceder, desgostaria todos os principes italianos, mais o duque de Saboya. Comprem, que só tenho algumas horas disponiveis para vos consagrar, meus amados irmãos! Comprae, sem regateardes, a parte do Paraiso, que estaes prestes a alcançar, e quasi a ouvirdes os córos celestiaes dos anjos!... Olá tu, ó gordalhudo lá do fim, dizes que queres por dez annos?... Toma lá! Dizes agora que tres annos! Então eu não ouvi bem dizeres dez? Que diabo, não sejas fómenicas! Nada de sovinices!... Não sejas sorrelfa, que se trata da salvação de tua mulher e de teus filhos! Que mais queres? Vamos... Dez annos de innocencia a este exemplar marido por dez ducados, é um ovo por um real, é bilha de leite por bilha d'azeite!... Em vosso logar, meus amados irmãos, eu córaria de estar a regatear com Deus o vosso logar na corte dos céos, quando tantos deleites vos estão lá apparelhados... Vamos, comprae esta indulgencia. Apressae-vos, que Jesus Christo vos está contemplando. Sinto na minha face passar o seu espirito divino. Hesitareis, vacillareis ainda na sua presença?... Deixareis que, á força de vos clamar, enrouqueça o seu enviado directo, pois de Sua Santidade Leão X recebi esta missão, e a mesma augusta mão que assignou o meu mandato, assignou tambem estas cedulas e estas bullas?...

E Tetzel, depois d'esta longa arenga as turbas, fez badalar vigerosamente uma grande campainha. Em seguida continuou, excitando-se á medida que os compradores affluiam, e o cantante tinido do ouro resoava na caixa:

— Sua Santidade não é igual a Christo, ou, para melhor dizer, a sua ultima encarnação? Sim, decerto que é.

Como ninguem se atrevesse a impugnar aquelle argumento atrevido, arremessado de chofre e com grande vozeirão, Tetzel concluiu d'esta forma arrojada:

— Pois se isto assim é, elle é mais poderoso que todos os santos, e que a mesma Virgem Maria...

Interrompeu por um momento o seu discurso, e, depois, continuou assim:

— Vos quereis uma bulla por vinte annos, não é verdade, menina?...

Muito bem. E aqui tendes, ainda por cima, a minha benção. Quarenta ducados é uma miseria, é baratissimo, mas não importa... Faço-o para o bem da vossa alma! Ficaes pura como a neve por vinte annos... Tendes carta branca para algumas escorregadellas, com a certeza de vos achardes no fim completamente immaculada... Tenho ou não razão em dizer que isto não ha dinheiro que o pague?... Sim, minha filha, todas as vossas escorregadellas, durante vinte annos, vos serão perdoadas!... Não vos esqueçaes d'isto: todas... Vamos, a quem toca agora a vez?... Só seis mezes?... Ah! birbante, dá cá dois ducados, e toma... Aqui não ha tempo para trocos... Á caixa depressa, meus filhos... Boas gentes, não mais vos sentireis gafadas do Peccado. E vós tambem ficaes lavadinhos de todos os crimes!... Que tranquillidade, que paz póde comparar-se á que eu vos offereço, no reino dos céos, e cá na terra?... Se sentis lá dentro um remordimento, o espinho do Remorso de faltas antigas, tal coisa é uma ninharia... e é como se não existissem taes faltas, mal derdes o vosso óbolo para proporcionardes um certo bem-estar ao representante de Christo na terra... Com este óbolo resguardareis da chuva os ossos de S. Pedro, e lavareis todas as vossas culpas. Sim, minhas senhoras e meus senhores, se acaso enganastes vossos maridos, e vós as vossas mulheres, não importa! Roubastes?... Pouca coisa. Assassinastes?... Isso não vale nada... Não vos turbeis por qualquer crime, por mais formidando que seja. Ainda mesmo que tivesseis violado a propria Virgem Maria, ficarieis perdoados. Para vós está apparelhado o reino dos céos, e para lá entrareis mais brancos que uma cordeirinha nada, ou que uma pombinha sem fel...

Um novo toque de campainha interrompeu por um momento aquella peroração.

A multidão estava radiante de alegria.

— Olá, bom homem, repara aonde pões os pés — exclamou um mocetão de farta bigodeira, dando ao mesmo tempo um vigoroso encontrão a um adelo que estava todo embebecido, escutando o prégador, de bocca aberta.

E o chibante Spavento — pois era elle — afastou-se, resmungando contra o pobre adelo, a quem rapinára a bolsa, privando-o d'esta fórma do seu logar no Paraiso.

E atraz de Spavento caminhava o não menos chibantão Annibal com as algibeiras abarrotadas de dinheirama, se formos a ajuizar pela musica que as moedas douradas produziam nos bolsos, a cada meneio do espadachim.

— São uma riquissima mina estas reuniões devotas! — murmurou elle ao ouvido de Spavento, que respondeu meneando a cabeça, affirmativamente.

Tetzel, no emtanto, ia continuando na sua homilia, e a turba não cessava de subir e descer a escadinha do coche.

— Ouve lá — disse o irmão de Flora ao seu companheiro — não te parece que não seria mau que nós comprassemos algumas d'estas lérias?...

Annibal referia-se ás bullas.

— O dia não foi mau, e a colheita soberba!

— Além d'isso, se ellas não fazem mal, tambem pódes ter a certeza de que te não farão bem algum...

E os dois amigos desataram uma franca e estridula casquinada.

Achavam-se então, precisamente, no fluxo estabelecido pelos compradores, e seguindo esta corrente, ao cabo de dez minutos, desciam a escada do coche de Tetzel, todos, com dez escudos de indulgencias nas algibeiras.

Não é preciso decerto ajuntar que não lhes havia custado muito trabalho a ganhar aquelle dinheiro. Spavento pagára pelo seu amigo, e recebia a papeleta. Tetzel, entregue absolutamente ao cuidado do expediente, não attentou, por isso, no fusilante e terrivel olhar que haviam chispado os olhos de Annibal, dirigido a elle.

—Nada de asneiras!—murmurou o mais velho dos espadachins, apertando fortemente a mão do collega, que instinctivamente a havia levado ao punho da catana.

Os antigos proprietarios do *Rato de Flandres* nem sequer tomavam já a precaução de se esconderem. Circulavam no meio da multidão, fazendo de caminho a sua colheita de bolsas e de joias, sem se lembrarem sequer e muito menos se inquietarem, com a celebridade triste que os forçára a exilar-se por algum tempo da montanha, e a esconderem-se.

Como souberam que outros haviam sido presos em logar d'elles, suppunham-se já a salvo. O equivoco do burgomestre, ao prender Abrahão e Luthero, suppondo que lançára a mão aos verdadeiros rapinantes, não podia vir para elles mais a proposito.

Por isso, pois, passeavam magestosamente, respirando, com volupia, o bello ar livre, e até mesmo se permittiriam talvez fazer caretas á policia, se fosse proprio dos seus caracteres brincar com tão veneravel instituição.

De repente, Spavento tocou com o cotovello o braço do collega e amigo.

—Olha para alli!—disse-lhe elle.

—Para onde?...

—Alli em baixo... aquelle homem de casaco côr de castanha...

—Diabo!... Alguem diria que...

—Não é verdade que é elle, e que...

—É elle!—exclamou Annibal com os olhos esbugalhados por desagradavel surpreza.

—Então não me enganei?...

—Infelizmente não... Não póde haver duvida!... É o tal cavalleiro da cigana...

—O homem dos diamantes...

—Então deixam-no andar á solta?...

—Talvez tenha fugido!

—Não temos nada com isso...

—Ouve lá.

—O que queres?...

—Não te parece prudente que nos safemos?...

—Parece-me muito ajuizado...

—Porque como foi por equivoco que os prenderam em vez de nos prenderem a nós, no dia em que descubram o tal equivoco...

—Adeus, liberdade amada, que tão grata es aos grandes corações!...

—Demais, é preciso que não esqueçamos que não temos já o direito de arriscar as nossas vidas...

—É verdade... porque agora já somos paes de familia...

E, depois d'esta enigmatica conclusão, os dois companheiros misturaram-se com a turba-multa, escoando-se como enguias por entre o poviléo.

O homem do casaco côr de castanha, que, como os dois valentões muito bem disseram, era effectivamente Luthero, evadido do carcere, como o leitor já sabe, acabava de entrar a soleira d'uma casa, cuja porta se fechou detraz d'elle.

A multidão dos devotos, entretanto, ia perdendo aquelle ardôr que mostrára ao principio, de encher o cofre sagrado.

—Vamos—dizia Tetzel—quem quer as ultimas?... Já quasi não ha mais... O fornecimento que vos destinára vae-se esgotando, e não tenho direito a lesar os outros. Aproveitae a occasião. Comprae as delicias do Paraiso celeste com um grande abatimento, uma grande reducção de preço. Apressae-vos, porque logo, ainda que me offereçaes o duplo e o triplo, não vos poderei vender nem uma cedula só... Não ha quem queira mais?... Vou terminar a distribuição.

O que era facto é que o publico estava já servido. Os ricos tinham-se deixado arrastar a maior despeza do que queriam, e os remediados tinham excedido as suas posses. Os que não haviam tugido nem mugido, tinham sido os pobres que não possuiam um ceitil. Tetzel comprehendeu que não havia alli mais que fazer, e satisfeito da sua colheita admiravel, sem insistir mais, julgou prudente cessar de annunciar a mercadoria de Roma.

—Além d'isso—disse com uncção evangelica—a hora do sermão aproxima-se...

Na realidade, aquella perspectiva attrahia a attenção da maioria dos circumstantes. Os que já haviam comprado as indulgencias, impacientavam-se por tão larga demora, sobretudo as mulheres, e reclamavam, com insistencia, a segunda parte promettida da festa, tão desejada como a primeira. Desejavam-na tanto mais quanto era bem conhecida a facilidade de palavra que tinha Tetzel. Finalmente, os mal intencionados, de que fallamos já, vendo que o escandalo que as cruzes vermelhas lhes haviam feito esperar não tivera logar durante a venda das indulgencias, magicavam comsigo:

—Decerto reservam a coisa para a cathedral, e a festa deve ser ainda mais curiosa!...

Por isso, as palavras do frade relativas ao sermão foram saudadas com acclamações enthusiasticas.

—Sim, sim, ao sermão!—gritavam unanimemente todos.

E ao ouvir o desenfreado badalar da campainha, a multidão, menos devota do que cheia de curiosidade, precipitou-se para a egreja de Nossa Senhora, em cujas portadas recomeçaram os empurrões e as disputas com os guardas encarregados de velar pela ordem, e a collocação devida das pessoas que tinham os seus logares marcados, as quaes apresentavam os seus bilhetes numerados, nem mais nem menos do que como nos theatros.

Emquanto o poviléo se atropellava no atrio da egreja, Tetzel descia do seu coche.

Fazendo pôr a bom recado o cofre—o que foi o seu primeiro cuidado—fez-se logo conduzir em liteira até á porta da sacristia. O frade, como já dissemos, servia-se dos montes d'ouro que lhe rendia a mercancia, para

proporcionar a si mesmo todos os deleites e confortos que a carne lhe pedia, deleites que não eram poucos, e que eram de diversos generos, como sabemos.

N'este mesmo momento, Luthero saía pela porta da casa, onde ha pouco o vimos entrar, envergando o habito de frade, e encaminhou-se para uma porta lateral da egreja. Ao vêr o seu habito de religioso, o suisso, que estava de guarda respeitosamente, deixou-o entrar, sem lhe oppôr embaraço algum.

Depois da affavel recepção que lhe fez o deão dos conegos, Tetzel subiu ao pulpito, e começou o exordio do seu sermão.

Animado pela abundante colheita de ducados que ganhára, e por um largo trago de vinho da Bohemia que libára, entrou pelo exordio com um entono que promettia muito. O prégador sentia-se á vontade, e as primeiras palavras que proferiu, com uma voz que a soberba inflava, abalaram os homens e arrebataram as mulheres.

—Que rica voz, minha querida!...

—E que corpulencia!...

—Magnifica figura!...

Estas e outras semelhantes observações trocavam, cochichando, as damas ao ouvido umas das outras, entre tosses reprimidas, e arrastar de cadeiras.

O prégador principiára o exordio com uma pintura do Inferno, capaz de fazer tremer o coração mais duro: descreviam-se alli caldeirões enormes e candentes, ferros aquecidos até á côr do rubro, além de milhares de milheiros de tenazes, de cadeias de chumbo fervendo, e rios de lava em fusão. Nada, absolutamente nada elle omittira de tudo quanto inventou o arsenal do tormento. Tudo fôra descripto com minucia tal, com tão pasmoso luxo de pormenores que todos, a avaliar pelo descriptivo, poderiam imaginar que o prégador acabava de subir ao pulpito, depois de uma viagem directa ao Inferno, e de uma longa estada n'aquelles pavores infernaes.

Em seguida abandonou a voz de trovão, com que começára, e na qual se pareciam distinguir nitidamente os furiosos uivos, e os alaridos dos condemnados aos caldeirões ferventes e ás brazas vivas, e adoptou um tom amaciado e dulçoroso, começando a pintar com mellifluа eloquencia os deleites do Paraiso, os concertos eternos, que entoavam as onze mil virgens e as martyres, cujos trajos e fórmas descreveu com tal superabundancia de particularidades, que fazia crescer agua na bocca, segundo a expressão de um opulento funileiro.

Finalmente, ao ouvir a segunda parte do sermão do prégador, todos se julgavam transportados ao paraiso de Mahomet.

Depois de innumera quantidade d'estas pinturas, tetricas umas, seductoras outras, começou elle a enumeração dos peccados a que a perversa raça humana se vê arrastada. Descreveu as tentações da miseria, a febre do jogo, a cegueira da cólera e do orgulho, a sede do ouro, a espora da inveja e do ciume, o aguilhão da gula e da luxuria, como um homem experiente, a quem nenhum d'estes peccados é desconhecido.

Provou cabalmente ao auditorio que não havia sêr algum, na face do globo, que fosse isento de taes vicios, e que emfim, todos os homens e

todas as mulheres que aos seus pés estavam de joelhos, todos, mais ou menos, estavam internamente gafados da lepra do peccado. Depois, voltando ás suas premissas, affirmou que a todos aquelles negregados peccadores lhes estavam reservados os tormentos eternos.

Ao chegar a esta passagem fez uma pausa, comprazendo-se em apreciar o terrivel susto que as suas palavras causavam nos ouvintes.

—Sim—continuou elle, suavisando o tom da voz—estão condemnados ás penas eternas, a não ser que esses malaventurados se tenham munido com as preciosas cedulas que eu forneço.

Todo o sermão, pois, se reduzia ao elogio das indulgencias em questão e á longa enumeração das suas virtudes tão numerosas como diversas, como essas drogas medicinaes, e esses especificos, cujos annuncios lêmos hoje na quarta pagina dos jornaes. Promessas de delicias eternas aos possuidores das famosas indulgencias, eis aqui o ponto capital, o objectivo d'aquelle discurso.

Os assistentes haviam passado das angustias á esperança, e respiravam satisfeitos, como aquelle que de subito se sente alliviado d'um peso enorme. A não ser o respeito devido áquelle santo logar, teriam rompido em applausos áquelle homem, novo redemptor, mais clemente de que o Christo, pois não só perdoava aos peccadores as suas culpas passadas, como tambem as futuras, animando-os a proseguir nos seus desregramentos, visto que lhes assegurava a impunidade absoluta. A invenção era na realidade bella!

Um dos periodos do seu sermão terminou com estas palavras:

—Se desejaes a eternidade do Paraiso, dae, dae sempre á Egreja, que ella vos pagará cem por um. A verdadeira chave do céo, a chave de S. Pedro, é preciso que o saibaes, é o ouro das offerendas. Tendo ouro em barda podereis facilmente resgatar com antecipação as vossas culpas, e assegurar-vos uma vida plena de delicias. E isso não é uma opinião pessoal minha, é um artigo da fé. O Papa póde servir de garantia.

Suspendeu-se um momento, saudou e proseguiu:

—Creio que isto bastará a convencer os mais scepticos... Eu confio muito na augusta palavra de Sua Santidade, e eis porque affirmo, apoiando-me na sua auctoridade, eis porque desafio os fieis que me ouvem a que me desmintam.

De novo Tetzel guardou um estudado silencio, e em seguida, com o aprumo que dá a certeza da impossibilidade de uma resposta, ajuntou:

—Se alguem se atrever a duvidar das minhas affirmações, que se ponha em pé, e falle... Bem vêdes que não ha ninguem...

Mas ainda elle não havia acabado de proferir estas palavras, quando, rompendo o silencio que reinava no templo, escutou-se uma voz de timbre grave e sympathico, que clamou:

—Eu affirmo e sustento, e comprometto-me a provar que este homem mentiu!...

Impossivel será dar uma ideia do espanto da turba, quando o echo da voz se extinguiu no templo.

Todos os olhares se dirigiram para o altar-mór, que era d'onde havia partido a voz accusadora.

Sobre as grades do santuario, pallido de indignação, via-se um frade

que, com a mão alçada, erecto, n'um gesto resoluto, apontava para Tetzel.

Decerto que era uma coisa rara que um frade interrompesse, n'aquelles tempos, um sermão d'aquella sorte!... Teria acaso aquelle homem enlouquecido de repente? Que sacrilegio, perturbar, com provocação tão insolita, e ultraje tamanho, a magestade de uma cathedral, esbofetear com tal protervia as faces do legado do Papa!...

Os circumstantes olhavam uns para os outros consternados, julgando que as abobadas da velha egreja iam ruir sobre o insolente. Uma indescriptivel indignação alvorotava os espiritos, e aquelles mesmos que antecipadamente se tinham regosijado com a ideia d'um escandalo olhavam-se estupefactos, e achavam a audacia verdadeiramente inaudita.

A multidão agitava-se confusa, e já alguns se dispunham a arremetter contra o atrevido interruptor, fazendo-lhe pagar caro a sua temeridade, quando elle reclamou silencio com voz tão mascula, e olhar tão sereno e inspirado, que todos se sentiram paralysados, e lhe prestaram muda attenção. As multidões, como as mulheres, sentem-se ás vezes penetradas de sympathia, a um simples olhar.

—Este homem mentiu—repetiu Luthero—e eu quero...

—Deitem fóra da egreja esse miseravel!—regougou Tetzel, fulo.

Mas ainda que a sua voz rugisse como a do trovão, todo elle, apesar d'isso, tremia.

Todos os olhos então se cravaram no inquisidor.

Tetzel tremia visivelmente, e grossas camarinhas de suor lhe corriam pela testa abaixo: o sangue que lhe affluira todo á cabeça, laivava-lhe a face de nodoas vermelhas. De repente, com esse instincto de equidade que possuem as massas, ao verem todos a visivel turbação de Tetzel, e a serenidade impotente de Martinho Luthero, comprehenderam que não era nem um doido, nem um promotor de escandalos, o frade interruptor, e que decerto o pregador é que era o réo, e o outro o juiz.

—Este homem rouba-vos!—continuou Luthero—e mente para vos rapinar o dinheiro que com tantos suores haveis adquirido: rouba-vos a herança dos vossos filhos, o dote das vossas filhas: rouba-vos tão despejadamente como o ladrão nocturno, e o pretexto de que se serve é tanto mais infame quanto se vale das vossas crenças... Esse dinheiro não aproveitará senão a elle só, e a outros mais...

Semelhante exordio, além de ter a seu favor o ser verdadeiro, era habil. Tão grande é o legitimo amor que o homem consagra ao dinheiro, que instantaneamente, de golpe, se produziu uma reacção a favor do frade em alguns que ainda estavam hesitantes. A ideia de que haviam sido burlados, de que haviam deixado subtrahir ou escamotear o seu dinheiro por um charlatão vulgar, esporeou o seu amor-proprio, deu resolução aos mais timidos, e mudou completamente as opiniões.

Por isso quando Tetzel, a quem não escapou o effeito produzido na turba, titubeou novamente, com a voz tremelicante:

«—Ponham... fóra... esse... miseravel...»—ninguem se moveu para lhe obedecer, ninguem tomou o seu partido, antes pelo contrario muitas vozes se levantaram ao mesmo tempo, gritando:

—Não, que falle, que falle!...

Luthero comprehendeu que havia captado as sympathias do auditorio, e volvendo um olhar em roda, como se tomasse por testemunha o céo da legitimidade da causa cuja defeza tomára, continuou:

—Devo responder, primeiro que tudo, que não sou um miseravel, e se o faço não é porque me mova outro interesse que não seja o mais puro zelo da verdade, e uma força superior que me ordena que o faça. Eu sou o doutor Martinho Luthero, da ordem de Santo Agostinho em Wittemberg, licenciado em artes e direito canonico: a minha vida é conhecida: nasci em Eisleben, de um pobre lenhador: cursei os estudos, primeiro em Mansfeld, depois em Magdeburgo, mais tarde em Eisenach, onde vivi em tão funda penuria que sem duvida pereceria á mingoa, se não fosse a caridade de uma pobre viuva: finalmente estudei na Universidade d'Erfurt, e pela subita morte de um amigo senti-me attrahido para o claustro, no qual não me arrependo de haver entrado. A maior parte dos que n'aquella cidade se consagram ao estudo conhecem-me bem: Frederico, o sabio Eleitor, concedeu-me em 1508 a cadeira de philosophia, pela recommendação de João Staupiz, meu mestre: fui lente de theologia: fui inspector das aguas em Leizgau, magistrado em Torgau: e, como doutor em theologia, fui enviado á Hollanda para tratar de assumptos que dizem respeito á minha ordem, e recentemente a Roma... onde presenciei coisas que não diria por mil florins... Tal é, claramente exposta, a minha vida, e não é nem o orgulho nem a presumpção o que me faz pedir aos que me escutam que me citem uma acção indigna, algum acto de perversidade voluntaria, que haja praticado.

Um murmurio de sympathia acolheu este vigoroso e severo exordio: mesmo alguns estudantes reconheceram seu mestre, e entre elles e elle estabeleceu-se uma corrente emocional de sympathia.

—Poderia—continuou Luthero—dizer que o miseravel é elle: poderia dizer-vos o motivo infame da sua condemnação em Leipzig: referir-vos a favor de que intriga elle escapou á acção da justiça: poderia mesmo dizer-vos o castigo a que foi condemnado, e como illudiu a vingança, a mais legitima vingança que jámais armou o braço de esposo... Poderia tambem inteirar-vos de como livrei uma mulher, cujo habito de religiosa a deveria ter preservado da sua luxuria, e de como a salvei, repito, de uma armadilha horrivel d'elle: mas não quero fazer uso d'estas accusações, além de que a pallidez da sua face, o terror que todo elle manifesta, assás provam com eloquencia os crimes de que o accuso...

Luthero formulára todo este vigoroso ataque sem descravar os olhos da face do prégador.

Tetzel, ao principio, tentou sustentar aquelle olhar terrivel: mas depressa teve de renunciar a tal, apavorado, tremulo, esbarrondado, como se se sentisse em frente de Neumann, que já em Nimpkchen o fizera deitar a fugir, atabalhoadamente.

—Não sei—tentou elle dizer—o que significa...

Não poude dizer mais, porque sentia a lingua pegar-se-lhe ao céo da bocca, e os labios forcejavam em vão por emittir um som qualquer. O panico do frade havia-lhe dado á face um aspecto horrendo, um aspecto de confusão, um aspecto de réo confesso.

Entre os fieis produzira-se um movimento geral e extraordinario. A maior parte pozera-se de pé, para vêr melhor o novo prégador. O auditorio, esquecendo o local em que se achava, deixou-se arrebatar pelo interesse d'aquelle duello de palavras, como se um secreto presentimento advertisse ás testemunhas d'aquella lucta as consequencias que d'ella haviam de advir nos tempos futuros. Até chegaram a fazer-se ouvir alguns applausos suffocados pelos gritos de:

—Silencio!... Deixem ouvir!...

Depois d'isto, Luthero, certo do triumpho, continuou os seus ataques.

Imponente como Moysés escaqueirando o bezerro d'ouro, tratou a questão pelos seus lados capitaes, e alli affirmou aquellas theses famosas que no dia seguinte affixou por escripto nos porticos da cathedral de Wittemberg. Aquellas proposições que elle no mesmo dia remetteu ao arcebispo Alberto de Moguncia, principe eleitor, e arrendatario geral das indulgencias na provincia da Allemanha, eram as seguintes:

«O Papa deve explicar e especificar os casos em que se reserva o direito de conceder indulgencias. Não póde remittir mais do que a pena, ou penitencia que elle mesmo haja imposto por um peccado determinado.

Não póde perdoar ou remittir ás almas do purgatorio nenhuma das penas, que, segundo os canones, devessem ter soffrido n'este mundo.

Os prégadores d'indulgencias illudem-se quando affirmam que o Papa póde remir qualquer pena correspondente ao peccado.

Os que pretendem que pelo facto de dar dinheiro aos vendedores de indulgencias as almas sahem do Purgatorio, dizem uma necedade. Em primeiro logar o dinheiro só serve para excitar o espirito de lucro e de cubiça: em segundo logar a efficacia dos soccorros e supplicas da Egreja dependem exclusivamente da vontade de Deus.

É preciso ensinar aos christãos que se o Papa conhecesse os abusos do trafico das indulgencias, preferiria reduzir a pó a cupula de S. Pedro a continuar a edificação com a pelle, a carne, e os ossos das ovelhas.»

Discutiu, em primeiro logar, cada um d'estes aphorismos pelo raciocinio, e apoiando-se na auctoridade de todos os padres, nos extractos das decisões dos concilios e tendo ganho pela razão um auditorio que já havia conquistado pela sympathia, quiz concluir a sua obra de vez.

Os nossos leitores não carecem decerto que lhes digamos que formulando taes proposições Luthero expunha-se á morte. Comtudo, este pensamento não o tolheu nem parou alli. Vendo que nenhuma resposta recebia de Tetzel, e que o auditorio estava do partido d'elle, e o escutava mudo, tão mudo como Tetzel, abordou o ponto principal do assumpto, e revelou os mysterios da vingança, e o vazio d'aquella religião venal.

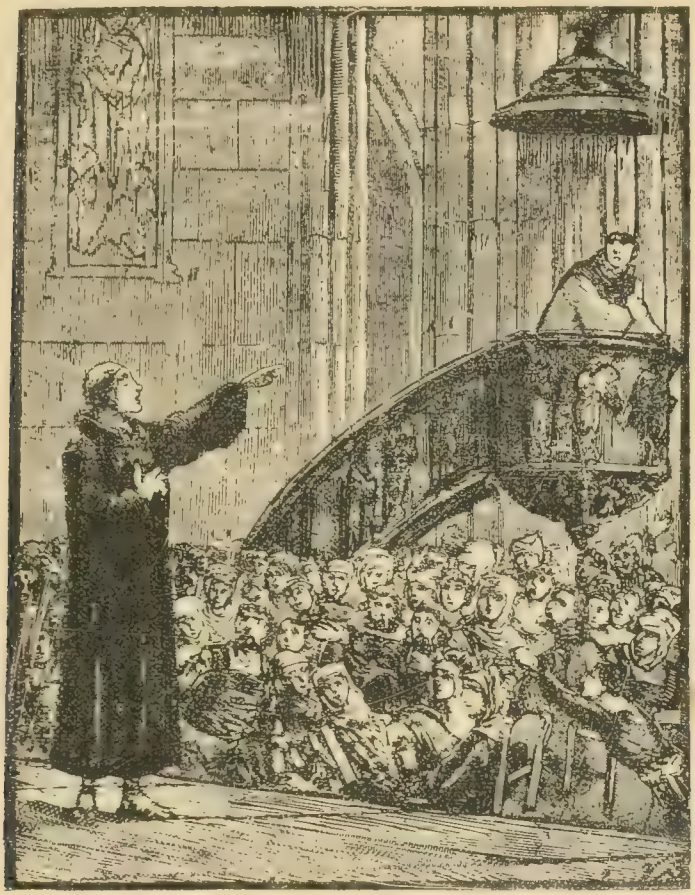
Depois de ter salvo a responsabilidade do Papa, demonstrou o odioso d'aquelle commercio, deixando entrever, pelo emprego que o mesmo prégador fazia d'aquelle dinheiro, o destino que lhe dariam tambem os seus superiores.

Insensivelmente voltou ao fundo da questão, e provou, citando textos, que o Papa, liturgicamente fallando, não podia fazer semelhante commercio. Invocou, para corroborar isto, os canones de Clemente VI, cuja interpretação errada rectificou, e citou tambem a decisão do concilio de Constança,

que declara que os concilios geraes são, nas suas decisões, superiores ao Papa.

Depois de ter versado a questão canonica e tel-a posto de parte, tratára do aspecto moral do assumpto, e então esteve tão inspirado e eloquente, como até alli estivera justo.

— Vou abalançar-me a coisas maiores ainda — disse. — Realmente não



— Eu poderia — continuou Luthero — accrescentar que o miseravel é elle.

CAP. XLII.

sei quem me inspira taes coisas... Se mereci a morte, estou prompto a receber o supplicio, pois a terra, e tudo que existe, pertence a Deus... Entretanto fallarei... Estamos ainda no principio, nos começos... Acautelai-vos dos poderosos de Roma!...

Parou um momento. Ao ouvirem aquellas palavras, os fieis estremeceram. Aquillo ia tomando um aspecto muito differente d'uma simples ques-

tão theologica, uma questão entre frades. Aquillo era metter uma alavanca nos alicerces da Egreja... Os que mais sympathias nutriam pelo frade hesitaram um momento.

Tetzel julgou chegada a occasião de ganhar o terreno perdido... Apoiando-se ao pulpito, cuja borda apertava com a mão crispada, disse, reforçando a voz:

—Insulta o Papa! Protesto!...

N'aquelle instante solemne, Luthero teve intenção de deter-se n'aquelle ponto, por emquanto; mas aquella interrupção do inquisidor decidiu-o a proseguir, arriscando tudo.

No meio dos applausos estrepitosos dos estudantes, e da mocidade, replicou á interrupção do adversario.

—Retomo a palavra... Sou eu que em nome da consciencia humana e da liberdade protesto contra a lepra que macúla a Egreja, contra os escandalos e violencias dos conventos; protesto contra a exploração dos fieis pelos chefes, que se dizem pastores de ovelhas, e que são verdadeiros lobos; protesto contra a incredulidade, contra a impiedade, e contra os vicios sem nome d'aquelles que nos prégam a fé, o zelo, e a castidade; protesto contra tudo que presenciei em Roma; protesto contra as egrejas que servem de pontos de reuniões amorosas aos padres; protesto contra as missas, durante as quaes o officiante se ri da hostia, e em que a cortezã inspira mais interesse do que o crucifixo; protesto contra esta gangrena crescente que faz com que o funccionario mais graduado seja o mais desprezivel; protesto contra tudo isto, porque vi em Roma alguns cardeaes que passavam por santos, por se limitarem a terem unicamente communicação com mulheres.

A turba alvoroçada como um mar encapellado soltou gritos de indignação, o que mais inspirou e attentou Luthero, que até alli não atacára senão a religião romana.

O futuro chefe da Reforma, aprumando-se, erecto, com a face radiante continuou:

—Protesto com todas as minhas forças, e protestarei emquanto tiver um alento de vida, contra o poder papal que nos envia emissarios como esse... e que para nos saquear não hesita em reduzir a questão de dinheiro e de ganancia o que ha de mais respeitavel, e ao mesmo tempo o que ha de mais infame: — a crença na immortalidade da alma, e a esperança da impunidade do vicio.

Os circumstantes applaudiram estrepitosamente.

—Nós protestamos tambem!—gritaram alguns enthusiastas.

—Protesto finalmente—concluiu o tribuno—contra o poder do Papa, que foi sempre o inimigo da liberdade e do progresso moral dos povos, que fez accender a fogueira em que queimou Savonarola e aconselhou todos os crimes da Inquisição, que brinca com a incredulidade publica, que arranca por meio da rapina o ouro que não pode arrancar pela crueldade, que laiva as mãos no sangue e que se refocilla desvergonhadamente em todas as orgias, quer se chame Alexandre VI, Julio II ou Leão X, quer dizer, infamia, assassinato e luxuria, e que, finalmente, não parece reinar no Vaticano senão para desafiar a cólera celeste.

Luthero terminou aqui.

Uma estrepitosa ovação coroou as suas ultimas palavras, echoando por todas as naves do templo, reboando através das columnas romanas.

—Sim! Tem razão, tem!—clamaram.—Nós tambem protestamos todos!...

A estes gritos da turba mesclaram-se alguns outros de:

—Viva Luthero! Abaixo o Papa!...

Tetzel, o misero Tetzel, parecia ter sido esquecido.

—Abaixo as indulgencias! Abaixo os charlatães!...—vociferaram algumas vozes.

Mas a estas palavras alguns repararam então no prégador, e arremetteram contra o frade, para o despedaçar.

Mas aonde estava elle? Ninguem dava fé de Tetzel. Ninguem sabia aonde elle se havia encafuado.

—Está escondido no pulpito!—gritou um.

Subiram ao pulpito, mas não estava lá.

—Olhem como elle corre para a sacristia!...—exclamaram, então, algumas vozes.

Com effeito, Tetzel, aproveitando um momento em que a multidão estava distrahida, deslisara pelo pulpito e encaminhára-se para a sacristia cautelosamente. De subito estremeceu. Um assobio quasi imperceptivel fez-lhe levantar a cabeça.

—Haus!—murmurou o frade.

Era um dos creados que entrava, arquejante de cansaço, e com as botas empoeiradas da jornada.

—Que mais ha ainda?—perguntou-lhe em voz baixa.

—O total do dinheiro das indulgencias, cobrado na provincia, está todo em carroças, ás portas da cidade, no caminho das montanhas.

—Não convém de fórma alguma que esse dinheiro entre em Wittemberg.

—Comprehendo.

O creado parecia, de facto, ter percebido a situação, e ajuntou, em acto de se afastar:

—Corro já a dar-lhes essas ordens.

—Não... eu proprio lá vou.

Todo este dialogo tivera logar em voz baixa, e emquanto Luthero dizia os ultimos periodos da sua famosa verrina.

—E o teu cavallo?—perguntou Tetzel.

—Está do lado detraz da sacristia.

O frade apressou-se a dirigir-se para alli.

Mas já era tarde... porque n'aquelle mesmo momento foi descoberto pelo povo indignado.

—Agarra!... Agarra!...—gritava a turba.

Mas o medo parecia que dava azas ao prégador, pois mais voava do que corria.

Quando os que lhe iam no encalço chegaram á praça, só enxergaram o desvergonhado billhostre do frade esporeando o cavallo, para o lado das montanhas. O espectaculo d'aquella pança enorme sacudida pelo galope

irregular do cavallo, e d'aquellas curtas pernas, meio á mostra, pois elle arregaçára as calças ao montar, era tão funambulesco que os que perseguiam o frade não puderam conter-se, e desataram n'uma estrepitosa e geral gargalhada, que os poz de bom humor, e que salvou o frade, e foi a sua redempção.

O seu coche havia muito que partira, porque os cocheiros, ao verem o mau aspecto que ia tomando o sermão, tinham entendido prudente escapulirem-se.

Os mais desejosos de perseguir o frade para rehaverem o dinheiro que elle lhes havia roubado, renunciaram depressa a tal ideia, ao verem a massa enorme de povo que saía do templo turbada d'emoção e trazendo Luthero em triumpho, ebrios d'enthusiasmo, e encorporaram-se tambem n'aquelle enorme oceano.

—Abaixo os traficantes!... Expulsemos os vendilhões do templo!... —gritava a turba.

A estes gritos misturavam-se outros mais expressivos, como os de:

—Viva o que protestou! Vivam os protestantes! Abaixo os assassinos e os inventores de milagres! Basta de Papa e de Inquisição!...

O protestantismo tinha, portanto, já um chefe e um nome.

Uma hora depois, na plataforma da forca eram queimados os annuncios de Tetzel, os prospectos e as tarifas de que elle havia inundado a cidade, e as labaredas d'esse auto de fé perdiam-se nos ares, tingindo com os reflexos das suas linguas de fogo os edificios da praça.

Estes clarões eram a luz da Reforma, a aurora da liberdade de consciencia.

Ás fogueiras da Inquisição, d'onde saíam angustiosos e miserrimos gemidos, respondiam os primeiros livres-pensadores accendendo uma fogueira inoffensiva. Em frente da heresia da Superstição levantava-se a heresia do Bom-Senso.

CAPITULO XLIII

De noite todos os gatos são pardos

São tres horas da tarde. A Fornarina está em pé, no meio do atelier de Raphael, illuminada pela luz que entra pelas janellas superiores.

O pintor, sentado defronte d'ella, trabalha, trabalha precipitadamente, como homem desejoso de terminar uma obra de que se sente satisfeito.

A amante do artista parece estar um tanto fatigada da sessão, que parece se tem prolongado.

—Espera um pouco mais—disse-lhe elle, sem deixar de pintar.

—Não acabaste ainda?...

—Estou quasi... Inclina um pouco a cabeça... Assim... Assim estás bem... Não te movas.

Guardaram ambos silencio. O pintor dava os ultimos retoques á sua obra.

Fornarina cravou o olhar no d'elle, e perguntou-lhe:

—De modo que já não amas aquella mulher?...

—Que mulher?...—perguntou o pintor, completamente distrahido com o seu trabalho.

—Maria de Bibiena.

Este nome não produziu impressão alguma em Raphael, que distrahidamente retorquiu:

—Amei-a eu acaso alguma vez devéras?...

—Posso acreditar-te?

Raphael, sem responder, levantou-se, e dirigindo-se para a parede da direita, descerrou uma tela collocada sobre um cavallete, coberta por um panno.

—Olha—disse elle—comecei ha muito o seu retrato. Quanto tempo ha não o sei bem, e no emtanto teem-se passado eternidades que eu não tenho contado... Ahi o tens, tal e qual como estava...

—É verdade—respondeu a Fornarina, sorrindo.—Mas tenho tanto medo!...

—Louquinha!...

—É tão formosa!...

—Cala-te...

—Mais bonita do que eu...

—Tu bem sabes que isso é falso...

A Fornarina sorria sempre. Comprazia-se um pouco em picar com aquellas alfinetadas innocentes o seu amante, que ella tinha a certeza que lhe pertencia absolutamente, e para sempre.

A paixão havia cimentado raizes tão fundas no coração do grande homem, que havia feito d'elle uma creança.

A Fornarina não podia desejar provas mais cabaes d'amor, pois tinha-as constantemente e de sobra n'esses mil insignificantes nadas, cujo valor real e effectivo tão bem sabem apreciar as mulheres, além das que lhe proporcionava essa obediencia passiva, essa submissão cega e voluntaria, essa absoluta annullação da vontade em que se comprazem os caracteres brandos.

Submettido absolutamente a ella, em tudo, e para tudo, o artista fizera da sua amante o typo ideal da belleza.

Leonardo de Vinci devia encontrar a Gioconda: elle copiava a Fornarina. Aquella mulher apparece em todos os seus quadros: ora sob a apparencia de uma Virgem, ora d'uma mulher do povo, ora d'uma camponeza: facilmente a reconhecemos no fresco d'Heliodoro expulso do templo: no do Parnaso em que entre as Musas que cercam Apollo apercebemos a transtiberiana, representada em Clio: vêmol-a no extase de Santa Cecilia: e na Transfiguração apparecem ainda as linhas da sua physionomia nas feições d'aquella mulher que se volta, e, com um nobre gesto que desde então se tornou classico, aponta aos que a rodeiam a montanha luminosa. Retratou a Fornarina de turbante, de cuja tela fallamos já: retratou-a tambem em madeira, e enviou este trabalho ao seu amigo Thaddeu de Florença: e, como se quizesse tornar a posteridade testemunha do seu amor, multiplicava sem cessar os retratos da bella amante.

Aquella imagem reinava como soberana absoluta no seu pensamento: e elle fallava com a sinceridade inteira da sua nobre alma, quando dizia que apenas se lembrava de Maria como d'uma imagem vaga, ella, a pobre sobrinha do cardeal, cujos olhos se avermelharam de tanto e tão desconsolado chorar. O pintor attingira uma tal vehemencia de affecto pela Fornarina, que nem chegava a ter consciencia da sua ingratidão pela outra: parecia que estava afundado n'um sonho, n'um sonho d'amor unicamente.

A Fornarina, com o seu amor proprio de mulher já satisfeito, deleitava-se em o vêr trabalhar, orgulhosa da sua obra, e deliciava-se em lêr nas olheiras rôxas e fundas do artista, accusando noites de prazer, e nas atiladas [illegible] da sua face [illegible] e magra, a incontestavel soberana do seu imperio. A moça havia desencadeado aquella paixão a seu bel-prazer, e

para o conseguir não recuára ante cousa alguma: tornára-se a sua escrava, para o sujeitar mais facilmente aos seus caprichos. Por isso o impellira violentamente no caminho dos requintes e refinamentos da voluptuosidade, tão difficil de se abandonar, uma vez que se deu n'elle o primeiro passo, de sorte que o grande artista não parecia já, como d'antes, joven, senão apenas no olhar de fogo, olhar ardente e febril como suas mãos, que pareciam estar sempre ardentes e seccas.

O riso fel-os estacar e, graças a isto, o fugitivo poz-se ao fresco.

CAP. XLII.

Por um phenomeno natural, á força de brincar com a labareda terrivel do amor, Fornarina queimára-se n'ella, e começava a descortinar no seu coração uma chamma de verdadeiro affecto áquelle homem, que se lhe havia entregue em corpo e alma. Na realidade, a Fornarina era mais escrava de Raphael de que ella na apparencia mostrava. O seu odio, transformado em amor, realisára aquelle prodigio.

O amor, dissemos nós. Mas seria aquillo o verdadeiro amor? A moça não o sabia ainda, e decerto sentir-se-hia alvoroçada, se tivesse examinado melhor certos symptomas.

Seja como fôr, o que é certo é que n'aquella fadiga do amante que teria causado alarme, e preoccupado outra qualquer, ella não via mais do que uma prova adoravel da ternura d'elle: mas os estragos que produzira na organisação debil do pintor, esses nem sequer os via, embebecida como estava em sonhar delicias novas.

Raphael, n'este momento, largou a paleta.

—Vem cá, e olha!—disse elle.

A moça acorreu sorrindo, e inclinando-se-lhe sobre os hombros, cingiu-lhe o pescoço com os braços nevados.

Um grito de surpreza e de alegria, gritinho de jubilo e admiração que ella soltava a cada nova obra do pintor, escapou-se dos labios da Fornarina.

—Mas sou eu!—disse ella.

E quedou-se immovel e silenciosa, contemplando a imagem maravilhosa, de desenho tão puro, e de uma côr tão distribuida e propria.

—Não te parece que estás parecida?

A joven olhou-se a um espelho, na mesma posição em que o artista a havia retratado.

—Oh! sim... sim... Mas fizeste-me muito mais bonita!...—respondeu toda alegre.

—Isso não!...

—Oh! como tu és bom!...

O retrato mais bello que possuimos da transtiberiana é o da tribuna de Florença, e esse retrato foi pintado em poucos dias e a grandes pinceladas com toques apaixonados, e quasi se póde dizer que se sente n'elle o trabalho do pincel de um artista enamorado.

N'este retrato ella está pintada unicamente em busto, e com um corpete de velludo azul, bastante decotado, deixando admirar a garganta maravilhosa e os hombros magnificos, e com os cabellos soltos, sob um diadema d'ouro, esmaltado de folhas verdes.

A analyse d'este quadro foi interrompida por beijos sem fim. Raphael alegre por vêr a surpreza e o jubilo da sua bella, apertou-a com ancia ao peito.

Ai! como uma mulher pudera dominar aquelle artista maximo!

No *atelier* reinava um certo calor, não só atmospherico, mas do que vinha de dous corações jovens, de dous corpos novos, em que a seiva estava, e que a Natureza e o amor amorosamente attrahiam. As palavras dos dous namorados iam paulatinamente tornando-se mais vagarosas, os olhos fitavam-se mais languida e demoradamente, e os labios se paravam de se unir em beijos, para proferir ou antes murmurar baixinho palavras ternas, doces, cariciosas. Raphael, finalmente, arrastou a amante, meio desmaiada de deleite, para o fundo do *atelier*, para um largo sofá de coxins turcos.

Aquelle logar encantador era seu muito conhecido: alli haviam permanecido noutes inteiras, até que o somno, muito contra sua vontade, lhes

cerrava as palpebras: era alli que Raphael, abandonando-se inteiramente aos braços da sua querida, exhauria rapidamente a existencia. Nenhum outro rumor, além do echo dos beijos freneticos, turbava o silencio d'aquelle retiro d'amor: a cada suspiro da sua amada, Raphael respondia com um estremecimento que abalava todo o seu sêr.

Quando ambos, emfim, lassos de mil caricias, voltaram a contemplar o retrato, causa do seu extasis amoroso, Raphael continuou devorando com os olhos aquella mulher, que uma invencivel, uma desconhecida, e subtil necessidade de repouso impedia de continuar possuindo indefinidamente.

— Até logo — disse Fornarina.

E abandonou indolentemente a mão ao pintor, que a levou aos labios.

— Adeus... — respondeu o artista. — Até á noite.

— Não, até ámanhã, até ámanhã...

A moça sorriu-se, e encaminhou-se para a porta, que empurrada tambem pela parte de fóra, abriu-se de par em par.

E Cricco, um creado de Raphael, entrou como um raio no *atelier*.

— Patrão! — gritou elle — Patrão! está alli uma senhora que deseja vêr-vos...

E ainda antes que o pintor podesse ter proferido uma palavra sequer, duas mulheres, uma d'ellas coberta com um véo espesso, estavam deante d'elle.

Raphael examinou attentamente a segunda d'ellas que trazia um fato de creada particular, e reconhecendo-a, exclamou:

— Julieta!

— Viemos acaso incommodar-vos? — perguntou, n'aquelle momento, uma voz.

A outra mulher, que era Maria de Bibiena, levantando o véo, avançou para Raphael, dando-lhe a mão.

A sobrinha do cardeal estava muito pallida, mas bastante calma. Havia muito já que durava o seu supplicio moral. Ella tão franca, tão jovial, tão orgulhosa do amor que inspirava ao grande artista, sem que da sua parte nada tivesse feito para accender aquella paixão, não podia permanecer muito tempo na incerteza cruel que a cruciava.

Estava convicta a pobre menina que indubitavelmente deveriam ter occorrido extraordinarios successos, pois não podia explicar a si mesma por que razão Raphael, que todos consideravam como o seu noivo, deixára de a visitar, sem que um aviso, ao menos por cortezia, a houvesse posto ao corrente da causa d'aquella ausencia. Muito longe de ter recebido qualquer phrase explicativa da parte do pintor, ao contrario todos que com ella fallavam augmentavam as suas suspeitas e os seus sustos, evitando conversações que se referissem a Raphael.

O amor centuplica a potencia dos sentidos. Ninharias que para outrem passam despercebidas, ou sem importancia, avolumam-se, ou constituem verdadeiras revelações, para o que ama.

— Certamente — pensava comsigo Maria — alguma cousa grave ha, que me querem esconder!

Raphael não estava doente, pois se o estivesse, sabel-o-hia logo, e muito

mais depressa ainda, sendo coisa de cuidado. Sendo a indisposição, porém, passageira e leve, deveriam tel-a inteirado para que podesse cumprir com os deveres que a cortezia e o amor lhe impunham. Porque pois não o haviam feito?

Quanto a mortificava aquelle mysterio que pesava sobre sobre ella como uma louza de chumbo, aquelle mysterio que enchia de sombras o seu espirito! Julieta, que ella interrogava vinte vezes no dia, respondia invariavelmente que nada sabia, e além dos homens da Egreja das suas relações, e que tão habeis são na dissimulação, a pobre Maria não conhecia mais ninguem de quem podesse colher novas.

Leão X algumas vezes fazia insinuações: mas a anciedade e a dor da misera menina augmentavam ainda mais depois das suas explicações, longe de diminuirem. As respostas do Papa eram cheias de ambiguidades, de reticencias inexplicaveis, e de equivocos malignos, cujo sentido occulto ella se esforçava em adivinhar, e que a faziam chorar amargamente, e afundar-se em amarissimo pezar. Os ciumes começaram a minar-lhe o coração. —Sim—pensava ella—é mais que certo que Raphael ama outra!... Esqueceu-me muito depressa, completamente!... Não é crivel que o amor da Arte seja a causa só d'esta indifferença cruel!...

Esta incerteza afflictiva, junta a uma anciedade horrivel, não podia durar muito tempo. Urgia sahir d'aquelle labyrintho de conjecturas. A verdade, por muito cruel e dura que fosse, era preferivel mil vezes áquella duvida continua, áquella oscillação constante do seu espirito.

Maria, ás vezes, tratava de se informar se o tio regressaria de França brevemente, e respondiam-lhe que a sua missão delicada não terminára ainda. Era-lhe pois impossivel esperal-o por mais tempo para desafogar no seu seio de pae, o pezar secreto que a minava. Foi então que communicou a Julieta o seu projecto, e lhe revelou que estava decidida a ir vêr Raphael ao seu *atelier*, que estava determinada a isso, sem que a demovessem as conveniencias, visto que o pintor era o seu noivo, e que todos se negavam a informal-a do que havia: que urgia que ella o soubesse por si mesma.

Pediu-lhe que a acompanhasse, recommendando-lhe o mais completo silencio.

A boa Julieta não oppoz objecção alguma áquelle projecto, que, no fundo, lhe pareceu extremamente natural.

Maria de Bibiena saíu pois, como vimos ja, acompanhada da aia, e entrou em casa do pintor no momento mesmo em que ia a sair a amante.

Quando Raphael viu a sobrinha do cardeal, o seu primeiro pensamento foi afastar a Fornarina, mas não se atreveu, receando inspirar a Maria, com isto, suspeitas que ella quiçá não tivesse.

Da sua parte, a joven reparou tambem logo na Fornarina, assim que chegou, tornando-se extremamente pallida. O seu instincto de mulher fez-lhe logo reconhecer n'ella uma inimiga. Por isso, vencendo a timidez que a embaraçava, passou desdenhosamente por deante da Fornarina, dizendo:

—Tendes modelo?

—Sim...—respondeu Raphael.

Fornarina, que ainda não abrira bocca, poz-se de costas viradas para a recem-vinda, e, sem apparentar o minimo embaraço, foi reclinar-se sobre

um divan em desalinho com a familiaridade de quem se sentia em sua casa, como na realidade era.

Raphael bastante contrariado e inquieto, approximou uma cadeira.

— Tende a bondade de vos sentardes — disse elle a Maria.

E um cavo silencio se seguiu.

Maria de Bibiena ficou de pé. Sem despregar a vista da Fornarina, murmurou sumidamente:

— É uma mulher...

E em seguida accrescentou, quasi desoladamente:

— Mas muito linda!...

Raphael julgou-se obrigado a romper aquelle silencio embaraçoso.

— A que devo, minha senhora, a honra de receber a vossa visita?...

A voz do homem amado perturbou até ao mais fundo do seu sêr a joven, que com muito custo poude reprimir um soluço.

— Ainda m'o pergunta! — pensou ella.

Mas dominando-se logo, e indicando a transtiberiana com um gesto desdenhoso, respondeu:

— Esperava que despedisseis esta rapariga...

A Fornarina deu um salto sobre o divan, e apezar de se conter, com um olhar que deixava transluzir um odio fundo, replicou:

— O sr. Raphael não póde prescindir de mim n'esta occasião... Pagou-me...

— Bem se vê — interrompeu Maria.

— Minha senhora... — balbuciou Raphael que se achava na mais escabrosa das situações em que um homem se póde encontrar.

Maria de Bibiena interrompeu-o, dizendo:

— Senhor, não vos quero fazer perder o tempo, nem a sessão...

— Já tinha terminado...

— Começaveis agora — replicou sobranceiramente a sobrinha do cardeal — disse-o esta moça, e vós não o negastes.

Fallando assim, a joven que era de seu natural timida e d'uma polidez nativa, tomou uma attitude de sobranceria, de que ninguem a supporia capaz. Raphael n'aquella occasião daria muito dinheiro para se vêr livre a cem leguas d'alli.

— No emtanto... — murmurou.

— Perguntastes-me a que devieis a honra da minha visita: pois, com sinceridade, ao desejo de vêr o meu retrato concluido, aquelle retrato que haveis começado ha tanto tempo, que não me lembro bem quando foi... Como nada me tendes dito d'elle...

— Eu... — disse Raphael turbado.

E um estremecimento subito o impediu de proseguir.

Maria avançára alguns passos, e voltando o cavallete, notára o quadro que o artista havia concluido aquelle dia, e que no momento da entrada de Maria quizera esconder.

Fornarina, testemunha d'aquella scena, sorriu-se.

A joven abandonada levou a mão ao coração, e não disse mais do que:

— Ah!...

Reconhece n'aquelle retrato a rival, não figurando n'um grupo, não for-

mando parte de uma composição: mas só, triumphante, pintada maravilhosamente. Sobre o diadema d'ouro esmaltado de folhas verdes, que lhe prendia a floresta dos bastos cabellos, Maria distinguiu nitidamente umas letras traçadas a vermelhão, que diziam *Raphael*. Se alguma duvida lhe podesse restar ainda, aquella assignatura, que parecia como que um acto de posse, a dissiparia e destruiria absolutamente.

— Vejo — disse a joven com voz enfraquecida — que haveis trabalhado muito.

Mas as forças a seu pezar abandonaram-a, parecia-lhe que o chão vacillava sob seus pés, e teve que encostar-se ao braço da aia, para não caír.

— Adeus... — murmurou sumidamente.

Raphael ao vêr a sua noiva passar por deante d'elle com senhoril ar de dignidade, sentiu-se attrahido para ella, e como que enternecido e tomado de compaixão. Mas viu ao mesmo tempo a Fornarina de franzido sobr'olho, erecta em pé, e o desgraçado, que luctava com duas cobardias, hesitou e quedou-se, sem resolução, immovel. Não fazer, nem dizer nada era o partido mais commodo, e foi o que o pintor adoptou, curvando ao mesmo tempo, com tristeza, a cabeça de novo.

Antes que a levantasse, a porta tinha-se fechado sobre Maria de Bibiena e a aia, irremediavelmente, para sempre.

Raphael não teve mesmo tempo de apreciar a sensação que sentia, porque os labios ardentes da Fornarina, que n'aquelle instante acabava de firmar inabalavelmente o seu poderio, collaram-se aos seus n'um beijo apaixonado.

Era irremediavel. Tinha rompido definitivamente com Maria. A sua joven noiva acabava de saír para sempre d'aquelle *atelier* maldito, sem esperança de reconquistar o coração do pintor embriagado por amores novos.

A joven conhecera a sua sorte. Por isso mal regressou aos seus aposentos, depois de despedir a fiel aia, quasi tão afflicta como ella, ajoelhou junto do leito, e com a face encostada nas almofadas, deu livre curso a um mar de lagrimas amarissimas, inconsolaveis...

N'aquelle mesmo dia, á hora em que o crepusculo funde na mesma cor esbatida todos os objectos, Leão X acabava de rubricar um pergaminho.

Como de costume, tratava de augmentar os seus proventos e rendas, devoradas sempre por um *deficit* insondavel. Para o conseguir, porem, não omittia meio algum. Fora com esse objectivo, como sabemos, que enviára a França o cardeal Bibiena com a missão de vender a Francisco I o seu voto, de que o rei carecia para ser eleito imperador.

Sabemos tambem que havia auctorisado o legado a ameaçar o monarcha com as pretenções de Carlos V aquelle voto, e isto no caso de que Francisco regateasse sobre o preço por que elle lhe era offerecido pelo Papa, ou o achasse em demasia caro.

Tratou em seguida de envolver no mesmo ardil diplomatico o rei de

Hespanha, pretendente tambem ao titulo d'Imperador, e a quem ameaçou com o rei de França, caso elle se recusasse egualmente a acceitar o preço em que o Pontifice taxava o voto.

Como se vê, seguia o Papa uma excellente politica de ganancia e de onzena.

Acabava o Papa de sellar as suas ordens, e dispunha-se a entregal-as a pessoa que devia ser o portador d'ellas, quando um camarista appareceu, chamado pelo timbre que o Pontifice tocára.

—Já veio o cardeal Julião?—perguntou.

—Ainda não, monsenhor.

—Logo que chegue, introduzi-o!

Depois de dar esta ordem, o Papa pôz-se em pé, e saíu do gabinete, onde cada vez as trevas do crepusculo se condensavam mais.

Encaminhou-se depois para um gabinete proximo, aonde entrou.

O cardeal Julião era aquelle sobrinho de Sua Santidade, que já vimos apparecer duas vezes no decurso d'esta novella, e a quem tão singular papel está reservado.

Era aquelle mesmo que Luthero viu officiar na capella Sixtina, durante a celebre missa, em que a hilaridade e o gaudio foram geraes, a ponto de se tornar aquillo tudo n'uma bambocha sacra.

Deve recordar-se tambem o leitor que o mesmo Luthero chegára por momentos a duvidar se o officiante era ou não o Papa: tão grande era a semelhança dos dous, semelhança de facto tão extraordinaria que vale bem a pena de uma succinta explicação.

Eil-a, pois:

Lourenço de Medicis, o Magnifico, duque de Florença, e pae de Leão X, teve, como é sabido, um irmão chamado Julião de Medicis, mais velho do que elle, e então soberano de Florença, antes dos tragicos successos que se deram.

Julião amava uma rapariga, por nome Floretta Gorini, e reconhecida publicamente como sua amasia.

Certo dia Julião, que reinava em Florença, foi assassinado por ordem de Sixto IV, na propria cathedral, e os Pazzi, de quem já fallámos, foram os executores d'este assassinato.

Lourenço estava condemnado tambem á morte, como o irmão mais velho; mas depois de uma resistencia desesperada, coadjuvado pelos amigos, conseguiu escapar-se pela sacristia. O resto da historia é decerto bem notorio. O rei d'Hespanha fez enforcar todos os conspiradores na praça do *Palazzo-Vecchio*, e fez entrar o novo duque na posse da corôa.

Ora, quando Julião foi assassinado, Floretta Gorini estava gravida, e Lourenço recolheu a amasia do irmão, sem que ninguem puzesse em duvida que a creança que mais tarde ella deu á luz fosse, na realidade, filho de Julião de Medicis, seu amante. Todavia, a prova de magnanimos sentimentos que deu Lourenço não era tão desinteressada como á primeira vista parece. E a razão é, que Lourenço, ou por amor, ou fosse porque fosse, havia tambem sido amante de Floretta, durante uma doença do irmão, de sorte que a creança a quem puzeram o nome de Julião, como seu pai putativo, era filho na realidade de Lourenço de Medicis.

Tanto ella, como elle, guardaram cuidadosamente o segredo, e quem o tivesse penetrado, decerto se perguntaria, com terror, se Lourenço de Medicis teria sido assás perverso para depois de ter roubado a amante do irmão, metter-se entre os conspiradores da sua morte, não só para impedir a descoberta d'aquelle segredo, como para mais depressa subir ao throno. Os seus contemporaneos, porém, perderam a filiação d'aquella genealogia bastante embrulhada pelas luctas intestinas: porque, a não ser assim, a semelhança do cardeal Julião de Medicis e de Sua Santidade Leão X, ambos o vivo retrato de seu pae, não teria sido um mysterio para ninguem.

Quasi á mesma hora em que começam a desenrolar-se os successos que nos occupam, Hochstratten regressava d'um passeio que dera pelos arrabaldes de Roma. Havia alguns dias já que o grande inquisidor parecia inquieto, sobretudo desde a maldita noite do baile da Fornarina, em casa da qual tão monumental e estupenda saraivada de tabefes lhe havia retinido e estourado nas faces.

Estes tabefes não eram, comtudo, o que havia de mais amargo na aventura: porquanto muitos mais sopapos como aquelles havia elle já aguentado, á chucha-calada. Todavia, quasi sempre, quando o aggressor era muito mais forte, ou poderoso do que elle, costumava vingar-se por um cobarde assassinato, e com sicarios assalariados, n'uma ruella escusa.

Bem sabido nos é já que o homicidio de quem quer que fosse não lhe custava a elle nenhum esforço, ou remorso.

Ao que, porém, o grande inquisidor não estava habituado era a vêr resurgirem os espectros dos que elle havia despachado para o outro mundo.

Era pois isto o que o irritava, e é facil de comprehender que com razão. Como é que elle poderia ter a certeza de que, havendo errado o golpe, não concitára, ao mesmo tempo, contra si, a vindicta de um inimigo implacavel?...

Quanto mais cogitava no caso, menos duvidas lhe restavam no espirito. Era evidente e claro como a luz do dia que Mohammed estava vivo, pois Hochstratten não era homem que acreditasse em avejões e avantesmas.

É verdade que não podia comprehender como o arabe se podera frustrar a uma morte que parecia inevitavel: porém isso agora era de somenos importancia, e de pouca monta: o que era certo, positivo, inilludivel, o que o esbarrondava, é que o envenenador estava vivo e são como um pero. Era realmente de quisilar!...

Com passo estugado, quasi a correr, pois descontiava da sua propria sombra, esquadrinhando a escuridão com olhar de lynce, encaminhou-se para o Vaticano, atormentado por aquella idea, e sentindo já o ter que dar ao Papa uma nova tão desagradavel.

O que era fóra de duvida, porém, e que não havia meio de fugir aquella penosa confissão. A sua propria segurança imperiosamente o exigia, e, alem d'isso, talvez o Papa lhe desse algum conselho salutar.

O camarista do Papa, acostumado a franquear a entrada a qualquer

hora a Hochstratten, fosse de dia, fosse de noite, inclinou-se respeitosamente, ao vêl-o chegar, e abriu silenciosamente, de par em par, a porta do gabinete pontifical.

O Papa achava-se alli.

—É preciso trazer uma luz?—perguntou o camarista.

—Não—respondeu Hochstratten, que se sentia de certo modo animado a fazer a confidencia n'aquella semi-escuridão, n'aquella penumbra protectora. Só um tibio raio de luz alumiava o compartimento, e isso no centro, porque aos cantos a escuridade era tão absoluta, tão espessa, que muitos a tomariam por enormes e refeces teias de aranha.

Ao pé da janella, um tanto pensativo e triste pela chegada da noite que se acercava, estava Sua Santidade immovel, scismando, e não parecendo ter dado pela entrada do grande inquisidor. O perfil imberbe do Papa destacava-se claramente sobre o fundo pallido do horisonte, aonde subiam e fluctuavam nuvens arroxeadas. O resto do busto desapparecia na penumbra, na qual apenas se adivinhavam os contornos.

—Monsenhor—começou por dizer Hochstratten—desculpae se vos perturbo, e interrompo... Ouvi-me, comtudo, sem interromper-me. Mas primeiro que tudo permitti que vos jure de que não sou culpado. Se o bigorrilhas conseguiu estar vivo e são, é sem duvida por algum prodigio... O que é certo é que eu cada vez percebo menos. Uma cousa tão bem combinada!... Mas eu vi-o,—vi-o, como vos estou vendo agora, ou melhor ainda... Mas desculpae, no meu allucinamento esqueci-me de vos dizer de quem é que se trata... É de Mohammed, é d'esse maldito e negregado arabe de quem julgavamos estar safos... E no emtanto, o veneno era fulminante, mas...

O personagem silencioso fez um movimento brusco.

—Era—continuou o inquisidor—o mais seguro e decisivo que se conhece... era um veneno inventado por elle, e bem podeis imaginar se era, ou não, magnifico, maravilhoso!... Vós, melhor do que ninguem, podereis apreciar, pois que muitas vezes o haveis feito experimentar!...

Novamente o personagem teve um estremeção nervoso; mas Hochstratten, engolfado nas suas confidencias, em nada fazia reparo.

—Tudo marchava ás mil maravilhas... Elle acreditou ingenuamente que lhe davamos a liberdade, e eu tambem com tanta naturalidade lhe dei a feliz nova que elle de nada se podia arrecear, nem desconfiar sequer... A garrafa estava preparadinha mesmo... Cançado como elle estava, bebeu sem suspeita alguma, e rolou pelo chão fulminado. Repito-vos que eu proprio assisti, e vi... Dei ordem, em seguida, para que o enterrassem, e tudo parecia ter acabado em bem, não é verdade?...

O personagem que Hochstratten interrogava voltou o rosto.

—Não—continuou o inquisidor—não ha uma aventura tão pasmosa como esta!... Na ultima semana, eu que o havia mandado enterrar, encontrei-o n'um baile de tão perfeita saude como eu, e tão perto de mim como vós estaes... Chegou a fallar-me, o mequetrefe, o insolente, e o peor é que me foi difficil responder-lhe... Mas agora o mais perigoso é que esse birbante vae perseguir-me constantemente, não me deixará quieto nem ao sol nem á sombra, porque sabe que tentei assassinal-o. Quem sabe mesmo

se desconfiará que fostes vós quem deu a ordem?... Consideremos as cousas, como na realidade são, e acautelemo-nos... Que vos parece que devemos fazer? É d'isto que eu desejo que me falleis, sobre que vos quero consultar, e ouvir... Aonde o poderemos encontrar? Attendei a que se refugia entre um grande numero de cumplices, que excita contra vós os vossos inimigos, e atiça o fogo do odio que nos rodeia... Teem tramada contra vós uma conspiração formidavel...

O personagem pareceu estremecer, mas não disse uma palavra. O inquisidor continuou:

— Os que se chamam patriotas estão lassos da vossa auctoridade, e fazem causa commum com a cafila dos descontentes... Sei-o porque eu proprio assisti a uma das suas cabalas, cabala que nunca me esquecerá, e na qual encontrei esse espectro ou duende de Mohammed, esse avejão, avantesma, ou resuscitado, por desgraça minha...

E o inquisidor suffocado pela vergonha dos tabefes que tivera que chuchar sem tugir nem mugir, quedou-se um momento como que estrangulado, e levou a mão á bochecha, em que lhe pareceu sentir ainda a coceira produzida por aquelles estrondosos e monumentaes sopapos.

A noute ia, entrementes, descendo rapidamente, augmentando a escuridão que reinava no gabinete.

— Oh! — continuou o inquisidor, dando mostras de um odio enraizado — é horrivel ter falhado o golpe!... Será esse fulo tunante acaso o demonio? Eu vi-o perfeitamente rolar fulminado, escabujando nas vascas da agonia, palpei-lhe o peito, senti que o coração deixára de bater. Por isso dei ordem que o atirassem ao enxurro... E no emtanto eil-o escapo á acção do veneno, á morte, e aos vermes... Por isso, repito, cautela... O arabe não é homem que esqueça, nem perdôe!... Ha-de tratar de tirar vingança de nós, porque suspeita, com razão, que fomos nós ambos que o quizemos despachar para a outra vida, e demais, ninguem póde desconfiar senão de nós...

E Hochstratten, extenuado de fallar, deixou-se caír sobre uma poltrona, encostando o cotovello á mesa, e a cabeça entre as mãos.

De golpe, estremeceu. Acabava de lhe soar aos ouvidos uma voz que dizia, do compartimento visinho:

— O cardeal Julião?... Está bem... Já lá vou.

E aquella voz parecia-se extraordinariamente com a do Papa... Não podia ser senão elle.

Hochstratten cravou a vista espavorida na porta, e lobrigou na soleira d'ella o Papa, que se encaminhava para alli, precedido d'um famulo, que trazia um lampadario na mão. Pareceu-lhe sonhar... Como e então que elle vira e fallára com o Papa sentado ao pé da janella?

Mas aquelle que Hochstratten tomara pelo Papa, o personagem silencioso, não era senão o sobrinho, o cardeal Julião. Fatalidade! E elle que lhe revelara o seu segredo, o segredo das suas cabalas pitas... A noute havia se feito cumplice d'aquella semelhança physica entre os dous homens, para o encandear, e perder...

— Meu sobrinho — disse o Papa — encarrego-vos d'uma missão importante. Ireis á Hespanha como meu legado, junto de Carlos V. Aqui tendes

um pergaminho que podeis lêr em viagem, o qual contém as instrucções por que deveis regular-vos. Posso contar comvosco?...

—Podeis confiar em mim—respondeu o cardeal com voz tremula.

Entrementes, Hochstratten havia voltado a si do seu assombro, e dominando a sua turbação, reflectia, cogitava.

O que deveria fazer?... Calaria ao Papa o seu segredo, expondo-se a soffrer as consequencias que o ameaçavam? Confessaria ao Papa a sua falta, o seu deploravel engano? Mas isso seria reconhecer-se, pois, duplamente réo. Comtudo, não podia hesitar, nem perder tempo em irresoluções. Deveria acautelar-se e precaver-se contra aquelle machucho silencioso que ouvira a confissão de todas as suas tramoias e maroscas, sem dar um pio, sem abrir bocca.

Por isso quando o cardeal pediu ao Papa licença para se retirar, poderiam ter ouvido resmungar o grande inquisidor, com entono de figadal rancor:

—Ainda nos veremos, meu machucho, deixa estar!...

Quando Hochstratten e o Pontifice ficaram a sós, Leão X disse ao inquisidor:

—Que tens? Aconteceu-te acaso alguma catastrophe, que estás tão pallido?...

—Tenho que fallar-vos detidamente.

O Papa amostrou-lhe um assento a seu lado, e disse:

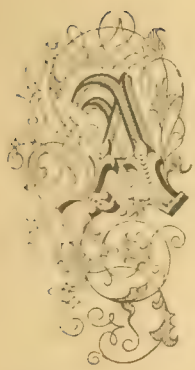
—Vamos, falla. Sou todo ouvidos...

QUINTA PARTE

O prisioneiro do Vaticano

CAPITULO XLIV

Para grande reo, grande juiz



A DUZENTOS passos do Vaticano, a um canto d'uma das mais frequentadas ruas que o rodeiam, estava situada uma loja de lôbrego aspecto.

A apparencia d'aquelle armazem, com effeito, nada tinha de seductor.

Os vidros das portas estavam quasi todos partidos e substituidos por tiras de panno de varias côres, cheias de gordura e nodoas. Alguns faltavam de todo: no emtanto, parecia impossivel mesmo assim que a claridade do dia podesse penetrar dentro d'aquella torva escuridão interior.

A porta estava sempre cuidadosamente fechada como é uso em Italia, para impedir a entrada de um calor asphyxiante, augmentado pela reverberação das paredes.

Mas além d'este motivo, qualquer dissera que alguma outra razão mysteriosa aconselhava aquella precaução, se se attenta, sobretudo, no aspecto interior do estabelecimento.

A loja comtudo era muito afreguezada, o que se deprehendia facilmente não só do commercio que fazia, como do seu movimento a qualquer hora, o que fazia morderem-se de inveja todos os visinhos.

Havia já trinta annos que todo o bairro se fornecia unicamente do vinho d'aquelle armazem.

Ao principio vendiam só por miudo: mas com o decorrer dos tempos

tambem por grosso. O primeiro proprietario d'ella tinha trespassado a loja e a freguezia, e na occasião de que fallamos, em vez da sua face vermelha e ridente, só se enxergava na venda o rosto enrugado d'uma velha.

Indubitavelmente a nova proprietaria era mulher emprehendedora e ambiciosa, de altivos calculos, pois não se satisfazia com lucros modestos, mas aspirava a negocios de maior monta, e por isso inaugurára o commercio por grosso. Continuamente estacionavam á porta carroças carregadas de toneis, e pipas de vinho, que eram conduzidas a casa dos freguezes ricos, ou a pessoas costumadas a beber bem, e do fino.

O estabelecimento parecia, portanto, estar bem afreguezado, e gosar de credito.

Os conductores dos carros, e os carregadores até, deveriam ser tambem gente escolhida, e de boas abonações, pois as suas maneiras eram tão finas e as d'alguns tão elegantes, as mãos tão bem tratadas e brancas, apesar do moreno das faces, que faziam contraste com os habitos de trabalho, e o pouco cuidado em se reservarem das soalheiras. O trajo de que usavam era uma especie de camisola de panno cinzento, e calças da mesma côr. As mangas porém d'estas camisolas eram justas, e presas ao pulso por um cordão, decerto para as impedir de subirem, na occasião dos carrêgos, e deixarem á vista braços muito claros de mais para carrejões, e de pelle tão branca que serviria de materia para pasmos.

Tudo, porém, contribuia a dar á casa a apparencia dos estabelecimentos de mais solida garantia, e honradez.

Alguns capitalistas, e até mesmo considerados e serios prelados, amigos da pinga boa, não tinham hesitado em entrar dentro da baiúca, e provarem os productos d'aquelle armazem singular.

Contavam estes visitantes depois que haviam libado um rico sumo de parreira, e que tendo-os convidado a descerem á adega, admiraram o seu aceio extraordinario, e uma perfeita ordem e intelligencia na disposição de tudo, qualidades que attrahiam, fazendo perfeitamente dispensavel a ostentação e o luxo que se não notava no exterior da venda, mais do que modesta, e até ordinaria, e refece.

No dia em que começa esta scena, e seis mezes depois dos successos ultimos que referimos, fazia muita calma, e na hora em que os italianos fazem a sésta, e sonham que fluctuam no formoso azul do seu ceu, a dona do estabelecimento tinha um colloquio com um homem atarracado e bem fornido, de cabello crespo, e tez bronzeada, que se parecia extremamente com Mohammed.

Era, com effeito, o arabe, que milagrosamente havia escapado á acção mortal do veneno que lhe propinára o grande inquisidor.

Como se vê, não fora sem razão que o cumplice do Papa affirmára que não morrera o envenenador.

Mas o que é que o levaria aquelle bairro retirado, e aquella venda tão sombria?

Bastar-nos-ha para o sabermos, emquanto não temos informações mais amplas e completas, que examinemos a face da interlocutora, da proprietaria da locanda. Aquella velha cheia de rugas, sim, mas de olhar vivo e juvenil ainda, que fora no estabelecimento a successora do antigo proprieta

rio de rosto florido e rubicundo, não era senão a Sibylla Agar, a feiticeira, a esposa do judeu Ephraim, e avó da Fornarina.

Com certeza que aquelles que tivessem por acaso topado a bruxa em algum dos suburbios de Roma, dirigindo-se a algum descampado a fazer um esconjuro ou um sortilegio, á luz da lua, não teriam reconhecido n'aquella velha sinistra, e corcovada sob o peso dos annos, cheia de cans, cabeça tremula, e olhar errante, a proprietaria do armazem, bem aprumada e direita, cabello grisalho mas cuidadosamente penteado, e bastante alto na parte superior, de modo a desafrontar a testa, excepcionalmente elevada e proeminente. Com que fim teria ella, pois, comprado a propriedade d'aquelle armazem?

O leitor, que conhece assás o caracter indomavel da Sibylla, suspeitará sem duvida que em tudo aquillo existia alguma relação com as suas idéas de vingança e de vindicta tenaz.

Era Mohammed que fallava, pois, e que fallava assim:

—Repito-vos que é preciso que Raphael seja dos nossos. É só elle de todos os homens notaveis de Roma que nos falta, e urge que nos apressemos em preencher esta falta.

Seria preciso, é certo, fazel-o, mas quem lh'o proporá?—respondeu Agar.

—Eu—replicou o arabe, convicto.

—Estás certo d'isso?

—Certissimo.

—E como?

—Raphael obedece cegamente a uma mulher.

A feiticeira estremeceu.

—Queres fallar da Fornarina?—perguntou.

—Sim.

—Pois é precisamente essa mulher que será o maior obstaculo.

—Pelo contrario, essa mulher é um meio.

—Explica-te.

—É por ella que conseguiram separar Raphael da sua noiva.

—Maria de Bibiena?

—Sim. Pois bem, Maria está actualmente abandonada, e carece de um protector que a defenda.

—Palavra que não te entendo. Suppões acaso que Raphael a tornará a amar?

—Respondo por isso.

—Como?

—Fazendo-o afastar da Fornarina.

Nos olhos d'Agar chispou um relampago d'esperança.

—Oh! Mohamed!—disse ella—Se consegues isso, ficas sendo credor de um reconhecimento eterno da minha parte. Restitue-me essa mulher, que por essa paixão que a abraza esquece todo outro qualquer amor, esquece a sua propria vingança, e até o juramento que solemnemente fez. Mas não a censuro por isso!... Pobre creança! Brincou com o fogo, e é natural que o coração agora arda, e se consuma. Se Raphael se absorve absolutamente n'ella, e nos seus beijos, ella, por seu lado, funde n'elle toda

a vontade. Nem por isso lhe quero mal porque, coitadinha, soffre, e está condemnada a soffrer ainda mais... Tu esperas salval-a, e salval-o ao mesmo tempo a elle. Pois bem, corre, vae. Mas olha, attende que as palavras sublimes de *revolução* e de *patria* teem bem fraco echo n'aquelles que são devorados por uma paixão terrivel...

— Confiai em mim. Espero saír victorioso — disse Mohammed com o entono da maior convicção.

A feiticeira travou-lhe das mãos, e cravando bem n'elle um olhar agudo e perspicaz, disse-lhe:

— Acaso tens tu, além do nosso alvo commum que é o de reunir no nosso partido todos os homens livres e justos, um interesse teu pessoal, particular e violento?...

— É verdade — replicou o arabe — mas não tenho de que córar d'isso. Amo Maria de Bibiena.

Apesar do esforço que fez para que a sua voz fosse mascula e firme, proferiu isto em voz baixa, e no seu intimo agradeceu á velha o não ter acolhido as suas palavras com um gesto de pasmo.

— E depois?... — perguntou simplesmente Agar.

— Depois, como Maria de Bibiena soffre, quero fazel-a feliz, restituindo-lhe o amante.

A feiticeira fez um ligeiro movimento d'approvação com a cabeça: aquelle rasgo heroico, aquelle sacrificio magnanimo, todavia, não a pareceu impressionar mais do que o havia feito a confidencia da paixão violenta do arabe.

Ambos ficaram um momento silenciosos, e afundados nas suas proprias idéas.

Quando Mohammed se dispunha, porém, a ir-se embora, Agar suspendeu-o, dizendo-lhe:

— Já te vaes?

— Sim.

— Não tens medo que andando, de dia, por toda a parte, pela cidade, sejas victima novamente d'aquelles que cuidaram ter-te assassinado?

— Decerto que devo arrecear-me d'isso, mas eu não me arrisco nunca a saír em pleno dia.

— Não te fies muito tambem na noite. A noite esconde e acoberta tanto o justo e o innocente, como o sicario. As trevas protegem as emboscadas. E se definitivamente se quizerem desfazer de ti...

O arabe aprumou-se com altivez quasi feroz, e disse:

— Desafio-os a que o façam! — repito. — Eu é que me hei-de vingar d'elles... De noite, tenho eu olhos de lynce, e astucia de serpente. Estae descansada que não me hão-de surprehender, a mim, caçador do deserto. Todos os meus sentidos parece que se aguçam, e duplicam a sua força, só ao lembrar-me do caso estupendo da minha resurreição á vida, e da affronta que esses pifios quizeram fazer ao meu cadaver, atirando-o para um enxurdeiro, á voracidade dos cães, como nos fazemos no deserto aos restos da comida que deitamos ás hyenas... Sim, eu não sou cobarde, mas quando penso que estive a ponto de ser devorado pelos cães, estremeço ainda. Se outra vez me visse exposto a ir parar ao mesmo sitio...

E os olhos do arabe dilataram-se, a ponto de ficarem esgazeados, e de modo a causar pavor fital o.

— Vamos, socega! — disse a feiticeira — ha injurias que convém não nos lembrarmos d'ellas, a não ser para vincarmos mais no espirito a ideia de vingança.

Comtudo, mulher, attende a que me fizeram a maxima affronta, e que essa supina injuria, esse ultimo insulto foi a um cadaver, esse despojo miseravel que o mais encarniçado inimigo deve respeitar... Mas ainda não te disse o que é infame acima de tudo que se póde imaginar...

Quando o bandido de Hochstratten deitou o veneno na garrafa, e depois que eu bebi grandes tragos d'aquella agua e comecei a sentir o indescriptivel effeito d'aquella infernal bebida, rolei no chão sem sentidos... Comtudo, tive ainda tempo de quebrar com os dentes um annel d'ouro que sempre trazia commigo. Este annel continha algumas gotas de um contra-veneno precioso, que eu, por prudencia, dosei com qualidades narcoticas. Depois de beber aquelle antidoto, ficava-se preservado do veneno que se tivesse ingerido, mas conservavam-se, comtudo, as apparencias da morte. O que foi que succedeu? Não sei, porque caíra em funda modorra.

Porém, quando de novo tornei a mim, oh! deleitoso Paraizo do Propheta!... N'aquella noute vi alguma cousa de mais estupendo e assombroso do que o arco colossal da ponte do Abysmo!... Achei-me deitado sobre uma innumeravel massa de cadaveres putrefactos, em que os insectos formigavam. Estava despido, ouves, e estendido sobre uma podridão innarravel, cujo cheiro nauseabundo e pestilento era sufficiente a dar a morte a qualquer. Como remate, a lua aclareava funereamente aquella desolação. A sua claridade foi então que enxerguei no meu ventre um montão de vermes que se arrastavam, empapando-me na sua baba viscosa e morna. Ao contacto da pelle vellosa d'aquelles seres asquerosos sentia erriçarem-se-me os cabellos.

Ao pé de mim jaziam innumeraveis carcassas humanas, meias roidas, com o ventre aberto, os intestinos saídos, e todas cheias de horriveis manchas violaceas e esverdeadas. E toda aquella massa pestifera de carne putrida parecia mover-se, ferver, sob a acção annniquiladora dos vermes. Sentindo-me impotente, empedrado, immovel, pelo medo, e sem me atrever a respirar sequer, julgava-me especado ali, e preso por aquelles animaes vorazes. Figurava-se-me que todos aquelles esqueletos me olhavam fixamente com as suas orbitas vazias. Tinham-me atirado despresivelmente para ali, comprehendeis, para que apodrecesse como os valdevinos, os miseraveis, os vagabundos, os maltrapilhos, os filhos das hervas... Como poude sair d'ali custa-me ainda a acreditar, n'este momento!...

A Sibylla não dizia palavra, mas não despregava o olhar do arabe.

Mohammed estremeceu, ao rememorar aquelles horrores, e fez um gesto d'asco profundo.

Depois disse n'um tom de voz já mais calmo:

Foi isto o que me inspirou desejos de vingar-me!... Descançae, portanto, que não tornarei a caír-lhe nas garras.

N'este instante, a porta abriu-se, e um homem entrou, que se acercou da Sibylla, tocando-lhe no peito com a ponta do indicador.

Era decerto a senha combinada, pois Agar não se mexeu d'onde estava, e o recem-chegado perguntou:

—Ha alguma cousa de novo?...

—Approxime-se—respondeu a feiticeira.

Mohammed, entretanto, fitava com surpreza aquelle homem que pela estatura, pelo trajo, pelo nariz, pela barba, por tudo, exceptuando a comprida cabelleira, tanto se parecia com Miguel Angelo.

—Não me conheces?—perguntou o homem.

Ao escutar aquelle metal de voz, o arabe acurvou-se com respeito.

—É o senhor Miguel Angelo,—disse elle.

Com effeito, era o esculptor que se havia disfarçado com a cabelleira de longos anneis.

Indubitavelmente, aquella locanda era cheia de mysterios.

O esculptor perguntou de novo á Sibylla:

—Encontrastes o moço?

—Sim.

—Fino, delgado, e com edade sufficiente para saber o que faz, intelligentemente?

—Temos Cricco, o aprendiz, que limpa os pinceis de Raphael.

—O filho do nosso camarada, o coveiro?

—Esse mesmo.

O rosto de Miguel Angelo annuviou-se.

—Ah!—exclamou.

—Achaes n'isso algum inconveniente?

—Elle está cá?—perguntou Miguel Angelo sem responder a pergunta da Sibylla.

—Sim, está fechado no quarto immediato.

—Vamos, chamae-o.

—Parece que estaes desassocegado?

—Talvez.

Agar levantou se, e foi abrir uma porta á direita da venda.

—Não está cá ninguem!—exclamou.

—É isso que eu esperava—respondeu o esculptor.

A claraboia estava aberta.

—Saíu por ali.

—Mas com que fim?

—Não sei. Elle sabe alguma cousa?...

—De cá de baixo?—perguntou Agar, apontando com o dedo para o chão.

—Sim, do importante...

—Não. Nada lhe dissemos. Tinhamos teução de lh'o dizer, quando fosse preciso.

—Fizeste muito bem. Comtudo, tenho medo de que ainda saiba de mais.

—Porque dizeis isso?

—Porque acabo de o ver ha dez minutos, e saia, muito occupado, a contar dinheiro em ouro.

—Olá!...

Ao longe lobriguei tambem um frade, vestindo um habito, e escapulindo-se por uma porta baixa.

—Atraiçoou-nos!

—Assim o receio.

Todos estremeceram. A porta da locanda abriu-se, n'aquelle instante, bruscamente.

—Neumann!—exclamou Miguel Angelo.

Era effectivamente o cunhado de Luthero, mas disfarçado.

—Mestre!—disse elle precipitadamente—dentro de um segundo chegará aqui uma patrulha de guardas suissos. Vêdes? Ouvis?...

Escutavam-se, de facto, no empedrado da rua passos apressados.

Agar pôz-se em pé, e, com uma força de que ninguem a julgaria capaz, levantou um alçapão que descobriu um buraco. Com a outra mão approximou da bocca um objecto que luzia. Ouviu-se o silvo d'um apito, cujo echo correu pela profundidade do subterraneo, e Mohammed e Miguel Angelo desappareceram pelo buraco abaixo, cerrando-se em continente o alçapão.

Era tempo já.

A patrulha, commandada por um official allemão, entrava na locanda.

Agar estava sentada por detraz do balcão, e Neumann parecia muito atarefado em despejar vinho por um funil.

—O que desejaes?—perguntou a dona da venda ao official.

—Vimos passar uma busca a vossa casa.

—A minha casa! Para que?...

—Sim, na vossa casa.

—E porque, meu bom senhor?... O que quereis encontrar n'ella?—perguntou ingenuamente a velha. Desconfiaes talvez de que eu falsifique o vinho? Isso é talvez algum vendeiro invejoso da minha freguezia que me accusa de tal traficancia... Vou mostrar-vos o contrario, e provar que vos enganaram...

—Venho por ordem do inquisidor—interrompeu o official.

—O que dizeis?

A mesma pergunta assomou aos labios da bruxa e de Neumann que pareceram olhar o official, pasmados, boquiabertos, assaralhopados.

—Accusam-vos de conspirardes...

—Quem? Os meus creados, e eu?... Não vos entendo... Suspeitam que me porto mal e que não guardo o devido respeito á memoria do meu defuncto?

—Não, velha embusteira, não se trata d'isso?...

—De que se trata então?

—Dizem que reunís em vossa casa certos homens com um fim criminoso.

—Meu rico Senhor Jesus! Minhas ricas alminhas!...

A pobre velha dava taes mostras de espanto, lamentava-se tão amargamente, que cortava o coração vêl-a: e o proprio official sentiu ganas de estripar e espatifar o calumniador d'aquella pobre locandeira, que tinha uma cara tão capaz.

Olhae—gemia a velha—o que são linguas damnadas de visinhas!... Nós que estavamos tão socegadinhos a fazer o trafego do nosso commer

cio!... É preciso que haja no mundo gentinha muito malvada!... Eu estava muito quieta ao balcão, aquelle estava a despejar d'aquella pipa vinho para as botelhas, com um funil, e n'isto *zás!* um raio d'estes em casa!... Então suppondes que ha gente tão perversa que venha abusar da minha venda honrada, e envergonhar-me, fazendo taes patifarias?... Então já não ha meio d'estar cada qual na labuta do seu negocio, nem d'estar quieta e descansada em parte alguma?... Pois juro-vos que não quero continuar a morar aqui... Forte cafila!... Que corja!... Andaes talvez á busca de moedeiros falsos?... Deve ser matula bem desaforada, elle que o diz monsenhor Hochstratten... Peço-lhe, senhor official, que procure bem, que esquadrinhe, e que proteja as nossas vidas contra taes meliantes, porque somos gente honesta e de bons costumes... Ora não está má, esta! Procure-os, senhor militar, procure-me bem essa cafila, e catrafile-os a todos, que nenhum escape... Estou-lhe muito agradecida, camaradas, pelo serviço que me fizeram... Quando matuto que tinha em casa tal cafila de maraos!... Em minha casa, meu rico Jesus!... Abrenuntio! Camaradas, procurem bem... Póde começar, senhor official...

O commandante da guarda mandou pôr sentinellas á porta, não tanto para impedir algum conspirador de se escapulir, como para conter a turba multa que accorria de todos os pontos do bairro.

Bem sei que a casa tem outra saída, mas já lhe mandei por sentinellas.

Tanto melhor! assim não poderão esgueirar-se... respondeu a velha.

—Escusaes de fazer qualquer resistencia.

—Mas quem falla em resistir, Virgem Santissima, quando vós me prestaes um serviço inapreciavel!... Ainda que isto me tenha feito um grande choque, eu mesmo quero acompanhar os camaradas!... disse com summa naturalidade a Sibylla.

—Pois seja.

—O meu caixeiro vigiará a loja.

—Muito bem, vamos lá.

A Sibylla, fazendo o possivel por dominar o seu medo, foi de uma complacencia a toda a prova. Queria que não restasse ao official duvida alguma. Abria as portas, os armarios, esquadrinhava todos os cantos e recantos, olhava para todas as chaminés, e levantava todas as cortinas.

Não póde ser! dizia a locandeira Não póde ser! Enganaram os!... Bem vêdes que não está cá ninguem... Bem razão tinha eu... Como era possivel tal na minha casa?... Com certeza que eu logo dava pela marosca...

Neumann que, cheio tambem de curiosidade, seguia a patrulha, completava as pesquisas e as buscas.

Já os soldados sem resultado haviam quasi rebuscado a casa toda, quando o official que havia voltado á venda deu com o alçapão que conhecem já os nossos leitores.

—Ah! Ah!—exclamou.—Agora visitemos tambem a adega.

—A adega tambem!—disse Agar.

De certo. A adega com especialidade. O comadre, que innocente que sois!...

Mas Agar parecia um pouco menos socegada. Talvez os safardanas se tivessem assolapado ali. Que horror!

O official pois, precedido de Neumann, que tomou por um dos creados do armazem, desceu pelo alçapão, acompanhado tambem da velha, que empunhava uma lanterna.

A adega com os seus toneis perfeitamente dispostos, e cuja vista só bastava a alegrar e a fazer crescer agua na bocca aos soldados, nada offerecia da particular nem de suspeitoso.

Por um singular phenomeno todas aquellas boccas e guelas militares se acharam subitamente seccas.

Com os copos da espada o official batucava em todos os toneis: uns produziam, ao toque, um som abafado, porque estavam cheios: outros porém soavam a vasio. Em parte alguma, um rasto sequer de conspirador...

Em vista pois da esterilidade das suas pesquisas, e para poder dizer com consciencia que procedera a um exame minucioso, fez abrir as torneiras dos toneis e das pipas.

—É para me convencer—explicava—que não está viva alma assolapada lá dentro!

E por este consciencioso motivo, tanto o official como os soldados iam libando e despejando largos tragos de vinhaça. A patroa da locanda, completamente tranquillisada, servia-os cada vez com mais lhaneza, complacencia e bizarria.

—Vamos—disse o official, sentindo já um tanto os effeitos d'aquelles vinhos differentes e de qualidade superior—agora só me resta agradecer-vos.

—Estou ás vossas ordens!—respondeu Agar fazendo uma profunda mesura.

—Agora vamos-nos embora... A casa é muito respeitavel e nada tem que inspire desconfiança, antes pelo contrario... Não tenhaes cuidado, que darei uma boa parte do estabelecimento, e com conhecimento de causa.

Subindo a escada com passo já cambaleante, os soldados despediram-se tambem, dizendo não adeus, mas até á vista, e a guarda toda por fim afastou-se na rua em marcha irregular e desordenada. Quando a estrupida dos passos da soldadesca se perdeu a distancia, um dos toneis da adega, sobre o qual Agar pozéra a lanterna pareceu oscillar. Moveu-se na realidade, gyrou, e rolou no solo, descobrindo um buraco, o qual elle tapava hermeticamente. Pela cavidade irrompeu uma cabeça, então, e em seguida outra, e outra, até ao numero d'oito homens, todos armados de paus, de picaretas e de alavancas.

—Embaçamos os soldados!—exclamaram elles, mal sairam, com visivel alegria.

—Sim,—disse uma voz—mas é preciso darmos tambem uma lição.

—Decerto, decerto!

—Porque alguem nos atraiçoou.

—E devemos matal-o!

Miguel Angelo avançou á frente do grupo, e disse:

—Eu sei quem foi..

—Fallae!... Fallae!...

— Foi um rapaz.

Cricco?

— Elle mesmo.

Fez-se um fundo silencio.

Os conspiradores — e em especial aquelles — são gente de prompta decisão e de processos rapidos: a prudencia no conselho, a energia e a rapidez da acção, são as suas qualidades peculiares e indispensaveis.

A morte d'um homem póde ser, entre elles, um acto de justiça, quando serve ao interesse da causa a que hão votado as vidas, e, ás vezes, os seus haveres.

Assim, por isso, como elles não hesitam em executar um inimigo, não vacillam tambem em justiçar aquelles dos seus que perjurou, ou os trahiu.

Porém, chacinar uma creança, um ser todo instincto, um ser débil, sem grande discernimento, uma organisação infantil de doze annos, da qual se quizeram servir sem consultar a sua vontade, apagar aquella intelligencia que não se havia aberto ainda completamente ás ideias do dever e da lealdade, não seria uma sevicia cruel e féra, uma iniquidade?... Assumpto era este de fazer cogitar o conjurado mais tigrino.

Machiavello, por isso, disse:

— Estaes certo do que dizeis?

Miguel Angelo retorquiu:

— Estou certo, sim.

— Não sabeis que o pae está ali? — perguntou o auctor do *Principe*.

— Que importa! — respondeu o esculptor — É ou não justo condemnal-o?

— O pae trabalha para salvar os presos.

— E o filho esteve a ponto de os perder.

Fez-se de novo cavo silencio entre os conjurados.

Uma voz perguntou:

— Aonde está o pequeno?

— Não sei — respondeu Miguel Angelo.

— Suppondes que voltará?

— Decerto, para que não desconfiemos d'elle.

De golpe, abriu-se a porta da adega, e na escada appareceu Neumann, trazendo Cricco pallido e tremulo com as mãos atadas atraz das costas.

— Eil-o ali! — murmuraram as vozes dos homens reunidos na adega.

Neumann desceu a escada segurando sempre o pequeno.

— Cidadãos — disse-lhes elles — eis o delinquente. Este rapaz desobedeceu-nos. Tinhamos-lo fechado n'um quarto, com prohibição de saír d'elle. Jurára obediencia, e depois de lhe haver feito vêr que cousa solemne é um juramento, trahiu esse juramento, e trahiu-nos. Fugiu, e foi vender a um miseravel que é nosso inimigo o que elle julgava ser o nosso segredo. Pagaram-lhe, por isso, algumas moedas d'ouro: podeis vel-as. Depois, voltou, e fingindo tranquillidade, continuou a trabalhar. Talvez que a consciencia lhe remordia pelo que havia feito, mas esperava que a sua dissimulação lograsse enganar-nos. Interroguei-o, e confessou tudo. A vós cumpre julgal-o.

Miguel Angelo tomou a palavra.

—Confessou tudo, dizes?

—Sim—respondeu Cricco, apavorado pelo sobresenho severo dos seus juizes.

—Quem te pagou?—continuou a perguntar o esculptor ao pequeno.

—O grande inquisidor.

—Hochstratten!—exclamaram ao mesmo tempo os conjurados.

—Obrigou-me a isso—caramunhou Cricco—obrigou-me a dizer tudo o que sabia.

Entre os juizes houve um momento de hesitação. Fallaram algum tempo, em voz sumida, e depois Miguel Angelo proseguiu:

—E o que é que tu sabias?

—Que uns certos homens vinham aqui diariamente, e não tornavam a saír logo.

—E que mais?

—Pediu-me que lhe dissesse mais cousas...

—E tu disseste-lhe?

—Eu não sabia nada mais...

—Mentes!—disse com voz forte o esculptor.

—Não, juro...

Um raio de alegria chispòu na face do artista.

Os conjurados de novo fallaram entre si, em voz baixa.

O pequeno que olhava para toda esta scena espavorido, e attentamente, cuidou ouvir palavras misericordiosas e de perdão.

Pela terceira vez, Miguel Angelo tomou a palavra, e disse:

—Nada mais, com effeito, ha; mas portaste-te mal, e procedeste com leviandade grande...

—É verdade, meu senhor, bem o reconheço...

—Perdoamos-te.

—Ah! como sois bons!...

—Perdoamos-te, com uma condição...

—Dizei-a.

—É que não voltarás mais a fallar com esse homem.

—Podeis estar descansado.

—Somos commerciantes honestos, aos quaes uma busca feita pela policia póde causar grande descredito...—Percebes?

—Perfeitamente.

—Estiveste a ponto de nos fazer passar por criminosos.

—Eu não sabia...

—Por esta, perdoamos-te.

—Oh! muito obrigado...

O rapazito juntou as mãos com funda expressão de gratidão e reconhecimento.

—Tenho medo de que meu pae desconfie do que fiz—ajuntou Cricco.

N'este instante, um homem ainda moço, coberto de pó, e carregando uma pipa cheia de areia, appareceu de chofre entre os conjurados.

—Pae!—gritou o rapaz, quando o viu apparecer.

—Tu aqui!—respondeu o homem, espantado.

E reparando mais no pequeno, accrescentou:

—Que fazes aqui com as mãos atadas? Responde.

—É que...

A creança não se atrevia a fallar, atemorisado pela catadura severa do pae.

—Vamos, o que ha?—exclamou o homem com voz alterada.

Miguel Angelo, então, com o sobr'olho franzido adeantou-se.

—É que o pequeno vendeu-nos ao inimigo.

—Elle?

O coveiro ficou como empedrado, e fez-se horrivelmente pallido.

—Acabamos de julgal-o, e perdoamos-lhe!

—Ah!—disse o pae de Cricco, respirando com violencia.

—Ficamos convencidos de que não sabe os nossos projectos.

—Não digaes mais nada,—interrompeu o homem.

Miguel Angelo continuou, apezar d'isso:

—Por vós, por vossa causa, veio a saber dos nossos segredos.

—É certo.

—Vós, no meu logar o que farieis?... Qual é o vosso parecer?...

—Parece-me que é preciso...

Mas o pae não teve força para pronunciar a terrivel palavra. Todos, porém, o comprehenderam, e o pequeno que não affastava os olhos do pae, cambaleou e caíu sem sentidos.

O coveiro teve que encostar-se com uma das mãos á parede, emquanto a outra velava a face, por onde grossas e amargas bagas de pranto rolavam, silenciosas. Depois, com a voz rasgada de intimos e fundos soluços, murmurou, ciciou quasi:

—Meu filho!... Meu filho!...

—Depressa!—disse Miguel Angelo com voz imperiosa, apontando para o pequeno.

E Miguel Angelo, livido, accrescentou:

—Aproveitemos emquanto está desmaiado.

—Meu filho!...—repetia, no emtanto, o desgraçado.

O timbre da sua voz era de tal fórma despedaçador e triste que partia os corações.

O esculptor, com a voz turba pela emoção, ajuntou:

—Deitemos sortes para vêr a quem lhe cabe fazer justiça.

Mas o pae, erguendo a cabeça, disse então:

—A mim.

Reinou um soturno silencio.

O misero pae, accrescentou, com voz surda:

—De mim recebeu a vida, e de mim receberá a morte.

—Seja!—disse a feiticeira que em pé, na escada, assistia áquella scena.

O pae, com passo automatico, a face congestionada, comprimindo o peito com uma das mãos, inclinou-se do filho que continuava desmaiado.

Acurvou-se sobre elle, levantou-o com cuidado, tomou-o amoravelmente nos braços, e depondo-lhe nos labios um derradeiro e sonoro beijo, estreitou-o furiosamente contra o peito, com força tal, que lhe fez estalar os ossos todos, quebrando-lh'os.

—Meu filho!...—murmurou o triste coveiro.

O corpo da creança vergou todo para traz n'um angustioso estremeção.

—Pela liberdade!—exclamou o coveiro, com voz cavernosa.

Abriu os braços... e o inanimado corpo do pequeno caíu no chão. O pae contemplou-o instantes, com os olhos injectados. Cambaleava como um bebado, e a sua face congestionada apavorava.

Avançou alguns passos, como se quizesse fazer ao filho um ultimo afago de despedida, mas caíu fulminado de morte, ao passo que dos labios lhe golfava um borbotão de sangue.

Estava morto.

CAPITULO XLV

O amor que mata

Havia tantos mezes que Ephraim e Lucas permaneciam enjaulados na lobrega enxovia, que a noute que reinava n'aquelle captiveiro se lhes antolhava insupportavel e sem termo. Comtudo, no meio da sua miseria, experimentavam uma vaga consolação. Tinham-se reconhecido, e podiam consolar-se mutuamente, fallar d'aquella a quem tão acendradamente amavam, a Fornarina, a neta do velho Ephraim. Triste e tibia consolação era na realidade aquella, pois que nunca fallavam da gentil rapariga, sobretudo havia algumas semanas, sem que os olhos se lhes inundassem de lagrimas e os gemidos lhes estrangulassem quasi a voz na garganta.

Reduzido a não ter mais alimento do que a sua escassa ração de pão negro e por unica bebida a agua infecta da bilha que de continuo tinha que partilhar com os sapos, seus companheiros, Lucas sentia suas forças alquebradas, debilitada a sua saude, enfraquecida a sua vontade.

Aquelle rapagão acostumado á liberdade das varzeas e das planicies, sentia-se asphixiar entre as quatro paredes d'aquelle calabouço que lhe parecia a lapide d'um sepulchro.

Mas como era moço ainda, podia oppôr aos soffrimentos phisicos e moraes a resistencia do seu temperamento de ferro.

Imagine o leitor quaes não deviam ser as torturas d'Ephraim, privado, pela edade, do vigor necessario á resistencia a tão profundos abalos!

O velho judeu achava-se, na realidade, n'um estado lamentavel.

Decerto estará lembrado o leitor que o haviam conduzido ao *in pace* ou masmorra, com a perna fracturada, em consequencia do salto que elle déra da janella abaixo, na occasião da terrivel chacina e pilhagem dos judeus, no Ghetto.

A soldadura do osso fracturado operára-o a natureza pela sua propria força: mas tão mal, que o infeliz não podia fazer qualquer movimento, sem soltar agudos e fundos gemidos.

A ferida, em consequencia da falta de aceio e tratamento, não podéra cicatrisar. O mal fizera tão rapidos progressos, que Lucas havia alguns dias já que notava um forte mau cheiro que a perna exhalava. Era que a gangrena começava a sua acção voraz e desorganisadora dos tecidos.

O velho judeu queixava-se a cada instante de dôres atrozes, ao passo que as insomnias e as febres intensas iam consumindo a pouca vida que restava ainda áquelle corpo enfraquecido e debilitado pela doenca phisica e os pezares moraes.

Um dia, ou uma noute, pois que ambos os presos haviam perdido a noção do tempo, e até esquecido a existencia do sol, Ephraim dormitava.

Lucas, sentado ao pé do velho, sem se atrever a mover-se, para não perturbar o repouso do companheiro, que havia tantas noutes estava privado d'elle, meditava, preza do mais fundo e desconsolado desalento.

—Ai!—murmurava elle—agora sim que tudo está perdido. Não nos resta outra esperança senão a morte. Se eu tive a demencia de pensar que tornaria a ver o ceu azul, os bosques cheios de sombras, respirar os ares puros montesinos, e banhar-me nos tépidos raios do sol, devo hoje abandonar todas essas esperanças insensatas... Ah! miseraveis!...

Por esta fórma, o seu pensamento ia por gradações passando da desesperação ao furor.

E nada poder fazer!...—accrescentava elle—Sentir-me forte, ter a certeza de que com um murro poderia derrubar um touro, e vêr-me enclausurado para sempre, encerrado n'estas paredes de granito!... Não ha salvação possivel senão na morte! Porém, eu quizera ver ainda antes de morrer aquella moça de olhos puros, quizera ouvir-lhe a voz harmoniosa, banhar-me nos raios dos seus olhos resplandecentes... Mas para que? Talvez que, ao vêr-me, abaixasse a vista, e que a sua bocca não tivesse uma unica palavra para mim...

Lucas voltou-se para Ephraim cuja respiração era difficil e penosa.

Teria ao menos a consolação de vêr este triste velho abraçar a sua neta, e isto, na minha desgraça, ter-me-hia servido de allivio...

A voz de Lucas tremia sensivelmente alterada, por despedaçadora commoção.

—Mas estou chorando, eu!... A que extremo cheguei. Sim, mas então que tem? Choro. Quizera viver!... Acaso tenho edade de morrer já?... Queizera viver, sim, mas para odiar e amar...

E o misero preso contorcia os braços com desespero, e no craneo martellava-lhe, fixa, a ideia de partir a cabeça d'encontro ao muro do carcere.

—Não!—exclamou, decorrido algum tempo, passando a mão pela fronte, como para repellir aquella ideia—não tenho direito de o fazer! Ephraim precisa de mim. Não posso nem devo prival-o dos meus cuidados e consolações. O infeliz soffre, sem se queixar, soffrimentos muito mais atrozes do que os meus... Sou um cobarde!...

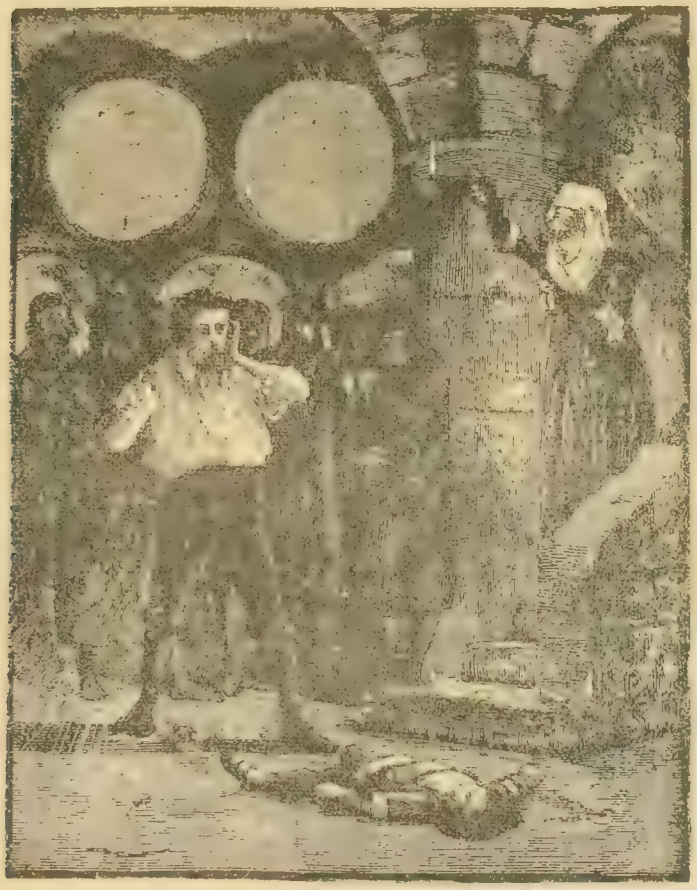
De golpe, Lucas estremeceu, pois que uma mão lhe travara as suas, humidas ainda de prantos.

—Choras?—perguntou Ephraim com voz débil.

Sim, para que o negarei?—respondeu o boeiro, fazendo um esforço.

Depois de um demorado silencio que a estas palavras se seguiu, Lucas continuou com vivacidade:

—Ah! sim, envergonho-me de ter chorado, meu pae!... Reprehendei-me, censurae esta fraqueza indigna d'um homem... Abençoada escuridão que esconde a minha vergonha...



Deixou caír o corpo inanimado do rapaz no chão, fitou-o um momento e cambaleou.

Cap. XLIV.

Não—retorquiu com voz tranquilla Ephraim,—não te devo censurar o teres chorado... Comprehendo o que soffres, e partilho essa tua dor... És moço, e sentes a necessidade de viver... Se eu não choro é porque já sou velho.

O judeu callou-se um momento, e depois continuou em tom grave:

—A morte approxima-se já de mim...

—Não digaes isso.

—As forças abandonaram-me... Não, não me engano. A febre, que dia e noute me devora, consome-me o sangue... E a ferida peora cada vez mais...

—Não digaes tal... Estaes até muito melhor...

—É debalde que trataes de me enganar... Julgaes que não tenha pensado n'isto mais d'uma vez?... Julgaes que não sei o mau cheiro que exhala a minha chaga cancerosa?...

—Affianço-vos que...

—Sim, bem sei que sois bom... Mas sei tambem que o meu fim está para breve.

—Meu pae!...

—Não vos afflijaes... Quando a morte vier será por mim abençoada...

Lucas, a estas palavras do pobre israelita, sentindo que os soluços o estrangulavam, comprimia ternamente contra o peito a cabeça do pobre velho.

Esta scena, de si triste, parecia ainda mais merencoria e lugubre por se passar n'aquelle torvo calabouço, impestado pelo halito da morte.

Ephraim murmurou:

—Tenho sêde.

—Ai! disse Lucas—toda a agua da bilha empregamol-a em lavar a ferida da perna.

—É verdade.

—O carcereiro que a costumava renovar não veio ainda hoje, como os demais dias. Tarda já, é certo, mas creio que se não ha de demorar muito.

—Talvez não volte mais...

E, a estas palavras, o velho estremeceu.

—Tendes frio, meu pae?—perguntou Lucas, evitando a ultima observação do companheiro.—Agasalhae-vos com esta pelle.

—Não, guarda-a para ti, que tambem precisas d'ella.

—Não, tomae-a lá... tomae-a!

Lucas embrulhou com ella o doente, e apesar d'estarem perto um do outro, ambos tiritavam: o velho cortado de febres, o moço boieiro transido pela humidade da enxovia, visto que se privára do seu principal agazalho para cobrir com elle o desgraçado doente.

Ephraim conservou-se callado alguns momentos, ao cabo dos quaes, disse:

—Dá-me cá esse medalhão, da-m'o que quero ter o gosto ainda d jar a minha neta.

Lucas deu a Ephraim o retrato que tirára Raphael, o qual o ve vou aos labios, apaixonadamente.

—Tão linda, tão amavel!... Vi-a perto de mim—exclamou o ju a quem iam a pouco e pouco invadindo as allucinações e desvarios d chados do delirio febril—Ella ouviu os meus gritos, e correu mes entre as labaredas do incendio... E aquelle infame!... Aonde est agora? Que será feito d'ella? Não a verei mais... Não a verei mais

—Haveis de vêl-a ainda... Haveis de melhorar, e haveis de tornar a vêl-a, já solto d'esta maldita prisão...

—Repito-te que a minha morte está para breve...

—A morte...

—Dentro de uma hora irei reunir-me com minha filha Rachel, e fallar-lhe-hei d'ella.

Mas Lucas, então, aprumando-se de pé, como movido por uma mola, com as mãos crispadas, clamou com profunda energia:

—Pois seja: iremos ambos reunir-nos com ella.

—Que dizes?

—Que se vós morrerdes, eu morrerei tambem comvosco.

O velho escutou esta singular revelação, em silencio.

Ao cabo d'algum tempo, disse singelamente:

—Talvez tu te poupes assim a muitos soffrimentos!...

Mas de repente a agitação do velho accentuou-se mais, e mais violentamente. Um tremor continuo fazia-lhe estar sempre movendo a perna enferma, fazendo-lhe ao mesmo tempo soltar lancinantes gritos de dôr, entre os quaes parece que se lhe ia escoando a vida.

Lucas, espavorido, impotente, sem saber o que havia de dizer ou fazer, escutava aquelles lastimosos arrancos, anniquilado, afflicto, esbarrondado.

Cinco interminaveis minutos, longos como cinco horas, durou aquella angustiosa situação.

Os gemidos do velho iam paulatinamente cessando, e eram substituidos por um estertor de mau agouro, até que por fim cessaram de todo.

Anniquilado pela emoção, Lucas abraçou-se ao velho judeu. Mas ao acercar porém os labios da face do velho moribundo, sentiu-o frio, gélido, empapado de um suor glacial, e gritou:

—Morreu!... Morreu!...

Empedrado pela dôr, caíu de joelhos, junto do cadaver. Todo o seu ridente passado, os gozos alegres da sua mocidade, os seus passeios com a Fornarina sob a verde cupula das arvores, as entrevistas no jardim da casa rente do Tibre, a alcova, em que extasiado e doudo de paixão se precipitára sobre ella, estreitando-a entre os braços, todas as gratas recordações da sua existencia lhe occorreram á mente em tropel, e como aturdido, abraçou o velho, pôz-se em pé, e disse com voz aspera:

—Acabemos com isto, por uma vez!

Approximou-se da parede para calcular a distancia e o impulso que devia tomar, recuou uns passos e abaixando a cabeça precipitou-se furioso contra a parede de solido granito, para escaqueirar o craneo.

Na vespera d'aquelle dia, á noutinha, um grupo de individuos entre os quaes facil era reconhecer Julio Romano, e outros discipulos de Raphael, cercavam dous personagens sombrios, que saiam de casa do pintor.

Havia muitos dias que se notava n'aquelle bairro uma animação e mo-

vimento inusitados. De continuo se viam parar carruagens á porta do palacio do artista, e viam-se descer das suas liteiras, elegantes damas ricamente ataviadas, elevados personagens, prelados, artistas, banqueiros, negociantes, fidalgos, Mecenas das artes, eruditos e poetas. Tudo ali se via quasi que entrar em tropel no vestibulo do edificio, cumprimentando-se uns aos outros, e trocando entre si algumas phrases.

Seria algum outro quadro novo o que attrahia ao atelier do artista aquelle tão grande numero de visitantes?

Não. Os curiosos pouco tempo permaneciam na casa, porque não deveria ser decerto aquelle o motivo da sua presença.

Chegavam, escreviam o nome n'um livro que estava em cima de uma meza na ante-camara, e saíam em seguida.

Era que Raphael estava gravemente enfermo, e alguns mesmo asseguravam que a sua vida se extinguiria antes de um mez. Os dous personagens, entrajados de negro, que vimos rodeados pelos discipulos de Raphael eram dous medicos que respondiam ao diluvio de perguntas com que o inundavam, meneando melancolicamente a cabeça, sem deixarem de andar sempre. Em seguida o grupo dispersou-se.

Raphael estava deitado no seu atelier, sobre o divan de Smyrna, com a cabeça alta, e recostada sobre umas poucas de almofadas, cadaverico, e de faces pallidas e cavadas. O amor havia alquebrado e gasto completamente o seu corpo, enfraquecendo-o e deixando-o a tal ponto exangue, que inspirava horror.

Raphael entreabriu seus pallidos e frigidos labios, e aquella mão portentosa que tão admiraveis obras havia creado, quasi transparente e flacida agora, deixava vêr a rede azulada das veias, e tombava inerte no sopha ao mais simples movimento.

Apenas a respiração tibia, debil e irregular que lhe levantava o peito deixava ao misero enfermo algumas apparencias de vida.

De subito, abriu os olhos. Tinha sentido um beijo feminino roçar lhe a face.

Era a Fornarina que se sentára a seu lado.

—Ouviste os senhores doutores—disse o pintor com sorriso triste.—Agora já não deves ter ciumes, visto que elles dizem que te amei de mais...

—Sim... sim—respondeu a Fornarina, esforçando-se por parecer tranquilla.—Mas isso já acabou... Agora deves recuperar as forças perdidas... e trataremos de ser prudentes...

—Oh! isso é muito facil de dizer!—tornou Raphael beijando a mão da bella amante, por quem se finava.

—Calla te!—dizia ella, procurando ainda que em vão fugir ao enlace e aos beijos do artista.

—Não sabem acaso os medicos—continuou elle—que contra o que elles preceituam tu es a minha vida, e que em teus beijos recebo nova força.

e novo alento?... Olha, já me sinto melhor... Vês, até seria capaz de andar...

E, dizendo isto, o pintor assentou-se no sofá, como quem queria juntar á palavra a acção.

Os seus olhos chispavam um brilho estranho.

— Não, não te apartes de mim — accrescentou, dirigindo-se á Fornarina. — Quando sei que estás a meu lado, sinto-me forte...

— Pois bem, não me apartarei de ti... mas não quero que me toques... Olha-me sómente...

— Amo-te! — suspirou Raphael.

N'este instante abriu-se a porta do *atelier* de par em par.

— Eu disse-te — gritou Raphael — que não queria receber ninguem! Fatiga-me!

Mas ao vêr Hochstratten deante de si, conteve-se.

— Senhor Raphael — disse o inquisidor — Sua Santidade, o Papa Leão X, vem em pessoa informar-se da vossa saude.

E de facto, Leão X, n'aquelle momento, entrava a soleira da porta.

Emquanto o pintor saudava o Papa, o inquisidor fitava despejada e cynicamente Fornarina, a sua pobre victima.

A Fornarina sentiu-se desfallecer. O Pontifice, no primeiro relance, julgou morto o pintor. O plano infernal que o grande inquisidor machinára havia surtido maravilhosamente o seu effeito. A morte, desembaraçando o Papa do seu rival, ia-o fazer entrar na posse de Maria de Bibiena, posse que depois ninguem lhe disputaria.

— Porque é que dizem — exclamou o Papa em tom mellifluo e affectuoso — que estaes doente? Vendo-vos ninguem acredita... Talvez trabalheis de mais...

A Fornarina, em pé, defronte de Hochstratten, lembrava-se do ultraje que o inquisidor lhe infligira, a trama arteira que lhe armára, todos os espinhos moraes que a haviam feito sangrar, em silencio, e por causa dos quaes aniquilada, exanime, vencida, se havia entregue ao que ella chamava o eleito do seu coração. Sentia os olhos ennublarem-se, a cabeça pesar-lhe extraordinariamente, ao evocar todas aquellas crudelissimas recordações, e decerto teria caído desmaiada no chão, se para se subtrahir á fascinação infame d'aquelle olhar de milhafre não se tivesse retirado para uma camara proxima, separada apenas do *atelier* por uma colgadura.

Hochstratten, que não descravava d'ella o olhar, poude vêr o gesto de intima repugnancia com que ella limpou os labios ao retirar-se, como querendo apagar completamente os beijos sordidos que n'elles o inquisidor imprimira, no dia fatidico em que a violára.

A visita do Papa não foi muito demorada. O Pontifice não quiz fatigar o enfermo. Prometteu tornar a visital-o dentro de alguns dias, e na occasião congratulava-se comsigo mesmo de ter vindo pessoalmente, pois assim po-

déra apreciar bem que a doença não era tão grave como lhe haviam querido persuadir, e que bastariam alguns mezes apenas de remanso e tranquillidade para o restabelecer.

Raphael quiz acompanhar até á porta a illustre visita. Era já noite: e um creado precedia com um archote em punho. Para que a corrente d'ar não prejudicasse a saude debil do artista, não se abriu a porta que deitava para o jardim, senão ao chegarem ao ultimo degrau. Mas mal ella se abriu uma rabanada de vento apagou o archote. A lua illuminava o vestibulo com a sua claridade leitosa.

Raphael, então, estacou estupefacto, os cabellos em pé, emquanto que o Pontifice, pavido, recuou até á parede, cravando os seus olhos esgazeados, e dilatadamente fixos, n'um determinado ponto da escada.

Este local era aquelle em que, ao pé d'uma estatua, Domenico, o creado de Raphael, havia sido assassinado, quando se dispunha a saír, para assistir ás bodas d'um outro creado, tendo envergado o fato do pintor.

Por casualidade tudo estava no mesmo logar, como n'aquella noite tão fertil em successos e emoções, e o Papa, mau grado todo o seu endurecimento, sentiu morder-lhe a alma o espinho do remorso. Deve decerto estar recordado o leitor que Raphael guardára profundo silencio sobre o assassinato, advertido por um presentimento, cuja impressão o amor cedo lhe apagára.

Julgou descortinar em todo aquelle successo algum inimigo que se equivocára com o trajo de Domenico, tomando-o por elle, e que o misero famulo fora victima de um homicidio, que não tinha outro objectivo senão a sua propria pessoa.

Bem sabe o leitor que o artista não andava muito distanciado da verdade. Quem, porém, fôra o assassino é que Raphael não podéra averiguar nunca.

De repente, e sem que razão alguma tal justificasse, viu em frente d'elle o Papa, um homem por tantos motivos respeitavel (pelo menos tinha-o por isso), e via-o pallido, demudado, pavido, turbado de uma extraordinaria maneira. E rapido como a luz de um corisco, riscando com a sua flecha azul um ceu de temporal, com essa lucidez propria dos moribundos, teve a visão, mais do que a concepção, de um acto infame, uma torpeza.

—Parece-me que sei—disse elle ao Pontifice—a causa da vossa impressão.

—O que é?—disse Leão timidamente.

—É esta nodoa de sangue.

E Raphael levou o Pontifice áquelle local que, attenta a sua posição, era de crêr que não tivesse visto ainda.

—Ah! sim! sim!—disse o Papa—Mas...!?

—Este sangue é o resultado de um homicidio que se perpetrou n'este logar.

—É verdade isso?...

—A victima foi até um creado meu.

—Ah!

—Não sei por que superstição, deixei que se conservasse esta nodoa do crime... Sabeis quando se commetteu?...

—Eu!?...

—Foi precisamente n'aquella noite mesma em que me fizestes avisar que os ladrões se me haviam introduzido em casa.

—Os ladrões!?...

—Não vos lembraes?... Vós mesmo, lembra-me bem, me mandastes logo recado para que vos inteirasse do que havia occorrido.

—Talvez...

—E eu respondi-vos que havia ficado apenas quite pelo susto.

—Lembra-me agora, effectivamente.

—Pois enganei-vos então... Tinham assassinado um homem.

—Isso é grave.

—Assassinaram-no, cuidando que vibravam em mim o golpe.

—Não é possivel!

—Pois é a verdade. O desgraçado ia para saír, para assistir a uma festa. Tinha a minha estatura aproximadamente, e além d'isso vestira um fato meu, o que fez com que o assassino, sem duvida por causa da noite estar escura, o confundisse commigo.

Leão X procurava dominar a sua turbação e parecer tranquillo; mas como se o espectro da sua victima o perseguisse, do qual lhe parecia ainda escutar os cruciantes gritos da agonia, era prêsa d'uma visivel confusão que o trahia e denunciava.

Hochstratten, notando esta compromettedora turbação do Papa, disse, com voz cava de cólera:

—Que miseravel!

—Sim—continuou Leão X—devia ser um grande miseravel!...

Um silencio terrivel e esmagador se succedeu, ao cabo do qual, Raphael, correndo a sustentar Sua Santidade, que parecia desmaiar, perguntou, sollicito:

—Mas o que é que tendes?... Descóraes?...

—Nada... não é nada... Obrigado. Impressionou-me a narração d'esse successo desastroso, e tambem a proximidade d'este maldito logar... Não me sinto bem.

Comprehedendo, em seguida, que não lhe era possivel prolongar aquella situação, accrescentou, dirigindo-se ao pintor:

—Meu amigo, estaes doente, e portanto retirae-vos, que a noite está desabrida e fria.

Decerto estava fria, visto que o Papa tremia com effeito, se não era por outro motivo diverso do estado da temperatura.

Leão X encostou-se ao braço do inquisidor, e saíu com passo lento.

—Sou um doido!—murmurou o Pontifice, afastando-se—Nunca eu tivesse vindo!... Deveria recear isto... Portei-me como uma creança... Agora ficou ao facto de tudo... Descobri-me a mim proprio. Não digas que não, Hochstratten. Asseguro-te que agora sabe tudo...

—Felizmente, não viverá muito—retrucou o grande inquisidor.

Entrementes, Raphael ficára profundamente apprehensivo, com a cabeça baixa, encostado ao pedestal da estatua.

—Que quer isto dizer?—perguntou em voz alta, a si mesmo, não se atrevendo a penetrar o fundo do seu proprio pensamento.

De repente levantou-se sobresaltado.

Um homem cujo perfil nitidamente se destacava na penumbra, surgiu deante d'elle, dizendo:

—Isto quer dizer que o Papa tentou assassinar-te.

Raphael recuou, espantado.

—Nada receeis. Sou vosso amigo.

—Vós?

—Sim, sou vosso amigo, porque lucto contra os vossos inimigos.

—Não vos entendo.

—Chamo-me Mohammed.

—O envenenador?...

—Melhor será dizer o envenenado, pois que escapei por um milagre aos effeitos d'uma beberagem que o Papa me mandou ministrar.

A lembrança das nodoas que molhavam o cadaver de Domenico cruzou de chofre pela imaginação de Raphael.

—Miseravel!—clamou elle—foste tu, quem...

—Sim, fui eu, que, sem saber para quem era, juro-vos, envenenei a adaga que Leão X, meu nobre amo, dirigiu contra aquelle que julgava ereis vós.

A voz do arabe vibrava tão sardonicamente, concordava tão bem tudo quanto dizia com o que o pintor havia momentos antes tinha presenceado, que não poude Raphael deixar de lhe dizer:

—Acreditar-te-hei se me deres uma prova do que afianças. Que interesse podia ter o Papa em assassinar-me?...

—Não sabeis acaso que o estorvaes?...

—Eu!?... Em que?

—Por causa de uma mulher...

—Qual?...

—Uma mulher que elle ama...

—Maria de Bibiena?... Mentes!

—Acreditaes tanto n'este amor como eu, visto que acabaes vós mesmo de proferir o nome d'ella.

Raphael, transido de dôr a tantas provações, escondeu a cabeça entre as mãos.

De repente, no seu espirito uma grande luz se fez, á claridade da qual elle decifrou todo o mysterio da conducta do Papa, e achou a explicação de muitos successos que lhe haviam passado despercebidos, taes como a hospitalidade offerecida pelo Pontifice á sobrinha do cardeal...

—Pobre Maria!...—murmurou.

De chofre todo o antigo e desdenhado amor como que lhe affluiu ao coração. Já não o maravilhava n'aquelle momento a revelação de Mohammed: o que occorrera dava visos de verosimilhança a todas as supposições: elle e ella haviam sido o centro de uma teia de aranha tecida pelo Papa, e o seu cumplice, o infame Hochstratten.

Quem seria capaz de dizer quantas revelações lhe não ia poupar a morte!...

Como esbarrondado pelo desanimo, o pintor curvou a cabeça. Dir-se-hia que aguardava que um raio mais implacavel ainda o varejasse, fazendo-o expiar o abandono da sua noiva, cuja feia acção apreciava agora, carregada das tintas mais turvas.

—Maria! Maria!... —gemeu elle com uma voz lamentosa e dorida.

Mas, de subito, levantou a cabeça. A Fornarina surgia, no cimo da escada, com uma lampada na mão.

Inquieta por não vêr apparecer o amante, vinha em busca d'elle exactamente no momento preciso em que elle proferia, com enternecimento e melancolia, o nome da rival.

—Ah!—disse a Fornarina com triste resentimento—o que foi que succedeu, para que o nome d'essa mulher saia da tua bocca com tanta paixão?... Vaes tornar a amal-a novamente?... Dize!... Responde...

A estas palavras Raphael ficou como empedrado, e passou a mão pela testa como se tentasse repellir um pesadelo penoso.

Um observador poderia mesmo desconfiar que o molestava, ou lhe irritava os nervos ouvir o som d'aquella voz tão querida.

Não podendo resistir a commoções tão repetidas, o pintor moribundo sentiu que as forças o abandonavam, precisamente no instante em que o seu antigo amor resurgido lhe fazia appetecer com mais ardencia a vida.

Pareceu-lhe vêr tudo girar em roda, e julgou-se arrebatado para um desconhecido abysmo por mãos tenazes e invisiveis. Uma pallidez mortal lhe invadiu a face, sentiu como que um vazio no cerebro, e como o coração lhe batesse acceleradamente, encostou-se á escada, para não caír. N'este momento comprehendeu nitida e lucidamente que estava á borda da sepultura. Suppôz mermo que morreria n'aquella escada em que já topára com dois cadaveres.

Morrer! Tão novo!... Seria possivel?...

Estaria elle acaso á beira de morrer tão prematuramente, se não fosse *ella?*... Ter-se-hia lentamente extinguido, se não fosse aquella mulher que o enfeitiçára, que o dominára e convertêra n'um joguete seu, quem sabe se apenas com o fim de impedir que elle amasse Maria, e matal-o, por conseguinte, com mais segurança?

Oh! com certeza esta era a verdade! Da primeira vez haviam falhado o golpe, e por isso haviam recorrido a novo meio.

Quanto soffre agora o miserando artista!... Parece que uma garra acerada e adunca o empolga, retorce, e lhe rasga, impiedosa, o coração.

—Raphael!—gritou Fornarina, correndo para elle, ao vel-o cambalear, e amparando-o nos braços.

Mas o pintor, fazendo um energico e maximo esforço, repelle-a de si e, no olhar, ella apenas vê relampaguear um odio invencivel.

—Ah!—gritou-lhe—deixa-me! Assassinaste-me, vampiro!...

—Eu!?...

Mas dos labios do sublime pintor golfa n'aquelle momento uma espuma ensanguentada.

—Raphael!—repetiu fóra de si a Fornarina.

E n'este grito, n'este arranco d'alma, no fusilar angustioso dos olhos, nas suas feições contrahidas, o pintor leu uma expressão tão funda e magna de desespero, um amor tão sincero, tão verdadeiro, que, adoçando o olhar, murmurou, sumidamente:

—Perdôo-te...

E n'isto, a cabeça pendeu-lhe, um movimento espasmodico lhe torceu e agitou convulsamente a bocca...

O grande artista estava morto.

Tinha-o assassinado o Amor. (1)

Tristes, verdadeiramente tristes, foram as pompas funebres.

Todo o povo vestia luto. No prestito funerario encorporaram-se todas as illustrações que Roma encerrava no seu seio. Todos os aureolados pela gloria vieram prestar o derradeiro preito áquella gloria pura e sublime. A multidão seguia atraz do esquife muda e contristada. A morte de Raphael era uma calamidade publica, um luto geral, que em todos os corações encontrava echo poderoso. Por toda a parte reinava um silencio glacial de morte, só interrompido pelo dobre lugubre dos sinos.

(1) Amava Raphael, de facto, com grande paixão Ledia — pois que é com tal nome que a historia conhece a Fornarina.

Consta que esta moça possuira de tal fórma o coração do artista, que chegou a não encontrar a inspiração sublime que revelou em todas as obras, ao sentir-se longe d'ella.

Para trabalhar carecia de banhar-se na luz d'aquelles olhos resplandecentes, ou respirar o perfumado halito da sua bocca amada, fresca e punicea como as rosas que cantou Sadi, o poeta persa.

Chegava a sental-a ao pé de si nos andaimes para pintar os frescos dos palacios celebres: foi assim que terminou os frescos da capella do banqueiro Angeltivo Chigi, que d'outra sorte não concluiria nunca talvez: a seu lado tinha tambem a Fornarina quando trabalhava no Vaticano, essa faustuosa moradia dos Pontifices da Egreja, esse palacio de marmore e ouro dos Papas.

Segundo a chronica, Raphael morreu na sua quinta de uma febre aguda, chamada *mal aria*, no dia de Sexta-feira Santa de 1520. A noticia da sua agonia circulou celeremente por toda a cidade eterna. O Papa, em pessoa, foi visital-o, acompanhado de seus cardeaes, de Miguel Angelo, e de Ariosto. Raphael, porém, não poude já responder ás palavras do Pontifice.

Então Leão X n'um arranco de verdadeira besta féra catholica, apostolica, romana, ao topar a Fornarina que, debulhada em lagrimas, se lastimava e carpia, a um canto da alcova, sem respeitar uma dôr que elle decerto não podia comprehender, pois tinha atrophiada a faculdade moral de conceber os nobres impulsos d'um verdadeiro amor, arremetteu para ella apostrophando-a, e increpando-a brutalmente, chamando-lhe *impura marafona*... e outros que taes dizeres sordidos e chués, mas pontificaes.

A Fornarina, alanceada mortalmente pela apostrophe asselvajada e insolita do Papa, tanto mais insolita por saír da bocca d'um Pontifice illustrado, que deu o nome ao seu seculo, e que passou por ser o protector das letras e das artes, soltou um grito de agonia, e caiu sem sentidos nos braços de Julio Romano, o discipulo mais dilecto de Raphael.

Uma hora depois fallecia o immortal pintor de Urbino, legando em seu testamento á Fornarina recursos para poder passar uma existencia desafogada e honesta.

O que foi feito depois da bella transtiberiana, da gentil inspiradora do maior pintor do Universo, do ideal humano e admiravel de tantas telas que parecem sobrenaturaes, ignora-se.

O pintor tendo feito d'ella o prototypo da belleza espiritual, emprestando o seu rosto mil vezes reproduzido a todas as bellas imagens de Virgens do Vaticano, e fazendo pôr a humanidade de joelhos deante d'essas deliciosas Madonas, parecia ter-se vingado antecipadamente da arremettida brutal d'esse Pontifice, enthusiasta admirador de Pedro Aretino, o escriptor venal e pornographico da época.

Demais sabem hoje aquelles fieis, que vão ajoelhar-se ante a imagem da Virgem Mãe da crença christã, que aquelle rosto de belleza peregrina e incomparavel e o rosto da humilde habitante das margens do Tibre, da filha singela e adoptiva d'um padeiro, da Fornarina emfim, ultrajada pelo Papa, e beatificada pelo genio d'um artista preclaro e unico, que nas azas do amor a arrebatou do leito de cortezã, e a installou audazmente no ceo da religião catholica, personificando n'ella a *Mãe de Christo*.

(N. do T.)

A guarda do Vaticano, com as armas em funeral, acompanhava o feretro que encerrava os despojos mortaes do grande artista, e o ataúde quasi desapparecia debaixo da quantidade de corôas com que o juncaram.

A missa de *requiem* terminára ha muito: mas nem por isso se viam saír da egreja os assistentes.

Ah! disse Raphael. Deixa-me que me mataste!

Cap. XLV.

Começou, finalmente, o sombrio desfilar do cortejo, o qual caminhava por cima das ruas litteralmente transformadas em leitos de flôres desfolhadas, tal e qual como na egreja. Entre os que seguiam á derradeira jazida o cadaver de Raphael, ia o Papa, extremamente pallido.

As damas romanas velavam os rostos com longos véos de luto, e sob esses negros crepes de desolação, mais de um par d'olhos rutilantes e gen-

tis chora e orvalha o setim das faces. Quantas não teriam amado esse moço tão esbelto e garboso que baixa á lagem tumular tão precocemente, na primavera da vida, do genio, e dos amores!...

O cortejo, entrementes, continúa desfilando a passos pautados.

Aonde se dirige?... Decerto que não toma o caminho do cemiterio que está fóra do recinto da cidade, mas passa a ponte do Tibre, que furioso, corria engrossado com as aguas da chuva que caíra d'um ceu ainda escurentado, como se elle proprio tivesse deitado luto pelo trespassamento do genio.

Tendo passado a ponte, o prestito continuou mais além.

É que Roma havia querido conservar Raphael em seu seio. Aquella geração que o applaudira, invejára, e admirára, unira-se para lhe fazer a apotheose, e conduzir os seus restos ao Pantheon, o templo da gloria, onde o genio vive perduravelmente, celebrado como um deus.

Uma mulher occulta no fundo de um carro, chora amargamente... Não dizemos bem, não chora, visto que se lhe seccou a fonte das lagrimas.

Tendo chegado emfim o feretro á capella sombria, em que oscillam as luzes dos cirios, unicas luzes que o alumiam, pois todas as janellas estão hermeticamente cerradas, e sellado o caixão do morto illustre, a ceremonia termina, e os convidados retiram-se tristes e silenciosos.

A mulher que chorava dentro do carro, deteve-se ainda um longo espaço, em oração, até que ao cabo, com passo automatico, encaminhou-se para as ruas que ficam da outra banda do Tibre. Caminhava abstracta, afundada em suas cogitações, sem que coisa alguma que a rodeia, lhe desperte a attenção.

Aonde irá?

Por fim eis que torna a voltar atraz, e demanda as margens do Tibre, sem se dirigir, comtudo, para a frente... Encaminha-se para o caes. As aguas lodosas do rio agitam-se em furiosos turbilhões, batendo desesperadas contra os pilares da ponte, e engolfando-se nas estreitas aberturas dos arcos.

A mulher continúa descendo o caes, e por fim chega até á beira mesmo da agua, com passo rapido e seguro.

—Lodo! vasa!... murmurou ella—Não importa! seja!...

E com um gesto firme alçou o véo que a cobria, e o bello rosto aperolado da Fornarina appareceu... Cravou seus olhos marejados de lagrimas no ceu... Seus labios moveram-se como se quizessem articular um nome... Mas os soluços embargam-lhe a voz, que a commoção turba... Estremece e cala-se, como se nunca mais devera proferir aquelle nome querido... Depois de escasso tempo, um quasi nada, um segundo e um seculo, circumvagou o olhar em roda, e observou tudo com olhar suspeitoso e inquieto... Ninguem a vê, ninguem... Ninguem se abalançará a salval-a... Temeridade seria fazel-o com a vaga tão marulhosa e tão temivel cheia... Assim parece reflectir a mulher, e sem mais vacillar precipitou-se no redemoinho das ondas, que lhe envolvem as roupas, e algum tempo a fazem fluctuar... fluctuar...

CAPITULO XLVI

Dois paes que se perdem, e uma mãe que se encontra

—Annibal!

A voz rouca que gritava por este nome não obteve resposta.

O vento soprava através das frinchas de um tugurio, ou choça terrea, misturando os seus uivos desaccordes a outros ruidos que partiam do interior, e que qualquer tomaria por susurros humanos, regulares e sonoros, confundidos a choros e vagidos de creança.

Se acaso não eram, pareciam-se no emtanto, muito.

A unica casa de que se compunha aquella miseravel habitação, estava litteralmente ás escuras.

—Annibal!—repetiu a mesma voz.

Uma especie de grunhido respondeu a este chamamento.

—Annibal!—repetiu ainda de novo a voz.—O menino chora.

—O menino!

E o amigo de Spavento saltou da cama n'um pulo.

Mas debalde esfregou os olhos, nada via.

—Trovões e raios!—esbravejou—Apagou-se a luz!

Apanhou conforme poude algumas folhas seccas, e começou a bater na pederneira, d'onde jorrou afinal um feixe de faiscas.

—Até que afinal!—disse acabando de assoprar aquella mecha improvisada.—Faz um frio de trinta mil diabos! Que excommungado paiz é este da Allemanha! Quem me dera agora o ceu azul da minha Italia!...

Graças á luz do fogo que Annibal accendera, podia-se vêr agora distinctamente os objectos da choça. Esta estava em completa desordem, não se enxergando n'ella sombra de cama, de bahú, de mesa ou quejanda coisa parecida.

Só a um canto se lobrigava uma manta de cavallo e uma pelle, ambas rotas e esfrangalhadas, as quaes tapavam uma especie de cama, d'onde partiam os vagidos. Spavento ao fundo, estendido na dura e rasa taboa do sobrado, tinha philosophicamente os olhos fechados.

Ao que parecia, o luxo e a abundancia não deviam visitar frequentemente a habitação dos dois companheiros de gandaia, a não ser que esta miseria fosse apenas apparente, e para certos fins ulteriores.

—Mandrião!—murmurava Annibal, deitando um olhar de desprezo a Spavento—ainda tem a incivilidade de me chamar, em vez de se levantar elle mesmo, e de vir saber o que o menino tem!...

E dizendo isto, encaminhou-se para o canto em que a creança proseguia berrando, e acercando-se d'ella, abaixou-se, e pegou ao collo no pequeno, que ao vel-o se sorriu todo.

—O que ha de novo?—dizia Annibal ao increnque—Choravas só pelo gosto de vêr o papá Annibal, bréjeirote?... Tens fominha?... Não?... Tens sede?... Ah! coitadinho, já sei porque choras... Estás cheio de frio, todo inteiriçado, pobre cherubim!... Espera lá...

E o espadachim, com mil cautelas maternaes, pegou no pequeno e aproximou-o do fogo que diffundia um agradavel e tibio calor.

—Isto é para o exterior!—accrescentou elle.

Em seguida pegou n'uma cabaça que estava proximo, e com um sorriso paternal, que contrastava bastante com a expressão ordinaria da sua face ornada de descommunal bigodeira, disse:

—Agora isto, para o interior.

Chocalhou a borracha e fez um gesto displicente, e de desconsolo.

—Hum! Não tem lá grande coisa!... Os nossos beijos esgotaram a fonte... Mas emfim sempre resta alguma coisa... Anda, bebe, escorrepicha...

Verteu o resto do conteúdo da borracha na bocca da creança, a qual bebeu, tossiu e cerrou os olhitos que se lhe encheram de lagrimas, mas que acabou por estender as mãositas para a cabaça, pedindo mais com sorriso expressivo.

—Isso não! Basta já de kirschwasser! Caspite!... Já bebeste a tua pingola!... Não convém abusar, sobretudo na tua edade. Aonde chegariamos mais tarde!... Promette, o fedelhote!.. Que bellas pinguinhas não has-de escorrepichar, meu filho!... O que eu sinto é não nos poderes acompanhar já...

Dizendo isto conchegava e agasalhava novamente o indez, ao qual tornou a levar para a cama.

—Sabes—continuou elle, emquanto lhe aconchegava a roupa—que a sorte não nos tem sido favoravel, ha seis mezes já, depois que te encontramos... Mas tambem não te podemos deixar aqui ao *deus-dara* n'estas montanhas... Não ha remedio, um de nos tem de ficar sempre comtigo, a tomar conta em ti... E um homem só, bem vês tu, não é facil que faça lá grande negocio... A propria Escriptura lá o diz: *Va soli!*... A desgraça acompanhara o que trabalha só... E isto sem fallar em que a gente d'este paiz é excessivamente desconfiada, e não aprecia os trabalhos da gente habil... Demais não ha segurança... A cada passo topa a gente com

a patrulha, e os nossos signaes e a ordem para nos prenderem teem sido dados mais de mil vezes... Vamos dormir... Nada d'isto te interessa, nem me diverte a mim... Dorme, dorme, meu pequerrucho, que logo que seja sol nado precisamos de mudar de pouso, obrigados como estamos a viver d'olho álerta... Faze *ó-ó*, meu pequerrucho, que eu tambem vou para a socega...

Annibal, de facto, estendeu-se ao pé do lume, depois de o haver coberto de cinza.

Ao cabo de um segundo acompanhava com roncos sonoros o somno innocente da creança.

Qual seria a origem d'aquella estranha paternidade? O que é que motivaria o acendrado carinho que os dois bandoleiros votavam ao pequeno? D'onde lhes teria caído aquelle indez? Seria elle o resultado de uma aventura amorosa, e tel-o-hiam adoptado por isso n'um extremo de generosidade?

Nada d'isso.

Esta creança ha seis mezes que acompanhava as peregrinações dos dois espadachins, mas durante todo esse tempo a adversidade não deixára de contrariar, a todos os respeitos, a industria que constituia o seu modo de vida.

A sua miseria não era apparente: mas, pelo contrario, muito real e positiva.

Spavento, que era a intelligencia d'aquella associação, assim como Annibal era o braço, tinha certo dia dito ao companheiro, com ar de intimo gaudio:

—Venho propôr-te uma bella expedição...

—Coisa que dê lucros?...

—Olaré!

—Conta commigo!

—Imagina tu que a expedição de que te fallo é como que o *pendant* da espada do Archanjo...

—O que? Trata-se de ir a alguma egreja?...

—Sim, a uma capella occulta na montanha...

—Uma capella isolada?...

—Quasi que deserta.

—Então o que é que suppões achar lá?...

—Um Christo de ouro.

—De tamanho natural?...

—Sim.

—Pelas tripas da Virgem! Que me dizes?...

—Não te enthusiasmes tanto, para que não arrefeças depois...

—O que queres dizer? Será acaso um Christo ôco?

—Nada d'isso. É tão macisso como tu...

—Então porque é que...

—É porque é um Christo creança, um Menino Jesus...

—Oh que pena! Eu preferia vel-o já homem feito...

—E eu tambem.

—E depois, que mais?...

—É um menino deitado no presepio. N'outro tempo, Reis Magos, tambem de ouro, o adoravam...

—Que scena enternecedora!...

—Sim, era uma joia de principes... mas agora os tres reis não estão já lá, porque desappareceram, e...

—Sinto-o bastante!... Decerto alguns collegas nossos tiveram a mesma brilhante idéa e puzeram-a em pratica...

—Tal e qual.

—E como tiveste conhecimento d'isto?...

—Ouvi-o contar a um camponio.

—Visto que se trata de uma lenda, a coisa não me cheira...

—A lenda é muitas vezes o manto em que se embrulha a verdade. O que é que perdemos, experimentando?...

—Nada. Comtanto que procedamos com geitinho e tino...

Depois d'este colloquio, sem mais vacillações, os dois confrades puzeram-se em ordem de marcha.

Quando chegaram ao edificio em ruinas, alvo da expedição, os dois aventureiros entreolharam-se com gesto de desagrado.

Haviam chegado perto d'uma capella não só em ruinas, mas aberta a toda a rosa dos ventos.

—Deves concordar commigo—disse Annibal desconsolado—que seria prova de supina toleima ter deixado um objecto de tal valor em semelhante escalracho...

Talvez que a pressa com que fugissem, aterrados de um perigo qualquer, ou algum assalto imprevisto bastem para explicar...

Que o tenham deixado cá ficar?... Concedo. Mas isso não explica que ainda esteja cá.

—Ha ladrões a quem a superstição embaraça, e não se atrevem...

Em honra da verdade devemos declarar que Spavento replicava para replicar, mas que estava tão descorçoado como o seu collega, e começava a desconfiar—e era isto o que o desesperava! que se deixara engrolar por uma ballela, como se fosse uma mulher, ou um pacovio...

Entretanto, querendo convencer-se, foi penetrando na capella seguido do seu confrade.

Em seguida dirigiram-se ao côro.

Ouve lá—disse Annibal batendo com a mão no hombro do companheiro—o que é aquillo?

—Aquillo que?...

—Aquillo que se lobriga lá em baixo...

—Não enxergo nada.

—Na parede... um pouco mais em cima... em frente...

—Olá! olá!...

No local indicado pelo espadachim chispava nitidamente, a luz de um

raio solar, qualquer coisa que a escuridão não deixava distinguir bem o que fosse.

—Ouro!—clamou de golpe Spavento, cujo olhar fuzilou ao mesmo tempo de legitimo orgulho, e intima satisfação.

—Será o nosso Menino Jesus?—melodiou Annibal.

Depois de se haverem bem certificado de que estavam sós, adeantaram-se, esporeados de aguda curiosidade.

—Agora bem o vejo!... Está deitado com a bocca para cima...

—É verdade, e eu vejo-lhe os pés, que decerto são pintados côr de carne.

—E eu vejo-lhe as mãos...

—E eu a cara...

—Só o que noto... ouve lá...

—O que é?

—É coisa rara... Só lhe vejo brilhar um lado do peito.

N'isto haviam os dois cavalheiros d'estrada chegado ao pé do nicho, o qual estava collocado a uma tão pouco rasoavel altura, que difficilmente poderiam chegar até lá.

De chofre, ambos os aventureiros estremeceram, e quedaram-se mudos. Figurou-se-lhes que o Menino Jesus, que tanto excitava a sua cupidez, chorava no presepio.

—Alguem diria que...—disse, boquiaberto, Spavento.

—É uma creança, não ha duvida!...

—Então, é milagre!...

—Coragem, homem!... Vejamos este prodigio!...

Apesar, porém, de se encorajarem mutuamente, nenhum dos dois aventureiros se atrevia a arredar pé do sitio aonde estava especado.

Parecia que tivessem ficado alli empedrados, como estatuas quedas. De facto, o innarravel successo de ouvirem o Menino Jesus chorar, caso era para espantar o mais pintado e aguerrido.

E os vagidos do Menino eram cada vez mais fortes e sonoros.

Era caso.

—Annibal!—desembuchou por fim Spavento—espera, que eu vou trepar aos teus hombros.

Dito e feito; e momentos depois Spavento descia, trazendo ao collo um pequerrucho de carne e osso.

—Oh, que bonito que é!—exclamou Annibal.

—É verdade!—confirmou o amigo, que ajuntou em seguida, referindo-se a um objecto que elle trazia pendurado ao pescoço, e cujo brilho lhes chamára a attenção:—Mas o que é isto?...

—A metade de uma medalha.

—Deixemos-lh'a.

—Está claro!

—E como já nada temos que fazer, fujamos d'aqui para fóra!

E Spavento, com o jelmo ao collo, encaminhava-se com passo resoluto para a porta.

—Ouve lá—disse Annibal—tu levas o pequerrucho?...

O espadachim, a estes dizeres, aprumou-se, e respondeu dignamente:

Se o levo!?... Que pergunta!... Pois não vês que o desgraçadito foi abandonado por alguma mãe desnaturada, ou infeliz?... Sim, levo commigo o pequerrucho! Pois não te estremecem todas as entranhas, todas as fibras á vista d'este innocentinho!... Annibal, considera que este pequeno é um filho das hervas, e póde ser muito bem um nosso filho, pela mesma razão de que tendo nascido de paes incognitos, tanto póde ser o pimpolho d'um Papa, como o de um rei... E na verdade te digo, na verdade que póde bem ser um filho nosso... Não vês como é engraçadito, o fedelho!... Queres então, ó tigre, que o deixemos abandonado n'esta capella de corujas?... Queres que fique para aqui, n'estas ruinas?... Sim, levo commigo o pequerrucho!

—Tens razão!—disse Annibal enternecido por aquelle discurso eloquente. Tens razão! Não devemos abandonal-o!... Antes pelo contrario, deve ir comnosco, ainda que seja para o fim do mundo...

—Vamo-nos pois!—disse Spavento, pondo-se em marcha, e accrescentando em voz sumida:—Será esta talvez a primeira boa acção que tenhamos feito!...

—Tambem não digo que não!—replicou Annibal, a quem não haviam escapado estas palavras.

—Não sei porque, tenho um palpite de que este pequeno nos ha-de trazer a felicidade!...

—Talvez tenhas razão!

E os dois aventureiros, mais commovidos na realidade do que elles mesmos queriam apparentar, beijaram a face rosada do pequeno, e quiçá alguma lagrima furtiva lhes humedeceu o rosto.

O olhar d'uma creatura inerme e innocente fizera brotar agua dos rochedos d'aquelles peitos.

Iam já a transpôr o limiar da capella, quando recuaram aterrados. Uma sombra enorme parecia querer-lhes embargar a passagem. E a sombra movia-se lenta e magestosamente batendo umas azas enormes.

—Uma aguia! exclamou Annibal, estremecendo á recordação da aventura que lhe havia succedido outr'ora com outra ave semelhante, que arremettera contra elle.

Era o caso que a aguia que se dispunha a entrar na capella lobrigára os nossos dois aventureiros, e é fóra de duvida que a sua vista lhe causára mais impressão do que a d'ella nos espadachins, porque recuou, levantando o vôo, direita aos abetos que coroavam os flancos da montanha.

O acaso havia conduzido Annibal e Spavento á capella, na occasião precisa mesmo de salvar de uma morte certa a Giannino, o filho de Francesca Pandolfini, que vimos arrebatado por uma aguia, no acto da degola dos innocentes em Torgau.

Quando os primeiros alvores esbranquiçados da alvorada começaram a alumiar a choça em que vimos Annibal desempenhar tão conspicuamente as funcções paternaes, Spavento poz-se em pé.

— Arriba! — gritou elle a Annibal — Toca a levantar! A pé, madraço!... Sempre dormes como uma toupeira! Não tens vergonha? Não sabes que

O passaro, que se preparava para entrar, lobrigou os dois homens.

CAP. XLVI.

aqui não podemos continuar?... Cuidas que vamos achar algum thesouro, n'este canto maldito da montanha?...

— Ai! — exclamou Annibal espreguiçando-se. — Aqui, ou n'outra parte tudo é o mesmo!...

E escabeceando melancolicamente, ajuntou:

— A sorte aposentou-nos, caro amigo!...

Mas Spavento não se dignou sequer responder, contentando-se em en-

colher os hombros, com toda a expressão de desprezo que lhe merecia uma opinião tão desesperada.

Aquelle profundo philosopho, herdeiro em linha recta das doutrinas stoicas, professava a maxima profunda de que o desalento é tempo perdido.

—Em marcha!—clamou pois.

E accrescentou em tom imperativo:

—Traze ao collo o pequerrucho!

—Pelas barbas de S. José! Então sou eu sempre a carregar com elle! Parece-me que a ti tambem te deve tocar alguma vez! Que diabo! no fim de contas, eu não sou pae d'elle!...

—Quem sabe!...—disse em tom sentencioso Spavento, que em casos identicos empregava sempre aquella reticencia contra o seu amigo.

Annibal, ainda que resmungando, resolvera-se sempre a pegar no increnque ao collo, e ambos os espadachins saíram da cabana.

Na montanha reinava um tempo infernal.

Uma aguda e fria brisa soprava, e misturava-se á chuva e ao granizo.

—Para onde vamos?—perguntou Annibal que lobrigava apenas o logar onde punha os pés.

—Sempre em linha recta, sempre para deante.

Causava riso vêr Annibal com o fedelho ao collo, respirando penosamente, e arrastando um enorme espadagão que fazia um estardalhaço infernal.

—Se o pequeno te incommoda, deixa-o!—disse Spavento.

—Para isso não valia a pena tel-o trazido!—replicou o companheiro.

—Então não te queixes nem faças tanta bulha. Não se ouve senão a ti!

Annibal não pôde então conter-se mais, e explodiu a sua bilis contra o companheiro de suas glorias e fadigas, esbravejando:

—A culpa tambem é toda tua! A dar-te credito, este pequeno devia ser o portador da nossa felicidade. Segundo o que dizias, a boa acção que haviamos feito, amparando-o, ia-nos render mil e uma prosperidades, milhares e milhares de ducados. Asseguro-te que esta será a primeira e a ultima vez que te acredite. Aonde está toda essa dinheirama? Responde. Rica felicidade nos tem trazido o fedelho! Desgraças, sim, é que nos tem acarretado! Até agora não nos proporcionou, nem proporcionará, senão desgostos!...

—Quem sabe!—replicou Spavento.

No seu intimo, porém, elle tambem estava arrependido de se ter encarregado d'aquelle fardo pesado para dois homens, e dois homens da sua profissão, que não tinham decerto aptidões para amas de leite: mas pesava-lhe ter de confessar que se enganára nas suas supposições.

Por outro lado, não era embalde que a fibra da piedade, do amor quasi fraternal vibrára no coração dos dois espadachins. Antes que abandonar a creança em condições que não fossem favoraveis á sua segurança e salvação, preferiam supportar os contratempos e os revezes.

Cerca do meio dia as nuvens do horisonte dissiparam-se, deixando apparecer um fundo de puro azul, cuja apparição Annibal saudou com gritos de viva alegria, pois estava regelado até aos ossos.

Fizeram alto um momento, e começaram à comer os magros restos das provisões. Annibal tirava da sua boca os melhores bocados para os metter na boca do pequeno, que comia com excellente appetite, acostumado como fôra, de principio, áquelle genero de vida.

Concluida a frugal refeição os dois aventureiros puzeram-se em marcha, exclamando:

—Vamos para diante, e seja o que o diabo quizer!

Mas o diabo, que parecia não fazer grande caso da extrema necessidade em que se encontravam os dois espadachins, seus servos, não lhes deparou no caminho senão miseros labregos, ou estropiados mendigos.

Caminhavam, n'aquelle momento, por um estreito carreiro no meio de dois penhascos. Spavento, que caminhava adiante, tropeçou n'um objecto qualquer, e parou, exclamando:

—Olé! Olé! O que será isto?...

Abaixou-se e ajuntou:

—Uma mulher! Desmaiada!...

De facto, o que elle levantou do chão foi o corpo d'uma mulher. O seu calçado em pessimo estado, o seu trajo quasi em andrajos, accusavam penuria extrema, que condizia perfeitamente com o aspecto tambem de pingantes que tinham os dois aventureiros. Um ligeiro laivo de sangue manchava a face da mulher, que tinha o rosto esmaecido, parece que pelas privações, mas que era no emtanto delicado e formoso, de puras linhas.

Annibal afastou-lhe os cabellos desgrenhados, que deixaram então aperceber uma ferida de pouca importancia. A misera, segundo parece, devia ter dado uma queda, e, havendo-se ferido, fora isso, decerto, que occasionára o desmaio.

Ao vel-a tão mal vestida, abandonaram os dois espadachins toda a idéa de a roubar, e trataram de a soccorrer.

Mas debalde Annibal empregou todos os esforços imaginaveis para a fazer voltar a si: a pobre mulher não dava accordo, nem signal algum de vida, o que, não sem razão, attribuiram á falta de um cordeal.

—E não resta nem uma pinga, nem uma pinga sequer!—exclamou, chocalhando o frasco do licôr.

Não passou este movimento despercebido á creança, que os aventureiros haviam acordado ao fazerem alto alli, e, como os leitores já sabem, o pequerrucho que era muito affecto ao conteudo do frasco, a que o haviam habituado os seus paes adoptivos, ao lobrigar a botelha cubiçada, sentiu despertar-se-lhe o appetite, e, estendendo os bracitos, começou a gritar.

A mulher estremeceu: abriu dilatadamente os olhos, e como que movida por uma mola poz-se em pé, fitando o olhar na creança que Annibal tinha ao collo, e a qual forcejava por apaziguar.

Um momento a mulher permaneceu queda e immovel, cravando no pequeno os olhos desmesuradamente fixos e abertos. Por fim precipitou-se sobre elle e descobriu-lhe o peito com uma anciedade febril, onde lhe viu reluzir um objecto qualquer que a maravilhou.

A desconhecida tremia dos pés á cabeça, e, ao cabo d'alguns instantes de um mudo extasis, melodiou com uma voz de que em vão tentariamos reproduzir o accento enternecido e de jubilo:

—Meu filho!

E sorria, com uma satisfação indizivel, emquanto lagrimas felizes lhe bailavam nos olhos.

—Meu filho!—repetia ella, beijando a sorridente e tenra creança, e não despregando o olhar da metade da medalha que lhe pendia do pescoço.

Esta mulher era Francesca Pandolfini, que deixamos em Torgau no momento em que Lourenço de Medicis, depois de se haver informado, por Abrahão, do paradeiro de Sara, se precipitára fóra do quarto.

Durante longas e infindaveis horas de angustia esperára a sua vinda a pobre mulher, sobresaltada e afflicta pelos gritos de desolação e desespero que de todas as bandas lhe chegavam aos ouvidos.

Ao romper a manhã Lourenço chegou, emfim, entregue á desesperação mais completa.

—O que succedeu? O que ha?... Fallae! Vistes o meu filho?—perguntou Francesca no auge da incerteza e do terror, saindo-lhe ao encontro.

Mas Lourenço não lhe poude responder. Só os olhos podiam fallar por elle, marejados de lagrimas, e condoidos do infortunio d'aquella malaventurada mãe a quem um destino adverso tanto perseguia. Curvou a cabeça, e nada disse.

—Morto!—exclamou a mãe.

—Não, não!—respondeu finalmente o sobrinho do Papa—Pelo menos assim o espero!...

—Esperaes?...

—Sim, porque de certo nada posso assegurar.

Explicou-lhe então todos os transes afflictivos a que assistira, e de como tendo corrido ao lavadouro das Aguias, só lá chegára demasiado tarde. Supprimindo todas as minucias que poude, contou-lhe, com grandes precauções, que vira esmagar uma das creanças contra uma parede, e que a outra fora arrebatada por uma aguia, que talvez fosse a salvação d'ella. Ajuntou que não podia dizer qual d'elles é que fora arrebatado pela aguia, assim como tambem ignorava se a creança poderia ser salva das garras da ave de rapina, ou se poderia alguma vez tornar a vel-a, caso não fosse victima da voracidade da aguia, ou podesse resistir á fome e ao frio.

A pobre Francesca soluçava debulhada em lagrimas, escutando uma tão tragica narrativa.

Lourenço disse mais que ao ter noticia de que cessara, ou se acalmara a furia da chacina, voltara de novo ao sitio em que morava Sara, que achou agonisante. A misera judia, reunindo as ultimas forças, achara ainda alento para lhe dizer o signal pelo qual poderia ser reconhecido o menino, caso lograsse escapar a tantos perigos que contra elle se haviam desencadeado e conjurado.

Entregou-me isto — disse Lourenço, tirando da algibeira a metade de uma medalha d'ouro. O menino — acrescentou Lourenço — tem suspensa ao pescoço a outra metade d'esta medalha. Foi ella mesma que a partiu e a atou com uma fita ao pescoço de vosso filho.

Francesca machinalmente apoderou-se d'aquella metade da medalha, que era o unico signal que lhe restava para algum dia o poder reconhecer.

— Não! — clamou ella — Não é possivel que tenha morrido... Essa seria a maior das injustiças que se poderia commetter no mundo em proveito dos miseraveis que teem perseguido uns innocentes, como nós... Sou mãe, e tenho esperança de o encontrar...

Dizendo isto, ainda que com grande custo, separou-se de Lourenço. Quem, de parte, observasse aquella amarga despedida, teria sido tocado pela suspeita de que a mulher sentia como que um turvo presentimento secreto de que não mais tornaria a vêr aquelle moço generoso.

Lourenço tinha uma missão a cumprir, e além d'isso era esperado em Roma, aonde se devia transportar para dar conta do negocio diplomatico que lhe haviam confiado, e, portanto, não podia faltar de modo algum sob pena de attraír sobre si suspeitas que o poderiam prejudicar sobremodo.

Triste e lugubre, na realidade, foi o momento d'aquella separação, que seria quiçá eterna, definitiva...

Lourenço abraçou a pobre mãe transida d'angustia, osculando-lhe pela primeira vez a face com um beijo pudico e enternecido.

—

Desde esse instante, Francesca, sem descansar um minuto, percorreu a montanha em todas as direcções. Sara, que foi a primeira pessoa que procurou, havia desapparecido, e sem duvida, com medo da peste negra, haviam enterrado á pressa o seu cadaver.

Quanto a inquirir onde paravam Luthero e Abrahão, ou tentar penetrar no carcere, caso ainda estivessem lá, seria loucura rematada tental-o.

Com o coração despedaçado, pois, puzera-se em marcha, e alimentando-se de fructos e de raizes, dormindo pelas cavernas e barrocas, pelas cavidades dos rochedos, vagueára pelas montanhas, sustentada sempre, apesar de tantos revezes, por uma secreta e intima esperança.

Nada a desalentára. Dizia-lhe uma voz interior que ainda que devesse decorrer largo espaço de tempo, ao cabo havia de ver coroado o seu desejo. Tinha uma esperança vaga, mas enraizada fundo, de que seu filho, ainda que arrebatado pela aguia, vivia, e que ainda havia de lograr a dita de o apertar entre seus braços.

Aquella existencia pois semi-selvagem que desde então cortiu e que a fazia fugir do contacto do mundo e do trato humano, — pois quanto mais o

tempo passava, mais ella desconfiava dos inimigos de que se julgava rodeada, e por isso não se atrevia a pousar em estalagem alguma e menos ainda a tocar nas pedras preciosas de que trazia os bolsos atulhados — explica o erro em que caíra um certo birbante, nosso conhecido, de sinistra e patibular figura.

Frick-Frick, o da chacina dos innocentes, seguro da morte do filho de Francesca, e tendo em seu poder a mãe, julgou a sua obra completa e segura.

Afastado aquelle obstaculo, a maravilhosa herança de Noemi passaria para as mãos da Egreja, a qual, dizia elle, não podia ser taxada de fraude, de dolo, ou de roubo. E o mequetrefe, não cabendo em si de gaudio ao magicar que em breve ia receber do Papa o preço combinado pela sua alicantiva, esfregava as mãos, todo ancho e radioso.

O futuro não o inquietava.

Havia assistido ao delirio de Francesca a qual tinha, segundo a propria phrase d'elle, presa na ratoeira, e prestes a ser immolada, quando elle bem quizesse.

Tudo caminhava pois ás mil maravilhas.

Seguro d'isto entrou na casa para onde Tetzel havia transportado a pobre doente e, dirigindo-se para lá, afagava carinhosamente um frasco que levava na algibeira, com o fim de propinar o liquido que elle continha á desgraçada, a pretexto de remedio.

— D'esta vez, sim, que não escapa! — magicava elle comsigo — Aquelle maldito judeu não a poderá arrancar das minhas mãos, nem embrulhar mais os meus projectos!...

Mal entrou em casa dirigiu-se á velha a quem confiára a sua *protegida*, e perguntou-lhe:

— Então como vae ella? Está melhor?...

— Decerto — replicou a velha. — Logo no dia immediato pôz-se a caminho, e até a benta hora em que lhe fallo, nunca mais lhe tornei a pôr a vista em cima...

— Com mil raios! — regougou Frick-Frick.

E a cólera que sentiu foi tal, que por um pouco não deita as unhas ao pescoço da velha, e não lhe torce o gasnete. A misera desfazia-se toda em mil desculpas: que não sabia... que não estava prevenida... que não lhe haviam dito nada... E que demais a mais, Francesca aproveitára-se da sua ausencia, para se escapulir...

Não restava outro remedio ao logrado Frick-Frick senão amaldiçoar a sua má sorte e o *azar* que tão obstinadamente o perseguia, afastando-lhe cada vez mais o alvo cubiçado, quando mais perto se julgava de o alcançar, que eram os milhões appetecidos.

Todas as pesquizas, depois d'este desastre de Frick-Frick e de Tetzel, foram completamente infructiferas: os seus espias tambem nenhum rasto conseguiram do paradeiro de Francesca.

Talvez tivesse morrido. Mas como não era possivel assegural-o de um modo positivo e indubitavel, de nada serviu aquella simples, posto que provavel conjectura.

Ah! como agora estavam bem arrependidos de a não terem logo espa

tifado, mal que ella lhes caiu nas mãos!... Como elles teriam depressa dado conta d'ella, agora se de novo tivesse voltado para a ratoeira aquella mulher, que lhes custava ainda a acreditar como pudera sair illesa de tantas armadilhas e revezes!...

—Meu filho! Filho das minhas entranhas!... repetia Francesca, cobrindo de caricias e beijos o pequenito encontrado.

Annibal e Spavento contemplavam immoveis e commovidos aquella scena, em que estavam ha pouco tempo bem longe de pensarem.

Tão estranha era a attitude dos dois espadachins, e tão grande o medo de Francesca de tornar a perder o filho estremecido, que de subito foi assaltada de crueis suspeitas.

Acaso aquelles dois desconhecidos não pertenceriam aos seus inimigos encarniçados?... E ella que sem desconfiança lhes acabava de revelar o seu segredo!... Fôra o coração materno que a trahira!...

Mas os dois aventureiros adivinharam as suspeitas que n'aquelle momento perpassavam pelo cerebro de Francesca, sómente ao observarem o movimento frenetico com que ella estreitou ao peito o tenrinho sêr.

—Não receeis coisa alguma!—observou-lhe Spavento—Somos pessoas capazes!

—Não duvido d'isso—balbuciou a mulher um tanto mais tranquilla.

—De fórma que vós sois a mãe verdadeira d'este pequerrucho?—perguntou Annibal.

—Sou. Quereis a prova? Olhae—disse a mulher, tirando da algibeira a metade complementar da medalha que o pequeno trazia ao pescoço.

—Sim. Isso é uma prova...—disse o irmão de Flora, que com um tom singelo e commovido, accrescentou: Nós não somos os seus verdadeiros paes!...

Francesca não poude deixar de sorrir-se. Mas Annibal não sorria: proferira aquella phrase com amargura intima: estava enternecido, na realidade, e demais principiava a acostumar-se á companhia da creança.

—Sim—proseguiu Annibal—fomos nós que o encontrámos, e faziamos por tratar d'elle o melhor possivel...

—Que bons que sois!—exclamou a mulher.

—Ora! não nos incommodava nada!—respondeu o aventureiro.

—Pelo contrario!—disse Spavento.

—Mas, emfim, visto que é vosso filho, não ha outro remedio senão entregar-vol-o, e entregamol-o...

E estas palavras foram proferidas com um tal accento de sinceridade e commoção, que Francesca, d'esta vez, não se sorriu.

—Obrigada!—exclamou ella singelamente.

Spavento interveio na conversação, dizendo:

—Entregamol-o, com duas condições...

—Quaes?

—A primeira é que tratareis d'elle muito bem.

—Oh! emquanto a isso, podeis estar descansados.

—A segunda é que antes de separar-nos, pois nós nada mais temos aqui que fazer, nos concedaes licença de beijocar o pequerrucho...

—Pois não!... Ora essa, senhores... Quanto quizerdes...

E dizendo isto pensava na maneira de recompensar os dois aventureiros pelos cuidados prestados ao filho: e mettia já a mão na algibeira para tirar alguns diamantes e gratifical-os principescamente, sem lhe importar o que elles poderiam pensar ao vêl-a sacar pedras preciosas dos farrapos, quando, de chofre, Spavento exclamou:

—O que será isto?

Achavam-se á borda de um carreiro pittoresco que se abria no meio de rochedos cortados a pique, e acabavam de ouvir um relincho, provindo da parte superior, seguido de um certo estrupido de passos.

Spavento dirigiu-se para um bosquesito proximo, e avistou na ladeira da montanha uma especie de caravana, que vinha descendo a passo, formada por dois grupos, bastante separados um do outro.

—É o frade!—murmurou Annibal.

—E com duas mulas carregadas de cofres—ajuntou Spavento, a quem de chofre os olhos se alegraram e pareceram bailar.

—Ai! desgraçada de mim...—gemeu Francesca transida de susto—se elle sabe que estou aqui!

—O que dizeis?

—Venho fugida d'esse frade, que quer por força a minha morte!

—A vossa morte, dizeis?...

—Sim. Fugindo a elle é que vim parar a este monte—proseguiu Francesca.—Mas, pelo que vejo, seguiu os meus passos e descobriu-me... Ai de mim agora! Cheia de medo, espavorida, tropecei n'esta raiz, o que originou a minha quéda e o meu desmaio, e o que, felizmente, foi para meu bem, pois que d'outra sorte talvez não encontrasse meu filho... E é por isso que agora, mais do que nunca, quero morrer!...

E a misera mãe estreitava o mais que podia o filho ao peito, como se receasse que lh'o roubassem de novo.

Annibal, então, disse com dignidade:

—Senhora, esse frade é tambem meu inimigo! Ha muitos mezes que o procuro, pois tenho umas contas a ajustar com elle. Confiae em nós, e caminhae descansada, que nós nos encarregaremos de o fazer parar no caminho, pondo fim á perseguição de que sois victima... Mas peço-vos que vos afasteis depressa, porque antes que elle chegue até onde nos estamos, temos nós que tomar umas certas medidas e cautelas...

O aventureiro, n'esta occasião, fallava com extraordinaria celeridade, esquecendo todo e outro qualquer sentimento que não fosse a sua vingança immediata.

Momentos depois, Francesca internava-se na espessura, desapparecendo no meio d'ella, sem cessar de beijar o filho que levava ao collo.

—É singular!—dizia comsigo Spavento—Parece-me ter já visto n'outro logar esta guapa mulher, a quem decerto o garanhão do frade persegue por ser uma mulheraça perfeita!...

Em seguida ajuntou com expressão do mais legitimo orgulho:

— Parece-me que eu não estava tão desprovido de juizo como tu dizias, Annibal. A nossa primeira boa acção de amparar aquelle pobre fedelho desvalido deu azo a que praticassemos uma segunda, que foi entregal-o a sua legitima mãe. Demais, se não fosse o pequerrucho, que foi a causa de aqui nos termos demorado, tu não terias encontrado o teu homem, o frade...

Annibal fazia com a cabeça gestos d'approvação, e o seu companheiro e collega ouviu-o murmurar, cheio do maior gaudio:

— Oh Flora, minha boa amiga, minha querida e previdente irmã! Os teus manes finalmente vão ser vingados!...

CAPITULO XLVII

Dois tiros d'arcabuz

No momento mesmo em que Lucas, louco de desesperação, sentindo-se incapaz de resistir ao futuro que o ameaçava de terrivel solidão, visto que Ephraim morrera, tratava d'escaqueirar o craneo contra a parede do calabouço, um grito imprevisto, inesperado, estranho, o fez quedar-se immovel.

É que Ephraim não morrera ainda, e fora elle quem havia soltado o grito.

Lucas precipitou-se para o leito do judeu. O velho, com mão febril, apertava-lhe o braço com força tal que ninguem suspeitaria n'um moribundo.

—Escutai!—disse elle.

—O que quereis dizer?

—Silencio!

Lucas calou-se; e, apesar d'escutar attentamente, não distinguiu nenhum outro ruido senão o quasi imperceptivel murmurio da agua batendo contra os muros do *in pace*.

Cuidou que a febre havia perturbado as faculdades mentaes ou a razão do velho e, acompanhando a acção com a palavra, disse-lhe brandamente:

—Deitai-vos, não é nada!...

Mas Ephraim resistiu, e tornou-lhe:

—Então, tu não ouves nada?

—Nada absolutamente.

—Cala-te, então...

Lucas calou-se. Mas pareceu-lhe distinguir um ruido surdo e longinquo a modo de pancadas abafadas, mas regulares, que estivessem dando nas entranhas da terra.

O boieiro levou a mão ao peito, como para lhe sustar as pulsações desordenadas.

—Ouves agora?—perguntou Ephraim.

—Sim... sim...

E as mãos dos dois presos, que tremiam de commoção, apertaram-se estreitamente.

O mesmo pensamento, a mesma expressão d'esperança lhes cruzára os cerebros.

—Tratam de nos soltar...

Reinava no calabouço um cavo e fundo silencio. Os dois presos não se atreviam sequer a tomar a respiração, receavam communicar os proprios pensamentos que acabavam de lhes assaltar os cerebros debilitados e enfraquecidos de longo jejum, pois que a comida, e mesmo a bebida, não lhes era fornecida sempre com regularidade. Tambem não queriam communicar um ao outro uma esperança quiçá illusoria.

Abraçados deixaram-se ficar largo espaço, escutando com attenção aguda e febril, e cheios de uma penosa anciedade. O ruido comtudo cessára.

Ai! seria tudo aquillo uma illusão!... Seriam as suas phantasias que lhes haveriam feito entrevêr, por instantes, o formoso céo azul e aspirar o ar livre dos campos!... E de novo, com a duvida, os tornavam a envolver as impenetraveis, insondaveis e interminaveis trevas da enxovia.

—A bulha cessou!—disse Lucas, com mortal desalento e em voz sumida.

—E comtudo—disse com lentidão Ephraim, que sentia já grande difficuldade em se exprimir—eu ouvi-a, e tu tambem...

—Era aqui!—clamou o boieiro, batendo enraivecido com o pé no chão.

Mas, acto continuo, ouviu maravilhado uma coisa portentosa.

Á pancada que elle dera havia respondido um echo surdo, mas prolongado bastante, não no calabouço, mas na parte inferior, sita mesmo debaixo d'elle.

E n'aquelle mesmo instante, como que respondendo áquella pancada, que podia tomar-se por um signal, responderam de novo outras pancadas não já brandas e abafadas como as primeiras, mas fortes, nitidas e distinctas, como se agora soassem mais perto.

—Outra vez!—exclamou Lucas.

—Sim—disse Ephraim.

—Aproximam-se!

—Mas quem?—perguntou Lucas—Quem se poderá interessar por nós, se não ha sequer ninguem que saiba que estamos aqui?... Não será isto alguma artimanha infernal dos nossos inimigos, com o fim de nos fazer conceber esperanças e torturar-nos depois augmentando as nossas intoleraveis horas de captiveiro?...

E a voz do miseravel campino havia passado do tom da confiança e da alegria ao do desalento mais acido. O velho judeu, entristecido por estas palavras, deixou pender a cabeça no peito.

—Quem—continuou Lucas—ainda mesmo suppondo que saiba da nossa prisão e do logar em que ella se acha, tentaria por-nos em liberdade?

Quem sabe! exclamou o velho. A frequencia dos crimes termina por cansar a paciencia dos indifferentes, e gera, ao cabo, vingadores implacaveis.

E Ephraim, ao proferir isto, pensava nos amigos com quem estivera na noite mesma das scenas vandalicas da degola no bairro dos judeus, pensava no mysterioso Machiavello, n'aquelle caracter de ferro que se chamava Miguel Angelo, e em Neumann, que topára no caminho, quando o levavam preso...

Lucas, com o ouvido collado ao chão, puzera-se attentamente á escuta.

Um rumor quasi imperceptivel chegára até elle, não dando logar a duvida alguma.

Pôz-se em pé, de um salto, e exclamou, dilatado de alegria:

—Pae! vamos ser soltos!...

—Tu, sim, é facil... mas quanto a mim...

—Que dizeis?

—A vida vae-me abandonando...

—Não, não... Fugiremos ambos. Eu não vos deixarei.

Mas Ephraim, cuja voz ia gradualmente enfraquecendo-se, meneou melancolicamente a cabeça, com ar de duvida.

—Sim—disse fazendo um esforço—esta bulha, que temos ouvido, decerto que nos annuncia a vinda d'alguem que se esforça por nos soltar, mas como o caminho, que deverá ter percorrido para chegar até aqui, deve ser escabroso, cheio de obstaculos e perigos, eu, já velho e doente, não poderei caminhar por elle...

—Eu não vos hei-de deixar, repito-vos. Juro-vos, pelo desejo de vingança que sinto e pelo amor, que me escalda, que não fugirei sósinho...

—Os meus dias estão contados... Tu és rapaz ainda, e a vida tem para ti dias felizes decerto... Deves fugir só.

—Se o fizesse seria um covarde.

—Para que queres tu levar um cadaver?

—Calai-vos, calai-vos...

—Não, deixa-me fallar, ainda que sinto que não tenho forças para fazer-te as ultimas recommendações... Ai de mim! Querem abrir-nos a porta da liberdade, e não poderei tomar parte na vingança!

—Miseraveis!—gritou Lucas.

—É preciso, meu filho, que te salves... Se perecesses juntamente commigo, a minha neta ficaria sem ninguem que a vingasse, e urge que não succeda tal... Tu fugirás, e eu morrerei consolado, porque sei que não abandonarás o meu sangue, não esquecerás a pobre orphã sem protecção.

—Nunca!

—Sinto que vou morrer, mas morro com esperança. Ha pouco via-me proximo a deixar o mundo, e partia completamente desesperado, amaldiçoando-o... Agora, porém, vou com a certeza que, graças aos esforços dos nossos irmãos, deixo alguem que continuará a mesma obra que eu me propuzera. Lucas, a ti confio a minha neta, e a ella darás o beijo da minha despedida final...

Lucas ajoelhou ao pé do leito do judeu, que n'aquelle momento tinha

a aureola tres vezes veneranda da velhice, da perseguição e da morte, que d'elle se abeirava, e estendeu-lhe a face, machinalmente, como para receber o legado de amor que aquelle pobre avô, amargamente experimentado por uma sorte madrasta e funesta, legava a uma estremecida neta que não lográra vêr, senão no percurso rapido d'um instante, á luz esbrazeada d'um céo em fogo, e d'uma população passada á espada.

O velho israelita, solemnemente, como um legado de adeus e de desolação, depôz um beijo na face rude do campino.

—Ah!—murmurou Ephraim—podem vir agora!... Que antes de morrer, eu tenha a satisfação de ficar certo que ao menos para ti caíram os muros d'este carcere...

No mesmo instante, quasi ao terminar a phrase, como se os soffrimentos do justo tivessem merecido em premio a realisação de um prodigio, subverteu-se um bocado do pavimento, e chegou até elle uma voz que partia do subterraneo, e que gritou:

—Ephraim!

O velho sentiu uma commoção indescriptivel.

—Minha mulher!—clamou elle—Agar, a minha querida Agar!...—E a voz do judeu vibrava com um tom de jubilo illimitado—Eu julgava-a morta, e é ella que me vem soltar... Parece isto um sonho... Dize-me que não é... que eu torno outra vez...

Mas o malaventurado judeu não poude continuar. A voz extinguiu-se-lhe, e rolou no chão, agitando os braços no ar.

Havia expirado.

—Morto!—gritou Lucas com desespero.

E depois d'um instante, um angustioso instante d'indecisão, gritou:

—Fugirei, sim, fugirei!... Dia virá em que Hochstratten me pagará tudo!...

O boieiro não carecera de nenhuma explicação para comprehender a alegria de Ephraim ao ouvir a voz de sua mulher.

Durante o largo periodo do carcere, o judeu referia-lhe a causa da separação, que é como segue:

Achava-se Ephraim em Florença na occasião d'aquella celebre peste que dizimou os habitantes da cidade. O velho judeu foi um dos primeiros atacados, pois o mal fazia sobretudo estragos nos bairros menos sadios, que eram especialmente os que habitavam os da sua religião.

Mal elle foi atacado abandonaram-no, pois era tal o terror que inspirava a epidemia, que ninguem se atrevia a consagrar-se ao cuidado dos infelizes empestados. Por isso elle passou tambem por morto aos olhos de sua mulher, e jazia entre os cadaveres abandonados n'uma rua, quando certo medico heroico, chamado Aquapedente, aquelle homem de sciencia tão nobre e generoso que vimos já a cabeceira de Beatriz Salviati na terrivel historia da bastarda do cardeal, quando, repetimos, este medico fez reparo n'elle.

O clinico, observando Ephraim, pareceu-lhe notar que n'esse homem não se manifestavam os signaes da morte: recolheu-o, portanto, em sua propria casa, e curou-o radicalmente.

Infelizmente Ephraim não poude reunir-se a sua mulher que, aterrada pelos estragos que a epidemia fazia, fugira, não se sabia para onde. O judeu cuidou mesmo que ella fôra victima do horrivel flagello.

Parecia que estava escripto e determinado que por um terrivel conjuncto de circumstancias, o desgraçado não devia tornar a ver a mulher, que julgava morta, assim como a neta, senão no momento preciso em que a vida o abandonava, e elle rolava exanime, para não mais se levantar...

Lucas, decidido a não perder um unico instante depois que Ephraim morrera, dispunha-se a coadjuvar os seus salvadores, e começára por fazer mais largo o buraco que se abrira no chão, quando, de chofre, parou.

A pedra, ou lagem do tecto que fechava o calabouço, acabava de se abrir, deixando escoar-se a claridade.

—O carcereiro!—murmurou Lucas.

E immediatamente sentou-se em cima do buraco.

—Vem decerto trazer-me o pão e a agua!—pensou o boieiro.

Cheio de uma grande anciedade, o malaventurado boieiro nem se atreveu a respirar.

Porém esta operação da descida do pão e da agua não se executou como de costume. Agora, em vez de ser o carcereiro só que vinha trazer o mantimento. Lucas lobrigou dois homens no buraco que dava entrada para o calabouço, e um d'estes homens atava o outro pelos sovacos dos braços, com uma corda, por onde o outro tratava de descer.

O preso estremeceu.

O que teria occorrido? Teriam concebido suspeitas? Porque seria aquella visita ao calabouço depois de cerca de seis mezes de detenção?

O carcereiro estava armado até aos dentes, pelo que Lucas abandonou momentaneamente a idéa de matal-o, caso os seus libertadores fizessem, trabalhando, qualquer ruido que os comprometesse.

O soldado deu um giro pelo calabouço, examinou tudo attentamente batucando nas paredes, e fazendo reparo em Ephraim, que cuidou que dormia, e em Lucas, a quem perguntou por mofa:

—Precisas d'alguma coisa?

Mas Lucas fitou-o com uns olhos tão esbugalhados, que o carcereiro magicou comsigo:

—Vem a dar em doido!...

Bofé! regougou, fazendo um gesto ao companheiro que sustinha a corda á entrada do calabouço. É a melhor que lhe pode acontecer!

A curto trecho, o carcereiro desapparecia pela mesma cavidade do tecto, por onde entrára.

O buraco fechou-se finalmente, e tornou a reinar no calabouço a escu

ridão absoluta. Lucas respirou então desafogadamente, e tomou um cupioso hausto d'ar.

— Emfim! — exclamou.

E inclinando-se sobre o buraco da mina, gritou:

— Vamos já!

Ouviu-se então um ruido, como d'alguem que trepava.

— Era já tempo! — pensou comsigo Lucas.

Escutavam-se dentro do buraco pancadas como que produzidas pelo arremesso de calhaus ou de terra, que caíam no chão.

Julgou o boieiro que era alguem que se dirigia ao seu encontro, e que era elle quem causava todo aquelle fracasso.

— Animo! — gritou a quem quer que subia.

Mas, de golpe, recuou estupefacto. E retirou com toda a presteza a mão que havia já mettido pelo buraco que correspondia á mina, ao sentir n'ella a impressão d'um corpo velloso, um corpo de animalejo, sem duvida alguma.

Que horror! Teria acaso de ser pasto das feras? Seria aquelle o supplicio que lhe reservavam os seus verdugos? Quem lh'o poderia dizer?...

O calabouço fôra construido de facto, sob o nivel d'uma caverna. E certamente, o que a sua mão devia ter tocado era o corpo d'um urso... O obstaculo que o separára, até áquelle dia, do antro da fera, fôra supprimido pelos famulos da Inquisição, os sicarios d'Hochstratten. Era decerto isto que explicava a exclamação de piedade que tivera o carcereiro.

A idéa de o fazer devorar pelas feras, que decerto viriam até alli attrahidas pelo cheiro da carne humana, era na realidade digna dos seus verdugos.

Mas não deveria tentar esforço algum para escapar áquelle supplicio?...

E as idéas chocavam-se-lhe, n'um cahos angustioso, dentro do cerebro.

Emfim Lucas adoptou uma resolução heroica. Ao menos queria luctar, resistir. Era cobardia demasiada deixar-se devorar sem lucta, sem resistencia, passivamente.

Introduziu, por isso, as duas mãos dentro do buraco e apertou, com quanta força poude, o gasnete do animalejo. E ia redobrar ainda de furia, quando tocou n'uma corda, que cingia o pescoço do animal. Além d'isso, poude notar mais que o que tomára por um urso, não o era decerto, pois tinha o corpo muito mais tenue e delgado. Em seguida ouviu como que tilintar de ferragens, ao passo que a mão topava um objecto estranho, pendente da corda.

O que seria aquillo?

O animalejo, por seu lado, não fazia movimento algum. O terror de Lucas ia desvanecendo-se a pouco e pouco, a esperança da liberdade refulgindo de novo em seu espirito. Considerou, além d'isso, que aquella voz que havia gritado *Ephraim!* não podia ser a voz d'um inimigo. O velho judeu não a teria facilmente confundido com a voz de sua mulher.

O animalejo, que não era senão um macaco, e no qual os nossos leitores terão decerto reconhecido Talmud, apresentava ao campino a extremidade da corda, emquanto que trazia na outra mão uma mecha besuntada n'uma substancia oleosa, e accesa, com que illuminava a mina subterranea.

Luz! Oh, que alegria!...

Este era o começo, decerto, já da liberdade!

A corda tinha pendente da extremidade um gancho de ferro. Mal que a viu, Lucas comprehendeu o proveito que d'ella podia tirar. O seu primeiro cuidado foi examinar o buraco, por onde o macaco havia trepado.

O carcereiro, armado até aos dentes, percorreu o calabouço, examinando tudo d'olho desconfiado.

Cap. XLVII.

A galeria, que era quasi vertical, tinha a forma redonda, e um homem não poderia subir por ella, porque forçosamente teria de servir-se de pés e mãos, e por isso os conjurados se haviam lembrado de Talmud.

O macaco, mais delgado, mais agil, dotado de garras mais solidas e fortes do que os dedos humanos, poderia só trepar por aquelle caminho de quinze ou dezoito pés de comprido.

Tendo considerado já na difficuldade d'aquella ascensão, os amigos da

feiticeira haviam se lembrado do mal afortunado Cricco, ligeiro como uma enguia, e que os nossos leitores sabem já o tragico fim que teve.

Ora aquelle passadiço, praticado com o maior mysterio e no meio das mais arduas difficuldades, se era assás estreito para a ascensão, era, em compensação, de descida facil, comtanto que aquelle que tivesse de descer se deixasse resvalar por elle, levantando os braços ao ar, afim de diminuir o volume do corpo.

Assim o entendeu Lucas, e conhecendo que a corda que lhe mandavam deveria ser para facilitar a evasão, evitando uma descida por demasiado rapida, ou o embate violento contra as pedras da mina, prendeu o gancho em que terminava a corda nas fendas das pedras do calabouço, e alijou a corda ao fundo do fosso.

Uma rabanada d'ar humido e viciado bateu-lhe na face, d'onde elle concluiu que aquelle caminho devia communicar com alguma sentina.

Lucas, considerando que não havia tempo a perder, tirou o fato e metteu os pés no buraco da mina. Ia a introduzir o resto do corpo, quando se lembrou que o carcereiro, que havia passado revista ao calabouço, não lhe trouxera como d'ordinario, o pão e a agua.

—Diabo!—pensou elle—Se, emquanto fujo, elle se lembra de voltar ao carcere, ha de ficar admirado d'encontrar um macaco em meu logar, e isto póde fazer mallograr a minha evasão.

Reflectiu um instante e, lembrando-se de quão desenvolvido os bugios teem o instincto da imitação, chamou Talmud, vestiu-o com o seu fato, e fez-lhe signal de que se deitasse ao lado do defunto Ephraim.

O macaco obedeceu como se tivesse comprehendido perfeitamente o que lhe cumpria representar.

Em seguida mal que Lucas, depois de ter deposto um beijo na regelada face do cadaver do judeu, desapparecia pelo buraco, depois de ter escondido a abertura com parte do seu fato, abria-se a claraboia do tecto, e por ella surgia a face do carcereiro, trazendo o pão e o cantaro da agua.

Lucas não se havia enganado quando suppoz, no acto da visita inesperada do carcereiro, que alguma coisa de grave e extraordinario se passava.

Hochstratten, cujas suspeitas haviam acordado na noite do baile dos espectros, e crescido dia a dia, não pasmou muito das revelações de Cricco.

Sabia que existia uma casa que era o cofre dos conspiradores. Mas que casa seria?

Foi esse segredo que elle, a preço de algumas moedas novas d'ouro, havia comprado ao aprendiz de Raphael. Mas o grande inquisidor não contára com a pouca habilidade e borrachice do official e dos caserneiros. Se fosse elle que em pessoa tivesse commandado aquella busca, decerto que se não teria deixado lograr pelos gemidos e interjeições da velha bruxa, nem pelo ar complacente e bonachão do falso moço da locanda.

Quem sabe mesmo se apesar do seu disfarce, não teria reconhecido a Sibylla, como a personagem que encontrava frequentemente em casa de Miguel Angelo?

Por isso a sua furia teve uma tremenda explosão quando o official se lhe apresentou, turbado ainda pelas frequentes pingolas que libára, e lhe declarou que todas as suas pesquizas não tinham tido resultado algum.

Acto continuo, o official pagou caro o sumo de parreira que ingerira, pois soffreu logo baixa de posto.

— Borracho! — urrou Hochstratten - deixaste-te embaçar por outros mais ladinos que tu!

Mas como as recriminações eram completamente estereis, e como o fiel servidor do Pontifice Leão X continuava preenchendo a existencia com toda a sorte de tramas e machinações tenebrosas, entregou-se a uma série de raciocinios que nada tinham, por certo, de exagerados.

Pensou com razão que, segundo as informações de Cricco, a casa suspeita devia servir de ponto de reunião aos conjurados, e visto que a soldadesca nada descobrira apesar de a ter enviado á hora mais opportuna para colher em flagrante todos os conspiradores, era obvio para elle que a casa devia ter um esconderijo, esconderijo que não deveria ser senão alguma habitação subterranea, que, vista a proximidade da casa com o Vaticano, poderia ser aproveitada, quiçá, para dar evasão aos presos.

Recordando-se d'alguns episodios e dados que surprehendera, na noite da chacina dos judeus no bairro do Ghetto, a sua primeira providencia foi ordenar aos carcereiros que se certificassem se succedia alguma coisa de novo no carcere de Lucas e d'Ephraim, o que elle fez como os nossos leitores sabem.

Desejando não errar de novo o golpe, pôz-se á frente d'alguns homens escolhidos e resolutos, e dirigiu-se á casa do armazem de vinhos. Mas uma idéa que, de subito, lhe cruzou o cerebro, o fez mudar de proposito, pois não proseguiu, e escreveu algumas letras n'um pergaminho, que mandou ao carcereiro do Vaticano, dizendo a meia voz com expressão de homem satisfeito:

— Isto é o mais seguro!...

O carcereiro, depois de ter levado ao preso, como de costume, o pão e a agua, fechou de novo a claraboia, como se nada tivesse visto de suspeito, pois que Talmud, entregue absolutamente ao seu papel imitativo, parecia dormir a somno solto.

Os carcereiros tinham-no tomado por Lucas, e não sabendo que o judeu havia morrido, cuidaram que ambos dormiam.

Um dos esbirros exclamou mesmo:

— Pelas tripas de meu avo! que fazem bem em dormir a sua sonneca!...

E ia já para se retirar, quando o fez parar a voz de um terceiro carcereiro que dizia:

—Espera lá!

—Diabo! Aonde vaes armado até aos dentes?...

—Ametade das armas são para ti.

—Outra vez?

—Sim, por ordem do inquisidor.

—Diabo!

Curvaram-se respeitosamente os dois carcereiros, e o recem-chegado mostrou-lhes um pergaminho, que nós vimos que assignára e remettera Hochstratten.

—Então o inquisidor dá-nos ordem de os matar?—disse o mais velho dos servos do Santo Officio, e, portanto o mais acostumado aos processos expeditivos do frade.

—Tal e qual.

—Tanto melhor!... Assim escusamos d'estar sempre com cuidados!

Sem ajuntar mais palavra os carcereiros encaminharam-se para o *in pace*, quando soltaram, unanimes, um grito de surpreza, apenas a luz da lanterna, que haviam dirigido para o centro, dissipou as trevas do *in pace*.

—Um macaco!—exclamou um.

—Uma mina!—exclamou o mais velho.

Talmud, que se não bulira do seu sitio emquanto durou a visita do carcereiro, sentiu acordar o appetite ao farejar o pão negro, e como lhe não haviam recommendado que não comesse, julgando que o seu papel terminára, e seguro de o haver bem desempenhado, occupou-se em devorar a recompensa merecida. Foi n'esta faina que o foram encontrar os carcereiros, sentado ao pé do buraco por onde Lucas se evadira.

Não durou muito tempo a surpreza dos tres carcereiros. Os que tinham sobeja pratica do seu officio comprehenderam que se tratava de uma evasão inesperada. Não podiam explicar, categoricamente, a presença do macaco alli; mas, no caso presente, não era isso o principal nem o grave para elles. O que era positivo, formal, fóra de duvida, é que Lucas não estava alli, e que certamente se havia esgueirado por aquelle buraco, que viam escancarado no chão.

Como se fossem movidos por uma unica mola, os dois carcereiros apontaram os arcabuzes, e dois tiros soaram. Talmud deixou caír o pão negro que estava manducando, deu duas ou tres voltas, com os olhos esbugalhados, crispou as mãos, e rebolou por terra.

O outro tiro d'arcabuz, dirigido por um atirador não menos certeiro, atravessára o craneo de Ephraim.

Mas o pobre judeu tinha muito attendiveis razões para não dar signal algum de vida.

Aos esbirros do Papa pouco se lhes dava que a morte tivesse precedido ou succedido ao tiro; o importante para elles é que o prisioneiro fosse cadaver.

Seguros d'isto, os tres carcereiros desceram do *in pace*, e dirigiram-se precipitadamente para o subterraneo.

Lucas, entrementes, apesar de algumas feridas leves e das contusões que recebera na sua descida pelo fosso, havia chegado são e salvo, ainda que, como não era de admirar, um tanto atordoado.

De subito sentiu uma grande frialdade nas pernas.

É que acabava de se enterrar na agua estagnada d'uma sentina. Ergueu-se como poude, e, graças á claridade d'uma lanterna que espancava as trevas do sitio onde caíra, lobrigou uma velha, que com os braços abertos se postára alli decerto para o amparar, ou fazer diminuir a força da queda. Seja como fôr, elle reconheceu a velha, e exclamou, admirado:

—A feiticeira!

O boieiro, de facto, conhecia a Sibylla por a ter encontrado varias vezes á tardinha, nos suburbios de Roma.

—Sou eu!—respondeu Agar, com voz torva.

E ajuntou com um gesto que denotava impaciencia:

—Vamos, agora o outro!

—O outro!?

—Sim, o outro, esse por quem ha pouco chamei.

Lucas, voltando de chofre á realidade da situação, estremeceu, e tornou:

—Sois Agar?...

—Sim—respondeu a velha, fitando o campino com expressão interrogativa.

Lucas, no entretanto, continuava mudo, sem saber o que responder.

Como a Sibylla comprehendesse o triste significado d'aquelle silencio, perguntou, anciosa:

—O que succedeu?

Mas Lucas deixou caír a cabeça no peito, com ar abatido.

—Responde, por piedade!—gritou a velha.—Porque não desce Ephraim?

—Não póde descer...

—Porquê?

—Porque...

—Falla depressa!—clamou a velha, impaciente.

Ao ouvir esta intimação, feita com a voz alterada, Lucas atreveu-se a dizer:

—Ouviu-vos ha pouco pronunciar o seu nome...

—Então se me ouviu deve descer... Por doente que esteja ha-de fazer um esforço... Não é verdade?... Porque tarda então tanto?...

E a feiticeira avançou até á boca da mina, que parecia decidida a escalar, para chamar de novo o judeu, mas Lucas suspendeu-a.

—Deixae-me!—disse a velha esforçando-se por se libertar das mãos do boieiro—Quero...

—É escusado... não vos póde ouvir...

—O que dizeis?

O pastor deixou caír de novo com abatimento a cabeça no peito, com expressão de magua funda.

—Morreu!—gritou a judia.

Cambaleou, e cairia no chão, se a não sustivessem os braços do campino, que disse:

—Sim, morreu, mas sorrindo e feliz, por saber que vivieis...

—Ah! sou maldita!—gritou com desespero a mulher d'Ephraim.

—Eu queria morrer tambem com elle—tornou o moço pastor—mas depois lembrou-me que devia fugir, para o vingar.

—Vingal-o!?...

—A elle, e a mais alguem...

—A quem, a quem mais?...

E a misera judia fazia aquella pergunta, como quem se espanta de que ainda existisse no mundo quem pudesse inspirar interesse.

—Á vossa neta.

—Ah! sim, á Fornarina... É verdade... A malaventurada espera tambem o seu dia de justiça, e tomo por testemunha o céo de que será vingada...

E a feiticeira, dominando por um instante a sua magua e a sua commoção, aprumou-se. Porém ao dar com os olhos na cavidade por onde esperára vêr surgir o homem que tanto estimára, e por quem tantas lagrimas vertera, estremeceu, e com a voz estrangulada de gemidos, soluçou:

—Adeus! adeus! Que desgraça!... Não o ter encontrado senão para o perder, e para sempre...

E a triste enviou mil osculos desolados ao calabouço em que jazia o cadaver querido, cujos restos nem sequer podia regar com lagrimas.

Mas, n'este instante, ouviu-se um signal que procedia das profundidades proximas.

—Vamos!—disse Agar com voz abafada, apertando a mão com que Lucas enxugava as lagrimas...—Vamos, que nos demoramos bastante...

E, dizendo isto, contendo com a mão a pulsação accelerada do peito, levantando a lanterna ao alto, a feiticeira começou a caminhar, precedida do boieiro...

Achavam-se n'este momento em uma das ramificações ou canos da sentina, sobre cujas paredes de granito, que sustentavam macissos pilares, se elevava uma abobada construida com aquelle cimento indestructivel de que tiveram privilegio os antigos romanos, e que bastas vezes se tem querido imitar, sem se conseguir.

Aquelle cano ou galeria da sentina formava precisamente parte da obra começada no tempo de Tarquinio Senior, continuada mais tarde pelos seus successores, e conhecida pelo nome de cloaca dos Tarquinios. Era uma maravilhosa via subterranea, unico vestigio que ainda resta intacto da Roma antiga, e cujos conductos seculares hão visto correr n'uma confusão inexprimivel, tanto

As essencias fataes das cortezãs
mais os pivetes fubinos do Pereira

segundo o dizer do poeta, como o vomito de Trimalcião, o sangue vertido nas revoltas populares, o manto de Cesar crivado de vinte punhaladas, os

restos da casa de Bruto entregue ás labaredas, o vinho offerecido aos pretorianos, os venenos de Locusta, as enxurdeiras das viellas, e os resquicios dos palacios, nadando n'uma confusa amalgama, em trevas impenetraveis, entre o formigueiro dos vermes e dos reptis. N'uma d'estas galerias da grande latrina, de cujos infectos enxurros disse Victor Hugo que não se sabia «se eram os restos dos caes que se corrompiam, se a podridão dos Cesares», é que se achavam então o moço boieiro e a bruxa.

A Roma do baixo imperio cedera o passo á Roma do papado. Em logar das entranhas das victimas que os sacerdotes arrojavam ás cloacas, aquella obra secular arrastava agora nos seus canos as victimas immoladas pelos sacerdotes de Christo, os cadaveres distillando veneno, os judeus degolados, e as mulheres mortas depois de desfloradas.

As trevas da celebre cloaca encobriam as provas dos odiosos crimes dos tyrannos: mas, n'aquelle dia, talvez pela vez primeira, ajudavam a um acto de reivindicação, a uma tentativa de liberdade.

A Sibylla e o boeiro iam pisando um limo fetido, cada vez mais espesso e gelado, mas a velha parecia não attentar em tal, e continuava andando, como as lendas dizem que andam os espectros.

De repente os dois estremeceram.

Repetidos pelo echo, haviam-lhes chegado aos ouvidos dois tiros d'uma arma de fogo.

—Estes tiros véem da banda do carcere—disse Lucas.

—Sim—disse a judia.

—Terão decerto descoberto Talmud.

—Talmud!?... Talmud ficou lá?

Lucas explicou-lhe em duas palavras o ardil de que se servira.

—Está bem—disse a Sibylla.

E, sem ajuntar uma palavra mais, continuou a sua interrompida marcha. Andaram mais alguns passos. Lucas caminhava com passo celere, respirando aquelle ar, que ainda que fetido, era para elle a almejada liberdade. A um lado do caminho abria-se uma especie de rua: era á esquerda, um caminho recentemente aberto, e que era obra dos conjurados, que terminava por uma suave ladeira na cova em que Cricco fora morto. A direita, na direcção do Tibre, era a cloaca.

—Á esquerda!—disse imperativamente Agar.

Lucas obedeceu, seguindo a velha, mas não haviam dado ainda dois passos, quando se ouviram os silvos estridulos d'um apito.

—Maldição! —exclamou a Sibylla—quando já estavamos tão proximos!

—O que ha?—perguntou Lucas.

—Estamos cercados.

—Mas porquê?...

—Porque fiz retirar os vossos amigos, cuja presença não nos era necessaria, e só um d'elles ficou guardando a saída, para nos dar signal, em caso de perigo.

—E o que succedeu?

—Que foi surprehendido, e vae pagar com a vida o seu sacrificio, e nós a loucura que fizemos demorando-nos tanto!

—Estaes certa do que dizeis?

Mal tinha Lucas acabado de formular a sua pergunta, quando se ouviram passos pesados, que provavam a realidade das suas suspeitas.

—Uma patrulha!—exclamaram o campino mais a velha.

Não havia duvida. Hochstratten lográra descobrir a entrada do subterraneo. Agar parou, e murmurou com accento de desesperação:

—Nem sequer gozaremos do prazer da vingança!

—Pois não ha outro caminho?—perguntou Lucas.

—Sim, ha o do calabouço. Queres voltar para lá?

—Quero salvar-vos.

—Ouve... os nossos perseguidores esperam-nos...

—Pois vamos por aqui... Aonde conduz esta galeria?...—perguntou Lucas indicando a da esquerda.

—Ao Tibre.

—Pois mettamo-nos por ella.

—Vamos, mas talvez já seja tarde.

E os dois fugitivos precipitaram-se pela galeria em ladeira, que era de penoso e difficil piso por causa da sua grande inclinação, e que fazia com que mais se caísse por ella do que se descesse. E esta descida ia cada vez tornando-se mais rapida, não tardando em breve em surgir um novo perigo. As aguas, que indubitavelmente não tinham vasão pela parte inferior, começavam a subir: até ha pouco chegavam-lhes apenas até aos joelhos, agora, porém, já lhes tocavam nos quadris.

Esta situação demorou-se alguns instantes. Os fugitivos achavam-se no patamar d'uma escada: mas, de subito, desceram um degrau, e a agua então chegou-lhes até ao ventre, tornando-se o declive do caminho cada vez mais pronunciado. N'esta situação é claro que não poderiam continuar caminhando muito. Ninguem, além d'isso, lhes assegurava que não lhes apparecesse de repente um obstaculo insuperavel, algum canal transversal, ou coisa parecida.

Era preciso, comtudo, avançar, e continuavam avançando, como podiam, apesar da resistencia que a corrente lhes offerecia, cada vez mais embravecida.

Agar, falta de forças, parou de repente.

—O que succedeu?—perguntou Lucas.

—É que estamos perdidos!

A agua chegava lhes já até ao peito, e a judia fazia desesperados esforços com as mãos. Lucas alçou a lanterna ao alto para derramar alguma luz n'aquellas opacas trevas. Mas a agua, cujo murmurio rouco enchia de lugubres ruidos a cloaca, fechava ao longe a perspectiva com suas amarellentas espumas, em que nadavam mil residuos immundos.

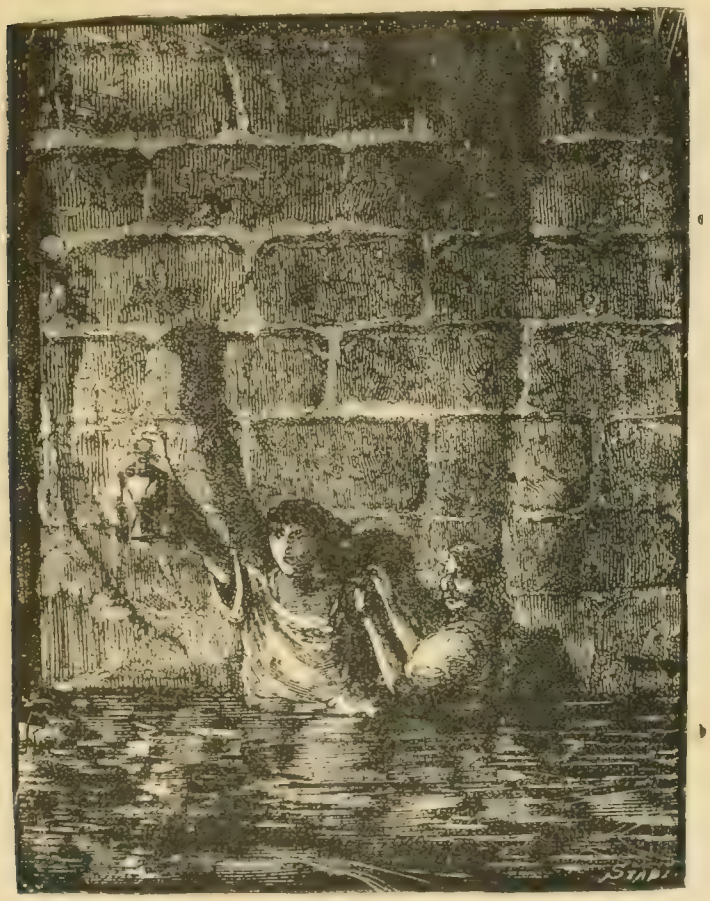
—Uma cheia!—exclamou Lucas.

—Uma inundação!—retorquiu Agar, com desalento.

A feiticeira tinha razão. Por uma fatalidade, contra a qual não havia remedio, as aguas embravecidas fechavam toda a especie de caminho, toda a salvação possivel. A corrente continuava augmentando por momentos, quebrando as forças aos fatigados e lassos fugitivos, com seus assaltos ferozes. Haviam podido escapar aos seus perseguidores, que, sem duvida, não se atreveriam a perseguil-os ate alli, mas nem por isso estavam isen-

tos de perigo. A lanterna mesmo os denunciava, e aonde não poderia chegar o inimigo, poderiam chegar as balas dos arcabuzes. Mas ainda que elles os não perseguissem, de toda a fórma era infallivel a sua perda, porque lhes era impossivel recuar, visto que sem lhes poder oppor resistencia alguma, iam fatalmente deslisando pelo declive da ladeira.

Os dois fugitivos entreolharam-se aterrados.



A agua ia subindo... e já lhes chegava aos seios.

Cap. XLVII.

A agua chegava já ao pescoço da Sibylla, prestes a desmaiar.

Lucas, n'um movimento rapido, correu em seu auxilio, mas tendo-se esquecido de levantar a lanterna, uma onda mais forte envolveu-a e apagou-a.

Reinou, então, no vasto espaço uma escuridão lugubre, cujo silencio era apenas cortado pelo mugido da agua, batendo de encontro ao granito das paredes da cloaca enorme.

Lucas e Agar agarraram-se desesperadamente ás paredes.

Aprumando-se nas pontas dos pés, alçando a cabeça para a manterem fóra do nivel da agua, continuavam descendo sempre, com a esperança de encontrarem um patamar elevado, já que o Tibre, segundo todas as apparencias, deveria estar proximo.

— Coragem ainda, por alguns instantes! — exclamou Lucas, que, ainda que sentindo a desesperação no interior, não queria, apesar d'isso, renunciar na apparencia á sua esperança. Pesava-lhe fundo o cogitar que aquella desgraçada morreria por haver tentado salval-o. O seu sacrificio, pelo menos, fazia a merecedora de que elle tentasse tudo para a salvar d'aquelle abysmo imminente.

Lucas, cujos olhos se tinham ido acostumando pouco a pouco á escuridão, soltou um grito. Havia lobrigado uma mancha alvacenta e incerta, na abobada da cloaca.

O que elle havia lobrigado era um respiradouro, fechado com uma grade de ferro, que deitava para o livre espaço, era uma especie de fresta da cloaca que deitava para o molhe, ou para a rua, mas que em todo o caso offerecia falsa saída.

O boieiro, se pudesse lá chegar, teria facilmente d'um só murro quebrado a grade de ferro. Mas, ah! como o conseguiria?...

A grade que Lucas devorava com os olhos estava muito alta, e não havia meio d'escalar o muro.

— Impossivel! É impossivel! — murmurou.

E a agua continuava sempre subindo.

— Depressa! depressa! — clamou Agar, com energia.

— Mas o que podemos fazer?...

— Sóbe aos meus hombros.

— Mas...

— Não gastemos palavras estereis, porque em breve a agua me tapara a boca... e não nos resta mais do que um minuto. Só tu pódes abrir ou quebrar a grade... Sóbe pois depressa... Quero-o eu...

A velha tinha razão. Aquelle momento era apropriado para sacrificios inuteis. Era preciso que um se sacrificasse para salvar o outro. Além d'isso quando Lucas tivesse chegado a tocar a grade, ella poderia ainda salvar-se travando-lhe as pernas.

E foi o conselho que lhe deu Lucas.

— Sim, sim, mas depressa... replicou Agar, cada vez com mais energia.

A judia encostou-se á parede, e Lucas trepou-lhe aos hombros, o que a mulher susteve, immovel e forte como uma cariatide.

Mas debalde Lucas se poz em pé sobre os hombros da Sybilla, porque — cruciante desespero!... — nem mesmo chegou a tocar com a mão na grade.

Lucas poz então um pé na cabeça da judia e conseguiu tocar nos ferros com a ponta dos dedos, mas não lhe foi possivel ainda conseguir abril-a.

— Depressa! — gritou a Sybilla.

Então o boieiro, juntando as ultimas, fez um esforço desesperado e saltou.

Victoria! A sua mão, ao bater d'encontro a grade, descerrou-a, e Lucas, sobre a borda da fresta, ficou suspenso sobre o abysmo.

Agarrae-vos aos meus pés!—gritou elle a Agar, com triumpho.

Mas a sua voz perdeu-se entre o mugido da agua, sem obter resposta.

Olhou assustado para baixo, onde estava ha pouco Agar, mas não lobrigou mais do que a sombra da cabeça da judia elevando-se á superficie da agua encapellada.

A feiticeira boiava inanimada: a morte, sob a fórma d'uma onda mais enfurecida, havia entrado por aquella boca por onde haviam saído tantas prophecias e terriveis imprecações.

Marido e mulher haviam perecido no mesmo dia, e ambos os seus corpos foram arrastados pelo mesmo nateiro lodoso da cloaca.

—Outra victima mais que vingar!—murmurou Lucas, profundamente contristado.

E como se aquella idéa lhe communicasse novas e poderosas forças ao corpo abatido e lasso de tantas fadigas adversas, saltou por essa abertura que, ao descerrar a grade, se escancarava sobre o abysmo.

—Oh! sim, vingal-a-ha!... Vingará todos!... O mais difficil conseguiu-o, está emfim livre. Sim, está emfim em liberdade!... Os seus olhos já enxergam emfim a grande curva infinita, o céo... e a chuva fustiga-lhe a face... Oh, que embriaguez infinita! Tudo isso é a liberdade!...

Mas aonde é que está? Aquellas aguas bravas que a seus pés se agitam e marulham são as do Tibre. Sim, está n'uma das suas margens! Todo escorrendo agua, encharcado, quebrado de cansaço, extenuado pelas continuas commoções, chorando de pezar e de alegria, deixou-se caír na terra... Livre! Estava emfim livre!

Porém, ainda não. O que é aquillo? O que significa aquella sombra que se aproxima precipitadamente? Será acaso mais um inimigo?... Mas parece que ella tem interesse em não ser vista, porque se occulta na penumbra, procura a escuridão, e qualquer a tomaria por uma mulher. Detem-se agora na margem do rio... Olha... Parece que vacilla e trepida... Talvez que procure alguem...

Finalmente a mulher (pois é uma mulher) dirige-se para Lucas. Roça quasi por elle, mas tão distrahida que decerto o não viu, e elle innegavelmente não tem desejos de ser descoberto. Avança um pouco mais até á riba da corrente, e debruça-se... Precipita-se, e por fim a malaventurada cae na embravecida e turba agua da torrente.

Lucas, com o coração oppresso, afflicto, pôz-se em pé d'um salto.

Não podia nem queria deixar perecer d'aquella sorte a desconhecida, e, disposto a tudo, precipitou-se em continente ao rio.

Mas quedou-se um minuto immovel. A mulher havia desapparecido. Tel-a-hia arrastado a corrente?...

Por fim appareceu á tona d'agua. Sim, aquillo que fluctua são roupas de mulher...

Sem mais cogitações, o boieiro precipitou-se para o local onde as rou

pas boiavam, agarrou-se fortemente com uma das mãos a uma das argolas do caes, e com a outra puxou para si as roupas fluctuantes... Não receia já que a afogada assim presa possa de novo ser arrebatada pelas ondas. Puxou em seguida com mais força a mulher, e levou-a em braços para a praia, onde a depoz. Ella não estava morta, porém apenas desmaiada, e o coração pulsava-lhe ainda.

Pobre mulher! Estava vestida de luto.

O campino levantou-lhe a cabeça e separou-lhe os cabellos longos e máidos que a onda salgada encharcára e que, emmaranhados, lhe cobriam a face; e um tremor nervoso, como se fosse uma descarga electrica, o fez estremecer todo, dos pés á cabeça.

—Endoideço, ou já estou doido!—murmurou em voz sumida.—Quem se me metteu na cabeça que é a afogada?... Ella!... Não é possivel... E comtudo...

Mas um relampago, cruzando e rasgando a opacidade do céo, illuminou a praia com a sua claridade fugaz.

—Justiça eterna!—clamou o boieiro.

A mulher que elle havia salvo do Tibre era a Fornarina...

CAPITULO XLVIII

Façanhas guerreiras

—Oh Flora! irmã previdente, amiga fiel! chegou emfim o momento de te vingar!...

Assim esbravejava Annibal, com inexprimivel expressão de alegria, só ao pensar que podia vingar no frade Tetzel a perda de seu bem-estar, ou, por outra, a morte de sua irmã, a grande cortezã, os deleites de Roma.

O aventureiro decidira-se a emigrar para a Allemanha, com o coração anavalhado d'angustias, e sem que por um instante sequer lhe saísse da memoria a casa lugubre em que pela ultima vez estreitára o inanimado corpo da pobre moça, caída n'um charco de sangue, que elle ignorava fosse o vinho da botelha despejada em funccanata alegre.

Não houvera, pois, para elle mais tranquillidade nem satisfação nem gaudio que lhe não fosse transtornado por aquella lembrança acerba, e mil vezes o declarára categoricamente o aventureiro—que jámais para elle haveria jubilo emquanto não satisfizesse a sua sede de vingança no sangue do bilhostre do frade.

A noticia da cerimonia religiosa do enterro de sua irmã, com as minucias da resurreição miraculosa da moça voltando á vida, na presença do Papa, nem mais nem menos do que Lazaro ante Jesus, não chegára até elle, pois que, quando aquelles mirabolantes successos occorreram, estava elle já a muitas legoas de Roma. Annibal, pois, ao avistar o frade, dispunha-se a fazer pagar caro ao vendilhão d'indulgencias todos os revezes, privações, canceiras e riscos supportados, fóra aquelles de que não sem grave custo lográra livrar a pelle, por varias vezes.

Sem o assassinato de minha irmã—pensava o digno companheiro de Spavento—assassinato que foi uma villania supina e um sacrilegio sem

exemplo, eu teria desfrutado em Roma impagaveis dias de felicidade absoluta... Não me teria mais arriscado senão a negocios seguros, em que o risco fosse escasso, e o lucro enorme... Esse frade foi causa de que eu, em logar de ter gozado aquella rica vida regalada e deliciosa, tenha cortido longos jejuns, frios, relentos e sonhado todas as noites que tenho o nó d'um barago a estrangular-me o gasnete, e a sombra terrifica da forca projectando-se sobre a minha cabeça... Agora mesmo, n'este momento exactamente, todo eu estou tremelicando de frio, e com a barriga a dar horas, tão vazia como as minhas tisicas algibeiras... Espera lá, espera, miseravel birbante, alma de sarrafaçal alheia a qualquer remorso, nós dois ou, para melhor dizer, nós tres vamos ajustar as contas...

Este terceiro de quem o espadachim fallava era Spavento, com cujo auxilio contava para a ensinadella ao inquisidor da Allemanha.

Em que se entreteriam os dois amigos e collegas, meio occultos no hervaçal?...

Entrementes os passos das mulas da caravana ouviam-se cada vez mais proximos.

—Quantos são?—perguntou Annibal.

—Elle e mais dois.

—Diabo! Tu te encarregarás d'esses dois, que eu me encarrego do frade...

—Como queiras... Demais, com aquillo que lhe preparamos não temos nada a temer...

—Bem. Tens a mecha?

—Está prompta.

—E não falhará?

—Descança, que tudo preveni.

—És tão acautelado!... Reconheço essa boa qualidade... Reparaste nas mulas?

—Véem carregadinhas de cofres, que parecem bem pesados.

—Magnifico!

E além d'isso trazem saccos que parecem estar bem impados de dinheirama...

—Maravilhoso!

—Parece que foi boa a colheita.

—Oh! sem duvida alguma.

E Annibal cautelosamente levantou a cabeça.

—Olha... Olha... Elles lá véem...

—O frade rompe a marcha.

—Muito bem... Corramos a postos.

E os dois cumplices esgueiraram-se ambos, occultando-se no mattagal do monte.

Andaram, segundo parece, alguns passos apenas, pois um pouco mais acima do local em que se encontravam antes, lobrigou-se um ponto luminoso entre a ramalhada das arvores, semelhante a uma braza de lume.

Tetzel, entretanto, continuava descendo socegada e pachorrentamente, sacudido suavemente pelo passo tranquillo do seu murzello.

Sem duvida tinha almocado fartamente o digno inquisidor, pois dormi-

tava, com a mãos cruzadas no proeminente bandulho e as redeas da alimarias bambas... Atraz d'elles seguiam soldados armados até aos dentes, escoltando, a pé, duas mulas que transportavam os barrigudos cofres, que já são conhecidos dos nossos leitores.

Tetzel, confiado em que os soldados da sua escolta saberiam protegel-o, no caso pouco plausivel, na verdade, de que aquelle dinheiro, sagrado pelo seu destino, encontrasse ambiciosos irreverentes, digeria em santa paz e gloria de Deus. De golpe, porém, o frade estremeceu, dando um salto em cima da sella, assaralhopado.

Tinha ouvido distinctamente nos ares um tiro, e em seguida outro, e outro, como se fosse uma verdadeira descarga de mosquetaria. De toda a banda se elevavam nuvens de fumarada, que entravam pelas ventas das bestas, e as espantavam e encabritavam.

O murzello de Tetzel fôra o primeiro a rinchar, e a fazer corcovos, e a dar pinchos furiosos. E de varias partes do monte, ao mesmo tempo, saíam espantosos e selvaticos uivos, que semelhavam bestas feras.

Dois homens, que deveriam ser dois demonios na opinião dos soldados assaltados e estarrecidos, precipitaram-se sobre a escolta de Tetzel, pegaram nos guardas pelas pernas e atiraram-os ao chão.

Os soldados aturdidos não tentaram resistencia alguma, que lhes parecia de todo o ponto inutil, pois as detonações que se succediam sem interrupção demonstravam-lhes que decerto teriam que se haver com uma numerosa quadrilha de bandoleiros.

—As mulas! As mulas!...—gritava Spavento.

Mas os animalejos, espantados por aquelles infernaes estardalhaços, tinham passado do mazombo chouto a furioso galope e, correndo a bom correr, ameaçavam ir escaqueirar-se por alguma das ribanceiras do monte abaixo, que terminava n'um verdadeiro precipicio a pique.

Como tal não era a intenção de Spavento, e sobremodo isto o desgostasse, depois de haver impossibilitado um dos soldados de toda a defeza, correu a agarrar as mulas, em risco grave de se despenhar do esbarrondadeiro abaixo. Ao mesmo tempo ouviam-se exclamações distantes, gritos, gemidos, o diabo!

—A mim, soccorro! que me matam!—ululava uma voz.

—Demonio do frade!—roncava o irmão de Flora.

—Soccorro! que me matam!—regougava a mesma voz afflictiva.

—Espera um instante, birbante!... Não quero que morras sem mim! barafustava Annibal a quem a paixão do ouro fizera esquecer, por um momento, o seu odio e o seu desejo de vingar-se.

Spavento seguiu a direcção do olhar do companheiro, e nem um nem outro puderam reprimir uma larga casquinada de riso.

A situação na realidade era comica, ainda que não o parecesse a Tetzel. Porque o seu murzello, depois de se haver encabritado e feito piruetas varias, quebrando afinal as redeas, emprehendera carreira vertiginosa pelo despenhadeiro abaixo. Tetzel pudera dizer com justiça que vira a morte acercar-se d'elle e tocar-lhe com suas garras geladas. N'aquella assaralhopada situação, pois fazendo um esforço desesperado que lhe lembrou, não o valor, mas o instincto da conservação propria, o pobre diabo agarrou-se

phreneticamente ao esgalho d'uma arvore, que encontrou á mão na carreira desordenada em que ia. Sentiu uma sacudidella violenta, é verdade, mas ficou suspenso dos esgalhos com os olhos fechados sobre a boca escancarada do medonho abysmo, para não vêr aquelle pavor.

Quando os seus grandes berros e gritos fizeram voltar para o logar em que elle estava pendurado os dois aventureiros, estes viram com pasmo o frade agarrado com unhas e dentes ao esgalho da arvore, e fazendo violentos e desesperados tentamens para encontrar um ponto de apoio.

—Vamos deixal-o alli, pendurado entre este mundo e o outro!—disse Annibal.

—Tem pilheria, olaré!—retrucou Spavento, que rebentava de riso.

O espectaculo não deixava na realidade de ser divertido.

O frade sacudia epilepticamente as pernas, que appareciam á vela, por causa do habito que se arregaçára, e fazia desesperados esforços para encontrar um ponto aonde se apoiar, emquanto que Annibal, descaroado e com riso escarninho, se aproximára d'elle, para saborear melhor o cruel supplicio de Tetzel.

—Pobre santo varão!—dizia Annibal para Spavento—Decerto que não poderá continuar n'esta posição durante muitos annos!

—Não, não poderá conservar-se assim mais de cinco minutos!—respondeu Spavento.

—Tal e qual. O maximo é cinco minutos...

—D'aqui a pouco os musculos das mãos, extraordinariamente cansados por uma tensão tão prolongada, forçal-o-hão a largar o esgalho...

—E então...

—Vae de cabeça abaixo, ao fundo... Olaré!

—Irá escaqueirar o toutiço ao pé d'aquelles barrocaes que se vêem d'aqui...

—Ao pé do cavallo.

—Pobre animalejo!

—É espantoso!

—É certo, e assim ficarás vingado.

—É verdade!

Os chascos crueis dos dois bandoleiros cravavam-se como puas ou flechas no coração do miseravel, que da pallidez cadaverica que lhe cobria a face havia passado á côr de tomate. O sangue affluia-lhe á cabeça em borrascosos turbilhões, os olhos emmublavam-se-lhe, e figurou-se-lhe que lhe ia estalar o craneo.

—Piedade! meus bons senhores!—ululava elle—salvem-me! salvem me!...

—Para que?

—Meus bons senhores, compadeçam-se de mim...

—Nós não somos senhores... Decerto que o deve perceber bem. O insolente abusa da sua posição para mangar de nós, impunemente...

—Pelo amor de Deus!

—Não sabemos quem é esse sujeito.

Salvem-me, e eu vos enriquecerei...

—Devéras?... Pois ainda ahi tem vontade de chasquear?...

—Não gracejo. Os meus cofres estão abarrotados d'ouro.

—É possivel?...

—É como lhes digo, meus ricos senhores, estão cheios como um ovo...

—Não duvidamos já... E a prova é que os vamos despejar todos, coitadinhos!...

—Atrever-se-hão a isso?...

Estava suspenso entre o céo e a terra, fazendo esforços desesperados.

Cap. XLVIII.

—Ora essa! Então não nos havemos de atrever!...

Vendo que nem os seus rogos nem os seus gemidos produziam resultado algum, Tetzel resolveu ensaiar as ameaças, e declarou-lhes formalmente que aquelle dinheiro era sagrado, que elle não era mais do que um simples fiel depositario...

—Então para que foi que nol-o offereceu?—perguntaram, não sem logica, os dois bandidos.

—Esse dinheiro pertence ao Santissimo Padre — continuava dizendo, pendurado da arvore, o frade — tocar n'elle apenas, constitue um peccado mortal, imperdoavel, um sacrilegio inconcebivel...

—Devéras? — perguntou Annibal, que pareceu impressionado.

—Sem remissão será condemnado eternamente aos brazidos infernaes aquelle que pretender apoderar-se d'elle.

—Continuaes a mangar com a tropa...

—Deus me livre!

—Pois nós podemos commetter todo o genero de patifaria por espaço de dez annos.

—Não digaes heresias.

—Alcançamos perdão de todas as faltas passadas.

—Isso é impossivel.

—Custou-nos o nosso dinheiro!

—Isso está em contradicção com os canones... Roubaram-vos. Ninguem, nem mesmo o Papa, póde tal... Quem seria o atrevido rapinante que vos larapeou...

—Foste tu mesmo, frade do diabo!

—Eu!?...

—Sim, tu. Olha...

E os dois espadachins mostraram-lhe o pergaminho, que lhe haviam comprado a elle proprio na praça de Wittemberg.

Aquelle argumento *ad hominem* era tão irrefutavel, o pobre Tetzel fôra colhido de tal sorte nas suas redes proprias, que elle comprehendeu que era inutil empregar aquelle meio para se salvar, e ficou com a boca aberta, o que augmentou a hilaridade e as grandes casquinadas de riso dos dois aventureiros.

O desgraçado frade, com o braço e a mão quasi desconjunctados pelo inaudito esforço que fazia para se sustentar n'aquella posição critica, tentou subir mais acima para descansar na ramaria da arvore.

Mas tudo o que fez foi em vão: as suas tentativas não tiveram outro resultado mais do que diminuir as suas já diminutas forças.

—Ai! — ululava elle — o que foi que vos fiz para que me trateis com tal rigor?... Attendei a que eu sou um infeliz e honrado frade, que em sua vida jámais causou o menor mal a alguem...

—Nunca, bigorrilhas?... E atreves-te a dizer-me isso a mim!... Acaso ainda não me reconheceste? — gritou Annibal, abeirando-se do inquisidor o mais proximo possivel.

Tetzel fitou o seu interpellante: mas tão aturdido, tão assaralhopado, tão transtornado estava pela anciedade e a tensão muscular inaudita que era preciso fazer para não ir parar com as costellas ao despenhadeiro, que não lhe foi possivel reconhecel-o.

—Não sei quem sois! — respondeu o frade.

—Treme então! — ribombou o irmão de Flora.

E, aprumando-se n'uma attitude de furia e de dignidade, disse com voz terrifica:

—Eu sou Annibal.

Mas o frade, cada vez mais boquiaberto, perguntou com ar ingenuo:

—Mas qual Annibal?...

Ainda m'o perguntas?... Sou Annibal, o unico, o verdadeiro, o irmão d'aquella Flora, que tu, satyro feito verdugo, trucidaste antes de sair de Roma.

—Esperae lá... Flora... aquella perfeita rapariga?

—Tal e qual.

—E dizes que eu a... hei trucidado?

—Assassinado, envenenado, chacinado, trucidado, como quizerdes...

—Eu!? Assassinar uma mulher, uma mulher tão perfeita como aquella?... Enganaes-vos. Sabei que eu com as damas não emprego outras armas senão as da galanteria... Se na verdade sois o seu irmão, ella deve-vos ter dito...

—Minha irmã morreu...

—Decerto que não por minha culpa.

—Quando tu a largaste, bilhostre...

—Escuta. Se queres fallar a respeito d'ella, estariamos melhor n'outra posição.

—Eu cá estou perfeitamente.

—Por piedade!

—Não ha piedade para ti, que a não tiveste para ella.

—Repito-vos que estou innocente.

—Mentira! Eu vi o contrario...

Mas Tetzel concebera esperanças de salvação.

—Peço-te que me ouças ao menos... Recordo-me agora perfeitamente. Vos cuidaste-a morta, quando ella estava apenas adormecida, por um narcotico que eu lhe propinara, não receio confessal-o, com tenção de abusar d'ella, sem me custar muito trabalho.

—Patife! Mas devéras ella não morreu?...

Era isto o que Annibal almejava, e a ideia de que sua irmã poderia estar viva e sã como um pero, tornava-o ebrio de alegria.

—Absolutamente certo, afianço-vos — assegurou o frade. — Vamos a Roma se ainda duvidaes, e eu comprometto-me a fazer os gastos da viagem, e podereis convencer-vos da verdade do que vos afianço. Se vos não disserem que Flora não morreu, pelo menos na occasião de que fallaes, entrego-me á vossa vingança, auctoriso-vos a torturar-me com todos os supplicios conhecidos...

—Isso, fallar não custa muito...

Mas, entretanto, soccorrei-me depressa, porque as minhas forças estão quasi a esgotar-se. Lembrae-vos de que quando o soldado suisso queria matar-vos, eu não duvidei em correr em vosso auxilio.

—Isso é verdade.

—Lembrae-vos do juramento que então me fizestes...

—Sim, recordo-me: mas tambem não me esqueço de que depois me quizeste matar.

Foi uma chalaça innocente. Eu não queria senão proteger a vossa fuga... Vamos, apiedae-vos, apiedae-vos depressa, aliás...

—Seja, mas com a condição que sabes.

A felicidade inspira sentimentos bons.

A alegria que lhe causava a esperança dilatadora de que sua irmã podia estar viva, a perspectiva de dias calmos e de bem-estar, enterneciam Annibal e avivaram tanto a sua curiosidade, excitada demais a mais pelos signaes de approvação que fazia Spavento, vendo sem duvida a possibilidade de fazer de Tetzel um cumplice, que os dois espadachins se decidiram a tirar o frade da sua escabrosa e arriscada posição.

Alguns momentos depois Tetzel estava salvo do perigo, mas bastante quebrado dos esforços de tensão que havia feito, e tremendo todo á recordação apenas do lance perigosissimo em que se vira e do precipicio em que estivera instantes que lhe pareceram seculos, balouçando, como um fructo maduro, sacudido pela borrasca.

Quando se viu mais reposto e calmo do susto que tinha apanhado, coagido pela impaciencia d'Annibal que queria convencer-se de que o que elle assegurára era veridico, o frade deu mais pormenores e circumstancias ácerca da sua entrevista com Flora.

—Não se prestava de muito bom grado a conceder-me os seus favores —disse elle.

—Comprehendo—ajuntou Annibal—apresentaveis-vos mesquinhamente, mesmo talvez sovinamente...

E depois a meia voz, como se fallasse comsigo mesmo, ajuntou:—Que moça tão intelligente! que ordem tão admiravel! que principios tão praticos!...

Tetzel referiu então de que subterfugio innocente se valera para vencer sem demasiado esforço os rigores da bella, e como finalmente depois de ter usado e abusado d'ella a abandonára talvez um tanto abruptamente mas sem suspeitar sequer, que a sua artimanha poderia motivar tão extraordinarias consequencias.

A sinceridade com que o frade confessava o seu procedimento, na verdade pouco cavalheiresco e nada cortez, era uma prova da veracidade da sua narrativa, a qual Annibal não deixou de censurar, e crivar de reprimendas, que o frade ouviu submissamente, de orelha murcha, e face contristada.

—De fórma que segundo isso...—disse o irmão de Flora, a quem se iam no animo apagando as duvidas e suspeitas—não tenho motivos de rancor contra vós?...

—Nenhum, juro-vos...

—Não jureis, porque então não acredito palavra...

—Pois seja.

Tetzel, como se vê, tornára-se em extremo condescendente.

Spavento ajuntou então:

—Visto que o assumpto está sufficientemente debatido, não temos já rasão alguma para retermos mais tempo este honrado viajante...

—Decerto, decerto!... Não ha já rasão nenhuma que...

Ao ouvir estas consoladoras palavras de Spavento e de Annibal, Tetzel poz-se em pé rapidamente com uma presteza de que elle mesmo se não julgava capaz.

—[illegible] disse elle, [illegible] e risonha como a aurora.

E tanta pressa tinha de separar-se dos seus amigos, que esquecia communar a promettida viagem a Roma, e até mesmo agradecer-lhes o serviço que lhes haviam prestado... pois na verdade, aquelles desalmados haviam lhe salvo as santas costellas de uma tremenda queda.

Os dois aventureiros pareciam não fazer reparo n'aquella falta de cortezia, e piscando maliciosamente o olho, viram complacentemente o frade dirigir-se para as mulas carregadas com os cofres.

D'aquillo é que elle se não esquecia.

O vendedor de indulgencias havia já travado das redeas das mulas, e dispunha-se a caminhar a pé, levando-as á arreata, sem mesmo sequer se lembrar dos soldados que amarrados como feixes de palha, jaziam por terra, e já muito lampeiro tratava de se esgueirar conduzindo as alimarias carregadas de ouro, quando os dois espadachins, ao mesmo tempo, o fizeram parar pronunciando a mesma phrase que soou aos ouvidos de Tetzel como a trombeta de Jerichó.

— O que é que fazeis? Estaes doido? Então assim se deixa os amigos?...

Tetzel voltou para os valentões a sua face turbada e inquieta, e replicou:

— Então... vou-me. Não é isso que ficou assentado?...

— Vós, sim.

— Mas...

— Mas as mulas, não.

— O que dizeis?...

— A verdadinha.

O frade tentou rir, como se este caso fosse uma nova brincadeira, e que elle lhe achasse infinita graça.

Então Spavento, com uma requintada polidez, acercou-se d'elle de chapeu na mão, e disse-lhe estes memoraveis dizeres:

— O nosso mais supino prazer seria deixar-vos na posse d'estas alimarias, de perna tão fina e nervosa e pello reluzente, mas, infelizmente, temos precisão d'ellas...

— Para levarmos os nossos cofres... — disseram, com a maior naturalidade do mundo, os dois aventureiros ao mesmo tempo.

— Os vossos cofres?... — tartamudeou Tetzel, que começava a vêr claro.

— E o nosso dinheiro tambem.

— Então é melhor dizer que me roubaes! — exclamou o frade.

— Nós! — ribombou Spavento com indignação. — Que palavra é essa?... Nós só o queremos de emprestimo.

— Repito-vos que esse dinheiro pertence á Egreja.

— Assim nos disseste já.

— Pois então...

— É por isso que o levamos. Julgaes acaso que tocariamos jamais n'uma coisa que vos pertencesse!... Nós respeitamos a propriedade alheia.

— Mas a minha responsabilidade?... Eu sou um delegado de Leão X. Que dirá de mim o Papa?

— Ora, o Papa!

—Atrever-vos-heis acaso...

—O seu reino não é d'este mundo.

E Annibal e Spavento iam avançando para as mulas, fazendo recuar Tetzel, que afastaram prudentemente d'ao pé dos animaes, de cujas redeas, dando provas de não menor prudencia, foram travando á cautela.

—Vamos, podeis girar!...—disse Spavento.

—E até á vista!—acrescentou Annibal.

E em continente, para coagirem o frade a pôr-se a caminho depressa, apresentaram-lhe as pontas das espadas.

Mas, coisa rara! Tetzel não se bulia nem se amedrontava. Tinha o olhar fixo no quer que era que o attrahia, por detraz dos aventureiros, e sorria... Alguem diria que qualquer coisa de desconhecido lhe cummunicava uma bem extraordinaria alegria. Os dois espadachins nem sequer tiveram tempo de se maravilhar d'aquella mudança tão repentina, pois antes que fizessem qualquer movimento sentiram-se atirados a terra por vigorosas manapolas, e em seguida amordaçados. Foi então que puderam vêr os dois soldados cujas cordas haviam sido cortadas, e viram dois individuos que se abraçavam com reconhecimento e satisfação. Um d'estes era Tetzel, doido de reconhecimento e jubilo, o outro era o homem da capa verde, convertido, inesperadamente, em salvador.

—Respondeis-me por esses homens com a vossa cabeça!—disse imperativamente Frick-Frick aos soldados.

E voltando-se para Tetzel, acrescentou:

—Escapastes-vos de boa, mais o dinheiro!...

—Pelo que vejo—tornou o frade sem responder directamente ao dito de Frick-Frick—tu seguias-me...

—Talvez. Fiz mal?...

—Não, mas como não me tinhas dito nada...

—É verdade.

—Não te esperava vêr agora.

Frick-Frick e Tetzel, afastando-se um tanto dos aventureiros, fallaram em seguida, em voz sumida.

—Aonde me esperavas?...—perguntou Frick-Frick.

—No convento.

—De Nimpkchen?...

—Sim.

Frick-Frick pareceu estar preoccupado, e não afastava o olhar do carreiro da montanha. Sem responder ao amigo, perguntou-lhe:

—Quantas arcas d'essas levas comtigo?

—Quatro.

—E quantos saccos?

—Tambem quatro.

—Total oito. Eu julgava ter contado quinze.

Tetzel aprumou-se então com magestade.

—Pelo que vejo, espias-me?...

—Não. Temos que fallar.

A face do frade, que se havia nublado de chofre, serenou-se a estas palavras, e disse:

— Tu deves saber bem que esse dinheiro, ganho pela Egreja, á Egreja pertence.

— Era n'isso que eu estava matutando.

— E, portanto, que eu o guardo religiosamente.

— É a expressão apropriada.

— Pois bem...

— Nada, estamos d'accordo.

Isto, comtudo, não impediu Frick-Frick de tornar a perguntar:

— Estás certo de que não vinham quinze volumes?...

Tetzel, turbado, hesitou um momento antes de responder.

— Sim — disse, ao cabo — com effeito vinham quinze. Havia porém alguns que não vinham bem cheios, e que eu enchi, ficando então reduzidos todos a oito.

— Sim, comprehendo.

— Assim torna-se mais facil e commodo o transporte.

— Bem, até á vista.

Frick-Frick ia a retirar-se, mas Tetzel chamou-o.

— Então, deixas-me?

— Assim é preciso.

— Então espero-te em Nimpkchen.

— Não posso.

— Queres dizer que me abandonas?...

— Não precisas já de mim.

— Mas...

— Queres raptar uma mulher, não é assim?...

— É certo.

— Pois bem; sendo assim, eu só te serviria de estorvo.

— Pelo contrario. Mais vale ir acompanhado do que sósinho.

— Conforme...

— Tanto mais que no caso de que a descendente dos Boras não esteja muito resolvida a seguir-me...

— Tu sósinho bastas para a convenceres.

— Sim, se ella estivesse só... Mas topei outro no mesmo encalço.

— Com Luthero?

— Elle, em carne e osso.

— Bem, isso de toda a fórma é da tua competencia exclusiva.

— Agrada-me a tua placidez.

— Até á vista.

— Até á vista, pois!

Sem duvida alguma, existia alguma coisa que ignoramos entre aquelles dois homens. Prova-o, por um lado, a sequidão com que Frick-Frick se expressava, e, por outro, a pouca insistencia de Tetzel.

Frick-Frick seguiu em frente, pelo carreiro sombrio, resmoneando, entre dentes:

—Sei o que queria saber. Roubou metade do dinheiro que recebeu dos papalvos fieis, imaginando que ninguem desconfiaria da roubalheira, á vista da grande quantidade que ainda traz... (1)

Depois, com resolução inabalavel, disse:

—É preciso que eu averigue aonde elle encafuou o producto da roubalheira!

Tetzel conservava um intimo rancor a Catharina de Bora, pelo mau exito das suas tentativas, quando tratou de a violar nos proprios degraus do altar, e a sua paixão bestial crescera de ardencia pelos attractivos e a admiravel belleza da noviça. Todas as outras beldades que topava no caminho não faziam mais do que atiçar o fogo dos seus desejos, e só conseguiam que no seu espirito ella superasse todas, sob todos os aspectos.

Por outro lado, ainda que tivesse querido esquecel-a, havia uma coisa que sem cessar a fazia surgir na sua memoria: eram as ameaças que explosira contra elle Martinho Luthero.

Tetzel, até ao instante em que com o seu apparecimento subito conseguira arrancar-lhe Catharina de Bora dos braços, não conhecia o frade agostinho. Mas n'aquella mesma noite soubera que o frade era irmão de Bertha, a mulher d'aquelle Neumann que tão vilmente seduzira, e o que coagiu a misera a suicidar-se, por não poder resistir á vergonha e á deshonra.

Depois, mais tarde, aquelle mesmo Luthero desencadeára contra elle as iras do populacho, na propria cathedral d'Wittemberg. Aquelle homem pois fizera-lhe muito mal—agora, sobretudo!

Sem fallar da morte de que estivera em risco e a que não conseguira escapar senão fugindo, achava-se agora face a face com o chefe audaz d'uma revolução religiosa, não possuindo outra arma para terçar com elle senão a credulidade dos devotos.

As doutrinas dos protestantes haviam feito progressos rapidos: o terreno tinha sido cavado pelos que duvidavam, como Erasmo, pelos doutrinarios como Bacon, pelos sarcastas como Butten, o gaulez da Reforma, e não havia que recear que a ventania levasse o grão lançado ao sólo... Não se tratava d'uma salsada ephemera e momentanea, mas d'uma reivindicação solemne, ha muito tempo esperada: tratava-se d'uma sublevação geral, cujo numero d'adeptos, cada vez mais fervorosos, augmentava dia a dia.

A voz de Luthero, ribombante como a lendaria tuba que derrocou a Jerichó biblica, fazia-os despertar e reunir.

E aquelle reformador que Tetzel não podia ver com bons olhos, por tantas razões, amava uma mulher... Quer dizer que não só arrancava ao frade os redditos da sua lucrativa industria, mas que lhe disputava tambem

(1) Os archivos da cidade de Freiberg provam que se alli cidade relativamente sem importancia recebeu 2000 florins em dois dias, e noutra occasião 5000 thalers, em tres semanas.

N. do A.

a posse unica da mulher que elle em sua vida amara deveras, pois para Tetzel aquelle desejo pertinaz revestia as apparencias do amor.

Luthero amava a mesma mulher, d'isso não restava duvida. Era prova d'isso a violencia brutal com que lh'a arrancara dos braços, e ainda mais as reticencias e allusões da sua verrina contra elle, na cathedral, e contra as doutrinas pontificias.

Assim pois ainda que o aculeo dos seus sentidos o não tivesse arrastado até ao convento, em que a pobre victima, a misera Catharina de Bora, se desesperava, a esperança apenas de se poder vingar de Luthero o teria levado a perseguir de novo Catharina. Por esta forma satisfazia a sua paixão, e confiava em que havia de lacerar o coração do seu adversario, o que constituia para elle uma dupla e requintada vingança.

Eis a razão por que vira com pezar Frick Fric abandonal-o, porque contava com o seu auxilio para levar a execução o seu plano de vingança. Esta conducta do seu compadre parecera-lhe inexplicavel, e não se atreveu sequer a matutar sobre ella, pois a explicação afigurou-se-lhe bastante clara e nitida.

A insistencia com que Frick Frick lhe perguntára quantos eram ao certo os saccos de dinheiro, fizera-lhe vêr a coisa mais evidente do que elle mesmo quizera vêr.

Não era o frade, porém, homem que renunciasse facilmente aos seus designios, sobretudo se tinham creado raizes tão fundas n'elle, como os que tinha agora em mente. Luthero havia se dirigido a Nimpkchen... Pois bem, elle iria tambem lá! Eram suas tenções dirigir primeiro os ataques contra Catharina de Bora, que elle suppunha amante de Luthero, e não renunciaria a ella. Iria, apesar de tudo e de todos.

O desejo aguilhoava cada vez mais a sua coragem, a ponto d'ella tocar as raias da temeridade.

Pouco lhe faltou que não declamasse como Achilles:

E se os Gregos [illegible] cahiam fracos
Patroclo é eu. Senhor, a [illegible]

Malaventuradamente elle não era Patroclo mas apenas o frade Tetzel, o que não era bastante... Era necessario, além d'isso, não commetter imprudencia alguma. O viver bem, como elle, é coisa assás agradavel: e, demais, elle não podia temerariamente affrontar a sua vida, que consagrara toda á Egreja.

Tratou, portanto, de procurar alliados.

É de suppor que teve a fortuna e a habilidade de os encontrar, pois que ás Ave Marias d'aquelle mesmo dia, em que elle estivera em risco de cair n'um despenhadeiro vertiginoso, fallava todo lampeiro á, por este theor, a dois valdevinos, n'uma viella:

— Então, fica tudo assim combinado... Fallando é que a gente se entende... O que é que ganhaes em arriscar a cabeça larapiando a bolsa a honestos paes de familia que nunca vos fizeram mal algum?... Vós tendes bravura, e eu tenho dinheiro. Em troca, portanto, do que me daes, eu dou vos

o que tenho. Não é isto pois mais habil e tambem mais civilisado do que proceder do modo que julgaveis? Prometteis-me estar ao meu serviço, por um certo numero de dias, e eu, em premio, dou-vos o salario ajustado, o que representa uma bem bonita continha. Ainda mais, comprometto-me a dar-vos o dobro, se vos saírdes bem da marosca. E não só isso, como tambem em vos preferir a outros quaesquer cavalheiros de estrada n'outra nova embrulhada, ou sarrafusca, em que eu, como agora, me metta. Não correis o risco sequer de attrahirdes sobre vós, pelo vosso subito engrandecimento, a attenção da policia, nem de sentirdes o apertado e incommodo nó do baraço da forca, emquanto estiverdes ao meu serviço, pois que vos ampara a protecção da Egreja, que vos saberá livrar de todas as semsaborias... Estaes conformes?...

—Estamos—responderam unanimes, e sem pestanejar, Annibal e Spavento, pois eram os dois espadachins com quem Tetzel fallava na viella.

—Separemo-nos pois—disse o frade.—Temos quatro dias ainda para combinar e preparar o rapto.

—Não é muito—observou Spavento.

—Quatro dias? perguntou Annibal.- De fórma que a obra é para sexta-feira?

—Sim.

—Até sexta, pois.

—No convento de Nimpkchen.

—Fica combinado.

Em seguida os tres separaram-se.

Os dois valentões estavam impando de gaudio porque haviam feito um bom negocio, e remexiam as algibeiras de modo a fazer tilintar as moedas d'ouro que haviam cobrado, promettendo vingarem-se da traição de Frick-Frick, assim que estivessem livres do compromisso que com Tetzel (que os soltára) haviam contrahido.

Tetzel não cabia tambem em si de alegria, por ter adquirido para o seu serviço dois chibantões de tanto prestimo e valia, e demais a mais, tão experimentados e habeis em façanhas e tranquibernias taes.

Aproximadamente á mesma hora em que tinha logar a entrevista, que acabamos de narrar, com os dois pimpões, Catharina de Bora passeava silente e triste na cerca do convento.

A moça tinha a face agora mais esmaecida do que cera, o seu corpo gracil e franzino tinha emmagrecido consideravelmente, consumido pelos aculeos moraes, e os revezes silenciosos e obscuros, que não são dos que menos minam e corroem.

A pobre menina morria de consumpção entre aquellas funebres paredes, devorada pelas penas amargas da reclusão e do isolamento, sem encontrar, em torno, mais do que mulheres, ou pervertidas, ou de genio

agridoce, que só sabiam fazel-a chorar, ou roubar-lhe á face as pudicas côres da vergonha.

Não sentia apoio em ninguem. Aquelle em quem havia confiado esquecera-a decerto, pois nenhumas novas d'elle tinha.

O seu amor, comtudo, — pensava comsigo a moça, que o amava profundamente — parecia bem sincero.

Que martyrio não representava para ella aquella clausura de seis mezes! Quem seria capaz de contar as preces vehementes que lhe acudiam aos labios supplicando a vinda do seu libertador?! Mas, ai da misera! todas as suas preces ficavam sem resultado, e no espirito da pobre reclusa penetrava, cada vez mais funda, esta suspeita cruel: tera morrido, ou esquecer-me-hia?...

Outra qualquer explicação d'aquelle silencio não se lhe figurava verosimil. Esta idéa era a que, como sempre, a preoccupava, ao passear no jardim do convento.

De repente, porém, estremeceu.

O que occasionaria aquelle estremecimento? Era o facto de se lhe ter figurado que uma cabeça d'homem assomára por cima do muro do jardim, a qual se destacava confusamente sobre o fundo pallido do crepusculo.

Tornou a olhar bem, mas nada enxergou já. Sem duvida os seus bons desejos haviam-n'a enganado. Porém o que foi que agora sentiu caír-lhe aos pés? É uma pedra, mais uma coisa branca que alveja... Parece que é uma carta.

Apanhal-a, escondel-a febrilmente no seio, receosa de que a tenham visto, e correr com passo furtivo e lepido a encerrar-se com o seu thesouro na cella, foi obra d'um momento.

A' claridade mortiça da tardinha, poude lêr as seguintes linhas:

«Se vos recordaes ainda d'aquelle que vos salvou uma noite, se vos consideraes ainda a sua promettida, como lh'o haveis jurado, no confessionario da capella, preparae-vos para fugir esta noite de sexta-feira e nada vos cause espanto.»

— É d'elle, é d'elle, indubitavelmente! — pensou a radiante noviça comsigo mesma. — Pergunta se me lembro!... Como me poderia eu ter esquecido!... Elle tambem me esqueceu acaso?... Não. Ama-me ainda!...

E a moça effusivamente lhe agradece do intimo da sua alma o não se haver esquecido, e promette entregar-se ao seu apoio com inabalavel e funda confiança. Com que impaciencia ella não espera a chegada d'aquella sexta-feira tão appetecida!

Mil vezes beija, com effusão, o bilhete bemfeitor que lhe promette o dilatado gozo de tudo que mais póde ambicionar: a liberdade e o amor.

O seu coração pulsa fremente, latejante, murmurando baixinho, a cada passo: — Sexta-feira!... Ainda faltam quatro dias!...

E como se alguem, que ella só vê no fundo do seu pensamento, a podesse observar e ouvir, ella murmura ao querido ente do seu sonho, com illimitada expressão de doçura:

— Obrigada... Sim, eu te esperarei... Amo-te...

CAPITULO XLIX

Um condemnado á morte

Na manhã d'aquelle dia em que tantos incidentes a favor e contra a evasão dos presos tinham occorrido, algumas horas depois da fugida de Lucas pela galeria da cloaca, Hochstratten dava audiencia no Vaticano, no seu gabinete de grande inquisidor.

Recebia as partes que traziam os seus agentes, e applaudia ou censurava com rudeza os actos praticados, conforme tinham, ou não, sido coroados d'exito.

No momento em que começa o que vamos relatar, dois individuos, os dois masmorreiros com quem os nossos leitores já travaram conhecimento, acham-se em pé, em face d'Hochstratten.

—De modo que—dizia o inquisidor—o boieiro fugiu?...

—Sim, monsenhor. Só achámos o velho, e um macaco ao pé d'elle.

—E haveis tratado de empaviar os dois?

—Sim, monsenhor. Bastaram apenas dois tiros d'arcabuz. O velho morreu immediatamente, sem fazer até tregeito algum...

—Quanto ao boieiro Lucas...—ia começar a dizer Hochstratten, com grande severidade.

Mas os dois carcereiros cairam de venta em terra, juntando as mãos, em attitude supplice.

—Monsenhor, monsenhor!—ululavam elles—a culpa não é nossa... Vigiavamos com grande cuidado! Não havia nada que nos inspirasse a mais remota suspeita! Tudo parecia estar em ordem, n'aquelle calabouço maldito...

E um dos carcereiros ajuntou:

—Demais, era-nos impossivel perseguil-o, monsenhor...

—Sim, impossivel!—confirmou o outro.

—Porque?—perguntou Hochstratten encolerisado.—Deveis saber que eu não gosto da palavra impossivel... Explicae essa palavra...

Os dois carcereiros, com ar compungido então, apontaram para os volumosos bandulhos, e gemeram:

—O buraco era muito pequeno...

Hochstratten não poude suster uma casquinada de riso. Decerto, n'aquelle dia sentia-se inclinado á clemencia.

—Está bem—disse.—Não tendes culpa, é certo!

Os dois carcereiros, pondo-se em pé d'um salto, exclamaram radiantes de gaudio:

—É verdade o que dizeis, monsenhor?

—Lucas—respondeu o inquisidor—não póde ter escapado, pois graças a outras ordens que eu dera, deve ter-se encontrado cercado, e a inundação do Tibre deve ter feito o resto.

—Quereis dizer que deve ter morrido...

—Afogado.

—Graças a Deus!—disseram, suspirando, com entranhado jubilo, os dois esbirros.

—Agora podeis ir-vos. Por esta vez, perdôo-vos, mas tomae tento em que não succeda outra...

Os dois masmorreiros saíram, curvando-se com grandes salamaleques, e o grande inquisidor ficou sósinho.

—De toda a maneira—magicava elle comsigo, depois de alguns instantes de intimo cogitar—eu desejaria saber quem é que praticou a mina debaixo do carcere dos presos. O trabalho é importante e difficilimo, e as precauções estavam tão habilmente tomadas que tudo me faz crêr que foi executada sob a direcção d'um habil engenheiro... Aquella locanda, os toneis cheios de terra, o armazem de vinhos, tudo prova uma associação bem organisada e perfeita. Denota mais que os filiados, os cumplices, eram de uma fidelidade extrema, pois só houve entre elles um traidor, Cricco, e de que só se serviram um momento apenas. Não ha que duvidar que são conspiradores para temer. Só o amor da liberdade engendra homens taes, capazes de correr os riscos que estes correm... Ah! a minha gente deu uma nova prova da sua impericia matando aquella sentinella! Com dez minutos de tortura tel-o-hiamos feito revelar tudo, o nome dos conjurados, e o fim da conjuração, que decerto visa coisa mais importante do que a soltura dos presos... Grande coisa nos póde confessar um cadaver!...

O inquisidor recostou-se indolentemente na poltrona em que estava sentado.

—Ora!—exclamou—agora não tem remedio!... Além d'isso, quem sabe se elle teria confessado?... Ponhamos de parte este assumpto.

E Hochstratten fechou os olhos, como se carecesse de concentração ou de descanço. Sem duvida deveria ter passado mal a noite.

Mas uma forte e brusca pancada na porta despertou-o, sobresaltadamente.

—Quem está ahi?

Um creado entrou, ao ouvir a pergunta do inquisidor.

—Monsenhor...

—Eu disse-te que queria estar só.

—Mas...

—Repito que quero estar só!

—É um homem que...

Por cima do muro do convento figurou-se-lhe vêr, destacando sobre o fundo pallido do crepusculo, uma cabeça d'homem.

Cap. XLVIII.

—Não recebo ninguem!

—Vós conheceis-lo, monsenhor... É o novo guarda encarregado da vigilancia da camara do nosso Santo Padre...

—O novo guarda!? E o que quer elle?

—Diz que só a vós o dirá.

—Dize-lhe que venha á tarde, ou d'aqui a bocado... Agora estou muito fatigado.

E, ao dizer isto, Hochstratten accomodou-se melhor na poltrona, cheio de mau humor.

Mas d'alli a pouco, tendo de novo soerguido a cabeça, viu o creado que continuava em pé, espetado no mesmo sitio, em attitude respeitosa.

—Para que estás espetado ahi?... Acaso não me fiz perceber?...

—Perdoae, monsenhor, mas tinha ainda mais a dizer-vos.

—O que é?

O guarda insiste com tal teima, que parece que tem a communicar coisa grave...

Devéras?

—Disse que *precisava fallar-vos já*, pois que á noite seria tarde.

—Ah!

Hochstratten cogitou alguns segundos, e disse:

—Faze-o entrar.

O famulo saíu, e a breve trecho entrou o guarda do Papa.

—Tens que me fallar?

—Sim, monsenhor.

—Queres-me pedir talvez alguma mercê?

—Pelo contrario, venho prestar um serviço.

—A quem?

—A vós mesmo.

—A mim!?

O tom de segurança com que o guarda fallava, fez com que Hochstratten não desatasse uma casquinada de riso, fazendo-lhe suspeitar algum segredo solapado de que o guarda estava de posse, e que elle logo ardeu em pruridos de conhecer.

—Monsenhor—disse o guarda—está tramada uma conjuração que tem por alvo attentar contra a vida de Sua Santidade Leão X.

—O que dizeis?

—A verdade núa e crúa.

O inquisidor, entretanto, monologando em voz sumida, dizia:

—Era isto talvez o fim dos conjurados.

O fiel guarda do Papa, todavia, continuou:

—Eu sou um dos cumplices d'essa trama...

—Olá! Caspitè!

—Vós não deveis ignorar, monsenhor, que ha poucos dias só que estou no Vaticano, em consequencia do meu antecessor haver sido despedido. Mas o interessante não é isto. Ha muito tempo que eu e a minha familia viviamos na miseria, sem termos comido nada... Por mim, teria podido resistir, sou homem, que importaria que morresse de fome?! Mas ella, a minha companheira... a misera creatura!?... meus filhos!... Emfim, chegaram-se a mim, e disseram: Toma lá dinheiro, e deram-me tanto, tanto, que o futuro já me não deveria assustar. Foi então que accedi a tudo que me propuzeram, para salval-a a ella, e fazer felizes os meus... Comprehendeis-me?... Não ignorava que me ia tornar cumplice d'um assassinato... mas o meu papel era insignificante e facil. Logo que fosse entregue da somma promettida nada mais tinha a fazer do que na noite que me indicassem deixar abertas as portas que dão entrada para o quarto de

dormir de Sua Santidade. Apenas a isto se reduzia a parte que devia tomar na trama. O mais não era da minha conta... Não teria mesmo nada a recear, pois sempre me seria facil provar que os assassinos, para lá penetrarem, se haviam servido de chaves falsas. Em tudo isto que elles me propunham, eu não via senão a salvação de minha mulher e de meus filhos, porque para que elles não morressem a mingua eu teria soffrido e praticado todas as infamias. Mas...

O guarda do Papa quedou-se um momento mudo. Os soluços estrangulavam-lhe a voz e a garganta.

— Esta manhã — proseguiu elle, em voz mais sumida, — a minha mulher morreu, sem soffrimento... Extinguiu-se, sem o sentir... Ao acordar, encontrei-a gelada... Fugi então do seu lado, como doido, porque aquella morte pareceu-me um castigo de Deus...

— E era-o decerto — apoiou Hochstratten, com convicção.

— Reflecti então que seria um grande scelerado, se me prestasse a ser cumplice de uma morte, que nada póde perdoar. Agora que perdi a minha companheira, pouco me importa a morte!... Esse dinheiro de que ella já não carece, escaldar-me-hia as mãos... A catastrophe que me succedeu exime-me ao cumprimento da minha promessa... Fazendo-vos esta confissão, reparo uma falta que cruelmente expiei... Entrego-me a vós, para que façaes de mim o que vos parecer...

Hochstratten, fundamente pensativo, limitou-se a responder:

— Está bem.

Guardou de novo silencio, sem que a minima emoção denunciasse na face a sua cogitação interior. Ao cabo de algum tempo, perguntou com perfeita tranquillidade:

— Para quando é o attentado?

— Para hoje, á meia noite.

— Ha alguma senha combinada?

— Nenhuma. Os conjurados devem encontrar as portas abertas.

— Está bem — respondeu Hochstratten.

— Foi essa circumstancia que dissipou e convenceu todos os meus escrupulos.

— Não comprehendo o que queres dizer.

— Eu desejava accusar-me, mas sem denunciar os meus cumplices. Porém, ainda que os quizesse denunciar, não posso fazel-o.

— Porque? Não os conheces?...

— Não.

— Dizeis a verdade?

— Dei-vos provas da minha sinceridade.

— Seja. Que mais?...

— Monsenhor, confio na vossa generosidade, contentae-vos em saber que a vida do Padre Santo não corre damno algum. Os conjurados nada poderão fazer, se acharem as portas fechadas. Não as façaes abrir, não trateis de castigar esses homens. Prometteis-m'o?

— Prometto.

— Prometteis-m'o?

— Repito que t'o prometto.

— Tomo nota das vossas palavras.

— Pois toma. Entretanto considera-te preso.

— Eu!?

— Sim, só até ámanhã. Quero convencer-me de que disseste a verdade. Se me não enganaste, podes crer que não teras motivo algum de queixa minha.

— Eu não peço recompensa alguma, e logo de principio disse que não vinha pedir mercê.

— Como entenderes.

— Só desejaria velar ao pé da minha morta, já livre de remorsos, quanto é possivel.

— Ámanhã estarás solto, e poderás acompanhal-a á sua ultima jazida.

— Mas...

— Basta.

O homem quiz insistir: mas o grande inquisidor tocou n'um timbre, e entregou-o a dois creados.

Mal que Hochstratten se achou só, caíu em funda contemplação. Se este cogitar procedia porém da audacia de que davam mostra os conjurados, porque não corria elle prestes a revelar a Leão X a existencia do conluio? Se não provinha d'isso, em que cogitaria elle pois?

Matutava decerto em coisa mais ponderosa, pois tinha a cabeça acurvada no peito, o sobr'olho franzido, como quem martella o cerebro em abstracção de gravidade e peso.

— Ai! — ouviu-se elle murmurar.

E o resto da phrase ficou sumida, porque a boca não a articulou.

Pôz-se em pé, deu alguns passos com signaes inequivocos de anciedade visivel, e foi descerrar a janella, que deitava para o pateo interior, encostando-se ao parapeito.

D'alli, elle poude enxergar o formigueiro de padres no atrio em que começava uma escada, que conduzia á sala das recepções.

De golpe, o grande inquisidor sentiu um estremecimento ao attentar n'uma liteira, dentro da qual se repoltreava um dignitario.

A face de Hochstrattem passou da expressão de surpreza á alegria mais manifesta, e o fiel servidor do Papa começou a percorrer a sala a largas passadas, dizendo em voz alta:

E ainda ha alarves que negam a Providencia! Safardanas! Atheus!...

Depois, mudando de tom, continuou:

Agora, nós dois, Leão X! Estás condemnado, não ha duvida. Quando penso que nem sequer me quiz nomear cardeal!... Agora veremos quem vence, quem...

Expressava-se com uma exaltação, uma alegria, que não eram decerto muito tranquillisadoras para a segurança do Papa.

O leitor não esqueceu decerto o erro que commettera Hochstratten, quando, illudido pela escuridade que reinava no aposento do Papa, descobrira a Julião de Medicis a villania e perversidade do Pontifice, ao passo que lhe mostrava a nú, tambem, a propria infamia.

A sua turbação fora então immensa. Misturava-se alem d'isso tambem

ao seu despeito, por se haver portado como uma creança, - a essa ferida aberta no seu amor-proprio, - um certo fundo de desespero verdadeiro.

N'um caracter tão bem temperado como o seu, se alguma vez predominava a brutalidade do desejo, era, como vimos já, momentaneamente, e n'elle não tardava a predominar, como unico e absoluto soberano, o calculo mais escrupuloso e requintado, e que melhor conviria ao seu interesse.

Hochstratten era amigo da dissipação: mas sem furor: — era verdugo, mas sem crueldade, segundo as circumstancias: — mas sobretudo era ambicioso, e a ambição era o regular constante e inquebrantavel do seu proceder.

Por isso, pensar que um equivoco estupido que, decerto, o Papa não poderia ter visto favoravelmente, o ia fazer perder n'um só dia o futuro de tantos labores tressuados, a sua influencia, e o premio de tantos ultrajes supportados!... Isto só era o sufficiente para o desacreditar, e fazer-lhe perder o ensejo de completar o seu engrandecimento.

Qual fora desde esse dia a attitude do Papa para com elle? Ter-lhe-ha perdoado ou guardar-lhe-hia rancor?

Era esta ultima hypothese a mais provavel, ainda que nada lhe provasse que o Papa se havia decidido, resolutamente, n'um sentido ou n'outro.

Esta ideia era o que o obsidiava, ao passear no gabinete de trabalho, occupado em architectar no cerebro planos varios, sem duvida de genero bem sinistro.

Era preciso, d'uma ou d'outra maneira, sair d'aquella situação escabrosa. Urgia determinar-se a acceitar ou não o logar do seu superior, ou se esta invasão se lhe antolhava difficil, se o crime lhe causava asco, ceder-o a outro de cujo espirito se podesse assenhorear melhor do que do de Leão X.

Talvez fosse mais audacioso dirigir-se a Julião, o qual poderia persuadir de que n'aquella noite lhe haviam revelado tudo, de proposito para lhe abrir o caminho do solio de S. Pedro, e, em recompensa de tal, bem poderia sollicitar um cardinalato.

— Vamos! — resmoneou elle — agora já me parece que não fiz asneira, e até me sabe bem o não ter interrompido esses diabos dos conspiradores... É a Providencia!... É a Providencia!...

Dizendo isto, decidiu-se a fazer uma visita a Sua Santidade.

Seria com o fim de vigiar a presa, ou de salvar uma victima?...

Entrou nos aposentos do Papa, na occasião em que o Pontifice acabava de por a sua assignatura n'um pergaminho de grandes sellos, d'onde saíam largas cintas de seda.

O Pontifice parecia estar agitado, e ao avistar o grande inquisidor, disse-lhe, apresentando-lhe o pergaminho:

Le-la.

O que é isso?

A excommunhão que pronuncio contra esse heretico, esse frade maldito que não cessa de prégar o schisma.

—Martinho Luthero?

—Elle mesmo. E pensar eu que o tive nas minhas mãos, no Vaticano, e que o deixei escapar!...

—Effectivamente foi um erro.

—Oh se foi!... Logo desde a sua apparição no convento, quando eu estava com a marqueza, um secreto presentimento me advertiu de que esse homem d'olhar sombrio e cabeça orgulhosa, me deveria ser fatal. Logo assim que o vi, e o conheci, pareceu-me um inimigo.

Hochstratten teve a discrição de não insistir na falta imperdoavel que perpetrára o seu senhor, e limitou-se a inquirir:

—Isso prejudicará a venda das indulgencias?...

—Mata-a absolutamente.

—Com isto—disse o inquisidor, designando o pergaminho com ar de convicção inabalavel—parece-me que elle não será perigoso por muito tempo.

—Quem sabe!

Reinou silencio. Chegava o momento talvez azado para o inquisidor fallar da conspiração, porém elle parece que, não o achando ainda opportuno, nem sequer descerrou os labios.

Entrou n'este entrementes um camarista, e disse qualquer coisa ao ouvido de Sua Santidade.

—Elle!—exclamou o Papa, levantando-se da cadeira—Que entre, que entre...

Mas depois, como que reflectindo melhor, accrescentou:

—Que espere um instante.

Em seguida deu ordem para que fosse introduzido um emissario que aguardava na camara immediata, e que fôra escolhido por elle para ser o portador da Bulla que enviava á Allemanha.

Antes de receber o visitante mysterioso, cuja chegada lhe haviam annunciado, desejava o Papa entregar a Carlos de Miltiz, seu legado, o texto da excommunhão que elle proferira contra Martinho Luthero, frade agostinho, auctor de theses e proposições hereticas, accusado de querer provocar um schisma não menos criminoso do que o dos manicheus, por cujo texto elle era declarado fóra da lei economica, separado do resto dos homens, que deviam dar-lhe de comer apenas a distancia, e na ponta d'uma lança, se tanto ousassem: apesar de que não havia receio que se atrevessem, pois sabiam que a excommunhão, entre outras coisas, prohibia expressamente ao chefe do protestantismo retribuir os alimentos, em qualquer sitio, ou occasião que fosse. Esta clausula era ordinariamente inserta na formula da excommunhão, sem garantia do Papa (s. g. d. p.).

Talvez isto o faça entrar na razão—disse Leão X. E comtanto que isto tambem faça entrar algum dinheiro nas minhas arcas!... Os recursos d'esse pobre Tetzel são cada vez mais escassos e reduzidos... Maldito frade!...

Contra o doutor... veiam, aquelle frade, de conhecido na vespera, em seis

mezes conseguira fazer tremer o chefe da christandade, cuja residencia era o Vaticano.

Durante todo este tempo Hochstratten permanecera calado, sem fugir nem mugir acerca da conjuração tramada contra a vida do Pontifice.

Quando se dera a evasão de Lucas, pouco faltou para que os conjurados Miguel Angelo, Machiavello e Neumann não caissem nas mãos dos espias e famulos do inquisidor.

Felizmente, a sentinella, que era um joven gravador, coração d'artista e republicano, qualidades bem communs n'aquella epoca, teve tempo de fazer o signal convencionado, no subterraneo aonde estava de guarda. Um quarto d'hora mais tarde que elle fizesse esse signal, e teriam caido na teia habilmente tecida pelo inquisidor, tanto o genio como o heroismo, que só teriam sido considerados como uma circumstancia aggravante da sua falta.

Sublime sacrificio o d'aquella joven sentinella, que sabia que fazendo o signal que se convencionára, devia renunciar a toda a esperança de salvação, pois attrahira sobre a cabeça uma morte inevitavel. Se ficasse calado, quando chegassem os soldados do Vaticano tornar-se-hia credor do seu perdão, reservar-se-hia ainda dias de amor e de gloria... mas teria vendido os seus amigos, e para aquelle valoroso moço, isso significava uma repugnante macula, mais repugnante ainda do que toda a immundicie da cloaca dos Tarquinios. Assim, por isso não trepidou um instante, e deu o signal de alarme com o apito, que salvou os demais conjurados, mas que o perdeu a elle. Fel-o singela e naturalmente como se nem sequer lhe cruzasse pelo cerebro a idea de que poderia obrar d'outro modo, e, quando os esbirros se precipitaram sobre o seu cadaver, só puderam enxergar em seus labios um sorriso calmo, expressão do dever, heroica e fielmente cumprido.

Depois de descoberta a mina, julgando os conspiradores que os presos não teriam podido evadir-se do calabouço, e não vendo portanto outro resultado deante de si, de que ou serem subvertidos pela cheia ou cairem na mão da soldadesca, conhecendo-se alem d'isso vigiados ha muito pertinazmente, receiaram que não tardasse que fossem descobertos: e por isso, mal que puderam fugir, celebraram um conselho em que adoptaram por unanimidade uma resolução energica.

Perdidos de toda a forma, era preferivel mil vezes morrerem, vingando-se. Urgia que se apressassem, pois, para que a sua morte não fosse de todo esteril.

Determinado isto no conselho, decidiram assassinar o Papa n'aquella noite. Se o conseguissem, ter-se-hiam desfeito do maior inimigo da liberdade.

A determinação foi acolhida com fervidos applausos.

Todos os conjurados disputavam, entre si, a honra de ferir o tyranno e fazer-lhe expiar por uma vez tantas existencias que elle sacrificára e trucidara. A discussão dos meios que deviam empregar para executar o

plano concebido foi adiada para mais tarde. Por emquanto só ficara assentado que um d'elles advertisse o guarda do Vaticano, que alguns dias haviam feito seu cumplice.

Durante toda a manhã d'aquelle dia decisivo, attrahia a attenção de todos, no portico da entrada principal do Vaticano, um velho mendigo, leproso e sarmento, arrastando uma perna de pau, como os côxos mendicantes, e que pedia esmola num tom caramunhento, capaz de fender penhascos.

Havia colhido já uma somma bem redondinha, pois os padres não se atreviam a faltar publicamente aos principios de caridade, quando o dito côxella topou um segundo estropiado, tão pingante e esfarrapado como elle, e que, apesar de ter os luzios bem claros e abertos, andava ás apalpadellas como um cego.

—Oh! desculpe, senhor!—disse o velho côxella, fazendo uma curva zumbaia.

E accrescentou em voz baixa, como referindo-se a uma esmola que não recebera:

—Muito obrigado! Deus lh'o pague!...

O mendigo, a taes dizeres, alçou a cabeça tremelicante e resmoneou:

—*Quem vos leu?*

—*Quem devoret*—respondeu o outro.

O que significava:—*O que procura o leão?*—*A quem devora.*

—Amen—disseram os dois em côro.

—És tu, irmão?—perguntou o velho a meia voz.

—Sim, mestre!

—*Leão* não saíu ainda do palacio?

—Não.

É de necessidade que advirtamos os nossos leitores que, como em portuguez, a palavra latina *leo*—leão—significa tanto nome de pessoa, como de fera.

—O calor hoje é forte! Com certeza que não sae ao meio dia...

—É provavel. Um dos nossos, que tem meios de estar bem informado, fez-me saber que era certo que passava a noite em palacio.

—Será a ultima!—disse Miguel Angelo.

Os gritos porém de uns lacaios interromperam esta paróla: e um empurrão brutal e violento fez caír por terra o côxo.

—Olá, amigo côxo!—berrou um dos famulos, cheio de filaucia—o teu camarada cego não te avisou, para te afastares!...

As casquinadas do populacho rebentaram a tão divertida facecia.

Entretanto a liteira fazia a sua entrada no Vaticano.

Ia completamente cerrada e com as cortinas corridas.

—Quem irá dentro?—perguntou Miguel Angelo.

—Não pude lobrigar, mas a avaliar pelas cautelas que toma deve ser uma mulher. Mas, no fim de contas, que nos importa?...

—Quem sabe? É uma mulher, isto nos pode importar muito.

—Porque?

—Não sei... mas apesar de não ser supersticioso, senti, ao vêr a liteira, um sombrio e mysterioso presentimento.

—E o que quereis dizer com isso?

—Nada. Olha...

Um pelotão de soldados expulsava do Vaticano, ameaçando-os com as alabardas, uma chusma de mendigos que lamuriavam e esmolavam ao pé da escada.

—É estranho! O que quererá dizer isto?...

—Vamo-nos...

—É o melhor.

—Então até á noite.

E os dois falsos pedintes afastaram-se cada um para seu lado.

N'aquella noite havia ampla frescata e magra gulhofa entre os creados, guardas e soldados de graduação superior. Havia-se mandado pôr á disposição d'elles bojudos e ventrudos toneis de boa pingola, e a creadagem pinchava de gaudio á ideia só da grande borga e da bamboochata com que os regalavam, sem tratar de averiguar sequer a causa de tão desacostumada generosidade.

Cochichava-se entre a famulagem do Vaticano que o Papa estava indisposto, e que não sairia da sua alcova n'aquella noite.

O inquisidor Hochstratten, que ficara, por aquella rasão, dando as ordens no Vaticano, fora quem, n'um rompante de generosidade e de bom humor, entendera dar aquelle regabofe á creadagem e aos caserneiros.

Talvez tão larga munificencia não tivesse sido approvada pelo Pontifice, que, decerto, faria notar que por culpa do maldito protestantismo estavam as arcas vasias, mas a medida do inquisidor tinha apenas utilidade para Hochstratten, que ganhava popularidade e que quicá conseguira que, pela primeira vez, o seu nome fosse pronunciado sem odio.

No fim de contas, se elle tomava o habito de recompensar e dar brodio aos subalternos, alguma coisa decerto ganharia. É verdade que esta bizarria do inquisidor não impedia que a opinião, ou o conceito particular que d'elle faziam, lhe fosse desfavoravel: mas, no entanto, aquella ampla distribuição de vinhaça dava em resultado que aquella opinião se não manifestasse assolapada. Mas com que fim se desentranharia Hochstratten em tão supinas bizarrias?...

Que data ou successo d'estrondo pretenderia celebrar aquella funçanata?...

Além de tudo isto, elle ainda havia dado ordem para que a maior parte dos creados, de todas as categorias, se podesse retirar, dando assim a entender que ninguem seria reprehendido por chegar ao Vaticano a deshoras e noite velha.

Ocioso será talvez dizer que nenhum fez repetir a licença dada para abalar do palacio, e que as tres quartas partes dos comprehendidos na licença da folgança não tiveram grandes ganas de voltar ao Vaticano pela noite velha, e permittiram-se usar e abusar da licença.

D'esta sorte succedeu que não ficou no Vaticano mais que a chusma de guardas e soldados estrictamente necessaria, e que precisamente os que tinham mais responsabilidade na vigilancia pontifical foram os que repetiram mais frequentes e bastas sangrias nos tonéis de vinho destapados, bebendo á tripa forra, e emborrachando-se como uns odres.

É crivel que na realidade o Papa não estivesse muito doente: em primeiro logar, porque tal folia e tal festança poderiam parecer uma affronta aos seus achaques, e, em segundo, porque perto das onze da noite, hora em que Leão X resonava, ou suppunham que resonava os fieis, Hochstratten saíu da alcova pontifical e ordenou que trouxessem uma taça de vinho de Syracusa, vinho que fazia lamber os beiços a Sua Santidade.

O Padre Santo escorropichou a taça até á ultima pinguinha, e Hochstratten, decerto muito descançado a respeito do nenhum perigo que corria a vida de seu senhor, que indubitavelmente estava em grandes riscos, retirou-se, com a lenta e pausada andadura d'uma esphynge, para os seus aposentos particulares.

Bem depressa não se escutou no Vaticano, onde reinava um silencio funerario, mais que o passo cadenciado dos guardas que eram rendidos de quarto em quarto d'hora, nas oito grandes salas que era preciso atravessar para chegar até Leão X.

Ao cabo d'algum tempo até esse mesmo ruido cessou.

Hochstratten não esperou sequer achar-se nos seus aposentos ao abrigo de qualquer vista curiosa, para esfregar as mãos em signal de alegria, o que era mau signal decerto, pois que estava provado que sempre que o grande inquisidor sentia grande gaudio, ia succeder catastrophe.

Nos relogios todos de Roma havia soado uma hora da noite, em voz soturna e vibrante.

A noite era, a intervallos, ora alvacenta, ora escurentada, segundo as nuvens descobriam ou velavam a lua. A bafagem que soprava era tão suave e fresca agora quanto fôra calida durante o dia. Decerto que devera ter chovido não mui distante da cidade, pois que d'outra fórma se não explicava o vento gelido que soprava, produzindo um cicio semelhante a um tibio gemido.

A praça do Vaticano estava completamente deserta.

Dizemos mal: duas sombras acabavam de emergir d'entre a penumbra dos pilares, e a estas se juntaram mais outras duas, e em seguida outras duas mais, até perfazerem oito. Estas sombras, porem, não eram sombras, mas individuos de carne e osso.

Fallaram em voz sumida, e em continente separaram-se.

O que pretenderiam a taes deshoras?

Quatro d'elles acercaram-se da entrada do Vaticano. Empurraram a porta, e a porta cedeu. O guarda-portão cumprira decerto com o ajustado.

Mas então que medidas tomára Hochstratten?...

Os quatro desconhecidos entraram. O vestibulo estava completamente as escuras. Só um tenue raio de luz, coando-se pela porta entreaberta d'uma alcova proxima, dissipava aquella escuridão.

— E aqui! — murmurou um dos vultos, indicando a porta da camara.

Alli decerto é por onde elles devem começar, e alli nas salas das sentinellas cuja vigilancia o guarda quiçá não pudera illudir.

O homem que primeiro fallara manifestou este receio, sempre em voz sumida, aos companheiros:

—Ter-nos-hia decerto avisado!—replicou o outro.

É verdade.

—Em todo o caso, esperem lá!

Curvou-se, e applicou um olho ao buraco da chave por onde se escoava a luz. Era Neumann.

Dormem! — disse elle, voltando para os companheiros.

—Tanto melhor!

Empurraram cuidadosamente a porta, que se abriu sem ruido.

As sentinellas resonavam como uns folles na sala dos guardas, e poderia dizer-se que era o palacio do somno.

—A coisa dá esperanças!—disse Neumann.

N'este instante facil era distinguir todos os quatro conjurados, que eram Neumann, Machiavello, Mohammed o envenenador: o outro... quem tal diria?... o outro era Lourenço de Medicis.

Segundo se deprehende, tinham sido vencidas todas as hesitações, e Lourenço aproveitára o primeiro ensejo que se lhe deparára para dar começo á obra de justiça. Não era já um simples alliado, mas um partidario decidido que tomava pessoalmente parte activa na conjuração.

Não estava mais pallido do que de costume. Mais o estava certamente n'aquelle dia, em que fora coagido, pelas ordens de seu tio, a tomar parte nas suas artimanhas e insidias contra a vida da sua amada Francesca.

Cautelosamente, nos bicos dos pés, os quatro conjurados vão atravessando os quartos e salas silenciosos.

—Não seria conveniente apagarmos as luzes todas?—perguntou Neumann.

Não — respondeu Machiavello — a escuridão pelo contrario poderia causar-lhes suspeitas se despertassem, ou mesmo até despertal-os.

—Se acordassem, decerto, havia de lhes causar estranheza a obscuridade completa do Vaticano—accrescentou Mohammed.

Haviam atravessado já varias salas, em que os soldados dormiam tão profundamente, que os poderiam tomar por cadaveres, se não fosse o seu sonoro resonar: e aproximavam-se já da alcova do Pontifice, quando uma sentinella gritou:

—Quem vem lá?

Os quatro conjurados estacaram quedos e pasmados, mas em seguida levaram a mão aos punhaes, decididos a não deixarem repetir a pergunta. Mas tendo se certificado de que quem soltara aquelle grito fora uma sentinella sonhando, continuaram silenciosos até chegarem a uma porta, que, como as anteriores, empurraram com facilidade.

Era evidente que tinham sido bem servidos por um amigo complacente e acautelado, que tudo previra.

Só faltava encontrarem o Papa nos seus aposentos.

Na alcova pontifical ardia apenas uma lampada que diffundia uma tibia claridade.

Os conjurados quedaram-se um momento na soleira da porta, em primeiro logar porque a porta produziu um ligeiro rangido ao ser empurrada, em segundo para acostumarem os olhos á penumbra que reinava no aposento.

Tudo se conservava em silencio: podiam, pois, continuar avançando.

Antes de entrarem os conjurados apertaram-se as mãos em signal de despedida, pois sabiam bem que ao condemnarem o Papa se haviam votado egualmente á uma morte egual e imminente.

Entrementes os seus corações latejavam de contentamento.

Um relogio bateu um quarto. Que triumpho para elles, se fossem bem succedidos! Antes de soar a meia hora teriam libertado a Italia e o mundo de um tyranno... Lobrigaram emfim a cama em que, tranquillo e respirando regularmente como se o sobresalto dos seus crimes lhe não perturbasse a consciencia, dormia o Papa Leão X.

As suas esperanças não foram frustradas. O verdugo, a quem toca a vez agora de ser victima, está alli dormindo deitado sobre o lado direito, e com o braço esquerdo de modo que deixa a descoberto o coração.

Neumann avançou, punhal em punho, mas sem que os seus passos produzissem o mais ligeiro ruido no pavimento, graças á espessura da alcatifa.

Machiavello, porém, deteve-o.

— Vamos acordal-o primeiro? — disse. — Se o matamos emquanto dorme a morte será em demasia dôce e suave... Não soffrerá como deve.

O sceptico elegante, de palavra rendilhada, despojára-se da mascara, e a sua voz vibrava com o accento do odio. Acaso seria certo, como affirmavam, que o Papa o submettera um dia á tortura?...

— Acordal-o? — disse Mohammed. — Não me desagrada a ideia, para que ao menos soubesse, ao morrer, quem é que o matava. Mas não receaes que grite, chamando por soccorro?

— Não — respondeu o auctor do *Principe* — porque a primeira coisa que vamos fazer é amordaçal-o.

— É verdade — disseram á uma os tres conjurados.

Machiavello, certo então de que o seu inimigo não poderia escapar-lhe, comprazia-se em remirar o despota em que se ia agora vingar, não só do que elle lhe fizera soffrer pessoalmente, mas tambem da morte de seu sobrinho Luigi, do roubo da herança de seu irmão, e de todos os attentados contra a liberdade.

Reinava um cavo silencio. Os quatros conspiradores, acurvados sobre o tyranno que continuava a dormir tranquillamente, evocavam na memoria todas as iniquidades que elles tinham que punir, gosando de antemão com a surpreza e o panico que sentiria o Pontifice ao abrir os olhos.

— Dêem-me cá a mordaça — disse Neumann — e que aprenda o que é uma conspiração.

E dizendo isto acercava-se do Papa, com a lampada em punho.

Mas de golpe ergueu-se sobresaltado.

— Não ouvis? — disse.

Na alcova visinha, de facto, escutavam-se ruidos de passos.

O arabe aproximou-se da porta, e poz-se a escuta attentamente.

—Sinto passos—disse em voz sumida como um sôpro.

E immediatamente fechou a porta á chave.

Era tempo de o fazer, porque n'aquelle instante forcejavam por abril-a da parte de fóra.

—Não vos movaes—disse o envenenador, cujo rosto se transfigurou de subito.

Os conjurados obedeceram.

O arabe, então, com um sorriso infernal que lhe punha a descoberto toda a fiada de dentes alvissimos, aproximou-se d'um salto do leito do Pontifice.

Chispou um gume no ar, e a dextra do arabe abateu-se com força sobre o corpo adormecido. A lamina entrou até ao cabo nos intestinos do Papa.

—Isto é pelos mortos!—murmurou Mohammed.

E entrementes, rangendo os dentes, enterrava o punhal pela segunda vez no coração do Pontifice.

As pernas do Papa distenderam-se, estiraçaram-se convulsivamente, os olhos arregalaram-se desmedidamente pelo espanto e o terror, mas da bôca não se escoou o mais subtil gemido ou queixume.

O arabe soltou um suspiro de gaudio, semelhante ao rugido de uma fera, e continuou contemplando o cadaver meio despido.

—Vamos depressa!—ordenou Machiavello.

Neumann e Lourenço travaram do cadaver, pegando-lhe um pelas pernas e outro pela cabeça.

Sem duvida estava tudo préviamente combinado, pois tudo foi executado em dois minutos e com a maior presteza.

Emquanto Lourenço pegava na lampada, os conjurados vestiram ao morto a sua tunica e a sua faxa de seda.

O arabe pegou n'uma outra tunica de cerimonia, rica, e deitou-lh'a por cima da primeira, emquanto que Machiavello lhe calçava os chinelos pontificaes que tantos beijos haviam recebido da christandade. Feito isto, Neumann pôz-lhe a tiára, prendendo-a com fitas debaixo do queixo.

—Eu te saúdo, carrasco dos judeus!—exclamou ironicamente.

Durante todo este tempo continuavam empuxando violentamente a porta, e escutava-se no Vaticano um susurro confuso. Era o despertar do palacio pontificio.

O que depois occorreu pareceu um sonho, tão depressa foi executado.

Mohammed carregou n'um botão da parede que estava occulto debaixo d'um crucifixo, testemunha impassivel do assassinato do seu vigario, e que pôz a descoberto uma porta secreta, pela qual se sumiram os conjurados. Machiavello precedia os dois que levavam o corpo do Papa ainda quente, e o envenenador fechava a retaguarda.

A parede tornou de novo a cerrar-se sobre elles, precisamente no instante mesmo em que a porta era violentamente sacudida e ia ceder.

Os conjurados acharam-se n'um estreito corredor em declive, por onde o arabe os guiou.

Depois de algumas voltas sentiram uma aragem fresca que lhes batia nas faces.

Achavam-se n'um bêco, deserto áquella hora, e estavam salvos de todo o perigo.

—Aonde iremos atirar o cadaver?—perguntou Neumann.

—Ao Tibre respondeu Mohammed.—Não é digno de ser enterrado como os mais... No fundo das aguas ha animaes vorazes, reptis asquerosos, e o ventre d'elles servir-lhe-ha de sepulchro. Tenho apenas pezar d'uma coisa, e é que esteja completamente morto, pois assim não sentirá as mordeduras d'elles.

A lembrança dos vermes da esterqueira onde fora lançado é que decerto inspiravam aquellas ideias ao filho selvagem do deserto.

Os conjurados, então, reuniram-se em conselho. Abandonar o cadaver do Papa na rua era expôrem-no a algum arranco de piedade da parte dos fieis. Não faltaria quem o fizesse passar por martyr, e que tratasse de o beatificar.

O mais conveniente seria uma suppressão completa, mysteriosa, repentina, que constituisse uma advertencia e um ensinamento para os seus successores.

—Sinto apenas uma coisa—disse Machiavello sorrindo, com o seu habitual sorriso.

—O que é?

—É que elle vá envenenar as aguas!

—Já não ha quem beba d'ellas, desde a matança do Ghetto!—respondeu Neumann.

Em seguida os quatro conjurados continuaram a sua marcha. Estavam n'uma calçada de bastante declive, da qual distinguiam o caes, e do outro lado a agitada superficie do rio e os campanarios do Transtibre, quando se encontraram, cara a cara, com uma patrulha. Estavam pilhados! A rua estava bastante alumiada pela claridade da lua, e enxergava-se n'ella qualquer objecto tão bem como ao meio dia. Era-lhes impossivel recuar sem infundirem suspeitas, e mais impossivel e mais desarrasoado tentar alguma escaramuça.

Felizmente Mohammed e Machiavello, que iam adeante, occultavam com os corpos o cadaver, que decerto não tinha ainda sido lobrigado pela patrulha.

O auctor do *Principe* pegou da tiára e escondeu-a debaixo da capa. Neumann, ao mesmo tempo, cobriu o cadaver com o manto, e em seguida, coadjuvado pelo arabe, pol-o em pé, agarrando-o por um braço e Machiavello por outro.

Sustentado por este feitio, o cadaver do Pontifice bamboleava-se com todas as apparencias d'um borracho.

Seguindo o exemplo de Lourenço e de Mohammed, Machiavello e Neumann começaram a andar fazendo ss e procurando imitar os movimentos da victima.

Machiavello havia entoado uma canção bacchica, que começava assim:

Durmo á noite n'um tonel
Largo e fundo e bem novinho

A voz com que elle cantava era rouca e avinhada, e os companheiros respondiam, com entono e ares não menos goliardos, em coro, o final da quadra, que era:

Não me importa que ti chova
contanto que seja vinho

O seu braço direito abateu-se sobre elle, ao passo que o tascar d'um ferro retumbejou no espaço.

(Cap. XLIX)

— Vamos, canta tambem! Olá, ó tonel, canta! — gritava Neumann batendo na barriga do morto, que parecia saltar ao compasso e conforme os passos descompassados dos seus collegas, que de tal forma faziam ligações e hieroglyphicos na rua, que estiveram prestes a embicar com a patrulha.

— Olá, borrachos, cuidado! — gritou o official — Afastem-se!

— Nós borrachos? — recalcitrou Neumann, que apparentou estomagar-se.

Os amigos, que fingiam ser mais rasoaveis do que elle, intervieram e levaram-no para deante, com o passo mais rapido que lhes foi possivel.

Neumann continuou cantando:

Chovesse vinho!... Eu bebia
toda a chuva sem ter magua:

Machiavello, mais macio já e mais apaziguado, concluiu:

Porém Deus que é um forreta,
lá na adega só tem agua.

—Homem, tem-te em pé! Borrachão!—gritou Neumann, depois de grandes casquinadas de riso, ao Papa defunto, o qual, com os olhos excessivamente dilatados, parecia perguntar porque é que o amorfanhavam d'aquelle feitio, como se fosse um sacco de batatas.

—Tem-te em pé, que já vaes para a cama!... Não te envergonhas de nos fazer chuchar uma data de borrachos dada por estes senhores camaradas?...

—Está bem borracho o tal gordo!—observou um.

—Borracho a mais não!—observou o official.

—Uff!—exclamou Machiavello—Escapamos de boa!

N'este momento já não avistaram mais a patrulha.

Os quatro conjurados apressaram o passo, e chegaram por fim ao caes. O Tibre corria a seus pés agitado e reflectindo na superficie liquida os raios lunares.

Amarraram-lhe uma corda e em seguida uma pedra ao pescoço. Um corpo balançou-se no ar um momento... depois escutou-se um baque abafado, surdo... Tudo estava concluido. O Papa fôra lançado á agua.

—É pena que tenha morrido!—disse Mohammed.

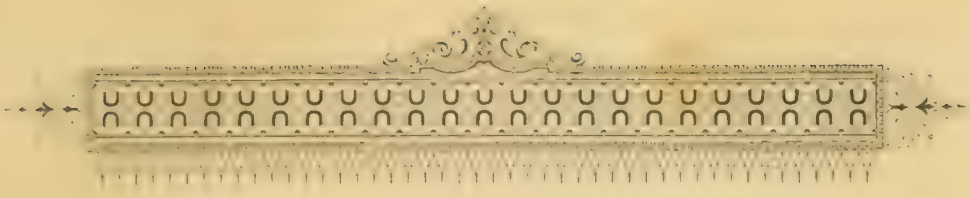
—Sim—disse Neumann—merecia morrer duas vezes!

Machiavello sorriu-se. O passeio parece que o puzera de bom humor: e, voltando á alegria da sua mocidade, pôz-se a cantarolar:

O borracho João Pedro
escorregou no caminho
e ao cair do rio ao fundo
botou agua no seu vinho

Os conjurados apertaram-se as mãos, cheios de gaudio intimo.

Só Lourenço permanecia silencioso, com a vista cravada na corrente do rio, aonde o Papa havia arremessado tantos cadaveres, e que então arrastava nas suas ondas o corpo do Pontifice Leão X.

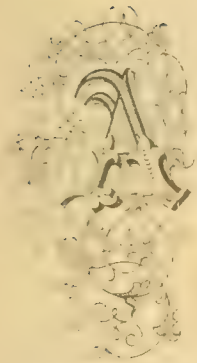


SEXTA PARTE

Ao Tibre o Papa morto!

CAPITULO L

Dois desenlaces imprevistos



A SALA de jantar do castello de Bora era magnifica e sumptuosa.

As altas janellas em ogiva, que lhe davam luz, communicavam-lhe um aspecto severo, como que de cathedral.

Nos intervallos das ogivas, sobre pedestaes de marmore erguiam-se estatuas equestres de cavalleiros, d'elmo na cabeça, lança em riste, pennacho no morrião, escudo e maça no arção da sella.

Eram os antepassados da familia. Por cima de cada um d'elles balançava-se uma oriflamma, que estava suspensa da abobada, cujo tecto era adornado com frescos pintados sobre fundo em oiro.

As janellas da sala deitavam para um valle, assombreado por frescas e virentes aleas de arvoredo.

Era n'aquella sala antiga, que n'outras eras se reuniam os cavalleiros modelos da franqueza e da lealdade, e cujas armaduras alli se conservavam para as suas expedições guerreiras. E n'aquellas horas, todos empunhando a taça, inclinavam-se respeitosamente ante a imagem do eleitor palatino, seu senhor, sem que nem a sombra de um pensamento de felonia viesse turbar os seus sonhos de gloria.

Na noite em que se passa o que vamos narrar, n'um angulo da sala, dividido por um largo biombo feito de pelle de Bohemia, estavam tres convidados sentados a uma mesa cheia de pratos com eguarias, e de garrafas empoeiradas, em cujos gargalos se reflectiam as luzes.

Um dos convivas era um frade, e o aspecto apenas do seu rosto apopletico respirando satisfação sem limites, teria feito reconhecer n'elle Tetzel, mesmo ainda que se lhe não enxergasse o saliente e caracteristico abdomen.

O outro conviva era um alentado rapagão, de grande nariz, salientes bochechas e labio escarninho: era este o herdeiro da casa, o senhor absoluto como na antiga lei romana, Wilfrid de Bora, o irmão de Catharina.

As feições tinham-se desbotado e emmurchecido bastante, e os olhos encovados, desde o dia em que encerrára no convento de Nimpcken, depois de a haver martyrisado, sua pobre irmã.

A terceira pessoa era uma mulher, era aquella Frederica de Rosemberg, que já vimos e com quem travamos conhecimento n'outra occasião. A insolente soberana do solar está mais bella do que nunca, mas d'essa belleza que aterra, d'essa que sob uma calma e serenidade apparentes occulta a agitação do crime.

É uma d'aquellas fataes sereias, na qual a *coquetterie* se conhece que é estudada, todo o arranco de paixão calculado, e uma d'essas mulheres omnipotentes, capazes de agitar o mundo com um olhar, Cleopatra sem amor, para a qual é um brinco dominar um homem, por mais bem temperado que seja o seu caracter, submetter a sua carne e o seu espirito.

Os tres individuos de que acabamos de fallar e de esboçar a alguns a physionomia, acabavam de cear.

Os vapores do vinho começavam a turbar o cerebro de Tetzel, apesar d'estar blindado pela resistencia da cabeça e do habito inveterado. Wilfrid, em honra da verdade, nada tem que invejar ao seu hospede. As taças d'ouro eram esvasiadas d'um só trago, e entre os dois homens augmentava a confiança que o vinho estabelece.

Achavam-se n'aquelle estado em que o borracho, impando de vaidade, experimenta a necessidade invencivel de depositar as suas confidencias no seio d'um amigo, como se, aligeirando o peso do coração, alliviasse tambem o estomago.

Excitado pela presença de Frederica, a beldade dos olhos rutilantes, Tetzel não se acharia satisfeito se não podesse referir, velando-as um pouco, as suas aventuras amorosas. Quem sabe mesmo se o proprio Wilfrid não lhe teria dado já antes o exemplo, e se o frade se não empenhava em mostrar-se um folgasão conviva, digno d'elle em tudo?

—Tivestes uma excellente ideia, meu padre—dizia Wilfrid—em pedir-des hospitalidade no nosso modesto castello.

—O castello modesto... modesto sois vós...—balbuciou o frade.

—Não, decerto. Podeis acreditar que me felicito em ter feito o vosso conhecimento.

—Correspondo-vos com... sentimento egual...—respondeu Tetzel, a voz entrecortada por um arroto.

Tende-nos divertido e distrahido bastante com as vossas anecdotas

— melodiou a bella Frederica com um dos seus mais doces e expressivos sorrisos.

— Hum! — exclamou o pregador — talvez o meu genero d'eloquencia fosse em demasia livre para os ouvidos de uma dama.

— Oh! minha mulher não se espanta de coisa alguma! — disse Wilfrid.

Tetzel inclinou-se.

— Não duvido — accrescentou. — A senhora é assaz formosa para que possa... ignorar nada do que se refere ao amor.

O madrigal não era decerto da mais bella agua, nem como conceito, nem como exposição, até mesmo se pode dizer que revelava notavel grosseria... Mas que lhe importava isso? O nosso homem sabia que estava em certa esphera na qual determinadas exigencias são desconhecidas, e a prova d'isso é que as suas palavras foram acolhidas com casquinadas joviaes. Frederica começou a tregeitear denguices, e Wilfrid declarou categoricamente, e em voz bem alta, que o cumprimento era delicioso e de summa elegancia, como não tinha ouvido ha muito.

A sua opinião particular era que no amor, como em tudo mais, os factos são muito e as palavras pouco, para não dizer nada.

Tetzel era tambem da mesma opinião.

— De fórma que — disse o joven fidalgo mudando de tom — estaes apenas de passagem entre nós?

— É verdade, com sentimento meu.

— Não tanto como o nosso.

— Aproxima-se a hora do meu regresso á Italia. A heresia, que cada dia vae tomando mais incremento, prejudica em grande parte a minha missão, por um lado quasi terminada, porque agora só por excepção é que a minha venda de indulgencias encontrará compradores tão devotos como vós.

Effectivamente, o frade mal entrara a soleira do castello não perdera o ensejo de fazer o seu negocio: e os hospedes, que na realidade sentiam carecer d'um pouco de perdão, não se haviam feito rogar muito para acceitar uma indulgencia consideravel, e que com tão pouco incommodo lhes entrava em casa.

— Estou em vesperas de regressar tranquillamente a Roma — continuou dizendo Tetzel — e confesso-vos que, se aqui entrei, foi só devido ao acaso e que devo ao acaso o prazer de estar na vossa companhia. Sim, se não fosse uma aventura amorosa, não estaria agora aqui...

— Ah!... Contae-nos isso então...

Tetzel sorriu, sentindo excitado o seu amor-proprio.

— Pois bem, sim... a vós posso dizer tudo... O acaso fez-me topar uma joven beldade, uma futura noviça que delira de amor em um mosteiro proximo d'aqui...

E com a mão apontava o valle.

— E o convento de Nimpcken, sem duvida? — interrogou Frederica.

— Esse mesmo... Mas como adivinhastes?...

— É que não ha outro n'estas cercanias.

— De modo que vós então resolveis...? — gargalhou Wilfrid extremamente alegre, terminando a pergunta com uma picaresca piscadella d'olho

—Resolvi roubal-a, é claro como agua...

—E ella ama-vos?

—Não. Mas isso pouco monta... O amor virá mais tarde.

—Ah! Ah!...

Os dois convivas saltaram nas suas cadeiras sacudidos por uma hilaridade das mais ruidosas. As gargalhadas quasi os afogavam.

Tetzel esvasiou nova taça, e continuou:

—Isto foi já ha seis mezes...

—Seis mezes?

Wilfrid e Frederica entreolharam-se. Tetzel, sem reparar em tal, proseguiu:

—E decerto uma nova acquisição do convento, pois que não vestia ainda o habito das noviças.

—Ah!

Creio até que a haviam feito entrar para o convento a força, e atrevo-me a asseverar que a ideia de fixar alli a sua residencia não lhe sorria mesmo nada...

—Que signaes tem ella? perguntou Wilfrid interrompendo.

—Não vos posso satisfazer, pois que, quando a encontrei, achavamonos na mais profunda escuridão, e ella desmaiada n'uma capella...

—Deveras?...

—Tudo me leva a suppor—disse o frade, soltando uma ruidosa casquinada que lhe agitou fortemente o saliente abdomen—que ella, tornando a si, conheceu no momento opportuno as intenções com que me acercava d'ella, o que decerto lhe não agradou, pois deitou a fugir como desatinada.

—Então afinal...

—Mal a pude distinguir bem na treva, mas foi o bastante para me inspirar uma louca paixão aquelle rostosinho virginal que o espanto e o terror tornavam mais seductor, a sua formosa cabelladura loura, e uma cintura elegante...

—É ella!—exclamou Wilfrid—É ella! não me resta duvida!

Tetzel sobresaltou-se.

—Conhecei'-la por acaso?...

—Essa moça que quereis furtar do convento é minha irmã Catharina.

—Vossa irmã!?

Tetzel pôz-se em pé, d'um salto. O pobre homem, a quem de golpe passara a borracheira, dirigia olhares esgazeados e cheios de anciedade por toda a sala, e passava varias vezes a mão pela testa, regougando:

—Não estou com sorte!... Não estou com sorte!...

É indescriptivel a surpreza angustiosa que anavalhou o coração do ventrudo frade.

Quedou-se largo tempo como empedrado, sem poder articular um monosyllabo, com o coração aos baques, magicando em balde no meio de sair de tal apuro.

Só um recurso unico lhe restava. Era recorrer á compaixão da esposa do seu amavel hospede.

Cravou n'ella, pois, os olhos, implorando compaixão, mas estremeceu ao contemplar-lhe a expressão da face de gelo, insensivel, cruel.

A mulher de Wilfrid puzera-se de subito grave e, se alguma coisa se lhe espalhava no semblante, era o odio e o rancor.

—Estou perdido!—matutou comsigo o frade.

A joven senhora murmurou além d'isso ao ouvido do esposo quaesquer palavras sumidas, que o castellão approvou decididamente.

Frio suor começou a manar, a correr, a gottejar em camarinhas pela testa de Tetzel, ao qual se figurava que lhe penetravam nas carnes monacaes como acerados dardos, ou afiadas puas, os pesados olhares de todos os guerreiros de marmore da sala. No seu panico, o assaralhopado e apavorado frade via-se e sentia-se, em breve, expiando ante elles a gravissima falta de ter urdido um projecto tão satanico contra a herdeira da sua nobre estirpe...

E ali não havia saída alguma!... Era desesperador!...

O frade estava aturdido... esbarrondado.

N'este instante, como um servo tivesse aberto a porta, penetrando na sala, com um candelabro em cada mão, Tetzel poz-se em pé como doido, e tratou de se evadir.

Mas Wilfrid impedindo-lhe a passagem, e postando-se defronte d'elle, gritou-lhe:

—Esperae! Aonde ides?...

—Não sei... vou-me.

—Porque?

—Perdoae-me—balbuciou o agente do Papa.

Aqui, Wilfrid e Frederica proromperam n'uma sonora, estrepitosa e ribombante gargalhada, que ainda mais atrapalhou o frade, e lhe pareceu de mau agouro.

—Juro-vos que ignorava que ella era a vossa excellentissima mana—começou o frade tartamudeando, engasgando-se, e todo tremelicando de turbação.—Sim, se eu podesse desconfiar... Mas, graças a Deus, dou-vos a minha palavra de que nada está feito, e que a vossa mana está purissima... sim, quero dizer...

—O que estaes dizendo, meu padre?... Acaso não somos já amigos velhos?...

—Não mofeis...

—Tranquillisae-vos, com todos os diabos!... Podeis recear de todo o mundo, menos de nós!

—Que dizeis?...

Tetzel, na realidade, nada percebia do que aquillo queria dizer.

E o caso não era certamente para menos. Fora o acaso que o havia conduzido ao castello de Bora, fora bastante desastrado—para não dizer outra coisa peor—para ir confessar positivamente á familia a tramoia que premeditava: e aquella familia, que devia mostrar-se estomagada e irritada, era a mesma que lhe dizia que nada tinha que recear!... Era um caso, era um cumulo!

Confessemos ingenuamente que, a não se acreditar que aquillo fosse uma comedia habilmente representada pelos offendidos, não era facil achar uma explicação plausivel e racional.

Frederica de Rosemberg, soerguendo-se da cadeira, disse com a voz velada por um odio fundo:

O convento não me parece bastante para me vingar d'essa mulher!...

—Comprehendo!—exclamou Tetzel, que era todo ouvidos.

Tratou por todos os meios imaginaveis d'impedir que eu fosse a esposa legitima do homem que amo...

Percebo, percebo!—repetia o frade, que julgava opportuno e delicado sorrir.

—Além d'isso—continuou desabafando a dama—ainda parece que vibra a meus ouvidos a voz altaneira com que me insultou! Ah! orgulhosa!...

—É possivel!—exclamou Tetzel, com entono de indignação.

—E comtudo ter-lhe-hia sido muito facil chegar a uma conciliação... A desconfiança apenas de que póde viver agora socegada, e talvez feliz, excita a minha ira... A devoção consola com muita facilidade... Não se soffre o bastante... É preciso castigar e abater o orgulho, e só agora se me apresenta uma occasião de vingar-me, uma vingança proporcionada ao ultraje que recebi... Dizia que queria amar, e ser amada... Pois bem, para satisfazer a minha vingança, basta-me que appelle em vão para o amor, que debalde anceie por elle, mas que se reconheça para sempre indigna de ser amada...

E a voz de Frederica troava na sala, com uma entonação torva, e de ameaça odienta. Sem attentar sequer no pouco cortez que poderia parecer a sua pergunta, continuou, dirigindo-se ao frade:

—Ella naturalmente não vos ama?

—Oh! não!—respondeu Tetzel com vivacidade, pois ainda que quizesse affirmar o contrario lembrava-se da lucta obstinada e silenciosa que tivera que sustentar na capella do convento, e as mostras de horror com que ella o repellira nos degraus do altar: recordava-se emfim de todas as minucias d'aquella resistencia portiada, a que puzera termo, intervindo aquelle homem que tinha de ser o cunhado de Neumann.

—Melhor ainda!—exclamou Frederica.—Se ella vos não ama entrego-vol-a...

—Mas...

—Com a condição de que quando caír nas vossas mãos não deveis guardar respeito algum ao seu pudor...

—Deixae isso por minha conta! Tende confiança em mim!...

—E vós em nós... Quanto a fazel-a voltar de novo para o claustro, a todo o tempo será tempo.

A mulher de Wilfrid completou estas palavras com um sorriso mais sinistro do que ellas, e do que a sua ira.

Passava-se esta scena n'uma quinta feira a noite, na vespera, portanto, do dia em que se planeara o rapto de Catharina entre Tetzel, Annibal e Spavento.

Se d'esta vez o projecto lubrico do frade não fosse coroado por um exito lisongeiro, não seria decerto por falta d'auxiliares, pois, coisa rara em taes tramoias, Tetzel podia contar com a cumplicidade da familia.

No dia seguinte, n'uma sexta-feira cerca das dez horas, galopavam dois cavallos pelo caminho que conduzia do castello de Bora ao convento de Nimpcken.

Os cavalleiros eram Wilfrid e Frederica.

A distancia de uma legua d'ali, haviam-se separado n'uma casa do vendilhão d'indulgencias que se preparava para a aventura amorosa em que se ia metter, despachando uma garrafa de Johannisberg, ao lume d'um bom fogão.

—Aguardae-nos aqui, padre—tinha-lhe dito Wilfrid ao separar-se—e não vos impacienteis... Antes d'uma hora tereis aqui a pequena...

—Atada de pés e mãos?

—Justamente.

—Ide pois, e que o Senhor seja comvosco!

Depois d'isto, Tetzel, ao vêr-se sósinho, sorriu-se, olhando picarescamente a alcova situada no fundo da casa.

—Estás bem inteirada?—disse Wilfrid, depois das recommendações que fizera a sua mulher.

—Sim. Fica descançado—replicou ella.—Verás como sei representar o meu papel. Verás como sei punir os ultrajes que a ambos ella infligiu!...

E o olhar d'odio que seus olhos chispavam, constituiu uma boa prova da veracidade das palavras d'ella.

Afinal chegaram ao convento, e apearam-se dos cavallos.

—Eu espero-te aqui—disse Wilfrid indicando um paredão meio arruinado, atraz do qual podiam facilmente occultar-se as cavalgaduras.

—Não haverá perigo para ti?—perguntou a mulher.

—Nem para mim, nem para ninguem. Os dois malandrins que estão ao serviço do frade devem rondar por estes sitios, e ajudar-me em todo o caso.

—Previne-os pois.

—Sim. Vae-te, e procede depressa, e bem!

—Fica descansado! Hão de se lhe guardar todas as attenções devidas!...

E ajuntou, apertando a mão do marido:

—Fazia mal se se queixasse de mim, pois trato de lhe proporcionar todos os prazeres!...

A abbadessa ia para se deitar, e tinha mesmo já um pé na cama, quando a fez sobresaltar o echo de uma vigorosa campainhada á portada do mosteiro.

—Uma visita a esta hora!... É decerto alguma ordem superior.

Vestiu-se apressadamente, e ia já a saír da cella, quando se apresentou á entrada da porta a irmã rodeira.

—Que novidades ha?—perguntou a abbadessa.

—Está lá fóra uma senhora que insiste em ser recebida immediatamente.

—Uma senhora? Como se chama?

—Frederica de Bora.

—Mandae-a entrar no palratorio, que eu já lhe vou fallar.

O nome que a freira proferira fez dissipar toda a hesitação do espirito da abbadessa.

—É o dote! magicava ella, vestindo á pressa o habito. Traz-me decerto o dote de Catharina!... Eu bem dizia que era impossivel que uns figurões como aquelles me pregassem o calote...

Deve decerto estar lembrado o leitor que Wilfrid quando levou a irmã para o mosteiro de Nimpcken, fez tremeluzir e brilhar ante os cubiçosos e encandeados olhos da superior, os reflexos d'uma fortuna colossal; mas que ao depois preferiu guardar essa somma promettida, em seu poder, sob a fórma de moinhos, de varzeas, de dominios, de roupas, e de alfaias pertencentes á herança paterna, e que competiam ao dote da irmã sacrificada.

Frederica, a quem só a ambição inspirava, conseguira sem grande esforço decidir o marido, do qual esperava ser herdeira brevemente, a que procedesse d'aquella fórma espoliadora.

Quando a superiora entrou no locutorio, Frederica poz-se em pé, e saudou-a com uma accentuada mesura.

—A que devo, senhora, a honra da vossa visita?—perguntou a abbadessa.

—Eu vou dizer-vol-o—respondeu, com ar resoluto, a visitante.—Irei direita ao fim. Soube que retendes illegalmente, e contra sua vontade, uma menina, chamada Catharina de Bora.

A religiosa, ao ouvir este inesperado exordio, deu um salto.

—Eu!?—exclamou ella.

—Sim, vós e outras pessoas mais... A communidade, n'uma palavra. Tambem interveio no assumpto um certo Wilhem.

A abbadessa sentiu um novo movimento de hesitação de que serenou em breve, e, sentando-se, disse com o ar mais calmo possivel:

—Vamos, senhora, explicae-vos, peço-vos.

—É isso mesmo que desejo.

—Sabei, em todo o caso, que eu não retenho aqui illegalmente a menina de que fallaes, e que me foi aqui trazida por um membro da sua familia...

—Quem?

—Seu irmão.

—Meu marido.

—Ah! é vosso marido? Eu julgava...

—O que?

—Sereis vós aquella Frederica de Rosemberg, de quem Catharina se queixava?...

—Ella accusa-me?—perguntou Frederica.

—Decerto—replicou a superiora, que era bastante audaz quando se tratava de defender os interesses da casa.

—E de que?

—De a haverdes despojado e de lhe terdes usurpado o logar de sua mãe.

—Foi só o que ella disse?

—E outras coisas mais.

—Dizei-m'as.

—O respeito que sinto por vós, senhora, não me pede que as repita.

A face de Frederica cobriu-se de pronunciada pallidez. Fazendo, não obstante, um grande esforço de vontade, dominou a emoção, e, por um momento, a physionomia abandonou a expressão rancorosa que d'ordinario a animava, quando se fallava de Catharina: enterneceu-se, e com a voz turbada pela amargura e os olhos rasos de lagrimas, exclamou aquella actriz incomparavel:

—Ai, senhora abbadessa, como sou infeliz! Agora é que vejo bem quanto me teem calumniado!...

—O que dizeis?...

—Decerto que sabereis que essa infeliz menina se oppunha obstinadamente ao meu enlace com seu irmão?

—Effectivamente, sei-o.

—Oppunha-se, de facto, mas de accôrdo commigo.

—Devéras?

—Sim, porque eu não queria desposar-me com um homem cujos instinctos violentos me eram conhecidos de sobejo. Ella apoiava-me e defendia-me. Por isso, depois de desfazer-se d'ella, e de me ter posto incommunicavel, e longe de todo o soccorro humano possivel, forçou-me com ameaças de morte a unir-me a elle em casamento.

—Mas...

—Ah! é uma historia triste a que vos estou contando, e desculpar-me-heis, se chóro ainda, ao recordar-me d'ella!

—Todavia...

—Durante muito tempo ignorei o paradeiro de Catharina. Por fim consegui descobril-o, ainda que tardiamente. Dizei-me, apesar d'isto, que não é tarde ainda para reparar o mal que inconscientemente motivei. Ella sacrificou-se para me defender, e é justo que seja eu que a liberte. Ide buscal-a, senhora abbadessa, ide, por Deus vol-o peço, afim de que possamos ir-nos juntas. Ide depressa, supplico-vos, pois receio que tenham espiado os meus passos, e terei de confiar-me á escuridão da noite para a poder conduzir a logar seguro.

Frederica representára o seu papel com habilidade summa, e a ponto tal que, apesar das contradicções flagrantes que resaltavam da sua artimanha, combinando-a, com as informações que possuia a abbadessa sobre o caso, ella comtudo vacillava, e não sabia a quem acreditar. O que mais perplexa a tornava era a certeza de que a admittir como veridica esta historia contada por Frederica, devia renunciar a toda a esperança de adquirir as riquezas ambicionadas do dote.

Luctando, pois, entre sentimentos tão oppostos, respondeu afinal:

—Tudo isto, senhora, infelizmente não altera a questão.

—Como?

—Desejo prestar-vos credito, mas ainda assim é-me impossivel acceder aos vossos desejos. Foi o vosso esposo quem m'a confiou, e não deve saír d'este mosteiro, e não sairá, ainda que fosse elle proprio que a viesse reclamar.

—Julgaes-vos pois com o direito de a reterdes contra sua propria vontade?—perguntou Frederica com o entono de uma irritação latente, que poderia talvez fazer desculpar a dôr que ella simulava.

—Quem vos disse, senhora—replicou a abbadessa—que eu retenho Catharina contra sua vontade, quando foi Catharina que mostrou desejos de para aqui se retirar?

—Qual é a prova que tendes d'isso?

—A prova está n'uma carta escripta e assignada por ella, na qual declara a sua intenção formal de viver na clausura.

—Quereis mostrar-me essa carta, senhora abbadessa?—tornou Frederica, depois de alguns momentos de silencio.

—Não a tenho, infelizmente.

—E infelizmente é a palavra!

—Está em poder de vosso esposo, o irmão de Catharina, que é a unica pessoa deante da qual me reconheço responsavel pela noviça que me foi confiada.

—Então, senhora abbadessa, dir-vos-hei que fizestes mal em não ter guardado o dito documento, que poderia extraviar-se, e que foi o que succedeu...

—Que estaes dizendo?

—Que essa carta já não existe.

—Acaso a tereis rasgado?

—Sim, e vanglorio-me d'isso... Como bem deveis comprehender, eu não devia pôr de parte, nem desprezar precaução alguma, que me ajudasse a salvar Catharina. Não achaes que era do meu dever fazer desapparecer esse compromisso insensato, arrancado á pobre menina, Deus sabe em virtude de que meios?

A abbadessa comprehendeu a importancia do que acabava de ouvir, porém, apesar de reconhecer a propria negligencia e o seu grande erro, não se quiz ainda declarar vencida. E comtudo não havia esperança de que Catharina consentisse de novo em assignar outro documento... Encandeada pelas promessas de uma consideravel fortuna, que lhe havia feito o irmão da noviça, e deixando-se fascinar por ellas, não tratára sequer de se apossar do dito documento, o que era para ella uma garantia legal, em todo o caso... Porém, quem havia de imaginar, ou suspeitar sequer, que o caso poderia vir a complicar-se d'aquelle feitio?...

—Da fórma como as coisas estão—continuou com perfeita calma e segurança Frederica, depois de uma breve pausa—decidida como estou, caso que vos opponhaes, a proseguir até ao fim o que cuido ser do meu dever, preferi tratar primeiro comvosco amigavelmente, não sem haver prevenido, para qualquer eventualidade, a justiça. Como vêdes, é-vos mais favoravel, e sobretudo mais proprio do caracter religioso de que estaes reves-

tida, o acceder ao meu desejo, em tom amigo! Por isso supplico-vos mais uma vez que mandeis chamar Catharina de Bora.

A abbadessa dirigiu-se silenciosa para a porta. Mas no momento de saír murmurou comsigo:

—Não me resta agora outra esperança senão ella manifestar, de viva voz, a sua resolução de não abandonar o convento! Mas que rasões tenho para temer que ella nos queira deixar? É uma rapariga intelligente e de caracter recto, e detesta demais a mais a cunhada o sufficiente para preferir a ella todos os conventos do mundo. Não! não ha perigo de que ella consinta em querer ir-se com esta comediante.

E mais tranquilla com esta esperança, a abbadessa do convento de Nimpcken caminhou com passo seguro.

No fundo, Frederica devia participar tambem d'esta opinião, pois apenas se viu só, exclamou com expressão de orgulho:

—Até agora, bem! Mas infelizmente o mais difficil não é o que está feito, mas o que resta fazer!...

Difficil, se não totalmente impossivel, seria pintar a impaciencia febril que devorára Catharina de Bora durante as primeiras horas d'aquella noite. Tinha aberto a carta que recebera atada a uma pedra, e em seguida havia-a rasgado, receando que lhe podessem dar com ella: guardava porém de memoria o seu conteúdo, e repetia-o incessamente, em voz sumida:

«Se vos lembraes ainda d'aquelle que vos salvou uma noite, e se vos consideraes ainda a sua promettida como lhe promettestes no confessionario da capella, disponde-vos para fugirdes na noite de sexta-feira, e não vos espanteis de nada.»

O dia da liberdade chegára emfim!

Oh, que felicidade poder fugir, livrar-se da oppressão d'aquellas muralhas lôbregas! Que ventura ir encontrar sob um tecto hospitaleiro um refugio contra os aboizes e os ardis dos malvados e dos chatins! Viver como as mulheres vivem! Amar, amar sobretudo!...

Impulsionada e alegre por aquellas esperanças que tanto a dilatavam, esperava, comtudo, receber um novo aviso, e, de facto, o aviso não falhou. N'aquella noite, e da mesma fórma que da primeira vez, recebeu um laconico bilhete, concebido assim:

«Á meia noite.»

A joven não se atrevia comtudo a saír da cella. Além d'isso, estava a espera, sem tirar os olhos do jardim, que lhe fizessem qualquer signal, e receava não o ver. Desgostava-a, comtudo, a idéa de não poder auxiliar de modo algum aquelle que trabalhava por ella. Ignorando o que succedia, ou o que poderia succeder, achava-se como que atordoada pelo medo e a impaciencia, e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas.

— Elle ama-me! — murmurava a desditosa noviça. — Deram onze horas — disse, depois de escasso silencio. — Falta só uma hora... Mais ainda uma hora!...

Mas de golpe poz-se em pé, sobresaltada. Batiam á porta da cella.

— A senhora abbadessa! — exclamou á joven, surpreza.

— Sim, eu mesma, querida filha!...

O que significaria aquella visita a deshoras? Teriam acaso surprehendido o seu segredo? Mas o tom com que a abbadessa lhe fallava era, todavia, carinhoso.

Estas idéas cruzaram-se rapidamente pelo cerebro e fizeram-a balbuciar algumas palavras, pretextando uma indisposição para explicar o não se achar áquella hora já recolhida.

Mas a abbadessa nem sequer a ouviu, e continuou por esta fórma:

— Veem roubar-vos ao nosso carinho, minha filha. Veem arrancar-vos ao nosso affecto.

— A mim?

— Quereis seguir-me? Vou-vos levar á pessoa que vos reclama...

— Devéras?

— Deante d'ella é que vós mesma decidireis, ou entre nós, ou entre ella.

— Mas quem é essa pessoa? Quem é?...

— A sr.ª Frederica de Bora, Rosemberg, por familia.

— Ah!

A superiora proferiu espaçadas e pausadamente as syllabas, contemplando o effeito produzido na moça.

Catharina ficou como que aturdida e fechou os olhos. Aquella resposta inesperada esbarrondára-a.

Depois de alguns momentos de curto silencio, a abbadessa disse:

— Bem, minha filha, decidis-vos a partir, ou não?...

— Eu? Para que?...

Oh! decerto que não! A moça noviça não se resolverá a ir-se com Frederica. A presença d'aquella miseravel mulher não lhe prenuncia nada de bom. Decerto surprehendeu os planos de Luthero, e trata de lhe impedir a execução. Está decidida, não irá com ella. E, todavia, por estranho que pudesse parecer, não poderia succeder que Frederica trabalhasse inconscientemente, sem o suspeitar, a favor da sua liberdade, que isso formasse parte das combinações do seu libertador, e que Frederica se tivesse encarregado da parte mais difficil, que era tiral-a d'entre os muros do convento?...

«*Não vos espanteis de nada*» — dizia a carta.

E esta phrase destacava-se d'entre as outras do bilhete com caracteres de fogo. Jurára obedecer, e, apesar das suas hesitações e receios, obedecerá. São onze horas, e portanto esta Frederica adeantou-se á hora combinada... Não importa, não mais hesita.

Foi n'um instante apenas que, por todas estas reflexões, e cedendo a ellas, disse n'um tom de absoluta indifferença:

— Pois então vamos!

Mas seria certo? Que interesse poderia ter aquella mulher em tiral-a do convento, para o qual ella contribuiu tanto que entrasse? Mas o melhor

era não mais hesitar, e entregar-se sem desconfiança, pois a sua resistencia poderia tudo comprometter.

Eil-a emfim no locutorio. Avança com a cabeça levantada, e não saúda a cortezã, mas tambem não a insulta, nem despreza. Frederica faz o gesto de se lançar ao pescoço da noviça, porque aquella scena faz parte da comedia que architectou, e afim de fazer representar Catharina, e de representar ella mesma, o papel de victimas.

Mas a joven retrahiu-se com doçura e com nobreza.

—Quereis tirar-me do convento, segundo me disseram—começou ella.

—Quero libertar-vos d'esta prisão!

Catharina ia para retorquir, quando a abbadessa interrompeu:

—Reflecti no que ides fazer, minha filha! Não vos deixeis intimidar por consideração alguma. Obedecei unicamente á voz do vosso coração, e escolhei entre este tranquillo e seguro asylo, e a vida que...

—Cuidado, senhora!—interrompeu, por seu turno, Frederica.—Começae vós mesma por não exercer pressão alguma sobre ella. Esta menina conhece de sobejo o infortunio, para saber escolher com completo conhecimento de causa.

—A minha escolha está feita.

—Ah!

E as duas mulheres esperaram aquella resolução com a mais manifesta anciedade.

—Saír do convento!—disse a noviça.

A superiora ficou vencida, e a cortezã não poude dissimular um sorriso de triumpho.

—Adeus, senhora abbadessa—disse ella—e vós, Catharina, vinde!...

A superiora, estupefacta, deixou-as saír, batendo com o pé no chão, fula de cólera.

Ah! aquella miseravel e perversa rapariga atraiçoou-a, e por aquella mesma porta que se abre para a deixar passar, entra a ruina do convento!

Quando Catharina se encontrou no campo, a cem passos do convento, conduzida pela mão d'aquella mulher altaneira, que caminhava d'um ar decidido e sobranceiro, é que começou a sentir-se presa de intima inquietação e terror.

—Já estás debaixo da minha mão—pensava a sua inimiga.

Mas a pobre noviça perguntava a si mesma:

—Porque se terá Luthero valido, para me libertar, d'esta mulher? Não me terá perdido, cuidando salvar-me?...

A temeridade da sua conducta appareceu-lhe então nitida, e evidentemente aos olhos.

—Não seria tudo isto uma simples coincidencia? Não poderia ser que Luthero esteja n'outra parte, esperando-a com impaciencia?

Assim cogita a pobre menina, e por fim pára, e pergunta:

—Aonde vamos nós, senhora?...

O tom com que disse isto claramente indicava estar decidida a não continuar. Frederica pareceu não a ter ouvido, e Catharina ia para reiterar a pergunta, quando de golpe solta um grito agudo, mixto de dor e de surpreza.

Está indubitavelmente, irremediavelmente perdida!

No homem que se postou em frente d'ella, no caminho, reconheceu seu irmão Wilfrid.

—Aonde vamos nós, ó bella, perguntas tu?—disse elle com aquelle entono escarninho que lhe era habitual.—Por emquanto ficamos aqui.

E, n'um abrir e fechar d'olhos, agarrou na irmã e deitou-a por terra...

—Miserav...

A pobre menina não poude concluir o seu insulto, porque lhe taparam a bôca com uma mordaça, e só poude ouvir as casquinadas da sua rival que mofava d'ella, e saudava com gargalhadas a sua vingança satanica, e o seu triumpho.

—Assim agora é que te quero vêr!—disse Wilfrid, que acabava de a atar de pés e mãos.—Rebola-te agora ahi por terra, á vontade... Quando estiveres com o teu...

Mas tambem elle não poude concluir a phrase senão com um rugido de dôr. Com a lamina d'uma espada acabavam de lhe esbofetear a cara, ao passo que se sentiu violentamente empuxado para traz.

—Agora, isto é com nós ambos, malvado!—retumbou uma voz mascula.

Era Luthero que defendia Catharina, espada em punho.

—Acudam!—gritou Wilfrid.

—Ah! tens cumplices, pelo que vejo!—disse Luthero.

O irmão de Catharina, effectivamente, acabava de deitar mão a um apito, que silvou estridulamente no silencio nocturno.

—Os sacripantas dos teus cumplices em breve te guardarão as costas, cobarde, mas antes d'isso já estarás estripado!

E o duello começou silencioso e minaz á luz da lua.

Ambos os adversarios procuraram manter-se na sombra e encandear o contrario, e as espadas cruzavam-se e chocavam-se furiosamente.

Luthero, porém, mantem-se firme, e assim como Wilfrid trata de não perder de vista Frederica, que parece afagar o cabo d'um punhal, com o qual não se atreve, no emtanto, a intervir, sabendo que a espada do contrario é mais larga, e sobretudo mais agil o braço que a maneja.

O duello, no emtanto, encarniçado prosegue, tendo por testemunhas as duas mulheres, ambas mudas e turbadas, porque a anciedade sellou tambem os labios de Frederica. Wilfrid batia-se bem, mas atacava com demasiada furia, e cansado dos esforços que fizera ha pouco para atar a irmã, fraquejava sensivelmente, emquanto que Luthero proseguia firme como uma rocha.

Frederica não cogitava já em apunhalar Luthero, mas immovel e queda, aguardava o resultado do combate, sem que nenhuma das impressões que a agitavam se lhe manifestasse nos olhos d'esphynge.

Mas, de golpe, ouviu-se uma praga de desespero, e uma vermelha mancha de sangue appareceu no lado direito do gibão de Wilfrid. O ferido cambaleou e cobriu-se mal, e Luthero ia para se aproveitar d'este descuido, quando de subito, de detraz de um muro, destacaram duas sombras de chifarote em punho e lampejante.

E que enormes espadagões aquelles!... Que enormissimas catanas!...

—A mim, amigos!—ribombou a voz de Wilfrid que, pela pintura que

d'elles lhe fizera Tetzel, reconheceu em Spavento e Annibal os dois valdevinos assalariados pelo frade.

— Maldição! — rugiu Luthero.

Frederica recobrou animo, reanimou-se: mas pelo contrario Catharina gemeu desoladamente, vendo o seu libertador ter que luctar ao mesmo tempo com tres homens, que não tardariam muito a reduzil-o á impotencia.

O duello começou silencioso e terrivel, á luz da lua.

CAP. L.

A espada de Luthero, como se se multiplicasse, obrou prodigios, acudindo rapida a todos os botes.

Mas tudo era baldado, e a resistencia parecia dever ser impossivel ao cabo.

— O frade da Casa dos Cyprestes!... Alto lá!... Nada de biltrarias!... Spavento, encarrega-te tu d'este senhor!...

E Luthero foi então testemunha d'uma scena curiosa.

O seu contrario Wilfrid de Bora acabava de ser varejado pelo punhal de Spavento, o homem da obediencia passiva.

Mas um terrivel grito fez Luthero voltar a cabeça para o outro lado.

Annibal acabava de dar um salto á direita.

E a razão era porque Frederica, vendo succumbir o marido, compromettida a sua vingança, quizera-a satisfazer, e, fula de odio, dirigira-se para Catharina com o punhal em punho.

Levantava o braço já para ferir a moça, quando de subito soltou um grito ou ronco ou ululo, mixto de estortor e de raiva, de agonia ultima e de desespero insano, pois que Annibal acabava de a varejar com a catana.

O seu corpo deu um baque surdo em terra, e ficou exanime, sem mais respirar, sem mais sentir.

Depois d'isto, Annibal dirigiu-se para Luthero, a quem tudo aquillo parecia um sonho, e saudando-o respeitosamente, disse-lhe:

—Vêdes agora que sou homem de palavra!...

Luthero olhou-o estupefacto, sem comprehender a significação d'aquellas palavras.

—Senhor,—respondeu-lhe—eu e esta joven senhora devemos-vos a vida, assim como ao vosso companheiro.

—Não fizemos mais do que pagar uma divida!

—Não vos comprehendo.

—Então não me conheceis?

—Francamente, não.

—Sou Annibal, o irmão de Flora!

—Flora?

—Não vos lembraes que me salvastes a vida em Roma, não longe da muralha, no dia em que ia morrendo suffocado debaixo d'uma armadura?

—Ah! justamente, agora me recordo. Ereis vós?...

—Era, e disse-vos n'aquella occasião: «Aonde quer que vos acheis, seja qual fôr o perigo que vos ameace, chamae-me que eu acorrerei, sollicito e disposto, a derramar por vós o meu sangue em reconhecimento de me haverdes salvo!»

E em seguida o espadachim, com ademan galhardo e garbo cavalheiroso, accrescentou estes dizeres:

—Agora estamos quites!... Bem vêdes que sou um cavalheiro!

Um quarto d'hora depois, montados nos cavallos de Wilfrid e de Frederica, Luthero e Catharina, á luz da lua, que fôra testemunha das suas primeiras caricias d'amor, afastavam-se vagarosamente d'aquelles sitios.

Junto do paredão em ruinas jaziam os cadaveres de Wilfrid de Bora e Frederica de Rosemberg.

Ao passar perto d'elles, Spavento, de ordinario tão acatador dos mortos, lançou-lhes um olhar de desprezo.

Decididamente aquelle valdevinos tinha algumas boas acções em seu favor, e, ainda que aquella fôra devida ao seu camarada, nem por isso estava d'ella menos envaidecido.

Para não perder de todo o costume, pronunciou sobre o corpo de Wilfrid uma breve oração funebre, concebida laconicamente, por este teor:

—Atacar uma mulher!... Que indignidade!...

E pôz-se a caminho de braço dado com o seu confrade.

—Agora me lembra—disse Annibal, depois de alguns passos—que será feito de Tetzel?... O que dirá de nós?... Seria aquella a religiosa que elle queria raptar?

E os dois confrades desataram a rir.

—Ora!—observou philosophicamente Spavento—melhor lhe foi não ter vindo, visto que nada podia ganhar... Quanto a nós não perdemos tudo, pois além de termos pago uma divida de honra, já recebemos metade da esportula que nos fôra promettida por Tetzel.

—Sem contar com isto.

—O que é isso?... Joias? Acaso despojaste os dois cadaveres?

—Pois está claro. Olaré!...

—Giremos pois!...

Entretanto Tetzel, repimpado, fartava-se d'esperar em casa, aguçado de desejos cupidos e lubidinosos, e libando tragos de vinho fino, para abrir o appetite.

CAPITULO LI

Á roda de um cadaver

Apesar de que uma espessa e compacta multidão, renovando-se a cada momento, percorria as vastas salas do Vaticano, reinava n'elle um soturno silencio.

Os camaristas, maceiros, guardas do palacio, sentinellas postadas em dupla fileira, trajando rigoroso luto, estavam silenciosos, e, se tinham de responder a alguma pergunta, faziam-no em voz sumida.

Só uma phrase, ou antes um cicio de phrase, se adivinhava, antes do que se ouvia no movimento dos labios, e esta voz corrente e lôbrega era:

—Morreu o Papa!

E a exclamação dava roda a todo o palacio, e descia, de degrau em degrau, toda a ampla escadaria, em que ondulavam e agitavam os recem-vindos: corria todos os infimos recantos do palacio, e ia de bôca em bôca, até que emfim se perdia entre o ruido dos passos e o *fru-fru* produzido pelos habitos sacerdotaes.

—O Papa morreu!

De fórma que Roma inteira já o sabia. E como? A corda fôra bem segura ao pescoço do Pontifice, assim como tambem o grosso calhau que lhe ataram devia-o ter, infallivelmente, arrebatado para o fundo do rio.

Os arcebispos, os legados, os cardeaes, os bispos e todas as dignidades ecclesiasticas que Roma encerrava em seu seio, acorriam precipitadamente a render homenagem áquelle que fôra o seu chefe, e formavam uma comprida fila que seguia a corrente humana, que a impellia até á capella.

Nada tão edificante e tragico, ao mesmo tempo, do que vêr aquella grande dôr, pintada em todos os rostos beatificos! A pantomima do sentimento e da tristeza era alli caracteristica. Todo o individuo ingenuo que os

tivesse visto fallando em voz velada, pondo os olhos em alvo, com ar de compunção, e com essa desolada expressão de sentimento que produzem as grandes e fundas dôres, ter-se-hia sensibilisado.

Que sentidos conceitos funebres tão notaveis deveriam trocar aquelles individuos carregados de luto! Que elogios ao finado não deveriam fazer todos aquelles que lhe pareciam tão affeiçoados em vida, e tão desolados agora, na morte!

Acerquemo-nos um pouco e ouçamos:

—Isto, mais tarde ou mais cedo, havia de succeder—dizia um bispo, com voz dolente.

—É verdade!—respondia um primaz, não sabemos de que diocese africana—pois não é impunemente que se zomba das leis divinas e humanas!...

—É o mesmo que eu penso!—retrucava outro.

Um abbade mitrado interveio tambem na conversação:

—Parece que morreu sem ter de seu um ceitil!...

—Pois então porque é que dispendia tanto?...

—Ora!... Deus sabe se lhe fazia falta! Que voracidade!... Tudo era pouco!...

—Só para pagar ás suas mulheres...

—Tambem só ás amasias é que elle pagava.

—O que lhe custava os olhos da cara não era porém só o que dispendia com as marafonas de truz... mas os dotes ás moças seduzidas, as pensões aos maridos—para lhes tapar a bôca e os olhos—as compensações e as rendas aos parentos, o cuidado com os filhos...

—E esqueceis tambem os proventos que auferem os cumplices?...

—Só a conservação do seu museu obsceno era capaz de absorver todos os redditos da Egreja!... Quando se tratava d'estas coisas não regateava nunca! Pagava sempre a peso de ouro toda a obscenidade antiga... e sabe Deus quantas d'estas coisas falsificadas lhe empurraram os judeus, fabricadas por elles no Transtibre... Eu mesmo me vi forçado a deixar que elle levasse o famoso Satyro do Monte Athos, brincando com Priapo, porque nos lances das almoedas ninguem lhe resistia.

—Acredito sem difficuldade! Como era o nosso dinheiro que elle gastava...

—E, comtudo, apesar do que lhe produzia a venda das indulgencias, essa grande roubalheira que elle inventou desvergonhadamente, não tinha quasi nunca com que pagar a Miguel Angelo, que as mais das vezes tinha que pôr dinheiro do seu bolso para poder proseguirem as obras de S. Pedro...

—E como elle nos rapinava!...

—Como ladrão n'um pinhal...

E, ao cabo, todas as conversações concluiam por este modo:

—Teve o que merecia!

E quanto mais apertavam as mãos, com expressão pungente, quanto mais compungidas apparentavam as faces, mais frequentes e violentos eram os insultos que choviam sobre o cadaver d'aquelle a quem tinham vindo render o preito final.

Oh hypocrisia, grande e suprema virtude da Egreja!

Um gaudio fundo, e intimo, e latente, mas que apesar da sua grande arte de dissimular os atraiçoava, por vezes, dilatava os corações de todos aquelles falsos devotos.

N'aquelle mundo putrido de prelados, em que a violação e o incesto eram considerados como culpas sem importancia, reinava uma ambição insaciavel, e a cupidez febril do dinheiro é que fazia galgar e esguichar alto aquelles borbotões de lama e fel.

Decerto que o Papa merecia todas aquellas acerbas criticas, todos aquelles descaroaveis juizos, e o leitor bem o sabe, mas na realidade nenhum d'aquelles corruptos prelados tinha auctoridade moral para laivar com aggressões a face d'aquelle cadaver, pois todos o haviam egualado em crapula e devassidão, infamia e simonia.

As invectivas que na bocca de Luthero tanta auctoridade tinham, nas d'elles só inspiravam asco e entojo, sobretudo se nos recordarmos das suas adulações, das suas caricias e das suas genuflexões diante d'aquelle homem, sobre cujo cadaver agora vinham escarrar insidias e mofas.

De subito abriu-se uma porta lateral de uma das salas, para dar passagem ao cardeal Petrucci, que entrou surdo, suffocado, inquieto e caminhando estugadamente.

N'isto, um grupo de prelados e de amigos particulares o deteve na pressa em que ia.

Petrucci poz-se rapidamente a fallar com grande vivacidade, tão rapidamente quanto lh'o permittia a sua respiração, suffocada pelo cansaço e pela ventruda adiposidade.

Emfim, chegava ainda a tempo!... Tinham-no avisado muito tarde!... (Escusado será dizer que omittia que não tinha passado a noite em casa). Que desgraça!... Que espantosa desgraça!... Quem teria podido sequer desconfiar de tal?...

—De fórma que não sabieis nada?

—Só o soube por acaso... O acaso só... E como foi que a coisa succedeu?... Estão presos os criminosos?... Está morto ou apenas ferido?... Quem foi o que primeiro se inteirou do occorrido?...

Um dos prelados então teve a complacencia de lhe satisfazer a curiosidade e de o informar de todas as minucias.

Narrou-lhe primeiro o descobrimento do crime. Durante a noite, Hochstratten cuidara ouvir um certo rebolico na alcova de Sua Santidade. Pensando que por acaso o Pontifice se sentisse incommodado, quiz entrar na camara. Mas a porta estava fechada á chave. Chamou, empurrou, mas ninguem respondeu. Chamou então pela creadagem. Arrombada a porta, encontraram o leito vasio, e nos lençoes uma enorme mancha sanguinolenta.

—Mas os assassinos?...

—Não se encontrou nem signal d'elles!... Todas as pesquizas que se fizeram não deram resultado nenhum. Era evidente que nem elles nem o cadaver se achavam já no Vaticano. O grande inquisidor estava furioso, acompanhando elle proprio os soldados que procediam ás pesquizas.

—Acaso me hão-de escapar mais uma vez!...

Isto provava que nutria suspeitas, e ai! em demasia fundadas, de que

alguma coisa se tramava. Mas as suas pesquizas não obtiveram resultado, e pela manhãsinha um pescador do Transtibre veio dar a noticia de que um peso enormissimo prendia as suas redes, e que, cuidando com bons fundamentos que se tratava de algum crime horrivel, se arreceára, pois que não é dos que acreditam em pescas miraculosas.

Descendia talvez d'aquelle outro pescador que declarou ter visto Cesar Borgia atirar ao Tibre o irmão, por noite alta, mas que disse não se haver assustado por serem frequentes n'aquelle sitio as execuções d'aquelle genero.

Curioso, não obstante, colheu as redes e examinou o objecto pescado. Encontrou um cadaver, com a face inchada, e todo contundido horrivelmente, e com os olhos demasiadamente esgazeados pela agonia e pelo espanto.

O pescador, ao principio, não reconheceu a victima.

Mas d'alli a pouco chamou-lhe a attenção o trajo.

—Ah!—disse.

Mas, quando viu a tiara, exclamou:

—Sua Santidade!...

A turba-multa, o povilêo, ia no emtanto reunindo-se em torno do pescador.

E regougava:

—O cadaver de Sua Santidade!

A nova divulgou-se com a velocidade do raio, e as entranhas do Transtibre vomitaram uma arraia miuda esfarrapada e colerica, de que formavam parte alguns miseraveis que haviam escapado a matança do Ghetto, de fórma que n'aquella turba-multa não era decerto a sympathia pelo cadaver do Papa o sentimento dominante.

—Morreu a vibora!—vozeiravam alguns.

—Acabou-se o veneno!—esbravejavam outros.

É ocioso dizer que os que soltavam estes gritos eram aquelles negregados e safardanas dos judeus, porque os catholicos, atabalhoados, haviam deitado a correr para a cidade eterna, para levar a nova ao Vaticano.

Durante todo aquelle tempo, o corpo do Pontifice, estendido na praia, era o alvo das imprecações dos impios.

—Ah! agora nada pódes, sacripanta!—ululavam os sacrilegos.

Constituidos em tribunal, converteram-se em accusadores do cadaver, atirando-lhe á face: um, a violação de uma filha; outro, uma mãe queimada na fogueira; outro, emfim, a tortura de um pae... E cada accusação era acompanhada de uma pedrada ou de uma zargunchada.

—Tiremos-lhe o fato!—vociferou uma voz.

—Sim! sim!—approvaram e repetiram muitas outras, em còro.

Arrancaram-lhe em seguida, uma por uma, todas as peças do vestuario, no meio de enorme grita e de desbragadas casquinadas de riso.

A plebe tripudiava, ebria de contentamento e gaudio; mas, quando este chegou ao paroxismo, foi quando uma velha, que nunca se averiguou quem era, urrou:

—Queimemol-o!...

Estabeleceu-se uma terrivel competencia para saber quem traria a pri-

meira lenha, quem deceparia com mais presteza os ramos das arvores: algumas bateiras foram escaqueiradas: e era um espectaculo que merecia ser visto o que apresentavam algumas mulheres correndo apressadas, com moveis das proprias casas, e entre os applausos com que o povo saudava aquella vingança antecipada.

Petrucci, ao ouvir a narrativa de todos estes sacrilegios, alcava as mãos ao ceu, soltando gritos suffocados de indignação.

— Mas não havia alli nenhuma alma christã que obstasse, que impedisse, que protestasse contra tal profanação? — perguntou elle, devéras indignado e explosindo iracundias.

Mas houve logo quem o tranquillisasse, contando-lhe que finalmente chegara um regimento de guardas suissas. E bofé! que chegou em momento opportuno e bem urgico, porque o cadaver pontifical estava já sobre a fogueira, á qual iam lançar fogo de um momento para o outro.

Os soldados, que acorreram pelo caes do Tibre, caíram sobre os incendiarios, dando-lhes tal carga, que elles recuaram, precipitando-se no rio. A refrega foi terrivel, e os que não morreram afogados succumbiram aos gumes afiados dos quarteleiros.

Quanto ao cadaver de Leão X, depois de terem coberto de novo a sua nudez, foi depositado n'uma liteira — a mesma em que travára relações com Flora, oh! irrisão do Destino! — e trasladado com grande pompa para a capella Sixtina, que foi transformada, acto continuo, em capella ardente.

Emquanto que referiam a Petrucci esta dramatica historia, a multidão dos visitantes vinha engrossando, e distinguia-se, atravez de uma porta, a poucos passos d'aquelle local, o resplendor de uma illuminação luxuosissima e augusta.

Petrucci estava no perystillo da capella, sobre cujo pavimento resoavam os passos de milhares de curiosos que, com andar cadenciado e summo recolhimento, entravam por uma banda e saíam por outra. Na capella ardiam centenares de cirios, entre nuvens de incenso.

No fundo, sobre uma especie de tamborete, tinha sido collocado o cadaver do Papa, vestindo o seu trajo pontifical de etiqueta e de grande gala official. Estava sentado e amparado por dois grandes almofadões. A mão direita fôra habilmente levantada por meio de umas fitas, de modo que não parecia senão que o Pontifice estava na attitude de abençoar o seu povo catholico, apostolico, romano.

O embalsamento fôra adiado para mais tarde, porque o que mais urgia agora era expor o cadaver á vista do publico, afim de fazer estimulo as glandulas lacrymaes dos fieis, e repuxar-lhes essa secreção, a lagrima. Era preciso tambem comprovar a verdade, a authenticidade d'aquelle successo.

O Papa morreu! Viva o Papa!...

Porque o que fazia urgente esta exposição mortuaria do involucro do ex-Pontifice, era a impossibilidade de se poder fazer eleger um outro successor de S. Pedro, sem haver provas irrefragaveis, palpaveis, physicas, em apoio da verdadeira morte do que se queria fazer substituir. Vinde, pois, vede, cheirae, tocae, se vos atreveis, vós todos que fazeis parte da grossa massa humana que forma a opinião publica!... Vinde todos, e palpae, olhae, cheirae!...

Comtudo, apesar da arte com que lhe haviam pintado as faces e colorido a lividez sepulchral, afim de fazerem desapparecer todas as traças da agonia horrivel que tivera, a vista do cadaver era repugnante e causava uma insolita... uma bem insolita nausea, e como que repulsão.

Está bem morto!...

E na realidade tão bem morto estava, tão repugnante era a proximidade do cadaver, que os prelados passavam apressadamente por deante d'elle sem terem coragem de se demorar.

Erguiam os olhos para elle, mas depressa afastavam a vista d'aquelle espectro que lhes fazia lembrar que elles tambem um dia deveriam morrer e servir egualmente de espectaculo, e, quiçá, de gaudio intimo de muitos!

Dos dois lados do catafalco estavam Hochstratten com seus trajos de summo inquisidor, e Lourenço de Medicis com seus paramentos de cardeal.

O inquisidor parecia olhar com indifferença o transito continuo dos visitantes: mas Lourenço, apesar da sua immobilidade, attrahia todas as vistas.

Era olhado com espanto, porque estava agitado, e o seu olhar era lôbrego e enturvado, com algo de não sei que sombrio. A bocca, de mais a mais, continuamente aberta, communicava-lhe á physionomia uma extranha expressão de idiotia.

A intervallos resmoneava inintelligiveis phrases.

— O que terá elle? — perguntou um embaixador a Petrucci.

— Não sei, mas parece que a morte do tio affectou-lhe muito a mioleira.

— Era tão amigo do tio, coitado!

— Sim, mas isso não explica bem que...

— É verdade.

— Todos, ao vel-o, dirão que esta morte não só o commoveu, mas que lhe desarranjou o caco!...

— E tal e qual.

— Mas desarranjado a tal ponto que parece que está mesmo chapado idiota!

— É verdade.

Esta observação correu de bocca em bocca pela turba, que se voltou para mais detidamente examinar o sobrinho do Papa, que não parecia reparar n'aquella attenção de que era alvo. Alguem observou que machinalmente movia as mãos, com um ar inexplicavel. Não padecia duvida de que havia n'elle algo de excentrico e de singular.

— Olhem! olhem! — murmurou um dos cardeaes.

Estas palavras parece que desagradaram em extremo ao ciumento Petrucci, que lançou ao joven purpurado um olhar de odio.

O leitor não ignorará [illegible] que todos os cardeaes formam um grupo ou corporação chamada o sacro Collegio, de cujo seio é que sae eleito o novo Papa, que deve [illegible] ser membro d'aquella santa assemblea.

Pois bem, o ultimo Papa fôra eleito precisamente em attenção ao estado melindroso da sua saude, pelo menos assim fôra julgada, e sabemos

que Leão X, para assegurar a eleição, exagerara ainda mais esse derrancamento physico. Ora, fazer que d'aquella nova eleição saísse um idiota, um orate, um louco, seria coisa decerto muito melhor, e de mais novidade, que mais garantias dava de facilmente o novo Pontifice poder ser dirigido pelos do Sacro Collegio, e poderem reinar na christandade em seu nome.

Tambem se podia suppôr que Petrucci, apesar da sua apparencia faceta e do seu tom jogralesco e folião, nutria uma ambição descompassada,

[illegible] tavam o grande impressor e [illegible] de Medicis.

Cayeux.

pois só assim se poderiam logicamente explicar as suas palavras mysteriosas, das quaes se deduzia que n'aquelle instante considerava Lourenço de Medicis como um rival.

Se não era precisamente isto, não padecia duvida que qualquer sentimento parecido com este o perturbava.

Por isso, saiu apressadamente, murmurando palavras quasi ininteligiveis.

Ao sair da capella ardente, lobrigou um collega cardeal, que se separava d'um grupo, e se afastava rapidamente.

—Aonde ides com tal pressa?—perguntou-lhe elle.

—Á sala do conselho. Vinde tambem. Alli fallaremos com os amigos.

—Não estariamos melhor em casa? Que vos parece?

—Em vossa casa? Ah! é verdade que me convidastes para uma ceia esta noite!...

—Inda bem que vos lembraes!

Mas o outro, o cardeal, affectando um ar de compuncção:

—Que seja aqui dito entre amigos, a coisa não me parece bonita!

—O que?

—Digo que convidar para uma festa, em seguida á morte de Sua Santidade, uma morte tão sobremaneira tragica... Por Deus!

—Perdoae, mas só o acaso é que é o culpado d'esta coincidencia. Quando resolvi convidar-vos a todos para uma ceia, ignorava completamente esta fatalidade.

—Bem. Mas como deveis comprehender, depois do que succedeu...

—Vinde, apesar d'isso... O que se perde com isso? Em vez de uma festa, que deveria ter um caracter completamente alegre, a nossa ceia terá a dose sufficiente de gravidade, e em absoluta liberdade poderemos debater as probabilidades que cada um de nós tem para sair eleito successor de S. Pedro.

—Discutir esse assumpto á sobremesa!... Não, meu caro.

E o cardeal, ao separar-se de Petrucci, dirigiu-se a outro companheiro que chegava, cardeal tambem, e de cabellos brancos.

—Não reparastes em Lourenço de Medicis?—perguntou-lhe.

—Sim, e na realidade faz pena vêl-o!

E, dizendo isto, encaminharam-se para a sala do conselho, proseguindo a conversação em voz sumida.

Petrucci, entrementes, ia resmungando:

—Trovões e raios! Errei o golpe... A culpa é de Lourenço de Medicis que representa ás mil maravilhas, é forçoso confessal-o, o papel de idiota!

E continuou com visivel expressão de desprezo:

—Ainda espero ver serem elles sufficientemente patègos para se deixarem embaçar pela marosca!... E, no emtanto, desde Bruto que a tramoia é conhecida!... A morte de um tio não endoidece ninguem. Muito antes pelo contrario...

Petrucci, como se vê, estava duplamente contrariado, porque havia disposto d'uma serie de habilidades e diplomacias, que se lhe afiguravam agora de todo estereis.

A verdade é que soubera, muito antes do que outros, a nova da morte do Papa, o que se explica por esta rasão muito simples: (a casa da pessoa (sejamos discretos!) em casa de quem passara a noite, tinha janellas que deitavam para a banda do Tibre, em cujas aguas fora pescado o cadaver do Pontifice.

O rebolico, a salsada do populacho romano fizera-o assomar a uma das janellas, e comprehendeu, logo ao primeiro relance d'olhos, o motivo da salsada, e, interrompendo a toda a pressa o que estava fazendo, apesar de

agradavel, tratou de, como homem pratico, tirar todo o partido que as circumstancias lhe proporcionassem.

Foi então que immediatamente mandou convidar para uma ceia n'aquella mesma noite, em sua casa, a todos os cardeaes de Roma.

Procedendo com urgencia e brevidade, tinha a certeza de que receberiam o seu convite antes da nova da morte do Papa, e mais certo ainda de que os attrahia pelo seu lado fraco, pois que conhecia bem a sua enormissima guia e quanto eram affeiçoados aos prazeres da mesa.

Por isso fizera-lhes preparar uma ceia extraordinaria, composta dos pratos mais raros e preciosos.

—Quem sabe!—cogitava o ventrudo Petrucci—Quem não jogou, não perdeu nem ganhou! Porque não serei ainda Papa?...

A pretenção, na realidade, nada tinha de exagera. O cardeal não era nem mais borracho, nem mais frascario, nem mais garanhão, nem mais violento do que haviam sido outros Pontifices, successores de S. Pedro. Demais a mais, quando chegou á sala do conselho, o acolhimento que lhe fizeram os seus collegas contribuiu a robustecer as suas esperanças. Todos corriam pressurosos a apertar-lhe a mão, e a agradecer-lhe o amavel convite que haviam recebido.

Petrucci a todos repetia a mesma desculpa:—Fóra uma coincidencia terrivel!... Mas nem por isso deixava de manter de pé o convite!

—Era um convite official!—ajuntava.—Que pena não ter sabido mais cedo da morte do Papa!... Que pena! que pena!...

Um dos prelados, em quem a adulação era um habito inveterado, disse:

—Na vossa casa combinaremos o dia da abertura do conclave.

—Que se não deve adiar por mais tempo!—ajuntou logo Petrucci, acodado—A Egreja não póde permanecer por muito tempo sem pastor, sobretudo n'estes tempos tão agitados!...

Petrucci, que fallava d'esta fórma, exactamente no periodo algido das manifestações do protestantismo, não dizia decerto desconchavo algum: porém observe o leitor quanto abusavam os senhores do clero d'estas palavras—«*tempos agitados!*»

—O interregno não póde prolongar-se sem inconvenientes graves!—confirmou um terceiro.

Petrucci misturava-se a todas estas conversações e chamava de parte, successivamente, todos os cardeaes, a quem dizia:

—É preciso que nos reunamos com urgencia!... Eu, pela minha parte, não me devo eximir a este dever, o mais depressa possivel...

—Porque?

—Porque não me sinto bom!

—É verdade?...

—É como vos digo, e não vos maravilheis, porque bem se conhece na minha cara... Tenho todos os signaes d'uma apoplexia.

—Vós?...

—Sim. Eu bem me sinto! E, se duvidaes, consultae os meus medicos. Tambem, como sei que de qualquer doença hei-de morrer, prefiro acabar d'uma morte rapida e fulminante, mas sem soffrimento, a arrastar uma velhice incommoda e fastienta.

—Pois se então a tal ponto vos sentis achacado, transferi a ceia, que...

—Nada, nada. O dito, dito!

A conversação, no emtanto, entre os mais prelados, continuava acalorada cada vez mais.

—Mais uma vez fomos burlados!—dizia um cardeal de cabellos brancos.—Enganamo-nos redondamente!

—Essa é que é a verdade!

—Mas é preciso que não nos enganemos segunda.

—Decerto! decerto!

—Caímos debaixo da vara d'um despota!

—E um despota debochado, o que é peor!

Sobre este ponto, em que aliás todos estavam de accôrdo, insistiam sobretudo os assistentes, enumerando escandalos, citando minucias, particularisando crapulas, especificando deboches, rememorando devassidões occultas, orgias nunca sonhadas pelos imperadores romanos.

—Tendes razão!—regougava um.—Não serei eu decerto que lhe hei-de recitar o elogio funebre!... O futuro se encarregará d'isso. Mas, emquanto a Historia não o julga, declaro vos que prefiro vêr á frente da Egreja um homem d'um talento mediocre...

—Bravo!... Apoiado!—berrou Petrucci, esfregando as mãos de gaudio.

—Deixae-me continuar...

—Ainda mais?...

—Preferirei mesmo vêr um orate, um idiota...

—O que dizeis?

—Sim, um Papa de mioleira chôcha, cujas ideias não tenham connexão, se é preciso...

—Mas o que estaes dizendo?...

—Bem sei o que digo! Um homem que seja preciso guiar, conduzir, levar para onde bem se queira... Preferiria um Pontifice maluco a um de maus instinctos, que não póde tornar-se no poder supremo senão um bilontra, um mequetrefe, um Nero de tiara.

Petrucci, que não estava conforme com este alvitre, ia para protestar.

—Permitti-me que vos diga—barafustou elle—que rebaixaes a Egreja, sem precisão...

—Perdão. Pelo que vejo, não me fiz perceber bem... Eu não desejo nem opino que reja e governe a Egreja um mentecapto, um idiota... Não foi essa a minha ideia... Não permitta Deus...

—Então o que dissestes?...

Mas o barrigudo cardeal teve que parar, advertido pelo silencio e pela espectativa repentina que se produziu na assembléa.

A porta do salão se abrira abruptamente n'este momento, e dera entrada ao sobrinho de Leão X.

Passando por deante dos cardeaes, cortejou machinalmente, sem deixar de ir resmoneando palavras inintelligiveis e incoherentes.

Os cardeaes conservaram um fundo silencio.

Petrucci foi o unico que se atreveu a adeantar-se e ir ao encontro de Lourenço.

—Que catastrophe!—disse—que espantosa...

Mas o sobrinho do defunto Papa não respondeu, porque decerto não ouvira.

— Quando é que vos parece — continuou elle — que deve ser fixado o dia para a abertura do conclave?...

— Quando vos parecer — respondeu o sobrinho do Papa, depois d'escasso silencio. — Estou inteiramente ás vossas ordens.

Ao ouvir estas palavras os cardeaes estremeceram, e começaram a destilar, convictos de que ellas significavam uma submissão formal a Petrucci.

Mas este, mal regressou ao seu palacio, a primeira pessoa que topou foi o mordomo.

Este veneravel funccionario de Petrucci estava de pé, junto da porta do gabinete do cardeal, empunhando um açafate cheio de cartas em pergaminho.

O cardeal Petrucci leu a primeira, leu a segunda, e em seguida outra, e outra, e outra, até ao numero de seis, e todas estavam redigidas quasi em termos equivalentes. Todos os seus collegas se desculpavam de não poder assistir á ceia para que haviam sido convidados, não sem exprimirem o sentimento que lhes causava aquella recusa.

Afinal, o triste amphytrião desdenhado, o dono da casa achava-se só, completamente só, em frente de um banquete para tantos convivas tão abundante e succulento.

Rabioso, fulo, desvairado de despeito, não podia conformar-se com aquella cartada que lhe jogava o destino. E, para mais o amofinar, enraivecer ainda, o mordomo, fazendo uma cerimoniosa mesura, perguntou-lhe, mellifluo:

— A que horas devo servir a ceia, monsenhor?...

Esta pergunta de tal fórma irritou os nervos do cardeal, que, tendo a fortuna de dar azo a que elle desafogasse a bilis que o estrangulava, e sem o que elle decerto rebentaria, fel-o ribombar, estourar como uma bomba estas palavras, que certamente não merecia o mesureiro mordomo, todo adocicado:

— Ide para o diabo, para as profundas dos infernos!...

Deus nos perdôe, mas parece-nos mesmo que lhe chamou... aquillo que era Menelao!

Em seguida, tendo na face uns laivos côr de tomate que n'ella provocara a ira, quasi apopletico, o que comprovava aquillo que momentos antes dissera do seu temperamento, o cardeal fechou-se no quarto, estrangulado de tosse, e batendo com as portas todas, como uma borrasca, um vendaval desencadeado.

CAPITULO LII

O Papa morreu! Viva o Papa!...

N'aquella mesma noite, n'um conselho que celebravam os cardeaes, quando estava ainda quente, como diz a expressão vulgar, o cadaver do Pontifice, ficou resolvido que o conclave se abriria no dia seguinte, ao meio dia.

Esta pressa, porém, tinha duas vantagens:

Em primeiro logar, além de encurtar um estado de incerteza que não se devia prolongar muitas horas, evitava-se que houvesse tempo para qualquer genero de intriga.

Em segundo, conseguia-se que viessem estorvar aquelles cardeaes que estavam em missão no estrangeiro, ou em viagem de recreio, e entre os quaes é possivel que houvesse alguns ambiciosos. Em casos taes, quanto menos concorrentes melhor.

No emtanto alguns houve que, apesar da celeridade com que se andou n'este negocio, não desperdiçaram comtudo o tempo, nem as poucas horas de que dispunham para trabalhar n'uma eleição tão cubiçada, ou venderem caro o seu voto, caso perdessem as esperanças de saír eleitos.

Durante toda a noite houve um continuo e movimentado vaivem de liteiras, seguidas de numerosa creadagem, empunhando archotes accesos.

As visitas de palacio em palacio eram d'uso então, tal e qual como entre nós succede n'uma eleição da Academia.

Conviera-se em que o enterro do Papa se não devia executar em continente, pois tendo de proceder-se ao embalsamento do cadaver, os preparativos exigiam alguns dias. E, com mais forte razão, o cadaver de Leão X carecia de mais tempo ainda do que os dos outros seus antecessores,

attendendo a que a permanencia do corpo na agua, e os empuxões, safanões e repellões que do vulgacho recebera, tinham de tal guiza estropeado e damnificado aquelle involucro do que fôra o Santo Papa, que necessario era um demorado praso de tempo para o restaurar convenientemente, de modo a ser embalsamado com a perfeição que requer um defunto principe da Egreja.

Na madrugada do dia seguinte, um homem que envergava um trajo de praticante de medicina, dirigia-se para a banda do palacio onde residia Lourenço de Medicis.

Reinava um lugubre silencio em casa do moço cardeal. Na face da creadagem via-se debuxada uma certa reserva e inquietação.

Na realidade, quem poderia suppôr nunca que aquelle moço, de aspecto tão vigoroso e espadaúdo, tivesse uma cabeça tão fraca?

Tinham-no acabrunhado em demasia, decerto, o trabalho moral e as longas vigilias.

A alguns, porém, surprehendeu este desenlace. Mais de uma vez, ao verem-no, haviam exclamado: Aquella tristeza, aquelle ar mazombo não podem ter bom fim!... Effectivamente a desastrosa morte do tio bastára a fazer verificar aquellas prophecias, a aniquilar todas as esperanças que fazia conceber um homem em quem Leão X depositára a confiança mais absoluta.

O medico pediu que lhe indicassem a alcova do doente.

Ia a entrar n'ella quando viu sahir um padre cuja voz o fez estremecer. Voltou-se immediatamente para o lado da janella, com perfeito ar de indifferença.

Este padre, que era Hochstratten, antes de saír da camara, disse no limiar, dirigindo-se ao doente:

—Nada receeis, esta noite passareis muito melhor. Tendes bom parecer... É preciso animar-vos, e demais a sessão do conclave ha-de-vos distrahir, sem vos fatigar...

O inquisidor fechou a porta e, reparando no medico que estava obstinadamente de costas voltadas para elle, disse-lhe ao ouvido:

—Obrae de modo que elle possa assistir ao conclave... Está na vossa mão.

Em seguida retirou-se sem que qualquer dos cortezãos que pullulavam nas ante-camaras tivesse lobrigado nada.

Quem prestava já attenção ao favorito de um grande morto?

Depois de ter saído, o inquisidor certificou-se de que trazia comsigo um pergaminho, o qual, para maior precaução, fôra cosido á roupa. E murmurou baixinho:

O conclave!... E eu não posso assistir a elle, apesar de já ser cardeal!...

Mas desde quando fôra elle nomeado cardeal?... Quem substituira elle?... E quem o poderia ter nomeado, se o Papa havia morrido?

Entrementes o medico entrara na alcova de Lourenço de Medicis. Circumvagou o olhar pelo quarto para se assegurar de que estava só, e em seguida correu o ferrolho da porta.

—O que ha de novo?—perguntou o medico.

—Tudo marcha á medida dos nossos desejos.

Ao entrar aqui, topei Hochstratten.

—Conheceu-vos?

Que lembrança! Quem é capaz de suppor que sob este trajo está assolapado Machiavello?...

—É verdade. Disse-vos alguma coisa?...

—Disse-me só:—«Obrae de modo que possa assistir ao conclave.»

—Está bem.

—Todos vos julgam realmente muito mal.

—Tanto melhor.

—Tendes pois confiança?

—Decerto. As circumstancias dão ás coisas taes apparencias de verosimilhança, que, apesar da sua natural malicia e desconfiança, não suspeitam que eu os burle.

—São muito ingenuos!...

Não tanto como parece, mas a cubiça cega-os. Demais, não é possivel pensar em tudo. Para se conseguir o alvo a que se mira, urge lisongear os vicios, excitar os maus instinctos, approvar as infamias, ou, pelo menos, apparental-o. Não faço mais do que repetir, como vêdes, o que sempre me haveis dito. Se conheço os homens, a vós o devo. Não sou mais do que o vosso discipulo.

—Ah! se vos elegessem Papa!...

Lourenço de Medicis ergueu varonilmente a cabeça, e com os olhos animados por um lume insolito, replicou:

—Se me nomeassem, pagariam, no praso d'um mez, quanto teem feito soffrer á humanidade inteira. Todo o sangue que teem derramado recairia sobre elles, em jorros vingadores. O que não faria eu com o poder que esse titulo me entregava nas mãos! Quanto bem eu não semearia, e que a posteridade havia de abençoar! Se me nomeassem, faria resurgir a liberdade, esse novo Christo, cravejado entre dois ladrões! E hão-de-me eleger, sim, tenho a certeza d'isso! Ah! que rio purificador vae correr por essas cavallariças d'Augias! Sim, tenho a certeza que me hão-de nomear!... Julgam-me doido, e entrevêem já a tutoria, o patronato, o protectorado do demente, do cego, surdo e mudo, uma divisão do poder, uma tutela fraternalmente partilhada por elles, um banquete, uma comezaina de corvos em que a partilha das presas será tão grande, tão succulenta, que a vista já se lhes encandeia, e os impede de ver com clareza! Que bom, que aprazivel, que ridente não é para elles a idéa de virem a ser senhores e dominadores sem receiarem a vigilancia, sem incorrerem na responsabilidade—arvorarem-se em despotas, sem medo do castigo! Que mirifica perspectiva! Ah! meu caro, que se deixem embalar, muito embora, por estas deliciosas esperanças, mas que tomem cuidado com o despertar!...

Machiavello mudamente apertou a mão do moço cardeal.

Mas n'este instante alguem se acercou da porta da alcova.

—Quem é?—perguntou o fingido medico, levantando-se para correr o ferrolho.

—Aproxima-se a hora—disse uma voz—em que monsenhor Lourenço de Medicis deve assistir á reunião do conclave.

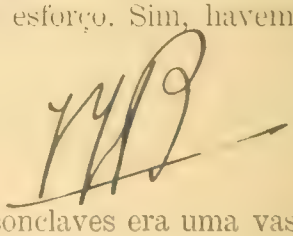
—Monsenhor —disse Machiavello disfarçando a voz—está melhor, mais socegado, e eu respondo por elle. Não ha pois inconveniente em que assista ao conclave. Preveni, portanto, os creados.

D'alli a pouco os famulos entraram e começaram a vestir Lourenço que insensivel, na apparencia, deixava-se mover como um manequim, ou uma creança. Seu olhar recuperára aquella estranha fixidez que tanto chamára a attenção dos fieis, na occasião em que os convidados destilavam na capella ardente. Como que n'um estado apathico, não cessava de ter o olhar cravado nos angulos da alcova onde reinava uma soturna escuridão. Seus movimentos eram pesados, automaticos, e apenas mal respondia ás perguntas dos que se lhe dirigiam, como se a palavra lhe causasse um penoso esforço que lhe fatigasse o intellecto amodorrado e inerte.

Depois de lhe haverem envergado a sua tunica escarlate, recamada de bordados ricos, saíu do quarto, encostado ao braço de dois camaristas extraordinarios. Machiavello ficou só na camara.

Apoiado ao balcão da janella viu-o saír do vestibulo, dentro da liteira. A emoção suffocava o primoroso auctor do *Principe*. Via tão proxima a hora de se realisar o seu ideal cubiçado! Que pena o elle não poder assistir áquelles debates capitaes, áquellas discussões dos supremos prelados em que se tratava de decidir do destino da christandade!...

—Não importa!—murmurou—está jogada a sorte! Se existe no universo um poder superior que se interessa pela humanidade, se por detraz dos astros e das constellações se occulta uma justiça eterna, temos adeantado metade do caminho, e o exito coroará o nosso esforço. Sim, havemos de saír vencedores n'esta pugna tremenda!



A parte do Vaticano reservada á reunião dos conclaves era uma vasta sala de tecto elevado, sem janella alguma, e de paredes desornadas e nuas, no meio da qual, em fórma de hemicyclo, estavam postas cadeiras, tendo cada uma em frente uma carteira pequena para escrever.

Ao meio do hemicyclo estava uma outra mesa maior em que tomava assento o secretario. Não ha alli qualquer logar superior e reservado, pela razão muito simples que todos alli são eguaes em hierarchia e posição. (1)

(1) Suppomos que os nossos leitores lerão, com curiosidade e prazer, os pormenores da reunião de um conclave, tal como se celebra ainda na actualidade, e por isso vamos transcrever algumas particularidades, acerca d'estas solemnes assembleas, da obra *Pio IX e o seu successor*, de Ruggero Bonghi.

Todo o primeiro andar do Vaticano é occupado por toda aquella area que vae desde a galeria da *Benedizione*, ou do pervstillo que a domina, até ao portico da entrada da Basilica, e desde a escada regia (ducal) até a camara dos Paramentos e das Conferencias. Com tabiques cravadas sobre vigas que se pregam a todo o comprimento e largura e que se constroem o pervstillo e tantas cellas quantos são os cardeaes. Numa tam sorte são dispostas a distancia de tres palmos das outras. No pervstillo entrem 70 d'estas cellas. Cada uma é composta de uma pequena habitação de 18 palmos de largo por 15 de comprido onde o cardeal tem a alcova, um outro quarto ao pé d'elle e de uma escada por onde se sobe a dois subterraneos particulares dos conclavistas. As cellas não teem portas e devem ficar sempre abertas. Quando porem o seu morador não quer que lhe se entre, põe-lhe deante d'ellas paus encruzados. Cada uma d'ellas é estofada de sarja preta, se tem de ser habitada por cardeaes nomeados pelo Papa defunto, mas o verde pertencendo aos outros. Não ha esta sorte de uma differença d'uns a outros, pois a nenhum que costumam levar os guardas deante dos cardeaes, quando revestidos de capa, ou quando precedem as viandas destinadas ao

Em torno d'aquella sala vasta são construidas cellas separadas para os cardeaes. Cada cella é composta d'uma alcova, um aposento lateral, e um gabinete com uma escada que desce para o entresol, onde são os quartos dos famulos, dos secretarios, dos prelados, do *scalco*, e dos creados de quarto.

Estas edificações não importam em menos de cinco ou seis mil francos, aproximadamente, que cada cardeal é obrigado a pagar, assista ou não ao conclave. É preciso advertir, comtudo, que esta despeza é um simples desembolso, que o Papa eleito trata immediatamente de reembolsar.

Estas cellas são estofadas de sêdas de côres varias. Tem cada uma uma janella por onde côa uma tibia claridade do corredor sombrio que serve de passadiço a todas. Como póde bem imaginar o leitor, suffoca-se na atmosphera d'aquelles cubiculos, quasi sem ar e sem luz, em que é preciso ter sempre luz artificial, sendo demais a mais infestada de pulgas e persevejos, esses dois flagellos de Roma e os peores depois do clericalismo.

O cardeal camarlengo, na sua qualidade de chefe da Camara Apostolica, é quem manda n'aquella especie de caserna sagrada. Todas as noites faz a

serviço de mesa d'elles, tem de ser empunhada por elles com o castão para baixo, se se trata dos primeiros, ou para cima, se dos segundos.

As cellas são sorteadas, porque ha algumas mais amplas, e mais ou menos commodas. A melhor parece ser a que está directamente sob a porta central, porque n'ella a sacada do balcão dá accesso a uma cellulasita mais, muito commoda.

No conclave de 1740, historiado por De Brosses, tocou esta cella áquelle cardeal Tencino, que entrou cheio de grande presumpção, e saíu vencido pela astucia e experiencia dos italianos, pois contra todos os seus desejos resultou sair eleito um cardeal do partido do terrivel camarlengo Albani, um excellente cardeal de resto, chamado Prospero Lambertini, que foi eleito Papa sob o nome de Benedicto XIV.

O custo da mão d'obra das cellas fica a cargo de cada cardeal, cada um dos quaes tem obrigação de a fazer á sua custa, quer assista ou não ao conclave.

No tempo de Brosses importava cada uma em mil e duzentas libras, o que afinal muito se assemelhava a um roubo.

Em compensação, mal se fecha o conclave, a manutenção, ou a paga da Camara Apostolica aos cardeaes que preferem comer a seu gosto, é-lhes indemnisada em dinheiro, e nos tempos antigos fazia-se-lhes uma cozinha particular, e quartos para os famulos. O dispenseiro tem obrigação de provêr de lenha, de carvão, e de varios utensilios communs, cada uma das cellas que estão ao cuidado dos famulos dos conclavistas. Está expressamente determinado tambem que se emquanto o conclave está aberto chegarem quaesquer presentes destinados ao Papa que falleceu, elles sejam distribuidos entre os membros do Sacro Collegio, com clausula de se dar uma parte ao prelado sacristão, e ao seu respectivo secretario. A Camara Apostolica fornece tambem de fardamentos os famulos encarregados da limpeza, os quaes trazem chapeu de borla de velludo, calção e véstia de panno azul com volta, e cabeção de velludo preto.

Toda a área destinada a estas cellas é rigorosamente fechada, e inclusiavamente são tapados todos os arcos das galerias com greda e tijolos, mais todo o grande espaço da *Benedictione*. Em cada um d'estes muros provisorios fica apenas aberta uma pequenina janella, para que não fique completamente em trevas. Sómente a sala que vae da escada real á sala regia, tambem não é tapada para que os cardeaes possam entrar e saír do conclave, quando queiram. A porta, porém, é fechada com quatro chaves, e guardada por uma sentinella. Duas d'estas chaves, as da parte de fóra, são confiadas ao marechal do conclave; e das outras da parte de dentro, uma fica na mão do mestre de cerimonias, e a outra na do cardeal camarlengo.

Em varios pontos d'estes muros improvisados são collocadas oito rodas de pau, como as das freiras nos seus mosteiros. É por estas rodas que é introduzida a comida, e tudo o mais do serviço dos cardeaes conclavistas. Duas das ditas rodas são postas no principio da escada real, e guardadas pelos conservadores de Roma, juntos com o prior dos chefes *(caporioni)* e os prelados accidentaes da chancella: outras duas debaixo do Relogio, e vigiadas pelos prelados auditores da Rota, e o maioral do palacio apostolico: duas outras ao lado da secretaria d'estado, e a cargo dos prelados e clerigos da camara: duas, finalmente, além da porta do pateo de Belvedere, sob a inspecção e vigilancia dos patriarchas, arcebispos pertencentes ao solio pontificio, e protonotarios apostolicos.

Resta ainda fallar d'outra d'estas pequeninas aberturas por onde côa a claridade apenas: é a que fica na porta da escada real. É aqui que o Sacro Collegio dá audiencia aos embaixadores e ministros. A fresta é apenas aberta emquanto a audiencia dura, e fechada mal ella termina. Uma cortina impede os profanos de dardejarem para dentro vistas curiosas.

Dos officiaes tinham alojamentos no palacio, um clerigo, monsenhor, mordomo da camara, governador

sua ronda, nem mais nem menos do que os bombeiros nos theatros, ou os prefeitos nos collegios, para se assegurar de que tudo está na ordem.

Estão, além d'isso, tambem sentinellas de guarda, especie de vigilantes, que tem obrigação de impedirem as visitas continuadas dos cardeaes ás cellas dos collegas, e que podem favorecer as intrigas, as camarilhas e as cabálas.

Quando se trata da reunião dos vinte cardeaes que devem compôr o conselho, os membros devem ser préviamente annunciados em voz alta e intelligivel, com todos os seus nomes, titulos e qualidades, á entrada.

O secretario, para cujo cargo ordinariamente era eleito o mais novo dos cardeaes, fôra substituido, d'esta vez, pelo que era mais velho que Lourenço, porque o desgraçado fôra julgado incapaz, em vista da sua idiotia tão flagrante e visivel.

O dito secretario tinha por missão tomar nota dos nomes dos que iam chegando, na extremidade d'um papel rubricado por elles, e que deviam entregar préviamente, como prova da sua adhesão ao conclave annunciado.

D'esta fórma é que se póde saber, com antecipação, qual será o numero dos assistentes, e quaes serão os que hão-de faltar.

do bairro e do conclave, e o marechal. Aquelle habitava a entrada do corredor que conduz ao pateo do primeiro andar á direita, juntamente com a sua guarda de alabardeiros, de couraça e calção negro, á entrada da porta. O marechal, o principe Chigi, estava aquarto lado á entrada do conclave, competindo-lhe o abrir e fechar a porta. A guarda, composta de officiaes e soldados, tinha por alojamento o mesmo pequeno cubiculo de madeira ao lado da estatua de S. Paulo, e ao pé da escada da Basilica. Proximo a este cubiculo havia um outro para os alabardeiros e carabineiros suissos, com seus respectivos officiaes. Do lado opposto era o palacio do Santo Officio. Alli tinham seus aposentos os cavalleiros do Papa, e á esquerda, na chamada *Torre dos Ventos*, a guarda de couraçados a cavallo.

Tres destacamentos da infantaria e da guarda real estavam alojados proximo: um na praça do Vaticano: o outro sob a esquina da muralha do castello de Santo Angelo: o outro, finalmente, na praça por onde se passa a ponte. Era aqui que estavam as grades de madeira, que dividiam a *villa* Borgo da cidade. Era ao principio da villa que estava acampada a esquadra dos alguazis, com o preboste-mór de Roma, e mais adeante as milicias urbanas, as do Corsi, e as do Rossi, com sentinellas por toda a parte para manterem a clausura absoluta do conclave.

Havia, além d'isso, muitos officiaes a quem era permittida a passagem livre, que eram: o cardeal camarlengo; monsenhor o governador do conclave; os conservadores de Roma; monsenhor o governador da mesma: monsenhor o auditor geral na Reverenda Camara Apostolica: e monsenhor o thesoureiro geral. Cada um mandava gravar n'uma medalha as suas armas e o seu nome. A familia Mattei, como aquella que habitava a primeira casa do Tanstibre, tinha o privilegio de estar de guarda ás pontes. Em vez da medalha, bastava para ter livre passagem o apresentar um bastãosito verde ou preto, conforme o cardeal fôra, ou não, eleito pelo Papa defunto, e com as suas armas gravadas no bastão. As relações entre os cardeaes do conclave, como todas as da côrte de Roma, são exquisitas e cerimoniosas.

Todo o cardeal deve visitar os seus collegas, sendo apenas dispensados de o fazer os doentes, ou os decrepitos, que enviam o seu cartão. O visitante é sempre acompanhado d'um ou mais conclavistas, munidos do nome dos cardeaes, e das suas cellas respectivas. Vae de sotaina, faxa e volta: e assim deve estar tambem o que recebe a visita.

Podem-se receber varios cardeaes juntamente, e servir-lhes limonada, chocolate ou café. Se a visita terminar á noite, o creado do conclavista visitado acompanhará o visitante, que regressa a toda a pressa, alumiado por dois candieiros.

Emprega-se o maior sigillo ácerca de tudo que se passa no conclave, de fórma que nada se saiba, nem penetre de fóra [illegible] Na primeira tarde do conclave, os creados encarregados da limpeza, e varios famulos mais, juram nas mãos de tres cardeaes, nomeados para este acto, de joelhos ante os Evangelhos e um crucifixo, que lhes apresenta o primeiro mestre de cerimonias, não revelarem nada do que ouçam ou vejam, segundo uma fórmula que se lhes lê em italiano.

Aquelle mesmo dia, e no [illegible] aquella Padroeira, se cumpre a mesma fórmula, lida pelo mesmo mestre de cerimonias, em latim. Assim procedem tambem o confessor, os medicos, o cirurgião, os padres, os dois ajudantes do secretario do Sacro Collegio, o prelado *sotta* sacristão, o capellão dos serventes, e muitos mais ainda.

Sabe Deus se este juramento é guardado!...

Tudo quanto escrevemos e sabemos dos conclaves claro é que foi revelado, denunciado, dito e escripto, por aquelles que prestaram este juramento.

E, [illegible] por onde tudo entra e sae

Quando estão emfim reunidos todos os que a isso tem direito, era costume antigo, consagrado pelo uso, que a porta da sala fosse tapada com cal e areia. Na occasião presente, Miguel Angelo, na sua qualidade de architecto do Papa, acompanhado de Neumann, o seu discipulo, foi encarregado de vigiar a execução d'aquelle trabalho, ao qual assistiu até ser collocado o ultimo tijolo sellado. Tapada a porta d'esta fórma, assim devia permanecer até terminar o conclave. A communicação com o exterior era estabelecida apenas por meio das rodas, ou locutorios, á semelhança dos conventos de freiras. A estas rodas é que vinham fallar os cardeaes alli encerrados com os seus visitantes, e na presença dos assistentes da Rota.

Por ellas recebem tambem a comida, que mandam trazer dos seus palacios, com grande pompa e cerimonia, em luxuosos carros, seguidos d'uma comitiva de creados, cozinheiros e maceiros.

Deve porém observar-se que se os homens purpurados, os principes da Egreja tem a liberdade e a faculdade de comer, preciso era que se attendesse a que tambem possuem a faculdade contraria.

A coisa foi effectivamente prevista, e a dois passos de cada alcova abrem-se umas certas portasinhas, habilmente disfarçadas.

Disse-se já que cada uma tem os seus inspectores. Ha, porém, uma hora determinada para as abrir e fechar. O marechal, acompanhado da guarda suissa, é a quem toca fazel-o, e ordenar a distribuição das guardas. Os serventes do conclave estão da parte de dentro, para annunciarem as pessoas que pretendem visitar os cardeaes, ou qualquer outro recluso.

Nem todos, porem, podem ser chamados ás rodas. Os cardeaes só ás *tres nobres*. O secretario do collegio, que faz as vezes de secretario d'Estado na sua falta, tem uma roda propria, que elle mesmo fecha, pois deve poder receber por ella, a todas as horas, tanto os ministros d'Estado como os dos estrangeiros. Os inspectores das ditas rodas lêem todas as cartas que saem para fóra do conclave, e sellam-as, e abrem tambem todas as que chegam, antes de as entregar. É defeso fallar pelas rodas sem ser em voz alta, de modo que os inspectores se possam inteirar do que se diz.

O jantar é servido ao meio dia, e com grande pompa. N'elle, na realidade, não se nota já o vestigio das severas prescripções d'outras eras. O *prato unico* multiplicou-se, alcançando mesmo por isso uma dignidade inesperada. Um official que tem um nome proprio, o de *dapifero*, é encarregado de acompanhar a comida dos cardeaes. Sae no coche de gala de cada principe da Egreja, juntamente com os cocheiros e os lacaios em uniforme de gala, do palacio de Sua Eminencia, todos os dias á hora marcada, e dirige-se para o Vaticano. Uma vez aqui, vigia a conducção dos diversos pratos atravez da roda, pela qual não entram, porém, sem que os varios inspectores os esquadrinhem primeiro, e se certifiquem de que não vae lá dentro occulto qualquer bilhete, ou missiva.

O cardeal que chega de fóra, depois de estar já fechado o conclave, é recebido com um estranho cerimonial, tendente a pôr em relevo a rigida clausura do logar, cuja entrada sollicita.

É-lhe marcado um dia e uma hora certa da tarde. Na manhã d'esse dia tem obrigação de visitar a Basilica Vaticana. Dois coches o conduzem á sua côrte: elle vestido de sotaina, faxa, roquete e mantelete: o caudatario todo de preto. Depois do meio dia e vestido da mesma fórma, elle, o caudatario e padre conclavista de samarra e capa de seda negra, mais o aio conclavista de fato curto, e capa tambem de seda preta, são conduzidos em dois coches, como pela manhã, ao conclave. Adeante vae um famulo com um párasol, no estribo direito o decano, e em roda os mais creados a pé. É d'esta fórma que chega ao palacio do marechal. Este, e a sua côrte, saem a recebel-o á porta, e, introduzido em casa, offerecem-lhe refrescos mais ao seu sequito.

Entrementes, os cardeaes no conclave preparam-se para o receberem, paramentando-se como elle. Logo em seguida á saída do escrutinio, tiram o peitoral e põem (aquelles que o podem fazer, porque, á excepção d'algumas ordens privilegiadas, aos frades cardeaes não lhes é permittido) o roquete, e em cima, em todos os casos, o mantelete. Dispersam-se então pela sala ducal, onde estão para este fim dispostos bancos cobertos de panno negro. O cardeal decano dirige-se então a um armario pequeno no fundo da salla, com a chave que traz comsigo sempre, e toca n'uma campainha que ha n'esse armario, e que corresponde á camara do marechal. Este, mal escuta aquelle toque, leva comsigo o cardeal que pretende ser introduzido no conclave, e desapparece. Mal chega á porta o cardeal, o mestre de cerimonias abre a grade, e emquanto o cardeal camarlengo volta a chave na fechadura de dentro, o marechal, abrindo a exterior, adeanta-se, e faz um gesto ao cardeal e ao seu sequito, para que o sigam. Os tres cardeaes, chefes d'ordens, com o camarlengo e o decano é que o recebem. Então despede-se o marechal, e, cerradas as portas, mais a grade, depois das saudações, abraços, e comprimentos do estylo, o cardeal, os conclavistas, e todos os novos habitantes do conclave, dirigem-se para a capella, a jurarem o segredo! Á saida, quatro creados [illegible] Em seguida chega a voz

[illegible] portas ilhas são ventiladas por um systema muito engenhoso, [illegible] o qual ninguem dá pela existencia das ditas portas, e evita que esses indispensaveis logares se tornem em canaes de indiscrição.

Como não tivessem sido sufficientes a precipitar as decisões do conclave, e a pôr d'accordo as ambições, os incommodos provenientes d'aquella vida em commum, imaginaram um regulamento segundo o qual se devia, depois da primeira semana do conclave, reduzir todos os dias um prato do jantar, e afinal ficar todo elle apenas reduzido á sopa.

Imagine o leitor os protestos que deveu suscitar esta lei que ia tocar e affectar tão melindrosamente os estomagos d'esses santos prelados!...

Finalmente, como para tudo ha remedio, pretextou-se o augmento de trabalho, e com isto saíu triumphante, e sem detrimento, a lambarice dos santos enclausurados.

Todo este luxo de precauções fôra adoptado para assegurar a liberdade do voto dos clausurados, subtrahindo-os d'esta fórma a todo o genero de influencia.

Todos estes segredos, todavia, a ninguem illudem!...

Além de que não está provado que não se possa abrir uma porta secreta, toda a gente sabe muito bem que, para se porem em acção e procederem, as influencias superiores não esperam nunca o ultimo momento, e que o mais certo é que os votantes, quando para lá entram, vão com a opinião já formada. A sua decisão é ordinariamente um segredo a votos.

O escrutinio tem logar por *adoração*, (!) por *acclamação*, e por *eleição*, que é a mais frequente, ainda que não se opere sem grandes difficuldades.

Eleição houve que durou tres semanas, tres mezes e mais ainda...

Era que as discussões haviam sido tempestuosas...

[illegible] Precedem-os dois criados com bastões pintados de verde, e com [illegible] quatro em todas as cessas [illegible] acompanhou-o tambem o primeiro e o ul[illegible] mais [illegible] em [illegible]

[illegible]

[illegible] estranha de ouvindo que numa funcção absolutamente religiosa e que, [illegible] assistem [illegible] conclaveiro a vontade propria com a voz do Espirito [illegible] quem [illegible] se [illegible] tudo em um [illegible] tão complicado e minucioso.

[illegible] inteira seriedade [illegible] todas as minucias [illegible] commetto [illegible] que a todos aquelles que formam precisamente da eleição do Pontifice um conceito tão sublime, e tomam parte n'ella, não lhes salta aos olhos uma tão desconchavada incon[illegible] mais subtil sorriso. [illegible] propensos [illegible] os homens a illudirem-se a [illegible] dignidade [illegible] prestigio!...

O cardeal camarlengo é o governador interino do conclave. A elle está incumbida a policia. É elle [illegible] a que os cardeaes se visitem uns aos outros, de noite.

Todavia, De Brosses descrevendo um conclave em que era camarlengo o cardeal Albani, homem [illegible] que elle [illegible] de noite nas trevas para se conluiarem. De fórma que tantas precauções afim d'evitar intrigas e conluios têm sido inefficazes, segundo [illegible] pelo [illegible] do conclave.

[illegible] depois de affirmar [illegible] os ardeis d'aquelle conclave e pessoas de fóra, mostra assombrar-se de que funccionarios religiosos se atrevessem a quebrar juramentos [illegible]

[illegible] com [illegible] quatro [illegible] como sardinha [illegible] morte do Pontifice [illegible] para se deliberarem [illegible] Albani [illegible] Colle[illegible]

Na eleição não sabemos de qual Innocencio (elles foram tantos!) os debates duravam havia já dez dias, sem que fosse possivel chegar a accordo algum. A discussão entre os cardeaes que compunham o conclave prolongára-se ainda durante a noite, e de leito para leito.

Foi n'estas circumstancias que um cardeal da familia Rovere, teve, para concluir com taes delongas, uma inspiração genial.

A eleição estava empatada sem que nada nem ninguem a podesse fazer sair d'aquelle estado. N'estas circumstancias criticas occorreu-lhe uma idéa salvadora, a de provocar uma rixa com um dos cardeaes que se oppunha á sua eleição, e, digamol-o sem rodeios, assassinou-o com uma faca de mesa.

Como se vê, isto altera radicalmente o resultado da votação, ficando, portanto, o matador com maioria, e sem que ninguem se atrevesse a disputar-lhe a primazia.

Então, em vista d'isto, o deão bateu tres pancadas em estylo maçonico e, passando todos os cardeaes, segundo o uso, para uma galeria exterior que domina o Vaticano, annunciou á multidão, offegante de anceio pela decisão do conclave, que o assassino acabava de ser proclamado Papa!...

O cardeal ultimamente eleito é que desempenhava no conclave as funcções de diacono, e em virtude d'isto cumpria-lhe comprovar, mediante um exame que se repetia no dia da consagração, que o Papa recentemente eleito era completo physicamente, e que, portanto, como varão que era, podia governar e dirigir as consciencias dos mais varões do orbe.

Declarar que moralmente não lhe faltava nada teria sido uma expressão muito lata, assás exagerada, e talvez difficil de verificar. É por isso que se procedia sempre á prova physica, desde aquelle escandaloso successo da

Os cardeaes, vestidos como temos varias vezes dito, e acompanhando cada um [illegible] conclavistas dois coches de gala, precedidos do tamulo, que leva a mudella negra, chegam finalmente, um a um, ás portas de S. Pedro. Recolhendo-se em seguida a um aposento contiguo á egreja, despem repetidamente o mantelete, e vestem a capa. Entram em continente na egreja, adoram o Santissimo Sacramento, custodiado no sacrario, tomando assento nos bancos lateraes, onde os decanos respectivos [illegible] disposto o reclinatorio, e os mestres de cerimonias distribuem-lhes os livros de orações que hão de recitar-se no conclave. Em seguida o mestre de cerimonias, em traje de *mantelletta*, avança empunhando a cruz papal, e aos seus lados collocam-se os mestres custodios hostiarios, com a *[illegible]*. Os cantores da capella pontificia entoam o *Veni Creator Spiritus*. Rapidamente depois das principaes ceremonias os cardeaes levantam-se, e segundo o seu grau, emparelham dois a dois e processionalmente [illegible] cruz, acompanhado cada um dos seus familiares. Dois cordões de soldados servem de muros, firme um, que é a guarda civica, movel o outro, composto de guardas nobres e suissos.

Rompem então as musicas guerreiras, e uma compacta vaga da turba mesclada ás alas dos soldados faz ouvir um sussurro indefinivel. É assim que entram o Sacro Collegio no palacio [illegible] passa á capella Paulina. N'ella recitadas as orações [illegible] cardeal [illegible] juram as constituições pontificias. Juram em seguida os principaes officiaes do conclave, e prestam juramento de fidelidade os conservadores de Roma, o prior dos chefes *(capariani)*, o governador do castello de S. Angelo, e o commandante das milicias pontificias. Atraz d'estes saem da capella, e reunem-se-lhe na sala ducal os familiares respectivos, feito o que cada um dos cardeaes se dirige para a respectiva cella. Despem aqui a capa e o roquete, e envergando a sotaina, faxa, mantelete e barrete cardinalicio, recebem de pé as visitas do corpo diplomatico, da prelatura, da nobreza romana e estrangeira e outras pessoas de distincção. Conforme a graduação do visitante, assim [illegible] se usa, a saudação que se lhe faz e até mesmo o tempo que se lhe concede.

A' hora e meia da noite o ultimo mestre de cerimonias, vestido, conforme a estação, de panno ou de seda preta, toca a campainha pela primeira vez, em frente de cada cella, como aviso a cada conclavista para se preparar á sahir. As duas repetem-se o tempo [illegible] por ultimo [illegible] campainhada com o grito de *Extraomnes*, então todos saem. Os cardeaes ficam sósinhos, desde essa hora, começando a carreira mais ou menos dilatada da eleição.

eleição á cadeira de S. Pedro, d'um Pontifice feminino, a celebrada e famosa Papisa Joanna, occorrencia em demasia vexatoria para os tonsurados, cuja repetição urgia a todo o custo evitar. (1)

Voltando, pois, ao nosso conclave, diremos que ao bater do meio dia, depois de todos os conclavistas reunidos, a porta foi tapada com pedra e cal, e foi aberta a sessão, depois de ter sido invocada a especial protecção e patronato do Espirito Santo.

O secretario consultou mais uma vez as suas notas e, cotejando a relação de todos os cardeaes com os que se achavam presentes, pôz-se em pé, e disse:

— Eminencias! devo observar que faltam aqui dois dos vossos eminentissimos collegas: o cardeal Bibiena, que desempenha actualmente uma missão junto da côrte de França, e o cardeal Julião de Medicis, actualmente no desempenho de uma embaixada importantissima na côrte de Hespanha, e ambos enviados ao estrangeiro por ordem especial do nosso sempre chorado Papa Leão, decimo do nome.

Mal ouviram proferir o nome de sua santidade, todos os cardeaes se puzeram de pé, acurvando compungidamente a cabeça, em signal de uma dôr funda e entranhada. Lourenço de Medicis, sem se bulir da cadeira sequer, parecia não dar attenção a nada do que á roda d'elle se passava.

A falta de comparencia dos cardeaes indicados foi em geral acolhida com alegria, pois os dois ausentes passavam por honrados e escrupulosos, e por isso talvez teriam posto estorvo a qualquer maranha que se tramasse alli.

Os olhares de todos os cardeaes fitavam-se de continuo na face de Lourenço, e todos sentiam um desmarcado gaudio em lobrigarem n'elle os mesmos signaes de insensibilidade.

O cardeal Petrucci, esse estava, porém, mais carmesim e côr de tomate do que de ordinario. Mas, quem se tivesse aproximado um pouco mais do ventrudo cardeal teria sentido ferir-lhe o olfato umas pestiferas baforadas de um liquido chamado aguardente, e que, n'aquella época, começava a passar dos laboratorios dos chimicos para as mesas dos affeiçoados a licores fortes, e bebidas brancas.

Não teria incorrido em erro quem tivesse assegurado que o elle ter ingerido tão grande cópia do dito liquido contribuia muito para dar-lhe á face aquelle colorido apopletico.

O cardeal de cabellos brancos, que vimos já na capella ardente, tomou a palavra então:

— Caros collegas! — começou melodiando em mellifluas phrases — Eis-nos aqui reunidos para eleger d'entre nós o indigno successor do nosso muito di

(1) Quem desejar mais noticias escandalosas sobre este successo mirabolante do catholicismo romano consulte a obra *Une Pape femme*, de Leo Taxil e Ludovic Lalont.

lecto Papa. O mundo christão tem os olhos cravados em nós. Mostremo-nos dignos da sua espectativa e anciosa esperança, entregando os poderes e as chaves de S. Pedro a um representante perfeito, quanto seja possivel, da fé e da caridade, e cuja nobreza de caracter, cujas elevadas aspirações formem e constituam um thesouro de virtudes, sobre cujas bases solidas se edifique mais solidamente ainda, se fôr possivel, a Egreja universal, nossa mãe commum...

Esta catholica eloquencia suscitou na douta assembléa um murmurio de admiração e applauso nada tibio.

—Assim, pois, procuremos, antes de tudo, o *homem*. Assim o exige o interesse da religião. Não nos preoccupe o saber se gosa d'uma saude mais ou menos quebrantada. Se a má sorte permittir que o individuo por nós eleito nos seja prematuramente roubado, contra os nossos desejos, ao menos restar-nos-ha o ineffavel consolo de não termos obedecido senão aos dictames da nossa consciencia.

A assembléa deu inequivocos mostras de approvação:

—Aquillo sim, é que era fallar!... Que clareza admiravel!...

N'este momento, Petrucci pediu a palavra.

Pôz-se em pé cambaleando, apesar de não perturbado, e com voz gaguejada e tremelicante exprimiu-se assim:

—Meus amigos, direi curtas palavras apenas. Ignoro quaes sejam as intenções da maioria, creio porém que ella me agradecerá o evitar que perca tempo, e que lhe afaste um motivo de caír em erro. Eu sou tambem da opinião do meu eminentissimo preopinante, mas só tenho a advertir a todos que tenham a intenção de favorecer-me com seus suffragios, apesar de ser o mais indigno de todos, que não obstante lhes agradecer do intimo a sua deferencia, lhes supplico que honrem com o seu voto qualquer outro, pois que eu me acho... não sei como dizel-o... doente, sim, muito doente... A morte, ai de mim! volteia ameaçadoramente á roda da minha cabeça, como a querer fulminar-me...

Mal sabia o misero quão proximo estava da verdade!...

—Não terei portanto—continuou elle—nem tempo nem forças para exercer as funcções que houvesseis por bem confiar-me. Infelizmente não é preciso attentar muito no meu aspecto para se comprehender que estou ameaçado d'uma congestão terrivel... A mão de Deus está sobre todos os homens, e só terá que fazer um signal para chamar-me a...

Mas, ao chegar a este ponto da sua peroração, cambaleou e foi obrigado a sentar-se.

Estava, com effeito, ou muito commovido, ou... muito borracho.

Um sorriso escarninho e de mofa enrugou imperceptivelmente os labios dos sombrios cardeaes. Sómente Lourenço se quedou como que empedrado na sua insensibilidade. A artimanha do cardeal era, na realidade, tão grosseira, que a trama, tosca de mais, punha bem a nú o achamboado do fio. Ninguem, portanto, se deu ao incommodo de responder-lhe. O pobre apoplectico estava fóra do combate. Tinham decerto coisa melhor do que elle.

O cardeal da cabeça branca pôz-se de novo em pé.

—Ouvi! ouvi!—gritou alguem.

—Senhores—começou elle de novo—todos quantos assistiram á eleição

de Leão X devem recordar-se decerto do incidente que assignalou aquella eleição. As vossas esperanças foram frustradas...

— É verdade — disse uma voz.

— Devemos, pois, evitar que d'esta vez succeda o mesmo.

— Isso seria imperdoavel!

— Enfermo, e — perdoai-me a expressão! — pôdre até aos ossos, Leão X arrastou-se, conforme poude, até ao conclave. Elle tambem caramunhava e gemia que a sua hora final estava proxima, e que essa morte seria a punição dos seus peccados. Essa humildade commoveu-nos... Repito-o: acreditamos n'elle, e suppuzemos — o que para nós era o mais capital — que haviamos encontrado um caracter bom e austero. Não ignoraes, decerto, como os successos nos demonstraram que nos enganamos nas nossas pretenções.

— É verdade! — susurraram algumas vozes.

— O homem que elevamos por nossos votos, e sob cujo execrando jugo nós temos dobrado tanto tempo, era dissipador e embusteiro, cruel e tyranno, sem honra, sem remorsos, sem consciencia...

— Bem dito! — conclamou, confirmando, a maioria.

Esta era, de facto, a opinião geral, e não era temerario manifestal-a, pois que o unico que teria podido levantar-se a defender o morto, que era o sobrinho, havia ensandecido. Assim aquella declaração deu logar a um sem numero de mofas, censuras, chascos, vaias e amargas invectivas ao defunto Pontifice. Toda a bilis contida durante o reinado d'elle, todo o despeito comprimido, todo o rancor, toda a inveja, toda a raiva produzida por esperanças frustradas, tudo se condensou n'um diluvio de doestos. As almas pareciam vomitar, e toda a lama subia em borbotões d'aquelles peitos onde fôra recalcada durante tanto tempo.

— Eu tambem o suppuz verdadeiramente moribundo! — gritou um.

— Os dentes pareciam caír-lhe — casquinou outro.

— Ninguem se atreveria a tocar-lhe!...

— Fazia engulhos vel-o!...

— Ah! o diacono que o apalpou era homem destemido!...

— E com olfato á prova de cheiros maus!...

E todos os graves, sisudos e ha pouco bem compostos cardeaes, riam a bandeiras despregadas.

— Estaes certos de quando elle teve que se despir?...

Estas palavras, porem, d'um dos eminentissimos, carecem de explicação.

Dissemos já antes que quando a votação d'um conclave designava um novo Papa, este era forçado a patentear á assembléa as suas partes genitaes.

O cardeal, que exercia n'aquella occasião as funcções de diacono, acercava-se então d'elle, examinava-o, e formulava em seguida esta declaração:

Habet testes bene gallos.

Eis aqui a traducção um tanto suavisada das palavras latinas que offendem o pudor:

Habet testes, per omnia paratus esse papae. Ora, por isso, gangrenado pelas orgias e lubricidades continuas, havendo retocillado desde a infancia nos mais depravados esterquilinios e estrumeiras immoraes, o corpo de Leão X patenteou aos olhos dos seus collegas um espectaculo ignobil, cuja vista a

sombrava e causava nauseas. Não se enxergavam n'elle senão putridas chagas em suppuração, crostas sarnosas, e o ponto que devia ser o ammado estava todo cheio d'abcessos. (Michelet, tom. [illegible], pag. [illegible]).

Testiculos habebat. Era homem, é certo, mas que homem!...

Os medicos, secretamente consultados pelos cardeaes, tinham declarado que lhe restavam poucos dias de vida, e eis a causa por que a eleição fora feita por unanimidade.

Foi sobre taes dados que Lourenço de Medicis traçara o seu plano. Tinha a convicção de que se os podesse fazer acreditar que estava mentecapto ou doido, tinha a sua eleição ganha e segura, pois que, por uma comedia analoga, ainda que com muito mais fundo de verdade, lograra ser pontifice seu tio, burlando inteiramente o conclave.

Por circumstancias inexplicaveis occorreu que as visitas feitas por Leão X aos seus collegas, durante a sua eleição, a sua viagem, os balanços e choques da liteira, provocaram n'elle uma reacção saudavel.

Alguns dias depois os abcessos rebentavam — era que o dedo de Deus, menos delicado que o dos homens, não tinha escrupulo em intervir n'aquellas podridões! — e, fosse como fosse, o caso é que foi considerado fóra de perigo, e quando mais prestes a finar-se o criam, o Papa dilatou por muito tempo ainda o praso da vida.

Prolongou ainda por algum tempo mais aquella comedia; mas a fosse tinha não sei que de ironico, epigrammatico e zombeteiro.

Era fóra de duvida que Leão X se curára, tanto quanto é possivel curar-se, de certas enfermidades.

Deve perceber-se, pois, que estas recordações, suavisadas apenas pela morte d'aquelle que tão vilmente os ludibriára, e a quem cordealmente detestavam, deve perceber-se facilmente, repetimos, que os prelados mostrassem tanto gaudio, e rissem como perdidos do caso.

Por isso, quando um d'elles alludiu ao momento em que despiram Leão X, a allusão foi acolhida com vaias e casquinadas ribombantes.

—Que porcaria!—exclamou um cardeal.

—E que mau cheiro!—gargalhou outro.

—Era uma peste, apesar dos perfumes da sala...

—É verdade que era homem, mas não tinha fórma humana...

—Felizmente as mulheres de Roma nada viram, senão teriam abjurado do amor para sempre...

A hilaridade dos eminentissimos cardeaes ia augmentando e crescendo a cada novo chasco e galhofa. E com que boa vontade suas eminencias casquinavam!...

As sotainas de purpura pareciam rebentar de tanto rir. Até o proprio Petrucci em pessoa, esquecendo o pouco exito que tivera o seu pedido, fartava-se com riso, insistindo, mais do que outro qualquer, em fornecer minucias e particularidades que fariam rebentar de riso uma muralha. Somente Lourenço permanecia impassivel no meio d'esta tempestade de chacota e gargalhada franca que rebentára no conclave.

Mas os olhos do sobrinho do Papa dilataram-se desmedidamente de repente. Poz-se em pé, e cravou os olhos [illegible] canto da enorme sala.

Os cardeaes, espantados a este aspecto, cessaram de rir. Alguns, tendo-se acercado d'elle, puzeram-se a olhar para o ponto que elle fixava, para verem o que d'aquelle feitio lhe chamava a attenção, ou antes que lhe promovia o terror que as suas feições excessivamente desfiguradas accusavam, quando de golpe estalou uma gargalhada d'um timbre bem conhecido.

A assembléa sentiu como que um choque electrico, e o mesmo grito unisono se escapou de todos os labios ao mesmo tempo:

—O Papa!

Sim, era o Papa Leão X em pessoa, que avançava lentamente, com o seu ar altaneiro, e o seu olhar audaz.

—Elle!

Lourenço não soltou senão este grito exclamativo n'um tom que nada tinha de humano, e desmaiou. Que esmagador e terrivel pesadêlo aquelle!... Seria um espectro?... Mas se não ha espectros!... Comtudo evidentemente era elle... Não era uma visão, não... Bastava que avançasse mais alguns passos, e poderiam tocar-lhe.

E todavia os cardeaes sabiam que o haviam arrancado ou pescado no Tibre, haviam-no visto com seus proprios olhos na capella ardente, exhalando um execravel cheiro a carne pôdre. E agora viam-no alli, forte, alegre, desempenado, como se tal coisa não houvesse occorrido, rindo sempre com aquelle riso estridente e rechinante que lhes feria e rasgava o tympano dos ouvidos!

E o homem ou espectro, fallou assim:

—Com que então, eminentissimos senhores, rieis-vos e rieis sem mim?... Rieis acaso então da minha morte, ou do acaso que vos fez acreditar n'ella?... Não. Estou conhecendo nos vossos rostos que o que vos produzia taes accessos de alegria e de gaudio intimo era a convicção da minha morte... Que mentecaptos!... Tomastes o cadaver de Julião de Medicis pelo meu cadaver, e emquanto que eu chorava encerrado aquella catastrophe, vós rieis como perdidos...

Julião, seu primo! Era elle, decerto, nem podia ser outro... Havia regressado, visto isso, da tal embaixada em Hespanha? Assim parecia... Fatal, maldita parecença! Tudo estava agora explicado! Estavam irremissivelmente perdidos!

Leão X, em quem parecia agora ter-se reconcentrado toda a galhofa e toda a hilaridade que ha pouco fazia oscillar os ventres dos eminentissimos, divertia-se extraordinariamente com o caso, e quasi que rebentava a rir, aquelle pobre Papa.

Entrementes os cardeaes não se atreviam a bulir-se nos logares, e pareciam como que especados ou atarrachados nos bancos.

O Papa, porém, continuára avançando até chegar ao logar do infeliz Petrucci, cuja face, pelo espanto e pelo medo, se havia tornado cor de violeta, e que o olhava com olhos esgazeados e enormes.

—Ah! ah! ah! —proseguiu casquinando sua santidade—Sabeis, meus doutos prelados, que isto afinal é summamente divertido... Por um pouco que não assisto quasi aos meus funeraes. Ah! ah! ah!... Não posso mais... Doem-me os quadris de tanto rir... Tende a bondade de me apresentar ao meu successor... Vamos, ninguem se mexe!?... Ao menos

tu, meu alegre Petrucci, tu que sempre tens um dito a tempo, responde... Vamos, o que é feito da tua inesgotavel loquella?...

E o Papa parou um bocado para rir com estrepito.

Impossivel é exprimir até que ponto era sinistra aquella crescente alegria em tão terrivel occasião.

Os papeis haviam-se invertido de repente, e todos diriam que Leão X era o unico ente alli vivo, e que os cardeaes, pela algidez do seu silencio, eram os verdadeiros cadaveres. Tão profundo e cavo era o silencio que reinava em torno do Papa!

— Vejamos — continuou sua santidade — vejamos, Petrucci, quem é o meu successor?... Talvez tu mesmo?... Ah! ah! ah!... Não respondes?... Ah! ah! ah!...

E Leão X, n'aquella occasião, pareceu não poder ter-se em pé, e esteve prestes a caír... Teve então que encostar-se ao cardeal Petrucci, e agarrou-se bruscamente ao pescoço d'elle, segurando-se para não ir ao chão.

O outro, comtudo, a quem aquelle abraço amigavel opprimia em demasia a garganta, tentou gritar, debalde, e forcejou por se desembaraçar. Mas como resistir áquelle barbaro que continúa rindo ininterruptamente?... Um rouco gemido, todavia, escapou-se dos labios do misero Petrucci, a quem os olhos saíram das orbitas. Uma convulsão espasmodica abalou-lhe o corpo todo, e borbotões de sangue saíram-lhe ás golfadas pela bôca... Aquillo já passava de mera galhofa e de risota... O que havia pois?... O desgraçado cambaleia... Horror!... Baqueia e rue no chão, como que varejado por um raio.

Leão X cessou então de rir e, perfeitamente calmo, limpou com a tunica vermelha do cardeal as unhas ensanguentadas que havia enterrado mortalmente no pescoço da victima.

CAPITULO LIII

A Vingança adiada

Quando Lucas, livre finalmente, reconheceu á luz d'um corisco que havia salvo a Fornarina, não duvidou mais de que tinha em seus braços a sua amada, e não perdeu um só minuto de tempo.

Sabia que o perseguiam, sabia que estava ainda demasiadamente proximo dos seus verdugos... Quem lhe assegurava que não teriam seguido os seus rastos, e não corriam estugadamente em sua perseguição?...

Assim, pois, sem perder um momento, estremecendo só com a lembrança do calabouço infecto d'onde saíra, reunindo todas as suas forças, jurou não tornar para lá, e pegando no corpo inanimado da Fornarina nos braços, rompeu n'uma carreira desatinada e doida.

A noite felizmente estava escura, e occultava a estranha sombra do fugitivo, levando em seus braços uma mulher que semelhava um cadaver.

Felizmente achava-se nos arrabaldes, e tanto por causa da hora como do tempo e logar, raros eram os transeuntes que por alli passavam.

Ao cabo de alguns minutos de uma precipitada carreira saíu as portas de Roma, e continuou correndo, esbofado, mas em todo o caso feliz por poder respirar o ar livre e oxygenado da noite e da liberdade. O campo, como se sabe, era familiar ao boieiro, e nada por outro lado é mais facil aos filhos das campinas e das floridas vargens do que orientar-se. Por isso corria atravez dos campos e das veigas galgando todos os obstaculos que lhe offerecia o accidentado do terreno, até que quebrado pela fadiga d'uma carreira tão excessivamente prolongada, parou um pouco, depondo o seu precioso fardo n'uma choça só d'elle conhecida. Esta choça estava occulta no mais espesso do bosque, e a sua porta, baixa e estreita como a porta d'um forno, estava meio escondida na espessura da ramaria. Vista de fora

parecia um talude coberto de céspede. Demais a mais a ramaria de um salgueiro que a cobria afastava do espirito de qualquer a suspeita de que um homem podesse existir alli. Para penetrar dentro da choça era preciso afastar o espesso entrançado dos ramos que os arbustos formavam. Mas, uma vez entrados alli, que tranquilidade, que suave calor reinava n'ella! No fundo avistava-se um leito formado de folhas seccas, bem resguardado do vento e da chuva.

Reaminada pelo calor suave d'aquelle abrigo, a Fornarina abriu os olhos, e circumvagou o olhar em roda da choça, illuminada pela luz d'um archote, que Lucas accendera, ao entrar.

—Aonde estou?...—murmurou com uma voz tão subtil e ligeira, como o cicio de uma aragem.

—Estás em sitio seguro, Fornarina—respondeu o rapaz, envolvendo-a n'um olhar em que se reflectia um castissimo sentimento de respeito e adoração.

A moça, ao ouvir o timbre d'aquella voz, estremeceu, e no rosto que a dôr esmaiecera esboçou-se um quasi imperceptivel sorriso.

—Lucas!—exclamou ella—Vives ainda!...

—Sim, vivo... e tu tambem, porque te salvei—retorquiu o boieiro.

—Ah!—exclamou a Fornarina, passando a mão pela testa—o que succedeu então?

Mas a rapariga estava tão debilitada que Lucas, pondo um dedo na boca, impôz-lhe silencio, ao passo que a cobria cuidadosamente com as pelles que serviam de cobertores ao seu leito rustico.

A Fornarina, reparando então nos farrapos de que via vestido o boieiro, na sua comprida e inculta barba, na sua magreza e copiosa cabelleira, que a outra qualquer pessoa metteria medo, disse-lhe:

—Dize-me, o que succedeu?...

—Nada, nada! Dorme, Fornarina... Mais tarde te contarei...

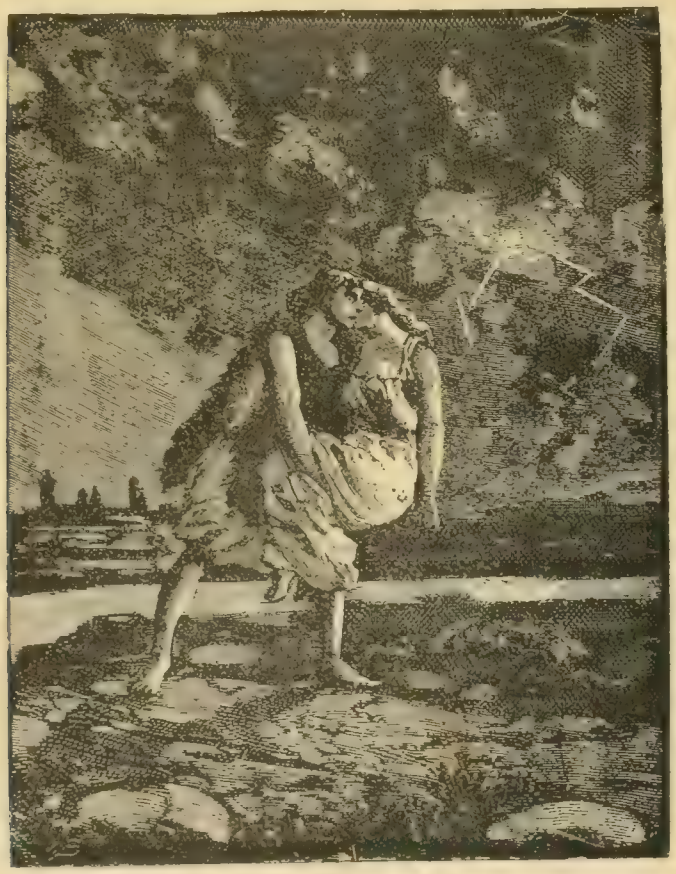
Seria inutil, bem o conheceu, obstinar-se mais em procurar outras explicações de Lucas. A seu pezar, tambem, sentia fecharem-se-lhe os olhos. Afinal caíu n'um lethargo profundo, agitado por terriveis pesadêlos. Mas este desmanchado sonho não lhe pareceu senão a continuação do outro, pois que tudo o que acabava de vêr e ouvir lhe parecia um sonho tambem, de que não tinha consciencia.

Alguns dias mais tarde os nossos dois personagens achavam-se á porta d'aquella choça que os abrigára. Lucas acabava de chegar, trazendo um pequeno veado que caçára com a sua funda, e que elle depôz aos pés da amada querida.

—Hoje não morreremos de fome!—disse o boieiro com alegria.—Olha, Fornarina, o veado é pequenito, mas afianço-te que é tenro. Custou-me a caçal-o!.. Ha já tres dias que lhe andava na piugada...

E Lucas, um tanto ancho da sua caçada, enxugou o suor da testa.

A Fornarina, debil e pallida como uma morta, tentou em vão sorrir. Nada lhe faltava alli, todavia: Lucas enchia-a de mimos e tratava-a com carinho e doçura sem igual. Todos os dias, apenas acordava, achava na coberta do seu leito silvestre braçadas de flores. O seu sustento ordinario era o mel e a caça, a que se entregava Lucas. Aquillo, decerto, não era a riqueza, o luxo e o fausto a que estava habituada, mas era, no emtanto, a



A noite felizmente estava escura e borrascosa, e a cumplicidade das trevas occultava o vulto do desconhecido, que fugia levando nos braços uma mulher que parecia um cadaver.

CAP. LIII.

paz, e a doce tranquilidade que penetra a alma quando o olhar se embebe, contemplativo, no horisonte.

O que Lucas não póde conseguir é fazel-a esquecer os pezares que a cruciam, as saudades que a devoram e que sem cessar lhe acodem á memoria, e fazem sangrar o coração. Ás vezes as palavras do boieiro feremlhe o tympano, sem lhe acordarem ideia alguma, tal e qual como se fizes-

sem parte da natureza tambem, como se fossem o canto das aves, ou das varias vozes dos animaes selvaticos dos campos.

— Que tens, Fornarina? — perguntava-lhe, a miudo, Lucas.

O pobre e honesto camponio estava desesperado.

Aquella vida para elle, depois da que acabava de soffrer parecia-lhe deliciosa e paradisiaca, e mal comprehendia como a alma de Fornarina não se abria, como a d'elle, á alegria e á esperança. Já não reconhece n'aquella franzina, triste e debil creatura a alegre transtiberiana, a risonha, a formosa, a robusta rapariga d'outros tempos.

— Estás aborrecida de mim? — perguntou-lhe o boeiro, com a doçura das almas francamente boas, mesmo rusticas que sejam, aproximando-se d'ella.

A moça respondeu-lhe por gestos que não: porém as lagrimas brotam como um caudal dos olhos da infeliz rapariga, atraiçoando o seu desejo de não affligir Lucas.

— Sim — bradou Lucas, pondo-se em pé — sim, incommodo-te, bem o vejo e percebo!...

— Não... não. Juro-te...

— Ainda me não perdoaste aquelle momento de loucura de que me deixei tomar um dia... Tens contra mim ainda aquelle beijo...

— Sei que és bom e leal.

— Pois bem, responde-me: O que causa então o teu fastio a tudo? Bem vês que faço todo o possivel para te agradar e distrahir. Que desejas? Dize-me...

— Nada.

— Aborreces-te aqui?

— Mais me aborreceria n'outra qualquer parte.

— Tu tens alguma pena intima e profunda, não é verdade?...

A moça deixou pender, sem replicar, a cabeça no peito.

Porque me não confias o que tens? Porque é que desde que aqui te trouxe teimas em guardar esse silencio que tanto me mortifica?... Não confias em mim? Falla, Fornarina, que talvez eu te possa consolar...

— Ai de mim, não!...

Imagino que a tua magua é bem cruel, faço-te justiça, pois não posso suppor que sem causa grave te quizesses suicidar... Mas dize-me, o que te afflige?..

— Para que me salvaste?

— Reprehendes-me por isso?

— Tinha deixado de soffrer.

— Querias então que eu te deixasse morrer? Preferiria acabar comtigo.

— Não vês que estou só no mundo? Exceptuando tu, já falleceram quantos me eram caros: foste tu mesmo que o disseste: nem Agar, nem Ephraim, meus avós, existem já.

— Mas tu ignoravas isso quando te precipitaste no Tibre?

A moça não respondeu á objecção e, com voz lenta, continuou:

— Succumbiram quantos me rodeavam... sou-lhes fatal, sou-lhes funesta: pereceram todos, feridos por esse odio implacavel que primeiro roçou por mim.

Lucas, cujos olhos resplandeciam com relampagos de colera, exclamou:

Esta prestes a chegar a occasião em que teremos de evocar esse odio. E, se pensas que a vingança vem demasiado tarde e o descanço te afflige, enxuga as tuas lagrimas...

Lucas levantou-se de repente e agitou a sua funda, valente como David em frente do novo Golias que se chama Inquisição.

Ah! Hochstratten maldito... Esquece os beijos d'esse infame. Tem confiança em mim, Margarida, que eu te prometto que os lavaremos em sangue.

— E certo isso que dizes?

A Fornarina poz-se de repente em pé, palpitante de emoção, e exclamou com accento de pronunciada alegria e odio:

— Juro-t'o!

— Oh, obrigado!

Não faço mais que cumprir o meu dever. Fui cobarde: eu não devia matar-me: cedi a uma tentação indigna... Quando souberes tudo, has de absolver-me. Eu estava só, completamente abandonada e não te tinha a meu lado...

A moça estendeu-lhe a mão.

— Margarida, minha adorada Margarida!

A Fornarina fechou os olhos: aquellas palavras carinhosas, que tantas vezes tinha ouvido, feriram-a no coração.

— Ai, quão desgraçada que eu era! Tu ignoras tudo isso: o homem a quem eu amava havia muito tempo, a minha vida, a minha alma, o homem que me adorou a ponto de fazer-me esquecer o erro, que tão ineffavel ventura me proporcionou durante mezes...

— Raphael?

— Já o sabias, então?

— Tinha-o adivinhado... Atraiçoou-te?

— Não... alguma coisa peor — retorquiu a moça, toda lavada em lagrimas.

— Morreu?

— Morreu, infelizmente.

— Pobre pequena!

— E morreu por minha causa... Comprehendes?

— Como assim?

— Supponho que o assassinei, que o amei em demasia — como se fora possivel amar-se demasiado... Elle mesmo me chamou vampiro! Vampiro! Mas por acaso não me dei eu tambem a morte? Puz porventura barreiras aos meus beijos e caricias? Isto é simplesmente horrivel! E pensar eu que se não fora Hochstratten conservaria ainda a minha virgindade... e jámais Raphael fixaria a attenção na minha timidez apaixonada... Necessariamente soffreria então, mas soffreria muito menos que ao presente... Ah, padre infamissimo! não só me extorquiu aquillo que a mulher tem de mais nobre, a honra, senão tambem me envenenou a vida. E elle o responsavel por todas as minhas faltas, por todas as minhas amarguras...

Lucas no entretanto estava concentrado e serio, como quem pensa em tomar uma resolução heroica e suprema. Nem ao menos parecia,

engolfado n'uma dôr cruciantissima, escutar as palavras da pobre rapariga.

— Morto por mim! — repetia — Espantoso assassinato! Impio sacrilegio! Quem será capaz de me lavar esta mancha, muito peor do que a outra? A vingança não será bastante?... Quem tinha poder de remittir-me a culpa?... Nem o vigario de Christo!

Deteve-se um momento, e começou outra vez, enraivecida:

— Infame! Porque não entrei eu tambem na conspiração dos valentes? Porque, pretendendo vingar a meu avô, não me apercebi como elles e me offereci para derrubar o monstro? Por que esperas agora, desgraçada? Porque não vaes unir-te a elles?

A Fornarina ergueu-se resolutamente; mas Lucas socegou-a, dizendo-lhe com solemnidade:

— Escuta-me, tenho que te pedir um favor.

— Qual é?

— Que deixes por minha conta a existencia de Hochstratten.

— Desejas isso?

— Supplico-t'o!

— É verdade que tambem tens que desforrar-te d'elle, porque foi elle quem te encarcerou.

— Não, não é por isso; o que soffri nada é: o que eu desejo é fazel-o expiar o teu martyrio.

— Mas eu, emfim, tambem...

— Não: tu has-de prometter-me que, bem que te encontres com elle em sitio favoravel e occasião opportuna, te absterás de vingar-te...

— Mas...

— Consente que seja eu quem o assassine.

— E eu, que farei então?

— Has-de fazer outra coisa, que já te está reservada.

— Que é? que papel tenho eu então a desempenhar?

— Vou já dizert'o.

E Lucas baixou a voz:

— Chegou o momento em que se deve revelar-te tudo.

— Ha pois mais alguma coisa ainda?

— Vae descerrar-se a teus olhos uma ponta do véo que cobre o passado.

— Que nova fatalidade me persegue?

— Não posso dizer-t'a por completo.

— Porque?

Porque é tão extraordinaria que necessariamente lhe não darias credito.

Pois acreditas que exista alguma coisa que seja capaz de surprehender-me? Falla!...

Em Hochstratten não vingaras apenas Ephraim, Agar e Raphael, além dos aggravos proprios...

— Mas isso já é bastante.

Espera. Ha um homem em quem teras de vingar-te d'alguma coisa mais horrivel que tudo isso.

—É acaso da morte de minha mãe?...

—Sim.

—Minha pobre mãe!

—Sim, tua mãe, essa malaventurada que te concebeu, e que até a hora da sua morte chorou o haver-te perdido no meio do mais espantoso supplicio que possa varejar uma alma humana.

—Basta... E quem é esse homem? conhece'-lo?... Minha pobre mãe!

—Sim, conheço esse homem.

—Como se chama?

—Não t'o posso dizer agora, repito-te... Demais, não me acreditarias.

—Acreditar-te-hei, sim.

—Não, e além d'isso não devo. É melhor que o ignores, e que tu propria o descubras.

—Mas como? Isso é uma loucura. Já que o conheces, dize-m'o.

—Outro t'o dirá, sem ser eu.

—Mas quem queres tu que m'o diga? Meu Deus! ainda poes obstaculos a uma vingança tão difficil de alcançar, e tão santa!

—Assim é preciso. Demais não has-de esperar muito por ella. É que exige que te falle quem tem auctoridade para isso e para tudo te contar, quem está ao corrente das torturas infligidas a tua mãe, e quem te dirá como ella morreu...

—Dir-me-ha elle tambem o nome do culpado?

—Sim. Da boca d'elle é que has-de ouvir a revelação de tudo.

—E como lh'a arrancarei?

—Basta contar-lhe a historia da tua infancia.

—E quem é esse homem?—perguntou a Fornarina.

—O Papa Leão de Medicis.

O mesmo a quem eu ia pedir a absolvição das minhas culpas! Então elle está informado de tudo?

—Afianço-te que sim.

—Oh! obrigado!

—Bem vês pois que é indispensavel que dividamos os nossos encargos. Assim estamos mais certos das nossas empresas não serem frustradas.

—Tens razão. Adeus.

—Adeus.

A Fornarina dera já alguns passos quando Lucas a suspendeu.

—Vaes ao Vaticano?—perguntou-lhe.

—Vou.

—Então espera por mim. Eu acompanho-te...

—Como quizeres.

—Preciso d'ir a Roma, pôr-me d'atalaia ao outro.

—Vamos.

O bojeiro e a Fornarina afastaram-se. Durante o caminho, Lucas dizia comsigo mesmo, monologando:

Eu não poderia revelar-lhe que era filha d'um Papa. Não me teria crido, e ter-se-hia horrorisado... Quando o souber dos seus proprios labios, não duvidará, e ella mesma tomará a decisão.

Quando os dois chegaram as portas de Roma separaram-se.

—Sentes-te com forças para continuar só?

—Sinto.

—Toma cuidado. Sê prudente.

—Não me ameaça perigo algum. Hochstratten não tem mais nenhumas vistas a meu respeito. Demais, no Vaticano só me demorarei o tempo preciso da audiencia. O mais que me demorarei em Roma é um dia. Talvez nos não vejamos senão ámanhã. De ti não tenho cuidado, visto que tens dinheiro...

—Então, adeus.

—Até ámanhã. Mas, Lucas, sê cauteloso. Bem sabes que te evadiste d'um carcere, e que te andam procurando...

Mas a recommendação da Fornarina era escusada. Ainda que tudo poderia fazer suppôr que o consideravam morto na cloaca, Lucas, sem se deixar embalar por esta esperança, almejava muito do fundo a vingança para não tomar precaução alguma, e evitar caír nas garras da soldadesca do inquisidor. Por isso dirigiu os passos para o bairro do Transtibre. Era a hora do crepusculo, e chegou sem obstaculo algum a uma pequena casa baixa, cuja porta se abríu ao primeiro empuxão.

Meia hora depois Lucas saía de lá completamente disfarçado. Vinha com o cabello cortado, a barba rapada, em fato de aguadeiro romano, com os vasos, os cubos e um sacco de limões ao lado. Á medida que se internava na cidade parecia notar n'ella um certo movimento desusado que parecia denotar alguma occorrencia extraordinaria. Contra o costume, as lojas estavam fechadas.

Ao virar a esquina d'uma rua, o pastor topou com um grande sequito que o obrigou a parar. Era o coche d'um cardeal, com muitos lacaios, maceiros, e um homem que trazia envergado um fato rico, coroado por um barrete de cozinheiro. O que porém mais augmentou o pasmo de Lucas foi vêr que n'aquelle coche não ia ninguem dentro, apesar de tão escoltado, e que seguia na direcção do Vaticano.

—O que é isto?—perguntou Lucas a um transeunte.

—É a comida que vae para um dos cardeaes do conclave.

—O conclave?

—Sim, a assembléa que trata de eleger o novo Papa.

Lucas ficou como assombrado d'um corisco. Disfarçou comtudo, agradeceu, e afastou-se com passo rapido.

Um novo Papa! O conclave!... Pelo visto, Leão X morrera. Teria esta morte sido um dos resultados da conjuração dos patriotas da qual Agar lhe fallára? De toda a fórma, fosse como fosse, Fornarina estava vingada.

Talvez mesmo que este desenlace fosse preferivel a qualquer outro.

Andára bem, portanto, em não revelar a verdade a Fornarina. Um já estava fóra de combate! Chegára a vez do outro!...

Não deve tardar muito, todavia! De facto, aquelle palacio ao pé do qual se acha a morada de Hochstratten. Á porta estão os famulos, tendo nas libres as armas do grande inquisidor, e parece notar-se na famulagem aquella azafama caracteristica, que costuma preceder as viagens dos patrões.

O empregado cumprimentou-se, e perguntou a um cozinheiro:

—Monsenhor Hochstratten?—O cozinheiro respondeu-lhe:—Partiu já!

—Partiu? Para onde?...

—Para a Allemanha. Não vistes a sua carruagem de posta? Ha apenas uma hora que saíu de Roma.

—Será longa a ausencia?

—Quem sabe!

Quando um italiano diz: quem sabe! *(chi lo sa!)* disse tudo.

Esta phrase equivale á de *à savoir!* dos camponios francezes.

Havia uma hora que tinha partido!... Maldição!... Havia de então escapar-lhe sempre, indefinidamente?... Lucas bateu violentamente com o pé no chão, cheio de raiva.

De chofre chegaram-lhe aos ouvidos os echos d'um grande reboliço, e tropel de populacho em delirio e grita desordenada. O que seria? O ruido e a salsada augmentam, e ao longe parece que se veem chispar archotes ou tochas accesas, e vivas freneticos que estrondeiam nos ares, chegam aos ouvidos do boieiro.

Teriam já acaso eleito o novo Papa, e por isso a arraia miuda se mostra tão cheia de gaudio e prodiga de acclamações?...

Em breve o saberemos.

Um creado da hospedaria desemboca então d'uma rua, a galope, gritando.

—Alegria! Uma boa nova!...

—Então o que ha?

—Leão X resuscitou!

—Leão X?—urraram alguns.—Tomas-nos acaso por alguns lapuzes, ou pacovios?...

Sois como S. Thome! Precisaes de tocar e ver, para crêr! Pois então tocae e vêde!... Olhae!

Effectivamente um grande cortejo se adianta, e refastelado na liteira levada aos hombros dos famulos do Vaticano, enxerga-se lá dentro Leão X, que de vez em quando se levanta para abençoar o seu povo que o acclama em furiosa grita, sem duvida para fazer esquecer que apupára e cobrira de vaias e de lama, na vespera, o seu cadaver.

A liteira de sua santidade passou entre duas alas de fieis ajoelhados, e os guardas tiveram grande trabalho em fazer afastar as mães que se precipitavam no caminho por onde tinha de passar o Pontifice, afim de poderem colher do successor de S. Pedro uma benção para ellas e seus filhos. Sua santidade exhibia-se com pompa na sua boa cidade. Tinha interesse em manifestar que estava vivo e são como um pero, e que a nova da sua morte fora uma falsa ballela. No umbral d'uma porta, mais estupefacto ainda do que Lucas, um homem contempla a passagem do cortejo.

Esse homem é nosso conhecido, é Miguel Angelo.

Vem da basilica de S. Pedro, onde esteve trabalhando todo o dia, cheio d'anciedade, esperando com impaciencia o resultado do conclave e felicitando-se com Neumann das probabilidades que, segundo Machiavello, tem Lourenço de ser eleito, e eis que de subito dá de cara com o Pontifice execrado, que n'elle parece produzir o effeito d'um espectro.

—Ah!—resmoneou elle, apertando as mãos, colerico, depois de ter passado o primeiro momento de natural assombro—tem que se começar tudo de novo!...

CAPITULO LIV

Primeiro encontro com a fogueira

Em frente dos porticos das egrejas da cidade de Wittemberg, n'essa mesma cidade onde assistimos á lucta de Luthero com Tetzel em plena cathedral, via-se uma grande chusma de curiosos que miravam e remiravam com espanto uns grandes cartazes recentemente affixados nas paredes.

Não era tanto o medo d'aquelles cartazes, como do apparato de força de que os haviam rodeado, que inspirava o terror que se lia pintado em todas as faces dos burguezes de Wittemberg. Haviam condensado alli as forças de todas as estações militares de duas legoas em redondo.

Barbudos soldadões faziam sentinella de rosto fero, arrastando espadagões que faziam um tilintar tetrico. Armados até aos dentes, lobrigava-se em seus cinturões cabos de punhaes, ao passo que outros, de arcabuz no braço, tinham um aspecto pouco tranquillisador e muito mavorcio.

De cinco em cinco minutos um frade subia a um banco, especie de tribuna improvisada, e, passeando o olhar pela turba, lia em voz alta e vibrante os paragraphos do cartaz, que era uma bulla d'excommunhão.

A sentença fatal fôra fulminada sobre Martinho Luthero, o frade escandaloso que tinha a protervia de revolucionar o mundo, atacando as doutrinas santas, cumulando de accusações falsas a Egreja, e afastando os devotos e os fieis da estrada do dever.

A bulla de excommunhão condemnava o sacrilego a ser expulso ignominiosamente de qualquer local em que se apresentasse, a não encontrar jámais um albergue protector, a soffrer fome e sêde, a viver só, sem mulher, sem parentes, sem amigos, e sem que uma alma philantropica e caritativa se devesse apiedar dos seus trabalhos e penas. Devia ser amaldi

çoado e repulso em toda a parte. Maldito até á morte, maldito nos seus affectos, maldito nas suas orações, maldito até na satisfação das suas necessidades corporaes!...

Prolixo e fastidioso seria enumerar aqui todas as varias penas physicas e moraes em que estavam incursas as miseras victimas. (1)

Basta só que se diga que não se omittia n'ella nem uma só das maldições que póde proferir a bôca de um Papa, estourando de orgulho e odio.

Poder-se-hia suppôr que, á força de se ouvirem chamar os representantes de Christo na terra, elles proprios se haviam chegado a convencer de que dispunham de um poder fóra da humanidade. A prova d'isto temol-a no tom com que eram proferidas, e escriptas, aquellas formulas de excommunhão, com uma seriedade que hoje nos causa riso, e nas quaes se prohibia ao excommungado fazer coisas de que não póde prescindir nenhum simples mortal.

A formula d'essas bullas, pelo facto de ser a mesma do nosso tempo, prova sufficientemente até que grau de embrutecimento pretende o clero fazer chegar aquelles que chama *os fieis*.

As cobras, que elles pretendem fazer engulir a esses credulos, são serpentes de desmesuradas dimensões que urge esmagar. No seculo XVI, época tão supersticiosa, mas que, graças ao esplendor das artes, nos parece luminosa, era o caso, porém, mais serio. Porque então sómente existia uma ou outra intelligencia superior que se risse de taes maravalhas e farotias, e isso ainda assim em segredo, e cautamente. A enumeração das calamidades que elles asseguravam deveriam caír sobre o excommungado, e que se augmentava e exagerava mais segundo as circumstancias, fazia então grande impressão no animo do povo. Por isso os fieis se aterravam á leitura de taes bullas, persignando-se com o bento signal da cruz umas poucas de vezes.

Os pobres habitantes de Wittemberg, comtudo, não se teriam atrevido a protestar isoladamente: o importante era pois procurarem meio de se entender, e fixarem a tactica a seguir, protestando todos em massa.

D'esta fórma, como todos eram culpados, ninguem ficava compromettido, e a impunidade era assegurada.

Fora d'este modo que se havia conseguido derrotar Tetzel na cathedral, sem que de facto, sendo cumplice do caso toda a cidade, ninguem pudera ser tido por criminoso em particular. Sem entrar em linha de conta que as auctoridades tinham sido colhidas de surpreza, e sem meios de reprimir um movimento popular que não tinham podido prevêr.

Mas de alguns mezes para cá a situação havia mudado radicalmente. A vigilancia era continua e desconfiada, e não podia ser levada a cabo manifestação alguma, a não ser que occorresse algum incidente imprevisto que a fizesse estalar com a celeridade do raio, ou fizesse desencadear a lucta n'um segundo.

O arcebispo de Wittemberg não ignorava decerto o estado de muitos

(1) O leitor pode ver a formula da excommunhão pronunciada pelos bispos contra os servos que se atrevam a christum em communia no obra de Amadeu Thierry *Récits mérovingiens*, carta XX, pag. 136.

(N. do A.)

espiritos, na cidade. Ao receber do mensageiro do Pontifice a bulla, mais se arraigára a opinião de que urgia começar a lucta quanto antes.

Até alli não se decidira a obrar sem ordem superior. Mas a partir d'este momento a bulla, declaração de guerra em forma, considerava-a um precedente animador, e que estimulava os seus projectos.

Por isso fizera convergir a Wittemberg todo o elemento militar, afim de impôr o respeito aos picaros rebeldes, que haviam tido a velleidade de se insurreccionar.

Tomára tal medida com perfeita serenidade de espirito, pois estava certo que havia de merecer o applauso de toda a gente honrada, amante da ordem e da moral. Porque o excommungado em questão, com effeito, vivia em Wittemberg, com sciencia e presciencia de todos, levando uma vida vergonhosa com uma rapariga que trouxera não se sabe d'onde.

Taes eram as textuaes palavras do prelado. Aquillo constituia um escandalo enorme!... Viver com uma moça, que escandalo! Era uma immoralidade unica, uma crapula por ahi além, capaz de fazer córar todos os cardeaes do Sacro Collegio! Que digo eu, viver com uma moça! Quem sabe se não possuiria todo um serralho completo!... Tudo se podia esperar á vista dos maus instinctos que denunciára com o seu acto de rebellião. Era preciso acabar com aquelle maldito insurrecto que havia rasgado o habito, e que fallava em nada menos do que *casar-se*, como se não tivesse feito voto de castidade no altar da Egreja!... *Casar-se!* Poderia conceber-se escandalo tal?

Por isto, pois, para fazer bem as coisas, o arcebispo tratára de fazer dar á bulla de excommunhão a mais lata publicidade.

Em geral, a bulla de excommunhão era apenas lida á parte interessada sem outra maior exhibição; mas no presente caso entendera necessario que fosse publicada ao som de trombetas e tambores.

Esta medida tornava-se urgente e indispensavel para afogar em embryão o terrivel schisma.

Os burguezes, porém, de Wittemberg não paravam, indo d'aqui para alli, da praça para ao pé dos templos, dos templos para a praça, tumidos uns, alvoroçados outros.

—Então, então, que dizeis vós a isto?—dizia um proprietario calvo a um homem de longas e delgadas pernas, envolto n'uma capa verde.

—Que é muito bem feito!... Se deixassemos sem correctivo estes bigorrilhas chegavam-nos a tirar o pão da bôca!...

—Estaes certo d'isso?...

—Certissimo. Se conseguissem entrar em vossa casa pela porta, não tardariam em fazer-vos saír, a pau, pela janella...

—Ah! ah!...

—Não sois da minha opinião?...

O proprietario ia a responder negativamente, decerto, quando, reparando na terrivel mimica com que elle acompanhára as suas palavras, apressou-se a approvar com um movimento de cabeça, dizendo ao mesmo tempo:

—Effectivamente! effectivamente!... Este frade é a pustula do seculo!...

—Bem dito! E esta bulla não é mais do que um aviso.

—Devéras?...

—Se se não der por entendido, se não moderar a lingua...

—O que?

—Haverá meio de o fazer calar.

—Sim? De que maneira?

—Queimando-o na praça publica.

—Queimando-o!—exclamou o outro sem poder occultar o seu sobresalto e terror.

—Não vos parece justo?...

—Decerto, decerto! Terá o que merece.

—Gósto que sejaes da minha opinião. É um gosto conversar comvosco!...

Dizendo isto, Frick-Frick, a quem os nossos leitores decerto terão já reconhecido, separou-se do burguez pusillanime, que tremia como varas verdes só ao cogitar que poderia ser tomado por um díscolo, um suspeito, um demagogo...

Frick-Frick dirigiu-se para outra parte a fazer a sua propaganda, quando um successo imprevisto semeou o espanto no povo reunido na praça.

O frade, leitor da bulla de excommunhão, havia subido pela vigesima vez ao seu banco, e já abria a boca para repetir a primeira phrase da famosa bulla, quando um homem saltou de traz d'um dos pilares, deu um empurrão no frade que caíu de costas, e, antes que os soldados estupefactos podessem ter feito um movimento sequer para o estorvar, arrancára a bulla de excommunhão, e levava-a no meio da turba-multa, agitando-a acima da cabeça.

Um unico grito, feito de milhares de gritos, saíu ao mesmo tempo da garganta de todos:

—Luthero! Martinho Luthero!...

Era effectivamente elle. O povo havia-o reconhecido, apesar do seu trajo secular por que elle substituira o de frade, poucos dias depois de ter arremessado, com digna tranquillidade e superior sangue-frio, as acidas verdades á face do torpe Tetzel.

—Atirae sobre esse homem!—gritou o official da guarda.

Todos os arcabuzes foram apontados contra elle, mas nenhum atirou. Havia perigo em o fazer, porque uma compacta massa de wittembergue-zes protegia o criminoso.

—Ao fogo a bulla do Papa!—gritou Luthero.

—Ao fogo! ao fogo!—repetiu a multidão.

O fogo havia-se communicado ao rastilho da polvora.

Na multidão dos fracos e dos timidos, a quem aterravam as penas fulminantes da bulla, havia-se produzido um movimento analogo ao que se produzira na cathedral. Os que pareciam mais timoratos momentos antes, eram agora os mais valentes. Por seu impulso proprio não teriam jámais começado o ataque, mas agora deixar-se-hiam primeiro esquartejar do que consentir que se prendesse aquelle homem cuja audacia os enthusiasmava.

Luthero agora não se achava isolado. Rodeava-o uma muralha de va-

lentes, entre os quaes se distinguiam rapazes que haviam sido seus discipulos, e que tinham acorrido depressa ao seu chamamento, entre elles essas figuras audazes que a immortalidade de Luthero tornou tambem immortaes: Carlostad, Spalatiu, Bwcer, Leonardo Kopp, o denodado Ulrico de Hutten, o gaulez da Reforma, o fiel Staupir, e o erudito Melanchton. Estavam de mãos dadas como a phalange thebaica, e com o seu exemplo impediam que fugissem os timoratos burguezes que tremiam de medo ao verem-se collocados entre dois fogos.

Luthero então acercou-se da fogueira, com aspecto nobre e placido. Levava na mão o pergaminho sagrado.

CAP. LIV.

—Para a fogueira a bulla!

O grito de sedição corria com a velocidade do corisco. Os soldados haviam voltado a si do pasmo, e tinham se posto em attitude defensiva, mas o official estava desconcertado.

Quem poderia ter suspeitado tal arranco de audacia! O militar estava fulo e raivoso, ao cogitar que o frade ia escapar-lhe vivo das mavorcias mãos.

— Fogo contra todos!... ordenou, ribombante, e com intimativa.

Então o povo que estava muito proximo á soldadesca, e impossibilitado de recuar, tomou o unico partido que lhe restava, o de desarmal-os, o que foi feito n'um abrir e fechar d'olhos, sem que os soldados tivessem tempo sequer de preparar a mecha dos arcabuzes.

Depois de uma lucta corpo a corpo, que durou alguns segundos, fazendo alguns feridos, os soldados mantenedores da auctoridade papal foram desarmados, e impossibilitados de qualquer resistencia.

— Á fogueira! á fogueira!...

A fogueira, effectivamente, elevava-se já á altura d'um homem, e começava a flammejar.

Tudo isto fôra feito em menos tempo do que o levamos a narrar: o pensamento e a acção tinham corrido parelhas. A madeira ardia, estalando, rechinando, e lançando fagulhas: o vento agitava as labaredas.

Luthero acercou-se da fogueira com fria calma e imponente gesto. Empunhava o pergaminho sagrado, d'uma das extremidades do qual pendia uma fita de seda com o sello de S. Pedro.

A multidão estava silenciosa.

Luthero aproximou a bulla do fogo, e este consumiu um dos seus preciosos artigos. D'esta emanação do poder de Leão X não restava ao cabo de alguns minutos mais do que negras e quentes cinzas, que o ex-frade espalhou ao vento, entre os applausos da turba.

— Viva! viva! — gritava a multidão, tripudiando.

O proprietario timorato não cabia em si de enthusiasmo. Inquieto, ia e vinha d'um para outro grupo, procurando por toda a parte o seu interlocutor, disposto a pregar-lhe uma boa peça: mas Frick-Frick, com a sua singular prudencia, havia-se já esgueirado, e corria, a bom correr, para o palacio archiepiscopal, com toda a celeridade das suas longas e delgadas tibias.

Aproximadamente á mesma hora conversava um padre de longa barba branca, no vestibulo do dito palacio, com o introductor.

— Parece-vos — dizia — que monsenhor deva ainda demorar-se muito?...

— Parece-me que sim. Está muito atarefado com esse schisma grotesco que quer arrancar pela raiz. Ha pouco teve uma conferencia com um dos legados de Roma, sua eminencia Caetano, e sua eminencia Carlos de Miltizz.

— O schisma!? — exclamou o velho sacerdote — Pois ainda dura!?

— Sim, padre. É preciso que o vosso curato esteja muito afastado do mundo, para que não o saibaes. Desde a ultima vez que, segundo o vosso caritativo costume, viestes pedir esmola para os vossos pobres, o schisma foi augmentando, desenvolvendo-se de um modo assustador.

— É possivel!?

— Actualmente, Luthero, sem contemplação alguma, atreve-se a ameaçar o proprio Pontifice.

— Jesus, Maria, José!

— Sim, porém hoje mesmo, graças a Deus, será executado.

— Executado!?

— Moralmente, entende-se.

— Ah! quereis dizer excommungado...

— Solemnemente.

— Muito bem. Agora tende a bondade de annunciar a monsenhor a minha vinda, pois tenho que dar-lhe conta da minha diocese.

— Se não tendes muita pressa...

— Muita não. Comtanto que possa estar de volta ao meu presbyterio antes de domingo, para não deixar sem missa os meus fieis, que pelo mais não me importa, mas...

— Mas o quê?

— A minha protegida — respondeu o padre — não está em estado d'esperar.

Fallando assim, dirigiu a vista para um vulto escuro, como de mulher, não muito distanciado.

— Ah! é verdade — exclamou o introductor — não estaes só...

— Sim, aquella mulher é uma malaventurada mãe que eu encontrei proximo d'aqui, com uma creança, n'um estado deploravel de miseria, e que eu prometti proteger...

— É outra boa acção que o ceu vos terá em conta.

— Ora! tudo se reduz a fazer mais alguma economia na minha mesa. Eis aqui tudo, mas a misera mulher não soffrerá mais inclemencias...

O creado, baixando cada vez mais a voz, ainda que a precaução era de todo o ponto desnecessaria, porque a mulher não pensava de fórma alguma em escutar o colloquio d'elles, disse:

— É uma mulher verdadeiramente interessante!

— Um coração d'ouro... Trouxe-a commigo, apesar da sua resistencia... Parece ter soffrido muito. Obstinava-se em não se bulir do sitio em que a encontrei. Receava decerto ser-me pesada, e custou-me muito a vencer os seus escrupulos.

Ao cabo de alguns momentos continuou:

— Dizei-me, não seria possivel que ella esperasse n'algum quarto lá de cima, emquanto dura a minha conferencia com monsenhor?... Estará alli melhor, e menos exposta aos olhares dos curiosos... É uma consideção que se deve ao seu pudôr.

— Tendes razão, e nada é mais facil... Vou já satisfazer-vos...

— Agradeço desde já.

O introductor voltou-se para a protegida do padre, que continuava quêda no mesmo logar.

— Vinde, boa mulher! — disse-lhe.

A mulher com o filho nos braços ergueu-se sem dizer palavra, consultou com um olhar o padre e, como que tranquillisada, seguiu o creado.

— Pobre mulher! — murmurou o padre, vendo-a afastar-se silenciosamente e com passo incerto — tenho medo que a desgraça chegue a fazer-lhe perder o siso...

Quando o creado fechou a porta do aposento aonde a conduzira, dizendo-lhe ao retirar-se: tende resignação!... e a mulher se viu sósinha n'aquella

casa quadrada, cuja mobilia constava unicamente de duas cadeiras de couro com pregaria amarella, levantou-se, e escutou com attenção.

O echo dos passos do introductor ia-se enfraquecendo na escadaria. Além d'aquelle ruido que afinal cessou, não se ouvia mais nenhum outro.

Mas a mulher precipitou-se para a porta mal cerrada, entreabriu-a, e murmurou:

—É indispensavel que fuja, que me escape d'aqui... Se me vissem!... É urgente que evite que me reconheçam... Os miseraveis seriam capazes de matar-me, e eu não quero morrer, nem quero causar qualquer semsaboria áquelle bom padre que só me quiz proteger... Não posso resistir mais... Teriam desconfiado de mim?... O meu ar na realidade é o de uma mendiga, uma pedinte... Devia antes ter apparentado não poder andar mais... Mas se elle tivesse mandado gente a buscar-me!...

A mulher interrompeu um instante o seu monologo, e depois, beijando com entranhado carinho a creança:

—Sim, é preciso que te salve!—murmurou ella.—Meu rico anjinho!... Deverei evadir-me por tua causa! Vejamos, é preciso reflectir com sangue frio... Devo descer com cautela: espiarei o momento em que chamem o creado para qualquer serviço, e passarei sem ser vista... Experimentemos...

E a mulher dirigiu-se de novo para a porta: mas de subito quedou-se immovel e attonita. Achava-se ao pé de uma grande estufa, uma d'essas estufas que a Suissa copiou da Allemanha, e que occupam todo um lado dos predios que aquentam com a sua rede de tubos e com o calor que emanam pelas aberturas aos cantos, á altura d'um homem.

—O que é isto?... O que ouvi?... D'onde procede o murmurio d'esta voz?... Parece que d'aquelle lado... Dir-se-hia que sae por uma das aberturas da estufa, com a corrente do ar...

E a mulher acercou-se e applicou o ouvido, de facto, a uma das aberturas da estufa. Distinguiu então mais nitidamente o echo d'uma voz, e em seguida d'outra. Que caso singular! Como ella empallideceu! O que será que ouviu que a fez permanecer immovel e quêda, bebendo sôfregamente as palavras que sobem pelo tubo horisontal do andar de baixo? Nem sequer já se lembra do risco em que dizia incorrer ha pouco, nem de se evadir. Aperta só nervosamente nos braços a creança, a quem com um gesto impôz silencio.

—Assim pois—dizia o arcebispo—consideraes a coisa util?

—Indispensavel!—respondeu uma voz, com entono resoluto.

No gabinete do bispo estava, junto do fogão, um homem em pé. Este homem é Frick-Frick. Estava contando, ou antes acabava de contar o successo estupendoqu e havia presenciado ha pouco, na praça de Wittemberg. Disse que vira arrancar e queimar a bulla, e a soldadesca ser vencida e desarmada pela arraia miuda, no meio d'uma vozearia, uma grita, e uma

salsada, cujo estardalhaço se escuta ainda, e terminou a sua exposição por estes dizeres:

—Como estaes vendo é indispensavel, urgico, castigar o tal Luthero d'um modo energico e exemplar...

Em seguida reinou um curto silencio que o arcebispo cortou, dizendo:

—A que pena o condemnarieis vós?

—A morte.

A mulher inclinou-se instinctivamente, aproximando o ouvido do buraco.

Cap. LIV.

—Muito bem.

E a minha opinião é que morra no que foi o instrumento do seu sacrilegio.

—Na fogueira?... Não seria elle o primeiro.

—Nem o ultimo.

—Decerto. Além d'isso não está escripto algures que o fogo que vós ateardes, contra vós se volverá?...»

—Sim, decerto.

—É o mesmo, pois, que eu digo.

Reinou escasso silencio, de novo.

Não seria—disse d'alli a pouco o bispo—talvez mais conveniente que viesse de Roma a ordem precisa?

—Roma não dá ordens precisas.

—Algumas vezes dá.

—Mas, para que esperal-a...

É preciso não esquecer que este homem não é um João Ninguem, mas que é eminente em muitos sentidos: é um sabio.

—É um discolo.

—É verdade que a minha responsabilidade fica livre de todo com esta bulla, que me dá toda a auctoridade, e que me permitte todo o seu respeito...

—Decerto que sim, visto que vos dá amplos poderes, sobretudo em materia de sacrilegio manifesto, e no caso presente trata-se d'um dos maiores sacrilegios...

—Tendes razão. Então o que quereis?...

—Que assigneis isto.

—Vejamos o que é—respondeu o arcebispo pegando n'um pergaminho que lhe estendeu Frick-Frick. O pergaminho começava por este teor:

Da-se ordem a todo o official de dar apoio, e auxiliar o portador d'esta mensagem.

—Perfeitamente. Aqui o tendes assignado—disse o arcebispo, pondo no pergaminho o sello archiepiscopal.

—Obrigado. Agora, eu me encarrego do resto. Dentro de duas horas não teremos mais nada a temer!

A conversação prolongou-se alguns momentos ainda sobre o thema das medidas e precauções a adoptar, depois do que, Frick-Frick saiu do palacio do arcebispo tão cheio de gaudio e feliz, que foi trauteando entre dentes uma copla de soldadão de caserna, com o ar mais jubiloso e descuidado do mundo. A copla que Frick-Frick cantarolava, gingando um tanto, e balançando o magro corpo sobre as delgadas pernas, era assim:

Sou soldado de Matalda,
cachopa esbelta e brejeira.
Quando ella soérgue a tralda,
ufano, corro á bandeira.

N'uma rua transversal do bairro de Wittemberg lobrigava-se uma pequena habitação, um tanto isolada das outras, e tendo um jardimzito de fronte, que separava uma especie de sala de uma vasta planicie.

N'este local é que residia Luthero.

Vivia n'ella com Catharina de Bora, que nenhum pretexto de conveniencias do mundo havia decidido a separar-se do seu salvador. Viviam

n'aquella casa castamente, apesar de tudo o que dizia o arcebispo, viviam felizes de se amarem em paz, repetindo-se mutuamente, de continuo, juramentos de fidelidade eterna, esperando o dia feliz em que se uniriam n'um matrimonio legitimo, mau grado todos os anathemas da Egreja.

Catharina de Bora ficava vivamente inquieta quando Luthero lhe tardava mais que de costume, pois ainda que sabia que não devia afastar do caminho da sua missão superior o homem a quem votára toda a sua alma, não deixava no emtanto de conhecer os perigos que o cercavam, nem o receio e a cautela que deviam ter dos seus inimigos.

Na noite em questão d'esta narrativa, havia já meia hora que Catharina o esperava...

Ah, que lhe teria succedido?... Tanta demora!... Decerto, alguma desgraça... Que perigos continuos o ameaçavam!... E a pobre Catharina de Bora, a triste moça, ia, inquieta e turbada, da janella de brancas cortinas á porta, estremecendo de continuo, e sobresaltando-se a cada rumor de passos. Por fim soaram as sete horas. Nunca elle tardára tanto!... É preciso que ella vá em pessoa saber o que ha... Põe o manto e trata d'ir ella propria em sua procura, quando escuta tropel de passos estugados, e vê apparecer deante d'ella um vulto.

— Ah! é elle! Sois vós emfim! — exclama Catharina, precipitando-se-lhe nos braços, ainda sobresaltada do susto que experimentára, e inundada ao mesmo tempo da alegria que a dilata agora.

— Sois vós! — repetiu a pobre moça que, se pelo horror que sentia a vida monacal entendia dever considerar Luthero como seu amante, não se atrevia comtudo a tratal-o por tu.

Elle, porem, todo radioso de alegria, atirou o chapeu para uma cadeira e disse:

— Abracemo-nos, Catharina. Acabo de alcançar uma grande victoria.

— Falla, meu querido.

Elle contou a Catharina como se vingara dos ultrajes do Papa, como desafiára a sua ira e as ameaças ridiculas, e pintou-lhe, não dissimulando a sua satisfação, o enthusiasmo do publico que começava a consideral-o o libertador das consciencias.

— A minha obra — exclamou, depois de concluir — não será infructifera. Oh! Justiça! Justiça! quero servir-te e glorificar-te como te amo...

Voltando-se em seguida para a sua futura esposa, a quem, no auge da sua alegria, falla como poderia fazer ao seu melhor discipulo, continuou:

— Imagina, minha boa Catharina, que ensinei o caminho a milhares de pessoas que não se atreviam nem sequer a fital-o... E disse-lhes:

— Andae! tal e qual como fez Christo com o homem que iam a enterrar... E os que se julgavam quasi mortos puzeram-se em pé, surprezos das suas forças, maravilhados de que as muletas que eu lhes tirára lhes tivesse servido antes d'obstaculo do que de apoio, e começaram a andar, e a phalange dos que me seguiam ia augmentando á medida que a minha palavra se fazia ouvir.

Dizendo isto, a face de Luthero radiava com essa luz intima que dá a convicção, e resplandecia n'elle summa alegria e esperança.

—Ah! — dizia Catharina — como sois bom e grande!... Como vos quero!...

—E eu adoro-te! — murmurou aquelle homem de coração tão superior e forte, inteiramente subjugado pelos afagos d'aquella mulher debil. E com voz cheia de commoção, continuou:

—Sim, amo-te. Constitues a minha vida e a minha felicidade. És tu que me inspiras alento e denodo, que me encorajas no cumprimento d'uma missão difficil. Sem ti, adorada martyr, para quem a piedade me attrae e a cujo lado o amor me retem, sem o teu carinho, que mesmo longe de ti me dilata o coração, eu talvez me deixasse vencer pela fadiga: mas a ideia de que trabalho para ti me tem fortificado e dado alentos. Tu és o meu premio e a minha esperança. Por isso, em nome de todos os desventurados cuja libertação o teu affecto me fez precipitar, eu te bemdigo e amo, minha esposa, minha querida esposa!

Esta palavra embriagava-o, e por isso a repetia com os olhos cerrados, a cabeça encostada ao peito de Catharina, contente por se sentir apertado pelos dôces braços da dilecta de toda a sua vida.

Assim permaneceram durante um minuto, n'um silencio completo que só quebravam as pulsações dos corações d'ambos.

De subito a moça pôz-se em pé.

Acabavam de bater á porta violentamente.

CAPITULO LV

Aonde se vera que não é a penitente que se confessa

Leão X, sentado n'uma poltrona, conversava com um individuo de trajo severo, na alcova do seu palacio.

Era no dia seguinte á eleição d'aquelle conclave em que os cardeaes maravilhados tinham visto estrangular n'um arranco de hilaridade louca, dando casquinadas sem fim, um dos seus eleitores.

— De sorte que — dizia Leão X — acabaes de visitar o meu infeliz sobrinho?

— Ha um momento, monsenhor.

— E que vos parece?

— Nada perigoso. Tenho a satisfação de vos participar que, graças aos nossos cuidados, está fóra de todo o perigo. As sanguesugas que lhe applicamos descarregaram-lhe a cabeça, e não temos já que recear a congestão. Ainda que o cardeal Lourenço de Medicis seja de constituição fraca, é muito assisado. A noticia da vossa morte foi que determinou a crise.

— Bem sei.

— É um parente que vos quer muito.

— Creio.

— O que é estranho é que de nada se recorde. Saíu da enfermidade como quem sae d'um sonho. Os tres dias ultimos passados parecem apagados por completo da memoria d'elle, do livro da sua vida.

— E como explicaes isso?...

O medico guardou silencio e contemplou Leão X, que brincava distrahido com um dos seus anneis, que tinha uma pedra preciosa de vivos reflexos.

Caíu o annel ao Papa, e o medico apressou-se a apanhal-o, e a dal-o ao Pontifice, mas o Papa que havia cerrado os olhos não pegou n'elle, e então o medico metteu-o no bolso, dizendo pausadamente:

— Eu sei que a sciencia da medicina está ainda na sua infancia, e que são sem numero as variedades pathologicas, comtudo deante d'uma cura tão radical não póde um medico deixar de só crêr n'um milagre...

Leão X fez um gesto negativo.

— Não? — disse o doutor. — Então seria preciso admittir que essa loucura...

— Que quereis dizer?...

O medico parecia hesitar. Comtudo acabou por dizer, usando de toda a especie de periphrases e rodeios, o que provava até que perfeição aguçára a sua diplomacia, talvez pelo frequente trato com gente da Egreja:

— Que essa loucura não é talvez tão grave como as apparencias parecem indicar... e que as más linguas até poderiam chegar a suppôr que essa loucura era simulada...

— Julgaes?

Ao fazer esta pergunta o Papa abriu os olhos de novo.

— Eu?... Eu não creio nada — apressou-se a dizer o medico.

— Comprehendo.

— Digo que o poderiam cuidar e espalhar... Cabia aqui perguntar com que fim um homem de tanto talento representaria o papel de orate, de demente...

— É tambem o que eu digo.

— Infelizmente, porém, haveria para essa pergunta uma explicação plausivel, uma resposta satisfactoria...

— Qual? Vejamos...

— Ou, para melhor dizer, não haveria, porque dado o caracter honrado de Lourenço de Medicis, não se póde pensar n'ella.

— Porque?

— Acaso Vossa Santidade se abalançaria a suspeitar d'elle?...

— Supponhamos que sim.

— O unico interesse que em todo o caso poderia ter sido o movel do vosso sobrinho seria illudir os eleitores do Sacro Collegio sobre o seu estado mental, ou o pensamento, ou a ambição de vos succeder... e bem vêdes que isso é uma hypothese inadmissivel...

— Ora! ora!...

— Sem contar que sem fazer estas supposições ultrajantes, seria preciso tirar outras conclusões.

— Quaes?...

— Elle não é vosso herdeiro?...

— Sim... E então?

— Poderia bem ser — e notae que só trato de passar em revista todas as calumnias a que esta melhor — tão inesperada poderia dar corpo — poderia bem ser, repito, que alguem — tendesse ser elle um cumplice d'esses miseraveis ainda não descobertos — que, assassinando vosso irmão, o cardeal Julião, cuidaram assassinar-vos a vós proprio.

— Ah!

— Bem vedes, pois, que se tivessemos de fazer obra pela lambarice de gente de tal laia, chegariamos a conclusões extraordinarias, e por isso é preferivel acreditar n'um milagre.

— Effectivamente, tendes razão.

De novo reinou silencio, durante o qual o medico nem sequer pestanejou. A respiração regular do Papa, que parecia estar sendo presa d'uma tremenda lucta intima, ouvia-se distinctamente.

Por fim Leão X em voz surda, olhando para o chão, como se quizesse evitar o olhar do medico, disse:

— Tendes razão, tudo isto é absurdo. Comtudo se essas hypotheses fossem certas, considero, não sem receio, o perigo tremendo que meu sobrinho poderia correr. Supponhamos por um momento que taes rumores tinham chegado aos ouvidos de gente pusillanime, timorata e desconfiada, e que lhes tivessem prestado credito, decerto que teriam tomado as suas medidas. De sorte que pelo facto apenas de o imprudente se ter mettido nas mãos d'um medico... Comprehendeis?...

— Começo a comprehender — disse o doutor, que de modo algum queria interromper o Papa.

— Vós proprio acabaes de me dizer que esta sciencia está ainda na sua infancia — ajuntou Leão X, a meia voz.

— É verdade.

— E todos sabem que diminuta distancia vae, mesmo tratando-se de medicos tão experientes como vós, do medicamento ao...

— Ao veneno?

— Tal e qual.

— Bastava só que os mal intencionados dirigissem a mão do medico, ou a fizessem vacillar, fazendo-lhe derramar uma gotta a mais...

E Leão X puzera-se em pé, extremamente pallido, pallidez motivada decerto por grande commoção intima, e dirigiu-se para um genuflectorio da capella, onde ajoelhou.

— Isso bastava — disse.

Mas a voz d'elle, de subito, tomára um tom de commando sinistro. O medico comprehendeu e afastou-se, encaminhando-se para a porta. Ao chegar perto da soleira, voltou-se, dizendo:

— Vou vêr se monsenhor Lourenço de Medicis acaso peoraria.

O Papa nem sequer se moveu. Tinha já o doutor posto a mão no fecho da porta, e ia para saír, quando de subito Leão X soltou um grito rouco, que fez voltar-se o medico espantado.

O olhar esgazeado do Pontifice estava cravado n'um quadro, pregado na parede, por cima da sua cabeça, e que representava a crypta d'uma cathedral.

Velas collocadas em triangulo, e lampadas suspensas da abobada, aluniavam a nave do templo, de cada um dos lados do qual se enxergavam renques de tumulos, encimados por estatuas de pedra, ajoelhadas, ou estendidas de costas sobre a lousa funeraria, que representavam as pessoas mortas, como era uso fazer-se desde a Edade Media ao seculo XVII, quando se tratava de nobres, ou d'altos dignitarios da Egreja. Havia muitos annos que aquelle quadro estava alli. Mas só então o Papa, — que n'elle nunca

havia reparado, se mostrou possuido d'uma commoção cruciante ao dar com os olhos n'elle.

—O sepulchro!...—murmurou—e alli... alli... o cadaver!

Que recordação tremenda teriam evocado na alma do Pontifice aquellas longas fileiras d'estatuas funebres?...

O medico, assustado pela pallidez facial do Papa, abeirou-se d'elle, e disse:

—Que tendes?...

—Nada... nada... deixae-me...

O doutor avançou então um passo para a porta, mas o Pontifice deteve-o.

—Não vades... ouvis-me?... Não vades... Não quero que lhe succeda mal algum. Já está curado, bem o sabeis, ou, para melhor dizer, nunca esteve doente...

—Todavia...

—Não quero... não quero...

—Basta.

E em voz sumida, o Pontifice accrescentou, sobresaltado por um estremecimento intimo:

—Oh! o filho depois do pae... Não... não...

Tocou em seguida n'um timbre, e um camarista entrou.

—Tirae esse quadro da parede—ordenou.—Levae-o, não o quero vêr aqui mais!

O camarista cumpriu a ordem, e saíu do aposento.

Momentos depois tornou a entrar, dizendo:

—Duas pessoas solicitam audiencia de Vossa Santidade.

—Oh! mais tarde... As visitas de pela manhã deixaram-me bastante fatigado. Não quero vêr mais hypocritas que venham dar-me os parabens...

—São duas senhoras de Roma.

—Duas senhoras!? Quem são?...

—Uma é a sobrinha do cardeal Bibiena.

—Maria?

—Que vem saudar Vossa Santidade. A outra...

Leão X interrompeu o camarista, e com a vista encandeada pelo desejo, e pelo demonio da lascivia, voltou-se para o medico impassivel, e disse-lhe em voz baixa:

—Posso recebel-a?

—Que quereis dizer?

—Sangue de Christo! Bem me deveis perceber!...

—Ah! ah!...

—Ha muito que amo essa mulher.

—Mas eu tinha-vos prohibido como medico...

—Não tenho transgredido o que me preceituastes... Ha seis mezes que me vejo forçado a guardar castidade, e a romper todas as relações com as minhas beldades, inclusivamente a pobre Flora...

—Procedestes com muito acerto. A reapparição d'aquelle terrivel mal impunha-vos uma continencia absoluta.

— Oh! absoluta! Mas exagerastes decerto de mais para me assustar...

Não, que diabo! a coisa bem se vê. Não é conveniente que torneis áquelle miseravel estado em que vos achaveis por occasião da vossa elevação ao throno pontifical. Não é impunemente que o vosso sangue se transformou todo em pus, é em consequencia dos excessos que apparecem novos signaes da doença. D'esta vez fomos energicos e procedemos a tempo. Comtudo, tomae cuidado...

— Está bem. Mas por emquanto nada tenho de que recear?

— Já, já, não! E por isso vos livro do voto de castidade.

— Graças a Deus! Confesso que me chegava a incommodar, e a pezar devéras, o meu papel de José no Egypto.

E o Papa ria com todo o gosto d'um bemaventurado.

— Acredito-o, sem que seja necessario que jureis... — respondeu o medico, casquinando tambem.

Effectivamente, felizmente para a pobre Maria de Bibiena, o estado de infecção em que o Padre Santo se achava, é que a salvára unicamente dos repetidos assaltos de Leão X, e por isso nada ainda a havia esclarecido sobre os intentos bestiaes e a torpeza do seu protector. Assim, pois, continuava considerando Mohammed como o unico criminoso, como o auctor unico do plano que tinha por fim desfloral-a vilmente.

Obrigado, pois, a refrear por alguns mezes a sua vida de dissipação e de orgias, o Papa abstivera-se de a perseguir assiduamente, porque assim lh'o exigia a sua vida propria; mas o que a misera menina ignorava completamente era que os desejos do Papa, longe de terem diminuido d'intensidade, ainda se tinham escandecido mais com o tempo.

Mas desde que o medico soltára a redea a todos os desejos impacientemente reprimidos, Leão X estava disposto a tirar a maior desforra possivel de todo o tempo em que encadeára a sua luxuria. Por isso, voltando-se para o camarista, disse-lhe em voz alta:

— Dizei á joven senhora Maria de Bibiena que em breve terei o gosto de em pessoa a ir visitar.

Pensava o Papa, fallando d'este modo, que o pavilhão solitario que cedera á moça para seus aposentos durante a ausencia de seu tio, occupado ainda nos negocios da curia em França, favorecia mirificamente os seus projectos escuros.

Ia o camarista para se retirar, quando, de subito, qualquer coisa lhe occorreu, e disse o Pontifice:

— Porém a outra senhora?...

— Ah! tendes rasão. A outra senhora entregou-me um pedido de audiencia — respondeu o camarista, passando ás mãos do Padre Santo um pergaminho.

Digamos entre parenthesis que a idéa d'audiencia constitue um meio magnifico de fazer dinheiro. As petições pagam-se, e pagam-se caras se é uma audiencia geral; mas mais caras ainda se se trata d'uma audiencia particular; carissimas porem quando revestem um caracter de intimidade.

Quando acaso alguem não é admittido a uma d'essas audiencias, tem de reiterar a petição; e o mesmo tem de fazer no caso de que, além de ter sido já recebido n'uma, pretenda sel-o segunda vez.

De sorte que, por exemplo, uma mulher, coitada, uma desventurada que vem pedir o perdão de seu marido, uma filha que vem interceder por um pae, ou uma irmã por um irmão, não fallando das vezes que não obteem justiça, se acaso a obteem, é sempre as mais das vezes a preço da sua honra, além do que já teve que dispender comprando o direito de audiencia.

—A Fornarina!—exclamou Leão X, lendo o pergaminho—A amante de Raphael!... Mandae-a entrar.

Parece que o Papa não queria ganhar dinheiro com esta, e como o medico se retirava discretamente, Sua Santidade disse-lhe:

—Que quererá de mim esta mocetona?...

E um sorriso vago de satyro se lhe debuxou nos labios. O nome de Raphael, o respeito que devia, por tantas razões, guardar áquelle morto illustre, não deteve os seus pensamentos maus.

Em todo aquelle incidente não via mais senão a mulher guapa, a altiva transtiberiana de fórmas correctas, que fizera enlouquecer de pruridos amorosos Hochstratten, e com a qual ia ter agora uma entrevista. A causa da sua visita importava-lhe pouco, certo como estava de que poderia, sempre que o quizesse e o julgasse opportuno, levar a conversação para o terreno desejado.

Quando a Fornarina, trajando luto carregado, foi introduzida, quedou-se um pouco immovel na soleira da porta, perturbada, e levando a mão ao coração.

Tivera que adiar a sua entrevista até áquelle momento, pois que o successo da morte do Papa dera causa a um sem numero de recepções officiaes, que haviam forçado os camaristas a prescindir por alguns dias das recepções particulares.

Mas havia chegado emfim para a moça o momento tão esperado de conhecer o segredo do seu nascimento, segredo tão terrivel que Lucas não se atrevêra a revelar-lh'o.

Mas porque seria que aquelle Pontifice tão affavel e bom, cuja face só respirava lealdade, que era amigo de Raphael, não lhe dissera nunca coisa alguma a tal respeito? Recearia acaso suscitar odios implacaveis, faltando assim aos preceitos sagrados de santidade e concordia?... Não importa! Ella ha-de arrancar aquelle segredo de lagrimas e de sangue.

—Que quereis, minha filha?—perguntou Leão X á moça.—Mandára fechar a minha porta para toda a gente, mas só por me constar que ereis vós, resolvi quebrar o meu proposito. Devo fazel-o, em memoria de Raphael...

Mas a pobre moça, ao escutar este nome, rompeu em soluços.

—Oh! monsenhor!—balbuciou a Fornarina—é precisamente por causa de Raphael que eu venho a vossos pés. Venho confessar-me a vós, e implorar a vossa absolvição.

—É verdade?...

—Eu sou a unica culpada da morte do grande artista—continuou ella, derramando pranto copioso e sincero.

—Ora que escrupulo!... Vires accusar-te de tal deante de mim...—dizia o Papa, tentando motejar.

— Sem a minha fatal paixão — continuou — elle illustraria ainda hoje a Italia.

Afundada na sua dôr, a misera Fornarina continuava de joelhos, rojando quasi a face pelo chão.

— Levantae-vos, minha filha! — disse o Papa com doçura mellifluа — e sentae-vos aqui ao meu lado... Fazei-me este favor... O que me confessaes é sómente a expressão d'uma dor extraordinaria... Não vejo n'isso crime algum, e não tenho portanto nada de que vos absolver...

Dizendo isto, o Padre Santo puxára para ao pé de si a moça.

A Fornarina achou-se então sentada n'um largo divan forrado de ricas pelles que exhalavam um aroma suavissimo.

As dôces e consoladoras palavras do Papa conseguiram fazer-lhe levantar os olhos orvalhados de lagrimas, e chispando um lume febril, á envergonhada moça. Por causa da penumbra que reinava no aposento só o Papa podia adivinhar a formosura d'aquelles olhos.

A amante de Raphael disse então com um tom nervoso e vibrante:

— Um crime! sim, na realidade não é um crime. Um crime suppõe uma decisão, uma premeditação, e Deus é testemunha de que para o vêr agora vivo aqui, daria com prazer a minha vida...

— Coitadinha!...

E, para melhor exprimir a sua compaixão, o Papa apoderou-se d'uma das mãos da penitente, e apertou-lh'a.

— Não — proseguiu ella — não é a mim que se deve culpar da morte de Raphael. O responsavel, o criminoso, póde mesmo dizer-se o assassino, é tempo já que eu o denuncie, e desgraçadamente tenho-me demorado de mais a fazel-o.

— Conhecei'-lo pois?... Ha na realidade crime? — balbuciou o Papa.

Se não fosse a obscuridade da sala, Fornarina veria o Papa empallidecer.

— Ha — disse ella — e é um sacerdote.

— Ah!

— Um principe da Egreja.

— O que dizeis?

— E vós conhecei'-lo perfeitamente.

— Eu?

— Sim, pois que merece toda a vossa confiança... É Hochstratten...

— Calae-vos!...

Mas, mais tranquillisado por estas palavras, o Papa voltou aos seus pensamentos libidinosos.

A Fornarina continuou, dizendo:

— Sim, comprehendo que não me acrediteis. Vós, Santo Padre, julgaes que tudo em roda de vós é honradez e virtude... E todavia estaes rodeado de gente miseravel... Pelo menos, este é-o. É um infame. Sem esse homem maldito, eu estaria ainda pura, ouvis?... Foi elle que me deshonrou...

Leão X movia machinalmente a cabeça, em gestos approvativos.

Fornarina estava invejavelmente bella. Continuou, porém, em voz surda:

— Desde o dia em que me foi roubada a minha honra, desde esse dia Raphael foi condemnado á morte.

O Papa mantinha-se n'um reservado silencio.

— Sim, desde então tornei-me sua amante, e antes de tal, nunca, nunca por coisa alguma d'esta vida, teria consentido em sel-o, apesar de o amar apaixonadamente... Aprendi a arte de lhe agradar e abrazei os seus sentidos ao contacto da paixão em que eu propria ardia. Comprehendeis?...

Sua Santidade respondeu affirmativamente com um gesto.

— Ah! Eu não attentava no progresso do mal, embevecida como estava toda no delirio da minha paixão, e em satisfazer os seus desejos. Tão cega estava que um dia elle me morreu... de ter sido muito amado... E elle acreditou, ai de mim! na existencia d'um calculo vil da minha parte.

A Fornarina calou-se. As lagrimas afogavam-na, e escondia o rosto nas mãos do Padre Santo, que, depois de um escasso silencio, disse:

— Não me parece que haja razão de o lastimar!...

E o Papa acompanhou estas palavras com um gesto libertino e atrevido.

A Fornarina, ao seu contacto, saltou do divan, como aterrada, cobrindo o peito, que o Papa, faltando á mais vulgar noção de pudor e de respeito pelo morto, tinha desnudado, desabotoando-lhe atrevidamente o corpete, emquanto a chorosa moça se carpia.

— Oh! — clamou a Fornarina indignada — todos são o mesmo!...

A acção, a phrase e o entono com que isto foi proferido, era aterrador.

Leão X recuou de golpe, afivelando no rosto a habitual e tranquilla mascara da santidade e da virtude.

— Já vos disse, minha filha, que nada tenho que vos perdoar...

E accrescentou seccamente:

— Não tendes mais nada a dizer-me?...

Fornarina tinha-se quedado como aturdida. A mudança fôra tão repentina! Havia momentos já que as palavras do Pontifice eram muito mellifluas, os gestos insinuantes: mas agora, pelo contrario, interrogava-a com modo aspero e como que com indifferença.

A moça não respondeu de prompto. Como que alguma coisa de estranho se passava no seu intimo. Aquelle que, momentos antes, ella venerava como vigario de Christo, conhecia então que era um seu inimigo.

Encaminhava-se o Papa já para a porta, e á Fornarina pareceu-lhe que elle lhe indicava com a mão que saísse. Tinha concluido, portanto, a audiencia, sem que ella nada podesse saber ácerca do objecto que lá a levára. Mas o que havia feito? Tinha endoidecido decerto. Por um irresistivel arranco de pudor, ia ter que renunciar, por completo, a desvendar o segredo que tanto a torturava... Ah! mas ella estava tão longe de suspeitar que o Pontifice, pelo seu caracter sagrado, se atrevesse a um tal excesso!... Não estivera na sua mão o reprimir aquelle movimento instinctivo. Mas que ganhara ella com isso?... Nada. Apenas que a expulsassem d'alli.

Cerrara portanto para sempre, sobre si, as portas do Vaticano, e privava-se do unico meio que tinha de alcançar os dados que a sua vingança reclamava.

E porque havia então ella de indignar-se, ella que ainda não recuára

deante de furia alguma do poder sensual?... Elle unicamente, elle o Papa — tinha-lhe dito Lucas — era quem lhe poderia revelar quem originára o infortunio e a morte de sua mãe.

Agitada pelo turbilhão de pensamentos que no seu cerebro estuavam, conservou-se a moça um momento como que irresoluta: mas afinal tomou uma decisão. Visto que o Papa era um infame, fingiria prestar-se ás suas torpezas.

Estava ao pé da parede e, com um movimento, abriu o reposteiro que tapava a janella.

Cap. LV.

Podia aventurar-se a ser imprudente por odio, como já o fôra por amor. Por acaso o haver esquecido durante algum tempo os seus projectos de represalias, obrigava-a a perder agora um tempo precioso.

— Adeus, minha filha! — disse de novo Leão X.

Mas a moça, ao ouvir isto, rompeu n'uma estridula casquinada de riso. E em vez de recuar ante o olhar do Pontifice, avançou para elle, e lan-

çou-lhe os braços ao pescoço, sem deixar comtudo de continuar a rir desabalada e nervosamente.

—Confessae—disse ella—que represento bem a comedia?...

—O que dizeis?...

—O quê!... Pois havieis tomado a sério o meu sério?...

E novas e mais nervosas casquinadas da Fornarina.

O Papa, desconcertado por aquella mudança subita, não soube de prompto que replicar, mas a posse do bello corpo d'aquella radiosa mulher devia ser tão agradavel que a sua hesitação não foi de larga dura.

—Então, visto isso, era tudo brincadeira?...

A Fornarina apoiou a cabeça no hombro do Papa, e disse-lhe:

—Eu não ousava suspeitar, nem podia atrever-me a suppôr que inspiraria um amor semelhante...

O coração do Papa, a tão méllicos dizeres, enterneceu-se de repente.

—Deverieis ter comprehendido—tornou a Fornarina—que só esse receio me poderia retrahir... Não sou eu acaso uma cortezã de profissão?...

—Que feia palavra!...

—Atreveis-vos a dizer que a profissão tambem é feia?...

—Oh! não! É encantadora!...

—É certo que fui fiel a Raphael—continuou a moça—mas só para ter ensejo de satisfazer os meus maus instinctos.

E, dizendo isto, a transtiberiana, pensando na imagem de Raphael, dizia comsigo mesmo, como se elle a podesse escutar:

—Perdoae-me! Perdoae-me!

—Mas são na realidade taes actos filhos de maus instinctos?—dizia o Papa todo embevecido na plastica da Fornarina, e a quem os seus olhares cada vez incendiavam mais.

Favorecido pela meia obscuridade da sala apertou-a com força de encontro ao peito, d'esta vez sem reparo algum da parte d'ella.

—Como vós quizerdes!...—disse ella rindo.

E Leão X fez côro com ella, satisfeito do terreno em que a entrevista ia deslisando.

—Quem sabe se no fundo não ha mais que uma confusão de termos? quem sabe se o vicio não é uma virtude?...

A cortezã continuava a coquettear. O Padre Santo julgava-se já tão proximo do paraiso, fallando a linguagem de S. Pedro, quanto antes se julgára perto do inferno.

Porque, na realidade, não lhe parece ao leitor que é um inferno deixar escapar uma guapa moça que se tem entre mãos?...

E a Fornarina disse então, baixinho, mesmo ao ouvido do Papa:

—E vós sois tambem virtuoso, por esse modo?

—Sim—disse o Papa com voz mais tenue do que um sopro, mais fraca do que um cicio de briza.

A Fornarina levantou-se então, e disse:

—Ah! tendes rasão de sobejo! Não ha senão essa virtude que seja realmente boa e verdadeira. Admiraes-vos talvez de que vos patenteie assim o fundo do meu coração?... Que quereis?... Eu não sei ser arteira! Nunca ninguem me ensinou a occultar o que penso. Nunca ninguem me deu bons

conselhos na vida! Ninguem nunca se deu ao incommodo de me elucidar, nem de me educar. Cresci, entregue aos instinctos da minha natureza. Que lhe hei-de fazer? De toda a maneira agora afiz-me a ser assim. E, demais, tenho acaso culpa de que meus paes me tivessem abandonado?...

E' certo que a voz lhe tremia algum tanto ao proferir esta ultima phrase, mas afogou este tremor com uma risada nervosa que rejubilou sobremodo o Pontifice.

Seguro então o Papa já de levar a bom fim a sua empreza, pois tinha a bella moça entre os braços, divertia-se complacentemente com os preliminares da victoria.

Agradava muito ao Summo Pontifice saborear, a modo de prologo, aquellas scenas excentricas que não são mais que o preludio d'um triumpho.

—Ora!—exclamou elle—tinha que vêr se nós fossemos paes de todos os nossos filhos!...

—Seria um nunca acabar, não é assim?...

—Precisamente. E, demais, quando se toma uma mulher por prazer, é com o direito de a abandonarmos, quando ella nos enfastia.

—É claro.

—Toma-se uma amante, ama-se...

—Ou, pelo menos, assim se diz...

—Amamol-a porque ella ri e se nos abandona. Um dia resiste e chora, dá-nos um menino que por sua vez chora tambem, que embaraça ao principio, e compromette depois. Na verdade, mettendo as mãos na consciencia, o que se ha-de fazer?...

—Abandonar a mulher.

—E depois?

A Fornarina com voz aspera continuou:

—E não deveis ter feito poucas d'essas desgraçadas!...

Mas ria, casquinando sempre ao dizer isto, sem descravar os olhos do Padre Santo.

—Oh!—disse o Papa, rindo tambem—não tantas como podeis julgar...

—Sim, sim...

—Não, juro-vos... Em primeiro logar, nenhuma se atreveria a apresentar-me uma creança.

—Comprehendo.

—Uma, no emtanto, atreveu-se a fazel-o em certa occasião...

—Fallaes sério?...

—Sim, mas foi já ha muito tempo... Apresentou-me uma menina que hoje deve ter pouco mais ou menos a vossa edade.

—Devéras?

E a Fornarina inclinou-se tanto sobre o Padre Santo que lhe roçou quasi a face com os labios.

O Papa estremeceu.

—Mas deixemos este assumpto, não é verdade?...

—Porque? Fallemos antes pelo contrario n'elle.

E a moça, apertando o Papa nervosamente, accrescentou:

—E essa menina morreu?...

—Não. Talvez que sim... Eu nada sei. Mas dizei-me agora lá porque vos interessam tanto estas historias de meninos e de meninas?...

E Leão X, sem saber bem porque, estava inquieto. Estava bem longe de imaginar que a conversação tomasse aquelle geito. Um presentimento secreto como que lhe augurava algum desgosto. Pelo menos conhecia que estava perdendo miseravelmente o tempo. Os preliminares por onde elle começára aquella scena pareciam-lhe mais idoneos á realisação dos seus desejos, mas a Fornarina continuava insistindo.

—Tudo o que vos diz respeito, Santo Padre, interessa-me a mim tambem—disse a moça com um sorriso forçado—além de que eu pertenço á mesma classe d'essas creanças abandonadas. A minha infancia foi como a d'ellas, e estou sempre a cogitar que á força de interrogar personagens como vós, posso aclarar o que ácerca do meu passado me fica sempre obscuro. Creio que se o meu passado tivesse sido venturoso, me interessaria menos: mas quasi que tenho a certeza de que foi muito triste. De minha mãe apenas sei que morreu louca, e n'um convento...

—Louca?—exclamou o Papa—Em um convento?...

Leão X não pensou mais em acariciar a face da moça. Ao ouvir aquellas palavras, como que um arrepio algido lhe correu dos pés á cabeça.

—Ah!—exclamou a Fornarina—Sabeis acaso alguma coisa a este respeito?

—Eu?

A voz da Fornarina era tão sombria, o seu olhar tão faiscante, que o Papa, que se desviára d'ella um pouco, recuou espantado.

Estava encostado á parede, e n'um dos seus gestos descerrou um pouco a cortina da janella, por onde penetrou um raio de sol que bateu de chapa na face da Fornarina.

O Papa não pôde reprimir um grito, ao vêl-a.

A physionomia da sua penitente havia-se transformado de subito. O rosto da transtiberiana como que se havia transfigurado, e a face de Rachel, a judia abandonada, a sua amante, perpassou-lhe ante os olhos, como no dia em que a viu surgir no convento como um espectro vingador no meio da escandalosa e desenfreada orgia.

—E então?—disse a Fornarina com ar altivo, ainda que tremula d'anciedade.

O Papa, no emtanto, murmurava muito baixinho:

—Ella! ella!

E, como que atenazado de horror, escondeu entre as mãos a face.

—Oh!—gritou então a Fornarina com os olhos demasiadamente dilatados, a vista errante.

E, como que varada pelo terror d'um segredo, recuou até ao fundo do escuro aposento.

Chegou á porta, abriu-a, sem se atrever a olhar para traz, e deitou a correr n'uma vertiginosa carreira, esforçando-se em vão por comprimir os gemidos que a estrangulavam.

SETIMA PARTE

A Egreja do Renegado

CAPITULO LVI

Como sabem morrer as mães

ABANDONAMOS Luthero e Catharina de Bora no momento preciso em que uma pancada violenta que haviam batido á porta interrompera bruscamente o seu amoroso idyllio. Catharina, como que advertida por um secreto presentimento, d'um pulo collocára-se entre a porta e o amante.

—Não abraes!—disse ella.

—Porque?

—Não sei porque, mas tenho medo.

As pancadas redobravam, e uma voz de mulher gritou:

—Abrí! Abrí!

—Eu conheço esta voz—disse Luthero.

E, sem hesitar mais, correu a abrir a porta.

—Francesca!

—Emfim chego a tempo, louvado Deus!

—O que é que vos succedeu?

—A mim nada. A vós é que...

—Fallae!

—Perseguem-vos.

—A mim?

—Ah! meu Deus!

Catharina de Bora, que é quem soltára esta exclamação, lançou-se livida, e como desassisada, nos braços de Luthero.

—Vamos, socega... Deixa que eu saiba os pormenores.

—Querem colher-vos de surpreza. E tentam desfazer-se de vós por todos os meios que póde imaginar a perversidade mais requintada.

—E quem se atreverá...?

—O clero.

—Ah, louvado Deus! Já me admirava a mim que se passasse um dia sem que eu tivesse conhecimento de mais um crime seu.

—Querem condemnar-vos á fogueira.

—Misericordia!—clamou Catharina, sacudida de soluços.

—Devéras?—perguntou Luthero.

—Parece que haveis queimado uma bulla em que o Papa vos havia excommungado...

—Fil-o, e tornaria a fazel-o novamente...

—Pois querem que tambem vós pereçaes nas chammas.

—Estaes certa do que dizeis?...

—Eu é que descobri a trama que se urdia contra vós.

Catharina estava toda tremula de medo.

—Bem te dizia eu!—exclamou ella—Bem fundado era o meu susto!... Quando me lembro de que nunca me quizestes dar ouvidos quando vos aconselhei que fugisseis...

—Talvez ainda seja tempo.

—Sim—disse Francesca—quando se emprehendeu uma empreza como a vossa, o verdadeiro valor consiste em saber evitar as ciladas e levar a cabo o que se emprehendeu.

—É verdade!—observou Catharina.

—Então apressae-vos, que o tempo urge.

—Mas então que havemos de fazer?... Fallae, senhora, aconselhae-nos...

—Antes de tudo, prescindamos de palavras inuteis—disse resolutamente Luthero—dizei-me o que é que descobristes, e portanto o que temos a fazer. Isto é o importante para que a nossa fuga seja efficaz...

Francesca acercou-se n'este momento da janella, a vêr se enxergava alguma coisa suspeita. Ao vêr a rua deserta e socegada respirou desafogadamente.

—Felizmente consegui que me perdessem de vista. Agora ouvi-me.

Francesca então referiu em poucas palavras o seu encontro com aquelle honrado cura, a sua visita forçada ao palacio do arcebispo, a sua espera solitaria na sala em que pelo tubo da estufa ouvira o dialogo dos assassinos, e soube a morada do chefe do protestantismo.

O seu primeiro cuidado fôra fugir o mais depressa que póde do palacio do arcebispo, procurando chegar primeiro do que os soldados dos seus perseguidores. Viera cheia de susto, não se perdesse na cidade, que não tivesse ouvido bem a morada, ou emfim que o nome da rua que ouvira não fosse o da verdadeira residencia. Por isso descera apressadamente a escada do palacio, e chegára sem obstaculo até á porta do vestibulo da entrada. Felizmente tinham chamado o porteiro n'aquelle instante, o qual desapparecera no momento em que ella precisava evadir-se. Tratava de se orientar, quando quiz a sua ma estrella que topasse na frente uma escolta,

commandada pelo maldito homem da capa verde. Sentiu-se inundada d'um suor frio. O seu primeiro pensamento fôra para seu filho, o infeliz Giannino, que os seus perseguidores suppunham morto; porém se lhe vissem um menino nos braços tel-o-hiam assassinado sem piedade, para ficarem mais seguros. Por isso escondeu-o cuidadosamente nos seus farrapos e, sem perder de vista a guarda, tratou de apressar mais o passo.

Frick-Frick, apesar d'isso, conhecera-a, e deu uma ordem aos soldados, que por momentos mudaram de rumo e se puzeram em perseguição d'ella. Como a prisão de Luthero não tinha pressa, visto que, como não tinha sido avisado, não se poderia evadir, o importante para elle era aproveitar a occasião que a Providencia acabára de lhe facilitar, entregando-lhe alli tão perto aquella mulher que com tanto afan buscava ha tanto tempo, e que com tanta obstinação achava sempre meio de se lhe evadir, quando a sua morte o poria no gozo de uma fortuna consideravel. Francesca, ao sentir-se seguida, pareceu-lhe que lhe nasciam azas.

Achava-se n'uma rede de viellas estreitas, tortuosas, que desembocavam em becos labyrinthicos. E esta circumstancia é que a salvou. Tivera tempo de esconder o filho, e designou a Luthero o logar em que o deixára.

—É o local chamado das *Cegonhas*, e mesmo d'aqui se póde vêr.

Fôra n'aquelle ponto que os soldados haviam perdido de todo a pista d'ella, e fôra graças a esta circumstancia quasi providencial que pudera chegar á porta da casa do seu amigo, que ella conhecera pela descripção que ouvira no palacio do arcebispo.

—Agora — accrescentou — os momentos são preciosos! A soldadesca, farta de me ter seguido embalde, vae de novo recomeçar a tarefa de que a incumbiram, e d'aqui a poucos instantes talvez que batam aqui.

—Ah! — exclamou Luthero — fugir, fugir sempre, quando tão bem me podia defender aqui, quando tão cara lhes podia fazer pagar a minha vida!...

—E se succumbisses á força do numero?

—Ao menos morreria como um martyr.

—Oh, cala-te!

—Talvez que attrahidos pelo rumor da minha lucta, os meus discipulos acorressem a defender-me, e a victoria então seria o triumpho do nosso schisma.

—Não viriam talvez a tempo, ou viriam em pequeno numero, em relação aos soldados, que são muitos. Fugi — continuou Francesca — ao menos, quando mais não seja, por ella.

E apontou para Catharina suffocada em pranto.

—Supplico-vos tambem pela vida de meu filho! — ajuntou ella. — Não quereireis decerto abandonal-o, depois do muito que tendes feito por elle e por mim!...

É verdade — replicou Luthero — Não devo esterilmente arriscar a minha vida. Pertenço a todos os que têm fome e sede de justiça e felicidade. Pertenço-vos sobretudo a vós, pobres mulheres que jurei tomar sob a minha protecção.

E, dizendo isto, pegando-lhe nas mãos, disse:

—Vamos.

E abriu a porta. A noite vinha descendo.

—Vamos depressa!—disse Catharina.

Mas de golpe Luthero recuou e disse com voz rouca:

—Eil-os alli!

Com effeito, na outra extremidade da rua direita um pelotão de soldados avançava, com passo regular.

O que depois occorreu foi tudo obra d'um instante. As palavras que entre si trocaram estes sympathicos personagens da nossa historia foram ditas em voz baixa, e n'esse tom simples e calmo que as almas superiores sabem ter na hora das resoluções supremas.

Francesca perguntou:

—Não ha outra saída?

—Sim, ha outra.

—Para onde deita?

—Para o campo.

—Ainda é tempo de fugir!—disse Francesca—Graças á escuridão da noite que avança, podereis passar sem que vos apercebam.

—Chegaram muito antes que a gente tivesse tempo de se pôr fóra do alcance d'elles.

—Parti, pois, que eu ficarei!—disse resolutamente Francesca.

—Vós?...

—Sim, ficarei para os entreter alguns instantes emquanto vos evadis... Talvez vos sejam uteis...

—Sim, mas não sabeis que logo que lhes abraes a porta, e que elles nos não encontrem, sereis sacrificada, porque vos reconhecerão?

—Bem o sei.

—Mas matam-vos!

—É isso mesmo que desejo.

—Francesca!

—Parti, já vos disse!

—Nunca!

O rosto da pobre mãe havia-se transfigurado. Radiava n'elle como que uma expressão formosa e sublime de commando.

—Ide-vos! repetiu ella—Assim, salvo meu filho... Deixae-me gosar d'esta consolação.

—Mas porque não fugis comnosco?

—Expor-me-hia. Convenci-me d'isso, não ha muito. Emquanto viver, perigará a existencia de meu filho. Suppõem-no morto. E sou eu agora que causo estorvo, e sou uma constante ameaça á vida do meu Giannino! Terrivel sorte a minha! Uma mãe que compromette a existencia de seu filho! Comprehendeis uma desgraça como esta? Oh! isto não póde durar! Quando se destizerem de mim, julgarão ter acabado com a minha raça. O meu filho poderá então viver descansado debaixo da vossa vigilancia, porque vol-o confio até ao dia em que possa ser proclamado, a face do mundo, o herdeiro de soror Noemi. Sereis vós que o ajudareis a provar os seus direitos, não é verdade?

—Juro-vol-o.

—Obrigada. Bem vêdes pois que deveis consentir que eu morra. Por mim, estou farta da vida. Peza-me a existencia. Fugi!

Estas palavras foram proferidas n'um tom que não admittia réplica. Os passos da escolta escutavam-se cada vez mais proximos, fazendo recear que, se não fugissem prestes, em pouco tempo seria tarde já.

—Fugi!—repetiu a mãe.—Amae-vos, e amae-o!

E emquanto lhes dizia isto fechava apressadamente a porta da rua com o ferrolho.

Luthero beijou a mão d'aquella martyr, e em seguida, pallido como um morto, saiu rapidamente pela porta do fundo, sem dizer palavra, e com os olhos rasos de lagrimas, arrastando Catharina, que quasi se não podia suster em pé.

Reinava na casa um fundo e solemne silencio, e Francesca, imperturbavel, esperava a morte de animo afouto.

—Giannino!—murmurava a infeliz.

E, em voz mais sumida, repetiu:

—Lourenço!

N'este instante estrugiram á porta da rua fortes pancadas dadas com as culatras dos arcabuzes pelos soldados de Frick-Frick.

—Abram, em nome da auctoridade!—gritou uma voz.

Francesca encostou-se á parede, pondo a mão no coração.

—Abram!—regougava a mesma voz.

E as pancadas redobravam de violencia, dadas com as culatras.

Vendo que a porta cederia com demasiada facilidade, barricou-a com os moveis que achou mais á mão, e que pôde remover. O mesmo fez á janella, por onde receou algum assalto. Depois de ter feito isto, cruzou os braços.

A casa estava ás escuras, e só pela janella que dominava a porta se coava uma tibia claridade.

Não tardará muito que estejam a salvo!—cogitava Francesca.

Fóra ouviam-se furiosas imprecações.

—O renegado resiste!—diziam as ditas vozes.

—Arrombemos a porta.

—Está barricada.

E uma voz que ella conheceu ser a do homem da capa verde, ordenou:

—Cercae a casa, assim não poderão escapar-se.

Um tenue sorriso se debuxou nos labios de Francesca, que disse:

—Já não os encontrarão, e o meu filho será salvo.

Não pôde concluir a phrase, porém, porque n'este momento a porta foi violentamente empurrada, e os gonzos saltaram.

A porta, todavia, não foi abaixo, porque estava sustida pelos moveis. Os soldados continuaram entretanto forcejando, e desesperavam já de levar a cabo o arrombamento, quando a outra porta de repente se abriu, e por ella penetraram alguns homens com archotes accesos, que espalharam luz na casa.

É que uma parte da escolta, ao ter cercado a casa, lobrigára a porta trazeira, por onde haviam podido penetrar emfim. A testa d'aquelles homens marchava Frick-Frick.

—A mãe!—exclamou elle ao vêl-a.—Que bella ratoeira!

Francesca, porem, não se bulira do seu logar. Continuou sentada, e com os braços cruzados.

O homem da capa verde examinou a casa com olhar de lynce e rapidamente, e depressa comprehendeu o que haveria occorrido.

—Agora não me escaparás das mãos!... Filem-me bem essa mulher!

Os soldados obedientes apressaram-se a prendel-a, e n'um abrir e fechar d'olhos a manietaram.

E Frick-Frick, fóra de si, urrava:

—Vejam que canalha! A culpa é toda d'esta! Foi sem duvida quem avisou o frade. E certamente uma das muitas mulheres com quem elle está casado lá a seu modo. Fugiu decerto, e para distrahir a nossa attenção, ella ficou, para que emquanto a perseguissemos a ella, elle se poder escapulir. Marafona, agora vaes pagar por todas as que nos tens pregado. Vaes pagar tudo, com capitaes e juros. Antes, porém, dize-me onde é que elle está.

Francesca porém apparentava não entender o que lhe diziam.

—Aonde está elle? Respondes ou não?...

A mãe não respondeu.

—Vamos, é a ti que me dirijo, mulher! Acaso não tens lingua?

Frick-Frick furioso acercára-se da mulher e dava-lhe empuxões violentos e brutaes.

—Vejamos se ella tem lingua—disse elle rindo com um modo feroz.

—Sim, tens. Porém já que não usas d'ella, de nada vale que a tenhas.

E mettendo-lhe os dedos na boca, providos de unhas longas e recurvadas, realisou com os dedos na garganta da desgraçada mulher um movimento de rotação, e arrancou um troço de carne ensanguentada, que era a lingua da pobre mãe de Giannino, e que atirou ao chão.

—Agora—exclamou Frick-Frick—serás muda ao menos, com razão!

A infeliz mãe não soltou um grito. Um sorriso atroz contrahiu a sua boca mutilada, e cheia de borbotões de sangue. Pensava em que se sacrificava por seu filho, a quem salvava d'aquella sorte de algum supplicio cruel.

—Ella imagina talvez que com isto acabaram todos os seus tormentos! —continuou Frick-Frick, cujo furor por momentos tinha accessos.

Mas a mulher continuou queda e immovel, como se fosse de pedra.

—Ouvi, capitão—disse um dos soldados.—Não vos parece que lhe façamos experimentar a ella o que estava reservado ao frade?...

E ao dizer isto, ria com um riso satanico.

—Não—replicou o capitão, um inglez membrudo e fleugmatico—o que seria util para castigar o chefe da revolução religiosa, não conviria, decerto, fazel-o a uma mulher desconhecida. Expor-nos-hiamos talvez a avivar a chamma da discordia.

—O que faremos então?...

—Visto que me daes a honra de querer saber a minha opinião—disse o capitão inglez a Frick-Frick—direi que eu preferiria para a senhora uma morte mais modesta e menos theatral, mas que apesar d'isso não deixaria de ser divertida. Precisamente, não ha muito tempo que me vieram pedir um cavallo ferido, para... Sim... Que vos parece?...

Magnifico! Eis uma ideia original!

— Agrada-vos?

— Muito. Levae-a, e em marcha.

Aonde irá pelo meio do campo aquella procissão funebre, precedida d'alguns archotes de luz vacillante?

A joven caminha silenciosa, muda, emfim. Se podesse fallar, seus labios não pronunciariam decerto mais do que o nome de seu filho Giannino.

Eis que param agora. O brilho das luzes reflecte-se na superficie tranquilla da agua que se lhe estende aos pés. O que irão fazer? A noite está fria e escura, envolvendo na sua escuridão tudo, como um sudario. Despem á misera Francesca a sua roupa andrajosa, e a soldadesca bestial cerca-a contemplando com olhos de satyros de caserna aquelle bello e pobre corpo que a ventania açouta, rejubilando-se em lhe offenderem o pudor, ao som de gargalhadas tão obscenas como as suas palavras e os seus olhares atrevidos.

Felizmente Tetzel não está alli. Nem teem que recorrer á mordaça, porque á triste foi-lhe arrancada a lingua, e não mais fallará.

Agora descem-na á agua. Que horrivel frio lhe penetra os ossos todos! Quererão os malvados afogal-a? Não parece, pois que a seguram por debaixo dos sovacos dos braços, e a amarram a uma arvore que fluctua na corrente. É tal o frio que sente que as pernas d'ella parecem columnas de gelo. Não é decerto aquella morte lenta e terrivel que ella desejava. Deixal-a-hão os miseraveis exposta d'aquella sorte á fome e ao frio?

E que agonia tão terrivel! O espanto debuxa-se nas feições pavidas da pobre mãe que não atina com o genero de morte que lhe destinam. Decerto esperam que a morte da infeliz não se fará esperar muito, visto que se não tiram d'alli, e tambem parece que a não pretendem atormentar, porque a deixam quieta.

Ah! mas de subito estremeceu até á medulla dos ossos, e toda ella tremeu. Que impressão indescriptivel a que sentiu! Sente como que uns reptis roçando-lhe a epiderme, e percorrendo-a em todos os sentidos, aggregando-se e adherindo-lhe ás pernas, aos seios, e ao ventre. Comprehendeu tudo então, ao sentir-se tenazmente sugada em mil partes do corpo. É que a puzeram n'um tanque de sanguesugas, e a abandonaram a esses animaes asquerosos e repellentes, de que não póde defender-se, e cujas picadas se multiplicam a cada momento. Aquillo é horrivel e inaudito! Gemidos roucos de inenarravel soffrimento se escapam da garganta da desgraçada, que demais a mais, muda como está, nem lhe resta o supremo allivio de gritar, de gemer, de poder insultar os seus assassinos. O horror, o asco, a repugnancia physica, tudo contribue a augmentar a sua tortura. Que infernal e repugnante contacto! As sanguesugas formam já uma legião que sobe, corre, trepa, marinha, desce pela carne da victima que estremece nervosamente. Afinal cobrem-lhe os seios todos e dependuram-se d'elles. Que espantosos vampiros! Não haverá acaso um mais avido do que os outros, que procure a fonte da vida mesmo no coração e lhe encurte aquelle tormento inexprimivel? O sangue jorra já em borbotões das picadas. Sente-se langue, frouxa e debilitada. A impressão que lhe causa a vida escoando-se lentamente é, no meio de tudo, dóce, e quasi voluptuosa.

Afinal succumbiu, e desmaiou, pensando ainda n'um nome querido:

— Giannino!

Um derradeiro estremeção convulsiona-lhe o corpo todo. Levantou a cabeça um instante, para de novo a deixar pender.

— Morta!

Frick-Frick convenceu-se afinal, e afastou-se, todo ancho da sua obra.

Quando regressou com os seus soldados ao palacio do arcebispo, satisfeito da sua ideia, murmurou esfregando as mãos:

— A mãe depois do filho!... Na realidade, apesar do outro se me haver esgueirado, empreguei bem o meu dia, não perdi o tempo! Os milhões estão ganhos! Agora resta ver a que algibeira irão parar!...

CAPITULO LVII

Como sabem morrer as virgens

O cardeal Lourenço de Medicis estava effectivamente bem curado, e os nossos leitores sabem melhor do que ninguem que não era preciso para o explicar a intervenção de nenhum milagre. A comedia da loucura que representára tão habilmente abortára no momento mesmo em que ia ser coroada do exito mais cabal, graças á estupidez e ambição dos cardeaes do conclave.

O que não fôra fingido era o desmaio que tivera ao vêr entrar o Pontifice na sala das deliberações do conclave: a impressão que o apparecimento do homem que cria morto lhe fez foi tal, que não pôde dominar-se, e caíu no chão, sem sentidos.

Foi d'este successo que elle tirou partido para explicar o fim da sua loucura. A subita alegria de vêr seu tio, seguindo-se á impressão dolorosa que sentira pela sua morte, fôra o que lhe restabelecera de novo a razão.

Leão X, porém, como sabe o leitor, não se deixou lograr. Os cardeaes mesmo, ao saberem a noticia, suspeitaram da artimanha, mordendo-se os dedos de raiva, por vêr que tudo fôra uma comedia, que convinha dissimular.

Apesar da prohibição formal de se visitar o enfermo, imposta pelos medicos durante tres dias, dois individuos conversavam na alcova de Lourenço. Estes dois homens eram Miguel Angelo e Machiavello. Não é possivel contar nem o seu desencanto nem o seu desespero pelo que succedera. Aquillo fôra uma fatalidade horrivel. Apesar dos seus esforços, da sua adhesão, dos seus sacrificios, apesar da justiça da sua causa, acabavam de naufragar miseravelmente á vista do porto dos seus desejos.

Que demonio seria o que protegeria o Papa? O que mais os desesperava é que a existencia da conspiração fizera-se publica, e que a lucta, ainda mesmo que se désse o caso de se começar de novo, era muito mais difficil e desigual do que nunca. Não deveriam repousar um só momento, d'aquelle dia em deante. Mas a que novo trama recorreriam para renovarem com exito as suas tentativas?

—Ah!—disse Miguel Angelo—tudo nos abandona!

—Sabeis o que receio?

—O que é?

—Que Leão X suspeite que haveis attentado contra a vida d'elle, e desconfie de que a vossa doença fosse fingida, e que então, seguindo o fio da intriga, de deducção em deducção, chegue a descobrir o nome dos conjurados... Não é que eu me arreceie, não da morte, bem o sabeis... mas sim que morreria desconsolado se a vingança me viesse a escapar.

Lourenço de Medicis pôz-se em pé, e d'um cofresinho do escriptorio tirou um pergaminho.

—Descançae—disse elle.—Meu tio não me retirou a estima um momento só...

E, dizendo isto, sorria ironicamente.

—Olhae, eis uma carta d'elle. N'ella dá-me os parabens da minha cura, dizendo-me que o teria desconsolado que a falsa noticia da sua morte fosse causa da minha.

—Tanto melhor para nós se elle acredita isso!

—Acredita. Tanto que me presenteia com novos bens e honras, um brinde verdadeiramente principesco, que se compõe de nada menos do que dos dois ducados de Urbino e de Ferrara, dos quaes, reparae bem n'isto, despoja Rovere, seu inimigo.

—Tudo marcha bem então!

—Dizei-me—perguntou Machiavello—não deveria ter chegado esta manhã a Roma o cardeal Bibiena?

—Segundo os calculos d'elle, ácerca do caminho que ainda lhe restava a percorrer, só poderia chegar d'aqui a uma hora, o mais tardar...

—Bem me espantava eu de ainda o não ter visto!

—Tomei medidas prudentes, afim de o inteirar da verdade, sem ter necessidade de vir a minha casa, o que poderia compromettel-o... A sua primeira visita não será ao Vaticano?...

—Tendes razão.

Esta conversação tinha logar no mesmo dia da entrevista de Leão X com a Fornarina.

O cardeal de Bibiena tivera que prolongar a sua estada na côrte de França, pelos assumptos que o lá chamaram. Enviado, como sabemos, pelo Papa, a negociar com o rei a influencia da côrte romana, vira com intimo pezar a sua missão prolongar-se indefinidamente. Quando cuidava poder regressar a Roma chegaram-lhe novos mensageiros, portadores de ordens, cujo cumprimento exigia tempo e negociações interminaveis.

Leão X, de facto, julgando que a presença de Bibiena poderia servir de obstaculo a realisação das suas pretenções sobre Maria, e forçado por outro lado a esperar que o medico lhe levantasse a prohibição de ter com-

mercio com mulheres, inventava mil pretextos para conservar o cardeal afastado do Vaticano.

Desgraçadamente o dia chegou em que a missão do cardeal terminou definitivamente, sem que nenhum novo mensageiro lhe trouxesse ordem alguma.

Obedecia isto á preoccupação de que estava possuido o Papa, a respeito da conspiração que contra elle se tramava, conspiração que terminou pela tentativa de assassinato dirigida contra a sua pessoa santa.

Como havia alguns mezes já que Bibiena vivia descontente na côrte de França, e não desejava mais do que um pretexto para a deixar, julgou inutil esperar mais, e partiu em continente na caleça de posta. Impaciente, e com um presentimento secreto que o aguilhoava, para não perder tempo mandou adiante de si um correio encarregado de preparar as mudas. Além do presentimento, inquietavam-no as cartas de Maria que depois da morte de Raphael, sobretudo, estava inconsolavel.

O auctor do *Principe*, o sagaz Machiavello, pensava assim: Morto Leão X, Bibiena era o unico cardeal que os amantes da liberdade podiam acceitar, no caso de que os cardeaes reunidos no conclave desconfiassem de Lourenço de Medicis, como era assás provavel.

Liberal, honrado, pouco disposto a favorecer intrigas, Bibiena, visto que ainda não soára a hora de supprimir o papado, seria em todo o caso mais um nome na lista dos cardeaes votantes, e dos candidatos. Se, por felicidade, a eleição recaísse n'elle, elle só poderia mudar a face das coisas.

Eis aqui porque, na empoeirada estrada que conduz directamente a Roma, galopava um cavalleiro, vindo da banda da Cidade Eterna. De vez em quando o cavalleiro aprumava-se nos estribos, e interroga com a vista o horisonte. Depois esporeava o animal, e partia veloz como um raio. O crepusculo aproximava-se, e nada ainda chamára a attenção do viajante, quando soltou um grito de alegria.

É que acabava de lobrigar uma caleça puxada por quatro cavallos e precedida de um postilhão, que avançava na direcção opposta.

—Finalmente!—murmurou elle.

Metteu esporas ao alazão, e momentos depois alcançára a caleça. Mudou de rumo, e pôz-se a cavalgar na direcção de Roma, conversando n'estes termos com o cardeal Bibiena:

—Da parte de quem vindes?—perguntou o cardeal.

—Da parte de monsenhor Lourenço de Medicis—respondeu o mensageiro, entregando a Bibiena uma carta que elle leu, n'um relance d'olhos.

—Vós chamaes-vos Neumann?

—Sim, monsenhor.

—E o que tendes que me dizer?

Neumann contou então a Bibiena os ultimos successos e o assassinato de Leão X—porque Neumann fora enviado logo em seguida ao golpe dos conspiradores: contou tambem os preparativos do conclave, a impaciencia que devorava os seus amigos, entre outros Miguel Angelo e Machiavello, por não o verem ao pé de si, e em seguida ajuntou:

—Não temos senão mais duas jornadas a fazer. O conclave não se reunirá provavelmente senão d'aqui a alguns dias. Apressemos-no pois.

—Receio muito—disse Bibiena, depois de lastimar o pensamento do Pontifice—que os meus collegas tenham precipitado a reunião do conclave, com o fim de facilitar certas intrigas. Quando eu chegar, vereis que hão-de ter começado as deliberações.

E o leitor bem sabe que os seus receios não eram infundados.

—Leão X morto!—cogitava entretanto Bibiena em quanto a caleça rodava. Minha pobre Maria deve estar bastante pezarosa com isto. Acaso seria este o presentimento que me atormentava? Como andei bem em regressar, e que alegria vou ter em abraçal-a! Minha pobre filha! Como ella receava, coitadinha, que eu me ausentasse!...

Começavam-se a enxergar já ao longe os campanarios da cidade detraz da linha cinzenta das collinas, quando de chofre, á saída de um pequeno bosque, os cavallos se encabritaram.

—Deixa passar!—gritou o cocheiro, brandindo o chicote.

Um sêr estranho estava em pé, no meio do caminho, sombrio e immovel.

—Não ouves, maldito?—continuava berrando o cocheiro.

E dispunha-se já a deixar-lhe caír o pingalim sobre o espinhaço, quando Neumann o impediu, dizendo:

—Mohammed!

E accrescentou, voltando-se para o cardeal:

—Monsenhor, é um dos nossos amigos. Ordenae que o deixem aproximar.

Bibiena fez um gesto ao cocheiro. O estranho personagem era Mohammed, de facto, com aspecto mais feroz e sombrio que de ordinario.

Mal se abeirou da portinhola, disse:

—Tenho uma grande novidade a communicar-vos.

—Quem te envia?—perguntou o cardeal.

—O cardeal Lourenço de Medicis.

—Elle, outra vez!

—Não foi este o mensageiro—continuou o arabe, mostrando Neumann—que vos annunciou, da parte d'elle, a morte de Sua Santidade?

—Sim.

—E eu venho annunciar-vos que Sua Santidade Leão X não deixou de ser chefe da Egreja.

—Não morreu?—exclamou Neumann.

—Não.

—Tu vistel-o?

—Ha bocado.

O discipulo de Miguel Angelo ficou tão esbarrondado, como estupefacto o cardeal. Os olhos de Mohammed pareciam fusilar raios.

—Por isto mesmo—continuou o arabe—é que vos conjuro, monsenhor, a que vos apresseis.

—Porque?

—Porque a honra de alguem, a quem muito quereis, corre imminente risco.

Bibiena estremeceu. Estas palavras confirmavam lhe os seus presentimentos.

—Falla!—disse elle.—O que te atreves a insinuar?...

—Nada de que não esteja absolutamente certo.

—Não sabes acaso que ha no mundo apenas uma pessoa que eu ame de todo o coração?

—Sei.

—E é a ella que te referes?

—É a ella que me refiro.

E o ar torvo de Mohammed impressionava o cardeal.

Depois continuou, com solemnidade:

—Ide, ide depressa. Eu já salvei uma vez essa pessoa, e por ella estive a ponto de morrer... Ide direito ao Vaticano. Entrae pelo pateo do Meio Dia, e dirigi-vos ao pavilhão isolado.

Bibiena estava tremulo.

—É o pavilhão d'Hercules?—perguntou.

—Esse mesmo. Batei para que vos abram. Se a porta estiver fechada, e se encontrardes uma serva, interrogae-a...

Reinou um angustioso e cavo silencio, que Neumann interrompeu, dizendo:

—Monsenhor, podeis dar todo o credito a este homem.

Eis a razão por que, pouco depois d'isto, se viu passar veloz como um raio uma caleça puxada por quatro soberbos cavallos, e atraz, envolto n'um turbilhão de pó, um cavalleiro levando á sua garupa um sêr estranho que muitos tomariam por um anão.

* * *

Depois que a Fornarina saíra, Leão X ficára silencioso, apprehensivo e quasi grave.

Um mysterio envolvera o nascimento d'aquella moça, e elle não se atrevia a pensar n'aquelle mysterio, receando descobrir n'elle alguma verdade terrivel. Apesar de não estar bem certo do espantoso segredo que descobrira, preferiu não pensar n'elle, deixando-se fluctuar á tona d'uma duvida prudente. Sim, aquelle partido era, na realidade, o melhor, tanto mais que lhe deixava plena liberdade d'acção, e lhe suffocava todo o remorso. Por isso não teve que fazer grande esforço em repellir as ideias lugubres que o cruciavam.

Deu alguns passos pelo aposento, mas parecia que o mesmo echo dos seus passos o assustava.

Era fóra de duvida que o Papa perdera a sua calma habitual, e que aquella guapa transtiberiana o havia transtornado, contando-lhe umas historias do outro mundo... Era preciso buscar uma distracção, um remedio ao seu pesadêlo.

Foi então que se lembrou de ter promettido que iria visitar Maria de Bibiena. Aquella donzella, ao menos, não o faria parar no meio dos seus arrancos amorosos, acordando-lhe alguma torpeza lugubre ou infame da sua existencia pontifical.

Por isso dirigiu-se resolutamente para o pavilhão d'Hercules.

— Minha senhora, Sua Santidade! — exclamou Julieta, precipitando-se na sala em que Maria bordava.

Leão X entrou, e Maria retirou-se prudentemente.

— Ah! monsenhor — começou Maria, saindo ao encontro do augusto personagem — não podeis imaginar quanto é grande a minha alegria e a minha felicidade!... Quando imagino que prestei credito ás noticias falsas que circularam e que tambem vos julguei morto...

— Escapei de boa! — respondeu Leão X, sorrindo com sorriso paternal.

Mas sempre é certo o que dizem? Tentaram na realidade assassinar-vos, e só escapastes devido a uma parecença, que se póde qualificar de providencial?...

— É verdade.

A joven entregou-se então livremente ás expansões d'uma alma boa e sincera. Exprimindo o sentimento que a assaltára quando chegou a convencer-se da catastrophe, o seu rosto animou-se, e no seu olhar naturalmente meigo brilhava uma expressão mais doce ainda. Leão X escutava-a sem a interromper, turbado por aquellas palavras que denotavam a existencia de um terno affecto a seu favor. N'aquelle dia achava-a mais bella do que nunca, e por isso conservava entre as suas mãos, mais do que era decoroso, a mão delicada da gracil menina.

Maria proseguiu exprimindo os seus sentimentos, sem suspeitar mal dos olhares insistentes do Papa. Leão X chegou mesmo a equivocar-se ácerca da natureza do affecto de que lhe dava provas Maria de Bibiena.

Talvez que eu tenha conseguido impressional-a! — dizia elle. — Aquelle auxilio que ella julgou libertador da sua honra não a teria conduzido do reconhecimento a outro sentimento mais doce?...

Maria, sem cessar de fallar, passou ás recommendações da sollicitude feminina:

— Que era preciso ter muito cuidado em conservar uma existencia tão preciosa; que era indispensavel augmentar o numero dos guardas suissos: melhorar a policia: organisar um systema de vigilancia que impossibilitasse a repetição de attentados semelhantes. A bondade não consistia em deixar o peito nú aos punhaes dos assassinos e sicarios.

— Pensae — continuou, acercando-se do Papa, com um movimento de terror — quanto nos seria doloroso perder-vos!...

Leão X puxou-a contra o peito, e disse lentamente:

— Pelo que ouço, mereço-vos um pouco de estima?...

— Ah! ainda m'o perguntaes, monsenhor?...

Ao dizer isto, a innocente menina alçou os olhos para o Papa. Lia-se n'elles debuxada a mais santa das canduras.

Ao ouvir isto, o Papa estremeceu, e não soube que responder. Limitou-se a fitar a joven, mas de uma maneira tão estranha e tão pertinaz que Maria começou a sentir-se incommodada e a inquietar-se.

Sem saber porque, debaixo da influencia d'aquelle olhar, cujo sentido não comprehendia, as lagrimas rebentaram lhe dos olhos e rolaram lhe pelas faces purpureadas e accendidas por um modesto rubor. O Papa então atreveu-se a pôr-lhe a mão no seio...

Maria, pallida como cera, deu um salto áquelle ultraje, e com olhar altivo e digno, exclamou:

—Oh! não foi Mohammed... Fostes vós, fostes vós...

É que Maria reconhecera a mesma pressão brutal da mão que tanto a sobresaltára n'aquella noite, em que por milagre póde escapar ás garras do homem que pretendera desfloral-a.

Leão X, então, desde esta phrase da donzella, julgou inutil toda a dissimulação.

—Sim, é verdade, era eu.

—Vós!?

—Amava-te, adorava-te, e adoro-te ainda...

—Vós, um sacerdote!?...

—Que importa isso? O padre é um homem como os mais. E que homem poderá resistir á tua belleza, á tua mocidade, á tua candura?...

—Calae-vos!

—Para que resistir-me? A traição e a morte de Raphael desligaram-te dos teus juramentos.

—Ah! infame!...

—Estás já na sazão do amor!...

—Basta! basta!

O Papa insensivelmente havia-se aproximado da porta, da qual correra bruscamente o ferrolho. Depois d'isto, avançou resolutamente para Maria estupefacta.

—Amo-te, Maria, amo-te, e desejo possuir-te — exclamou o Pontifice desassisado.

—Meu Deus!

Maria tremia toda. Não havia meio algum de lhe escapar. A lucta parecia-lhe impossivel. O Papa estava só a distancia de dois passos d'ella.

—Julieta!

—É inutil gritares! A tua voz fica suffocada pela espessura das paredes.

—Julieta!

—Amo-te!

E o Pontifice estava já a ponto de se apossar da sua victima. Situação verdadeiramente angustiosa para a misera donzella...

De chofre, ella soltou um supremo grito de desesperação e angustia, correu á janella, e abriu-a.

—Não deis mais um passo, ou eu esmigalho o craneo contra essas lagens da rua!—gritou ella resolutamente.

—Isso é bom de dizer...

—E de fazer—accrescentou Maria, com meio corpo fóra já da sacada.

—Vamos, basta já de loucuras, vem...

E, a estas palavras, o Papa avançou com os braços abertos...

Mas, de subito, recuou esbarrondado.

No momento em que Maria ia já ser tocada pela mão libidinosa e sacrilega do Pontifice, atirou-se da janella abaixo. A sua queda produziu um ruido surdo e baço, a que responderam dois gritos dilacerantes.

Depois reinou um silencio tragico.

O Papa então assomou á janella e viu o corpo da sua victima jazendo na calçada n'um mar de sangue, e á porta do palacio duas sombras, uma das quaes parecia retirar-se, emquanto que a outra avançava.

—Bibiena!—exclamou Leão X—Está em Roma!

CAPITULO LVIII

Que trata d'uma filha que acaba de encontrar seu pae e d'um pae que vae perder sua filha

—Minha mãe!—murmurou a Fornarina com a voz sacudida de soluços—Morreu louca!... E foi elle?... Não... é impossivel!... Ah, miseravel!...

E caminhava estugadamente sem que nada do que a cercava lhe chamasse a attenção, percorrendo as ruas de Roma, e attrahindo as vistas dos escassos transeuntes que a hora do almoço não retinha em suas casas. Decerto que era difficil não seguir com olhar curioso e pensamento inquieto aquella mulher de faces ardidas pela febre, e cujo aspecto era lugubre debaixo do seu luto espesso.

A moça continuava entretanto andando sempre. Os seus olhos não tinham lagrimas para verter. De vez em quando, sem retardar o passo, levava a mão á face, com um movimento machinal, e expressão dolorosa. Acaso perderia ella tambem o juizo, como sua mãe?

O que seria para admirar é que podesse conservar a razão depois d'aquellas terriveis scenas. O infame papel que se vira obrigada a representar, tinha-lhe produzido grande abalo, e um mal-estar intimo, que a custo pudera refrear. Parecia-lhe a ella que pisára cadaveres venerados, que cuspira na face de sêres queridos, que na realidade insultára ao mesmo tempo o amor, a memoria de sua mãe, e tudo quanto de sagrado póde haver no mundo.

Era aquillo a humanidade? Em quem confiar pois, então? O que lhe havia succedido não tinha nome. Corre a refugiar-se no manto de uma protecção santa, e caíra n'uma armadilha infame: implorára quem cuidára ser a virtude personificada, e tropeçára com a infamia e o crime.

Era pois certo o que se dizia?... Era verdade que o Papa passava o tempo entregue á crapula e á orgia? Eram uma realidade então aquelles dramas conjugaes, aquellas lendas terriveis, aquellas infamias de adulterio em que andavam envolvidos habitos sacerdotaes, negros, vermelhos ou brancos, e cujos escandalos eram referidos nas ruas? Sim, aquella é que era a realidade da vida. Porque não a teriam estrangulado no acto de vir ao mundo?...

Assim andando e cogitando, estava prestes a saír as portas de Roma.

Quando se achou emfim em pleno campo dirigiu-se para o bosquesito em que Lucas a devia esperar, aquella choça occulta para onde elle a transportára, depois de a haver salvo das aguas do Tibre. Pobre moço, julgára fazer-lhe um bem!... Ai! quanto melhor lhe seria ter morrido! Ao menos ter-se-hia poupado a tão grandes provações, e não mais a martyrisaria aquelle pensamento odioso que a fizera fugir do palacio de Leão X cuidando que elle seria... Mas é preciso repellir tal ideia! Tudo é talvez uma simples coincidencia de circumstancias. Porque se teria ido embora?... Porque lhe pareceu notar que o Pontifice se perturbava?... Nem sequer se recorda nitidamente em que occasião, nem a proposito de que foi assaltada por aquelle presentimento.

Estas ideias faziam-a andar agitada, e apesar de que o sol cae n'este momento com toda a força dos seus raios, ella tirita como se morresse de frio. A lembrança do contacto d'aquelle homem fal-a estremecer, sem que apesar d'isso retarde o passo.

Lobrigou por fim o bosque, e correu a refugiar-se n'elle. Salteia-a a vaga esperança de que mal o pastor chegue, ella conseguirá que elle falle claro, e sem mais reticencias nem rebuços.

Chegou finalmente.

—Lucas!—gritou ella logo.

Ninguem respondeu.

Chamou novamente:

—Lucas! Lucas!

Só o ruido do ar agitado e o zumbido dos insectos perturbava o silencio que reinava alli. Inquieta penetrou na choça deserta.

Fatigada e lassa da larga caminhada que fizera, sentindo as pernas dobraram-se-lhe caíu extenuada por terra. Ah! como o repouso é bom!

Sente invadil-a uma especie de lassidão intellectual, e ao mesmo tempo a assaltam as suas agradaveis e doces recordações. Parece-lhe que está no atelier do seu amado. Raphael não reparou ainda que ella o ama, e só lhe dá provas de estima e amisade, cuja expressão lhe faz vibrar todo o seu ser, mas ás quaes elle parece não ligar grande importancia.

—Volta-te, minha querida—diz-lhe elle.—Assim estás bem. Não te movas.

Cuida agora servir-lhe de modelo, e contempla-o com amor a trabalhar. Longe d'ella o pensamento de que o artista possa consideral-a nunca senão como um modelo que elle respeita, por sympathia e conhecimento. Demais, o coração do pintor não está acaso occupado já por um amor? Não é elle o noivo da bella e casta Maria de Bibiena?... Aquelle tempo, comtudo, foi para ella de ventura, pois que o vivificou a esperança.

Agora, no seu sonho, Fornarina não se vê a sós com o pintor. Raphael interrompeu o trabalho e saiu ao encontro da sua noiva. Maria sorri-lhe, e elle beija-lhe a mão com respeito e galanteria. Fornarina contempla-os dolorosamente. Comtudo não sente odio contra a joven, porque ella tem mais direito á prioridade. Seria ella, ao contrario, que a devera odiar, por haver occorrido a ideia d'ella, Fornarina, passar de simples modelo do artista a rival da noiva.

No momento de sair voltou ainda a face para ella, e abeirou-se novamente do leito, para a contemplar pela ultima vez.

CAP. LVIII.

—Passagem! passagem! álerta! Sua Santidade!...

Mas eis que agora perpassa ante seus olhos a scena da visita de Leão X ao pintor illustre. A Fornarina vê com os olhos do espirito o Pontifice affectando fallar com o artista, mas não despregando o olhar de Maria. Como ella agora conhece bem aquelles olhares cheios de desejos!... Sobresaltada desperta, ao cabo d'aquelle sonho, e as suas angustias, mais as suas duvidas, começam de novo. Aquella viagem pelo passado desperta

n'ella uma suspeita cruel. Sim, ella conhece a significação d'aquelles olhares... O Pontifice, innegavelmente, amou Maria de Bibiena? N'esse caso, como se devem interpretar os seus falsos protestos d'amizade para o artista seu rival?... A desconfiança começou n'ella a precisar-se; avolumou-se; vae tomando cada vez mais corpo, e visos mais marcados de realidade. Por fim a joven pôz-se em pé d'um salto, como espantada e ferida de subito por uma revelação. O véo do passado parece que se rasgou diante de seus olhos.

Ah! porque foi que o Papa não deu mostras de indignação quando ella accusou energica e abertamente Hochstratten, o seu grande inquisidor?... Pelo contrario não fez movimento algum, não denotou sentir a menor surpreza. Isto prova que estava inteirado de tudo, que tudo sabia... E agora?... Ah! a misera transtiberiana ignora se tudo quanto cuida descobrir é apparente ou real. Mas tudo aquillo lhe parece filho d'uma logica espantosa...

Hochstratten é o cumplice do Papa. Não lhe resta duvida alguma. Provam-no sobejamente a attitude do Pontifice, a agitação que se apossou d'elle quando lhe fallou do crime, e n'ella, quando, ao correr da cortina, a luz solar lhe bateu de chapa no rosto. Mas o que fôra que lhe succedera? Em que mysterio se acha ella envolvida? A coisa, no emtanto, parece lhe agora clara.

Hochstratten fôra lançado contra ella, em virtude d'alguma ordem superior, e obedecendo á realisação de algum plano tenebroso. Atiraram-na aos braços de Raphael porque conheciam a sua paixão pelo artista. Estavam seguros de que abatida sob o peso da sua deshonra não teria forças para lhe resistir a elle. Afastando, portanto, Raphael da sua promettida, Maria ficava livre, e o Papa podia amal-a á sua vontade e a seu modo. Fora esta decerto a trama odiosa, a artimanha luciferina e diabolica. O peor é que n'aquella combinação de maldade, n'aquella rede de infamias, todas as apparencias a compromettiam a ella... Sem duvida Raphael, no momento de descer ao templo viu toda a trama urdida, tudo isto viu e sondou n'um relance, e por isso a accusou tambem a ella, cuidando-a cumplice.

— Vampiro! vampiro!

Morreu sem acreditar na sua paixão, apesar do seu ultimo beijo. Oh, tudo aquillo fôra obra dos chatins, dos scelerados, dos homens sem entranhas!...

E a sobr'excitação de que a Fornarina se sentiu possuida raiou o cumulo.

— Foram elles os mesmos — exclamou — que assassinaram Ephraim, Agar, e a minha mãe!...

A emoção afinal prostrou-a, e extenuada rolou no solo lavada em lagrimas.

— Fornarina!

N'aquelle instante, á entrada da choça soou este grito, e quem o soltára fôra Lucas.

A joven transtiberiana então atirou se lhe aos braços, e deu livre curso ao seu choro. O boieiro, que comprehendeu o estado de cruel nervosismo em a que misera se encontrava, evitou interromper ou desviar a sua agonia.

—Chora! Chora!—disse elle, acariciando-a, como se fosse uma creança.

—Porque não estavas aqui?—perguntou Fornarina ao cabo de alguns instantes, um tanto mais calma—Não tinhamos combinado encontrarmo-nos n'este sitio, e a esta hora?...

—Sim. Mas estava inquieto por tua causa. Estava com medo de que te tivesse succedido uma nova desgraça.

Fornarina tremeu convulsivamente.

—Uma desgraça!—repetiu com voz rouca.

—Bem vês, minha filha, que os meus presentimentos não me enganaram.

—Ah! se tu soubesses!

—Cala-te!... Não te mortifiques, contando-me isso!...

—Comtudo, é necessario.

—Mais tarde. De todos os modos, supponho que o que me poderas dizer não será senão o complemento do que eu proprio vi.

—O que viste então?

—Vagueava eu em roda do Vaticano, o tempo ia passando, e como tu não saías do palacio papal, eu sentia-me devorado d'impaciencia. Não pude ser senhor de mim que não tivesse medo, por ti. É que quem se aventura áquella caverna está sujeito a todo o genero de desgraças.

—É verdade.

—Dizia commigo mesmo, para me tranquillisar, que talvez tivesses saído já, sem que eu te visse.

—E assim foi.

—Para me certificar, antes de para aqui vir, entrei em um dos pateos interiores do palacio.

—Que imprudencia!

—Queria ter a certeza...

—Quanto és meu amigo!...

—Mas o espectaculo a que assisti deixou-me esbarrondado... Por uma das janellas, que estava aberta de par em par, do pavilhão, vi o Papa querendo agarrar uma mulher...

—O Papa!

—E a infeliz, para se escapar, atirou-se da janella abaixo.

—Que horror!

—Vi-a esmigalhar o craneo na calçada...

—Sabes quem era essa mulher?

—Era Maria de Bibiena.

—Ella! Receava-o!... Não me enganaram as minhas suspeitas!... Queria decerto violar a infeliz menina, e, para o conseguir, commetteu toda a casta de torpezas, preparou as tramas e artimanhas mais horriveis. Ah! e eu que tive a simplicidade de ir pedir aquelle homem o perdão dos meus peccados... Sim, rojei-me deante d'elle, humilde e arrependida, e implorei-lhe a absolvição...

—A elle? Áquelle assassino?...

—Pois olha, escuta... Apesar do seu caracter sagrado, apesar da confiança com que a elle me dirigi, elle, profanando a memoria de Raphael, do meu amante, de cuja morte agora sei que o proprio Papa foi causa, apesar do meu luto...

—Ah! bandido!—interrompeu Lucas indignado.

—Atreveu-se a pôr em mim mãos sacrilegas...

—Que dizes?

—Antes de querer forçar Maria de Bibiena, atreveu-se a attentar contra mim...

—Elle! teu pae!...

—Ah!... É então sempre certo?!...

Tudo é agora luto e consternação no palacio de Bibiena.

Apesar do muito que apressou a viagem, o cardeal chegou demasiado tarde.

Mal chegou dirigiu-se em continente ao Vaticano, ao pavilhão d'Hercules, precisamente a tempo de presenciar o suicidio da sua Maria idolatrada. Suicidio dissemos nós. Não, não fôra um suicidio o ter recorrido ao unico meio de defeza de que podia dispôr a infeliz menina. Bibiena tudo comprehendeu. A presença do Papa, que não pode retirar-se a tempo da fatal janella, corroborou completamente as palavras de Mohammed.

Antes de pedir justiça, ou, melhor, antes de se vingar d'aquelle que elle chamava seu amigo, e cujos planos infernaes agora lhe foram manifestos, já que a justiça jámais se obtem contra os potentados que são os que a dirigem, impunha-se-lhe ao cardeal o dever urgente de fazer transportar para sua casa o cadaver da victima. Quem sabe se ainda haveria algumas esperanças de a salvar! Mas, ah! a pancada fora bastante violenta. Mal que os medicos a examinaram, declararam que não padeceria muito tempo, porque a morte infelizmente se aproximava já.

Maria estava deitada n'aquelle mesmo aposento em que para ella haviam corrido as deliciosas e abençoadas horas dos seus virginaes amores. A respiração era extremamente debil. Estava tão pallida que a côr do rosto confundia-se com a da faxa branca que lhe haviam cingido á roda da cabeça, que uma profunda brecha abrira. A fiel Julieta, meio occulta atraz do cortinado do leito, reprimia os soluços e as lagrimas, a custo, para não mortificar a pallida doente.

Os mais creados tiveram ordem de não consentir que ninguem entrasse o vestibulo nem penetrasse no palacio, fosse quem fosse. A moribunda recebeu a extrema-unção: mas em seguida, ao afastar-se o sacerdote parece que se escoara a Maria de Bibiena o resto das tristes forças que ainda lhe restavam.

Bibiena estava em pé junto da cabeceira do leito, em attitude grave e estoica, os labios contrahidos por uma ligeira ruga de amargura e de dor. O cardeal estava silencioso. O pae de Maria, o antigo amante de Beatriz Salviati, estava mudo em face da morte, cujo sopro gelido sentia já. A unica coisa que o prendia a vida, a filha amada, aquella flôr nascida do seu tragico amor, ia abandonal-o para sempre tambem!... Oh destino! Que impenetraveis são os teus decretos!

Reinava na alcova esse silencio solemne proprio das circumstancias.

A doente sorriu, e estendeu um pouco a mão, em que Bibiena pegou, enternecido.

—Conheço que vou morrer—disse Maria.

—Oh! não digas isso, por Deus!

—Peço que não vos mortifiqueis!...

—Não falles, que o medico prohibiu!...

—Não, deixae-me... O tempo urge, e tenho que vos pedir um favor...

Dos olhos do cardeal rolou uma lagrima que foi orvalhar a face da moribunda.

—Choraes?—disse ella—Um dia seremos felizes, quando nos reunirmos na outra vida.

—Oh! cala-te!...

—Escutae-me, mas sem chorar... Que fortuna que viesseis ainda a tempo de eu vos poder fallar e vêr!

—Querido anjo!... Minha querida Maria!

—Eu desejava...

A respiração da joven ia cada vez mais enfraquecendo-se, e Bibiena teve que se acercar mais perto d'ella, para poder ouvil-a.

—Eu desejava ser enterrada... não ao lado d'elle... visto que elle está no Pantheon... mas no tumulo que lhe estava antes destinado.

—Eu t'o prometto.

—Bem.

—Mas deixa esses pensamen...

—Obrigado. Adeus.

—Maria!...

—Adeus!

—Minha filha!...

Mas a infeliz menina já não póde ouvir aquelle expressivo e angustioso grito. Decerto que se o tivesse ouvido, comprehendendo o segredo da ternura que n'elle se continha e adivinhando a razão de todo esse grande affecto de seu supposto tio, ter-se-hia esforçado em gritar:

—Meu pae!

Mas os ouvidos da malaventurada virgem estavam infelizmente já cerrados para sempre aos ruidos da terra, e nem mesmo esse amargo consolo estava reservado ao cardeal. A cabeça da joven pendeu para um lado, e seus labios, onde fluctuava um tenue sorriso, pronunciaram um nome:

—Raphael!

Depois a cabeça cahiu-lhe pesadamente sobre a almofada e cerraram-se para sempre aquelles labios roseos, que antes havia colorido o sangue da vida.

—Morta!—exclamou Julieta fitando-a anciosa e lançando-se sobre ella, debulhada em chôro.

—Morta!—repetiu o pae com voz sombria e dilacerada.

E aprumando-se resolutamente encaminhou-se para a porta do quarto, acariciando com a mão o cabo de um punhal. Chegando ao limiar, volveu ainda ao cadaver da filha um ultimo olhar de despedida.

—Não!—murmurou, deixando-se caír n'uma cadeira—Occupar-me-hei do *outro*, depois... Não me quero separar d'ella ainda!

CAPITULO LIX

A dieta de Worms

Era o dia 26 d'abril de 1521.

Carlos V havia convocado uma dieta em Worms, que devia começar n'aquelle mesmo dia, sob a presidencia do imperador, que, recentemente eleito em Francfort, por absoluta recusa de Frederico, o Sabio, e desprezo de Francisco I, desejava, o mais breve possivel, fazer alarde da sua auctoridade na Allemanha.

A occasião que para isso se lhe offerecia não podia ser mais propicia.

O exame de certas innovações governamentaes e certas contendas entre burgraves inimigos que urgia pôr de accôrdo, facilitára-lhe o pretexto. O verdadeiro fim, porém, da reunião d'aquella importante assembléa era a accusação de Martinho Luthero, o novo reformador que agitava a opinião publica, prégando heresias. Haviam sido convocados á dieta todos os principes, e todos se haviam apressado a concorrer, attrahidos pela esperança de um grande escandalo. Concorreram tambem a ella os legados da Egreja, com poderes do Vaticano, e, entre outros, o nuncio Jeronymo Alexandre, cujos discursos, que de ordinario tendiam a aconselhar a paz, se haviam convertido então em furibundas declarações de guerra.

É preciso transportarmo-nos, em imaginação, áquellas épocas primitivas da Reforma, attentar na audacia d'aquellas doutrinas em guerra aberta e declarada com idéas dominantes e admittidas geralmente, para bem se poder apreciar com justeza, e no devido valor, a excitação de que os animos se achavam possuidos.

Os catholicos convictos estavam indignadissimos, os interessados fulminavam anathemas, observando com terror que cada dia que passava trazia um ataque mais rude e violento do que o passado. Se Luthero, a

principio, se tivesse contentado com expôr as suas doutrinas nas reuniões dos nobres e dos senhores, se tivesse discutido sómente com collegas e reduzisse a questão ao que Hutten affirma que ella foi nos seus começos, uma simples disputa de frades, se Luthero alimentasse a louca esperança de que a luz da verdade illuminaria aquellas almas afundadas nas trevas do egoismo, do interesse, da tradição, não tardaria muito a colher os fructos amargos da sua simpleza e ingenuidade. Os padres, seguros da impunidade e do mysterio que havia de envolver o seu crime, elles, mais os nobres e os principes, não tardariam muito em constituir-se em tribunal secreto, e em fazer pagar com a vida, ao reformador, a sua obra de audacia.

Felizmente a situação era absolutamente outra. Luthero tinha grandissimo interesse em que a sua doutrina aproveitasse a *Monsenhor Todo o Mundo*, como elle lhe chamava.

Os seus sermões, as suas diatribes, trovejadas sob as sonoras abobadas das cathedraes, acompanhadas com o rythmo das suas causticas gargalhadas, foram ouvidas religiosamente pelos operarios dos arrabaldes, artistas, collegas, burguezes, estudantes e mercadores, que formavam a immensa maioria dos habitantes das cidades.

As idéas do prégador abriam rapidamente caminho nas consciencias.

Não havia medo de que fossem afogadas em germen. Antes, pelo contrario, ameaçavam subir tanto mais alto, quanto mais baixa era a origem social d'onde procediam.

Eis a razão por que fora decidido que se julgasse aquelle homem n'uma assembléa solemne, e á face de todo o mundo. Uma suppressão pura e simples, ignorada do maior numero, e que logo se teria adivinhado, não teria sido sufficiente a deter em nada o impulso imprimido pelas doutrinas revolucionarias.

Um julgamento grave e motivado que precedesse uma execução qualquer, talvez bastasse para impôr-se aos fracos, que sendo a maioria, arrastariam atraz de si os outros. No fim de contas, a revolta estava ainda em germen, e um golpe habilmente dirigido contra ella poderia facilmente fazel-a abortar.

Tal era a opinião do imperador Carlos V, que se achava em discordancia com o nuncio Jeronymo Alexandre.

Opinava este que era indispensavel evitar a comparencia de Luthero na dieta. O imperador não fizera caso das suas observações, e resultara d'isto que se haviam azedado um tanto as relações entre os dois personagens.

—Nunca, nunca—dissera o nuncio—darei o consentimento á reunião d'uma assembléa encarregada de deliberar sobre um assumpto julgado já por Sua Santidade.

—A minha intenção é—respondeu Carlos V—perguntar-lhe se foi elle effectivamente o auctor dos escriptos e opusculos sobre a falsa missa, do sermão sobre a triple justiça, e outros, dos quaes se extrairam e propagaram taes e taes proposições hereticas. A sua declaração, que decerto será affirmativa, nos auctorisará aos olhos do mundo a tomar uma resolução extrema.

Apesar de que a conclusão o satisfazia, o nuncio não pode abster-se de exclamar:

—Reparae que se trata d'um homem que, na sua qualidade de sacerdote, teria devido defender a nossa causa e consagrar-se ao serviço dos nossos interesses, sacrificar emfim a sua opinião á opinião dos seus mestres em theologia!... Pois bem, longe de fazer isto, insurrecionou-se, concitou animos contra nós e converteu-se em sacrilego. Na praça publica de Wittemberg queimou a bulla fulminada contra elle por Sua Santidade Leão X, e em Augsbourg repetiu, e reincidiu no mesmo acto infame... Zombou da fogueira, da qual fugiu cobardemente, e necessitamos ainda de um pretexto para o condemnar?... Quando todas as pessoas honradas se persignam mal o veem, quando, criminoso entre os criminosos, elle mota e chasqueia das leis divinas e humanas, não nos julgaremos ainda auctorisados a condemnal-o?... Onde está pois a justiça, e sobretudo onde a punição?...

Estes argumentos, todavia, não haviam quebrantado nada a convicção do imperador, que se limitou a responder:

—Veremos o que elle diz!

—Mas, além de que não póde dizer senão impiedades que nos escandalisem a todos, ignoraes acaso que elle não quer reconhecer como juizes nem theologos, nem bispos?...

—É isso que nós vamos vêr.

—Mas...

—Monsenhor Jeronymo Alexandre, eminentissimo legado da côrte de Roma, permittir-me-ha a mim Carlos V, imperador da Allemanha, rei de Flandres, dos Paizes-Baixos e de todas as Hespanhas, que obre como melhor entender?...

E o novo imperador disse estas palavras com um certo entono e com uma certa expressão no olhar, que não admittia replica alguma.

Por isso, o nuncio retirou-se dignamente, pensando:

—Eu saberei impedir o escandalo, ou, pelo menos, castigal-o como merece.

Carlos V, de quem a teimosia era uma das principaes qualidades distinctivas do caracter, deu a Luthero uma carta de salvo-conducto, na qual lhe permittia uma viagem d'ida e volta, livre de todo o obstaculo, no caso de que, acorrendo ao convite do imperador, quizesse comparecer na dieta de Worms.

Quando o nuncio do Papa teve conhecimento de tal já era tarde de mais para tentar qualquer resistencia, mesmo dado o caso que se atrevesse a resistir. Encolerisou-se tanto, que os creados que estavam na antecamara perderam todos a cabeça, a ponto de deixarem entrar na sala do legado, sem primeiro o annunciarem, um frade barrigudo e de pescoço e face apopleticos.

—Tetzel!—exclamou o nuncio, mal o viu.

E em seguida, chamando um creado, disse-lhe:

—Faze que ninguem nos venha incommodar!...

Indicando depois um assento ao vendilhão d'indulgencias, disse-lhe:

—Chegaes a tempo. Estou furioso!

—Então porque? O que ha de novo?

—O que ha!... Quasi nada... Ha que Carlos V quer fazer comparecer Luthero na dieta.

—Com que fim?

—Para que elle se defenda.

—Que idéa!...

—O escandalo vae ser de truz!

—Talvez elle não compareça.

—Qual! Olá que comparece!

—Parece-vos que se atreverá?...

—Conheço o homem... Não ha nada que o possa fazer recuar um só passo.

—Tendes razão. Effectivamente é capaz de tudo. N'esse caso precisamos arranjar um meio...

—Para que?...

—Para o impedir de cá pôr pé.

O nuncio olhou Tetzel fixamente. Depois de um escasso silencio, vendo que o inquisidor sustentára o olhar sem pestanejar, disse-lhe:

—Sois um homem precioso.

—Pudera! se eu odeio-o...

—Fallaes sinceramente?...

—Recordae-vos de Wittemberg, onde elle amotinou o populacho contra mim.

—É verdade.

—Se não tenho tento, espatifavam-me...

—Tambem é verdade.

—Não me posso esquecer tambem de outras duas más partidas que me pregou.

—Quaes foram?

—Tirou-me uma mulher que eu tinha d'olho...

—Amaveis-la?...

—Era quasi o mesmo.

—Comprehendo. Qual é então pois o vosso projecto?

—Tendo sido bem publica a investida contra mim, é preciso propôr-lhe na solemnidade da assembléa uma reconciliação.

—Ah! ah!...

—Cuja reconciliação decerto deverá ser assignalada...

—Com um brinde?

—Vejo que me comprehendestes.

E os dois prelados trocaram entre si algumas palavras em voz sumida, depois do que Jeronymo Alexandre, o nuncio, disse:

—Demais, para obviar o caso de que nos não saiamos bem, eu tambem pela minha parte engendrarei alguma coisa...

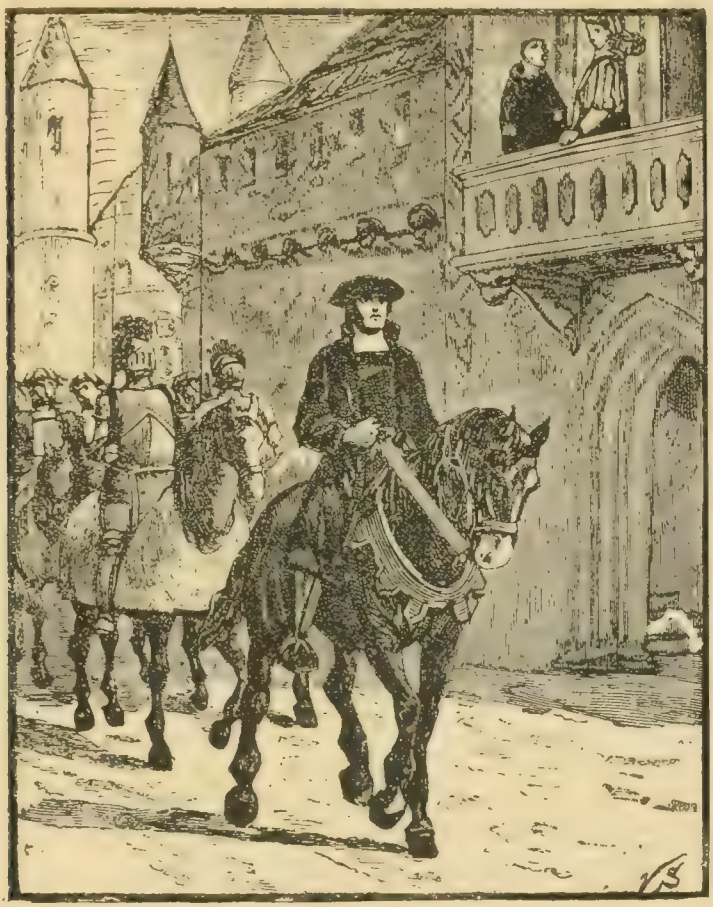
E os dois santos varões separaram-se depois d'isto, accordes no mesmo ponto:—que era indispensavel que aquelle discolo desapparecesse do seio da Egreja, que deshonrava.

No dia seguinte o nuncio não assistiu á dieta.

Carlos V despachou varios negocios d'estado, sem importancia.

A ausencia do nuncio, que constituia uma especie de censura, offendeu o imperador, que não gostava que o contradissessem. Eis a razão por que descarregou o seu mau humor em todos que o rodeavam.

As decisões que adoptou n'aquelle dia tiveram todas um caracter brutal. Ao saber que os duques de Luxemburgo e de Brunswich, então discordes, recusavam submetter as suas pendencias á resolução e ao juizo da dieta, não teve duvida em os expulsar do Estado.



Passava uma cavalgada de oito cavalleiros, á frente dos quaes cavalgava um homem de altivo e varonil aspecto.

CAP. LIX.

E n'aquella noite passou agitado, e revolvendo-se, inquieto, no leito.

No outro dia encontrou-se na sala do conselho com o nuncio, que o saudou humildemente.

—Muito bem, senhor — disse Carlos V—prescindi da vossa permissão e mandei um salvo-conducto a Martinho Luthero.

—Fizestes muito bem—respondeu o nuncio.

—Oh! oh! Com que então mudastes de parecer?...

—Conheci que o vosso é melhor. A noite é boa conselheira.

—Vós precisaes de duas noites, pelo que vejo, mas passe—disse Carlos V, dulcificando o tom da voz.

—Todavia, preferiria que elle não comparecesse á dieta.

—Porque?

—Receio um conflicto.

—Tendes medo?

E Carlos V sorriu-se. Recordou-se decerto da sublevação dos communistas.

—Se succeder, comtudo, alguma coisa, tomaremos medidas de força.

—Podereis fazel-o?...

—Creio bem que sim.

—E se o povo todo se sublevar?...

—O povo todo! Ah! ah!... Julgaes então que esse frade tenha o poder de levantar as massas?...

—Não julgo só, tenho a convicção.

Mas uma suspeita se coou no espirito do imperador...

—Tendes alguma razão que vos induza a crêr que elle não virá?—disse com voz aspera.

—Nenhuma.

—Se eu o soubesse...

Mas n'este instante uma enorme grita estrugiu na praça.

—Escutae—disse o nuncio.

E os dois correram á janella.

Oito cavalleiros, n'este momento, passavam na rua, á frente dos quaes ia um nono, homem de rosto aberto e sympathico, que Jeronymo Alexandre reconheceu em seguida ao primeiro relance d'olhos.

—Vêde-o, vêde-o!—exclamou—Lá vae elle!

—Luthero?

—Elle mesmo!

—Amanhã então sempre nos veremos na dieta—disse o imperador, tranquillisando-se repentinamente, sem saber porque.

O nuncio do Papa não se havia equivocado. Era de facto Luthero que, confiando no seu salvo-conducto, ia comparecer ante os seus juizes.

A carta de Carlos V chegára-lhe ás mãos no momento mesmo em que estava prégando aos seus adeptos. Em voz alta, elle leu aquelle convite, que era quasi uma ordem, e consultou a opinião dos seus discipulos. Todos, e especialmente Catharina, foram de parecer que se não devia arriscar áquella viagem, porque o aboiz, diziam elles, era evidente, e o convite era uma artimanha. Por outro lado, tambem não devia obedecer. A sua dignidade aconselhava-o a que não respondesse. Se comparecesse ante a dieta, executaria um acto de condescendencia, que podia ser interpretada como uma confissão de culpabilidade.

Luthero não era d'aquella opinião. Pretendia, e com razão, que se não comparecesse poderiam dizer que se escondia, e fugia da lucta: alem d'isso, que tinha razões muito solidas a allegar, e doutrinas que deveria pregar á plena luz do dia: demais, que a occasião que se lhe apresentava era magnifica para que elle a deixasse estultamente passar.—Não te

nho — accrescentou elle — nada de que ter medo, visto que a palavra do imperador em pessoa me afiança que não corro risco algum.

Orgulhoso do direito que lhe assistia e da lealdade do seu coração, ajuntou:

— Ainda que soubesse que me havia de encontrar em Worms com toda uma legião de Satanazes, não deixava de lá ir.

Deante de tal resolução, inutil era todo e qualquer debate. O seu amigo Spalatino insistiu, todavia, recordando-lhe o que succedera a Savonarola. Luce assegurou-lhe mesmo que seria queimado vivo. Luthero não cedeu um passo só. A unica concessão que puderam obter d'aquelle homem de caracter de ferro foi que elle se deixaria acompanhar por uns poucos dos seus adeptos que reduziu ao numero d'oito. Entre elles estavam o arauto imperial, Amsdorf, Jonas e Scherff, conselheiro do eleitor da Saxonia, João, o Constante, que fez as despezas da viagem, e o magistrado de Wittemberg que pôz á disposição do sequito os cavallos.

Eis a razão por que Luthero, depois de uma viagem triumphal, chegou a Worms, sem que ninguem soubesse se elle accedia ou não ao convite de Carlos V.

Quando o imperador os vira, o chefe da Reforma e os seus companheiros dirigiam-se para a casa em que os haviam aconselhado que se installassem, durante a sua permanencia em Worms, isto é, na casa dos cavalleiros da Ordem Teutonica, situada muito perto do palacio do eleitor de Saxonia.

No dia seguinte, reunidos os principes convocados para a dieta, tomaram-se alguns accôrdos preliminares, mas como que negligentemente. Os membros da assembléa fallavam entre si, em voz sumida, como se pouco ou nada lhes importassem os assumptos de que se tratava. A paz do imperio! Ora, que assumpto!...

Mas, n'aquelle instante, o conde de Papenheim, marechal do imperio, appareceu e introduziu o reformador Luthero. Este avançou muito tranquillo, a fronte erguida, e sustentando os olhares hostis que n'elle se fixavam. Carlos V, ao vêr como o saudava o frade, e reconhecendo n'elle um homem da sua tempera, olhou-o com curiosidade. O conde de Papenheim dirigiu-se a Luthero, e communicou-lhe a ordem, envolvida n'uma serie de formulas regulamentares, intimando-o a responder a tudo que lhe fosse perguntado em nome do imperador.

— Espero — respondeu Luthero — todas as interrogações. Estou prompto a responder, não na qualidade de accusado mas na d'um homem que veio aqui por sua livre vontade, sob a fé d'uma palavra soberana, para expôr mui alto as suas opiniões e crenças.

Um murmurio d'espanto acolheu aquellas palavras energicas.

A um gesto do imperador, Eck, conselheiro do duque de Baviera e fiscal do arcebispado de Trèves, começou d'esta sorte o ataque:

— Perguntamos a Martinho Luthero, aqui presente, se é o auctor dos escriptos publicados em seu nome?

E designou, ao proferir estas palavras, alguns livros que tinha deante, em cima da mesa.

—Sim—respondeu Luthero.

—É preciso lêr os titulos—interrompeu Jeronymo Scherff.

Feito isto, Eck perguntou-lhe se acceitava a responsabilidade d'elles...

—Sim.

—Quereis sustentar as doutrinas n'elles expostas, ou condemnal-as? Estaes disposto a retractar-vos?...

—Não. De nada me retractarei a não ser que me convençam de que estou em erro, com a leitura d'algum texto das Escripturas. D'outra fórma não devo eliminar nada do que escrevi, sob pena de ser um cobarde, e proceder contra a minha consciencia. Aqui me tendes, fazei de mim o que vos pareça, e que a verdade me defenda e escude.

A primeira parte d'esta resposta pareceu immodesta: mas a segunda produziu uma grande impressão no animo dos mais hostis.

—É muito audaz este frade!—disse a meia voz o imperador ao seu irmão, o rei Fernando, que estava sentado ao lado d'elle.

—Não ha—replicou Eck—discussão possivel ácerca das doutrinas que foram já condemnadas pela Egreja. Apesar d'isto, permittiremos a Martinho Luthero que se defenda.

—Em sessão publica?—perguntou o reformador.

Aquella pergunta levantou contra o frade um *tolle tolle* geral. A pretenção pareceu sobremodo desarrazoada. Não era aquillo uma sessão publica, á qual assistiam, além de seis eleitores, trinta e dois principes seculares, vinte e um principes ecclesiasticos, noventa e dois condes do imperio, e grande numero d'embaixadores e de prelados?...

—Quem falta n'esta assembléa? O povo? O povo não é ninguem.

—O povo é tudo!—replicou Luthero.

A coisa ia tornando-se feia. Era claro como o dia que o escandalo fôra já demasiado, e que a dieta se teria deshonrado, se consentisse na publicidade dos debates. O reformador, comtudo, não queria ceder.

—Pois quê!—exclamou elle—Encontro-me aqui n'uma assembléa de nobres, que devem abrigar na alma a franqueza e a lealdade: estaes aqui todos para fazer brilhar a luz: exigis que a porta se feche como se se tratasse d'uma discussão immoral, e pedis que eu defenda as minhas doutrinas cobardemente, envolvendo as minhas explicações na sombra impenetravel do mysterio!... Isso não farei nunca!

Não nos engolfaremos agora nas discussões theologicas, que ao leitor, a quem devemos expôr os successos dramaticos, só poderiam parecer fastidiosas e escusadas no romance. Baste-nos só saber que Luthero não foi vencido, e que se obstinou em não fazer concessão alguma.

Carlos V não tomou nas discussões parte activa. Na sua qualidade de presidente da dieta, não intervinha senão para encaminhar a questão no seu verdadeiro terreno, quando a paixão a transviava. Só os principes da Egreja é que tomavam parte nos debates.

Havia tempo já que Jeronymo Alexandre fallava em voz baixa a Tetzel, sentado no banco fronteiro ao d'elle.

O nuncio levantou-se e disse:

—O nosso dever consiste em conduzir todos ao terreno da conciliação...

Estas palavras foram acolhidas com applauso, em primeiro logar porque respiravam um espirito christão, e em segundo porque se coadunavam perfeitamente com o desejo da maioria, fatigada já da longa duração do debate.

—Interrogámos já—continuou o nuncio—Martinho Luthero, que nos respondeu segundo a sua consciencia. Nós não podemos, na verdade, impôr-lhe uma crença que não é a sua...

A assembléa ouviu isto um tanto surpreza, porque muitos dos que alli se achavam reunidos eram de opinião que se podia, e até se devia impôr-lh'a.

Luthero aguardava o fim da parlenda, silencioso.

—Antes de tudo, interessava-nos saber se elle teria em tudo isto procedido lealmente, ou se era um mero promotor d'escandalos. A sua sinceridade não nos parece que deva ser posta em duvida. Sem deixar de deplorar a sua conducta, não a devemos discutir por mais tempo... Comtudo, para chegarmos a condemnal-a...

Este *comtudo* fez que cobrassem animo os bons catholicos que estavam aterrados por aquelle exordio bifronte.

Luthero sorriu-se.

—Comtudo, pedimos que seja dada publica reparação a um escandalo tambem publicamente promovido, ha tempos...

—Um escandalo? Qual?...

—Quem ha que tenha esquecido a replica na cathedral de Wittemberg, dirigida contra o grande inquisidor Tetzel, que estava alli revestido dos poderes de Sua Santidade Leão X?...

—É verdade! É verdade!

—Por uma feliz casualidade, o nosso eminente collega faz parte d'esta assembléa.

Todos os olhares se voltaram então para Tetzel, que saudou.

Luthero continuou immovel.

—Pedimos, pois,—concluiu o nuncio—e não pedimos muito, que para nos dar uma prova de estar animado do espirito de sujeição, de paz e de caridade, que é o fundamento da Egreja, Martinho Luthero nos faça a mercê de esquecer as suas inimizades pessoaes, reconciliando-se com o inquisidor que tão injustificadamente offendeu...

A assembléa desentranhou-se n'um murmurio de approvação.

—Que aperte a mão que o grande inquisidor não tem repugnancia em estender-lhe, e para que a reconciliação seja bem e devidamente sellada, visto que o seu estado de peccado o impede de participar com Tetzel a communhão do Sangue de Nosso Senhor...

E o nuncio, n'este momento, levantando-se, fez um gesto.

—Que acceite o offerecimento que lhe vae fazer Tetzel, de beber com elle na taça da paz.

Fundo silencio se seguiu á peroração d'este discurso. Um frade avançou então com uma taça em punho. Tetzel pôz-se em pé. O rosto de Luthero continuou impassivel. O inquisidor pegou na taça de tal modo que o seu dedo indicador, em que chispava um annel, achava-se precisamente collocado na borda da taça.

Duas gotas de um liquido esverdeado rolaram então do annel sobre o vinho que elle offertava a Luthero.

Luthero estendeu a mão... mas não foi para pegar na taça.

—Bebei vós primeiro—disse elle, singelamente.

Tetzel enfiou, e o nuncio estremeceu.

Luthero disse então em voz baixa ao ouvido de Tetzel:

—Não insistas, miseravel, ou provo que me quiseste envenenar...

Outro qualquer, que não fosse Luthero, teria estremecido ao reparar no olhar de odio que fuzilou nos olhos de Tetzel.

—Recusa-se a beber!—exclamou o inquisidor, que não sabia como saír d'aquelle aperto.

E com gesto iracundo escaqueirou sobre a mesa de marmore a taça de crystal.

—Errámos o golpe!—murmurou, voltando para o seu assento, todo raivoso, o inquisidor.

—Paciencia!—melodiou o nuncio em voz baixa tambem, e com um olhar seraphico, ao céo, como teem os martyres abrasados na mais alta espiritualidade, nos quadros dos mosteiros e cathedraes.

—Eu não accedi—trovejou Luthero, apenas se estabeleceu o silencio e a calma que o tumulto tinham quebrado—eu não accedi, e não accedo, porque desprézo esse homem.

Algumas vozes exclamaram então:

—Que atrevimento! O legado do Papa!

—É um homem capaz de todas as infamias...—ajuntou Luthero.

—Silencio! Basta! basta!

—Um homem sem senso moral...

—Silencio!

E os assistentes interrompiam o furiosos. Mas o reformador, dominando o reboliço com a sua voz potente, continuou:

—Esse homem, para o qual nada ha sagrado...

—Fazei-o calar! Fazei-o calar!...

—Hei-de fallar!—proseguiu o reformador com uma voz que parecia um trovão.—E, visto que não me deixaes enumerar todos os seus crimes, quero, ao menos, citar um só, do qual vos prohibo a vós todos, a elle, e a toda a Egreja, de vos aproveitar.

A curiosidade venceu a indignação, e os interruptores guardaram silencio um instante. Luthero aproveitou depressa este momento de silencio.

—Por ordem do Vaticano—disse—esse homem fez assassinar uma mulher, para herdar uma fortuna de um numero quantioso de milhões.

—É falso!—urrou Tetzel.

Cuidava que se havia desfeito do filho, o ultimo herdeiro. Mas illudiu-se, porque a creança não morreu.

—Mentis!—vociferou o inquisidor.

—Ah! bem vedes como elle se descobriu sem querer, e como eu disse a verdade.

E Luthero, triumphante, apontou para o frade confundido, e esbarrondado.

—Quero dizer que nego!—tentou emendar Tetzel.

—E inutil a negativa. Tenho em meu poder todas as provas do crime, assim como os documentos sobre a identidade da creança.

—Miseravel!—murmurou o frade.—Sempre hei-de ficar vencido!...

Os cardeaes e os principes, desejando conter uma maioria sympathica, tinham-se posto de pé. A primeira vista dir-se-hia que se queriam lançar sobre Luthero, á roda do qual, por momentos, não se viu mais do que pennachos, onde, antes, trajos de purpura e homens que gesticulavam.

Luthero, porém, contemplava-os, quedo e imperturbavel.

Carlos V, então, esforçando-se por alterar a voz, disse:

—Martinho Luthero, pela sua conducta audaz, mereceu o desterro.

—A morte! A morte!—gritava furiosa a maioria.

—Talvez que sim: porém eu, imperador, não posso faltar á minha palavra.

—A sua infamia desobriga-vos da promessa empenhada!—clamou o nuncio.

—Disse a ultima palavra—respondeu com voz aspera o imperador—Poderá voltar livremente para Wittemberg, com a condição de que não prégará no caminho.

Luthero acurvou-se, e saíu da assembléa com passo lento.

O episodio, porém, do brinde transpirára já fóra, e apenas Luthero appareceu na praça publica, foi saudado com enthusiastica e trovejante ovação. As mulheres, as creanças, os homens de todas as edades e condições, esperavam-o anciosos, e corriam, victoriando-o na sua passagem.

—Viva Luthero! Viva a Reforma!—gritavam vozes exaltadas.

A revolução religiosa augmentava de violencia, ameaçando o poder pontifical, e pondo em risco o catholicismo. A luz penetrava na densidão da treva em que até então o catholicismo tentára enjaular a verdade. O delirio popular reproduziu, transformando-o em ovação, o preito que lhe fora tributado em Wittemberg. Embalde a soldadesca tentou refrear o enthusiasmo da turba. Os soldados foram rechaçados. Desde esse dia ficára para sempre fundada sobre bases solidas a *Egreja do Renegado.*

O nuncio Alexandre saiu em continente da sala da assembléa, e um quarto de hora depois conversava no seu gabinete com um homem de má catadura.

—Deveis ir em grande numero!—dizia o nuncio do Papa.

E, em seguida a algumas instrucções communicadas em voz sumida, accrescentou:

—Nada de esquecimentos!... Estrada de Wittemberg.

O inimigo de Luthero tentava, como promettera a Tetzel, tomar a desforra no caso de que o envenenamento em projecto falhasse, o que succedeu.

CAPITULO LX

Caim e Abel

É noite. Pelos tenebrosos caminhos da *Floresta Negra* deslisa, silenciosa, sobre o musgo, que apaga o ruido dos seus passos, uma fórma humana. Não se escuta mais nenhum ruido além do produzido pela queda d'uma folha secca, ou pelo pio do mocho. A sombra costeia a linha mais escura das arvores, com a preoccupação evidente de não ser enxergada. Chegou emfim a uma clareira e atravessou-a em passo estugado, no momento mesmo em que a lua, farpando as nuvens, esparge uma luz leitosa na paizagem. É um frade. É Tetzel, que parece bastante conturbado. O que irá o inquisidor fazer áquelles sitios tão desertos e distantes? De quando em quando Tetzel parava, tomava a respiração e punha o ouvido á escuta, attentamente. É que lhe parecia ouvir atraz de si um ruido de passos. Talvez que seja o medo apenas, ou, sem duvida, sonha. É o echo, decerto, que lhe produziu aquella illusão.

Por fim começou a andar de novo. Mas de novo quedou-se immovel, empedrado. Deante d'elle levantava-se um montão de rochas cobertas de plantas trepadeiras e uma infinidade de sarças impenetraveis.

Tetzel embrenhou-se no meio d'ellas, ainda que arranhando a face e as mãos, e trepou pelas rochas até que se achou em frente d'um grande rochedo que lhe embargou a passagem. Mas ás apalpadellas pode reconhecer o granito em que se achava. Devia ser, certamente, aquelle o fim da excursão nocturna. Tocou n'uma certa mola, e uma enorme pedra girando sobre si mesma deixou patente uma cavidade por onde o frade não tardou em desapparecer. Achou-se então Tetzel n'uma caverna profunda, n'uma d'essas grutas subterraneas da edade de pedra, tornadas mais tarde salas de justiça, e cujas paredes devem ter sido testemunhas impassiveis de juizos sem appellação, proferidos por um tribunal mysterioso, sentenças pronunciadas na sombra e executadas ao abrigo das trevas.

Tetzel, ao vêr-se alli só, não receou mais a claridade e accendeu um archote collocado a um canto da gruta. Desceu algumas escadas, empurrou uma porta baixa e cravou o seu archote em terra. Chegára finalmente.

As paredes da grande cova chispavam mil lumieiras, como se fossem feitas de crystal. A um canto enxergavam-se uns poucos de saccos semelhantes na fórma áquelles que vimos já serem transportados ás costas das mulas, na occasião da arremettida de Annibal e Spavento ao frade.

Tetzel acercou da luz do archote o pergaminho d'uma carta, e pela decima vez leu:

Ordenamos ao grande inquisidor Tetzel, viajando na Allemanha, que regresse a Roma sem demora, pois que a venda d'indulgencias não produz já resultados apreciaveis, quiçá pela negligencia do nosso enviado.

Assignado: Leão X.»

—Isto sim, é que é uma desgraça!—disse, batendo com o pé no chão, esbravejando. —Demittem-me! Suspeitam de mim que tanta felicidade tiveram em encontrar, de mim que derramei nas suas arcas um rio d'ouro... Isto é, sem duvida, causado pelas delações d'algum invejoso!... Denunciado! Ah! que se eu soubesse quem era o safardana! Mas quem, quem terá sido capaz de inventar semelhante patranha?... Terão medo acaso que eu metta o seu dinheiro nos bolsos?...

Mas aqui o frade parou e sorriu maliciosamente.

—No fim de contas, não se enganariam de todo! Bem patola seria eu se o não fizesse, não havendo meio de me provarem que larapeei!... Quem sabe se eu não devo accusar de tudo isto que me succede, aquelle scelerado e grandissimo bilhostre de Frick-Frick, que por uma fórma tão singular se separou de mim?...

Tetzel magicou ainda alguns instantes mais: depois, sacudindo a cabeça, exclamou:

—Mas não, não é possivel!... Não posso crêr que se haja portado assim commigo!... A que deveria então attribuir um tal procedimento?... O golpe vem decerto d'esse patife, d'esse bisborria de Hochstratten, enviado á Allemanha para me vigiar. Não póde ser outra coisa!... Terá tratado de se informar, e em vista da diminuição da venda das indulgencias, é elle que faz que eu seja chamado a Roma... Com mil raios! A coisa no emtanto não ia de todo má!... E quem sabe se, pelo contrario, conhecendo que a Allemanha está já bastante explorada, chamam-me para me enviarem a um outro paiz virgem ainda das bullas?... Isto não seria d'espantar!

Parece que esta ideia sorridente teve a fortuna de lhe acalmar os receios e a furia, ao mesmo tempo.

De todos os modos—continuou—não ha tempo a perder. O carro está prompto, e a minha espera, aqui bem perto... Tudo se reduz pois a carregar com este ouro, e a galope, cocheiro, ala, que se faz tarde!... O esconderijo é bom, e, quanto á caleca, bem esperto será quem descontiar o que ella leva assolapada no fundo...

Depois de ter bem matutado e pesado todas estas coisas, abaixou-se Tetzel e carregou com os saccos ás costas.

— Pesam como os demonios! — resmungou — mas é um peso agradavel!...

Mas n'este instante urgico sentiu que lhe travavam do braço. Quem seria? Decerto algum urso, pois de presença humana não haveria que desconfiar em paragem tão alpestre, barrancosa e bravia...

Tetzel, espantado, voltou a cara, e foi com custo que pôde suster um grito de terror. A luz bruxoleante do archote pôde reconhecer nitidamente Frick-Frick.

— Tu! Tu!...

— Não me esperavas? — respondeu o outro.

Tetzel quiz replicar, mas da sua fauce secca não pôde saír articulação, syllaba alguma, e os saccos que tinha ás costas, deixando os rolar de chofre sobre o sólo da gruta, fizeram retimtim metallico, muito aprazivel ao ouvido de Frick-Frick.

— Toma! — casquinou o homem da capa verde — Tudo isso é teu!... E aquelle sacco, alli, tão barrigudo, tambem? Olaré que estás cheio como um ôdre!...

E com o olhar indicava os saccos amontoados na gruta.

— Eu...

— Pensaste na tua velhice, e cuidaste que podias durar mais do que eu mesmo pensei.

Frick-Frick chalaceava, porém a sua galhofa nada tinha de tranquillisador e ainda não havia largado o braço de Tetzel, que conservava apertado entre os dedos, como se fossem tenazes.

— Porque — continuou no mesmo tom chocarreiro e de mofa — te escondes da minha pessoa?... Tens medo talvez de que me pareçam exageradas as tuas economias para a velhice ou que eu te diga: Vamos a repartir! Não é assim?...

E depois o homem da capa verde, mudando de tom, ajuntou:

— Pois olha, meu rico, alguma coisa terias ganho com isso!...

— O que queres dizer?

— Porque agora não me tolhe o receio de faltar á minha palavra, e fico com tudo, chamo a tudo meu.

Tetzel afogou um rugido.

Aquelle ouro, aquelle ouro ajuntado com o suor de [illegible] dizel-o com justiça, aquelle ouro que considerava com[illegible] bado precisamente no momento em que tinha que renunciar ao [illegible] da Pandolfini.

— Tu não és capaz de fazer isso!

— Porque? Tu no meu logar não o farias?...

— Não.

— Embusteiro!

— Repartamos então, ao menos.

— Já é tarde.

— Vejamos. Estás zangado commigo?... Pois não tens razão! Afianço-te que não me esqueci de ti.

—Vamos, basta já de graçolas e de embustices. Digo-te que o quero todo para mim. Entendes?

—Não, homem. Tu mesmo deves vêr que é impossivel e injusto. Deixar eu tudo isto?... Isso não, antes me deixaria matar. Decerto tu fallas assim para me assustares. Dize a verdade, não é assim?...

E o pobre frade tremelicava todo á ideia só de ter de renunciar ao seu ouro, e a voz ficava-lhe estrangulada na guela secca. Por um resto de esperança e de pejo é que se não deitou aos pés do homem da capa verde, que continuava inabalavel e quedo no seu proposito.

—Frick-Frick!—ululava Tetzel, com voz supplice.

Calou-se um momento, e em seguida proseguiu com voz caramunhosa:

—Meu irmão! porque tu bem sabes que és meu irmão!...

Mas Frick-Frick, impiedoso, desfechou-lhe uma estrondosa e satanica casquinada.

—Ah! Só agora te lembras de que somos filhos da mesma mãe! Já era tempo! Até hoje nunca te havias lembrado de tal! Sentias-te tão ancho da tua posição tão superior á minha!... Porque a tua posição era muito superior, apesar de tantas libertinagens e loucuras!... Tu sentias mesmo um certo gaudio interior em me humilhares, dando-me ordens, e eu mordia-me de raiva em desperdiçar, em um papel secundario, muito mais genio do que tu... Mas agora chega a minha hora de desforra. Despe-te.

—O que?...

Ninguem diria que estes dois personagens, que tão pouco se pareciam, eram irmãos. Frick-Frick estava acarminado de colera, e Tetzel livido. Por unica resposta, o homem da capa verde apontára á cabeça do inquisidor uma d'aquellas enormes pistolas que então começavam a usar-se já.

—Miseravel!—disse Tetzel.

Mas logo, uma atraz da outra, foi despindo todas as peças do vestuario e entregando-as a Frick-Frick, que, impassivel sempre, ia-as deitando para traz de si.

—Basta!—disse finalmente o homem da capa verde, quando já Tetzel estava em camisa—Vejo que não tens arma alguma sobre ti, e é escusado pois que offenda o teu pudor.

E, depois de uma sardonica gargalhada, disse:

—Deves facilmente comprehender, *meu irmão*—e carregou n'estas palavras—que eu tinha que tomar algumas precauções a teu respeito. Ha alguns tempos já que eu suspeitava que ias rapinando a Egreja sem me dares parte d'isso, o que não é bonito, e o que augmentava o teu peccado. Se tu não reparaste que eu desconfiava de ti, é preciso que sejas um pedaço d'asno chapado. Socega, ainda não acabei. Deixa-me que uma vez só na vida faça o officio de prégador. Hoje, eu pude dar com o teu coio, o teu esconderijo, e segui-te porque sabia que havias recebido uma carta, ordenando-te que voltasses a Roma.

—Foi elle!...—pensou Tetzel.

—Tendo a certeza de que não partirias deixando a *loa* na Allemanha, vim te nas pingadas... Todavia, como tenho a certeza de que em saindo d'aqui corres a denunciar-me...

—Eu?

—Sim, tu... Decidi que não deves saír d'aqui.
—Visto isso, vaes assassinar-me?...
—Bem vês que, infelizmente, é preciso.
—Tu a mim... Mas isso é horrivel!...
—Ai! nem tudo são rosas na vida!...

Tetzel dobrou a cabeça á adversidade que o perseguia, e soltou um doloroso suspiro. Elle, de ordinario d'uma vermelhidão muito semelhante á

Frick-Frick apontára á cabeça do inquisidor uma d'aquellas enormes pistolas que então começavam a usar-se.

CAP. IX.

do fructo do tomateiro, estava livido, ou, melhor, verde. O medo que sentia fazia-o suar, mas suor que depressa se seccava, para dar logar a novo suor. A expressão pavida da morte reflectia-se-lhe na face e nos olhos esgazeados.

Frick-Frick contemplava-o com desprezo fundo.

—Cobarde!—murmurou entre dentes.

Mas como o vento da gruta estivesse a ponto de apagar a chamma do

archote, Frick-Frick, como homem que sabe que nada tem a temer, voltou-se para a abrigar da corrente do ar frio. Mas de chofre regougou um grito terrivel. No cerebro de Tetzel, em que vivia ainda o espirito da conservação propria, brotára de subito uma ideia rapida como o raio. Vendo que o irmão lhe voltava as costas, puzera-se surdamente em pé, d'um salto, e vendo-se sem arma alguma, atirou-se á garganta do seu inimigo com as mãos ambas abertas, ao passo que, com um prodigioso esforço, cravava-lhe os dentes na nuca. As vertebras todas de Frick-Frick rechinaram com um sinistro ruido.

Depois reinou um silencio cavo, interrompido apenas pelo arquejar e o ruido das respirações. Ambos, fortemente enlaçados um ao outro, haviam rolado ao sólo humido da gruta, até que finalmente Tetzel se levantou só, com a bocca cheia de sangue. Frick-Frick, com a columna vertebral partida, jazia por terra. Tetzel deu-lhe um pontapé, e atirou o cadaver para um canto da caverna.

—Assim o quiz!—murmurou elle.

Quebrado e vencido tambem depois pela emoção, caíu desmaiado.

Uma hora depois, uma berlinda puxada por quatro ardegos cavallos, corria a todo o galope, fazendo chispar lume das pedras da estrada que conduzia á Italia. Tetzel, completamente reposto já da sua excitação, em trajo de cocheiro, é que guiava a berlinda, sem sombra já de temor, nem de cuidado algum. O que é que effectivamente o poderia preoccupar agora? O cadaver de seu irmão; mas além de que aquelle sujeito era pouco recommendavel, não levava elle, Tetzel, na sua mão, as famosas bullas que lhe davam a remissão de todos os peccados presentes e futuros, *in saecula saeculorum?*...

Eis a razão por que fustigava sem piedade os cavallos da berlinda a caminho da Italia.

PARTE OITAVA

O Papado pactua com a Allemanha

CAPITULO LXI

Mais uma victima

DURANTE duas noites consecutivas foi velado o cadaver da infeliz Maria de Bibiena, e durante essas duas cruciantes noites o malaventurado pae soffreu horrivelmente. Se por acaso, rendido pelo cansaço, alguma vez cedia um instante ao somno, depressa acordava logo, em sobresalto. E quando despertava, o coração de pae fazia-lhe figurar que a filha resuscitára por um milagre, e que agora apenas estava adormecida, e que em breve, saíndo d'aquelle estado, a poderia estreitar entre os braços. Sonhos espantosos que a realidade amarga torna ainda mais terriveis.

Não, a joven estava alli immovel, queda e branca, com os olhos cerrados pela algida mão da morte! O que o pobre pae tomava, ás vezes, por um movimento, era motivado pela oscillação da luz das tochas, e das velas, era promovido pela fadiga tambem de seus olhos lassos de chorar.

Sua filha!... Sua filha!... E não poder pronunciar aquelle nome á luz do mundo todo, de toda a gente!... Ver-se obrigado a esconder, a mentir, não tanto já por elle, mas em respeito á memoria de Beatriz, sua mãe!... Ah, tudo acabou para elle agora na terra! Que objectivo, que alvo, que fim poderia ter agora para elle a vida?... Para que, e para quem, viverá agora? Ah, sim, ainda lhe resta uma missão. É preciso vingar-se do assassino!

Comprehende agora as sympathias que nutria pelos conjurados. Sim, áquelles homens assiste-lhes a razão e o direito, e elle ha de tambem unir-se a elles. Contar-lhes-ha aquella nova infamia, para elles ajuntarem á vindicta das outras, o que lhes deve decerto reavivar a sua resolução e enthusiasmo pela grande empreza.

Os convidados começavam a chegar á casa mortuaria. Julieta, de luto carregado, ainda com os olhos alagados do chôro que tem vertido sobre o cadaver da sua joven ama, avisou o pae de que o palacio estava cheio dos seus amigos, e que o carro funebre estava á porta.

Chegou aquelle instante mais tremendo e miserando do drama amargo da morte — o da separação. A separação até alli não fôra completa. Até alli fôra-lhe permittido olhar e contemplar as feições amadas, que apesar da immobilidade da morte, produziam ainda a illusão da vida. Até alli ainda pudera experimentar uma especie de dolorosa satisfação apertando a mão gelada d'ella e procurando encontrar ainda um resto de movimento, um estremecimento qualquer. Tão fundas são as raizes que a esperança alastra no coração do homem!... Oh! é desolador, é inexprimivel, é inenarravel vêr como nos pretendem arrebatar para todo o sempre aquelle ser adorado, vêr como aquelle ente que foi, e que se amou sobre todos e tudo na vida, vae ser em breve subvertido pelo nada!

Os miseros sobreviventes, desde essa hora malfadada, vagueiam então pela casa deserta dos seus passos e da sua voz, lutuosos como sombras.

— Minha filha! Minha filha!...

São estas as unicas vozes que os labios do triste pae sabem e podem articular. E, em voz baixa e dorida, repete aquelle nome que durante tanto tempo se viu coagido a occultar no mais intimo do coração, aquelle nome que nunca lhe pode dar senão em pequenina, quando o não podia comprehender... E agora, depois de morta, quando ella o não podia ouvir!...

Fóra de si, precipitou-se sobre o despojo da filha, e sem que o gelo da morte lhe fizesse impressão no labio, beijou-a convulsivamente, freneticamente, pela derradeira vez.

— Vae, Julieta, e avisa de que podem vir... — murmurou o infeliz.

Bem diversas e bem varias são as conversações que entre si tem os amigos da familia da extincta, emquanto aguardam a recepção e o desfilar do cortejo, bem varias e bem diversas das que se ouviam por occasião da morte de Leão X. Em todas as faces, a dor sincera apparecia debuxada, misturada á compaixão mais entranhada. Não se descobre alli de modo algum aquella composta hypocrisia, a que muitas vezes a etiqueta obriga. A morte subita, repentina, inexplicavel d'aquella virgem cuja belleza, bondade, juventude e amabilidade infinita, havia captado todas as sympathias e todos os corações, parece a todos injusta, cruel, tanto como pareceu a de Raphael, seu noivo. A todos opprime e fere o golpe que recebeu em cheio o cardeal, e chega a causar espanto ver velhos de cabellos brancos, cache

ticos, arrastando-se penosamente, ao passo que aquella formosa moça parte para o paiz do repouso eterno, sem ter quasi comprehendido o amor.

E tão grande e puro era o respeito que infundia em todos aquelle virginal cadaver, quão grande fora o gaudio irrespeitoso que inspirára a vista d'aquelle que se cuidára ser o do finado Leão X.

Mas porque é que a ceremonia lugubre ainda não começou?... Leão X, todavia, acaba de chegar, e é a elle que compete deitar a primeira benção. Porque se fez esperar Sua Santidade? Circula o boato de que as pompas funebres não findaram ainda, e que as caixas de flores de laranja e de rosas brancas não vieram tambem. Quem enviará aquellas flôres? Não se sabe: o que as offereceu occultou o seu nome. Mas quem é que se encarregará de tributar á joven a ultima e delicada homenagem?... Bibienna, que não quiz declinar em ninguem o ultimo e dôce tributo de cobrir a filha de flores embalsamadas e olorosas das virgens. É mesmo com esforço que se resigna a que Julieta o coadjuve tambem n'aquella operação. E corre d'uma parte para outra, sollicito, aturdido decerto por tantas emoções terriveis. Bibiena finalmente fez um signal, a porta abriu-se de par em par, e Leão X appareceu em attitude piedosa e contrita. Todos os assistentes o imitam, e elle avança á frente da chusma dos convidados.

Oh! não podel-o fulminar n'aquelle instante! Não poder atirar-se sobre aquelle miseravel e estendel-o aos pés com uma punhada apenas, deante do ataúde da sua victima! Paciencia! A hora soará. O desfilar do cortejo luttuoso vae começar. Bibiena, — elle, o tio, ou antes o pae adoptivo, é que deve ser o ultimo a despedir-se da pobre martyr. Refreando a custo as lagrimas e os soluços, lançou-se sobre o cadaver, e escondeu a face entre as desfolhadas flôres de laranjeira.

Um vago, porém cruel sorriso, parece enrugar o labio do Papa. Qual será a ideia que cruza pelo cerebro d'aquelle grande cynico?

Bibiena, finalmente, fazendo um esforço supremo, conseguiu pôr-se em pé. Causa espanto vel-o! O que terá elle? Aquella pallidez será filha apenas do desespero?

Leão X adeantou-se, para abençoar o cadaver. Bibiena correu ao encontro d'elle, e avançou em attitude hostil... Mas não póde mais. A voz estrangulou-se-lhe na garganta, e só o olhar do cardeal, terrivel, inexoravel, procurou embalde os olhos do pontifice, que pareceu baixal-os em signal de profunda consternação. Não resta duvida alguma agora. O cardeal decerto está doente. Mal se póde suster em pé. Tenta caminhar, mas mal se equilibra nas pernas, cambaleia, e por fim cae de joelhos, sem proferir uma palavra, e sem que outra coisa mais do que o seu olhar revele o seu soffrimento.

Só uma pessoa, Lourenço de Medicis, correu a amparal-o. Pegando-lhe pelos sovacos dos braços tentou levantal-o, e póde ouvir ainda murmurar estas phrases:

—Oh! as flôres estavam envenenadas... O Papa é duas vezes assassino...

Mal mal proferiu isto, os labios contraíram-se-lhe e baqueou no sólo.

—Está morto!... morto...—exclamaram os convidados.

Todos accorreram então de tropel, emquanto o Papa, ajoelhando-se, começou a entoar as orações dos finados. A Lourenço de Medicis só não illudiu aquella attitude refalsada, e levantando os olhos ao céo, murmurou:

—Mais uma victima! Quando poderei vingal-as a todas?...

CAPITULO LXII

Outros personagens que regressam a Roma

Em frente d'uma locanda, duas leguas distante de Roma, via-se um carro parado. O locandeiro, com o gorro na mão e em attitude reverenciosa, enumerava as vantagens que poderiam advir aos viajeiros se pernoitassem na sua locanda, podendo regressar descançados a Roma. Dizia mais que, se acaso quizessem lá pernoitar, tinha uma excellente creada, pela qual o haviam felicitado não poucos prelados. E insistia ácerca dos perigos que podiam correr os viajantes expondo-se, de noite, a transitar por campos pouco seguros, e infestados de soldados e bandidos, graças ao pessimo estado da policia organisada por monsenhor Hochstratten.

Porém, toda aquella torrente de culinaria oratoria era absolutamente esteril, visto que o viajante estava decidido a partir sem mais delongas.

— Decididamente, monsenhor, resolve affrontar estas pessimas estradas de noite?...

— Não me demorarei aqui senão o indispensavel ao descanço das cavalgaduras e dos creados — respondeu uma voz secca, que não podia deixar duvidas de que fosse a do grande inquisidor Hochstratten em pessoa.

— Tudo quanto digo — insistiu o locandeiro — é mais em beneficio de monsenhor que do meu. Não ha muito que vi rondar por estes arredores dois personagens sinistros, um alto, outro fraca figura, mas que me pareciam animados das mais perversas intenções a respeito das algibeiras. Traziam ambos enormes espadagões, e iria jurar que os seus bolsos estavam abarrotados d'escudos, de que a maior parte pertencia ao seu semelhante.

— Acabemos, basta! — disse Hochstratten impaciente. — Já disse o que devia dizer...

—Asseguro-lhe, monsenhor...

—Avisae o cocheiro de que esteja prompto a partir.

O locandeiro saudou-o respeitosamente, comprehendendo que não podia insistir mais, e reprimindo um suspiro de desgosto retirou os cavallos da mangedoura. Da mortificação que a recusa do viajante lhe causava desforrou-se elle, cobrando o dobro do penso das cavalgaduras e do gasto com o cocheiro.

Dois minutos depois, estimulados pelo chicote, os cavallos partiam á desfilada, a caminho de Roma.

Hochstratten regressava da Allemanha, onde terminára a sua missão. Fôra enviado pelo Papa, depois de ser promovido a cardeal, pela vaga de Petrucci, com a incumbencia de vigiar Tetzel. O seu encargo consistia em percorrer as principaes cidades da Allemanha e exercer uma especie de fiscalisação sobre os resultados produzidos pela venda das indulgencias.

Tendo Leão X notado que a venda afrouxava, que os compradores crédulos eram raros, que os incautos, como hoje se diz, acorriam cada vez menos a encher os saccos do prégador, quiz certificar-se das causas que se oppunham e embaraçavam o bom exito do santo negocio. Seriam os progressos da Reforma a causa unica d'aquella consideravel descida do commercio? Sem querer accusar directamente, nem de um modo aberto-Tetzel, quiz pelo menos, sabendo que não podia impedir certas delapidações em absoluto, empregar os meios possiveis para evitar alguns desfalques mais escandalosos.

Não lhe custou muito a Hochstratten adquirir a convicção da falta de honradez do seu collega, porque era perito na materia. Foi, pois, por indicação sua, e não de Frick-Frick, que Tetzel recebera ordem de partir para Roma, o que equivalia a uma desgraça para o frade.

Hochstratten, além d'isto, aproveitou tambem o tempo, estudando a marcha do protestantismo, e sobretudo a opinião que ácerca da Reforma tinham tanto os principes soberanos, como o imperador. Por isso quizera assistir á dieta de Worms, que marcou o termo das suas peregrinações, pois que o espectaculo que presenciou o decidiu a deixar a Allemanha.

Era preciso, e mais ainda que preciso, indispensavel, pôr ao facto o Pontifice, quanto antes, de todas as vexações e desordens commettidas em nome da liberdade de consciencia por aquelle frade rebellado, Luthero —aquelle frade, oh raiva! que, tendo-o tido entre as mãos, haviam deixado todavia escapar.

Eis as causas por que o grande inquisidor tanta pressa tinha de se vêr no Vaticano. Balouçado suavemente ao compasso dos guisos dos cavallos, que tilintavam alegremente no silencio nocturno, o inquisidor sentia o somno invadil-o a medida que a noite escurecia mais. Rendido pelo cansaço, cerrou emfim os olhos, entregando-se aos doces sonhos da ambição e formando projectos futuros, nos quaes mais de um cadaver servia de degrau triumphal para a satisfação e complemento dos seus desejos. De vez em quando entreabria os olhos e via o circulo de luz produzido pelas lanternas do carro, illuminando a estrada pedregosa, emquanto que aos lados pareciam fugir deante d'elle duas linhas, duas fileiras negras. É que atravessavam um bosque.

De repente, o inquisidor abriu os olhos, e alçou a cabeça, sobresaltado. É que o carro acabava de parar bruscamente, e no meio de formidaveis detonações escutavam-se vozes que berravam:

—Bolsa ou vida!

Decididamente o estalajadeiro não deixava de ter razão quando o aconselhára a que esperasse o raiar do dia para proseguir a jornada.

O inquisidor ouvia o fracasso da lucta, pragas horriveis, e o surdo baque d'um corpo que cae desamparado no chão. É que o cocheiro fôra arremessado fóra do assento. Ao mesmo tempo saltavam em estilhaços as vidraças da carruagem, e appareciam á portinhola duas caras ferozes, de nariz avermelhado, e longos bigodes.

O nosso amigo Annibal surgia na portinhola direita, emquanto que na esquerda apparecia o nosso amigo Spavento. Os dois espadachins estavam já fartos da Allemanha onde haviam cortido muita fome e perdido a energia: e, portanto, aproveitando o incidente de Catharina de Bora e da sua salvação, dispunham-se de novo a vêr o formoso céo azul da sua patria.

Apesar de tudo, tinham-lhes sobrado ainda meios com que fazer desafogadamente a jornada, graças ao dinheiro adiantado que lhes havia dado Tetzel pela tramoia frustrada, e aos diamantes que lhes havia dado Frick-Frick no *Rato de Flandres*, além d'aquelles que haviam rapinado aos cadaveres de Wilfrid e de Frederica de Rosemberg. Isto porém não obstava a que a sua conducta nas estradas e florestas fosse absolutamente regular, isto é, não perdiam occasião alguma de avolumar as suas bolsas, do que poderiam servir de testemunhas um ou outro viajante, ou caravana, que a sorte lhes fazia caír entre as mãos, a cada passo.

Depois de terem chegado sem obstaculo nem empecilho ás portas de Roma, os dois amigos, que caminhavam então a pé, *musa pedestris*, tendo-lhes dado o faro d'aquelle coche principesco, e considerando-o como um lindo remate, uma formosa cupula, um magnifico zimborio das suas façanhas e aventuras mavorcias, mal se haviam decidido a dar aquelle grande golpe que tinham mettido, logo, mãos á obra.

Por sem duvida que a escuridão é má conselheira. Por isso, com um imperturbavel aprumo, por causa da certeza de uma victoria facil, mettendo a cabeça pelas portinholas os dois ferrabrazes regougaram:

—Bolsa ou vida!

Ai! aquella illimitada e indiscreta confiança não foi de longa dura! Não tinham que se haver apenas com qualquer banazola viajante ou maricas forasteiro, a quem a vista apenas do cano d'um arcabuz géla e faz quedar o sangue nas veias, como por tantas vezes lhes succedera. Longe d'isto, em vez de encontrarem um viajeiro pallido, tremelicante de susto e implorando piedade, foram testemunhas d'algo extremamente desgracioso, que os fez estacar estarrecidos, e de bôca aberta.

O que viram foi o cano, ou, antes, os canos de duas pistolas—uma invenção recente e excommungada!—assestados contra elles. Os nossos cavalheiros não tinham tido tempo sequer de dizer ai! quando já haviam explosido dois tiros.

Annibal soltou um grito lacerante, porque a bala tinha-lhe partido um

hombro. Quanto a Spavento, que se lançára para traz com força, não fôra ferido, mas escapára apenas d'um perigo para caír n'outro peor. Ao querer retirar a cabeça da portinhola, o seu pescoço encontrára a aguda ponta d'um vidro partido, cortante como uma navalha de barba, que penetrando-lhe na carne, lhe abrira a arteria carotida. Spavento caíu no chão, de costas. Foi um tremendo baque! E foi o ultimo.

—Enzio!—gritou Hochstratten.

—Aqui estou, monsenhor.

E o cocheiro, que, mais ainda que o estrago, lamentava o susto, tornou a subir para a almofada.

—Não ha mais nenhum?—perguntou Hochstratten.

—Não, monsenhor, pelo menos que eu saiba!

—Então, a caminho, e lésto!

Emquanto a caleça corria a todo o galope, Hochstratten tornava a recostar-se no fundo do vehiculo, mas não sem que um camponez, que correra ao estardalhaço da lucta e dos tiros, tivesse tido tempo de enxergal-o.

—Hochstratten!—murmurou elle, estremecendo e sem parar, mau grado os gemidos de Annibal, a quem o hombro fracturado produzia dôres atrozes.

E, sem sequer fazer caso do cadaver de Spavento, estatelado no sólo, seguiu com a vista a berlinda do inquisidor. Os olhos de Lucas, pois era elle em pessoa, chispavam como carbunculos na escuridão da noite, e entranhada alegria o dilatava todo.

Durante um segundo quedou-se alli, immovel, e cogitando:

—Está de volta!—monologou elle—e, portanto, avisinha-se a hora de me vingar!

E desappareceu entre a ramaria, trauteando uma cançoneta pastoril.

Annibal, sentado á borda de um poço, estancava, como podia, o sangue da ferida.

Que excommungada polvora teriam aquellas pistolas do diabo?... Uma metralha horrifica!... Os padrecas têm umas taes invenções do inferno!... Tem toda a carne esfrangalhada, os ossos pulverisados, dir-se-hia que a bala lhe penetrára nas costas, produzindo-lhe feridas infinitas... Não ha remedio! A sua nobre carreira ficou cortada, e terminou alli... Nunca mais para o futuro se poderá servir d'aquelle braço com que tantos serviços prestou á humanidade, alliviando-a dos seus pesos!... Não podera sequer levantal-o!... Esperar que aquillo tenha cura é loucura rematada. Elle está preso apenas por alguns pedaços de carne ensanguentada. Ah, maldito padre!... É preciso armar-se de paciencia... De que lhe servira arrastar aquelle membro inutil que não mais soldará, e que só está destinado a apodrecer e gangrenar? É preciso portanto desfazer-se d'aquella inutilidade.

E Annibal, sacando da algibeira a sua faca de matto, depois de ter encontrado forças na propria dor, cortou enraivecido a carne viva, e levou

a feliz termo aquella dura operação. Toda a mão gottejava sangue, e o braço a pouco e pouco se foi desprendendo, até que afinal tombou decepado no chão, com os dedos crispados.

Sentiu então como que uma syncope. Felizmente o fresco da noite e a mesma violencia impediram-no que desmaiasse, aliás esvair-se-hia todo em sangue. Conforme pôde cobriu o cóto do braço decepado com um lenço, que a curto trecho ficou todo empapado em sangueira.

— Adeus, Spavento! Que triste noite! Que lutuosa noite! E que maldita inspiração tivemos!... Pobre e querido companheiro de glorias e de fadigas, tão esforçado, tão arteiro, tão subtil, tão previdente, tão inventivo, tão engenhoso!... Ah! no meio de tudo elle é o mais feliz, porque morreu no campo da batalha, ferido honrosamente no meio da pugna, e não ficará um invalido para ahi, como elle, para todo o resto dos seus dias! Morto precisamente quando se abeiravam do repouso e do descanso, tão bem merecidos e ganhos!... Como Spavento não estaria inspirado n'aquella occasião a fazer o necrologio do seu proprio cadaver, se fosse possivel, elle que era tão sublime nas orações funebres!...

E Annibal arrastou-se conforme pôde até junto do cadaver do seu amigo.

Que espectaculo!... O seu Pylades, o seu confrade, o seu collega, o seu irmão d'armas, jaz n'uma poça de sangue, com a cabeça quasi separada do tronco, e como decapitada... A sua attitude, a sua catadura ainda assim são heroicas... O seu ar ainda é bellico, e tem a mão ainda no punho da espada...

Oh! aquella espada é a espada do Archanjo, e elle não tem direito de a abandonar alli. Aquelle abandono do chanfalho do seu confrade não serviria senão para aticar a cupidez d'algum adventicio, que a rapinaria... Que sacrilegio, rapinarem aquella catana pujante com que elle se cobrira de louros!... Tambem não lhe deve deixar o annel, nem o bolso repleto d'ouro e joias... Aquelles thesouros inapreciaveis, sobretudo, são recordações, que devem ser recolhidas por mãos... por mãos, não, visto que elle está maneta, mas pela sua mão piedosa...

E não sem custo, com a direita sã, foi-se apoderando do annel e da escarcella do amigo, e mettendo todo o conteúdo nas algibeiras, desembainhando depois a espada.

— Adeus, Spavento, adeus! — murmurou elle com os olhos rasos de lagrimas — Que pena não poder levar o teu cadaver tão facilmente como o annel e...

E Annibal, encostando-se á espada em guisa de muleta, afastou-se lentamente, não sem primeiro ter tido a nobre idéa, propria só dos grandes corações, de collocar o seu braço cortado ao pé do seu amigo, com a sua mão mutilada na d'elle.

E ao retirar-se saudou ainda com o olhar, pela derradeira vez, aquelle rosto querido.

O seu andar é porém penoso, incerto e cambaleante.

Para onde irá agora?... Para Roma, é claro, para casa de sua estremecida irmã. Não lhe affirmou Tetzel que ella vivia ainda?...

Ai! que gaudio intimo elle estava sentindo de tornar a ver a sua re-

suscitada, depois de tão longa ausencia! E que regresso o seu! Sem o seu amigo, e maneta!...

Magicando melancolicamente d'esta fórma, continuou arrastando-se cheio de custo, o sangue ainda gottejando da ferida.

Finalmente chegou á casita dos cyprestes, que abandonára quando se puzera a caminho da Allemanha, e de cujo paiz tão más recordações trazia. Ao chegar á porta bateu. Veio abrir uma creada, a quem elle perguntou, o mais mellifluo que pôde:

—A bella Flora?...

—Mora aqui, é verdade, mas...

Esta adversativa da gentil creada era motivada pela surpreza que lhe causára o estranho aspecto d'aquelle homem com o fato cheio de sangue, de longa bigodeira, e encostado a uma espada nua, como uma bengala. Tomou-o, é claro, por um assassino. E atabalhoada, espavorida, tomando uma resolução, ajuntou ao seu *mas:*

—A senhora não está em casa.

—Então esperarei.

—É que...

—Estará fóra muito tempo? —replicou Annibal, forcejando por entrar.

—Mas é que eu não consinto...—disse a rapariga.

Mas n'este instante, no cimo da escada, ouviu-se este grito fraternal e enternecido:

—Meu irmão!

Oh, apparição admiravel! E sempre tão seductora!...

—Rica irmã!...

E a cortezã desceu correndo a escada depressa, sem se preoccupar de que está meio nua, e correu a lançar-se nos braços do irmão, que a afasta com a unica mão que lhe resta.

—Olha!—disse elle.

Flora soltou um grito terrivel de piedade e angustia.

—Misericordia!—exclamou—Coitadinho!

—Não posso trabalhar, vês, Florasinha querida!—gemeu Annibal compungido.

E o tremebundo mata-sete, com os olhos orvalhados de pranto, olhava as duas catanas agora inuteis, e só boas para uma panoplia. A recordação das passadas façanhas, das aventuras productivas, a que é forçoso agora renunciar para sempre, acode-lhe agora á memoria, e despeja-lhe na alma entranhada melancolia.

—Vamos—retorquiu, em ar de consolação, a sempre piedosa e indulgente Flora—vem descansar e dormir um bocadinho, emquanto o medico, a quem vou mandar recado, não chega. E não te inquietes—accrescentou, enternecida—não estejas com cuidados no futuro!... Não estou eu aqui? Eu trabalharei pelos dois!...

A conjura mallograda contra a vida do Pontifice produzira um resultado curioso. Figurava-se a Leão X que acabava de saír d'uma doença penosa, e por isso dispunha-se a gozar com mais enthusiasmo ainda a sua florida e regalada existencia.

Parecia-lhe o céo mais brilhante, a natureza mais ridente, as mulheres mais maravilhosas do que nunca. A morte do cardeal Bibiena deixára-o tranquillo de todos os sustos. Ninguem, além d'elle, digno de credito pu-

Adeus, Spavento, adeus! -lagrimejou elle.

CAP. LXII.

dera descobrir o seu segredo, e portanto ninguem o poderia accusar. Nem o mesmo suicidio de Maria lhe causava remorso algum. O deboche e a crapula haviam endurecido a sua alma, e só a voz da libertinagem achava echo em seus sentidos. O pudôr exagerado parecia-lhe ridiculo. Era tão facil ceder ao desejo!... Que mal poderia ter resultado d'ahi? Uma hora de prazer. Decerto era lamentavel o que havia succedido. A moça era digna de compaixão, mais nada.

Descançado a respeito da sua saude, que cada vez era mais florescente, atirava-se aos braços dos seus prazeres favoritos.

Eis aqui o que a historia nos conservou fielmente a respeito dos habitos d'este bom principe:

A caça servia frequentemente de intermedio da orgia, e tanto a uma, como a outra, entregava-se com enthusiasmo egual. Quando proseguia com ardor uma pista, o Papa transfigurava-se, e poderiam cuidar que perseguia uma mulher que se difficultava. Mas desgraçados d'aquelles que deixassem escapar a caça! Pagavam caro a sua negligencia, ou ignorancia.

Era tal a furia e a iracundia, de que dava então mostras, que os infelizes réos de tal delicto davam-se por muito contentes, quando só lhes caía sôbre os lombos alguma chuva de chicotadas. Mas, se pelo contrario derribava, ou um corpulento e formoso gamo, ou um vigoroso e sanhudo javali, e banhava bem os braços no seu sangue, a sua alegria parecia-se bem com um delirio, e achava-se então predisposto a conceder todo o genero de favores e beneficios. Á noite, repousava das fadigas da caça, refocilando em interminaveis crapulas e festins, que se prolongavam por vezes até sol nado. Todos se estimulavam n'estas bambochatas pontificaes, a procurar inventar um novo prato, como se voltassem os tempos de Lucullo e de Trimalcião.

Quatro cozinheiros habeis, entre os mais habeis vindos de varios paizes, e pagos como principes, se occupavam unicamente em condimentar manjares desconhecidos. A elles é que é devedora a humanidade das salchichas e chouriços recheados de figados de pato. Em troca de tão util invenção, os fieis não tinham que pagar senão cada anno sete milhões para a mesa do Papa. O que equivale a dizer cincoenta milhões na nossa moeda. Uma bagatella!

N'estes festins em que se exibia um luxo inaudito, os convivas encontravam boa mesa, bca coma... e o resto.

De facto, appetitosas beldades, e moços effeminados, vestidos em trajos orientaes, e perfumados com aromas arabicos, uns e outros espertos na arte de causarem deleites e sensações raras, tinham ordem de corresponder aos afagos dos convivas, e provocal-os mesmo, se fosse preciso tanto.

Aquelles banquetes eram orgias crapulosas em que todo o pudor desapparecia, e que em nada cediam as festas priapicas que descreve Suetonio, nem as orgias heliogabalescas dos Borgias. Mas tal era o furor da depravação a que Leão X havia chegado que todos aquelles refinamentos e requintes não o satisfaziam. O seu paladar estragado exigia um prato mais infame ainda. Nada lhe parecia sufficientemente escandaloso, extraordinario, nem diabolico.

N'aquelles grupos de mulheres voluptuosas e provocadoras, destacava-se sempre, para o Papa, um perfil de mulher appetecida. Frequentes vezes, na epoca de que fallamos, contemplava com a maior luxuria aquella admiravel amante de Raphael, aquelle sepulchro de carne, como lhe chamavam, em que o grande pintor se sepultou. A Fornarina era que quasi sempre presidia aquellas nocturnas orgias, em que reinava a dissipação. E era o seu rosto que mais que nenhum outro lhe perseguia de continuo a ima-

ginação como uma recordação fascinadora, appetecida mais que nenhuma outra.

A ideia de que o sublime pintor morrera por causa dos seus beijos, tornava-a para elle mais attrahente. Tal morte, dizia elle como Achilles, era um favor dos deuses.

N'essas occasiões o Papa deleitava-se em phantasiar desconhecidos abysmos da mais requintada voluptuosidade que decerto devia possuir, ou inventar aquella nova Cleopatra. Elle havia chegado á borda d'aquelle esbarradondeiro, aquelle vortice, aquelle pégo, aquelle precipicio d'um declive tão rapido, a voragem tão irrisistivel, que só o clarão da Virtude poderá ainda sustar a queda ao fatalmente attrahido pelo vicio.

Leão X, cujo organismo derrancado permanecia impassivel ante os prazeres ordinarios e naturaes, procurava só com afan deleites mordentes e estonteadores.

Se tivesse tido uma irmã, exigiria d'ella o que Francisco I exigiu em Madrid de Margarida de Valois, e o que Cesar Borgia obteve de Lucrecia. Esta sim, fôra uma dama sem preoccupações nem escrupulos: não foram só seus dois irmãos que a possuiram, possuiu-a tambem seu pae, que foi tambem um pastor d'almas, como Leão, que foi Alexandre VI.

Esta sim, fôra a manceba de toda a familia!

Ora era esta a ideia monstruosa que no fundo preoccupava Sua Santidade: — destlorar sua formosa filha. Aquillo sim, aquillo é que era uma voluptuosidade nova, pouco trivial, fôra do commum, sacrilega, incestuosa, extraordinaria, atrevida, diabolica — e por isso mesmo celestial!

Destlorar sua filha, que deleite! E demais, sendo elle um Papa, um chefe sagrado, o representante de Christo na terra — que sacrilegio, mas que delicia!

Aquelle mysterio que envolvêra o nascimento da Fornarina, era tanto para elle, como para ella, como para todo o mundo, um mysterio emfim, no qual, tudo quanto elle podéra conjecturar fôra uma probabilidade, uma dôce meia tinta quasi de convicção, um leve tom esbatido da certeza, mas que tinha, por isso, um pico mais mordente, mais fascinação, mais attractivo, que lhe agradava e o attrahia. Mais luz no caso, não teria sido tão delirante, tão saboroso talvez, d'um gume tão fatalmente diabolico. Mas a penumbra, o mysterio, a suspeita, que era quasi uma convicção... o crepusculo que por assim dizer farpava uma lingua de labareda infernal — que abysmo, e que attracção!

Refastelado, portanto, no seu divan, cogitava d'esta sorte, com insistencia tenaz, assentando n'este ponto, inabalavelmente:

— É preciso que eu me faça amar d'esta mulher!...

Mas de golpe, uma dôce voz nada feminina, bem timbrada mas grossa, perguntou:

— Incommodarei Vossa Santidade?...

O Papa deu um pulo e levantou-se de chofre, como se o tivesse feito saltar uma mola.

CAPITULO LXIII

Italia vendida pela Egreja

Ao vêr deante de si o grande inquisidor, a quem fazia ainda na Allemanha, Sua Santidade soltou um grito exclamativo.

—Vós aqui!?—perguntou.

—Cheguei, ha-de haver uma hora.

—Nem sequer descançastes?

—É que necessito fallar-vos.

—Já?

—Não me enviastes para que por meus proprios olhos apreciasse a importancia do movimento?

—É verdade, mas...

O tom com que o Papa disse isto era tão desagradavel, revelava aborrecimento tal (e com razão, visto que o haviam turbado n'um devaneio tão delicioso!) que Hochstratten replicou:

—Comprehendo. Preferis agora aos negocios da Egreja o prazer d'algum festim preparado, ou d'uma voluptuosidade promettida...

O tom que com Hochstratten proferiu isto era tão secco, que o Pontifice entendeu a lição, e, offendido, retorquiu, dizendo:

—Percebestes-me mal.

—Assim o desejo—respondeu o inquisidor, glacialmente. E sem descravar os olhos do Papa continuou:

—Quando observei grandes preparativos de festa, no bosque ouve-se soar a trompa de caça, e nas abobadas do Vaticano, onde tudo devia estar immovel, quieto, grave e silencioso como n'uma cidadella, não se ouvem senão musicas e cantos... E tudo isto não é senão o preludio de noites sem somno...

—Desde quando?—perguntou o Papa.

—Não vos accuso. Vós ignoraes a situação, ou para dizer melhor, do que vos accuso, é de que a ignoraes.

—O que aconteceu pois?

—Succede que o perigo é cada vez maior do que vós mesmo podeis imaginar... Esse frade, esse Martinho Luthero, que vós não soubestes conhecer, será a causa da desgraça de todos nós. Elle fallou, e os que antigamente eram fieis correram a agrupar-se em roda d'este homem. Este homem atacou a Egreja, rindo e amaldiçoando ao mesmo tempo. Encontrou adeptos e crentes, primeiro ás centenas, depois aos milhares. A sua audacia captou as sympathias das turbas. Mesmo entre os talentos privilegiados encontrou partidarios. Aos que ainda duvidavam apresentou-lhes provas.

—E d'onde as tirou?

—D'aqui, do Vaticano.

—O que dizeis?...

—Sim, d'aqui. Citou-vos como exemplo, e a muitos outros prelados, a todo o clero, desde os nuncios e cardeaes até aos abbades mitrados, aos priores. Que bispo, que frade poderia pôr um dique aos seus maus instinctos—disse elle—sob o reinado de tal Pontifice? Que exercito poderá ser virtuoso, quando o chefe é escravo de todos os vicios?...

—Atreveu-se a isso?...

—Atreveu-se a mais. Ah! é preciso confessar que vós proprio tendes contribuido admiravelmente para a sua propaganda. Póde dizer com justiça, que as armas que contra nós emprega, fostes vós mesmo que lh'as forjastes...

—Eu?

—Sim, decerto. E o modo como elle usa d'ellas deve fazer-vos deplorar tanta imprudencia.

—Mas era preciso refutal-o. Tetzel, e vós, deviam...

—Quem o poderia fazer? Acaso a vossa vida é desconhecida d'alguem?... Para quem, a não ser para os simples, são um mysterio os vossos banquetes? Como era possivel, portanto, negar-lh'o a elle ou deante d'elle? Esquecestes já que elle vos surprehendeu em flagrante delicto de orgia e dissipação?

—Hochstratten!

—Ah! deixae-me dar as coisas o seu verdadeiro nome. Eu penetrei comvosco n'esses conventos de mulheres em que guardaes mancebas vossas, e talvez que não visse mais do que as vossas amasias de momento...

Leão X acurvou a cabeça, recordando-se da louca.

—Elle denunciou tambem os vossos odiosos projectos de successão, que haveis communicado a emissarios vossos.

—O que dizeis?

—Elle tocou com as proprias mãos nos cadaveres que fizestes, e denunciou essas monstruosidades.

—Mas esse homem é o diabo!

—É um novo Christo, e outro revolucionario como elle. E isso, afinal, chega a comprehender-se facilmente. Durante tantos annos, sempre, e em

toda a parte, tendes amontoado tantos erros sobre erros, com exito feliz, cobrindo com a mascara da caridade os attentados commettidos em nome do vosso interesse!... Nenhuma voz protestára até hoje, já porque receasse não encontrar echo ás suas queixas, já porque a suffocasse o terror. No emtanto, a herança do odio, amontoada por vossos predecessores, ia crescendo. Mas que se vos dava d'isso, se não escasseavam nem o ouro nem o amor? Porém por força um dia havia de chegar em que o véo se rasgasse, e em que um homem audaz encarnando todos os pudores offendidos e todos os rancores, surgisse, desfraldando a bandeira da Revolução. E assim foi, esse homem appareceu, os discipulos agruparam-se á roda d'elle, a turba seguiu-o, a nova seita propagou-se, organisou-se, discipli nou-se, cresceu, e enche o mundo. Tal e qual o que succedeu em Nazareth, succede na Allemanha.

—Misericordia!—murmurou Leão X.

—Christo nasceu da repugnancia que inspiravam os sacerdotes do paganismo, do riso que inspiravam os augures. Luthero brotou do horror que inspira á Europa este antro que se chama o papado.

Leão X ficou silencioso, como que submettido tacitamente á influencia d'aquelle oraculo sybillino. Escutava-o aturdido, aterrado, esbarrondado, confundido. Nunca se atrevera a olhar sem perturbação aquelle homem de ferro, do qual não conhecia senão uma fraqueza, o amor de uma hora, promptamente desvanecido. E eis a razão por que se deixava quasi maltratar por elle, julgando ouvir a voz altisonante dos poetas biblicos pintados por Miguel Angelo.

Hochstratten continuou:

Pois bem, o que antes se chamava individuo hoje chama-se legião, legião atrevida e zombeteira. Desconfiae d'ella! Como os gaulezes no templo de Delphos hão-de querer constatar o vazio do santuario. *Em Roma reside um deus*—disse Virgilio—pois elles virão a convencer-se, para repetirem á face do mundo, de que em Roma não reside mais do que um satyro. Todos os horrores, vaticinados por Savonarola, não se cumpriram ainda, mas cumprir-se-hão proximamente. Já se ouvem as vozes pujantes que bradam, e o côro das maldições, que augmenta a cada momento, ruge como o mar. O perigo está proximo. Ainda não chegou á Italia, mas no emtanto...

—No emtanto o que?...—disse o Papa com timidez, alçando a cabeça.

—No emtanto, em Roma continuam circulando rumores de conspiração.

—Ainda?

—A tentativa de assassinato de que fostes victima não é senão o preludio d'uma conspiração que ainda não foi destruida, e cujas ramificações são desconhecidas.

—Julgaes que...

—Não julgo, estou certo d'isso—clamou distinctamente uma voz nitida e vibrante.

E Machiavello estava em pé na soleira da porta. Entrára sem ser presentido.

A habilidade d'aquelle profundo politico era tão notoriamente prover-

bial que o Papa viu com agrado a intervenção d'elle, e que foi como que um soccorro inesperado, dando-lhe a facilidade ao mesmo tempo de se aconselhar com elle, ou pelo menos de descartar-se por instantes de Hochstratten, que lhe estava causando como que o esmagamento de terror d'um pesadêlo.

—Aproximae-vos, meu querido Machiavello—disse o Papa—e aconselhae-me o que devo fazer.

—A proposito da conspiração?

—Oh! para isso temos tempo. Não é a conspiração do que mais devemos recear.

Nos labios do auctor do *Principe* debuxou-se um quasi imperceptivel sorriso.

—O peor de tudo—acrescentou o Papa—o maior mal está no assombroso engrossamento d'essa nova religião. O protestantismo, que eu reputei uma simples these de prégador, condemnada a desapparecer rapidamente esmagada pelo ridiculo, apoia-se segundo parece em bases solidas, e ameaça fazer saír do caminho da fidelidade os povos que até hoje temos dirigido como senhores absolutos.

—É verdade. A situação é grave.

—Ah! vós tambem a reputaes grave? Dizei-nos então a vossa opinião.

—A primeira coisa que na minha opinião nos deve preoccupar é o estado dos espiritos que teem influencia, e que foram influidos: n'uma palavra, a opinião dos principes, com que podemos contar. Quanto ao povo, esse não vale a pena de que nos occupemos d'elle.

—É verdade.

—Posso responder a essa pergunta, que é na realidade importante—disse o grande inquisidor—Luthero conta já com a sympathia de muitos principes: mas são principes do Norte todos. São Christiano III, rei da Dinamarca, Gustavo Vasa da Suecia, os eleitores de Brandeburgo e da Saxonia, para não citar senão os principaes. Inutil é acrescentar que tenta a todos estes principes, mais do que o amor da Reforma, a esperança de secularisarem os bens do clero. Seja como fôr, o movimento não alcançou ainda o Meio-dia da Allemanha, segundo me poude certificar pela dieta de Worms.

—Ah! assististes á dieta de Worms? Então pudestes observar Carlos V?

—Fiz mais ainda. Consegui fallar-lhe.

—Bem. E que vos pareceu?—perguntou o Pontifice, com anciedade.

—Que está disposto a abandonar-vos.

—Elle! Elle! por quem eu estava prompto a atraiçoar o rei de França!...

—Sem prejuizo de pelo rei de França o atraiçoardes tambem a elle, não é verdade?—disse Machiavello, sublinhando as palavras com o seu sorriso malicioso.

O Papa não respondeu, e continuou fallando com Hochstratten.

—Crê que o vosso apoio n'esta questão não lhe é necessario. Suppõe bastarem-lhe as sympathias dos principes da Allemanha, e dos banqueiros

Flugger d'Augsburgo, que estão do seu lado. Demais elle é imperador, e isso foi decerto um grave erro vosso que, mediante seis mil ducados, é verdade, e esta é a vossa desculpa unica, lhe conferistes o direito de pompear com semelhante titulo, que quer dizer *Omnipotente*.

—Mas isso não contribuiu senão a augmentar mais a sua ingratidão.

—Esperaveis acaso o reconhecimento d'elle?—perguntou Machiavello.

—Porque não? Não lhe fiz eu obter tambem o reino de Napoles?...

—Sim, é verdade—disse Hochstratten—mas ao mesmo tempo vendestes a auctorisação de conquistar-lhe esse mesmo reino, que lhe havieis dado, a Francisco I.

—E Carlos V sabe-o?

—É mais que provavel, pois tem dois chancelleres, Gauveux e Gattinara, que são muito indiscretos. Accrescentae a isto que é instigado violentamente contra vós pelos principes da Allemanha com quem vos indispuzestes por os forçardes a repartir comvosco os seus importantes rendimentos, e, sobretudo, pela venda das indulgencias.

—Que dizeis?

—Cuidaes que vos perdoarão com tanta facilidade o haverdes extrahido tantas toneladas d'ouro dos seus Estados?... Isto, supponho, que bastará a explicar-vos a razão por que Luthero ousou comparecer na dieta de Worms, na qual o frade sacrilego póde entrar e saír sem risco algum, e sem condemnação séria, com um salvo-conducto de Carlos V.

—Então estamos perdidos?

—Decerto.

—Diabo!

—A não ser que...

Hochstratten, seguro do effeito que haviam produzido as suas palavras, guardou um demorado silencio. Machiavello não tirava os olhos d'elle.

—A não ser que vós lhe deis a mão.

—Propões-me uma alliança?...

—Sim.

—Tu ha pouco dizias...

—Que elle vos combateria... E repito que vos combaterá, visto que as vossas insidias o teem offendido e afastado. Mas, se vos alliardes, não terá motivos para ser contra vós.

—Visto isso—disse Machiavello— impõe condições.

—Naturalmente.

—E quaes são?

—Eil-as: quer ser, além de rei d'Hespanha e imperador da Allemanha, tanto quanto seja possivel, e o mais que seja possivel, rei d'Italia. Apoiando-se, por um lado, em vós, e em Henrique VIII, rei d'Inglaterra, como alliado, pretende reclamar a posse do ducado de Milão.

—Caspitè!

—Não se deterá, nem lhe custará muito a provar que Milão é feudo do Imperio, assim como o ducado de Borgonha que pretende foi fraudulentamente, e em seu damno, aggregado á corôa.

—É esse só o verdadeiro pretexto?—perguntou Machiavello—Para ser tão agradavel á côrte de França deve aspirar a outras vantagens.

— É certo. Quer tomar desforra contra Francisco I, que, coadjuvado pelos suissos e pelos italianos, reclama a restituição da Navarra hespanhola e ameaça fazer valer as suas pretenções sobre Napoles.

Deixará, pois, que os francezes invadam a Italia, e occupem algumas das nossas cidades livres, das quas espera desalojal-os mais tarde, sem grande esforço, ajudado pelo condestavel de Bourbon a quem provoca á rebellião, e pelos proprios italianos. Por esta fórma d'um só golpe consolida a Navarra hespanhola, e reservando para si a terra italiana que libertar do francez, affirma a sua supremacia sobre o reino de Napoles, conquista Veneza, e aggrega a si a propriedade das cidades livres que resgatar de Francisco I. Além d'isso, exige de vós Modena, Reggio e principalmente Ferrara, a tão importante capital dos estados d'Affonso d'Este.

— Dizei antes, n'uma palavra, que quer promover a guerra na alta Italia — atreveu-se a dizer Leão X.

— E o seu desmembramento depois — disse Machiavello.

— Precisamente — respondeu Hochstratten.

— Mas, em compensação, compromette-se a intervir em vosso favor nas luctas religiosas, que tão justamente vos preoccupam. Ou tudo, ou nada, eis a questão. Escolhei.

Reinou silencio. Machiavello reflectia aproximadamente assim:

— Quanto terás recebido, inquisidor, para te atreveres a submetter taes planos á acceitação dos corações italianos?

— Qual é a vossa opinião? — perguntou o Papa a Machiavello.

— A minha opinião — respondeu este com voz espaçada — é que devem acceitar-se estas propostas d'alliança.

— Ah! E é tambem esta a tua opinião, Hochstratten?

— Certamente.

— As propostas são em demasia onerosas. Vou attrahir sobre a minha cabeça as maldições das Republicas cuja entrega exige o Imperador.

— O que pesa na balança a liberdade de uma Republica, ou de um povo inteiro, em relação aos interesses da Egreja, e quem sabe se mesmo do papado?

— Bem sei isso, e só esse receio é que me continha.

— Chimerico receio! — affirmou Machiavello.

— Acceitae, e com os olhos fechados. O imperador dará cheque e mate aos garrulos palradores. O apoio da Allemanha é vos demasiado preciso para que vós regateeis um só instante ácerca do preço da sua acquisição. O odio das cidades livres, e os protestos das Republicas são miseras parvoiçadas, simples parvoiçadas. Carlos V vos livrará d'essas maravalhas, e tomae nota do que vos digo, só com o inclinar o seu sceptro poderoso sobre ellas. Não tenhaes cuidado que elle as pora nas suas fortalezas, e ao alcance das balas dos seus canhões.

Decidi-vos, pois. Não ha tempo a perder. Convem sellar quanto antes o pacto da alliança com esse homem, já que o desejam tantas potencias inimigas.

Enviae n'uma hora cinco, dez correios a Allemanha. Assignae, assignae, sem que vos estorvem escrupulos pueris!

Assim tereis a convicção intima de haver salvo a religião.

Que dizes a isto, Hochstratten?

—Digo que nada tenho a objectar.

—Está bem—exclamou Leão X, sorrindo—obedecerei.

O discurso, porém, de Machiavello nada mais fizera do que confirmal-o na sua ideia já preconcebida. Na realidade, consultára-o apenas por pura formalidade, desejando salvar em certos casos delicados a sua responsabilidade.

Na noite d'aquelle mesmo dia, perto das seis, Miguel Angelo dispunha-se a saír da cathedral de S. Pedro, cujas obras estavam já bastante adeantadas.

Ao saír da crypta, em que deixára Neumann, tropeçou com um homem que immediatamente reconheceu.

—Olá! Sois vós, Machiavello?

—Venho d'estar com Leão X.

—E eu acabo precisamente de lhe annunciar que poderá vir visitar a Egreja de S. Pedro. O *Protector das Artes* poderá apreciar.

Dizendo isto, sorriu amargamente, e ajuntou em voz sumida:

—E o que tinheis que fallar com esse miseravel?...

—Induzil-o a commetter uma barbaridade.

—E commetteu-a?

—Pois está claro, e sem me custar muito trabalho. Pois não tinha eu receado por instantes ter que combater os seus escrupulos?

—Pelo que vejo não o conhecieis ainda bem.

—Nunca cuidei que a sua villania chegasse a tanto!...

E quando Machiavello lhe desfiou com minucias a conversação politica que acabava de ter com Leão X, Miguel Angelo exclamou:

—Bravo! Sois um habil diplomata.

—Não vos parece que andei bem?...

—A alliança é infame, e portanto vem muito a proposito para excitar a reprovação e o odio. Ah! entrega-nos á Allemanha! Entrega-nos a Carlos V como uma rez ao matadouro!... Pois bem. Antes de oito dias saberão todos os italianos o attentado que o Pontifice prepara contra a liberdade e a patria.

CAPITULO LXIV

O segredo do morto

A scena tem logar em uma casita baixa de uma viella do Transtibre. Algumas plantas trepadeiras, que enredam seus ramos pelas paredes do edificio, formam sobre a porta uma especie de docel. Na soleira da porta está uma velha embrulhada n'uma capa, que se afasta sollícita, dizendo:

—Não tenhaes cuidado, bom homem. N'um momento volto.

E disse estas palavras com voz affavel e de compaixão, dirigindo-se para o interior da casa, e fixando a vista na rua, como que parando a contemplar um sujeito que se encaminhava com passo estugado para a habitação humilde.

Este sujeito era um moço de rosto pallido, porém macilento, e envelhecido sem duvida pelo soffrimento.

—Ah! justamente! Eil-o aqui! Que feliz casualidade!...

Dizendo isto, a velha correu ao encontro de Lourenço de Medicis, pois que era o individuo de que se tratava.

—Monsenhor—disse a velha—aquelle pobre homem está muito doente, e deseja com instancia fallar-vos. Mandou-me ha pouco que viesse procurar-vos, dizendo que tem importantes revelações a fazer-vos.

—Está então muito mal?

—Tenho até medo de que o homemzinho morra de um momento para o outro.

—Sangue de Christo! Corramos então. É preciso que elle não morra sem me ter fallado.

E Lourenço de Medicis entrou na dita casa de pobre apparencia.

A sala era sombria, mobilada modestamente; em um dos cantos d'ella havia uma estufa que espargia no aposento um calor asphyxiante. Todavia,

apesar d'aquella temperatura, o doente, recostado n'uma cadeira com almofadões detraz das costas, tiritava litteralmente de frio.

—Meu amigo—disse Lourenço entrando—desejaveis-me fallar, aqui me tendes!

Ai! Ninguem reconheceria no malaventurado Abrahão o pae de Sara, o escudeiro de Lourenço, o que se havia compromettido a ser o guia e o companheiro de Francesca Pandolfini na Allemanha, n'aquelle velho estropiado, rendido pelos trabalhos, com os ossos quasi desconjuntados e com a face absolutamente desfigurada pelas costuras de cicatrizes herriveis.

O velho escapára milagrosamente ás torturas e á morte, na Inquisição, quando depois de desconjuntado pelos tratos que lhe havia inflingido Frick-Frick foi atirado ás aguas do rio. Fôra a febre sómente que o sustentára, e afinal lográra entrar no periodo de convalescença, porém em que estado deploravel ficára! A noticia da morte de sua filha Sara estivera a ponto outra vez de cortar-lhe o fio tenuissimo da vida. A misera rapariga, que vimos caír desmaiada em Torgau, quando foi a degolação das creanças, recobrára os sentidos precisamente no instante em que a soldadesca avinhada ia cevar seus instinctos bestiaes, violando-a e, fóra de si, buscára no veneno o remedio a tantos infortunios: veneno cuja acção foi tão rapida que o official que a tinha nos braços, recuou espavorido, julgando ser a peste negra que a acommettera, vendo-a desfallecer e exhalar o ultimo alento.

Apesar de tantas dôres physicas e moraes, Abrahão, aquelle homem de ferro, havia sobrevivido, e graças a Lourenço voltára a Roma, onde ha tres mezes até áquella data sentia-se soffrer horrosamente. O infeliz conheceu que a sua morte estava para breve, pois que não é impunemente que se passa por transes taes. Ainda que a morte não o aterrasse parecia, no emtanto, recear morrer antes de uma data determinada, que se lhe fosse possivel teria apressado.

Por isso, todas as manhãs, dizia á enfermeira:

—Minha boa Liberata, passou mais um dia... Comtanto que eu possa chegar ao dia 20 de novembro...

—Ora não tenhaes receio! Chegareis até esse dia, e contareis muitos mais ainda...

—Oh! Depois d'esse dia, tudo o mais me é indifferente.

A boa da mulher tratára de averiguar a causa do desejo do seu doente de viver até áquella data, mas todas as suas perguntas foram baldadas.

O doente informava-se continuamente de Lourenço de Medicis, e da sua saude, estranhando que elle fallasse em vir vêl-o no dia 20 de novembro. Á medida que os dias passavam, crescia a impaciencia e a excitação febril de Abrahão, que fazia esforços contínuos para afastar da sua ideia a apprehensão da morte. Durante a noite, a enfermeira ouviu-o murmurar:

—Quero chegar até lá... pois deve vir... sim, deve vir... Não o esqueceu decerto!...

Por isso, foi com um grito agudo de alegria que elle acolheu a chegada de Lourenço, que almejára tão ardentemente.

—Ah! disse elle—Fizestes bem em não vos esquecerdes. D'aqui a uma hora seria já tarde.

— Não faltaria.

— Eu já vos mandava chamar pela enfermeira...

— Não foi preciso, bem vedes, porque me lembrei. Ha muito que sinto tambem uma impaciencia extraordinaria em conhecer esse segredo que meu pae julgou conveniente occultar-me até hoje. Quantas vezes, em horas d'amargura, e pelo calado da noite, contemplei aquella carta cerrada em cujo sobrescripto se lia: — *A meu filho Lourenço, para a abrir e lêr só no dia em que completar vinte e cinco annos.* Foi só esta manhã que rasguei o sobrescripto.

— E então?...

— E eis o que li:

A enfermeira de Abrahão havia-se retirado: apesar d'isso, Lourenço leu em voz sumida:

— Meu filho, se tiverdes seguido os conselhos geraes que vos dei por escripto sereis hoje um politico profundo, tereis aprendido a arte da dissimulação e acostumado a não deixar que ninguem penetre na vossa alma, e mais ainda, sereis um homem temido nas armas...

— E sois realmente? — perguntou Abrahão.

— Creio que sim.

Lourenço continuou:

— Hoje que attingiste a edade que a minha prudencia marcou para te descobrir o meu segredo, é tempo de obrares, se queres vingar-me, se queres vingar a tua mãe...

— Se queres vingar-me, e a tua mãe — repetiu o escudeiro como um echo.

— Minha querida mãe! — exclamou Lourenço.

— Continuae a lêr — tornou o escudeiro.

— Se o meu fiel escudeiro Abrahão viver ainda, perguntae-lhe o segredo d'aquelle que em breve vae morrer: se não viver já, abrireis o pequeno cofre que enterrei ao pé da segunda arcada da ponte *Quattro-Capi*, e encontrareis uma ordem, já que não posso dar-vos instrucções. Succeda o que succeder, devereis cumprir aquella ordem, que é a minha ultima vontade. Adeus.

Lourenço procurou superar a emoção que o dominava. Dobrou o pergaminho, e sentando-se ao pé do doente, disse-lhe:

— Podeis fallar agora.

Abrahão fechou os olhos como quem trata de concentrar os seus pensamentos e as suas forças, e d'alli a um instante, começou por este theor:

— Effectivamente, é melhor que saibaes da minha propria boca todas as minucias d'esta triste historia. O vosso pae se exige de vós vingança é que adivinhou perfeitamente o que deveria succeder-lhe, se exceptuarmos a fórma do seu supplicio, que esse não poderia elle nunca suppor.

— Do supplicio?... O que dizeis?... Quem foi o infame?...

— Jámais eu teria desobedecido ás ordens de vosso pae revelando-vos o segredo antes d'esse dia. O seu fito, decerto, ao occultar-vos esse nome era deixar que fosseis um homem implacavel e invencivel, porque d'outra sorte era facil que qualquer imprudencia vossa vos tivesse attrahido desgraças irremediaveis. Todavia apesar de tudo, e talvez por causa das reti

cencias da minha linguagem, haveis desconfiado d'esse que passava por vosso bemfeitor.

—O Papa! O que dizeis? Foi elle quem...

—Foi elle, foi.

—Oh! que eu receava-o!

—Ouvi-me, e forcejae por me interromperdes o menos possivel, pois passo a narrar-vos um drama horrendo.

E Abrahão cançado tomou fôlego um momento, e em seguida proseguiu, pallido como um cadaver, sem deixar a mão de Lourenço que tinha apertada entre as suas.

—Vosso pae e vossa mãe haviam-se desposado por amor. Nunca par algum se amára com um amor tão acendrado e intimo. Se alguma vez a sua felicidade era perturbada por um sentimento de ciume, devia ser apenas culpado d'isto o receio de verem extincto tanto carinho. Foi então que vós nascestes, filho d'uma paixão sempre crescente. Vossa mãe era formosa, e por isso alvo de muitos galanteios, de que vosso pae não fazia caso, seguro como estava da fidelidade de vossa mãe. Ella tambem pouco se inquietava com os cumprimentos lisonjeiros que o esposo dirigia ás beldades que o rodeavam. Ambos sabiam que não era possivel o perjurio entre elles. Se o vosso pae, porém, vivia perfeitamente descançado, não era decerto porque seu irmão João de Medicis [1] não fizesse todo o possivel para perturbar essa serenidade do lar. João de Medicis, sob o pretexto de excessivo zelo pela honra do irmão, comprazia-se em fermentar-lhe suspeitas sobre os moços que borboleteavam á roda de sua mulher. Estas ideias de suspeita e ciume, que ao principio começaram por fazer rir vosso pae, acabaram por se lhe fixarem no cerebro, ao extremo de cruciarem e acidularem a sua antiga paz, de fórma que, não querendo que sua mulher ficasse só, supplicou a João de Medicis que acompanhasse Raphaela, que era este o nome de vossa mãe, durante as largas ausencias a que era forçado, e que ás vezes se dilatavam muito. Aborrecer-se-ha menos ella—disse-lhe vosso pae—e a tua presença fará perceber aos bonifrates e peralvilhos a inconveniencia das suas assiduidades galanteadoras de rufiões. Raphaela, que desde algum tempo se admirava da mudança operada em vosso pae, que observava o seu silencio inexplicavel, o seu franzir de sobr'olhos, mais as suas idas e vindas mysteriosas, não deixou de se offender da existencia nova que se lhe impunha, e d'aquella especie de vigilancia e tutela, cuja causa ella procurou averiguar. A natureza feminina levou-a a este resultado: A presença continua de meu cunhado que me é antipathica, e cujas visitas coincidem exactamente com as ausencias de meu marido, devem ter por fim distrair a minha attenção, de fórma que eu não possa averiguar aonde vae Lourenço.

Depois de um escasso silencio, Abrahão continuou:

—De taes ideias ao ciume não dista mais que um passo. Vossa mãe attingiu esse estado febril dos zelos, e um dia architectou mil chimeras, as

(1) O leitor não ignora que João de Medicis foi eleito Papa sob o nome de Leão X.

(N. do A.)

quaes por casualidade davam visos de verdade as palavras ambiguas de vosso tio.

Assim decorreu uma semana, durante a qual, como nenhuma explicação viesse acalmal-a e como ella a não tivesse pedido por natural orgulho, ou antes dignidade senhoril, vossa mãe viveu com a alma attribulada e ferida. A imaginação caminha muito depressa em materia d'amor, sobretudo quando a imaginação esta suspeitosa e esporeia a desconfiança.

N'estas circumstancias, pois, ella corria a galope. Chegara a forjar todo um drama de adulterio, e com pouco esforço mesmo teria feito surgir a mulher a que a febre do seu cerebro dava vida, substancia e fórma.

—Pobre mãe!—murmurou Lourenço.

—N'este estado d'espirito, a nova d'uma viagem proxima e imprevista que Lourenço de Medicis, vosso pae, devia emprehender n'aquelle mesmo dia, acabou de dar o ultimo golpe n'aquella imaginação enferma.

Raphaela deu as ordens precisas para os preparativos da viagem, com entono socegado, porém com o despeito, a dôr e a raiva no fundo do coração.

Os motivos verdadeiros d'aquella viagem que o marido lhe expunha sinceramente pareciam-lhe um tecido de mentiras. Por isso, nem palavra acreditou de tudo que elle lhe dizia, e deixou-o partir, interiormente resolvida a partir tambem disfarçada em seu seguimento e surprehender uma provada traição d'aquelle que tanto amára e amava ainda mais que tudo no mundo.

Aqui Abrahão parou novamente, victima d'uma falta d'ar asphyxiadora. Em seguida, ao lobrigar o pasmo e o assombro do sobrinho de Leão X, pelo que lhe acabava de revelar, disse-lhe:

—Isto ainda não é nada!

—Continuae.

Abrahão proseguiu com voz mais tenue, reprimindo os estremeções nervosos que lhe agitavam o corpo todo, derrancado e gasto pelo soffrimento physico:

—Tinha vossa mãe já posto o pé fóra do limiar da porta, quando recuou surpreza. João de Medicis, o seu eterno espia, estava deante d'ella.

—Sempre vós?—perguntou ella.

—Porque é essa censura? Acaso vos incommoda a minha companhia? Ieis saír?...

—Bem vêdes que sim.

—Aonde ides?

N'este instante ouviu-se o ruidoso rodar d'uma carruagem que se afastava. Vossa mãe soltou uma exclamação de colera, e precipitou-se para a porta.

João de Medicis suspendeu-a.

—Deixae-me, deixae-me, que vou saír...

—Aonde?

—Que vos importa? Quero saír! Deixae-me!...

—Ah! Quereis saber aonde vae vosso marido?...

—Eu!?...

Quereis saber a causa d'esta imprevista e inexplicavel jornada?

Raphaela olhou-o um instante silenciosa, e depois, com voz surda, disse:

—Sabeis-lo vós acaso?...

—Pois bem, sei-o.

—Dizei-m'o então, que tenho curiosidade.

—É que...

E João quedou-se tartamudeando, sem saber o que dizia.

—Será a causa algum desgosto, algum successo imprevisto, alguma calamidade que o ameaça, e que me ameaça a mim talvez... Fallae, fallae, por Deus!...

—Lêde — disse João apresentando-lhe uma carta que ella devorou com a vista.

—Oh!—exclamou varejada por uma lançada funda que a feriu em cheio no coração—e amarrotando a epistola, fez em pedaços o pergaminho.—Uma amante!—exclamou—Tem uma amante!...

E caíu n'uma cadeira, orvalhada em choro.

—Que devo fazer? Que devo fazer?—perguntou repetidas vezes.

João de Medicis, abeirando-se então d'ella, disse-lhe mellifluamente:

—Tende animo! Acaso não estou eu aqui?...

—É verdade. Vós me aconselhareis, n'este transe. Sabeis onde vive essa mulher?...

—Não.

—Então porque me impedistes que o seguisse?...

—Mas posso fazer alguma coisa que vos suavise essa injuria...

—O que é?

—Consolar-vos.

—Ah! não é possivel!

—Quem sabe! Talvez seja mais facil do que imaginaes. Se conseguirmos entendermo-nos talvez façamos alguma coisa melhor. Sabeis, decerto, que eu amo quem me ama...

Raphaela, aqui, alçou a cabeça.

—Talvez que eu possa indicar-vos o que vós desejaes saber... a morada d'ella, não é isso?... Pois bem, é preciso que me ajudeis a refrescar a memoria...

E fallando assim, travára carinhosamente da mão de vossa mãe.

—Refrescar-vos a memoria, eu... Mas como?...

—Terei necessidade de dizel-o?—replicou elle galantemente, levando a mão d'ella aos labios.

—Miseravel!—exclamou o joven cardeal que ouvia, indignado, toda esta torpeza do violador de sua mãe.

Abrahão continuou:

- Raphaela não se buliu. Só um ligeiro estremecimento demonstrou a repugnancia que aquelle homem lhe inspirava.

E em voz quasi sumida, disse:

—Mas se eu vos não pudesse auxiliar?

—Correrieis então o risco de eu me não lembrar...

—Ah!

A tarde havia escurecido, e o crepusculo banhava o aposento com a tibia e melancolica luz dos seus raios.

Vossa mãe havia-se posto em pé, e, cerrando as cortinas, murmurara:

—Uma amante!...

E cravava o olhar nublado e fixo n'um canto da alcova, e por isso, quando as mãos de Lourenço de Medicis lhe tocaram, quando seus labios lhe laivaram a face, ella não fez gesto algum, como se estivesse empedrada, immovel, insensivel.

—Minha mãe! — exclamou entre soluços.

—Acercae-vos mais perto de mim — disse Abrahão. — Ainda vos não revelei tudo, e conheço que a morte está muito proxima.

O sobrinho do Papa aproximou-se do enfermo, que continuou, dizendo:

—De chofre, a luz d'uma lampada illuminou a alcova, e n'ella surgiu um homem. Era vosso pae que tendo concebido suspeitar de vossa mãe pelas palavras ambiguas de seu irmão, tinha voltado atraz. Ao vêr o espectaculo que se lhe apresentava deante dos olhos, soltou um rugido de furor. A lampada caiu-lhe das mãos, e apagou-se, ficando tudo immerso em profunda treva.

Vosso pae, porém, não conhecera o miseravel.

Entretanto, João de Medicis aterrado precipitou-se para a janella, e quebrando-lhe os vidros, saltou d'ella abaixo.

—Meu irmão! — exclamou então vosso pae, reconhecendo-o á claridade da lua. — E ficou como que esbarrondado, confundido, ao receber em cheio aquelle duplo golpe tremendo, vibrado contra a sua honra.

—Sim, vosso irmão! — clamou uma voz offendida e reprehensiva.

Vosso pae sentiu-se estremecer, porque essa voz era a de sua mulher que estava em pé, queda e immovel, deante d'elle, em attitude de ameaça e despeito.

—Pois sois vós que ainda me fallaes n'esse tom? — perguntou elle surprezo.

Mas a esposa, sem lhe retorquir palavra, apresentou-lhe os restos da carta rasgada. Depois, com gesto sombrio, mas calma, como se nada tivesse occorrido, e deleitando-se com o gozo da sua vingança satisfeita, accendeu a lampada.

Vosso pae, estupefacto, leu então.

—Mas o que é isto? — perguntou febrilmente, procurando logo com anciedade a assignatura da carta.

Depois, um rouco grito estrangulou-lhe a garganta. Comprehendera tudo.

—Ah! falsario! — urrou elle, de raiva.

—O que dizeis? — inquiriu Raphaela.

—Pois tu déste credito a este biltre, a este indigno, a este...

—Sim? Mas porque?...

—Porque mentiu como um burlão que é... Este falsario é que escreveu esta carta.

—Oh!...

E soluçando um inexprimivel, um intraduzivel, um dilacerante grito de dor, vossa pobre mãe, periura por vingança, caiu de joelhos sacudida de soluços. Estava como desassisada, e inspirava do mesmo a um coração indifferente.

—Ter-se entregue por vingança, passe: porém ter perjurado um amor tão radicado na alma, sem razão para isso, áquelle embusteiro, áquelle livido devasso, era para ella insupportavel e esmagador. Vosso pae, aterrado pela mortal pallidez que lhe viu invadir o rosto, estendeu-lhe a mão para a levantar. Ella porém não quiz erguer-se d'aquella posição humilde e de desespero contrito. Sentia asco e entejo de si mesma, e n'um arranque tão rapido e instantaneo como o pensamento, sacou do cinto um punhal, e cravou-o em cheio no peito.

—Adeus!—suspirou ella flebilmente, morrendo—Adeus!... e vinga-me...

—Infeliz mãe!—gemeu, com a face escondida nas mãos, o cardeal.

—Em seguida logo vosso pae tratou de vingal-a.

Vosso tio era então cardeal. Pedir justiça contra elle era absolutamente inutil, pois o interesse da religião obrigava a sepultar no mysterio todo o acto escandaloso commettido por um dos seus membros.

Além de que era preciso evitar o escandalo para salvar a honra da morta: a injuria era bastante pessoal em demasia para a revelar deante d'um tribunal. O assassinato repugnava á indole nobre de vosso pae. Tambem se teria crido deshonrado se respondesse áquella torpeza odiosa com uma emboscada. Não lhe restava outro meio, pois, senão o de recorrer ao duello. Por duas vezes enviou testemunhas a João de Medicis, e por duas vezes lhe responderam que monsenhor, seu irmão, estava ausente.

—Cobarde! cobarde!—regougou Lourenço de Medicis, suffocado.

—Finalmente, um dia, recebeu resposta, ou antes, aviso de que se achasse n'aquella mesma noite na capella de Santa Maria dos Anjos. O procedimento era de molde a causar suspeitas, e a entrevista a provocar cogitações serias.

Foi então que vosso pae decidiu, succedesse o que succedesse, encontrar-se com o scelerado, porém conhecendo o irmão, e, guiado por uma certa presciencia, veio ter commigo, que era o seu confidente, e possuia os seus mais particulares segredos, e que, além d'isso, estava ao facto de todas as minucias d'aquella historia espantosa, e disse-me:

—Recebi este bilhete, e tenho tenção de comparecer no local ajustado. Se, porém, não voltar, jura-me que velarás sobre meu filho, e que lhe entregarás esta carta quando estiver em edade de a comprehender. Além d'isso, deves-lhe no futuro revelar todo o occorrido, logo que esteja em estado de me poder vingar, e elle te procure para saber de ti esta tragedia.

Assim lh'o jurei, e pela noite, armado de um punhal e de uma espada, encaminhou-se para a capella de Santa Maria dos Anjos. Eu não o segui, porque elle m'o prohibiu terminantemente, com grande dôr de minha alma. Porém o que alli occorreu vim a saber-o por uma das testemunhas, que mais tarde, flagellada de remorsos, m'o veio referir, e depois do que feito, trespassou-se de léz a léz.

—Não posso viver—disse-me elle antes de se matar—tendo sempre aquelle espectro mudo e reprehensivo deante dos olhos!

Vosso pae, portanto, chegou ao local marcado. A capella estava immersa em sombras, e toda as escuras, e foi-lhe difficil encontrar a porta que conduzia ao subterraneo da cripta. No entanto, desceu como pode

uma escada, graças a um clarão mortiço que enxergou. De subito pareceu-lhe distinguir uma sombra que se destacava d'um dos pilares, e ao mesmo tempo, antes que tivesse podido collocar-se em defensiva, recebeu uma terrivel punhalada pelas costas.

—Assassino!—pôde ainda gritar apenas.

Apesar de não estar morto, na posição em que estava, era-lhe comtudo impossivel mover-se. Tres homens mascarados, entre os quaes reconheceu

Adeus! disse elle e vinga-me...

CAP. LXIV.

o irmão, o qual empunhava ainda pelo cabo a arma fratricida, aproximaram-se d'elle.

—Ira de Deus!—exclamou Lourenço.

—Porém aquelle golpe fora vibrado com tão pujante furia que foi o primeiro e o ultimo. Vosso pae tentou ainda proferir uma maldição, chegou a alçar meio corpo, mas logo baqueou extenuado.

—É preciso acabal-o!—disse João de Medicis.

E pondo o pé sobre o pescoço do irmão calcou-o e carregou n'elle com tal força que o sangue golfou aos borbotões pela boca. O cadaver ficou com os olhos abertos e parados, immoveis.

—Está morto!—affirmou um dos mascarados.

—Que faremos do cadaver?—inquiriu outro.

João de Medicis replicou:

—Estou pensando n'isso...

O subterraneo estava cheio de tumulos, collocados ordenadamente, sobre os quaes se viam estendidas, em tamanho natural, estatuas d'antepassados em gesso, ou em marmore, n'um silencio solemne.

João de Medicis, depois de se ter munido de uma pá e de cal, fez collocar o cadaver do irmão n'um d'aquelles tumulos, em guisa d'estatua, e começou a cobril-o todo com ella, de modo a dar-lhe o contorno do corpo, o relevo das fórmas, a saliencia das linhas. Quando estavam porém n'esta tarefa diabolica e chegavam já á face do finado, um pormenor horrivel succedeu: é que o que julgavam morto e estavam contornando de cal a dar-lhe a fórma d'estatua, respirava ainda!

—Tem sete vidas como os gatos!—disse João de Medicis, gargalhando lugubremente.

E atirou á face do morto-vivo uma pázada de cal.

Viu-se o infeliz estremecer então e contrahirem-se-lhe horrorosamente todos os musculos da face, que a pázada de cal não chegára a cobrir inteiramente de uma truanesca mascara—como se tivesse sido afogado.

Horroroso! Inconcebivel!

—Agora tudo está acabado!—murmurou um dos esbirros.

—Para o pae, sim—disse Lourenço.—Porém resta ainda o filho...

Foi assim que elles concluiram a sua obra de insidia e maldição. Leão X não deve ter esquecido ainda esta noite pavorosa...

—É por isso, monsenhor—proseguiu o fiel escudeiro, terminando—que jámais foi achado o cadaver de seu irmão, que desapparecera depois do suicidio mysterioso de vossa mãe.

Abrahão calou-se. Estas ultimas palavras havia-as proferido quasi em voz tibia e imperceptivel.

A cabeça caíra-lhe, com um baque surdo, sobre o espaldar da poltrona.

—Que tragedia!—exclamou Lourenço em voz apenas intelligivel, tanto o havia aterrado a narrativa d'aquelle successo innominado.

Mas viu o velho immovel, hirto no seu assento d'espaldar, a cabeça pendida para traz, sem um sopro d'alento.

—Morto!—exclamou sombriamente o moço cardeal.

E cerrando piedosamente os olhos ao finado chamou a enfermeira, que ao vêr o cadaver do velho judeu morto, caíu de rojo no chão.

—Obrigado, meu fiel escudeiro!—cogitava comsigo Lourenço—Obrigado! Graças a ti, sei tudo, finalmente, tudo...

E, pallido como um morto, com o olhar embaciado e torvo, o labio contrahido, saiu d'aquella casa mortuaria, dirigindo o passo de novo para o Vaticano.

PARTE NONA

O Jubileu das Cortezãs

CAPITULO LXV

Em que se cumpre o vaticinio da feiticeira

S. PEDRO de Roma, a basilica magnifica, orgulho da cidade eterna, estava já bastante adeantada. O immortal artista dirigia, em pessoa, a execução das obras, porque o architecto de renome universal sentia pressa de as concluir.

Parecia que receava ser surprehendido pela morte antes que a sua obra, o sonho da sua vida, fosse realisado. Desejava ao menos que os planos exteriores estivessem esboçados, e que a colossal abobada, que devia excitar perpetuamente a admiração dos povos, pudesse ostentar-se ao sol, como testemunho immortal da audacia do genio do homem.

Porém só a crypta, que é uma parte importante da obra, está terminada.

Eis a razão porque elle pediu ao Papa que se dignasse visitar os trabalhos subterraneos.

Leão X accedeu, promettendo fazer essa visita no dia immediato, ás quatro da tarde. É por isso que o grande artista tressua com afan, a adeantar o mais possivel o que ainda resta por fazer, e elle em pessoa se occupa em decorar aquelles subterraneos magestosos.

Neumann, sollicito, tambem alli se acha dirigindo os operarios. Este Neumann é um trabalhador infatigavel, um auxiliar precioso de Miguel Angelo. Encostado a um dos enormes pilares da columnata que adornam a

galeria, vigia os trabalhadores. Dir-se-hia que o domina um pensamento sombrio, porque, com a mão crispada, amarrota um papel que traz escondido no peito. De subito, levantou a cabeça. É porque sentiu na mão gotejar-lhe como que uma gota de agua. D'onde cairia isto? Haveria acaso algum buraco? É fóra de duvida que cae agua da parte superior do pilar. Encosta então á pilastra uma escada, e examina tudo com attenção demorada. De facto ella ressumbrava e distillava agua. Decerto era porque algum dos meatos estava mal tapado.

—Cal!—gritou elle aos trolhas.

E immediatamente uns poucos correram, trazendo uma pá cheia d'ella.

Algumas pázadas atiradas com mestria bastaram a reparar o mal.

No emtanto e apesar d'este serviço feito, Neumann não se apressa a descer da escada. A hora em que os operarios teem de entrar novamente aproximava-se, e Neumann entrementes, sentado na extremidade da abobada que continha o pilar, pondo a sua lanterna ao lado, entregava-se á leitura da seguinte carta, cujo conteúdo parecia preoccupal-o bastante:

Meu caro Neumann.

Escrevi-te contando-te os successos mais notaveis da dieta de Worms: a minha accusação, a minha comparencia entre juizes hostis, o brinde que me quiz forçar a fazer aquelle chatim de Tetzel, e, emfim, a minha expulsão, graças a Carlos V, que não se atreveu a faltar á sua palavra, e em virtude do que me foi facultado voltar em liberdade a Wittemberg, com a condição de não escrever nada, nem de prégar pelo caminho.

Impossivel me é pintar a popular ovação com que fui acolhido á saída do tribunal. A febre e o enthusiasmo tocaram o cumulo. Mas eu eximi-me quanto possivel a estes arrebatamentos, pois não queria que a soldadesca espadeirasse a multidão. Como tinha promettido, puz-me a caminho aquella noite mesma, não muito confiado, devo confessal-o, e não porque não depositasse confiança na boa fé da palavra do imperador, mas sim porque vira rondar, perto da casa em que morava, figurões de má catadura que se me tornaram suspeitos.

A noite estava muito escura. Mas apesar d'isso, e das minhas desconfianças, para não apparentar que desconfiava despedi o arauto imperial, e não conservei senão dois homens da escolta. Ventava um vento furioso e agreste. E em certa occasião pareceu-me enxergar dois cavalleiros que destacavam no horisonte sombrio e nublado: mas depois ri-me das minhas apprehensões chimericas. Tinha tomado dois troncos d'arvores por dois cavalleiros emboscados. No emtanto, figurou-se-me ouvir relinchos de cavallos, proximo. Prestei attenção. Estavamos então no cotovello d'um caminho traçado no meio do bosque. Fiz signal a um dos dois homens da escolta, para que parasse.

Porem, antes que lhe pudesse communicar os meus receios, precipitaram-se sobre nos dois homens, e n'um abrir e fechar d'olhos nos amarraram e nos levaram.

Esta arremettida foi tão rapidamente executada, que não tivemos tempo sequer de soltar um grito.

Durante duas horas seguidas corremos a galope, envolvidos em absolutas trevas. Eu cuidava chegado já o meu ultimo momento, quando a cavalgada parou junto d'um imponente castello, que se me figurou ser o castello de Wartburg, nas cercanias de Tissenach.

Não me enganara. A primeira pessoa que me appareceu foi o proprietario, o eleitor Frederico, um dos meus partidarios secretos, o qual occultamente me instigára sempre a proseguir na minha cruzada sincera.

Cal[illegible] [illegible] pe[illegible] o pes[illegible] de [illegible].

Cap. LXIV.

— Entrae — disse elle, depois de me mandar desamarrar. — Em duas palavras vou-vos por ao corrente da aventura que não terá deixado de vos surprehender.

— O facto é... — disse eu ainda um tanto aturdido.

— E' que quiz-vos salvar.

Então explicou-me, com minucias, que descobrira um conluio para me prenderem e assassinarem, conluio que fora tramado entre o nuncio Jeronymo Alexandre e o sempre sarrafaçal Tetzel.

O eleitor Frederico, por circumstancias que não vem a pêllo mencionar, não pudera proceder d'outro modo nem achar outro meio senão aquelle que empregára, para me pôr a salvo dos meus inimigos.

Desde então fiquei hospede em sua casa, e aqui estou homisiado, sem tenção de saír d'este abrigo tão cedo. É conveniente deixar que se aplaque o odio levantado contra mim. Não me vendo os meus inimigos mais, talvez me esqueçam. Talvez tambem d'essa creança que recolhi, esse malaventurado orphão da pobre Francesca Pandolfini, que me salvou, e cuja desgraçada morte te pedi que communicasses ao vosso amigo Lourenço de Medicis, que tanto a estimava.

Emquanto aos meus discipulos e sectarios sabem que não os esqueço, que trabalho n'uma obra que darei a publico em momento opportuno. Por isso elles tratam de alimentar nos espiritos, onde lancei a semente da verdade, e foram fortemente abalados por ella, as minhas ideias de revolução religiosa. O meu hospede e amigo tem levado a generosidade até ao extremo. Trouxe para ao pé de mim Catharina que, como bem deves suppôr, tem passado por milhares de transes e agonias. Desde hontem estamos unidos á face de Deus. A cerimonia teve logar na capella do castello de Wartburg, e teve um caracter intimo e patriarchal.

Vou pois conhecer os deveres d'esposo, deveres que a Egreja entende que deve prohibir e tornar interdictos aos sacerdotes, para assim os tornar ditosos na terra e no céo. Estou casado, adoro minha mulher, e nem por isso me reputo um scèlerado.

Sinto-me ebrio de felicidade... porém, suspendo-me aqui, para não te fazer reviver acerbas as saudades d'aquella por quem tu guardas tão religioso luto.

Reservei de proposito para o fim d'esta carta, meu caro Neumann, o caso mais grave, e o assumpto que me faz pegar na penna, pois que a ninguem interessa tanto como a ti. Tetzel, cuja vida te pedi que respeitasses até hoje, está de regresso em Roma. As infamias e vexações que elle praticou em Roma foram-me uteis para a minha propaganda, e para comprovar o que eu affirmava, as minhas accusações emfim. Além d'isto, esgotou a paciencia do povo. Não ha nada mais a esperar d'este salafrario. Serviu-me quanto me poderia servir. Agora restituo-te a tua palavra. Desde hoje pertence-te. Abandono-o á tua vingança...

Ao chegar a esta phrase, Neumann parou, e repetiu-a em voz baixa, com uma especie de gaudio selvagem. E não leu mais o resto da carta, que não continha mais do que protestos de amisade sincera, e recommendações prudentes.

—Obrigado, Luthero—murmurou.—E tu, Tetzel, acautela-te!...

Apoiou a mão na pedra em que estava sentado, para se levantar, quando n'isto reparou que a pedra oscillava.

Olé! olé! —exclamou.

Examinou com attenção o bloco de granito que, mal collocado sobre dois pedaços de madeira redondos, destinados decerto a facilitar a sua mudança para outro local, se sustentava com difficuldade em equilibrio. Neumann estremeceu.

— Diabo! — exclamou elle — Escapei de boa!... Se me descuido, ficava escaqueirado!...

Miguel Angelo, que passava n'aquelle instante, ao enxergar Neumann encarapitado em cima, disse-lhe:

— Que fazes ahi, Neumann? Não vens jantar?...

— Sim, mestre, porém devo advertir-vos...

— A proposito — disse o grande esculptor, interrompendo-o — não sabes que a grande cerimonia d'ámanhã foi fixada para as duas, e não para as quatro?... Leão X virá visitar a crypta, com toda a solemnidade. Acompanhal-o-hão todos os principes da Egreja, sem esquecer o grande inquisidor, em quem deve ficar bem a nova purpura...

— Hochstratten?

— Sim, e provavelmente virá tambem outro inquisidor, Tetzel, o frade das indulgencias.

— Ah!

Reinou escasso silencio, depois do qual Miguel Angelo proseguiu:

— Mas o que é que me querias dizer?...

— Eu!?

— Sim, ha pouco.

— Com franqueza, não me recordo.

É que uma idéa acabava de relampejar no cerebro de Neumann.

Ia a fallar d'aquelle bloco de granito, que lhe parecia mal collocado e perigoso, porém julgou melhor não dizer palavra a respeito do colossal penedo.

No dia seguinte, á hora ajustada, os cardeaes e os arcebispos chegavam pontuaes á grande cathedral, e atraz de todos vinha o Summo Pontifice no seu coche com Hochstratten e Tetzel.

Ao vêr assomar aquellas tres columnas da Egreja Catholica, e da Fé, a turbamulta piedosa caiu de joelhos na calçada, de rojo, e venta em terra.

Na occasião em que descia do coche, Hochstratten notou que lhe mettiam a mão na algibeira e que lhe mettiam dentro uma carta. Voltou-se lestamente, porém não lobrigou ninguem.

Quem é que lh'a teria mettido?... Ao seu lado só enxergou fieis de catadura pia, e olhos baixos, devotamente ajoelhados nos calhaus duros da calçada. Sem poder suster a curiosidade, passou os olhos de relance pelo pergaminho mysterioso e estremeceu.

— Da Fornarina! — disse elle, sumidamente, e estupefacto.

— Vamos, Hochstratten, apressemo-nos... — disse o Papa.

O inquisidor apertou com força o bilhete precioso, e seguiu o sequito pontifical.

O Pontifice ia na frente, e atraz seguia Hochstratten profundamente abstracto. Alguns passos atraz vinha Tetzel rebolando a sua enorme panga, a sua barriga descommunal. Miguel Angelo fazia a Leão X as honras da sua cathedral subterranea.

— Isto é maravilhoso! — exclamou o Pontifice. — Querido mestre, excedestes os meus desejos!...

A verdade é que d'aquelle parecer eram todos os visitantes.

Finalmente, a comitiva acercou-se da pilastra em que dias antes Neu-

mann lêra a carta de Luthero. Miguel Angelo passou, acompanhando o Papa, e, logo atraz, seguia-os Hochstratten.

Os prelados succediam-se a respeitosa distancia. De repente escutou-se um estardalhaço horrivel que abalou as lagens do pavimento, e uma exclamação de terror saíu de todas as bocas. Uma pedra, mal posta sem duvida, acabava de se soltar e de achatar litteralmente o vendedor de indulgencias, escacando-o, esmagando-o, e reduzindo-o a uma informe massa humana.

Leão X tornou-se livido, ao cogitar que por um pouco mais, um triz...

—Deus guarde Sua Santidade!—disse Miguel Angelo.

Mas ninguem pensou, n'aquelle momento de geral espanto, em olhar para cima, para a cornija, porque a fazel-o teriam lobrigado Neumann escondido cautelosamente detraz d'ella.

CAPITULO LXVI

A purpura de cardeal

Hochstratten que dava, desde que recebera a carta, mostras de impaciencia, levantou-se e deu a entender que ia saír do gabinete de Leão X, com quem ha muito tempo estava conferenciando.

—E assistirão muitas mulheres?—perguntou o Papa.

—Todas prometteram não faltar.

—Melhor, pois sem ellas a festa não se podia fazer!

—Decerto.

—Tu has-de assistir tambem, ouviste?

—No emtanto...

—Quero que sejas dos nossos.

O tom de voz com que isto foi dito não admittia réplica. Hochstratten curvou-se humildemente.

—Reservei-te um logar ao meu lado. Queixa-te, se te parece!—continuou o Papa.—Terás um logar de honra... Quantos mais formos, mais alegria haverá!

—O facto é que a coisa ha-de ter que vêr...

—Imagina uma festa, uma orgia, n'aquella enorme crypta. E necessario que seja uma festa de principes!...

—Bem. E será preciso levar cada um os seus habitos religiosos?...

—Pois já se vê, e com todas as insignias. Condição *sine qua non*. Os habitos escarlates, côr de violeta, e pretos, produzem magnifico effeito... Até logo, pois, não é verdade?

—E a Fornarina foi sciente da hora da festa?...

E o inquisidor sorriu amargamente.

—Ella primeiro que todas!

—Está bem.

E Hochstratten saíu, profundamente preoccupado.

—Que o diabo o carregue! — resmoneou elle — e mais a sua gente, que só pensa em orgias e funcçanatas... Agora vejo-me forçado a ir ter com a Fornarina com a purpura de cardeal, para, depois de estar com ella, chegar vestido assim á hora da orgia do Papa. E eu que pensára em envergar um fato de aventuras, que não désse nas vistas... Ora, indo de coche ninguem repara!...

Entrou depois d'isto em casa, vestindo o seu rico trajo vermelho de cardeal, e dispôz-se a ir á entrevista. Emquanto porém se atrellavam os cavallos ao carro, foi-se entretendo em lêr de novo o bilhete tão mysteriosamente introduzido na sua algibeira, na crypta de S. Pedro de Roma, a cada gota que libava de vinho de Hespanha. O bilhete estava concebido em termos muito laconicos. Mas as breves linhas do conteúdo bastaram, pelos modos, a dar grande gaudio ao inquisidor, visto que seus olhos fusilavam de alegria ao lêl-o.

O bilhete dizia assim:

«Se ainda me conservaes affecto estae sexta-feira (sexta-feira em latim é *Veneris dies*, o que quer dizer dia de Venus), ás cinco da tarde, no bosquesinho do Norte.

Tua sempre

Fornarina.

A leitura d'este bilhete d'amor, sobretudo n'aquelle momento em que a hora da entrevista se aproximava, reavivou na mente do sacerdote a recordação d'aquella noite unica em que enlaçára em seus braços aquella mulher divina. Elle, que cuidava tel-a esquecido, mal recebeu aquelle bilhete não pensou mais senão n'ella. Prazeres d'aquelles, gozos semelhantes, são tão escassos na vida!...

Como é frequente nas pessoas que teem por habito refrearem sempre os seus desejos, bastou um leve impulso ao seu temperamento naturalmente ardente, para desencadear de golpe todos os seus velhos appetites, os seus esquecidos desejos. Por isso, elle não prestou attenção ao todo mysterioso e estranho d'aquella entrevista, nem ao modo tambem mysterioso por que o bilhete lhe chegára ás mãos, além do imprevisto da proposta — proposta que pela attitude hostil que a moça tomára na noite da violação, se lhe deveria tornar suspeitosa.

—São tão voluveis as mulheres! — dissera elle apenas — E quem sabe se precisará de mim!

Accrescentem a isto o fermento de ciume que as intenções de Leão X com respeito á amante de Raphael fizera fermentar n'elle, e facilmente se terá a explicação da turbação que sentiu apossar-se-lhe dos sentidos.

Não havia tempo a perder. Era preciso correr ao logar da entrevista, provar-lhe que lhe queria ainda com a mesma ardencia, e fazer-se pagar o favor que ella exigisse d'elle, reservando-se comtudo a liberdade de lh'o não fazer, se isso lhe não conviesse. Tudo isto, porem, devia effectuar-se

rapidamente, pois que urgia assistir ao festim do Pontifice, e figurar na saturnal, que o Papa preparava secretamente para a inauguração intima da nova egreja de S. Pedro.

—O carro de monsenhor está a sua espera—disse uma voz.

—Eu desço já—respondeu elle.

E cinco minutos depois, corria de batida a caleça do inquisidor, ao galope de ardegos cavallos, conduzindo Hochstratten, devorado de desejos, para o bosquesinho do Norte.

D'uma vez parece-me ver dois cavalleiros que se destacavam no horisonte sombrio.

CAP. LXV.

Ao fim d'uma verde pradaria, assombreada d'uma basta vegetação que a orlava, e ao pé d'um carreiro que parece levar a Roma, Lucas está terminando um trabalho mysterioso, ao pé de alguns bois esparsos.

Está atirando ramos e esgalhos de arvores para dentro d'um fosso de tres pés de fundura e seis de largo, á semelhança do que fazem alguns caçadores na America, e os arabes na Argelia, quando querem armar aboizes e armadilhas, e caçar grandes peças de veação.

O boieiro, depois de circumvagar com a vista as cercanias, e de mirar

tudo bem em roda, retirava-se satisfeito do seu trabalho, quando enxergou uma mulher.

—Fornarina!—exclamou—Continúas a persistir na tua?...

—Sempre!

A moça parecia inquieta e pallida, como quem está á espera d'alguma tragica occorrencia.

—Não te custou muito então a persuadir o Papa?

Fornarina soltou uma casquinada de riso estrepitosa.

—Elle! Ora! Sente-se até feliz de se lhe proporcionar essa occasião de se entregar á crapula... Como a coisa trescala immenso a escandalo e sacrilegio está perdido de alegria e satisfação! Todas as ideias perversas lhe são apraziveis, e acolhe-as paternalmente. Acaba de acceitar tudo, de estar por tudo, ha bocadinho. Elle, recusar!... Isso seria um milagre! Todos são como elle, e elle é como todos!... O Papa não me recusa nada, esperando d'esta sorte chegar a obter alguma coisa de mim... Infame!

—E as insignias?

—Approvou tambem que as levassem... Assistirão á orgia todos os seus companheiros de bambochata, com Hochstratten á frente, se se conseguir que elle queira, o que não será difficil, se o Papa lh'o ordenar...

—De fórma que a hora da orgia é depois da entrevista que lhe marcaste aqui?...

—Sim. O grande inquisidor, o cardeal Hochstratten, não deve tardar muito a chegar... Mas que digo? Elle lá vem.

Assim era, porque o ouvido apurado da moça ouvira a distancia o echo das ferraduras do cavallo resoando no bosque.

—Cuidado!—disse Lucas.

—Emfim!—exclamou a Fornarina.

E ambos desappareceram na espessura da ramada.

Hochstratten, apaixonado como estava e com o espírito perturbado por mil voluptuosas visões femininas, percorrera todo o caminho, sem sequer attentar no aspecto agreste e solitario do tal local marcado para a entrevista. N'aquella occasião não lhe bailava outra coisa, ante os olhos, senão as fórmas deliciosas da Fornarina. Tanto a paixão cega e dementa, mesmo os mais fortes!

Estava já perto do sitio em que a moça o devia esperar, quando de chofre o carro soffreu um abalo tremendo, e o coche que conduzia o inquisidor voltou-se.

Era o caso que os cavallos haviam cahido na armadilha engendrada por Lucas, e revolviam-se n'ella, soltando furiosos relinchos de dôr.

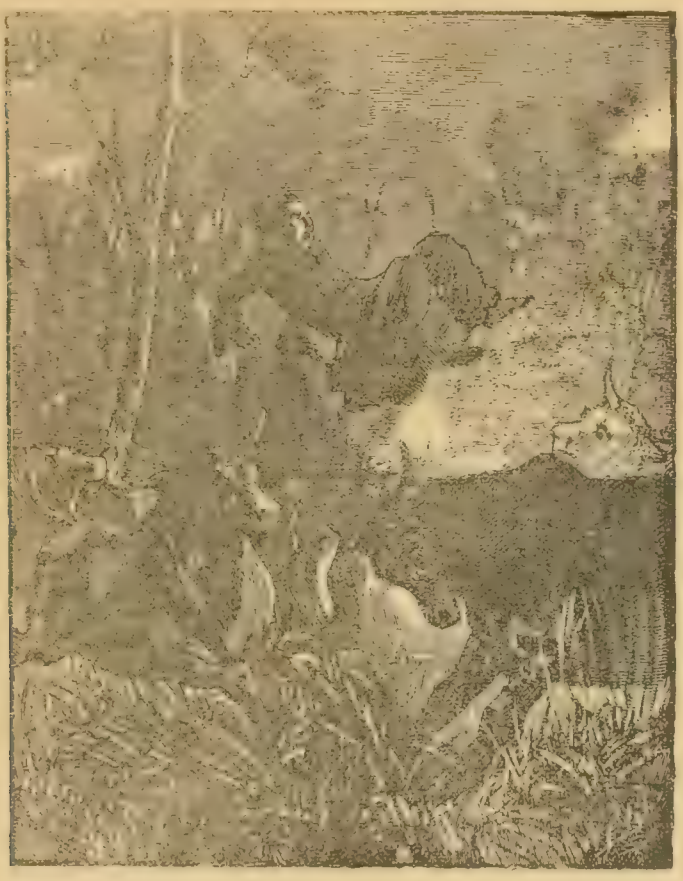
O cocheiro, cuspido fóra do carro, dera com a cabeça no tronco d'uma arvore, que lh'a escachára, e rolou no sólo, desmaiado.

—O que é isto?—perguntou Hochstratten saindo do carro sem soffrer a mais pequena contusão, e reparando nos cavallos meio enterrados no fosso, e no cocheiro estendido no chão, sem dar accordo de si.

— Seria alguma esparrella?

Não, não podia ser, visto que não se divisava viva alma em roda. Todavia sentiu medo, medo produzido mais por um presentimento do que pelo accidente em si, que elle teimava em cuidar um mero effeito do acaso. Por alli, demais a mais, elle não descobrira pessoa alguma de catadura suspeita.

O que era porém extraordinario é que succedesse tal desastre no local mesmo da entrevista.



Os bois com as hastes, excitados pela côr encarnada do seu fato, atiravam o carbeol pelos ares e faziam-o andar, ou, antes, voar em bolandas...

CAP. LXVI.

Porque não se acharia alli a Fornarina?

Mas n'aquelle mesmo instante, não muito distante d'alli, ouviu como que o silvo de um apito. Voltou o rosto rapidamente e recuou espavorido ao vêr que corriam para elle, a trote curto, dois ou tres touros bravos...

O espectaculo não era tranquillisador, e Hochstratten, sem se quedar a reflectir, tratou de fugir com toda a presteza para a planicie, pois que a retirada do bosque lhe estava cortada pelo carro tombado. O espaço que

tinha a percorrer era enorme, e não havia tempo a perder, se queria alcançar a outra margem, e mesmo por muito que corresse ser-lhe-ia difficil chegar lá. Mas os touros desataram n'um galope furioso, e avançaram para elle, soltando raivosos mugidos.

Ai! como agora o estorvam de fugir lampeiro aquelles habitos escarlates de cardeal, que elle tanto ambicionou, e que o Papa o forçou a vestir para assistir á sua orgia! Aquella vermelha côr que faz enraivecer os touros, e é tão detestada por elles, é que lhes attrahiu a attenção e lhes açulou a furia.

Hochstratten, no emtanto, corre, corre, como um desesperado. Acaso isto, que lhe está succedendo, será obra d'alguma conspiração entre o Papa e a Fornarina, contra elle?... Ah! miseraveis!—pensa o inquisidor, sem parar entretanto, e já quasi a alcançar a outra margem.

Os touros, excitados pela carreira, quasi lhe pisam já os calcanhares. Mas, fatalidade!... Eis, pela esquerda, pela direita, surdem e desembocam novos touros, eis que, por toda a parte emfim, elles se arremessam ás suas piugadas, excitados pelo silvo d'um apito, que sibila estridulamente... A terra treme debaixo dos cascos d'aquella manada de touros selvagens...

Que fará, em situação tão apertada?... As arvores que enxerga á roda são bastante fracas, e facilmente viriam abaixo sob o seu peso, se tentasse encarapitar-se n'ellas. Rodeado, como se vê, por aquelles animaes indomitos, nenhuma esperança lhe resta, nenhum meio de lhes fugir.

Fóra de si, Hochstratten dirige a vista para todos os lados, não vendo em toda a parte senão chifres ameaçadores que avançam para elle. Mas não. Lá ao longe enxerga um homem.

—Soccorro!—regougou elle.

Mas, ai do desgraçado! Ao seu appello de soccorro só lhe respondeu uma gargalhada.

Quem assim mofa da sua agonia é Lucas, o boieiro, o amante e enamorado da Fornarina, que assim se vinga da sua prisão e do ultraje que elle infligiu a ella. E a seu lado, casquinando com um rir selvagem e açulando contra elle os bois, com a voz e o gesto, eis que elle lobriga tambem a Fornarina, a auctora do bilhete amoroso que o convidára áquella armadilha...

—Maldição!—exclamou furioso o cardeal, soltando ao mesmo tempo gritos furiosos.

Os touros por fim, n'uma grande arremettida, caíram sobre elle, escornando-o, levantando-o ao ar mil e uma vezes, com as recurvas e poderosas hastes, atirando-o uns aos outros, como um farrapo, uma rodilha, até que o deixam todo espapaçado, tornado n'uma informe massa de carne, no meio do chão, mas ainda vivo. Finalmente os touros acabaram de cevar-se n'aquella miseravel massa humana, cujo purpureo sangue se confundia com a sua purpura de cardeal, no meio dos applausos e clamores da Fornarina, satisfeita por se haver vingado.

O supplicio durou ainda muito tempo, até que os touros, extenuados e aborrecidos, o abandonaram ás aves de rapina. As duas testemunhas d'aquella scena desappareceram ao cabo. E nada mais se ouviu em roda, a não ser a voz de Lucas, trauteando uma canção pastoril.

CAPITULO LXVII

A Orgia

É um facto irrecusavel que, quando os chefes não vigiam, os soldados relaxam-se.

Se Leão X não estivesse absolutamente absorvido a organisar aquella festa impia, se o seu logar-tenente, Hochstratten, não estivesse completamente embebido na visão dos deleites que lhe havia de proporcionar aquella entrevista, decerto que os guardas e as sentinellas da cidade teriam feito reparo no movimento desusado que se observava nas ruas e nos grupos mysteriosos que fallavam em voz sumida e desappareciam silenciosamente em casas de apparencia socegada, mas nas quaes uns foliavam bebendo, outros dormindo, e outros finalmente matavam o tempo cortejando moçoilas para imitar d'esta fórma os seus dignos senhores.

O certo é que a conspiração, cujos germens a sibylla Agar havia semeado, crescera e duplicára-se cada vez mais, muito mais do que se poderia suppôr ao principio.

A nova que Miguel Angelo divulgára da resolução em que estava o Papa de vender as cidades livres da Italia, resolução que vinha confirmar a enviatura de correios extraordinarios ao imperador da Allemanha, esta noticia de sensação havia causado indignação tão funda, que chegou a ponto de que só a influencia e auctoridade do grande patriota póde impedir e suster a explosão de uma revolta antes de tempo, que não faria senão comprometter o final da campanha revolucionaria.

— Vendidos ao imperador! Atraiçoados!... O Papa converteu-se em Judas!

Ao descer a noite, as sombras mysteriosas dos conjurados augmentaram consideravelmente nas ruas de Roma, que pareciam povoadas de phantasmas tetricos, que se acercavam sem fazer ruido e fallavam a meia voz.

Junto d'uma casita baixa, duas pessoas, que pareciam ser Miguel Angelo e a Fornarina, apparentavam despedir-se.

—Ide—dizia o esculptor.—Em todo o caso preparae-vos para ámanhã e hoje, á meia noite, assistirdes ao Colyseu. É alli que recebereis as ordens que votar a maioria.

—Fallareis a meu favor?...

—Confiae em mim.

—Obrigado.

A moça afastou-se com passo estugado. Embrulhada n'um largo manto, ia assim monologando:

—O infame que me violou já está morto; Lucas cumpriu a sua palavra: urge agora que eu cumpra a minha, vingando as outras victimas no maioral, n'aquelle criminoso que em todos manda!

E assim fallando comsigo dirigiu os passos para S. Pedro de Roma.

A crypta da egreja em construcção fôra n'um só dia completamente transformada. As paredes, humidas e reluzentes ainda, haviam sido forradas de grande numero de colgaduras, e os mosaicos da abobada chispavam aos reflexos de mil luzes accesas.

Na sala principal que formava o centro d'aquella abobada grandiosa, quasi que no mesmo local em que hoje está o altar, via-se uma mesa de grandes dimensões, cheia de taças de fórmas caprichosas, e de mil utensilios de porcelana rara.

Em roda estavam os assentos dos convivas, os quaes eram, á moda romana, leitos confortaveis com pilhas de coxins em que se podiam recostar os convidados, tal e qual como nos triclinios antigos os commensaes romanos.

O festim imaginado pelo Papa fôra improvisado em algumas horas, o que lisonjeava em extremo o seu poder.

O banquete, que havia pouco começára, não tardou a degenerar em orgia. A assembléa apresentou então um aspecto assás curioso. Todos os sacerdotes de renome e todas as cortezãs celebres que Roma encerrava tinham acorrido ao convite de Leão X. Os hombros decotados das mulheres destacavam das sotainas negras, roxeadas, ou côr de fogo dos prelados. Escravas de todos os paizes, com os seios nús e envoltas em tunicas transparentes, offereciam aos olhos as particularidades de fórma e côr, proprias de cada raça. Não se preoccupando muito com a sua nudez, giravam sem parar de um para outro lado, renovando os pratos d'ouro e enchendo as taças de vinhos exquisitos.

Uma orchestra invisivel executava, em surdina, uma graciosa melodia que punha vivacidade no sangue e sorrisos nos labios das mulheres.

Reinava na sala um ambiente perfumado dos mais custosos pivetes e aromas da Arabia, ardendo em brazidos e caçoulas, collocadas nas extremidades da sala do festim.

Os convivas privilegiados d'aquella festa tinham evitado desobedecer ás ordens do Papa, e todos, portanto, haviam envergado os seus habitos, e insignias da sua hierarchia sacerdotal: uns pompeavam as suas sobrepellizes de rendas; outros as suas voltas de seda, ou a capa recamada de ouro com que diziam missa: os cardeaes traziam os seus barretes carmezins.

Leão X ostentava-se magnificente, e em toda a sua gloria, com o seu trajo recamado de seda e ouro, e na testa a tiára cravejada de mil pedras, e diamantes radiosos.

N'aquelle simulacro sacrilego, n'aquelle concilio da devassidão e da incontinencia, não era permittido a quem quer que fosse cantar, ou entoar hymnos senão á Materia, e á deusa da Belleza, representada n'aquellas brancas mulheres, de hombros de deusa, e seios turgidos.

É que o paladar estragado do Padre Santo, á força de buscar o Prazer sob todas as fórmas, tinha cada dia mais carencia d'excitantes. Havia tempos já que lhe não bastava o amor calmo, e timido; mas que procurava o extraordinario, e a dissipação ruidosa.

Coisas novas! Sempre coisas novas!... Aliás o tedio, o fastio, o *spleen* apoderavam-se d'elle.

Á força de refinamentos obscenos, chegára a fazer gala do seu desprezo por aquella religião, de que com tanta protervia e entono se declarava o chefe supremo.

Não sabendo já que inventar, lembrou-se então de parodiar os ritos mais antigos do seu ministerio. Assim como a Sibylla parodiára a missa christã, celebrando a missa negra, elle parodiava n'aquella noite as cerimonias do jubileu, celebrando com um rito obsceno a inauguração da Egreja de S. Pedro de Roma.

—Fechae as portas—disse o Papa.

E certo de se achar entre seus cumplices e apanignados, continuou:

—Agora, estejamos graves, que vae começar o jubileu das cortezãs!

A phrase alcançou um exito extraordinario, e estabeleu-se entre os convivas porfiada competencia sobre quem acharia uma parodia mais original aos conhecidos ritos e cerimonias do jubileu. Entre cada prato descobria-se uma invenção nova, ou levava-se á execução algum projecto devasso e repugnante, excitado pelos vapores da embriaguez.

Depois da aspersão feita com vinho aromatico, começou uma confissão geral.

As cortezãs ajoelhadas cada uma deante do seu confessor, simularam um acto de contrição, no meio de chascos, de casquinadas, e de facecias, com um pronunciado movimento de quadris e meneios pouco moraes. Os confessores, com as faces esbrazeadas e os sentidos acicatados pela vista d'aquellas radiantes mulheres nuas, e a atmosphera suffocante de aromas capitosos da sala, riam nervosamente, e sob o pretexto de insinuar e ciciar conselhos evangelicos aos ouvidos das penitentes, faziam-lhes cocegas que as desconjuntavam de riso. Terminando isto, as cortezãs persignaram-se, e começaram a fazer signaes da cruz sobre os seus confessores, e

estes sobre ellas, o que deu logar a um sem numero de contactos nada innocentes. As confissões que precedem o verdadeiro jubileu absolvem plenariamente todo o genero de peccado, segundo os canones da Egreja, inclusivè os capitaes, e imperdoaveis, e os vicios mais vergonhosos. Avalie pois o leitor o que seria aquella parodia de confissão, e imagine, se puder, o que confessariam aquellas sacerdotisas da Volupia, referindo alto, e com exageros de genio, tal e tal facto depravado, cuja confissão era acolhida com casquinadas estridentes de alegria!

Entretanto, Leão X, apesar dos afagos, mimos, mellifluas expressões e blandicias de Flora, conservava-se inquieto, apprehensivo.

É que o Papa olhava com desprazer os dois logares que haviam ficado desoccupados á roda da mesa, um dos quaes era o reservado a Hochstratten, que não comparecera, apesar das suas ordens terminantes,—e o leitor bem sabe por que attendiveis razões,—e o outro, o da esquerda, o do lado do coração, o destinado á Fornarina, aquella Fornarina tão appetitosa e desejada, e que fôra quem inventára a festa, da qual deveria ser a rainha, mas que mau grado as suas promessas reiteradas não concorrera a ella.

—Em que scismas?—perguntou Flora ao Papa, offerecendo-lhe os seus deliciosos labios.

—Em nada.

—Obrigada pela parte que me toca!—disse a cortezã, soltando uma gargalhada—Meu Deus, como estás amavel esta noite!

Ouvindo isto, o Papa inclinou-se, e beijou-a. Mas Flora, recebendo aquelle beijo do Pontifice como quem recebe uma esmola, fez uma caretasinha d'amúo.

Entretanto os convivas começavam uma nova diversão. Parodiavam a cerimonia das offertas.

Ha um dia inteiro de jubileu consagrado á peregrinação dos fieis aos pés do Padre Santo.

A fim de resgatarem os seus peccados, e, sobretudo, para acalmar a colera celeste, que quer que se façam taes mimos pela contínua remessa á terra dos flagellos da peste, fome e guerra, inundações e terramotos, os fieis não encontram outro meio de abrandar a Divindade senão despojando-se dos seus bens a favor do representante d'essa Divindade na terra. Ácerca da efficacia que teem esses donativos de joias e varios objectos de valor, insistiu sempre muito a Egreja. N'esse dia trazem os devotos pois os seus brindes valiosos aos joelhos do Pontifice, que em compensação lhes dá o seu santo chinelo a beijar. Esta cerimonia é um resto do paganismo, pois os padres teem sido sempre o mesmo, com a differença de que os pagãos não inventaram as indulgencias. Entre os pagãos e os demais povos, onde não penetrára a luz da civilisação, era d'uso levar os donativos em especie, com o fim de aplacar os deuses de marmore, pedra ou madeira; porém que na realidade passavam immediatamente para a algibeira ou para o ventre dos sacerdotes [1].

A parodia d'esta cerimonia deu ensejo a uma nova bacchanal. As mu

[1] Veja-se o *Plutão* de Aristophanes.

lheres foram uma a uma, nas attitudes mais pias e edificantes, offerecerem-se ao Padre Santo. A desordem era galante em extremo, e ellas faziam sobresahir os seus encantos naturaes com posições estudadas, de fórma tal que, apesar do seu ar contrariado e aborrecido, o Papa sentiu inflammar-se-lhe vivamente o sangue. Seguro de que um dia ou outro alcançaria os favores da Fornarina, decidiu-se a saborear a festa que se lhe proporcionava deleitosa, emquanto não chegava a outra tão cubiçada, mas que al-

Quem nos fica responsavel por este homem e esta mulher? — perguntou Miguel Angelo.

CAP. LXVIII.

gum dia chegaria... Longe pois todos os cuidados e as ideias tetricas, e viva o Amor!

— Graças a Deus! — exclamou Flora, vendo Leão X corresponder com um sorriso ás casquinadas dos seus convivas — Até que voltaste a ser Leão X!

Quando o Papa pronunciou, com um tom comicamente grave, uma formula consagrada ao jubileu religioso, mas que se adaptava á orgia de um

modo inesperado e picaresco, estalou entre os commensaes uma alegria doida.

É costume que o Padre Santo, ao inaugurar a era do jubileu, vá, acompanhado de grande sequito, e com luzida pompa e apparato, á egreja em que se deve cantar o *Te Deum*, demorando-se em frente d'uma porta, tapada de proposito para aquelle fim, e deante da qual bate tres vezes com um martello de ferro, clamando em latim:

—*Aperite nobis portas Justitiæ* (Abri-nos as portas da Justiça).

A porta é então franqueada, e, logo que por ella entra o cortejo pontifical, começa a cerimonia.

Fôra esta phrase que o Papa pronunciára na crypta da egreja de S. Pedro, e que agora tratou de parodiar n'aquella orgia sem precedentes.

Escolheu para isso uma linda e guapa rapariga que Flora lhe indicou, uma gentil morena de abundante cabelladura, quasi núa como a loira Eva, e, batendo-lhe com o index no ventre, clamou:

—*Aperite nobis portas Voluptatis* — (Abri-nos as portas do Prazer).

A phrase teve grande successo, e cada prelado disse á sua devota o mesmo e fez-lhe a mesma proposta, o que, ocioso é dizel-o, foi favoravelmente acolhido.

N'esta salsada, pois, e na desordem da bacchanal, ninguem fez reparo n'uma escrava que, interrompendo o Santo Padre, se aproximou d'elle e lhe fallou em voz sumida. Ninguem, se exceptuarmos a guapa morena que o viu estremecer e em seguida pôr-se em pé e seguir a escrava.

Quando chegou a um canto mais obscuro da crypta, aonde chegavam mais frouxos e tibios os risos e os descantes da lupercal catholica, á luz debil das velas lobrigou um vulto feminino.

—A Fornarina! Emfim!—exclamou.

—Não me foi possivel vir antes... Não estejaes zangado commigo por isso...

—Poderia eu zangar-me comtigo, ainda que quizesse?—respondeu o Papa, tratando ao mesmo tempo de travar do braço da moça e de a levar para ao pé dos convidados.

—Não—respondeu a Fornarina—esta noite não.

—Porque?

—É preciso que me vá...

Mas Leão X não se conformou, porque não podia de modo algum decidir-se a vêr escapar-se-lhe a bella das bellas, mais uma vez d'entre as mãos.

—Ámanhã, á noite, só... e todo o tempo que quizerdes...

—E aonde? Em minha casa, no Vaticano?

—Não, á meia noite na capella da Virgem, no Pantheon.

E, antes que o Papa se tivesse reposto do seu grande pasmo, a Fornarina havia desapparecido.

PARTE DECIMA

A Italia acorda

CAPITULO LXVIII

A obra de Justiça

É PRECISO dizer, em corroboração do que Miguel Angelo dissera á Fornarina, que o Colyseu era o ponto de reunião forçado de todos os que suspiravam pela Liberdade.

A noite, sem lua e nublada, favorecia a reunião dos conjurados. O immenso e vasto circo estava a abarrotar de espectadores, cujos murmurios cessavam apenas quando algum orador arengava, visto que os que alli se achavam não se escondiam já, antes muito pelo contrario, tendo tomado apenas algumas precauções estavam alli tão tranquillos como em sua casa.

De alguns mezes para cá que os partidarios haviam engrossado cada vez mais as suas fileiras, porque as infamias que se perpetravam em nome da religião tinham attingido um tal grau de escandalo e de cynismo, que os filiados na ideia revolucionaria se haviam alastrado pela Italia inteira. A alliança concertada com o imperador da Allemanha fôra a ultima gota d'agua que fizera trasbordar o vaso, de sorte que alguns individuos, até então ainda oscillantes, haviam debandado resolutamente para o lado dos patriotas.

D'espaço a espaço haviam collocado, n'aquella noite, sentinellas encarregadas de receber a palavra de passe e de afastar os indiscretos.

Só havia que recear, portanto, da gente da policia; mas alguem diria que se achavam de commum accôrdo os soldados do Papa e os defensores da Liberdade. Quer fosse que existisse, na realidade, entre elles alguma intelligencia, quer fosse porque elles tomassem como amigos os soldados dos postos avançados, cujo ruido d'armas chegava a elles distinctamente, o caso é que as sentinellas, em quem o Pontifice confiava descançado, davam ordinariamente meia volta á esquerda, e afastavam-se na escuridão com o seu andar compassado.

Alguns artistas, passeando, tinham-se aventurado a passar a linha das sentinellas, encontrando alguns bandos de namorados que haviam procurado o isolamento. Porém não tardaram logo a recuar, atemorisados pelos formidaveis — quem vive? — que saíam das trevas.

A assembleia do Colyseu adivinhava-se antes do que se enxergava na escuridão.

Só algumas luzes alumiavam a mesa presidencial e a tribuna do orador formadas por duas enormes pedras do amphitheatro. Todavia, quando se moviam e se collocavam no foco da luz, teria sido facil reconhecer entre os conjurados do Colyseu as mesmas pessoas que haviam assistido á missa negra da Sibylla: Machiavello, sombrio, pensando em seu irmão, em seu cunhado e seu sobrinho, cuja vida e herança lhe haviam roubado; Mohammed, profundamente triste, e como um corpo sem alma desde o dia da morte de Maria de Bibiena; Neumann, sorrindo-se de satisfação por já se haver vingado; e, por fim, Miguel Angelo. Haviam-se demais reunido a elles os judeus que haviam sobrevivido á chacina do Ghetto, e os representantes indignados das cidades livres d'Italia.

Havia um bom bocado já que a sessão começára. Havia-se discursado, explicado a situação e enumerado os crimes d'aquelles a quem urgia sustar na sua obra de dissipação e felonia. Fizera-se o elogio do audaz Martinho Luthero, que era o unico que se havia insurgido com pujança contra o papado triumphante.

N'este momento Miguel Angelo pediu a palavra.

— Sim — disse elle — esse homem é digno de admiração, é verdadeiramente grande, e devemos apoial-o com toda a energia das nossas convicções. Foi elle o primeiro a declarar abertamente a guerra, e só por isto, por isto só, é digno d'elogio.

— Que dizeis?

— Infelizmente receio, e a culpa não será d'elle, porque o progresso não se póde realisar n'um dia, receio, repito, que tenha destruido uma superstição para abrir a porta a um novo fanatismo. Receio que tudo fique reduzido a uma simples troca de nomes, ainda que ganhemos em honradez e lealdade. Saudemol-o, todavia, como um valioso auxiliar: porém não esqueçamos que nos cumpre a nós completar a sua obra e fazer que essa revolução por elle indicada seja solida e duradoura, e que fira segura o alvo a que deve attingir. Não é possivel, porém, conseguir isto sem nos resolvermos a sacrificar a tyrannia. Proponho-vos, pois, a immolação d'um homem. D'um homem. D'um homem, disse eu? Pois disse mal. Acaso é um homem um monstro cheio de vicios, esse scelerado sem entranhas que temos de passar pela vergonha de vêr continuamente adorado?...

— Não, não! — gritaram vozes varias.

— É acaso um homem esse violador de virgens, esse sacerdote que, por muitos que sejam os crimes que tenha ouvido narrar em confissão, não chegarão nunca á quarta parte dos que elle ha commettido?

— É verdade! Não é, não é um homem!

— Vejo que todos pensaes como eu. Agora trata-se de saber quem é que ha de executar a obra de justiça.

A assembleia, aqui, agitou-se tumultuosamente.

— Todos nós — proseguiu o esculptor — estamos dispostos a isso, creio-o. Todos o desejamos. Quero porém que responda o que mais direito julgue ter, por mais ter soffrido!

— Eu, eu! — exclamou uma voz.

E, ao mesmo tempo, uma mulher avançou. Era a Fornarina.

Mas a seu lado avançou tambem Lourenço de Medicis, que ajuntou:

— Exijo que sejamos os dois!

Um murmurio de surpreza e admiração acolheu estas palavras.

— E quem nos responde por este homem e por esta mulher? — perguntou uma voz.

Machiavello, interrompendo Miguel Angelo, replicou:

— Respondo eu. Ambos teem uma vingança a executar.

— Eu tenho que vingar — disse Lourenço — uma mãe seduzida, meu pae vilmente torturado e assassinado, a minha amante morta entre tormentos inconcebiveis, e o meu escudeiro victima de torturas inquisitoriaes, além de sua filha, e do filho de sua filha.

— Eu tenho a vingar — accrescentou Fornarina — a minha mãe louca e morta á força de supplicios e torturas, o meu avô e minha avó ambos chacinados, e ao meu amante, e á noiva do meu amante, e ao pae da noiva do meu amante, todos victimados, além da minha propria honra.

— Os que tiverem que reclamar podem usar da palavra — disse Machiavello.

Reinou um cavo silencio.

— Está bem! — exclamou o auctor do *Principe*.

E, voltando-se para Lourenço e Fornarina, disse-lhes com accento solemne:

— Sois os mandatarios da Italia.

— Não o esqueceremos.

— Quando pretendeis executar?

Fornarina respondeu:

— Ámanhã, á noite.

— Então depois d'ámanhã, á uma hora da madrugada...

— Prometto-vos que já sereis livres.

— Juraes-l'o?

— Juramol-o.

— Cidadãos, todos vós sois testemunhas d'este juramento solemne... Agora podeis retirar-vos...

Acabaram de soar as doze badaladas da meia noite no relogio do Pantheon.

O interior da egreja está sombrio. Apenas se vê a chispa d'uma lampada que arde ao fundo, e cujos raios tibios penetram pela porta mal cerrada que separa o côro da pequena capella da Virgem. A Fornarina espera em pé, com vivas mostras de impaciencia, sem descravar os olhos da porta, pela qual tem de entrar, decerto, a pessoa que espera.

—Atrever-se-ha elle a faltar á entrevista?—murmurou ella.

E esta suspeita fal-a estremecer. Seria um contratempo horrivel! Bastantes desenganos tem ella já soffrido! O odio suffoca-a...—Quem é que está ahi?—pergunta.

—Sou eu—responde uma voz.

E Lourenço de Medicis ajunta precipitadamente:

—Elle ahi vem!

—Devéras?

—E vem só.

—Oh! Justiça!... Ide-vos embora. Escondei-vos, que elle vos não veja!

—Não tenhaes cuidado.

—Seria horrivel que errassemos tambem este golpe!...

—Nada receeis. D'aqui não sairá vivo—retorquiu Lourenço n'um tom que não admittia duvidas.

—Sobretudo—exclamou Fornarina—ainda que elle chame por soccorro, não lhe acudaes!

—Claro está.

—Eil-o ahi.

Lourenço em continente escapuliu-se e sumiu-se na sombra d'um confessionario. Fornarina deixou-se ficar queda na capella da Virgem, que era o local aprazado da entrevista.

O homem que appareceu visivel na zona de luz era Leão X. N'este momento não podia haver duvida possivel, pois seu irmão, que tanto com elle se parecia, estava morto e enterrado ha muito. Mas como palpitava o coração da moça, ainda que não de medo!... Recuará ella ante a obra tremenda?... Não ha que recear d'esta fraqueza. Sentir piedade d'aquelle monstro, n'aquella occasião, seria um sacrilegio, sobretudo n'aquella egreja onde repousam os restos de Raphael, a quem deve vingar, vingando-se ao mesmo tempo a si, e a todos os seus.

O Papa adeantou-se:

—És tu?—perguntou.—Como és boa!...

Mas a Fornarina recúa, e entra na capella da Virgem, arrastando atraz de si o Papa.

—O que fazes?—perguntou Leão X—Vamo-nos d'aqui.

—Para onde?

—Para minha casa, ou para a tua.

—Não, não. Aqui, aqui. Não estamos bem, porventura, estando juntos um do outro?

—Sim, tens razão, minha querida... Mas esta capella...

—Positivamente, aqui será mais original ainda...

—É verdade.

Leão X, ao proferir isto, sorria-se complacente, porque o imprevisto, o original da aventura o excitavam. Além d'isso sentia a cabeça transtornada. A presença d'aquella maravilhosa mulher, sua fi... Mas que importava isso? É uma encantadora belleza que não pensa em repellir os seus afagos, apesar de estar perto do tumulo do seu amante. Na realidade, indubitavelmente, aquella Fornarina conhece a fundo a arte do amor! Que aventura original!...

Ella repellin-o com um gesto, apoiando-se com uma das mãos ao tumulo do seu amante.

CAP. LXVIII.

Mas de chofre o Papa cambaleia. Será de prazer? Decerto que deve ser. A Fornarina fechou a porta, e o Papa sentiu como que uma angustiosa oppressão, e mal sabe o que diz. Fitando-a sem cessar, não faz mais do que repetir:

— Como és formosa! Como és formosa!...

E que olhos que ella lhe fusila! A fixidez d'aquelle olhar faz perturbar o Papa.

O que tens? — pergunta-lhe elle — Não me queres beijar?

A moça une então os seus labios aos do Pontifice que, sem saber porque, experimenta uma penosa sensação. Elle julgava-a mais cheia de paixão. Não importa! Elle é experiente, e conhece todos os recursos. No emtanto, coisa singular! não encontra uma palavra para se exprimir! É bem singular aquella turbação que o acommette! Mas que importa? É n'esta turbação que consiste previamente o prazer. O Papa, entrementes, entretem-se em acarinhar suavemente a mão da Fornarina, sem bem attentar que no fim de contas não veio para aquelles afagos de enamorado, visto que estão sós, e completamente sós, em face da imagem da Virgem que os contempla. Com um esforço, emfim, vae para tomar uma resolução, ainda que, contra o que era de esperar, sente-se debilitado, exangue, e sem forças. O que será aquillo que sente, pois? A Fornarina afastou-se e o Papa avançou para ella, com os braços abertos, e as pernas oscillantes, balbuciando com voz fraca:

—Fornarina!

—Pae!—respondeu ella.

Mas a moça proferiu esta palavra com que de ordinario se saúda o Papa, com uma expressão tão ironica, que Leão X quedou-se petrificado. Parece-lhe que tudo gira á roda d'elle, que a lampada, cuja pallida claridade illumina a moça prestando-lhe maior belleza ainda, gira sobre a cadeia a que está presa, soltando um fumo odorifero. Sente medo, e quer evitar, fugir do olhar d'aquella mulher que agora lhe infunde terror, e tapa os olhos com as mãos, até que ao cabo, extenuado, cae de rojo aos seus pés, de joelhos.

Não é a paixão que assim o prostra, não. É um desfallecimento, um mal-estar invencivel que lhe amputam as forças e a razão.

—Fornarina!—repetiu elle outra vez.

Porém a Fornarina transfigurou-se de chofre, e disse com voz tremenda:

—Confessa-te, maldito! Continúa de joelhos... Confessa-te, antes de morrer!

—Morrer!?

—Surprehende-te isso? Espanta-te a morte?... Não podes crer ainda que a hora tenha soado?

—Morrer!? Eu, eu!?... Isso decerto é mófa!

Mas Leão X, no estado de abatimento em que se encontra, não ouve bem o que se lhe diz, e sorri com um sorriso alvar que ao mesmo tempo lhe arranca um grito de dor, pois sentiu como que um ferro candente atravessar-lhe o cerebro. Indubitavelmente alguma coisa de extraordinario succede... Fecha os olhos para não vêr, ou por lassidão de forças.

Mas, quando o Pontifice os tornou de novo a abrir, ficou como empedrado ao notar a expressão minaz da face da Fornarina.

Ella inclinou-se para o Papa, e elle ficou gelado ao divisar-lhe o seu feroz sorriso. O que terá contra elle a Fornarina? Parece-lhe que a joven se sente mal tambem, parece-lhe que ella suffoca, que respira com difficuldade.

—Fornarina! Fornarina! — exclamou o Papa.

Mas uma voz semelhante ao echo d'uma tumba repetiu:

—Morre, morre, morre!...

O Papa só então comprehendeu, e, fazendo um esforço desesperado, poz-se de pé, clamando:

O que ha? Falla! Porque é que estás assim? O que foi que me poz n'este estado? Que perigo me ameaça?

—A morte.

—A morte... Oh! cala-te!...

A Fornarina ergueu os olhos ao tecto da capella, e acompanhou este movimento d'uma gargalhada convulsa.

Esta lampada — disse ella — está envenenada.

—Será possivel!?

—Este perfume que respiras, e que se exhala do seu oleo a medida que a torcida arde, é um veneno mortal.

—Ah!

E o Papa, soltando um grito terrivel de desespero, tentou lançar mão da lampada para a quebrar, mas ruiu sem força no sólo.

—Envenenado? Porque?... Tu não tens direito... Tu não pódes...

—Ah!

—Não, não pódes... Eu sou teu pae.

—Devéras?

—Juro-t'o!

—Eu bem o sabia, miseravel, e é por isso que te mato!

—Oh! mas isso é infame!

—Recorda-te d'aquelles a quem assassinaste!

—Não quero morrer... Eu sou teu pae...

—Cobarde, e comtudo querias prostituir-me?

O Papa arrastou-se então, por um derradeiro esforço, até á porta.

A Fornarina, cujos olhos a morte ennubla, já não faz gesto algum para o impedir. Chegou emfim a travar da chave, e, reunindo todas as suas forças, puxou a porta para a abrir. Mas, maldição! n'aquelle momento mesmo alguem corre o ferrolho pela parte de fóra, e a Fornarina soltou uma gargalhada estridente.

—Obrigado, Lourenço!—disse ella.

—Lourenço?

—Ah, tu sabias que um hausto d'ar puro ainda te podia salvar!... Podia, sim; porém esse Deus, cujo nome tu deshonraste, t'o recusa... Morre, morre!

—Mas tu tambem morrerás commigo!

—Que me importa? Ter-me-hei vingado!...

—Não, não, não é possivel!

—Pois é.

—Lourenço não o consentirá... Lourenço!

—Elle bem sabe que eu quero morrer.

—Mas ao menos salvar-me-ha a mim... Lourenço!

—Escusas de chamar, porque é inutil. Elle sabe perfeitamente o que fizeste a seu pae e a sua mãe.

—Maldição!

E Leão X, n'aquelle ultimo esforço, gastou todo o seu vigor, e, com o desespero debuxado na face, ruiu emfim no chão.

Fornarina, pallida como uma morta, continuou porém ainda, em pé, espiando com o olhar os seus ultimos movimentos. O Papa teve um derradeiro estremeção, o ultimo estertor: mas por fim tudo concluiu, e o seu cadaver ficou estendido em face da estatua da Virgem.

Então a Fornarina soltou um ineffavel grito de alegria, exclamando:

— Morto, finalmente!

A porta abriu-se e Lourenço precipitou-se na capella, tentando arrebatar d'alli a Fornarina, que o repelliu e caíu de costas, apoiando-se com as mãos ao tumulo de Raphael seu amante.

A misera cortezã está morta emfim: porém depois de ter cumprido o seu juramento. Leão X já não é mais que um asqueroso cadaver.

Povos, applaudi! O tyranno morreu. A Italia é livre, afinal...

FIM DO TOMO II E ULTIMO.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

v.2

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 05 18 10 032 8